



ONDE A MOEDA CAI EM PÉ

Volume I: 1930-1943



91
ANOS

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
- ONDE A MOEDA CAI EM PÉ (1930-1943)

2ª edição - revisada

Praça Roberto Gomes Pedrosa, n.º 1, Morumbi
CEP 05653-070 - São Paulo - SP
www.saopaulofc.net

Autoria:
Michael Serra

Pesquisa:
Michael Serra, Katia Othi e Paulo Santos

Projeto Gráfico:
Michael Serra

Tratamento de imagens:
Michael Serra

Revisão:
Katia Othi, Alexandre Giesbrecht

Ilustrações gráficas:
Michael Serra, Publishouse

Fotografias:
A Gazeta Esportiva, Acervo Folha, Agência Estado
Arquivo Histórico do São Paulo FC,
Miguel Schincariol, O Esporte, Rubens Chiri

Agradecimentos:
Alexandre Giesbrecht, Celso Unzelte,
Felipe de Queiroz, Fernando Faro,
Maria Fernanda Bezerra de Menezes,
Mauro Beting e Régis Augusto Romualdo

Apoio:
Arquivo Histórico do São Paulo FC
Departamento de Comunicações do São Paulo FC

(2021)



SUMÁRIO

Quase cem anos de história. Somente esse fato – as nove décadas de amor ao escudo e a camisa tricolores – já seria motivo para a produção deste livro. Em verdade, apenas uma obra não daria conta de abranger todos os detalhes da saga são-paulina mundo afora. Desta maneira, em homenagem aos 90 anos de existência do São Paulo Futebol Clube, o relato a seguir abordará, apenas, os passos iniciais do Tricolor, do controverso nascimento até o seu estabelecimento definitivo como uma das maiores associações de futebol do Brasil: do ano de 1930 até 1943, quando uma certa moeda caiu de pé. Claro, certas referências necessárias ilustrarão ao leitor momentos importantes ou curiosos de outras histórias, anteriores e posteriores a esses marcos, mas não serão, aqui, o foco desse trabalho.

Vale ressaltar que, em 2020, um dos mais significativos momentos da identidade são-paulina também festeja uma data importante: o Estádio Cícero Pompeu de Toledo completa 60 anos de sua inauguração e 50 anos da conclusão por completo das obras que o tornaram a casa de todos os tricolores. A história do Morumbi – e do Tricolor, nesse período – pode ser, assim, retratada em uma edição futura. Esse segundo volume abrangeria, com detalhes, os anos de 1944 até 1977 – quando o São Paulo tomou o Brasil pela primeira vez. Por fim, as mais ilustres e recentes glórias são-paulinas poderão ser retratadas em um terceiro tomo.

Definir como ponto de estudo o período compreendido entre 1930 e 1943 é importante por relembrar os homens e fatos que tornaram tudo possível, recapitular o Esquadrão de Aço de Friedenreich e o Rolo Compressor de Leônidas da Silva, mas também é necessário para sanar questões históricas que os novos são-paulinos (como muitos veteranos) podem desconhecer. Questões tais que, volta e meia, nos dias de hoje, são fruto de injúrias por parte de torcedores rivais.

Pôr no papel, por meio de pesquisa documental, cenários cruciais como a fusão com o Club de Regatas Tietê, em 1935, e com o Estudante Paulista, em 1938 e a incorporação da Associação Alemã de Esportes, em 1942, é fincar bandeira em um posicionamento e acabar com falsas polêmicas adversárias sobre “falências”, “jogo das barricadas”, “fuga de campo” e o modo como o clube adquiriu o campo do Canindé, por exemplo.

Posto esse esclarecimento sobre as próximas páginas, só nos resta desejar que apreciem o conteúdo e torcer para que tenhamos sido bem-sucedidos em relembrar e elucidar tais pontos.

MICHAEL SERRA
HISTORIADOR DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

1.	A questão do ano de fundação.....	6
2.	A origem do clube.....	9
3.	Os fundadores.....	13
4.	O nascimento do São Paulo Futebol Clube.....	16
5.	A Chácara da Floresta.....	20
6.	Os primeiros dias de existência.....	22
7.	Campeão Paulista de 1931.....	33
8.	Constitucionalismo de 1932.....	38
9.	Profissionalismo, Copa do Mundo e CBD.....	49
10.	A fusão com o Club de Regatas Tietê.....	57
11.	O Grêmio Tricolor e os dissidentes.....	75
12.	A reorganização do São Paulo Futebol Clube.....	86
13.	O Clube da Fé.....	92
14.	O Estudante Paulista e a rua da Mooca.....	111
15.	O primeiro Rolo Compressor.....	120
16.	A bandeira paulista, o Pacaembu e O Mais Querido.....	123
17.	O Tricolor do Canindé.....	136
18.	O Diamante Negro.....	151
19.	A moeda que caiu de pé.....	170

APÊNDICES

I.	Os símbolos.....	182
II.	A árvore genealógica são-paulina.....	196
III.	Reminiscências dos reis do Pacaembu.....	205

Referências	213
--------------------------	-----





A primeira aparição do São Paulo: Sérgio, Clodô, Nestor, Boock, Araken Patusca, Friedenreich, Zuanella, Rueda; abaixados: Formiga, Serrote, Barthô, Siriri e Abate.

Sousa
Acta da Primeira
Assembleia Geral

Aos vinte e seis dias do mez de Janeiro de mil novecentos e trinta, nesta cidade, à Praça da República n.º 28, compareceram os abaixo assignados, socios da Associação Athletica das Palmeiras e do Clube Athletico Paulistano, para o fim especial de fundarem um novo clube que representasse condignamente a Cidade de São Paulo em competições esportivas.

À convite dos presentes, assumiu a presidencia da assembleia o Sr. João Oliveira de Barros, que convidou para secretario o Sr. Luiz F. Amaral.

Em seguida, passou-se à leitura dos estatutos, que vão adiante transcritos e que, depois de discutidos, foram unanimemente approvados.

Procedeu-se à eleição da primeira directoria, que, por proposta do Sr. Firmiano de Moraes Pinto Filho, foi aclamada com os seguintes nomes:

Presidente: D.º Edgard de Sousa
1.º Vice-Presidente: D.º Alberto Hugo de Oliveira Caldas
2.º Vice-Presidente: D.º Gastão Rachou
3.º Vice-Presidente: D.º Benedicto Montenegro
1.º Secretario: Sr. Luiz Oliveira de Barros
2.º Secretario: D.º José Martins Costa
1.º Thesoureiro: Sr. João B. da Cunha Ruano
2.º Thesoureiro: D.º Caio Luis Pereira de Sousa
Conselho Fiscal: Sr. Samuel Toledo Filho
Sr. Neiro Nogueira Barbosa
D.º Raphael Salles Samraio
Suplentes: D.º Gabriel de Rezende Filho
Sr. Caio da Silva Ramos
Sr. Plinio da Silva Prado

Por proposta do Sr. Clodoaldo Caldeira, foram, em seguida, aclamadas para presidente e membros do Conselho Deliberativo os seguintes nomes:

A QUESTÃO DO ANO DE FUNDAÇÃO

Oficialmente, o São Paulo Futebol Clube completa 90 anos de história em 2020, mas falar sobre a fundação da entidade foi, por muito tempo, um tópico de discussão e controvérsia. Muitos torcedores se questionam sobre isso até hoje: O Tricolor surgiu em 1930 ou 1935?

O Estatuto da associação, em vigor desde 1.º de janeiro de 2017, após aprovação em Assembleia Geral realizada em 3 de dezembro de 2016, diz, no capítulo I, artigo 1.º: "O São Paulo Futebol Clube ('SPFC'), fundado na cidade de São Paulo em 25 de janeiro de 1930, tendo temporariamente suspenso e retomado suas atividades no ano de 1935, é uma associação de prática desportiva...".

Apesar de o Estatuto ser o principal documento do clube – que define as mais importantes diretrizes e atividades dos associados – ele não é imutável. De tempos em tempos, ele precisa se atualizar às mudanças da sociedade e dos esportes praticados pela coletividade. Assim, ao longo dos anos e com o passar das inúmeras alterações estatutárias, foi possível verificar que a visão dos tricolores sobre a data de origem do clube também mudou, mais de uma vez.

Neste capítulo transcrevemos os artigos de cada mudança estatutária, deixando claro que as duas datas são de suma importância para o Tricolor e que o clube não pode abrir mão de nenhuma delas, pontuando-as como devem ser: fundação e reorganização. Cada uma tem seu significado e valor histórico, resultado da ação de vários homens que batalharam em prol do time pelo qual os são-paulinos torcem.

A ata da primeira Assembleia Geral do São Paulo Futebol Clube, em 1930, conhecida também como ata de fundação, registra o seguinte: "Aos vinte e seis dias do mês de Janeiro de mil novecentos e trinta, nesta cidade, à Praça da República n.º 28, compareceram os abaixo-assignados, sócios da Associação Athletica das Palmeiras e do Clube Athletico Paulistano, para o fim especial de fundarem um novo clube que representasse condignamente a Cidade de São Paulo em competições esportivas".

De cara, eis a primeira grande questão sobre a data de fundação do Tricolor: teria ocorrido no dia 26 de janeiro, e não no dia 25? Antes de debruçar-nos em outros documentos de época para elucidar a questão, é válido continuar, a princípio, sob o prisma dos Estatutos. O segundo Estatuto do Clube, datado de 23 de julho de 1931, aponta, no artigo 1.º do capítulo I – "Dos seus fins": "O São Paulo Futebol Clube, fundado em 25 de janeiro de 1930, com sede e foro na Capital do Estado de São Paulo, é uma instituição destinada a proporcionar aos seus associados a prática dos esportes e será regida por estes estatutos".

Desta maneira, o documento de 1931 é o primeiro em que consta, de modo diretamente expresso, uma data de fundação. A ata da Assembleia de 1930, de forma geral, registra o dia em que os procedimentos corriqueiros para a criação de uma nova associação foram concluídos, com as assinaturas dos participantes. Contudo, a convocação para a Assembleia, da qual os fundadores tomaram parte, foi marcada e iniciada no dia 25 de janeiro – como mostraremos mais à frente.

No dia 16 de dezembro de 1935, o São Paulo Futebol Clube retomou as atividades sociais após a fusão com o Club de Regatas Tietê, meses antes. Os são-paulinos responsáveis pela reorganização do Tricolor são considerados também fundadores do clube, visto que sem a enorme dedicação e esforços empenhados por eles, não haveria motivo para escrever este livro, 85 anos depois...

Contudo, a própria ata de reabertura de 1935 diz, no parágrafo final, que os membros da nova diretoria estavam dispostos a *“não medirem sacrifícios para que o pavilhão tricolor voltasse a tremular glorioso nos campos esportivos do Brasil, elevando cada vez mais o nome do São Paulo Futebol Clube, cognominado o esquadrão de aço”*.

Ou seja, este documento reconhece como ponto de origem do São Paulo Futebol Clube o ano de 1930, quando cita *“voltasse”* e, principalmente, ao nomear o time como *“o esquadrão de aço”*, apelido dos tricolores entre 1930 e 1935, obtido graças aos craques do período: Friedenreich, Araken, Luizinho e cia.

Anexos à ata de 1935, estão os Estatutos Sociais, de onde se pode constatar que, provavelmente por terem sido incluídos no tomo de Assembleias Gerais junto à própria ata, ele não apresenta – formalmente – uma data de fundação para o clube. Vejam o que é dito no artigo 1.º do capítulo I – *“Da Sociedade e seus fins”*: *“Com a denominação de ‘São Paulo Futebol Clube’ e com sede e foro nesta Capital de São Paulo, fica fundada uma associação civil de fins esportivos que se regerá, doravante, pelos presentes estatutos”*.

É de se admirar que no documento que moldaria o São Paulo, recém-reorganizado, não constava, de maneira oficial, uma data de fundação. É como se – e aqui deixamos transparecer nossa opinião – os integrantes da Assembleia quisessem, assim, delinear um continuísmo do Tricolor, que remonta a 1930. Claro, pois estes reorganizadores, em esmagadora maioria, foram também sócios ou torcedores do São Paulo na fase anterior e somente desejavam que o clube não se esvaísse.

Por conseguinte, os Estatutos seguiram sem data de fundação por algum tempo. Na versão de 25 de novembro de 1937, com o capítulo I - Do Clube e seus fins; artigo 1.º, foi escrito: *“Com a denominação de ‘São Paulo Futebol Clube’, fica organizada, nesta Capital de São Paulo, onde fixa sua sede e tem seus domicílio e foro jurídico, uma sociedade esportiva, que se regerá doravante, pelos presentes estatutos”*.

Percebam que esta nova versão altera o trecho *“fica fundada”*, de 1935, para *“fica organizada”*.

Foi apenas na edição de 22 de janeiro de 1940 dos Estatutos (e repetida na versão de 27 de março de 1942) que, pela primeira vez, o São Paulo Futebol Clube se considerou fundado em 16 de dezembro de 1935. Como se vê no artigo 1.º do capítulo I – *“Da denominação, sede, duração, fins e organização”*: *“O ‘São Paulo Futebol Clube’, fundado em 16 de dezembro de 1935, nesta Capital de São Paulo, onde tem foro e sede, à Rua D. José de Barros, n.º 337, 4.º andar, salas 410/419, é uma sociedade desportiva com personalidade jurídica, nos termos do Código Civil, com patrimônio distinto do de seus sócios”*.

Cabe aqui uma contextualização: em 1940, após períodos de muita dificuldade, esportiva e financeira, vividos pelo clube e por seus dirigentes desde a reativação, quando recomeçaram literalmente do zero, sem apoio dos antigos fundadores abastados, surge a data de 1935 como sendo a de fundação, quase como uma espécie de homenagem dos novos associados a aqueles homens que não deixaram o São Paulo morrer.

Com o passar dos anos, o fato, porém, levantou questionamentos internos, e uma nova mudança se tornou inerente. Assim, nos Estatutos de 22 de setembro de 1949 e de 12 de setembro de 1953, no capítulo I – *“Da denominação, sede, duração, fins e organização”*, artigo 1.º, se nota novamente a ausência da data de fundação. Simplesmente foi retirada, ficando assim: *“O ‘São Paulo Futebol Clube’, fundado nesta cidade de São Paulo, onde tem foro e sede, é uma sociedade desportiva com patrimônio distinto do de seus sócios”*.

Todavia, ainda que não estivesse presente em documentos oficiais, inúmeras publicações do São Paulo, como a revista Tricolor, ou publicações especializadas de terceiros, cujo maior expoente foi o jornal *A Gazeta Esportiva*, consideravam a data de 25 de janeiro de 1930 como a de fundação do clube.

Assim, permaneceu por algum tempo. No Estatuto aprovado no dia 25 de julho de 1956 consta nova mudança e, pela primeira vez desde a reorganização do São Paulo, o clube se declarou fundado em 1930. No original, presente no 1.º artigo do capítulo I – *“Da denominação, sede, duração, fins e organização”*, se lê: *“O ‘São Paulo Futebol Clube’, fundado na Cidade de São Paulo, onde tem foro e sede, em 25 de janeiro de 1930, extinto em 14 de maio de 1935 e reorganizado em 16 de dezembro de 1935, é uma sociedade civil...”*.

Importante notar que, também de maneira inédita, a data de reativação do clube foi mantida, por causa de sua importância histórica indiscutível.

Essa versão do capítulo de descrição da origem do São Paulo perdurou nos Estatutos seguintes, de 15 de setembro de 1958, de 17 de março de 1959 e de 4 de julho de 1961, permanecendo inalterada por quase 17 anos – o maior período de conformidade quanto a este assunto, até então.

Eis que, em 28 de fevereiro de 1973, foi aprovado um Estatuto com uma espécie de decisão salomônica, que descrevia duas fundações, mas com uma distinção de ordem de apresentação entre elas, dando maior peso à de 1935. Com ligeiras modificações, esta forma, descrita no artigo 1.º do capítulo I – *“Da Denominação, sede, duração, fins e organização”*, durou até 2017: *“O São Paulo Futebol Clube, fundado na cidade de São Paulo, onde tem foro e sede, em 16 de dezembro de 1935, preservador das glórias e tradições do São Paulo Futebol Clube, da Floresta, o qual foi fundado em 25 de janeiro de 1930 e extinto em 14 de maio de 1935, é uma sociedade civil...”*.

Desta forma, o clube proclamava, de maneira ambígua, ter sido fundado em 1935, como também dizia ser a mesma agremiação surgida em 1930 (Quem teria outorgado o direito de ser preservadora de tradições, se não fosse o mesmo clube?). Essa “esquizofrenia” é facilmente encontrada em dezenas de referências jornalísticas. Não foram poucas vezes que periódicos erraram as contas, ao longo dos anos, quando abordavam a idade e o aniversário do São Paulo, misturando as datas.



Acta da Assembleia realizada em 16 de Dezembro de 1935

Aos dezesseis dias do mês de Dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de S. Paulo, às vinte horas, numa das salas do prédio nº 9 A, da rua Ouric de Agosto, perante grande numero de pessoas interessadas que atenderam a um convite feito por intermedio da imprensa pela Directoria do Gremio Tricolor, realizou-se a assembleia que teve por fim fundar o "São Paulo Futebol Clube". Na qualidade de um dos Directores do Gremio Tricolor, presente à reunião, o sr. Tenente José Porphuro da Paz, depois de expor os motivos da convocação da assembleia, pediu que indicassem um dos presentes àquella reunião, para dirigir os trabalhos. Por unanimidade foi indicado o nome do sr. Tenente José Porphuro da Paz, que assumindo a Presidencia da mesa, escolheu para seus secretarios os srs. Eolo Campos e Francisco Pereira Carneiro. Depois de agradecer a sua indicação o sr. Presidente deu conhecimento da ordem dos trabalhos, que obdeceram a seguinte ordem do dia: a) Leitura, discussões e aprovação do Estatuto do Clube de Futebol de São Paulo.

Um exemplo é visto na edição de esportes do *Diário Popular* de 25 de janeiro de 1967, enviada ao Arquivo Histórico por Alexandre Giesbrecht. Abaixo do cabeçalho do jornal, com a data escancarada, a seguinte manchete: "São Paulo faz hoje 31 anos". Na matemática, não faz sentido algum. O mesmo periódico, dez anos depois, afirmou "O Tricolor comemora seus 42 anos". A foto do artigo, contudo, ilustrava o bolo de aniversário do clube, onde se via escrito "41 anos de glórias". Confuso, não?

Como visto, o próprio Tricolor contribuiu para essa balbúrdia. Apesar dessa questão 1930 x 1935, tradicionalmente o clube sempre comemorou o aniversário da associação – com bolo, cerimônia oficial, missa e tudo mais – no dia 25 de janeiro.

Jogos comemorativos foram disputados (1936, 1937, 1940, 1962, de 1967 a 1973, 1982 e 1998) e eventos especiais realizados (como as festividades da plantação do Jequitibá, no Morumbi, sobre terra de todos os municípios do Estado, em 1956), sempre nessa data, considerada a data magna.

No fim das contas, deixando a "fundação" de lado, o "aniversário" é certo e inquestionável.

Ainda sobre o Estatuto de 1973, é importante dizer que foi nessa edição que a palavra "Floresta", após vírgula, apareceu pela primeira vez como um "diferenciador" das fases da associação. Longe, porém, de denotar o reprovável termo "São Paulo da Floresta", que nunca existiu entre 1930 e 1935 e que veio a tomar boa parte da imprensa esportiva nas décadas seguintes, de forma errônea. Reafirmamos: nunca existiu uma entidade chamada "São Paulo da Floresta".

Recapitulando as datas de fundação reconhecidas ao longo do tempo:

- 1930 a 1931: oficialmente não declarada em Estatuto (dia 26 em ata);
- 1931 a 1935: 25 de janeiro de 1930;
- 1935 a 1940: oficialmente não declarada em Estatuto;
- 1940 a 1949: 16 de dezembro de 1935;
- 1949 a 1956: oficialmente não declarada em Estatuto;
- 1956 a 1973: 25 de janeiro de 1930 (e reorganizado em 16 de dezembro de 1935);
- 1973 a 2017: 16 de dezembro de 1935 (preservador de 25 de janeiro de 1930);
- Desde 2017: 25 de janeiro de 1930 (retornando às atividades em 16 de dezembro de 1935);



A ORIGEM DO CLUBE

É de conhecimento da imensa gama de são-paulinos que o clube surgiu da união de dissidentes do Club Athletico Paulistano - CAP - e da Associação Athletica das Palmeiras - AA das Palmeiras.

O Paulistano nasceu na *Rotisserie Sportsman* (Rua São Bento, n.º 61), em 29 de dezembro de 1900. Pouco mais de um ano depois, em 1902, foi vice-campeão do primeiro Campeonato Paulista da história. Ao todo, o Paulistano conquistou 11 títulos paulistas, sendo quatro consecutivos (1916-1919).

Grandes nomes jogaram pelo alvirrubro paulistano: estrelas como Rubens Salles, Mário Andrada, Filó, Araken Patusca e, principalmente, Arthur Friedenreich ("El Tigre" Friedenreich e Araken defenderiam o Tricolor mais tarde, enquanto Salles seria treinador do time).

Fundada em 9 de novembro de 1902 e sediada inicialmente na Avenida Angélica, a alvinegra AA das Palmeiras sempre possuiu forte vínculo com o Paulistano. A afinidade entre os dois times surgiu ainda nas primeiras partidas disputadas entre si, quando o time principal das Palmeiras enfrentava o segundo quadro (time B) do Paulistano. Com o prestígio gerado por esses encontros, o time foi admitido na Liga Paulista em 1904, onde se tornaria, posteriormente, tricampeão.

Ainda em 1904, o clube das Palmeiras mudou-se para a Chácara da Floresta, onde construiu o famoso campo. Em 1916, o Paulistano doou aos palmeiristas as arquibancadas do antigo estádio Velódromo. Rapidamente a Floresta se tornou um grande polo esportivo da cidade de São Paulo.

A união dos dissidentes do Paulistano (o clube existe até hoje) com a AA das Palmeiras resultou no nascimento de um clube de ponta e de berço. Gigante. Herdeiro, por assim dizer, de 14 títulos paulistas - praticamente a metade do que havia sido disputado até então -, e detentor de grandes craques do futebol e de uma bela sede esportiva, não muito distante do centro da capital paulista: o São Paulo Futebol Clube.

O Club Athletico Paulistano

- Título de 'Os Reis do Futebol' em excursão à Europa: 1925.
- Campeão da Taça dos Campeões: 1920.
- Campeão da Taça Ioduran (confronto de Campeões do RJ e SP): 1918.
- Campeão Paulista: 1905, 1908, 1913, 1916, 1917, 1918, 1919, 1921, 1926, 1927 e 1929.
- Fundador da Liga Paulista de Futebol, em 1902, da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), em 1913, e da Liga dos Amadores de Futebol (LAF), em 1926.

A Associação Athletica das Palmeiras

- Campeã da Taça Salutaris (confronto de campeões do Rio e de São Paulo): 1911
- Campeã Paulista: 1909, 1910 e 1915.
- Fundadora da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), em 1913, e da Liga dos Amadores de Futebol (LAF), em 1926.

IMAGEM: Time do Paulistano nos anos 20



Mas a história de ambos os clubes que interessa a este livro pode ser pinçada em três momentos cruciais, que contribuíram com a teia do destino para a formação do São Paulo Futebol Clube. E o primeiro desses pontos começa com uma típica partida de futebol da era amadora: repleta de confusão e com abandono de jogo.

No dia 8 de novembro de 1925, os jogadores do Paulistano, que pouco tempo antes haviam retornado da Europa com a alcunha de “Reis do Futebol” – pela excelente campanha de nove vitórias e apenas uma derrota contra times franceses, suíços e portugueses – enfrentaram a AA São Bento, da Capital, em uma partida que valia a conquista do Campeonato da Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA – daquela temporada.

O São Bento ganhava por 1 a 0, com um gol do atacante Feitiço – de quem os atletas do Paulistano reclamaram de impedimento, não marcado pelo árbitro Carlos Strobel nem pelos assistentes –, quando, faltando pouco mais de sete minutos para o fim da peleja, o jogo violento empregado resultou em uma rusga entre Varella e Clodô, que paralisou o jogo. Após ameaças e palavrões para todos os lados, o Paulistano deixou o campo e abandonou a partida. São Bento campeão da APEA de 1925.

O jornal *A Gazeta*, de 10 de novembro, ilustra a visão do clube do Jardim América: “*Convenhamos, o Paulistano precisa fugir ao seu platonismo em certos pontos de seu programma de moralização esportiva*”. Tal agenda de moralização esportiva é o Norte que, nos passos posteriores, guiaria o time alvirrubro e, no fim, daria origem ao Tricolor. Sem conseguir reverter ou contornar a decisão nos bastidores, Antônio Prado Junior, presidente do Paulistano, solicitou desvinculação da liga no dia 9.¹

Sem ter para onde ir, o CAP voltou os olhos para a tradicional parceira, a AA das Palmeiras. Tal como em 1913, quando juntos fundaram a própria APEA, o clube buscou apoio dos alvinegros para a formação de uma nova federação, que, de acordo com *A Gazeta* de 12 de novembro de 1925, contaria também com o Germânia, o Mackenzie, o Tietê, o Santos e o Espéria – que nunca praticaria o futebol competitivo nem em termos estritamente amadores.

Mas esse empreendimento seria muito mais árduo de concretizar do que fora doze anos antes. Na realidade, a AA das Palmeiras já havia abandonado o futebol, naquele momento. No dia 29 de agosto, os dirigentes da agremiação oficiaram o desligamento da entidade junto à APEA, dando por motivo “conveniências particulares”.

A Gazeta de 2 de setembro, relata ainda: “*Os palmeiristas estão desgostosos com o futebol; querem dedicar-se á náutica e ao atletismo, sômente. O semi-profissionalismo, ou, por outra, o profissionalismo mascarado que por ahí campeia infrene enojou os dirigentes do velho grêmio da Floresta*”. Contudo, a principal causa parece ter sido a interferência da liga nas atividades da entidade – ela supostamente queria controlar o acesso aos arredores do gramado, impedindo que sócios conseguissem acesso às áreas náutica e atlética do clube.²

E, por não terem sido seguidos pelos velhos companheiros do Paulistano nessa decisão, os integrantes da AA das Palmeiras guardaram um pouco de rancor. A imprensa relata que, na primeira investida, os alvinegros rejeitaram a oferta e que, no máximo, se aliariam ao Paulistano no rúgbi, não no futebol.³ O que se viu, rapidamente, é que essa mágoa não perdurou.

Três dias depois de solicitado, em 12 de novembro, a APEA aceitou o pedido de desfiliação do Paulistano, embora contasse ainda com os atletas do clube na disputa do Campeonato Sul-Americano de Seleções, até o final de dezembro.⁴ Assim, foi somente no dia 3 de dezembro de 1925, no salão nobre do Jardim América, que representantes do Paulistano, da AA das Palmeiras, do Germânia, do Britânia e do Athletico Santista, apenas, fundaram a Liga dos Amadores de Futebol – LAF.

A nova entidade tinha por principal filosofia, como não poderia deixar de ser, o estrito amadorismo. Toda renda, advinda das bilheterias das partidas, seria totalmente recolhida pela Liga e redistribuída equitativamente para os clubes filiados com fins exclusivamente esportivos – sendo vetado o pagamento de salários, bônus ou desvios de qualquer espécie para jogadores, que deveriam ser meramente associados de cada agremiação.⁵

A APEA, na época, tampouco era regida pelo sistema profissional. Mas nela se desenvolvia o chamado “profissionalismo marrom”, ou pagamento às escondidas para atletas de maior valor técnico. A fundação da LAF, como se verá, foi uma tentativa infrutífera de lutar contra “moinhos de vento” em prol de um saudosismo amadorístico que não podia mais competir com um incipiente profissionalismo, que seria reconhecido, de vez, em 1933.

Dos quatro campeonatos organizados pela LAF, o Paulistano foi campeão de três – perdeu apenas a edição de 1928, para o Internacional rubro-negro. Porém, em todos esses torneios, o que mais se viu foram partidas inacabadas, abandonos de clubes e trocas de Liga, com debandadas para a APEA.

Aos “trancos e barrancos”, contudo, a LAF prosseguia. Salvo o Corinthians, que chegou a ser cooptado por eles em 1927, mas regressou à APEA ainda naquele ano, todas as desfiliações ocorridas eram de clubes pequenos ou novatos, como Sílex e Independência. Isto, até a punhalada cometida por um dos próprios fundadores da Liga dos Amadores, em 1929 – que destacamos como o segundo grande momento decisivo para a futura fundação do São Paulo Futebol Clube.

Em 1929, o Paulistano retomaria o posto de campeão na LAF, ao passo que a AA das Palmeiras ia “mal das pernas”, vencendo apenas cinco dos dezessete jogos que disputara naquele torneio até a véspera do confronto contra o Athletico Santista, em Santos, no dia 17 de novembro.

Qualquer pessoa que abriu os jornais naquele domingo certamente estranhou o fato de que, enquanto algumas colunas exibiam o “pré-jogo” de Athletico Santista x AA das Palmeiras, com relação de jogadores convocados pela partida por parte do time paulistano, árbitros indicados e tudo mais, outras passagens (como no *O Estado de S. Paulo*, reproduzida abaixo) estampavam um curioso aviso da APEA, que dizia:

“A Associação Paulista de Esportes Athleticos, em reunião extraordinária effectuada hontem, 16 do corrente, resolveu filiar á Divisão Principal, a Associação Athletica das Palmeiras, desta capital.

Esta associação congratula-se com o esporte paulista pela volta ao seu seio da Associação Athletica das Palmeiras, sua valorosa fundadora e uma das mais legitimas glórias do esporte brasileiro”.

1. Mazzoni, 1950

2. *Diário Nacional*, 19 de novembro de 1925

3. *A Gazeta*, 13 de janeiro de 1925

4. *A Gazeta*, 13 de janeiro de 1925

5. Mazzoni, 1950



Obviamente, o jogo em Santos não foi realizado. A AA das Palmeiras abandonou a LAF e nem formalizou a saída da agremiação da entidade que ajudara a fundar, antes de comprometer-se com outra.

Para a LAF, a atitude foi um golpe sentido profundamente, afinal a AA das Palmeiras, apesar dos poucos resultados obtidos nos anos 20, ainda era uma das equipes mais tradicionais e vitoriosas da cidade e um dos pilares da própria instituição, cujos cargos diretivos eram em boa parte compartilhados com esse clube.

A atitude pareceu uma grande traição aos olhos de outrem, mas refletiu também algum movimento político interno da agremiação, pouco esclarecido. Sabe-se que a guinada se deu depois da morte de um dos principais dirigentes do clube alvinegro, o senhor Virgínio Guimarães, entusiasta e fundador da LAF.⁶ E que houve reação de associados, que se reuniram “para defender os seus direitos de sócios contribuintes”.⁷

Seja como for, a imprensa, de modo geral, falou em “desprestígio moral” dos palmeiristas, e vários textos pesarosos quanto à atitude ocuparam os periódicos nos dias que se seguiram. Não tanto pela transição de liga, mas por conta do motivo real para a transferência: dinheiro.

*“A Associação Athletica das Palmeiras, como aliás outros clubs da Associação e da Liga de Amadores, encontrava-se em situação precária. A falta de sócios e as escassas rendas dos torneios impediam que o club tomasse a si o encargo de solver compromissos financeiros de vulto. Aquelles que não estimam a Liga de Amadores aproveitaram-se dessas difficuldades do club, e fizeram-lhe propostas relativamente vantajosas. [...]. E, acompanhando a tendência geral, o Palmeiras pos de lado os escrúpulos, invocados por aquelles que appellaram para a sua solidariedade. A fim de evitar o seu desaparecimento, os actuaes diretores da conhecida sociedade deliberaram aceitar a proposta, que lhe fora apresentada”.*⁸

A proposta da APEA e o falecimento do veterano dirigente desencadearam a repentina postura da AA das Palmeiras. Mas qual teria sido exatamente a proposta da APEA? A reação da LAF à perda da associação filiada parece indicar qual teria sido a oferta. Por meio de um dos clubes inscritos a ela, o Internacional, a Liga tentou reaver o maior – e talvez único – ativo que antes possuía para a realização dos campeonatos por ela organizados: o Estádio da Chácara da Floresta.

O clube rubro-negro enviou um requerimento à Prefeitura do Município de São Paulo pedindo a cessão do campo ocupado pela AA das Palmeiras.⁹ A ação, contudo, não deu em nada (pois, em menos de um mês, o Internacional também migrou para a APEA), mas deixou transparecer qual era o ponto em questão.

Cooptando a AA das Palmeiras, em situação precária, mas legítima usuária de um dos melhores campos de futebol da capital paulista – que trataremos com mais detalhes em um capítulo apropriado – a APEA tomava para si não apenas um atrativo que lhe possibilitaria grandes ganhos financeiros, como também desferia um golpe mortal na concorrente. Bastava oferecer condições vantajosas ao clube da Avenida Angélica para que reestruturasse o próprio estádio.

6. *Diário Nacional*, 17 de novembro de 1929

7. *O Estado de S. Paulo*, 20 de novembro de 1929

8. *O Estado de S. Paulo*, 19 de novembro de 1930

9. *O Estado de S. Paulo*, 29 de novembro de 1930

IMAGEM: Time da AA das Palmeiras nos anos 20



Os demais associados da LAF perceberam que o barco estava para afundar. No dia 21 de dezembro de 1929, após pouco mais de quatro anos de cisão, a disputa entre APEA e LAF estava chegando ao fim. Intermediada por Casper Líbero, diretor do jornal *A Gazeta*, uma reunião selou a “pacificação” do futebol paulista, com uma debandada de clubes da LAF, em retorno à APEA: Internacional e São Bento, da Capital, e o Athletico Santista, na mesma noite, foram aceitos como novos filiados. O Germânia, tradicional clube da colônia alemã, esteve presente e, contudo, negou transferir-se para a entidade rival, naquele momento.

Já o Paulistano... O clube alvirrubro nem sequer tomou parte nessa negociação de retorno.

Passado o ano novo, o terceiro e derradeiro ponto crucial da história que levou à criação do São Paulo Futebol Clube se sucedeu em 8 de janeiro de 1930, com a Assembleia Geral da Liga dos Amadores de Futebol, que decidiu pela dissolução da liga. Assinaram essa resolução Afrânio Lessa, pelo Paulistano; Seix Junior, pela Ponte Preta; Otto Kamerer, pelo Germânia; A. J. Holland, pelo Britânia; Frederico Jafet, pelo Independência; José David Fonseca, pelo Antartica; Tibúrcio Siqueira, pelo Paulista de Jundiaí; e Emílio Navajas, pelo Hespanha, de Santos.

Desta maneira, o Paulistano formalizou a desistência de praticar o futebol. Os atletas da equipe tomaram ciência do fato e receberam “passe livre” no domingo, 12 de janeiro, após o CAP extinguir o futebol até das práticas sociais internas da entidade.

*“O Paulistano extinguiu a sua seção de futebol – Confirmaram-se os boatos que de há muito corriam nos círculos esportivos da Capital: o Paulistano abandonaria o futebol. Domingo último, numa reunião de jogadores e diretores, presidida pelo sr. Prado Junior, ficou deliberado extinguir-se a seção de futebol do grêmio do Jardim América. Nesse sentido foram feitas as comunicações oficiais aos jogadores. Estes se acham livres e desimpedidos, podendo, pois, agir à vontade”.*¹⁰

Mas por que razão, exatamente, o Paulistano abandonou o futebol? A versão simples e oficial, por parte do clube, presente nos livros institucionais comemorativos do septuagésimo e centésimo aniversário da entidade, é que *“Antônio Prado Júnior perdera a paciência. Já fizera todos os esforços para moralizar o esporte em São Paulo. Estabelecera novos regulamentos, dissolvera entidades, criara ligas e associações. Mas o profissionalismo caminhava a passos largos e o dinheiro corria por trás dos bastidores”.*¹¹ O dirigente sempre repetia: *“As coisas vão mal. A violência domina o esporte. Não há mais o espírito puro de disputa”.*¹²

Curiosamente, os jornais *Diário Nacional* e *A Gazeta* publicaram, no dia seguinte à extinção da LAF (9), notas sobre os treinos dos times de futebol do Paulistano, no campo do Jardim América, e da AA das Palmeiras, na Chácara da Floresta, como se nada tivesse ocorrido. Não se sabe se as práticas aconteceram de fato. Talvez, pura e simplesmente, não houve tempo para cancelar a divulgação dos treinamentos.

No dia 16 de janeiro, entretanto, *A Gazeta* publicou nota intitulada *“Paulistano”*, que serve como lápide do futebol naquele clube:

Desfez-se, futebolisticamente falando, a clássica turma do C. A. Paulistano! Desapareceu do cenário esportivo do Paiz, a falange celebre de Rubens Salles e de centenas doutros heróis do futebol brasileiro. O Paulistano foi o clube que mais vezes jogou no estrangeiro, levantando victorias estupendas, erguendo sempre bem alto o nome esportivo de nossa pátria. O Paulistano há annos que vivia no coração de nossa gente esportiva. Seus jogadores eram apontados na rua com curiosidade e incontido carinho. As pelepas mais sensacionaes eram as que tinham nos alvi-rubros um dos adversários.

Campeões insubstituíveis, em todas as posições, teve-os o núcleo de Formiga. Depois... vieram os “casos” de política esportiva. Pontos de vista, espírito de intolerância, uma Bastilha de aristocracismo... E a turma famosa e querida esphacelou-se, extinguiu-se, ficando seus elementos “livres e desembaraçados” para ingressarem onde bem entendessem. Do Paulistano não ficará sinão a lembrança latente de um grande clube futebolístico, honra e gloria do “soccer” sul-americano.

Como o Athletico Clube Americano, o conjunto de “El Tigre” será apenas uma recordação vibrante de uma força paulista que não deveria desaparecer. A Varzea, no emtanto, cultuará a memoria do bando mestre, dando-lhe o nome a varias de suas organizações esportivas. O Paulistano multiplicar-se-á assim, através á Paulicéa dos bandeirantes, espalhando por ahi afóra o nome guerreiro daquele que foi Napoleão nos campos futebolísticos do Brasil e do estrangeiro!

Muitos filiados alvirrubros, descontentes com tais decisões, passaram o mês de janeiro a arregimentar outros adeptos às tradições e glórias do maior campeão paulista da era amadora, para o nascimento de uma nova associação esportiva na cidade. Dias antes da considerada data de fundação, 25 de janeiro, já era previsto, debatido e praticamente acertado o nascimento dessa nova entidade.

Um indício de que a movimentação pela união dos integrantes desses clubes começou cedo e, importante dizer também, foi intermediada pela APEA está em duas passagens de jornais do dia 10 de janeiro. A primeira, encontrada em *A Gazeta*, afirma que os jogadores Friedenreich, Formiga e Clodô estavam *“de malas promptas para ingressarem no grêmio veterano da Floresta”*; e a segunda, vista no anúncio publicado pela AA das Palmeiras¹³, pouco após o fim da LAF, foi sobre a reforma do gramado da Chácara da Floresta e a suspensão dos treinos dos jogadores.

Curiosamente, tal reforma se iniciou imediatamente após um treino da seleção da APEA no local, no dia anterior. E, pouco tempo depois, um importante paredro palmeirista tornou-se segundo tesoureiro na diretoria da APEA, Névio Barbosa.¹⁴

É sabido que o clube alvinegro não dispunha, sozinho, de recursos para tal empreendimento. Era de senso comum, à imprensa, que o clube mal sobrevivia. Com a própria APEA possuía débitos a saldar, no valor de 53:000\$000 (53 contos de réis).¹⁵ Tal montante, junto com o dispêndio da obra, ficou a cargo da Liga e dos novos colegas provindos do CA Paulistano.

A questão da dívida, aliás, voltará a ser citada neste livro mais à frente, quando discutirmos sobre o ano de 1935 e o abandono da APEA por parte do São Paulo Futebol Clube.

10. *A Gazeta Esportiva*, 14 de janeiro de 1930
11. *Dimand*, 1970
12. *Brandão*, 2000

13. *Folha da Manhã e Folha da Noite*, 10 de janeiro de 1930
14. *A Gazeta*, 15 de janeiro de 1930
15. *Folha da Noite*, 1 de fevereiro de 1930



OS FUNDADORES

Certamente, uma das primeiras passagens na imprensa acerca da criação do novo clube ocorreu no jornal *Folha da Manhã*, na coluna *Pão de Moloch*, no dia 21 de janeiro de 1930. Nela, foi dito que o nome da nova equipe seria Esporte Clube Paulistano:

“Um novo clube

Ao que parece vae ser fundado nesta capital o Esporte Clube Paulistano, formado pelos elementos do Paulistano (Clube Athletico) que pedirá filiação à Apea.

Um gaiato ao lêr esta noticia perguntou: mas vae ser um clube à parte ou com alguma ligação com o clube do Jardim America?

‘Não, completamente à parte. Nada tem que vêr com o gremio fundado em 1900’.

‘E quem será seu presidente?’

‘Estão falando que vae ser o sr. Prado Junior’.

Confere”...

O tom jocoso e a nomenclatura indicada para o time transpareciam um descrédito para a informação, como se duvidassem que realmente isso viesse a ocorrer. Contudo, em curtíssimo intervalo de tempo, os boatos tomaram forma e tamanho.

O jornal *Folha da Noite*, do mesmo grupo editorial e na mesma data, apresentou, na coluna *Notas e Notinhas*, o seguinte trecho: *“Antigo esportista do Paulistano disse-nos, esta manhã, que os elementos do “glorioso”, amparados financeiramente por diversos sócios capitalistas do clube do Jardim América, irão de fato fundar o Esporte Clube Paulistano. Para isso já dispõe o novel grêmio com mil e tantos contos para a construção do estádio no Pacaembu”.*

A princípio, ao que parece, a seção de futebol do Paulistano pensava em seguir no esporte autonomamente, fundando uma nova agremiação, independente. Mais do que isso, ousando grandiosidades, como construir o Estádio do Pacaembu, prometido pela municipalidade desde os anos 20.

Talvez o sócio do Paulistano que foi a fonte do jornal tenha expressado mais o próprio desejo do que a realidade, vista a rapidez com que o processo de nascimento do novo clube evoluiu, contudo, de forma bem diferente: envolvendo outras agremiações e levando a desconfiar. Houve até receio de que fosse um estratagema de líderes do Paulistano para retirar outras agremiações veteranas do futebol.

No dia seguinte (22 de janeiro), a *Folha da Manhã* apontou que o clube vindouro surgiria da união da seção de futebol do CA Paulistano com a AA das Palmeiras e a AA São Bento e seria batizado como Paulistano Atlético Clube ou Paulistano Esporte Clube.

O impresso *Diário Nacional*, da mesma data, apostava em Paulistano Atlético Clube, indicando também que os grandes craques do antigo clube, como Friedenreich e Clodô, atuariam no futuro time, apesar das estórias ligando ambos ao Palestra Itália. Além disso, enfatizou que a associação teria cerca de 1.500 ex-sócios do CA Paulistano, logo de cara.

IMAGEM: Escudos do CA Paulistano e da AA das Palmeiras



Foi na *Folha da Manhã*, contudo, que primeiro se abordou a questão sobre em qual estádio jogariam e quem pagaria por ele. “(...) *conseguindo dia a dia novas adesões e ao mesmo tempo angariando capitais para a construção de um estádio. E, esse capital, segundo parece, já atingiu a respeitável quantia de um milheiro de contos de réis*”. A ideia era ambiciosa: “*A construção de uma verdadeira praça de esportes*”.

No mesmo artigo, o jornal destaca que “*tanto o Palmeiras como o S. Bento não navegam em mar de rosas, quer com referência a parte financeira, como também a parte técnica*”, cabendo, assim, somente ao Paulistano (e à liga) a questão do dinheiro: “*Apenas de alguns seus associados que dispõem de capitais para levar a frente tal iniciativa*”.

A *Gazeta* e *O Estado de S. Paulo* noticiaram¹⁶ a gestação do novo clube apenas quando isto tomou um caráter mais formal, após a primeira reunião sobre o assunto, ocorrida no dia 22, quarta-feira, no escritório do sr. Tobias de Barros, na Praça da República. Contudo, foi no primeiro que se viu, de maneira inédita, o nome que a entidade assumiria: São Paulo Futebol Clube, definido nesse encontro. Isto posto, de todos os símbolos do Tricolor, o nome foi o primeiro a surgir – antes mesmo de o clube existir, de fato.

Esta reunião que tratou dos pontos iniciais da criação do pretendido São Paulo FC contou com a presença de João Cunha Bueno, Luiz de Barros, Caio Luis Pereira de Sousa, Clodoaldo Caldeira (jogador) e Firmiano Pinto Filho, entre outros sócios do CA Paulistano, e Névio Barbosa, Martins Costa e Dr. Caldas, entre outros integrantes da AA das Palmeiras, além de Odilon Ferreira, Aristides Macedo Filho e Lauro Gomes, representantes da AA São Bento.

O debate perdurou até perto da meia-noite, e nele ficou acertada a primeira diretoria da agremiação – que seria ratificada na Assembleia Geral de fundação, marcada também por este encontro para o sábado, dia 25 de janeiro, aniversário da Cidade de São Paulo (para fazer jus ao nome escolhido para a associação) – a comissão de seis integrantes (dois de cada time) que prepararia o Estatuto da entidade, além do presidente do Conselho Deliberativo: o diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita Filho.

A diretoria, conforme publicado no *Diário Nacional* de 25 de janeiro, era composta pelos senhores:

- presidente: Edgard de Souza – CA Paulistano – superintendente da “Light”
- 1.º vice-presidente: Frederico de Souza Queiroz – AA das Palmeiras
- 2.º vice-presidente: Raphael Salles Sampaio – CA Paulistano
- 3.º vice-presidente: Benedicto Montenegro – CA Paulistano
- secretário geral: Lauro Gomes – AA São Bento
- 1.º secretário: Luiz de Barros – CA Paulistano
- 2.º secretário: José Martins Costa – AA das Palmeiras
- 1.º tesoureiro: João Baptista da Cunha Bueno – CA Paulistano
- 2.º tesoureiro: Caio Luis Pereira de Souza – CA Paulistano

Quanto às cores, o jornal *O Estado de S. Paulo* afirmou, no dia 23, que “*é possível que outros clubes, como o São Bento e Palmeiras, cuja eficiência é praticamente nula, abdicuem, também, de suas cores*”. Mas o dito passou longe da realidade. As cores, aprovadas na reunião, seriam as cores da bandeira paulista: azul, branca, preta e vermelha – tal qual a Sampdoria, da Itália, nos dias de hoje.

16. *A Gazeta e O Estado de S. Paulo*, 23 de janeiro de 1930

Já o escudo e o uniforme seriam definidos “*em concurso entre nossos mais notáveis artistas*”.¹⁷

Os dirigentes tinham em mente unir os terrenos da AA São Bento e da AA das Palmeiras, na Chácara da Floresta, para construir um grande estádio. Mas a ideia foi frustrada, como se verá, antes mesmo do São Paulo FC vir a nascer. Importantes sócios dos dois clubes citados não estavam muito felizes com os termos do acordo – cada qual descontente com algumas deliberações.

“*É triste, mas infelizmente é verdade. As negociações estão encaminhadas de uma forma tal que muito em breve, talvez o nome do meu querido Palmeiras venha a desaparecer do cenário esportivo*”.¹⁸

O ponto controverso para muitos dos sócios da AA das Palmeiras era a sensível falta de alguns dos dirigentes em vigor do clube, nomes que foram considerados “entreguistas”, no que se refere à transição do clube da LAF para a APEA, citada anteriormente. “*Quiseram por de lado elementos considerados como os ‘vendedores’ do clube da Floresta à Associação [Paulista de Esportes Atlético]*”.¹⁹

Em meio a cochichos, a AA das Palmeiras agendou para o dia 24 de janeiro duas reuniões internas para estabelecer, de uma vez, o futuro da entidade. Às 17h, um encontro entre os membros do conselho consultivo. E às 21h, a assembleia geral de sócios. O *Correio Paulistano* dos dias 25 e 26 acerrou esses debates e reportou que “*expostos os fins da reunião pelo seu presidente, os sócios mais antigos do clube resolveram, contra o voto de um de seus membros, aprovar o projeto de fusão com dois outros grêmios esportivos desta capital, que devem constituir um novo clube, com a denominação de ‘S. Paulo F.C.’*”.

Por outro lado, algo inusitado ocorreu entre os dias 24 e 25 de janeiro, fato que levou o nome de Lauro Gomes, presidente da AA São Bento e, até então, indicado ao posto de secretário geral, a não ser efetivamente relacionado para essa posição na Assembleia Geral de fundação.

A *Folha da Noite* do dia 27 parece trazer alguma luz (ou sombras de conspiração) ao caso:

“*Algumas horas antes do início dos trabalhos, já todos os esportistas ligados aos fatos, que concorreram para a fundação do novo clube, se movimentavam nervosamente. O que teria havido? Afirmava-se que foi a chegada, do Rio, de personagem que esteve ligado intimamente com a morte da Liga dos Amadores*”.

O que é certo é que, em meio a Assembleia, já se sabia que a AA São Bento não concorreria para a anunciada fusão e isso porque o nome do sr. Lauro Gomes, á última hora, fora impugnado, como inimigo dos antigos dissidentes”.

A coluna *Notas e Notinhas*, da mesma edição, completava: “*um paredro do branco e azul nos disse que foram dois os motivos da recusa do S. Bento em fundir-se. Um, por ser grande número de seus associados contra a ideia de fusão e outro, o caso da secretaria geral, que deveria ser ocupada por determinado paredro sambentino*”. O ponto número um também é explícito em *A Gazeta* do dia 25 de janeiro: associados viam a AA das Palmeiras como um lastro financeiro problemático.

17. *A Gazeta*, 23 de janeiro de 1930

18. *Folha da Noite: Notas e Notinhas*, 23 de janeiro de 1930

19. *Folha da Noite*, 27 de janeiro de 1930

O veto, por mais estranho que possa ser, e conforme indica o mesmo periódico, agora datado do dia 28, parece ter sido dado pelo sr. Antônio Prado, presidente do Paulistano e que, em tese, nada deveria ter com a história, visto que ele não era um dos dissidentes da agremiação (sendo, na realidade, a grande causa de tal nascimento, ao acabar com o futebol do alvirrubro).

O fato, além do grande número de ex-sócios do CAP entre os diretores do São Paulo, demonstra a esfera de influência e de poder do Paulistano. Toda a cúpula era, basicamente, integrante dos altos círculos sociais da capital paulista, e Antônio Prado, filho do primeiro prefeito da cidade no período republicano, como não poderia deixar de ser, era voz influente no dominante Partido Republicano Paulista, que comandou o cenário político local até a Era Vargas, em 1930.

A exclusão de Lauro Gomes, assim, apesar do ônus causado ao São Paulo Futebol Clube, alijado de um bom terreno esportivo, não pareceu tão mais estranha. Especialmente ao se lembrar que a rixa de Gomes e Prado vinha desde 1925, com os acontecimentos da decisão do Campeonato Paulista daquela temporada, já abordados nesta obra.

De todo modo, voltando à fundação do Tricolor...

IMAGEM: Reunião de dirigentes e jogadores do São Paulo. Acervo da família de Samuel Augusto de Toledo.



O NASCIMENTO DO SÃO PAULO

É preciso elucidar uma outra questão sobre a data da Assembleia Geral de fundação do São Paulo Futebol Clube. O *Diário Nacional* noticiou, no dia 24 de janeiro de 1930, como definitivamente fundado o clube. Foi o primeiro órgão a fazê-lo, curiosamente, antes de ter-se verdadeiramente estabelecido o fato. A manchete foi a seguinte: “*Está fundado o São Paulo F.C., com elementos do Palmeiras, S. Bento e Paulistano: o novo clube vai ser mais um titã para a divisão principal da Apea*”.

Entretanto, o texto do artigo revela que a editoria do jornal reproduzia os fatos ocorridos na reunião do dia 22. Ao final, ainda avisa que no dia 25, sábado, se daria a assembleia que trataria “*em definitivo da organização do novo grêmio*”. Foi figura de linguagem, empolgação em tentar trazer a notícia em primeira mão ou um mero engano.

Erros jornalísticos à parte, destacar que a assembleia ocorreria no dia 25 é importante para nossa obra. A *Gazeta*, do dia 23, e *O Estado de S. Paulo*, do dia 25, fazem o mesmo. Na realidade, os três jornais reproduziram, cada qual a seu modo, notas enviadas pelos dirigentes envolvidos na fusão. A *Gazeta*, ainda, publica outro artigo, denominado “*À margem do aparecimento do S. Paulo F.C.*”, exatamente no dia 25, com os seguintes dizeres: “*a novel directoria do S. Paulo F.C, nascido com a fusão do Palmeiras, S. Bento e elementos do Paulistano, tomará posse hoje*”.

Ou seja, até o momento de impressão do periódico, tarde da noite do dia 24, nada havia acontecido para se alterar a data da Assembleia Geral. A *Gazeta*, por sinal, vai mais longe e publica, confiante, palavras de louvor ao clube prestes a surgir:

“*A primeira directoria do S. Paulo F. C. toma posse hoje. O novel clube surge com um pugillo brilhante de diretores, consoante publicámos hontem. Moços de alta tempera, desses bravos que, dantes, nos tempos áureos, enriqueciam os meios esportivos da nossa terra bandeirante. [...] A novel directoria é uma bandeira de guerra sob cuja sobra batalharão com entusiasmo qualquer esportista. [...] Ao S. Paulo F. C. auguramos vida prospera, longe de todos os percalços que antolham os que nasceram sob maus designios. Avante, pois!*”

Novamente, o *Diário Nacional*, desta vez na edição de 25 de janeiro, traz informações destoantes das outras mídias (e que contrariam versões anteriores do próprio jornal). Ele relata que a fundação do São Paulo “*foi resolvida em reunião que se effectuou no dia 24 do corrente, no escriptorio comercial dos srs. Tobias de Barros e Cia., à praça da República, 28, e da qual participaram representantes das veteranas sociedades A. A. S. Bento, A. A. Palmeiras e C. A. Paulistano*”.

Teria ocorrido, então, uma segunda reunião preliminar, daquela vez, na sexta-feira, véspera do aniversário da cidade de São Paulo?

Não descartamos essa possibilidade, embora não se encontrem registros de época atestando-a. A *Arakan: a revista dos sampaulinos*, número extra de maio de 1942, afirma que “*Após várias prévias, entre palmeiristas e paulistanos, marcou-se com a maior animação a reunião que faria nascer o S. Paulo F. C. como sucessor do Paulistano e do Palmeiras, no futebol*”.

Mas o relato do *Diário Nacional* segue com outras discrepâncias: apresenta, ainda, a mesma diretoria indicada na reunião do dia 22, sem mudanças, e termina com uma novidade, aqui descrita: “*A assemblea geral para a definitiva constituição do clube foi marcada para segunda-feira, às 20.30 horas, no mesmo local da primeira reunião*”.

Parece certo concluir que a versão do *Diário Nacional* de realização de assembleia na segunda-feira, dia 27, foi pura e simplesmente um erro, uma desinformação a ser desconsiderada após essa análise. Ademais, visto que os jornais *O Estado de São Paulo* e *Correio Paulistano*, que não circularam na segunda-feira e publicaram o fato apenas na terça-feira, dia 28, relataram o evento com o termo “*ante-hontem*”, situando-o no dia 26.

É, também, o que consta no princípio da ata elaborada na assembleia geral: “*Aos vinte e seis dias do mês de janeiro de mil novecentos e trinta, nesta cidade, à Praça da República n.º 28, compareceram os abaixo-assignados, sócios da Associação Athletica das Palmeiras e do Clube Athletico Paulistano, para o fim especial de fundarem um novo clube*”.

Estaria, então, tudo certo, certo?

Depende. É fato incontestável que o principal documento sobre a fundação do São Paulo Futebol Clube, a ata da assembleia geral, é datado de 26 de janeiro de 1930, um domingo. Contudo, essa reunião foi marcada, originalmente, para às 14h do sábado, dia 25 de janeiro de 1930 – como mostrado anteriormente –, para coincidir com o aniversário da cidade de São Paulo. É o que consta no primeiro comunicado oficial para a imprensa da história do São Paulo Futebol Clube.

Tal comunicado foi reproduzido na íntegra, ou boa parte, nos principais jornais da capital. Alguns, por não circularem às segundas-feiras, o reproduziram na terça (como dito, *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano* são exemplos). Outros o levaram ao público na segunda-feira, dia 27 (*A Gazeta*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*).

Cabe aqui a menção de que, ao contrário do expresso em publicações posteriores, dos anos 1940 e 1960, não existiu suplemento esportivo de *A Gazeta* do dia 28. O caderno especial circulava às segundas-feiras, não às terças-feiras.

O texto do comunicado é o seguinte: “*Realizou-se hontem às 14 horas, à Praça da República, n.º 28, a assemblea geral convocada para discussão dos estatutos, eleição da directoria, conselho fiscal e conselho deliberativo*”.

Após a leitura dos estatutos, que foram unanimemente aprovados, procedeu-se à eleição da primeira directoria, que ficou assim constituída, tomando posse em seguida:

- presidente – Dr. Edgard de Souza;
- 1.º vice-presidente – Dr. Alberto Caldas;
- 2.º vice-presidente – sr. Gastão Rachou;
- 1.º secretario – Luiz Oliveira Barros;
- 2.º secretario – José Martins Costa;
- 1.º tesoureiro – João Cunha Bueno;
- 2.º tesoureiro – Caio Luiz Pereira de Souza;





Conselho Fiscal:

- Samuel Toledo Filho;
- Névio Nogueira Barbosa;
- Dr. Raphael S. Sampaio

Suplentes:

- Dr. Gabriel Rezende Filho;
- Caio Silva Ramos;
- Plínio Silva Prado.

Conselho Deliberativo:

- Dr. Julio Mesquita Filho
- João Oliveira de Barros
- Dr. Sergio Miera
- Rubens Salles
- Dr. Arnaldo A. Motta
- Dr. Manoel C. Aranha
- Mario Cunha Bueno
- Dr. Luiz F. Amaral
- Firmiano Pinto Filho
- Névio Nogueira Barbosa
- Dr. Gastão Rachou
- Dr. Alberto Caldas
- Augusto C. Leite
- Dr. Luiz Pereira Queiroz
- Marcello Paes de Barros
- Luiz Marcondes de Moura
- Dr. Leonel B. Rezende
- Dr. Ariosto Ferraz.

Para presidente deste conselho, foi eleito o dr. Julio de Mesquita Filho".

Tomamos por exemplo a *Folha da Manhã*²⁰, que publicou o comunicado aqui reproduzido na íntegra como anexo ao artigo elaborado por ela sobre o nascimento do Tricolor, intitulado "Da união de parte dos sócios do CA Paulistano com a AA das Palmeiras nasceu o S. Paulo FC". Nele, é dito: "... alguns sócios descontentes com o Paulistano, por ter excluído o futebol entre os esportes que pratica, mais a AA das Palmeiras, resolveram fazer uma união. E dessa união nasceu ontem, ou melhor, no dia 25, o São Paulo F. C.".

A sutileza da questão é essa. O comunicado enviado pelo São Paulo Futebol Clube foi produzido pela diretoria recém-empossada exatamente no dia 26, caso contrário não poderia estampar os jornais matutinos com o conteúdo dele no dia 27. E, se foi elaborado no dia 26, ao dizer "Realizou-se hontem às 14 horas", certamente refere-se ao dia 25.

20. *Folha da Manhã*, 27 de janeiro de 1930

IMAGEM: O primeiro presidente do São Paulo, Edgard de Souza



Fica claro, assim, que a Assembleia Geral de Fundação do São Paulo Futebol Clube foi marcada e realizada no dia 25 de janeiro de 1930. Porém, não quer dizer que tenha sido finalizada nessa data. Os empecilhos e pendengas, acima descritos, que se desenrolaram ao longo daquele dia, contudo, levaram ao prolongamento da sessão – por causa da confecção de novos artigos estatutários, já que originais levavam em conta a participação da AA São Bento na fusão. A ata oficial da Assembleia só pôde ser lavrada, então, na madrugada do dia 26.

Como mostramos no capítulo “A questão da data de fundação”, o clube, todavia, nunca considerou em Estatuto (lei máxima da associação) como data de fundação do São Paulo o dia 26, só o dia 25, e isto a partir do Estatuto de 1931. De maneira simples, para encerrar este tópico, é certo dizer que o São Paulo Futebol Clube foi fundado em 25 de janeiro de 1930 e teve a ata de fundação lavrada no dia 26 de janeiro de 1930. Apenas isso.

Ata de Fundação

“Aos vinte e seis dias do mês de Janeiro de mil novecentos e trinta, nesta cidade, à Praça da República n.º 28, compareceram os abaixo-assignados, sócios da Associação Athletica das Palmeiras e do Clube Athletico Paulistano, para o fim especial de fundarem um novo clube que representasse condignamente a Cidade de São Paulo em competições esportivas.

A convite dos presentes, assumiu a presidência da assembléia o Sr. João Oliveira de Barros, que convidou para secretário o Sr. Luis F. Amaral.

Em seguida, passou-se a leitura dos estatutos, que vão adiante transcriptos e que, depois de discutidos, foram unanimemente aprovados.

Procedeu-se à eleição da primeira directoria, que, por proposta do Sr. Firmiano de Moraes Pinto Filho, foi aclamada com os seguintes nomes:

Presidente:	Dr. Edgard de Souza
1.º vice-Presidente:	Dr. Alberto Hugo de Oliveira Caldas
2.º vice-Presidente:	Dr. Gastão Rachou
3.º vice-Presidente:	Dr. Benedicto Montenegro
1.º secretário:	Dr. Luís Oliveira de Barros
2.º secretário:	Dr. José Martins Costa
1.º thesoureiro:	Dr. João B. da Cunha Bueno
2.º thesoureiro:	Dr. Caio Luís Pereira de Souza
Conselho Fiscal:	Dr. Samuel Toledo Filho Dr. Névio Nogueira Barbosa Dr. Raphael Salles Sampaio
Suplentes:	Dr. Gabriel de Rezende Filho Dr. Caio da Silva Ramos Dr. Plínio da Silva Prado

Por proposta do Sr. Clodoaldo Caldeira, foram, em seguida, aclamados para presidente e membros do Conselho Deliberativo os seguintes nomes:

Presidente:	Dr. Júlio de Mesquita Filho
Membros:	Dr. Névio Nogueira Barbosa Dr. Gastão Rachou Dr. Alberto Hugo de Oliveira Caldas Dr. Augusto de Castro Leite Dr. Luiz Augusto Pereira de Queiroz Dr. Marcello Paes de Barros Dr. Luiz Marcondes de Moura Dr. Leonel Benevides de Rezende Dr. Ariosto Ferraz Dr. Sergio Meira Dr. Rubens de Moraes Salles Dr. Arnaldo Alves da Motta Dr. Manoel Carlos Aranha Dr. Mário da Cunha Bueno Dr. Luiz Fernando do Amaral Dr. Firmiano de Moraes Pinto Filho Dr. João Oliveira de Barros

O Sr. Presidente convidou a Directoria eleita a tomar posse de seus respectivos cargos.

Assumindo a presidência, o Sr. Dr. Edgard de Souza agradeceu em seu nome e no de seus companheiros de Directoria, a prova de confiança prometendo tudo fazer pelo engrandecimento da nova entidade esportiva.

Nada mais havendo a tratar, pelo Sr. Presidente foi encerrada a sessão, da qual eu, secretário, lavrei a presente acta, que vae assignada pelo Sr. Presidente, por mim, e demais presentes”.

- Edgard de Souza
- Alberto Hugo de Oliveira Caldas
- Gastão Rachou
- Benedicto Montenegro
- José Martins Costa
- João B. da Cunha Bueno
- Caio Luís Pereira de Souza
- (assinatura não reconhecida)
- Samuel Toledo Filho
- João Oliveira de Barros
- Paulo Novaes de Barros
- Clodoaldo Caldeira
- Luiz Fernando do Amaral
- Joaquim da Cunha Bueno Netto

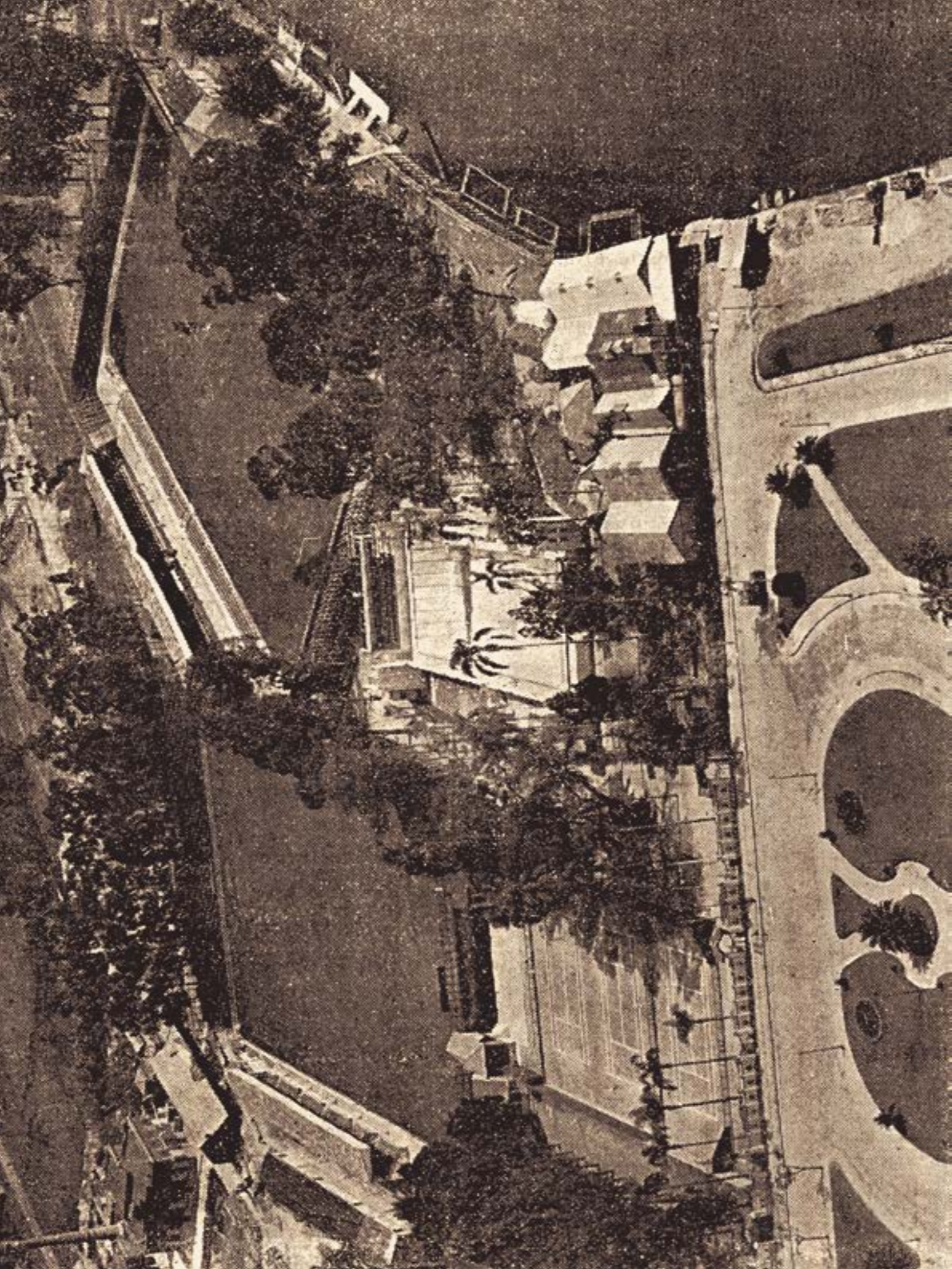
- *Leonel Benevides Rezende*
- *Augusto Portugal dos Santos*
- *Duffles de Camargo Bueno*
- *Paulo Machado de Carvalho*
- *Arnaldo Alves da Motta*
- *Névio Nogueira Barbosa*
- *Augusto de Castro Leite*
- *Mário da Cunha Bueno*
- *Alcino Vieira de Carvalho*
- *Luiz Marcondes de Moura*
- *Marcello Paes de Barros*

A lista completa²¹ daqueles que são considerados fundadores, mesmo após a assinatura da ata de fundação, conforme o Estatuto:

Edgard de Souza, Alberto Hugo de Oliveira Caldas, Gastão Rachou, Luiz Oliveira de Barros, João B. da Cunha Bueno, Caio Luís Pereira de Souza, Thomaz da Cunha Bueno, Frederico de Souza Queiroz, Mário da Cunha Bueno, Raul da Cunha Bueno, Francisco da Cunha Bueno Netto, Francisco Luiz da Cunha Bueno, Clemente Sampaio Vianna, Alfredo Telles Rudge, Lauro Cardoso de Almeida, Ruy Nogueira, Elias Alves Lima, David Pacheco Alves de Araújo, Paulo Lopes de Oliveira, Sylvio de Queiroz Ferreira, Amadeu da Silveira Saraiva, Cincinato Reichert, Dario Freire Meirelles, Cláudio Monteiro Soares, Onaldo Brancante Machado, Lauro Amaral Campos, Raul de Queiroz Ferreira, Guilherme Prates, Gabriel da Veiga, Antônio Macuco Alves, Ignácio Uchôa da Veiga, Alberto de Moares Pinto, Nelson Luiz do Rego, Paulo Novaes de Barros, Augusto Portugal dos Santos, Duffles de Camargo Bueno, Alcino Vieira de Carvalho, Joaquim Penino, Paulo Machado de Carvalho, Antônio Augusto Monteiro, Arthur José da Nova, Anésio A. do Amaral, Caio da Silva Prado, Cincinato C. Braga, Vicente Ancona, Joaquim A. Sampaio Vidal, Anatole Salles, Antônio Smith Bayma, Antônio Pereira Lima, Mário Meirelles Reis, Arturo Spengler, Fábio da Silva Prado, Thomaz Whately, P. G. Meirelles, Luiz do Amaral Cezar, Heubaldo Siciliano, João da Costa Marques, Paulo Casemiro da Costa, João Oliveira de Barros, Augusto R. Mendonça, Ubirajara Martins de Souza, Ruy de Azevedo Sodré, Edward K. Louner, José Armando Affonseca, José Carlos Affonseca, Eurico Sodré, José Carlos de Macedo Soares, Samuel Augusto de Toledo, José Junqueira de Oliveira, Francisco Junqueira de Oliveira, Carlos dos Santos Macedo, Júlio Revoredo, Mário Egydio Sousa Aranha, Oscar Rodrigues Alves, Mariano Procópio, William Edward Lee, Mário Bastos Cruz, João Álvares Rubião Filho, Hannibal O. Lacerda, Francisco de Godoy, Júlio de Mesquita Filho, Rubens de Abreu Sampaio, Augusto de Castro Leite, José Martins Costa, Marcello Paes de Barros, Edmundo Xavier Ribeiro de Mendonça, Raul Estella, Edmundo Cezar Amorim, Névio Nogueira Barbosa, Sylvio Alves de Lima, Raphael Penteadado de Barros, Plínio Botelho do Amaral, Francisco de Godoy Sobrinho, Jorge Alves de Lima, Francisco da Cunha Junqueira, Francisco de Paula Amarante, Ariosto Ferraz de Souza, Firmiano de Moraes Pinto Filho, Manoel Antônio Duarte de Azevedo, Sylvio da Costa Boock, Haroldo de Azevedo Sodré, Eugênio Sodré Borges, José Marcondes de Moura, Décio de Toledo Leite, Nestor M. Ayrosa, Raul Guimarães, Benévolo Luz, Mário Minervino, Oswaldo Sampaio, Simão de Toledo Piza, Cláudio Monteiro Soares Filho, Paulo

Espíndola de Aquino, Benedicto Montenegro, Raphael Salles Sampaio, Augusto Brant de Carvalho, Albert John Church, L. Lins de Vasconcellos, Lauro Cordeiro, Luiz Marcondes de Moura, Antônio Carvalho Saraiva, Lauro Gomes, Raul Zucchi, Manoel Carlos Aranha, Antônio Godoy Moreira e Costa Sobrinho, Francisco Xavier Paes de Barros Filho, Arnaldo Alves da Motta, João Alves de Lima, Alberto Alves da Motta Filho, Luiz Fernando do Amaral, Ataliba Pompeo do Amaral, Sergio Meira Filho, Vicente Assumpção, Mário Suplicy Scutari, Cândido Cortez, Agenor Guerra Corrêa, Caio da Silva Ramos, Estevam José de Almeida Prado, Bernardo Morelli, Paulo da Silva Gordo, Mário Tavares Filho, Henrique Pegado, Octávio de Godoy Vaz de Oliveira, Plínio da Silva Prado, Carlos de Andrada Coelho, Wallace Simonsen, Fernando Egydio, Flávio Rodrigues, Luiz Aranha Júnior, Ernesto Amarante, Raphael Luís P. de Sousa, Cássio de Toledo Leite, Luiz F. Baeta Neves Júnior, Rubens de Moraes Salles, Aranha Netto, Afrânio Lessa, Adalberto de Queiroz Telles Filho, Cândido M. Rocha, Clemente Costa e Silva, Antônio Carlos Conceição, Alberto Menezes Borba, Joaquim Luiz Alves de Lima, João B. de Castro Prado, Francisco Collet e Silva, Leonel Benevides de Rezende, Samuel de Toledo Filho, Paulo Vidigal Vicente de Azevedo, Nestor de Almeida, Clodoaldo Caldeira, Bartholomeu Vicente Gugani, Milton de Aguiar, Luiz Mesquita de Oliveira, José Torres, Arthur Friedenreich, Afrodísio Formiga Camargo Xavier, Caetano Caldeira, Lauro Monteiro Pinheiro de Lima, Francisco Abate, José Infante Vieira Júnior, Octacílio Toledo de Barros, João Ataliba Marcondes Machado, Sergio Juventino Pereira, Antônio Carlos Seixas, Romeu Azevedo Nestor dos Santos, Waldemar Godoy, João Álvaro Botelho de Miranda, Alfredo Teixeira, Fausto de Andrade Junqueira, Luiz Ramalho Alves, Miguel dos Santos Junior, Paulo Tarso Rodrigues Vasconcellos, Pedro Paulo Corrêa, Francisco Ribeiro Arantes, Cantídio de Moura Campos, Erasmo Fleury de Assumpção, Luiz Gonzaga de Toledo, Antônio Augusto Fleury de Assumpção, Raphael Barros Sobrinho, Antônio Paes Barros Júnior, Nelson Coutinho, Dácio A. de Moraes.





A CHÁCARA DA FLORESTA

A história do local onde se ergueu o primeiro estádio da história do São Paulo é lindamente descrita por Henrique Nicolini, no livro *“Tietê: o rio do Esporte”*, de 2001. Na obra, o autor revela como um recanto belo e aprazível, nos confins da cidade de São Paulo do início do século XX, às margens do rio Tietê, se desenvolveu, com a integração de vários clubes ao bairro, como a capital esportiva dos paulistanos, ou “célula-mãe”.

A região hoje é compreendida pelo Centro Esportivo Tietê, da municipalidade, e por terrenos da Cia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo – SABESP, e do Departamento de Estradas e Rodagem - DER, situada entre as Avenidas Marginal Tietê, Santos Dumont e do Estado, desta maneira, arrodeada pelos rios Tietê e Tamanduateí. Foi, naqueles tempos, também denominada de bairro da Ponte Grande, atual Ponte das Bandeiras.

“Cronistas da época descreveram a região, na década entre 1890 e 1900, como um parque de velhas figueiras, entremeadas de coqueiros, de onde se contemplava o Anhembi, os batelões que conduziam areia, lenha e tijolos”, apresentou Nicolini. Ao que consta, no início dos anos 1900, a área era propriedade particular de José Manoel da Fonseca Junior e da esposa Escolástica Melchert da Fonseca.

A relação da “Floresta” com o esporte começou em 1 de novembro de 1899, com a fundação do Clube Esperia – que nos anos da Segunda Grande Guerra, adotou, justamente, o nome de Associação Desportiva Floresta (mantendo a nomenclatura até 1965), relembrando as origens da entidade, que se dedicava, à época, basicamente a esportes náuticos, majoritariamente o remo.

Os jovens criadores da agremiação subalugaram a área, onde permaneceram até novembro de 1903, quando este terreno foi vendido por 60 contos de réis para Alberto Menezes Borba e Frederico Steidel – futuramente fundadores de outra associação, o Clube de Regatas São Paulo, datado de 4 de janeiro de 1904. Despejado, o pessoal do Esperia se mudou para a outra margem do rio, exatamente em frente à Chácara – e lá permanece até os dias de hoje.

O CR São Paulo, como o próprio nome revela, tinha por maior finalidade também o remo. Nicolini diz: *“O perfil sócio-econômico do Regatas era elevado. Pode-se dizer que ele era o braço náutico do C. A. Paulistano, um clube de elite fundado quatro anos antes e que, nas partidas de futebol do Velódromo, empolgava os paulistas mais abonados da belle époque”*.

Esta afinidade com o CA Paulistano propiciou a chegada de outro clube à Chácara, também muito associado – como já demonstrado – ao alvirrubro: a Associação Athletica das Palmeiras. O alvinegro da Avenida Angélica buscava um espaço para construir um campo de futebol e como o CR São Paulo não utilizava toda a extensa área da Ponte Grande, mas somente às margens do Tietê, o arranjo entre os dois foi bem-sucedido, a princípio.

Assim, no dia 27 de janeiro de 1904, a AA das Palmeiras inaugurou a primeira “versão” do Estádio da Chácara da Floresta – mal era possível chamar de estádio.

IMAGEM: A Chácara da Floresta (alto, à esquerda), o campo da Ponte Grande (abaixo) e o CR Tietê (quadras de tênis e área ao lado da Praça de Esportes)



As relações entre os dois clubes rapidamente se tornaram mais estreitas, a ponto de, em 15 de julho de 1905, se fundirem em uma só associação, que, todavia, nunca foi oficializada pelo fato de a Liga Paulista de Foot-Ball não aceitar o CR São Paulo como filiado. Desta forma, a AA das Palmeiras manteve o próprio nome, mas na prática, as duas entidades eram uma só, embora com nomenclaturas diferentes para cada modalidade esportiva.

Tudo correu bem até 1906, quando uma disputa de futebol (ah!, as paixões futebolísticas...) acabou por ocasionar uma cisão no CR São Paulo, que nada tinha a ver com o esporte. Naquela temporada, a AA das Palmeiras era, destacadamente, a melhor equipe do torneio e despontava para a conquista do primeiro título do clube.

No dia 30 de setembro, o time venceu o SC Internacional por 2 a 0 e comemorou, em campo, o título. No dia seguinte, o rubro-negro entrou com um pedido de anulação do jogo junto à Liga por causa de um suposto caso de evasão de renda (especificamente de subvenção de ingressos para terceiros, não-sócios da agremiação da Floresta).

“O Palmeiras tentou inocentar-se, solicitando inquérito policial, o qual foi concluído rapidamente, tendo as autoridades declarado nada haver apurado que incriminasse o clube”, afirmou Rubens Ribeiro, no livro “O Caminho da Bola”²². Entretanto, a assembleia extraordinária da Liga, de 22 de outubro, desconsiderou o parecer, manteve a anulação da partida e eliminou a AA das Palmeiras da competição.

Furiosa, a AA das Palmeiras mobilizou o CA Internacional de Santos, o Boqueirão FC, o Jundiaí FC e, claro, o CR São Paulo para fundar uma nova liga de futebol na capital paulista no dia 17 de fevereiro de 1907: a União Esportiva do Estado de São Paulo. Seria a primeira grande cisão do futebol paulista, não fosse o fato que essa federação não deu em nada...

O CR São Paulo tomou as dores dos palmeiristas e passou a retaliar os próprios associados relacionados também com o SC Internacional, especialmente Vitor Leite Mamede, um dos fundadores do rubro-negro. Parte dos sócios prejudicados do CR Paulistano (109 pessoas) abandonou a entidade, mudou-se para o Recreio Veneza (na margem norte do rio, hoje área aterrada pela retificação, entre a Ponte das Bandeiras e a Ponte Cruzeiro do Sul) e, em 6 de junho de 1907, fundou o Club de Regatas Tietê.

O novo clube, pouco tempo depois, mudou-se para a rua em frente à Chácara da Floresta (compreendida na margem sul do Tietê, entre as mesmas pontes), no Solar Couto de Magalhães.

Vida segue. No dia 21 de março de 1912, Alberto Menezes Borba e Frederico Steidel, proprietários da Chácara da Floresta, junto a outros donos de terrenos vizinhos, venderam a área à Prefeitura de São Paulo, então governada pelo Barão de Duprat. CR São Paulo e AA das Palmeiras, contudo, não foram desalojados. Ao contrário, as terras que usufruíam foram ampliadas após a negociação. O prefeito cedeu o uso de todo o espaço adquirido aos clubes sob regime de comodato. E, desde então, a região da Ponte Grande pertence a municipalidade.

Em novembro de 1913, de maneira abrupta, Borba, autoritariamente, decidiu fechar as portas do CR São Paulo, após desavenças internas entre os sócios e ele. Desta maneira, a Prefeitura aceitou a proposta do CR Tietê e entregou-lhe a parte da Chácara da Floresta utilizada pela finada agremiação. Assim, Tietê e AA das Palmeiras – que nada sofreu com o fim do clube irmão – se tornaram vizinhos.

Os sócios órfãos do CR São Paulo reorganizaram-se, em 26 de julho de 1914, e fundaram a Associação Atlética São Paulo, ocupando o mesmo Solar Couto de Magalhães. A entidade permanece ativa, atualmente, ali ao lado da antiga Chácara.

A mudança mais profunda e significativa na Floresta, entretanto, ocorreu em 1916, quando o Club Athletico Paulistano cedeu as arquibancadas do antigo estádio Velódromo para a AA das Palmeiras implantar no terreno de posse dela. Assim, verdadeiramente, nasceu o Estádio da Chácara da Floresta, que o São Paulo Futebol Clube veio a usufruir, 14 anos depois.

Contudo, a história de dança das cadeiras do bairro da Ponte Grande em relação a clubes esportivos não acaba aí. Em 17 de julho de 1916, o prefeito Washington Luiz arrendou a área sul da Chácara da Floresta, de 13 mil metros quadrados, para o incipiente SC Corinthians Paulista. No ano seguinte, esse time inaugurou o campo que ficou conhecido como “Estádio da Ponte Grande”. Os corintianos, todavia, lá permaneceram até 1927, mudando-se depois para o Parque São Jorge, na zona leste de São Paulo, mas também vizinho ao rio Tietê.

O clube que chegou para ocupar a área, após a partida dos alvinegros, foi a Associação Athletica São Bento, que comprou as instalações por 40 contos de réis. E tê-lo como vizinho foi um fato que muito causaria problemas ao Tricolor, posteriormente.

Desta forma, esta era a geografia esportiva da Chácara da Floresta e arredores quando do nascimento do São Paulo Futebol Clube, em 1930: na menor área, junto ao rio, o CR Tietê; a oeste e ao sul das terras anteriores, a AA das Palmeiras, também contígua ao curso de água. Ao sul desta, a AA São Bento, sem acesso ao fluxo do rio. Do outro lado da chamada Praça dos Esportes e da atual avenida Santos Dumont, encontra-se a AA São Paulo (e, um pouco além dela, o Clube Estrela de Natação – o qual ainda voltará à essa obra – e outras agremiações no Canindé). Na margem norte do Tietê, está o Clube Esperia.



22. Ribeiro, 2000

IMAGEM: Arquibancadas da Chácara da Floresta nos anos de 1930



OS PRIMEIROS DIAS DE EXISTÊNCIA

Como a ata de fundação do Tricolor só foi lavrada na madrugada do dia 26 de janeiro de 1930, os primeiros reportes de como ela se dera só surgiram na imprensa escrita no dia 27. Esses relatos apresentavam os quadros diretivos da associação, destacando a ausência da AA São Bento e estranhando os membros eleitos da AA das Palmeiras: "A votação se fez, de acordo com o critério extranho e exquisito que pouca gente compreendeu e lá apareceram somente os elementos do C. A. Paulistano e da A. A. das Palmeiras, desta mesma aquelles que haviam sido impugnados, anteriormente".²³

O jornal *A Gazeta*, dessa data, apontou que os primeiros passos do clube recém-fundado seriam a reforma da Chácara da Floresta, – "Estamos seguramente informados que é intuito da directoria da nova sociedade entrar immediatamente em obras, afim de melhorar as condições técnicas do campo para o cultivo do futebol" –, e a formação do plantel de jogadores, dos quais alguns já estavam definidos:

"Podemos adeantar que já se inscreveram para o S. Paulo F. C. os seguintes jogadores que militavam o Paulistano: Nestor, Clodô, Barthô, Sergio, Mario Andrada, Friedenreich, Joãozinho e Cassiano Passos". Tal inscrição, contudo, não era oficial junto à liga, ainda, no muito foi um termo de associação ao clube (os quatro primeiros jogadores dessa lista, e Friedenreich, assinaram a ata de fundação do Tricolor).

De modo geral, as conversas eram de que o São Paulo formaria um esquadrão de primeira linha, graças a muitos dos elementos do Paulistano. A coluna "Pão de Moloch", da *Folha da Manhã* do dia 29, porém, ironizou esses boatos:

"Desta maneira não é preciso que haja preocupações com o seleccionado brasileiro para o próximo Campeonato Mundial a se realizar em Montevideo. Basta mandar o quadro do São Paulo Futebol Clube e venceremos o Campeonato".

Não teria sido má ideia – haja vista o resultado posteriormente obtido pela Seleção na primeira Copa do Mundo da História. Mas, seguindo...

Quando surgiram os primeiros relatos abordando os motivos de a AA São Bento ter-se recusado a tomar parte na fundação do Tricolor, muitos viram a atitude como mau sinal, suspeitando que pudesse existir algo que, posteriormente, traria problemas aos fundadores da equipe, e, de todo modo, criticando a falta de harmonia naquele momento crucial:

"Infelizmente, a verdade é essa. O São Paulo F. C. nasce entre picuinhas", escreveu o jornal *Folha da Noite*, no dia 27 de janeiro.

Sem novidades. Como já foi descrito nesse livro, uma enorme sequência de picuinhas futebolísticas é que, justamente, levou à ideia de se fundar o Tricolor. Curiosamente, entretanto, um jornal do mesmo grupo do citado acima tratou de pôr fim a qualquer "conversinha" desabonadora à fundação e elucidou a situação comprometida da AA São Bento:

23. *Folha da Noite*, 27 de janeiro de 1930

IMAGEM: Fotografias da Chácara da Floresta



QUEM quiser verificar o progresso actual do football na orgulhosa Paulicéa, ha de forçosamente enfrentar a majestade do São Paulo Football Club. Em vendo e admirando as installações do prospero gremio, o observador lembra as flammulas do C. A. Paulistano e A. A. das Palmeiras.

E' que, do estado melhor de sua situação material e da condição apreciavel de sua pujança sportiva, uma fusão resultou neste novel club, que domina uma parte grande dos reductos paulistas, impondo as côres do São Paulo F. C.

E' a força, é a elite, é o elemento destacado, que communga com outros destacados elementos, no trabalho ininterrupto em favor da elevação sportiva do prospero



1º vice, Dr. Caldas; 2º vice, Dr. Benedicto Luiz de Oliv. José Martins B. da Cunha Luiz Pereira. Ahi vemos, séde, archiban tennis.

Estado, que anda a disputar com o Distrito Federal a hegemonia de tudo quanto se refira aos commettimentos eugenicicos do Brasil.

E' bem o São Paulo F. C. Club de Friedenreich.

Fundou-se — acta da reunião dos dois gremios citados — no dia 25 de janeiro



“Ora, o novel clube, segundo uns, já principou a fazer intriguinhas e o facto do S. Bento não ter partilhado da fusão salvadora, é apontado como medida de prevenção...”

Allegação infantil... É crença geral que os que agora estão gritando pela não participação do clube do sr. Lauro Gomes na união entre elementos do Paulistano com a A. A. das Palmeiras é apenas o fructo do despeito.

O veterano alvi-celeste, segundo parece, não está em boas condições. Dizem que não deve, mas que em compensação não tem um real de seu. Quería se agarrar com unhas e dentes a causa salvadora. Não o podendo, devido a questões surgidas entre os seus diminutos associados”.²⁴

O mesmo artigo ainda revela, sugerindo a real importância do clube alviceleste, que a AA São Bento tentou, então, unir-se a AA República, mas esta última recusou a oferta. Para a coluna, os detratores do novo clube eram “envenenadores da causa esportiva” e que “temem eles que esse clube cumpra o seu programma e venha a se tornar um perigo para a technica dos actuaes figurões”.

Superado esse aspecto em pouco tempo, logo outro tema despertou o interesse da cobertura jornalística: o fim da AA das Palmeiras. É importante notar que, enquanto os trâmites para a fundação do São Paulo ocorriam, as atividades sociais e esportivas do clube alvinegro seguiram normalmente, até certa data.

No domingo do dia 26 de janeiro, por exemplo, a AA das Palmeiras estreou no Campeonato Paulista de Polo Aquático, na piscina do CR Tietê, e o time de Max, Delphim, Raimo, Pamplona, Buff, Motta e Panna perdeu por 2 a 0 para a vizinha AA São Paulo.²⁵

Na verdade, a *Folha da Manhã* do dia 25 demonstra que esses esportistas e associados não estavam alheios aos processos paralelos, mas... “consta que a secção aquática do Palmeiras, apesar de muito reduzida, abandonará o clube se fôr feita a falada fusão com o São Bento e com o Paulistano. Esses rapazes são palmeiristas, ou então passarão para outro grêmio”.

Assim, era nítido que a fundação do São Paulo não era ponto unânime entre integrantes do clube da Chácara da Floresta. Uma coluna presente na *Folha da Manhã* de 1 de fevereiro demonstra bem a lamúria que foi a decisão para alguns dos sócios e torcedores mais entusiastas do antigo time:

“A veterana A. A. das Palmeiras, sem duvida alguma, uma das mais tradicionaes agremiações esportivas da Paulicéa, pois conta além do seu passado glorioso nada menos que 28 longos annos de vida, deixou de existir de um momento para outro, e da maneira mais lamentavel possivel.

Não vae todavia, nestas despretenciosas linhas a mais leve referencia ao S. Paulo F. C., e queremos crer que a sua fundação veiu trazer para o esporte paulista, ou melhor, para o futebol paulista um clube de elite, no que devemos concordar ser de grande utilidade.

O novel gremio, dados os seus principios, os quaes ja conhecemos em parte, está fadado para dentro de breve tempo constituir uma potencia quer no terreno esportivo, quer no terreno social.

Aqui porém, é que vamos justificar o nosso commentario. A directoria do clube recém-nascido foi inclemente para com os verdadeiros palmeiristas - aquelles que, apesar de reconhecer os desmandos alli verificados depois da morte de Virginio Guimarães, continuaram a defender o glorioso pavilhão alvi-negro.

Esses rapazes, os verdadeiros sustentaculos da veterana agremiação da Chácara da Floresta, de um momento para o outro se viram esbulhados de legitimos direitos, segundo os estatutos. Não dizemos dos seus jogadores de futebol. Elles eram em numero diminuto e, naturalmente, tinham pelo clube aquelle acendrado amor que caracteriza os futebolistas da Paulicéa - vestir hoje uma camisa e amanhã a do visinho...

Queremos referir-nos áquelle punhado de sócios e aos componentes da secção aquatica. Como é sabido, essa secção da A. A. das Palmeiras sempre contou com a dedicação de diversos esportistas que nunca temeram sacrificios para bem representar o clube. E, provar isso é facil. Basta abrir um jornal de uns dois ou tres annos atraz, para se verem na secção dedicada ao Palmeiras, os mesmos nomes que hoje ainda estão em actividade.

Mas, esse grupo de verdadeiros palmeiristas nem siquer foi consultado ou avisado da resolução tomada. Meia duzia de directores sem mais aquella segundo os proprios palmeiristas, venderam o clube!

E, agora que tudo isso aconteceu, a figura sympathica de Virginio Guimarães é mais lembrada do que nunca. Se aquelle esportista ainda vivesse, bem diferente seriam os fados do Palmeiras. Em primeiro logar a L.A.F. não teria desaparecido, e agora o seu clube predilecto não teria sido absorvido.

Os socios do Palmeiras (Que viveu até hontem) de hoje em deante estão no olho da rua. Elles terão até que pagar joia para continuar no S. Paulo F. C.!...

Mas, cabe essa culpa ao punhado de dissidentes do Paulistano que absorveu o alvi-negro?

Não! a culpa, a grande culpa é exclusiva dos directores dessa entidade que se agarram á fusão, talvez para não ter trabalho. Elles, na ansia de deixar o clube, nem siquer tiveram tempo para lembrar dos seus consocios.

Estes, esbulhados no nome do seu clube, nome aliás invejado e bem-quisto, esbulhados nos seus direitos sociaes, se quizerem ter o praser de continuar no mesmo local onde o clube amigo, o clube distincto e cavalheiro viveu, se glorificou e... se esbarrondou, terão que pagar nova joia, e constrictos bater no peito: “mea culpa! mea culpa!”

Como se um clube fosse um simples botequim de esquina foi a A. A. das Palmeiras vendida!

Infelizmente a verdade é essa. Neste Estado de Bandeirantes, nesta cidade de arranha-céos, em materia de esporte só vivem os clubes de colonia. Os gremios nacionaes, com raras excepções, não vivem – medram...”

Após a leitura desse texto é impossível não associar o fato com o mesmo ocorrido com o São Paulo Futebol Clube e o Club de Regatas Tietê em 1935 – mas esse assunto fica para depois...

24. *Folha da Manhã*, 30 de janeiro de 1930

25. *Folha da Noite*, 27 de janeiro de 1930



Associação Athletica Avaréense — de Avaré
Club Athletico Bragantino — de Bragança
Luzitana Futebol Clube — de Baurú

No mez de Janeiro do corrente anno, filiou-se tambem a esta Entidade o Campinas Futebol Clube, com séde na cidade de Campinas e classificado na Divisão do Interior.

Todos esses Clubes, com excepção de alguns, são sociedades que já anteriormente estiveram filiados á A. P. E. A.

DE LIGA

Tambem se filiou a esta Associação, no mesmo anno de 1930, a LIGA COLLEGIAL ESPORTIVA, com séde nesta Capital e composta de quadros dos principaes estabelecimentos de ensino de São Paulo.

CLUBES DESLIGADOS

Foram estes os Clubes desligados durante o anno de 1930, da A. P. E. A.: — o União Operario de São José, de São José dos Campos; o Cruzeiro Foot-Ball Club, de Cruzeiro; o Rio Preto Esporte Clube, de Rio Preto; a Associação Athletica Barra Funda, da Capital; e a Sociedade União Portuguesa de Esportes, tambem da Capital, — aquelles filiados á Divisão do Interior e estas duas ultimas, respectivamente á Primeira Divisão e á Divisão Municipal.

CLUBES QUE MUDARAM DE NOME

- 1) Club Athletico Silex, que passou a denominar-se CLUB ESPORTIVO AMERICA;
- 2) Cotonoficio Rodolfo Crespi Futebol Clube, que passou a chamar-se CLUB ATHLETICO JUVENTUS;
- 3) Associação Athletica das Palmeiras, que ficou sendo o SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE; e
- 4) Palestra Jundiahyense Futebol Clube, de Jundiahy, que se denomina actualmente PALESTRA ITALIA FUTEBOL CLUBE.

CLUBE TRANSFERIDO

Tendo desistido de continuar na disputa do campeonato da Primeira Divisão de 1930, foi transferido para a Divisão Municipal o UNIÃO LAPA FUTEBOL CLUBE.

Embora, tradicionalmente, considere-se o fim da AA das Palmeiras como o início da existência do São Paulo Futebol Clube, um momento mais significativo para os antigos sócios da primeira entidade foi a data de 30 de janeiro de 1930, quando, em reunião da direção, a APEA pôs fim à nomenclatura do clube alvinegro.

*“A directoria da APEA em sua reunião de hontem, aprovou a nova denominação da A. A. das Palmeiras que passa a chamar-se S. Paulo F. C. e a do Cotonificio Rodolpho Crespi F. C. que adopta agora o nome de F. C. [sic] Juventus”.*²⁶

E, mais do que isso, transformou, legalmente, a associação no próprio São Paulo. Para a APEA, a associação organizadora do futebol no Estado de São Paulo, na época, o São Paulo Futebol Clube era nada mais que a Associação Athletica das Palmeiras sob novo título, ocupando o mesmo registro.

O *“Relatório da Directoria da Associação Paulista de Esportes Athleticos Relativo ao Anno de 1930”*, único documento oficial que existe sobre esse ponto, por parte da entidade, enfatiza o fato, quando, na página 31 do livro, no capítulo *“Clubes que mudaram de nome”*, em seu item terceiro, diz: *“Associação Athletica das Palmeiras, que ficou sendo o São Paulo Futebol Clube”*.

O próprio São Paulo Futebol Clube reconhecia o mesmo nas letras do primeiro Estatuto da entidade: *“Art. 50.º - Sendo este clube fundado em continuação da A. A. Palmeiras, responderá pelo seu activo e passivo”*. E, futuramente, respondeu exatamente pelo expresso nessa linha, com cobrança da APEA relativa à dívida da AA das Palmeiras para com ela.

Por que razão, então, o Tricolor nunca se considerou assim? Nunca se considerou fundado em 1902, nunca se considerou campeão paulista de 1909, 1910 e 1915, etc... A resposta é bem simples e um tanto óbvia: por conta dos elementos dissidentes do CA Paulistano que alavancaram a fundação do São Paulo, e que eram muito mais influentes, em todos os meios, que os paredros palmeiristas. Reconhecer as marcas e conquistas da AA das Palmeiras, neste ponto, seria apagar as marcas e conquistas do alvirrubro de onde vieram e se sujeitar a ela.

“O interessante é notar os termos do comunicado [enviado pelo São Paulo]. No mesmo, diz, textualmente que o São Paulo F. C. foi ‘fundado’ em 26 [sic] do mez passado.

*Officialmente, entretanto o ‘novel’ é o Palmeiras com nome trocado. Officiosamente, o ‘novel’ é um grêmio ‘fundido’ pelo Palmeiras e elementos do Paulistano”.*²⁷

Para não haver conflito, todos os bônus da união seriam usufruídos pelos dois lados, ao passo de que, porém, os ônus couberam todos à AA das Palmeiras. Como se viu, o processo gerou descontentamento a vários sócios palmeiristas e uma pequena parte deles, de fato, não se associou ao Tricolor.

A seção aquática que ameaçou debandar, contudo, não estava entre eles – ao menos não na totalidade. Guilherme Schall, um dos grandes atletas náuticos do período, por exemplo, permaneceu no Tricolor, que seguiu disputando competições de polo aquático. E a cobrança de inscrição de associação, a chamada “joia”, não foi executada para os sócios do Alvinegro que desejaram se manter no Tricolor:

26. *Folha da Noite*, 31 de janeiro de 1930

27. *Folha da Noite*, 14 de fevereiro de 1930

IMAGEM: Relatório da Directoria da APEA de 1930

“A. A. das Palmeiras (comunicado oficial)

São convidados a comparecer à secretaria do São Paulo F.C., na Floresta, os sócios da A. A. das Palmeiras que quiserem fazer parte do quadro social do novo clube, afim de renovar os seus títulos de sócios e retirar as suas cadernetas do 1.º trimestre ou do ano corrente. Encontra-se diariamente, na secretaria do clube um diretor exclusivamente para atender-los, das 17 às 18 horas, até o dia 29 do corrente. Findo esse prazo, os sócios perderão todos os seus direitos, não sendo atendida mais reclamação alguma”.²⁸

Antes mesmo do final do prazo, os dissidentes tomaram uma atitude. A *Gazeta* de 21 de fevereiro relata que o grupo se mudou para terrenos do dr. Francisco Laraya, também às margens do Tietê, e manteve o nome do clube. A ação, todavia, deve ter sido de caráter informal ou apenas social. Ao que consta, foi no dia 7 de setembro de 1931 que a Associação Athletica da Palmeiras ressurgiu novamente para competições esportivas, de maneira organizada,²⁹ mas ainda somente em corridas de rua.

Desta vez, destituída do campo da Floresta, não possuía recursos e nos primeiros anos resumiu-se ao atletismo e natação. Em 1933, mesmo assim, o clube voltou ao futebol, ainda que na categoria amadora. Tomou parte na fundação da Federação Paulista de Futebol - FPF (que não é a mesma dos dias de hoje, criada em 1941), filiada à CBD, disputando campeonatos oficiais. O time, contudo, era uma incógnita, capaz de promover grandes vitórias, como 12 a 0 no República e 3 a 2 no São Paulo Railway (futuro Nacional AC), como retumbantes desastres, tais quais Albion (8 a 4), Casale Paulista (6 a 2), e União Guarani (também 6 a 2).³⁰

Não é possível afirmar as causas reais e a data precisa do fechamento desse clube, mas sabe-se que o time abandonou o futebol em 26 de novembro de 1933, quando, na partida de retorno da FPF contra o SP Railway, a AA Palmeiras entregou os pontos: perdeu por W.O. e nunca mais voltou a aparecer nos gramados paulistas. Existem registros que citam a mesma nomenclatura do clube em 1935 (localizado no bairro de Vila Maria) e 1939, mas não é garantido dizer que sejam exatamente a mesma agremiação.

A formação do primeiro elenco tricolor

O São Paulo Futebol Clube, como tal, somente voltou à luz pública quando começaram as primeiras movimentações esportivas da agremiação, anunciadas em jornais paulistanos no dia 1 de fevereiro e marcadas para o dia seguinte, às 10 horas, na Chácara da Floresta: aparentemente um simples treinamento no campo.

A convocatória solicitou a presença de 38 jogadores: Abate, Alves, Angelo, Annibal, Arthur, Barthô, Caetano, Clodoaldo, Cassiano, Duilio, Formiga, Faria, Infante, Jayme, Jahu, Joãozinho, Lara, Lima, Luizinho, Mario, Miguel, Milton, Nestor, Nettinho, Olavo, Octacílio, Passos, Romeu, Roque, Rueda, Seixas, Scott, Serrote, Sergio, Trigo, Villela, Waldemar e Zuanella.³¹

A maioria deles, claro, provenientes do Paulistano e da AA das Palmeiras, mas também alguns atletas “livres”.

Sabe-se que eram, antes, do Paulistano: Abate, Arthur (Friedenreich), Barthô (embora estivesse vinculado ao Corinthians), Caetano, Clodoaldo (Clodô), Cassiano, Formiga, Jahu, Joãozinho, Lima, Luizinho, Mário, Miguel, Milton, Nestor, Nettinho, Romeu, Rueda, Seixas e Zuanella. Do Alvinegro vieram, reconhecidamente, Alves, Faria, Octacílio, Scott, Serrote e Waldemar (Zecchi).

Contudo, além desses, Amadeu, Zito (dois ex-Palmeiras), Araken Patusca e Siriri (ambos do Santos), também foram ao treinamento, mesmo sem convite público. Aliás, longe de meramente um treino, o que se deu na Chácara da Floresta naquele 2 de fevereiro foi, verdadeiramente, uma peneira. Após uma primeira seleção, o então comandante técnico são-paulino, o ex-goleiro e também empresário João Chiavone montou duas equipes, uma com trajes da Associação Athletica das Palmeiras e outra com as cores do Clube Athletico Paulistano, e colocou-as em confronto em um jogo-treino.

As turmas estavam assim constituídas³²:

Palmeiras, de camisa preta: Nestor; Clodô e Barthô; Sergio, Rueda e Abate; Luizinho, Octacílio, Joãozinho, Jahu e Passos.

Paulistano, de camisa branca: Olavo; Lara e Trigo; Angelo, Amadeu e Alves; Siriri, Serrote, Friedenreich, Araken e Scott.

Acompanharam a partida alguns milhares de torcedores, ávidos por informações sobre o novo clube.

“A assistência que compareceu ao primeiro treino do São Paulo F. C., numa manhã chuvosa, aborrecida, demonstra bem as sympathias com que conta o clube que se destina a reavivar os tempos tradicionais do futebol paulista.

As archibancadas foram tomadas por um publico numeroso, inesperado. Tanto mais inesperado pela insignificância da publicidade feita em torno desse primeiro treino.

Os quadros treinaram com ardor, com o entusiasmo dos que iniciam uma obra nova. E a assistência acompanhou com interesse e carinho o desenrolar do exercício”.³³

Ao final da peleja, o time com uniforme da AAP saiu vencedor por 4 a 1, e a diretoria ofereceu um almoço a todos os envolvidos. Reza a lenda que, por ter deixado os atletas Friedenreich e Araken Patusca no time com os reservas, o treinador João Chiavone foi demitido pela diretoria, não chegando a dirigir o Tricolor em nenhuma partida oficial. Não é possível referenciar essa história, todavia, até mesmo por ser oficialmente desconhecido o técnico do time nos primeiros jogos de 1930.

Embora os atletas não tenham utilizado uniformes são-paulinos nesse primeiro exercício, um dirigente, ao suplemento esportivo do jornal *A Gazeta*³⁴, deu indícios de como seriam as vestimentas do clube, após o coletivo: “É mais ou menos o antigo uniforme do Palmeiras: camisa branca com duas linhas largas no peito: a de cima vermelha e de baixo preta”.

28. *A Gazeta*, 18 de fevereiro de 1930

29. *A Gazeta*, 18 de julho de 1931

30. Bettine, 2016

31. *Folha da Manhã e Folha da Noite*, 1 de fevereiro de 1930

32. Arakan: a revista dos sampaulinos, maio de 1942

33. *Diário Nacional*, 4 de fevereiro de 1930

34. *A Gazeta*, 3 de fevereiro de 1930



O dirigente de nome omitido ainda prometeu que as arquibancadas da Chácara da Floresta abrigariam cerca de 15 mil torcedores e contariam, também, com 100 lugares numerados para a imprensa, após reforma. Por fim, apresentou o possível time inicial: “Nestor; Clodô e Barthô; Sergio, Rueda e Abbate; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanella” e discorreu sobre a possibilidade de estreiar o conjunto no Torneio Início (o que, de fato, ocorreria) ou em um amistoso contra o Palestra Itália. A *Folha da Manhã*³⁵ chegou a dizer, sobre o suposto encontro, que “no dia deste jogo mobilizar-se-á toda a polícia de São Paulo”.

Outros treinos se sucederam, alternadamente, no mês de fevereiro, nos dias 6, 9 e 14, e em 1 e 6 de março, pois as atividades não eram uma rotina diária... Outros atletas foram tomando parte, enquanto alguns deixavam de comparecer. Friedenreich, inclusive, faltou em um destes treinamentos para se alinhar no time do Santos em amistoso contra a Seleção de Tucumán, da Argentina, no dia 9 de fevereiro.

Ao que consta, depois do dia 6 de março, quando dez atletas novos tomaram parte nos treinamentos (Alfredinho, Fagundes, Lívio, Mestres, Mosaner, Nelson, Orestes, Salles, Silva, Waldemar II), nenhum outro distinto foi chamado. Inicialmente o clube não contava com Araken e Siriri, que, apesar de participarem das atividades, com passes ainda presos ao Santos, estavam impedidos de jogar partidas oficiais.

De todo modo, a espinha dorsal do time já estava decidida. Restava, apenas, definir o dia da estreia oficial do Tricolor. Foram cogitados amistosos contra o Vasco da Gama, por sugestão deste time, no Rio de Janeiro e em São Paulo, conforme relatos da imprensa. Entretanto, tais partidas não ocorreram naquele momento.

Dois fatos contribuíram para o São Paulo não ter estreado oficialmente ainda em fevereiro de 1930. O primeiro foi a vultosa reforma da Chácara da Floresta (custou mais de 100 contos de réis), iniciada em 12 de fevereiro com a instalação de arquibancadas totalmente novas (as plantas destas, inclusive, foram elaboradas nos Estados Unidos) e de torres de iluminação, para futuros jogos noturnos.

O segundo fator foi que, apesar de ter o elenco definido, a papelada tardou a ficar pronta. Os primeiros atletas foram registrados na Associação Paulista de Esportes Atléticos somente no dia 12 de fevereiro e os principais nomes, como Friedenreich e Luizinho, não faziam parte, ainda, dessa relação. Mesmo fora do futebol e não participando da APEA desde 1925, o CA Paulistano tinha que liberar os “passes” de cada jogador.

“1) Mandar registrar os seguintes jogadores: divisão principal – [...]; Francisco Abate, José Miguel Gneco, Antônio Carlos Seixas, Joaquim da Cunha Bueno Netto (Nettinho); João Alvares Botelho de Miranda (Jahú), Nelson Alves Paschoal, Angelo Scavazza, Nestor de Almeida, Olavo Leonel de Barros, Waldemar Godoy, Miguel dos Santos Junior, Alfredo Teixeira (Alfredinho), Decio Alves de Lara e Rubens Marcondes Trigo, para o São Paulo F. C.”.³⁶

Nessa ocasião, os pedidos de registro de Mário de Andrade e Silva e Cassiano da Silva Passos, dois dos primeiros ídolos da história do CA Paulistano, também foram solicitados, mas os atletas nunca foram à APEA confirmá-los, e logo as solicitações caducaram, sem que, assim, oficialmente fizessem parte do São Paulo em algum momento da história.

35. *Folha da Manhã*, 6 de fevereiro de 1930

36. *Folha da Manhã* (Comunicado Oficial da APEA), 15 de fevereiro de 1930

IMAGEM: Treino do São Paulo na Chácara da Floresta: camisas do Paulistano e da AA das Palmeiras



O quadro de inscrições e registros na APEA, em datas posteriores, foi este:

Em 19 de fevereiro: Harold Hopkins e Arthur Friedenreich.

Em 21 de fevereiro: José Infante Vieira Junior.

Em 12 de março: Ataliba Leite Freitas, Alcebíades Fagundes, Archibald Scott, Lívio Malzoni, Sylvio Costa Boock, Luiz Mesquita de Oliveira (Luizinho), Sergio Juventino de Aguiar, Julio Zuanella, Afrodísio Camargo Xavier (Formiga), Clodoaldo Caldeira (Clodô), Octacílio de Toledo Barros, Antônio Guizeo Netto, Antônio Castro, João Mestres Alijostes, Caetano Caldeira, Milton Aguiar e Mamício Fernandes Villela.

Em 14 de março: Romeu Azevedo, Nestor dos Santos, Romeu Quaglio, Guarany de Vasconcellos Silveira, Durval Camargo Abreu, Napoleão Angelo Carlos Zecchi, Luiz Ramalho Alves, José Rueda e Bartholomeu Vicente Gugani (Barthô).

A estreia oficial do São Paulo nos gramados

Herdeiro da Chácara da Floresta, o Tricolor manteve também a tradição palmeirista de organizar o Torneio Início, na época daquele clube também chamada de “Festa da Paz”³⁷ – a peculiar competição de mata-mata, em que todos os times do campeonato se enfrentavam em um único dia, com jogos de poucos minutos, e que possuía número de escanteios como critério de desempate, foi promovida pela AA das Palmeiras de 1922 a 1929.

E, por não se tratar de um campeonato oficial, os atletas tricolores que não detinham o registro federativo puderam ir a campo mesmo sem ele.

Assim, no dia 9 de março de 1930, durante o Torneio Início realizado na Floresta, foi apresentado ao público o uniforme do São Paulo Futebol Clube: camisa branca com faixas vermelha, branca e preta à altura do peito, calção branco e meias pretas.

Foi também a reabertura oficial da nova Chácara da Floresta. “O logradouro ex-palmeirense acha-se com amplas acomodações, aptas a receber de 25 a 30 mil pessoas. Um estádio ‘mignon’, confortável e construído com relativa esthetica, localizado no melhor ponto da Paulicéa!”³⁸

A imprensa, de fato, ficou encantada com o estádio tricolor, e também com a velocidade com o qual ele fora reformado: “O S. Paulo F. C. realizou o prodígio nunca visto de doar-nos a melhor praça esportiva da Capital num prazo que medeia dentro de um mez. Num mez organizou-se ahi a estupenda ‘cancha’ da Floresta. Num mez incompleto, construiu-se um gramado similar aos melhores do Paiz!”³⁹

Por outro lado, os jornalistas tripudiavam o Palestra Itália, que havia prometido, havia tempos, um grande estádio, com a reforma da propriedade deles no Parque Antarctica, que, até então, não havia saído do papel. Mas, voltando ao Tricolor, o time estreou muito bem!

No jogo válido pelas quartas de final do Torneio Início, o Tricolor, escalado com Nestor; Clodô e Barthô; Abate, Rueda e Sergio; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken Patusca e Zuanella, subiu ao campo extremamente bem-saudado pela torcida: “A entrada do S. Paulo F. C. assignala uma verdadeira epopea: emquanto os ‘onze’ percorrem o gramado, retribuindo as aclamações da assistência enorme, ouve-se o estrondar de uma salva de 21 tiros”.⁴⁰

A melhor forma de agradecer a recepção calorosa foi vencer o Ypiranga com autoridade: 3 a 0, com gols de Formiga, Araken Patusca e Friedenreich. A edição esportiva de A Gazeta de 10 de março relatou como foram os tentos marcados:

- 1.º - ... “o São Paulo levou a efeito alguns ataques bem conduzidos e pela esquerda obrigou o Ipiranga a ceder o primeiro escanteio. Um minuto depois, a pelota ao ser disputada na área ipiranguista foi apanhada por Formiga, cujo tiro potente e certo entrou indefensavelmente nas redes”.

- 2.º - “Araken não teve dificuldade em fazer de longe o 2.º ponto dos seus com um chute bem dirigido, mas de fácil defesa. O lance foi produzido de trinta metros. Com o São Paulo ainda no ataque terminou a 1.ª phase”.

- 3.º - “... a seguir, Fried teve uma boa emendada, mas o balão passou alto. Entretanto, o velho mestre um momento mais fez o 3.º tento, em lindo estylo. Minutos mais e a lucta terminou”.

Essa curta partida, aliás, foi irradiada ao público pela Rádio Educadora Paulista – PRA-6⁴¹, a primeira emissora de rádio do Estado, posterior Rádio Gazeta AM e atual Rádio Gazeta Online, em razão do fim das transmissões em frequência AM, em 2019. Desta maneira, a primeira transmissão radiofônica da história do Tricolor foi justamente na primeira aparição oficial do time.

O bom clima da primeira partida desapareceu na semifinal. De acordo com a tabela original do torneio organizado pelo Tricolor, o Atlético Santista deveria enfrentar o Guarani e o São Paulo deveria jogar contra o Palestra Itália, mas... parece que a comissão promotora achou por bem alterar o chaveamento para Palestra Itália versus Atlético Santista e São Paulo contra Guarani, por entender que uma possível final entre clubes da capital seria mais interessante ao meio esportivo...

A triste decisão levou o Atlético Santista a desistir da competição e o público a apoiar massivamente o time campineiro contra o Tricolor. O jogo estava ainda sem gols marcados quando o Guarani abandonou o campo por um desentendimento quanto a uma saída de bola que seria escanteio ou não para os campineiros, que estavam atrás nesse critério, por 1 a 0.

Por causa disso, o São Paulo se classificou para a final. A decisão, contra o Palestra Itália (descansado pelo “bye” involuntário), acabou com o placar de 1 a 1, gol de Barthô. Porém, os são-paulinos perderam o caneco em razão do critério de escanteios obtidos (0 a 2).

Tudo bem, esse era um evento amistoso (que não foi tão amistoso assim). Jogo para valer, mesmo, só uma semana depois, no dia 16 de março: abertura do Campeonato Paulista. Mas como o time do Tricolor entraria em campo? Os vínculos dos atletas com a federação atrasaram e muito.

37. A Gazeta, 8 de março de 1930

38. A Gazeta, 7 de março de 1930

39. A Gazeta, 11 de março de 1930

40. Folha da Manhã, 10 de março de 1930

41. Folha da Manhã, 7 de março de 1930



Somente nos dias 12 e 14 de março é que (quase) todos os jogadores foram regularizados. Do time do Torneio Início, Siriri e Araken não foram inscritos.

O Campeonato Paulista, na época Campeonato da Divisão Especial da APEA, começaria no domingo seguinte. Todavia, o regulamento e a tabela do primeiro turno da competição só foram definidos na terça-feira, dia 11.

Fica registrada aqui a curiosidade de como sortearam os clubes para esse torneio: a tabela previa os confrontos A x B, C x D, E x F, etc. O Tricolor foi, justamente, o primeiro time sorteado (A), tendo como adversário o Ypiranga (B), no dia 16 de março.⁴²

Apesar dos pesares, depois de toda essa odisséia narrada até aqui, o grande dia chegara, e a arquibancada da Chácara da Floresta estava repleta de torcedores, das mais variadas classes sociais.

Como abertura do grande evento, foi realizado um jogo preliminar entre os segundos quadros (futuramente chamados de aspirantes) das mesmas equipes, que acabou com um placar dilatado a favor dos tricolores: 7 a 3.

Nestor, Clodô, Barthô, Boock, Zito, Alves, Luizinho, Milton, Friedenreich, Seixas e Zuanella, então, entraram no gramado da Chácara da Floresta para representar o Tricolor no primeiro jogo oficial da história do clube. Neste confronto principal, porém, o São Paulo conheceu logo de cara um grande problema do futebol nacional: a arbitragem.

O Tricolor, que durante todo o segundo tempo atuou com um atleta a menos (Zito abandonara o jogo devido a um mal-estar por extremo cansaço – e não eram permitidas substituições, na época), teve um gol, marcado por Luizinho (outras fontes atribuem a Clodô), anulado por Cid Rosso.

O árbitro deixou de conceder, ainda, três pênaltis a favor do time local, cometidos em cima de Friedenreich. Não é de se espantar a reação dos torcedores ao que se sucedeu: houve necessidade de intervenção policial, até, como mostra *A Gazeta* de 17 de março:

"Infelizmente, o encontro-estréia de hontem, na Floresta, deixou imenso a desejar sob todos os pontos de vista. Pelo lado social, a despeito de escolhida assistência que acolheu a veterana praça de esportes da Ponte Grande, foi aquella chuva de impropérios ao arbitro (ladrão pra cima!), bem como uma continua troca de doestos entre torcedores dos dois clubes.

- Indecência!

- Cafagestes!

- Chupeta!

- Oh! Trouxas!

E por ahi além...

Depois, quando o juiz deixou o campo, ao termino da partida, inumeros torcedores do gremio local quase lhe deram uma tunda mestra...

Correrias. Empurrões. Policia.

Edificante. Este, o lado associativo. O que toca a cordialidade...".

42. *A Gazeta*, 12 de março de 1930

IMAGEM: O primeiro time do São Paulo alinhado para um jogo oficial



Mesmo com o resultado insatisfatório (a partida acabou como começou, empatada em zero), e apesar dos desfalques e da atuação da arbitragem, o Tricolor não esmoreceu e já na rodada seguinte obteve a primeira vitória oficial da história do clube, logo com uma tremenda goleada: 6 a 1 em cima do Juventus, campeão da segunda divisão do ano anterior, com gols de Barthô, Friedenreich (3), Luizinho e Zuanella.

O time são-paulino, desse jogo em diante, aliás, emplacou um recorde absurdo que perdurou por quase quatro anos: marcou ao menos um gol em todos os jogos que disputou. Foram 355 gols em 104 partidas consecutivas, realizadas entre 23 de março de 1930 e 29 de outubro de 1933. Jogadores daquele elenco também obtiveram marcas importantes. Friedenreich, Clodô e Luizinho emplacaram mais de 60 jogos consecutivos alinhados entre os 11 são-paulinos, desde a estreia.

16.03.1930. Campeonato Paulista

São Paulo (SP), Estádio São Paulo Futebol Clube - Chácara da Floresta

SÃO PAULO Futebol Clube (SP) 0 x 0 Clube Atlético YPIRANGA (SP)

Árbitro: Cid Rosso

SPFC: Nestor; Clodô/capitão e Barthô; Boock, Zito e Alves; Luizinho, Milton, Friedenreich, Seixas e Zuanella. Técnico: Desconhecido

CAY: Joãozinho; Ziza e Zaca; Japonês, Guanabara e Russel; Salvador, Guinda, Pierino, Barruso e Álvaro. Técnico: Desconhecido

Jogos noturnos na Chácara da Floresta

Logo após estrear oficialmente nas competições esportivas, o São Paulo voltou a atenção, novamente, à Chácara da Floresta. A grandiosidade das arquibancadas – para a época – fez sucesso no meio esportivo, mas a ação seguinte foi a coroação do estádio como o melhor palco futebolístico da cidade: as torres de iluminação.

Apesar do que várias publicações antigas diversas e específicas do São Paulo dizem, a Chácara da Floresta não foi o primeiro estádio iluminado do Brasil, e nele não foi realizada a primeira partida noturna sob luzes de refletores fixos. *A Folha da Manhã*, de 20 de março, deixa bem claro:

“De há muito que vários clubes do Rio de Janeiro instalaram em suas praças de esportes numerosos reflectores, a custa dos quaes lhes tem sido possível realizar grandes embates, á noite, com o indispensável successo das bilheterias.... lançaram mão do recurso das lâmpadas electricas para satisfazer a todos os seus interesses”.

O estádio do Vasco da Gama, em São Januário, no dia 31 de março de 1928, quando recebeu os jogos América 1 x 1 São Cristóvão (preliminar) e Vasco da Gama 1 x 0 Wanderers, do Uruguai, foi o primeiro a abrir jogos noturnos, contando com iluminação de 65 refletores adequadamente instalados.⁴³

43. Becker, 2010

Desta maneira, na realidade, a Chácara da Floresta foi o primeiro estádio do Estado de São Paulo apto a jogos do tipo, sendo uma verdadeira revolução para o futebol local. Antes, na capital paulista, jogos noturnos foram disputados sob holofotes improvisados e faróis de bondes em 1923 e 1926.⁴⁴

O teste inaugural do sistema da Chácara foi realizado na segunda-feira, dia 17 de março, logo após a estreia no campeonato, com um treino entre elencos são-paulinos. Nele, tomou parte o médio-campista Bino, o primeiro jogador negro da história do São Paulo, recém-contratado da Ponte Preta.

O time principal entrou em campo com camisa da AA das Palmeiras e o reserva, com o uniforme do São Paulo. Na primeira etapa, os jogadores utilizaram bolas de couro normal à época, escuras, das quais uma ou duas acabaram se perdendo no CR Tietê, chutadas por cima das arquibancadas. No segundo tempo, os atletas voltaram ao gramado com bolas brancas, mais visíveis sob aquelas condições.

A invenção, depois consagrada em todo o mundo, foi obra de Joaquim Simões Gomes⁴⁵. Filho de escravos e nascido em Campinas, na Fazenda dos Alpes, da família Penteado, “seu” Joaquim foi motoneiro de bonde e cortador de papel antes de se tornar faxineiro na AA das Palmeiras, em 1925. No São Paulo desde 1930, ele assumiu o almoxarifado do clube, controlando o material esportivo dos jogadores. Assim, para não desperdiçarem bolas caras, a torto e a direito, por causa da escuridão da noite, Joaquim resolveu o problema pintando-as com cal branca.

Ainda assim *“alguns jogadores e muitos assistentes queixaram-se de explicável cansaço na vista e aquelles disseram ter extranhado o ambiente criado pela luz artificial. Provavelmente não se dará isso quando estiver completo o numero de reflectores e perfeita sua combinação”.*

Como visto por fotos e pelos relatos da imprensa⁴⁶, os 40 refletores de mil watts ainda não possuíam a potência necessária para iluminar todo o campo naquela ocasião, mas tudo estava bem encaminhado. *“Boa iluminação. A experiencia correspondeu á expectativa”.*⁴⁷

Ajustes foram feitos, com maior aglomeração de refletores da *Light* em cada um dos quatro postes de iluminação, de 20 metros de altura⁴⁸. Empolgada, a diretoria são-paulina pensava em inaugurar a praça iluminada já na quinta-feira, dia 20, contra o Palestra Itália.

“Fiat lux! Sim. No campo do S. Paulo F. C. fez-se a luz radiosa da electricidade. As experiencias feitas na Floresta coroaram-se de pleno êxito. Até que emfim! Quinta-feira o São Paulo F. C. estreará a sua illuminação nocturna com um jogo interessante. Na noite desse dia, o bando de ‘El Tigre’ enfrentará a temível turma do Palestra...”

“A Capital paulista póde jactar-se agora de possuir campo congênere aos melhores do Rio de Janeiro. Está sanada a lacuna sempre apontada do nosso futebol nocturno. Já podemos disputar jogos á noite, cousa dantes privativo, em terras do Brasil, sómente aos cariocas. A Floresta offerece magnífico aspecto com a sua nova installação electrica. Quinta-feira o publico aficionado accorrerá em massa ao campo da Ponte Grande. Não só a novidade do jogo nocturno attrahirá a assistência curiosa, mas em particular pelo reconhecido valor dos bandos litigantes.

44. Ribeiro, 2000

45. *A Gazeta Esportiva*, 18 de outubro de 1982

46. *Diário de S. Paulo*, 18 de março de 1930 e *Folha da Manhã*, 20 de março de 1930

47. *A Gazeta*, 18 de março de 1930

48. *A Gazeta*, 17 de março de 1930

*"Há grande curiosidade para se vêr uma refrega entre o Palestra e o São Paulo. Até quinta-feira, pois! – Ante-hontem, quando das primeiras experiências dos reflectores, a objectiva da "Gazeta", apanhou alguns aspectos do gramado. Pelos chichês inclusos, terão, pois, os leitores, uma ligeira ideia de mais esse importante melhoramento na antiga praça de esportes do extinto Palmeiras".*⁴⁹

O jogo pretendido, por causa dos ajustes e melhorias ainda necessárias, não ocorreu. A inauguração ficou para a sexta-feira, dia 28, com um grande confronto internacional: uma seleção paulista – então chamada de Combinado Paulista – e os estrangeiros do Club Sportivo Buenos Aires, recentemente vitoriosos em excursões a Chile, Peru e México.⁵⁰

Para se acostumarem às luzes, ambos os times treinaram na Floresta na noite do dia 26. Os paulistas fizeram um jogo-treino contra o SC Internacional, da capital, e venceram por 4 a 2 (gols de Heitor, 2; Friedenreich e De Maria – Juca e Sorrentino descontaram).

O evento de gala, no dia 28, começou às 20h10, com a partida preliminar, de 30 minutos, entre os segundos quadros de São Paulo e Corinthians. O resultado foi um auspicioso 4 a 0 dos tricolores sobre os alvinegros.

Às 20h50, começou a partida principal entre o Combinado Paulista e o Sportivo Buenos Aires. O time nacional, de camisas vermelhas, alinhou-se com Nestor; Grané e Del Debbio; Pepe, Bisoca e Serafim; Filó, Heitor, Friedenreich, Rato e De Maria. Eram são-paulinos ali, Nestor e Friedenreich (do Corinthians, Grané, Del Debbio, Filó, Rato e De Maria; do Palestra, Pepe, Serafim e Heitor; e, por fim, do Athletico Santista, Bisoca).

O resultado da peleja foi um estrondoso 8 a 1 a favor dos paulistas, com gols marcados por Rato, Filó (2), Heitor e De Maria, no primeiro tempo; e De Maria, Friedenreich, Lauri (descontando para os argentinos) e De Maria, mais uma vez, no segundo tempo.

O público que compareceu ao estádio para a partida amistosa foi excepcional, tendo a polícia obrigado o São Paulo a encerrar a venda de ingressos antes de a bola rolar, por causa de risco de superlotação.⁵¹ Apesar da boa renda obtida com o jogo – 57:000\$000 (cinquenta e sete contos de réis) –, pela aparência do público nas arquibancadas, esperava-se maior valor.

*"Forçosamente, deve ter havido muita gente que penetrou no campo sem estar munido do respectivo ingresso. A escuridão permitia passar por debaixo do panno e o elevado custo [do ingresso] encorajava a 'penetração', facilitada pela falta de luzes ao longo dos muros".*⁵¹

A Floresta sob a luz dos reflectores



49. A Gazeta, 19 de março de 1930

50. A Gazeta, 26 de março de 1930

51. Folha da Manhã, 29 de março de 1930

A formação do Trio de Ferro e os primeiros grandes jogos

No domingo seguinte, dia 30, a Chácara da Floresta recebeu o primeiro clássico da história do São Paulo, o jogo contra o Palestra Itália. E, sim, é possível dizer que o confronto já nasceu como um clássico – embora ainda não batizado como Choque-Rei (como se verá em capítulos vindouros) – por causa da expectativa criada por torcedores e imprensa, principalmente por causa dos atletas do Tricolor, que remetiam diretamente ao CA Paulistano.

*“... a que mais interesse despertava, era, sem dúvida, a entre o Palestra e o S. Paulo F. C. Antes da existência da L.A.F. conhecida era a rivalidade existente entre os elementos palestrinos e os aficionados do Paulistano. Este Club, extinto, desde que se dissolveu a Liga, teve todos os seus torcedores e jogadores transportados para as fileiras do S. Paulo. Dahi, conseqüentemente a esta velha torcida, o grande interesse que o embate despertava em todos os círculos esportivos”.*⁵²

De fato, o confronto atraiu um público massivo à Chácara da Floresta. Os ingressos haviam se esgotado 40 minutos antes do pontapé inicial. *“A assistência foi enorme, enchendo literalmente o stadium da Floresta. Às 15 horas as bilheterias fecharam devido a se achar o campo com sua lotação completa, de modo que foram numerosas pessoas a acompanhar o jogo unicamente pelas manifestações ouvidas de fóra do campo”.*⁵²

O jornal *A Tribuna*, de Santos, registra o público da partida que, para o autor, resgatou os bons tempos do futebol paulista: *“Uma multidão orçada em mais de 20 mil pessoas, tomava todas as dependências do campo da Floresta, numa ‘torcida’ cheia de ardor e que reanimava os contendores”.*

Os são-paulinos iniciaram o jogo com todo o gás e abriram o placar logo aos cinco minutos, com Friedenreich. Aos 15, o São Paulo já vencia por 2 a 0: o segundo tento fora marcado por Zuanella. Na sequência, de pênalti, Serafini descontou para os palestrinos. Contudo, a partida mudou na segunda etapa. A certa altura, Barthô impediu um gol adversário alegadamente de forma irregular (não fica claro em nenhuma fonte, mas possivelmente a bola bateu na mão do jogador, que estaria em cima da linha de gol). Criou-se um sururu, com direito a invasão de campo por um dirigente alviverde.

Com o recomeço do jogo, Amílcar, contrariado pela não marcação anterior por parte da arbitragem, *“entra pesadamente em Seixas, inutilizando-o para o resto da partida. Assim, actuando, pode-se dizer, com dez elementos, o S. Paulo não pôde resistir ao entusiasmo com que atuavam os seus adversários... A assistência reclama penal, mas o juiz dá escanteio”.*⁵² Assim, aos 30 minutos da etapa final, Heitor empatou o jogo. 2 a 2, placar final.

Ao que consta, todavia, os dirigentes palestrinos tentaram alterar o resultado desse confronto de uma maneira um tanto quanto estranha e original. *“A Comissão de Justiça da APEA manteve, na sua reunião de hontem, a sua decisão, dando como empate a pugna, não tomando, pois, conhecimento do recurso interposto pelo Palestra, que pleiteava a contagem de mais um tento para as suas côres”.*⁵² Ou seja, aparentemente, queriam considerar gol a jogada, citada acima, que terminou em Barthô.

52. Hemeroteca do São Paulo FC: álbum de artigos de jornais, 1930

Despautérios à parte, o Tricolor seguiu bem no Campeonato. Após empates, na estreia contra o Ypiranga e no jogo contra o Palestra, além da goleada sobre o Juventus por 6 a 1, na segunda rodada, o clube ficou no 1 a 1 contra a Portuguesa, no Cambuci, no dia 6 de abril, e venceu o Guarani, em Campinas (na primeira excursão do time são-paulino ao interior do Estado na História) por 3 a 1, no dia 13 desse mesmo mês.

Placares dilatados voltaram a ocorrer nos jogos dos dias 20 de abril (6 a 1 no América, do Ipiranga, com trinca de gols de Friedenreich) e 3 de maio (4 a 2 no Germânia). No dia 11, o São Paulo fez a estreia na cidade de Santos e empatou com o time homônimo em 2 a 2. Chegou a hora, então, de o Tricolor apresentar-se pela primeira vez na capital do Brasil.

Convidado pelo Vasco da Gama para visitar o Rio de Janeiro, então capital federal, o São Paulo foi extremamente bem-saudado e homenageado pelos anfitriões nessa primeira passagem, realizada em 13 de maio. A delegação chegou à beira do gramado em nove carros abertos para a recepção da torcida, e ao som de uma salva de 21 tiros de canhões, que anunciou *“a chegada dos paulistas que, em automóveis, circundaram o campo sob o delírio da multidão. Esse delírio atingiu o máximo de intensidade quando foi lobrigado o vulto do grande footballer paulistano, gloria do sport nacional, Arthur Friedenreich. Os fotografos bateram varias chapas e os teams reunidos no meio do campo, trocaram, em lindos gestos de gentileza, dois ricos bronzes”.*⁵³

Naquela ocasião especial (e somente antes do jogo), o elenco são-paulino apresentou-se trajado com belíssimos ternos e chapéus tricolores – uma vestimenta rara e poucas vezes utilizada. Dentro de campo, coube ao Vasco impor ao São Paulo a derrota pela primeira vez na história do clube recentemente fundado: 2 a 1 para os cariocas.

De volta a São Paulo, dois resultados ruins foram preponderantes para a classificação final do Campeonato: empate por 2 a 2 com o Syrio (dia 17 de maio) e derrota para o Corinthians, no Parque São Jorge, por 2 a 1 (dia 25), sendo essa a única partida perdida pelo Tricolor na competição de 1930.

Não que servisse de consolação, mas os primeiros troféus da história do futebol são-paulino foram obtidos pouco tempo depois, em partidas amistosas no interior do Estado e no Rio de Janeiro. No dia 14 de julho, o Tricolor foi a Espírito Santo do Pinhal (SP) e, vencendo a Associação Atlética Pinhalense por 3 a 1 no Campo da Villa Ramos, com gols de Luizinho, Friedenreich e Siriri, conquistou a Taça Nestor, ofertada pelos dirigentes locais.

Este jogo, aliás, marcou a estreia do técnico uruguaio Ramón Platero no comando do time – antes, ao que tudo indica, a posição era desempenhada pelo diretor esportivo, Mário Cunha Bueno.

E, partindo para o Rio de Janeiro, os são-paulinos derrotaram um combinado de jogadores do Fluminense e do Vasco da Gama por 3 a 1 (dois gols de Luizinho e um de Friedenreich), nas Laranjeiras, no dia 20, trazendo para São Paulo a Taça Dr. Cunha Bueno.

Na sequência do torneio da APEA, todavia, o São Paulo permaneceu 16 jogos invicto, com 12 vitórias e quatro empates, sendo três destes em clássicos (2 a 2 com o Palestra Itália, fora, em 21 de setembro; 3 a 3 com o Santos, em casa, em 23 de novembro; e 1 a 1 com o Corinthians, em casa, em 7 de dezembro); e o empate restante (1 a 1) com o Internacional, em casa, em 28 de setembro.

53. Hemeroteca do São Paulo FC: álbum de artigos de jornais, 1930



O JOGO NOCTURNO DE NOME

Uma partida emocionante e cheia de entusiasmo — O Palestra empatou com o combinado S. Paulo-Corinthians — A contagem foi de 6 a 6 — — — — —

Na Chacara da Floresta, efectuou-se hontem á noite, conforme estava annunciado, uma partida de futebol entre o Palestra Italia e um combinado constituido por elementos do E. C. Corinthians Paulista e do S. Paulo F. C.

Apesar de annunciado á ultima hora, o encontro logrou despertar interesse, sendo bastante grande a assistencia que procurou o campo do S. Paulo F. C., unico que se presta em nossa cidade a jogos nocturnos.

A preliminar era anciosamente esperada, pois, seriam contendores as duas escolas superiores de

Syrio, que foi o juiz da pugna, dá o apito inicial.

Fried impulsiona o couro e o combinado vae logo ao campo contrario. A defesa do Palestra intervem e Petro ensaia uma investida. Nascimento faz a sua primeira defesa. Aos cinco minutos, Siriri passa a bola a De Maria que a emenda com o pé direito, admiravelmente. Estava conquistado o primeiro ponto do combinado.

O jogo se desenvolve com excelentes lances, agradando bastante. Ministrinho investe e centra. Nestor faz a defeza e é carregado por Petro e Lara, marcando o juiz a falta.

uma pegada de Nestor, de chute de Lara.

Escanteio contra o Palestra. O meia-esquerda desse quadro, após, chuta sem direcção, desperdiçando uma investida.

Luizinho engana bem Volponi mas perde para Nigro. Lara passa a Osses, que investe e centra para fóra do campo.

A defesa do Palestra fura por duas vezes e Nascimento salva.

Aos 12 minutos, Gogliardo corta ostensivamente com a mão, na area perigosa, um opportuno passe de Ratto a Fried. E' ordenado a pena maxima, que Ratto transforma no terceiro ponto do combinado.



Desta maneira, o Tricolor terminou com o vice-campeonato paulista, somando 41 pontos e uma campanha de 16 vitórias, nove empates e uma derrota, com 77 gols marcados e 27 sofridos, ficando atrás somente do Corinthians, que somou três pontos a mais.

No que tange ao Trio de Ferro, em 1930, ainda cabe destacar três partidas muito peculiares ocorridas em junho e julho (que preciso enfatizar não serem jogos oficiais). Com a interrupção do Campeonato da APEA, por causa da preparação da Seleção Brasileira e da disputa da Copa do Mundo de 1930, no Uruguai, os clubes ficaram sem atividades oficiais. Resolveram, então, "unir forças" para promover eventos amistosos que atraíssem público às bilheterias.

Essa união, contudo, foi muito singular. Na noite de 10 de junho, na Chácara da Floresta, o Palestra Itália enfrentou um combinado de jogadores do São Paulo e do Corinthians. O resultado final foi um estrondoso 6 a 6. O Combinado SPFC/SCCP, trajado totalmente de branco, sem símbolos, atuou com Nestor*; Clodô* e Barthô*; Nerino, Guimarães e Munhoz; Luizinho*, Siriri*, Friedenreich*, Rato e De Maria (os nomes com o asterisco representam os atletas tricolores). Os gols foram marcados por De Maria (2), Guimarães (2), Rato e Luizinho.

Não bastasse, na noite de 3 de julho, também na Chácara, foi a vez de o Tricolor se unir ao Palestra para enfrentar um time que também era uma espécie de selecionado, o Hakoah All Stars, dos Estados Unidos, formado por profissionais húngaros judeus. O Combinado SPFC/PI, composto por Nestor*; Clodô* e Barthô*; Armiñana*, Gogliardo e Serafini; Ministrinho, Heitor, Friedenreich*, Lara e Osses, não foi bem-sucedido e perdeu para os estrangeiros por 3 a 2, com tentos anotados por Friedenreich e Lara. Dessa vez, o combinado utilizou a indumentária completa do São Paulo (ao menos na etapa inicial, que foi registrada em fotos) enquanto os visitantes jogaram de branco e azul.

Vale destacar, ainda, que Béla Guttmann, que em 1957 levaria o Tricolor à conquista de um título paulista, esteve em campo nessa partida, ao centro da linha média adversária.

Uma semana depois, em 10 de julho, no Parque Antarctica, o mesmo combinado foi a campo novamente, para dessa vez bater-se de frente contra o Combinado Corinthians/Ypiranga, nas festividades de aniversário do time da Colina Histórica. A mistura são-paulino/palestrina, vestida inteiramente de preto e elencada com Russo; Volponi e Loschiavo; Alfredinho, Bino* (Pedrinho) e Abate*; Ministrinho, Carrone, Friedenreich*, Siriri* e Luizinho*, ornou melhor e venceu a rival por 5 a 2, com gols de Luizinho (2), Friedenreich, Pedrinho e Siriri.

Ao longo dos anos, sabe-se que tais combinados duplos de tradicionais rivais voltariam a ocorrer em 1931 (20 de maio, Combinado São Paulo/Palestra 1 x 1 Combinado Corinthians/Syrio), 1934 (30 de dezembro, Combinado São Paulo/Santos 1 x 2 Combinado Flamengo/Fluminense); 1952 (30 de janeiro, Combinado São Paulo/Palmeiras 1 x 1 Deportivo Cali) e 1956 (11 de novembro, Portuguesa 3 x 2 Combinado São Paulo/Palmeiras).

Por fim, por ter sido citada a paralisação do Campeonato da APEA para a disputa da Copa do Mundo de 1930, é importante abordar como foi a relação do Tricolor com a competição e, principalmente, com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que organizou o quadro brasileiro no torneio.

IMAGEM: Fotografia e relato do jogo do Combinado São Paulo/Corinthians contra o Palestra Itália



Curiosamente, o Tricolor nasceu no mesmo ano em que foi realizada a primeira Copa do Mundo. E já naquela edição o clube contou com um representante no selecionado canarinho, embora os acontecimentos envolvendo Araken Patusca, o atleta em questão, sejam um pouco complexos e mereçam melhor explicação.

Araken, quando da convocação da CBD, estava expulso do quadro de sócios do Santos, mas ainda registrado na APEA como jogador daquela equipe. Assim, quando falamos em convocações da Seleção Brasileira, o jogador não aparece listado como atleta do Tricolor, pois, ainda que de modo questionável, estava inscrito pelo Santos no momento da escolha.

Todavia, o craque já se alinhava em campo pela equipe do São Paulo havia tempos. Em 13 de maio de 1930, ele estreou pelo clube no amistoso realizado no Rio de Janeiro contra o Vasco da Gama. Para constar, a convocação da Seleção ocorreu entre os dias 7 e 18 de junho daquele ano.

Por causa do litígio envolvendo o jogador, o Santos e a APEA, o craque não podia atuar em jogos de competição, mas o dia a dia do atleta, de treinos e partidas amistosas, era na Chácara da Floresta. O Santos posteriormente tentou revogar a expulsão proferida, mas Araken permaneceu no Tricolor, fazendo carreira no clube até 1935, e regressando ainda no final dos anos 30.

O caso de Araken não foi a única confusão na primeira Copa do Mundo. Houve uma série de atritos entre as federações paulista e carioca, que acabou ocasionando um boicote pela associação paulista, impedindo que outros ídolos tricolores convocados participassem do torneio. A APEA discordava e questionava a CBD sobre a chefia da delegação brasileira no Uruguai e a ausência de três jogadores paulistas na convocação: Ministrinho e Gogliardo (do Palestra Itália) e Feitiço (do Santos). Sem ser atendida pela federação nacional, a APEA proibiu que os seus filiados cedessem jogadores. Nova convocatória foi realizada pela CBD, agora somente com atletas cariocas.

Araken acabou sendo registrado, de última hora e de modo um tanto quanto “pirata” (aproveitaram-se do imbróglio com o Santos), como filiado à federação do Rio de Janeiro, podendo, dessa maneira, viajar a Montevideú.

O Brasil fez somente dois jogos na primeira Copa do Mundo. No dia 14 de julho perdeu para a Iugoslávia por 2 a 1 (gol de Preguinho). E no dia 20 venceu a Bolívia por 4 a 0 (dois gols de Moderato e dois de Preguinho). Araken só participou do primeiro jogo, permanecendo entre os reservas no segundo. O Brasil não conseguiu se classificar para a fase semifinal: a Iugoslávia vencera também a Bolívia, pelo mesmo placar, e terminou em primeiro lugar no grupo.

Haviam sido convocados para a competição, originalmente, e impedidos de ir ao Uruguai, os tricolores Nestor, goleiro, Clodô, zagueiro, Friedenreich e Luizinho, atacantes. Mas o fato mais triste foi o maior craque brasileiro do início do século, “El Tigre”, ter sido sacado de uma Copa do Mundo por bairrismo. O ídolo, contudo, ainda foi – oficialmente – o primeiro são-paulino a representar o clube em um jogo da Seleção Brasileira: no dia 1 de agosto, nas Laranjeiras, o Brasil derrotou a França por 3 a 2, com Fried como capitão do 11 nacional e autor do gol que deu a vitória aos brasileiros. Foi essa a única participação de Friedenreich no quadro da CBD como atleta do São Paulo.

CAMPEÃO PAULISTA DE 1931

O São Paulo Futebol Clube não havia completado ainda dois anos de existência quando, em 10 de janeiro de 1932, conquistou o primeiro título oficial da sua história: o Campeonato Paulista de 1931. A conquista, obtida com a goleada por 4 a 1 na casa do rival Corinthians (o Parque São Jorge), ficou para a posteridade como a principal vitória do time de Friedenreich, Luizinho, Araken, Armandinho e companhia, feito que valeu a esse time o apelido póstumo de Esquadrão de Aço.

Por mais estranho que possa parecer, não é possível afirmar com certeza quem era o treinador do Tricolor no início do campeonato de 1931. Graças à fusão vindoura com o CR Tietê, não existem documentos oficiais do período no Arquivo Histórico do São Paulo FC, atualmente. Nos jornais, raramente os nomes dos técnicos eram citados, mesmo em treinamentos. E, para complicar ainda mais, é bem possível que a posição, naquela altura, fosse ocupada pelo diretor esportivo ou pelo diretor de futebol – postos que ainda não eram cargos estatutários, e, assim sendo, não se encontram em registros.

De toda forma, sabe-se que no dia 27 de setembro de 1931, quando o Tricolor venceu a Portuguesa por 2 a 1, na Chácara da Floresta, pela 13.^a rodada do estadual, o comandante são-paulino à beira do gramado era o primeiro secretário da diretoria executiva, o sr. Luiz Oliveira de Barros.⁵⁴ Até então, embora mantivesse uma boa campanha, com oito vitórias, quatro empates e uma derrota, o São Paulo corria atrás do Palestra – fora justamente para esse rival a derrota são-paulina, na terceira rodada (3 a 2, no Parque Antarctica) – e do Santos, na tábua de classificação.

Foi então que, a 8 de outubro de 1931, o famoso ex-jogador e agora treinador Rubens Salles chegou ao Tricolor.⁵⁵ Salles fez carreira no CA Paulistano, onde foi campeão em 1908, 1913, 1916, 1917, 1918 e 1919, além de artilheiro da competição em 1910, com dez gols. Esteve em campo também, e como capitão, na primeira partida oficial da história da Seleção Brasileira, em 1914, contra o time inglês do Exeter City.⁵⁶

Com Salles no comando, o São Paulo deixou de oscilar e de perder pontos “bobos” (como nos empates contra Guarani e Atlético Santista, no primeiro turno). Na metade final do campeonato, o Tricolor deslançou com 12 vitórias e apenas um empate (novamente contra o encardido Atlético Santista, em 29 de novembro – 1 a 1).

Apesar de a partida decisiva ter sido realizada contra o time alvinegro da Capital, o Corinthians foi apenas o sexto colocado na classificação final do Paulista de 1931. O título, na verdade, foi conseguido em disputa acirrada com os outros dois rivais do Estado: o Palestra Itália e o Santos, que terminaram dois pontos atrás do Tricolor na tabela (o equivalente a uma vitória de diferença, na época).

O Palestra Itália liderou o certame por praticamente todo o torneio até a 20.^a rodada (faltando seis para o fim). Entretanto, na 21.^a rodada (6 de dezembro) foi goleado impiedosamente pelo Tricolor por 4 a 0, com três gols de Armandinho e um de Araken, na Chácara da Floresta. Esta goleada foi um trauma tão grande para os palestrinos, que eles juraram retribuí-la, até que em 1939 o São Paulo aplicou a maior goleada da história do Choque-Rei: um estrondoso 6 a 0, o que fez eles deixarem essa desforra de lado.

54. *Revista O Tricolor*, n.º 5, 6 de dezembro de 1931

55. *O Estado de S. Paulo*, 9 de outubro de 1931

56. *Arruda, Pereira & Woods. RSSSF Brasil, 2019*



Como decorreu o grande embate de hontem, na Floresta - O quadro de Fried demonstrou, nos dois tempos da luta, superior organização Araken e Armadinho (3) marcaram os pontos

NA PROVA SECUNDARIA HOUVE EMPATE DE 3 PONTOS

S. PAULO, 6 (Da succursal) — São Paulo esportivo reviveu, hoje, uma das suas brilhantes jornadas. A situação delicada em que se encontram os clubes vanguardeiros da tabella, veio encher de entusiasmo o nosso publico.

O campo da Floresta apanhou uma das mais formidaveis enchentes que se têm visto naquele recanto esportivo, mantendo-se a massa em communicativo entusiasmo.

Fez relebrar o tempo de ouro do nosso futebol, quando os embates finais do campeonato chamavam a campo tudo o que de esportivo São Paulo possuia.

O tricolor teve uma actuação técnica que não se sabe o que mais admirar, se a energia desenvolvida ou a accção envolvente de suas linhas.

Não se lhe aponta um ponto fraco, um senão. Defesa e ataque agiram com energia, com grande intelligencia e harmonia.

Por isso tambem não se pôde destacar nomes. A victoria foi insophismavel e convincente.

Uma jogada clara, cheia de emoções e de lances intelligentes.

O quadro palestrino agiu como ponde, como é do seu costume. Rapaziada entusiasta e dedicada.

Vendo um adversario aguerrido, empregam-se com tenacidade.

Na primeira phase supportou com ardor o assedio adversario, e procurou atacal-o. Mas a tarefa era ingloria, porque o São Paulo demonstrára-lhe superioridade.

Era fatal a derrocada, por isso que se percebia a inefficiencia palestrina. A defesa era o baluarte da turma, porque a linha não podia agir, por estar controlada perfeitamente pelos tricolores.

Se, na primeira phase, essa resistencia foi ainda firme, entretanto ella não ponde ser na phase final, e aos poucos a turma palestrina se foi desmantelando, até ser completamente subjugada.

O juiz, foi, sem duvida, a garantia do jogo.

Vejam as lutas:

2es quadros

PALESTRA:

Russo — Nigro e Miguel — Gino, Xingo e Adolpho — Faccioli, Carrone, Americo, Pedrinho e Armandinho.

S. PAULO:

Vigast — Caetano e Paris — Russo, Chiquito e Alves — Perez,



Em cima, um aspecto interessante do jogo, desenrolado em frente á méta do São Paulo. Vêem-se, na gravura, diversos jogadores do tricolor, attribulados em afastar o perigo, enquanto Romeu, ajoelhado, acompanha o resultado da jogada. Em baixo, outro lance perigoso para o S. Paulo: Clodó, escorado por Fabio, annulla uma investida palestrina

dia não ajuda. Barthô faz falta em Gogliardo, quase no meio do campo.

O centro médio palestrino bate o tiro livre, indo fóra. O juiz assignala um futeo de Heiter. Os nes apunha traa-petola adiantada e depois de bater Milton na ver-

Como a Ejig commenta o jogo

S. PAULO, 6 — A jornada de hontem, do Campeonato Paulista de Futebol era caracterizada pelo sensacional e esperado encontro entre os quadros do S. Paulo F.C. e os do Palestra Itália.

va, uma pagina das mais brilhantes.

O "onze" local foi a campo para ganhar e soube vencer. Brilhou com a maxima lealdade, sem o emprego de artificios. As quatro vezes que os seus deanteiros lançaram as redes, contadas a

"Poucas vezes, em partidas de campeonato paulista, tem se registrado, entre dois ponteiros, um resultado tão inesperado como o de ante-hontem na Floresta. Não é preciso outra prova para se ter a certeza disso, que aquella dos 'bolos'.

"Nunca recebemos tanto dinheiro, producto de 'bolos' sem vencedor. As diversas listas que nos foram entregues representam vários centenaes de palpites. Ninguém acertou o resultado, ninguém esperava o 4 a 0. Contagem sensacional, como resultado, mas que em campo, pelo que foi a lucta, não constituiu novidade alguma.

"Soube vencer, o melhor, traduzindo bem sua superioridade technica e táctica".⁵⁷

Com o resultado, houve um empate tríplice no primeiro lugar do campeonato: São Paulo, Santos e Palestra estavam no topo, com 35 pontos.

A derrota frente ao Tricolor baqueou muito os alviverdes, que na rodada seguinte perderam para o Santos em casa, por 2 a 1. Desde então, até a 25.^a quinta rodada, somente São Paulo e Santos disputaram a liderança do Paulistão. À altura da penúltima disputa, os dois times tinham 41 pontos, dois a mais que o terceiro colocado, o Palestra Itália. Mas o Santos tropeçou e empatou com a Portuguesa, por 2 a 2, fora de casa, enquanto o Tricolor venceu o Syrio na Floresta e o Palestra venceu o Germânia, por 5 a 2, no Parque Antarctica.

Assim, antes da realização da última rodada, no dia 10 de janeiro de 1932, o Tricolor liderava, mas somente um ponto à frente do Santos e dois à frente do Palestra.

"O São Paulo, o já glorioso quadro do consagrado mestre Arthur Friedenreich, é o 'jovem' do campeonato apeano. É o moço forte, cheio de saúde, cheio de technica, estuante de vida dos nossos campos officiaes. Tudo nelle vibra energicamente e já, com a technica apurada que lhe ministrou o incomparável Rubens Salles, em pouco tempo, dá vida e movimento ao campeonato da cidade. É elle o 'menino prodígio' deste campeonato. Dois annos apenas de luctas officiaes e já se avanta e colloca a mão sobre a taça máxima do Estado de São Paulo. Formidável, phantastico, o progresso technico da turma do aguerrido São Paulo".⁵⁸

Caso o time praiano vencesse o Juventus, fora de casa, o São Paulo perderia o título se fosse derrotado pelo Corinthians nos domínios dele. Se o incipiente clássico acabasse empatado, nessa situação combinada, haveria jogo extra decisivo contra os santistas. Ao Palestra cabia torcer contra os outros dois times, vencer o América da Capital (apesar do mando do jogo ser do América, a partida foi disputada no Parque Antarctica), e esperar a partida desempate contra o clube da Floresta.

Contudo, o Santos somente empatou com o Juventus por 1 a 1, e a vitória do Palestra por 6 a 3 sobre o América foi inútil, graças à atuação de Friedenreich, Araken e Armandinho na linha de frente são-paulina contra o Corinthians. O Tricolor dominou o adversário, na casa dele, desde o início.

Aos quatro minutos, após cobrança de escanteio, a bola caiu nos pés de Friedenreich, que passou para Armandinho. Este, com um chute cruzado, colocou a bola no canto esquerdo do goleiro Onça e abriu o placar para o São Paulo. O jogo seguiu aberto, mas com os tricolores desperdiçando mais oportunidades, com chutes além da meta.

57. Hemeroteca do São Paulo FC: artigos de jornais, 1931

58. A Gazeta Esportiva, 10 de janeiro de 1932

IMAGEM: Cenas e relato da goleada do São Paulo sobre o Palestra Itália em 1931

Depois de uma bola alçada na área, que o zagueiro Grané não dominou corretamente, a pelota sobrou macia para Armandinho bater de primeira para o gol, sem chances de defesa para o arqueiro rival, encoberto pela zaga: 2 a 0 para o Tricolor, aos 27 minutos da etapa inicial.

Melhores na partida, os são-paulinos partiram ainda mais para a ofensiva. Munhoz, de cabeça, impediu um gol de Friedenreich, na sequência. Os corintianos cederam faltando três minutos para o fim do primeiro tempo. Bino tocou para Araken. Fried, que se encontrava ao lado de Araken, partiu em disparada para a área adversária. Araken compreendeu a jogada e levantou a bola para o centroavante por cima da marcação. O goleiro deixou a meta e tentou interceptar “El Tigre” após o lançamento, mas o atacante tricolor foi mais rápido e, com um toque certeiro, mandou a bola para o fundo das redes: 3 a 0 para o São Paulo!

Antes do apito do árbitro, o Tricolor perdeu outra chance, com Araken e defesa de Onça, que mandou para escanteio. Encerrada a etapa inicial, “os tricolores, na saída, são ovacionados”.⁵⁹

Para surpresa geral, foi o Corinthians que marcou um gol logo após o reinício da partida, aos 2 minutos, com Guimarães. Descontado o placar, o Tricolor voltou à carga, com alguns bons ataques, embora só tivesse controlado efetivamente o jogo por volta dos 15 minutos. Aos 19, Armandinho correu à linha de fundo pela direita e cruzou para a área, Grané tentou cortar, mas o zagueiro “furou” categoricamente. A bola chegou a Araken, que ajeitou e fulminou com destreza. Onça ainda se atirou no lance, mas nem perto esteve de defender: 4 a 1 para o São Paulo!

“Balançam as redes... O sol aparece, festivo, como para saudar a vitória do S. Paulo, que está decretada, de uma vez... O público começa a retirar-se”.⁵⁹

O que se seguiu foi um vareio são-paulino. O arqueiro rival conseguiu, junto a algumas bolas atiradas ao léu pelos atacantes tricolores e ao fato de o juiz não ter marcado um pênalti em Luizinho, impedir um massacre ainda mais histórico. A poucos minutos do fim, o som de fogos e morteiros disparados das gerais tomou conta do cenário: era a torcida são-paulina em animada comemoração. No último lance, Grané salvou os corintianos mais uma vez, após chute de Luizinho. Fim de jogo: o resultado garantiu o primeiro título são-paulino na história!

“Com isso, finda o memorável prélio. O São Paulo é o vencedor por 4 a 1. Os torcedores invadem o campo e carregam, triunfalmente, os novos campeões”.⁵⁹

“4 a 1! Essa contagem num jogo entre contendores de tal categoria diz muito do valor dos tricolores que galhardamente souberam colocar o S. Paulo á frente de todos os clubes da Associação Paulista de Esportes Atleticos”.⁶⁰

Após a festa dos tricolores na casa do Corinthians, no Parque São Jorge, os torcedores fizeram uma passeata, do bairro do Tatuapé ao centro da cidade, visitando as redações dos principais jornais da capital e empunhando bandeiras, estandartes e faixas com menções ao título e aos grandes jogadores da conquista.

A diretoria e os jogadores são-paulinos comemoraram o título no salão de festas do Clube Commercial. A gala foi regada a canapés e coquetéis, como também a muitos gritos de torcida, tal qual o “Pim... Pam... Pum! São Paulo! São Paulo! São Paulo!”.

59. A Gazeta Esportiva, 11 de janeiro de 1932
60. Diário Nacional, 13 de janeiro de 1932

No meio da zorra, o reserva Faria começou a falar em japonês. “A cada palavra arrancava sonoras gargalhadas do vasto auditório. Dirigia uma piada a este, uma carapuça àquelle. E os aplausos não lhe eram regateados”.⁶¹

Tamanho festejo era mais do que justificado. A campanha final dos tricolores foi excepcional: 92 gols marcados em 26 jogos (média de 3,6 gols por partida), 20 vitórias, cinco empates e apenas uma derrota. Friedenreich terminou a competição como o principal goleador tricolor, com 32 gols, atrás de Feitiço (39), do Santos, na artilharia geral. Araken, com 16 tentos, Armandinho e Luizinho, com 15, também marcaram mais de dez gols no torneio.

Vale frisar que muito do mérito dessa campanha coube, também, ao treinador Rubens Salles. Questionado sobre isso, o técnico respondeu: “O conjunto melhorou sob a minha direção? Afóra a presumpção, estou a crêr que sim. Ademais, nenhum dos seus componentes se mostrou destituído de boa vontade e empregou aos prélios o máximo de seus esforços. Já é muita cousa. Que mais poderei querer?”.⁶¹

O resultado também coroou uma geração que amou tanto o Tricolor que, mesmo após os infortúnios de 1935, regressaria ao time nos anos seguintes para ajudar o São Paulo a se restabelecer como um grande clube do futebol brasileiro (foi o caso de Luizinho, Araken, Armandinho, por exemplo).

10.01.1932. Campeonato Paulista
São Paulo (SP), Estádio do Parque São Jorge
Sport Club CORINTHIANS Paulista 1 X 4 SÃO PAULO Futebol Clube

SCCP: Onça; Grané e Juvenal; Parras, Oswaldo e Munhoz; Filhote, Tony, Gambá, Bertoni e Guimarães. Técnico: José de Carlo.

Gols: Guimarães, 2/2

SPFC: Joãozinho; Clodô e Barthô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken Patusca e Junqueira. Técnico: Rubens Salles.

Gols: Armandinho, 4/1; Armandinho, 27/1; Friedenreich, 37/1; Araken Patusca, 19/2

Árbitro: Virgilio Friedrighi
Renda: 51:998\$000 réis
Público: 20.222 pagantes

61. A Gazeta Esportiva, 11 de janeiro de 1932

O S. Paulo F. Clube é o campeão paulista de 1931

5/7
GARANTIU-LHE A CONQUISTA DO TITULO A BELLA VICTORIA DE HONTEM, SOBRE O
CORINTHIANS — 4 A 1 FOI A CONTAGEM VERIFICADA

Após a brilhante vitória do São Paulo F. C., no encontro travado ante-hontem no estadio "Alfredo Schurig", os partidarios do tricolor festejaram o triunfo, organizando uma passeata pelas ruas do centro

Armandinho (2), Fried, Araken e Guimarães, autores dos pontos — Excelente arbitragem — O entusiasmo dos torcedores do tricolor — Outras notas





ASSOCIAÇÃO PAULISTA
DE
SPORTS ATHLETICOS



≡ Diploma ≡
DE
CAMPEÃO DE FUTEBÔL
SÃO PAULO F.C.
DIVISÃO PRINCIPAL
QUARTA



PRESIDENTE
Aguiar de Souza Aguiar

1913

SECRETARIO
[Signature]



CONSTITUCIONALISMO DE 1932

Recém-campeão da Divisão Especial da APEA, com a goleada sobre o Corinthians, fora de casa, em 10 de janeiro, o Tricolor começou os trabalhos da temporada de 1932 no dia 5 de março, após justas e merecidas férias ao grupo vencedor. A base do time era praticamente a mesma bem-sucedida do ano anterior, sem nenhuma novidade entre os jogadores. O time titular nos treinamentos iniciais, contudo, teve dois desfalques: Araken, contundido após uma partida pelo time de hóquei do Tricolor contra o Café HC (1 a 1, em 15 de março – o gol são-paulino, aliás, foi do atacante); e Luizinho, que se dedicava à formação acadêmica.

O elenco do São Paulo, que teve as inscrições renovadas de todos os atletas no dia 14 de março, era composto, naquele início de trabalho, por Joãozinho, Clodô, Barthô, Milton, Bino, Fábio, Luizinho (Peres), Armandinho, Friedenreich, Araken (Jahú) e Junqueira; além de Vidigal, Faria (Caetano), Neves (Sebastião), Iracy, Infante, Alves (Sasso), Carvalhal, Santos, Zecchi, Álvaro e Nilo, reservas. Buff, ex-Alpargatas, e Mário Martins, ex-Syrio, completaram o plantel principal em algumas atividades.⁶²

A relação completa de inscitos⁶³, que compreendia também o time aspirante e o time universitário, segue para registro histórico:

Antonio Furlan, Antonio Justino Meirelles de Oliveira, Antônio Guardos Junior, Araken Patusca, Alvaro Souza Machado, Archibald Scott, Armando dos Santos, Alvaro Braga, Albino de Oliveira, Arthur Friedenreich, Antonio Carlos Seixas, Angelo Scavazza, Alfredo Teixeira, Bartholomeu Vicente Gugani, Clodoaldo Caldeira, Caetano Caldeira, Calixto Carrara, Decio Alves de Lara, Euclides de Aguiar, Emilio Armiñana, Euclides Gonçalves, Fabio Villalva, Francisco Batalha Franco, Fausto de Andrade Junqueira, Fernando Cunha Corrêa, Guarany de Vasconcellos Silveira, Hugo Cariani, Herminio Faria, Harold Hopkins, João Carvalhal Netto, José Gabriel Perez, Januario Mazza, João de Devittis Filho, José Rodarte, João Ferraz Siqueira Netto, João Sasso, João Ataliba Marcondes Machado, Jovino Guedes de Macedo, José Torres, José Infante Vieira Junior, Joaquim da Cunha Bueno Netto, João Alvaro Botelho de Miranda, José Ferreira Keffer, Lysandro Bartholo, Lucio Nogueira, Luiz Ferreira de Oliveira, Luiz Mesquita de Oliveira, Livio Malzoni, Lauro Monteiro Pinheiro Lima, Luiz Ramalho Alves, Leslie Archibald Hopkins, Luiz Carlos Vidigal Pontes, Luiz Lopes Coelho, Mauro Alves dos Santos, Marcello Federicci, Mario Balestrero, Milton de Aguiar, Murad Salomão Saad, Miguel Cioffi, Miguel dos Santos Junior, Nagib Maia, Napoleão Angelo Carlos Zecchi, Nestor de Almeida, Nelson Alves Paschoal, Odilon Improta, Octacilio de Toledo Barros, Sylvio Costa Boock e Sergio Juventino Pereira; José Gonçalves dos Santos.

A grande diferença do São Paulo em 1932, todavia, estava fora de campo: Rubens Salles deixou o comando técnico do Tricolor dias após a conquista do Estadual*. Embora não se saiba, hoje, os motivos desse afastamento, tudo leva a crer ter sido por causas pessoais do treinador. Torcedores são-paulinos chegaram a se mobilizar com cartas e campanhas para que Rubens Salles retornasse à direção esportiva do clube.

“Associados do São Paulo F. C., seus adeptos e todos que vêm no grêmio da Floresta a expressão mais lidima do nosso futebol, não estão concordados, de maneira alguma, com o afastamento de Rubens Salles da direcção technica do Tricolor.

62. A Gazeta Esportiva, 11 e 18 de março de 1932

63. A Gazeta, 15 e 17 de março de 1932

*A Gazeta, 5 de fevereiro de 1932

IMAGEM: Friedenreich, armado e paramentado



“Assim é que, encabeçados pelo sr. H. Alvarenga, sócios e demais adeptos do núcleo de Fried assignaram um officio, cujos dizeres reclamam a volta do insuperável Rubens ao grêmio que, de maneira brilhante, tornou-se campeão da Paulicéa em 1931.

“Essa carta, que aquelle sr. teve a gentileza de nos mostrar e que é assignada por centenas de esportistas, vae ser encaminhada á pessoa do grande Rubens Salles”.⁶⁴

Para o lugar do vitorioso treinador, o São Paulo elevou o ex-jogador Afrodísio Camargo Xavier, o Formiga, no dia 10 de março e de modo interino.⁶⁵ Apesar dessa descontinuidade no comando técnico, a abertura da temporada de 1932 para o São Paulo não poderia ter sido melhor.

No dia 6 de abril, o clube venceu o America do Rio de Janeiro por 3 a 1, com uma trinca de gols de Friedenriech, em nebulosa disputa entre campeões paulistas e cariocas. Até hoje é difícil provar que o referido encontro tenha realmente valido uma taça de competição oficial (dos Campeões Estaduais de São Paulo e Rio de Janeiro).

Mesmo ocupando o posto provisoriamente, o começo do trabalho de Formiga foi promissor. Após a vitória da estreia e o tropeço fora de casa, contra o Vasco da Gama, em São Januário (por 2 a 4, no dia 12 de abril), o time conquistou mais um título para a crescente história são-paulina: o Torneio Início da Divisão Especial da APEA de 1932 – o segundo troféu em um espaço de apenas três meses.

Realizado no dia 24 de abril, nos domínios da Chácara da Floresta, a disputa dessa edição do Início contou com 12 times, dos quais quatro entraram já na segunda fase (São Paulo, Santos, Corinthians e Juventus), e a primeira partida do Tricolor foi contra o Juventus.

O time são-paulino para as partidas do dia foi composto por Joãozinho; Clodô e Barthô; Iraci, Bino e Fábio; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken Patusca e Junqueira. Assim alinhado, o Tricolor venceu o Juventus por 1 a 0, gol de Barthô, na primeira eliminatória.

Na semifinal, o São Paulo enfrentou o Santos, que havia derrotado o Corinthians por 2 a 0. O Tricolor encontrou mais dificuldades contra o adversário alvinegro, em jogo mais parelho, mas, ao fim da disputa, saiu vitorioso mais uma vez, agora por 2 a 1, gols de Araken e Armandinho.

A disputa final foi contra o Palestra Italia, lembrando o embate válido pela mesma competição dois anos antes, em 1930, que o Tricolor perdera na contagem de escanteios. Em 1932, porém, não deu para os alviverdes. Com gol do decisivo Barthô, o São Paulo venceu por 1 a 0 e faturou a taça!

Formiga ainda obteve mais um resultado positivo no comando são-paulino, a vitória por 4 a 2 sobre a Portuguesa, no Cambuci, a 1.º de maio. Ainda, a sequência de três resultados negativos atuando em casa, contra Palestra Itália (2 a 3), dia 8, Vasco da Gama (1 a 1), dia 12, e Germânia (2 a 3), dia 15 – na única vitória do atual EC Pinheiros sobre o Tricolor em toda a história –, todos válidos pela competição da APEA, custou o posto de treinador do ex-jogador.

64. *A Gazeta Esportiva*, 18 de janeiro de 1932

65. *A Gazeta Esportiva*, 11 de janeiro de 1932

Os dirigentes do São Paulo anunciaram para a função, no dia 18, o nome de Eugênio Marinetti,⁶⁶ um treinador com um abastado currículo àquela altura – comandara Botafogo, Fluminense e Atlético Mineiro –, tendo se transferido para o Tricolor diretamente do Palestra Itália após curtíssima passagem por lá. Marinetti era húngaro (nascido em Szolnok ou Géderlak, Império Austro-Húngaro, em 1891) e, na realidade, se chamava Jenő Medgyessy. Para melhor compreensão histórica, chamaremos de Marinetti, mesmo.

A estreia do treinador se deu no amistoso contra a equipe do Rui Barbosa, em São Carlos (SP). Na inauguração do campo da Vila Nery, o Tricolor goleou o time do interior por 4 a 1. Foi a primeira inauguração de estádio de que o São Paulo tomou parte como convidado de honra, na História.

Além de fomentar a mudança no comando técnico, a diretoria são-paulina também decidiu investir no grupo de jogadores. De Ribeirão Preto (SP), trouxe o famoso Orozimbo, do Commercial, que se registrou na APEA pelo Tricolor no dia 26 de maio. O goleiro Moreno, do Syrio, e o atacante Amleto, ex-Portuguesa, mas proveniente da AA São Bento, também foram contratados.

Com o time reforçado (e assim escalado: Moreno; Caetano e Barthô; Milton, Bino e Orozimbo; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken Patusca e Junqueira), o São Paulo venceu o Santos por 4 a 0, no dia 29 de maio, com dois gols de Armandinho, um de Araken e um de Luizinho, em partida marcada, também, pelo uniforme número dois do Tricolor, utilizado pela primeira vez na história, mas ainda sem escudo ao peito.

As modificações fizeram o Tricolor emplacar uma série de bons resultados – até porque qualquer novo tropeço, após os maus resultados do início do certame, acabaria com as chances de almejar a conquista do campeonato. No dia 6 de junho, derrotou o Syrio pelo placar de 2 a 0, na Floresta. Na sequência, o grupo excursionou pela primeira vez a Ribeirão Preto (como parte do acordo de pagamento por Orozimbo) e enfrentou o Commercial, no dia 12.

Faltando quinze minutos para o fim desse confronto⁶⁷, cujo placar exibia 3 a 2 para o São Paulo, uma alteração entre Armandinho e um defensor do time da casa motivou a paralisação do jogo, que não foi reiniciado. O clima ficou tão pesado que a delegação tricolor decidiu retornar à capital no trem noturno da mesma data, cancelando a partida que faria contra o Cravinhos FC no dia seguinte.

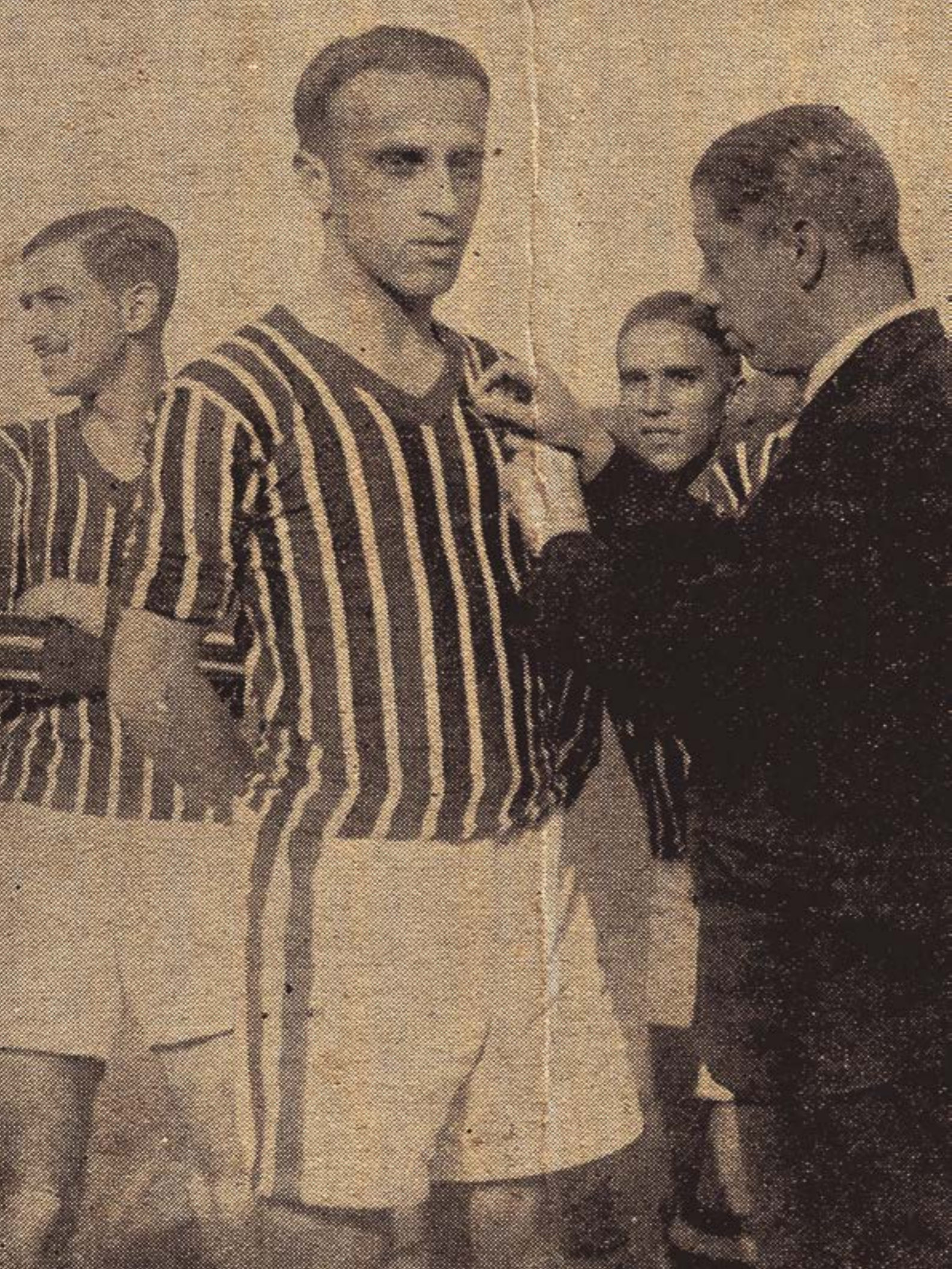
Marinetti e a nova formação são-paulina foram postos à prova, realmente, no jogo contra o Corinthians, no Parque São Jorge, em 19 de junho. Seria o primeiro retorno dos tricolores ao local onde faturaram o título mais importante do clube até ali, e certamente os alvinegros queriam a desforra.

Como parte da promoção do jogo e de uma campanha popular do jornal *A Gazeta*⁶⁸, foram entregues aos jogadores, às 15 horas, antes de a bola rolar, medalhas em honra ao título do Paulistão de 1931. Cunhadas pelo gravador Panelli, as 19 medalhas foram um prêmio para Biba, Friedenreich, Bino, Sasso, Junqueira, Armandinho, Milton, Alves, Rubens, Álvaro, Barthô, Nestor, Joãozinho, Siriri, Luizinho, Araken Patusca, Clodô, Fábio e o técnico Rubens Salles.

66. *A Gazeta*, 20 de maio de 1932

67. *A Gazeta Esportiva*, 13 de junho de 1932

68. *A Gazeta Esportiva*, 20 de junho de 1932



Nem todos puderam estar presentes no evento (como o ex-treinador) mas as condecorações dos ausentes foram postas aos cuidados do presidente Edgard de Souza, para posterior retirada.

A disputa entre “os campeões da cidade e os ex-campeões” findou com uma incontestável vitória são-paulina, assim mancheteada por *A Gazeta*⁶⁹: “*Melhor em forma e superior em tecnica, o São Paulo venceu o Corinthians por 2 a 0: Luizinho, em brilhante actuação, assignalou os dois pontos do São Paulo, um em cada phase*”.

Naquela altura do campeonato, após seis rodadas, o Palestra liderava sem nenhum ponto perdido e era seguido pelo Juventus, com apenas dois pontos desperdiçados. O Tricolor ocupava a terceira posição, com quatro pontos desperdiçados. Na semana seguinte, em 26 de junho, o São Paulo voltou a vacilar e empatou com a AA São Bento por 3 a 3 – o time chegou a fazer 3 a 1, de virada, sofrendo o empate a um minuto do fim do confronto. O resultado fez com que o Germânia ultrapassasse os tricolores na tabela de classificação.

Para não se desgarrar dos líderes, era imperativo vencer o SC Internacional, na Chácara da Floresta, no dia 3 de julho. O adversário era o lanterna da competição, e, sabedores de toda a situação, os jogadores tricolores pegaram pesado e aplicaram a maior goleada da história do clube até então (e a maior daquele torneio): 11 a 0! Foi a primeira vez que o placar de um jogo do São Paulo atingiu dois dígitos em um dos lados.

Luizinho e Araken, inspirados, foram os maiores responsáveis pelo massacre, marcando cinco gols cada um. Armandinho foi o autor do outro gol. Os tentos foram obtidos da seguinte maneira: Araken, 20min/1.ºT; Luizinho, 23min/1.ºT; Armandinho, 26min/1.ºT; Araken, 2min/2.ºT; Luizinho, 10min/2.ºT; Araken (cabeça), 12min/2.ºT; Luizinho, 14min/2.ºT; Araken, 18min/2.ºT; Luizinho, 21min/2.ºT; Araken, 27min/2.ºT; Luizinho, 39min/2.ºT.

Com o feito, por sinal, Luizinho assumiu a liderança da tabela de artilharia, com 13 gols, à frente de Romeu, do Palestra (dez), e Araken (nove).

O *Correio de S. Paulo*⁷⁰ afirmou, sobre a postura são-paulina, que “*há muito que não vemos os seus jogadores jogarem com tamanho entusiasmo. Deviam já há mais tempo ter tomado esta resolução que por certo faria com que o quadro não sofresse as derrotas que sofreu*”.

Com oito partidas disputadas e cinco pontos perdidos, enquanto o líder tinha conquistado todos os pontos com uma partida a menos, a missão do Tricolor era difícil, mas não impossível.

Para encerrar o primeiro turno, restavam ao São Paulo ainda os jogos contra Juventus, em casa, no dia 17 de julho; Athletico, em Santos, no dia 31 de julho; e Ypiranga, na Floresta, no dia 7 de agosto. Já o Palestra teria pela frente clássicos contra Corinthians, Santos e Portuguesa, além de um confronto difícil contra o bem colocado Germânia. Com a partida do retorno, entre tricolores e palestrinos, o campeonato estava aberto.

Mas algo imponderável, muito além das quatro linhas ou mesmo das salas de reuniões dos cartolas, modificou todo o cenário esportivo – e, na verdade, a vida de todos os paulistas: a eclosão de uma guerra.

69. *A Gazeta Esportiva*, 20 de junho de 1932

70. *Correio de S. Paulo*, 4 de julho de 1932.

IMAGEM: Armandinho premiado com medalha. Araken e Luizinho ao fundo



A Guerra

Visando à destituição de Getúlio Vargas da presidência nacional (após os acontecimentos de 23 de maio, onde Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo foram fuzilados em frente à sede do Partido Popular Paulista, que apoiava o governo federal), a Força Pública do Estado de São Paulo (antiga nomenclatura da atual Polícia Militar), tropas do exército da 2.ª Região Militar e grupos civis milicianos, às 20 horas e 30 minutos do dia 9 de julho, eclodiram um movimento – que não encontrou resistência alguma – para tomar posições estratégicas, como quartéis, ferrovias, postos telefônicos, rádios etc., em revolta ao presidente da República.

A meta dos beligerantes, então integrantes da denominada “Junta Revolucionária”, era obter apoio semelhante de partidários antigetulistas também nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, e forçar uma rápida troca de poder na Guanabara, após marcha triunfal pelo Vale do Paraíba, com consequente elaboração de uma nova Assembleia Nacional Constituinte, causa que batizou o movimento como conhecemos hoje: Revolta ou Revolução Constitucionalista de 1932.

Contudo, após quase três meses de conflito armado, os paulistas se viram isolados e tendo que defender o próprio Estado, praticamente sozinhos, em quatro das cinco frentes de combate, pois apenas Mato Grosso, sob o Estado de Maracaju – nome dado a um estado que existiu sem autorização da União, de 10 de julho de 2 de outubro de 1932 –, apoiou efetivamente a causa. Ao sul, combateram tropas gaúchas, a nordeste, tropas mineiras; a leste, por terra, o exército federal, e por mar, o bloqueio naval da Marinha do Brasil.

Quando os revolucionários se viram quase sitiados (forças aliadas federais já cercavam Limeira, Campinas e boa parte do Vale do Paraíba) e depois de tristes bombardeios realizados nas cidades paulistas, com dezenas de baixas civis, os líderes do movimento propuseram rendição ao Palácio do Catete no dia 2 de outubro, encerrando o confronto armado.

Neste capítulo, abordaremos as consequências esportivas e as relações do São Paulo Futebol Clube com a guerra.

Pouco antes de irromperem os tiros e explosões de canhões, curiosamente, paulistas e cariocas se enfrentaram em um jogo realizado nas Laranjeiras, disputando a Taça Equitativa. A Seleção de São Paulo venceu a Seleção do Rio de Janeiro por 3 a 2, no dia 5 de julho, com gols marcados por Romeu (dois) e pelo tricolor Luizinho. Tomaram parte nessa partida, também, os são-paulinos Junqueira, Orozimbo e Araken.

Como um mau augúrio dos dias posteriores, essa disputa acabou em confusão. Após uma penalidade requerida pelos cariocas e não marcada pela arbitragem, torcedores invadiram o campo e agrediram o juiz Theophilo Osses. *“A polícia entra em campo para garantir-o e evacuar o gramado. Os jogadores paulistas retiram-se e não mais voltam... Faltavam 15 minutos para o fim da partida quando se registrou o incidente”*.⁷¹

Após os primeiros conflitos militares, no dia 12 de julho, a direção da APEA se reuniu com Francisco Cunha Bueno (representando o Tricolor na ocasião) e decidiu suspender as atividades esportivas em todo o Estado de São Paulo.

71. A Gazeta, 6 de julho de 1932

“Esportistas às armas! Agora, ficaram de lado, o futebol, o remo, o atletismo, etc. e o nosso único pensamento é a Pátria, que quer se livrar da nefasta ditadura, que opprime S. Paulo e o Brasil. Nada mais nos empolga, nada mais nos preocupa neste momento histórico de São Paulo”.⁷²

Naquela altura, cabe lembrar, era esta a situação do campeonato:

- 1.º - Palestra Itália – 0 pontos perdidos
- 2.º - Juventus – 4 pontos perdidos
- 2.º - Germânia – 4 pontos perdidos
- 4.º - São Paulo – 5 pontos perdidos
- 5.º - Ypiranga – 7 pontos perdidos
- 5.º - São Bento – 7 pontos perdidos
- 7.º - Santos – 8 pontos perdidos
- 7.º - Syrio – 8 pontos perdidos
- 7.º - Portuguesa – 8 pontos perdidos
- 10.º - Corinthians – 10 pontos perdidos
- 10.º - Atlético Santista – 10 pontos perdidos
- 12.º - Internacional – 15 pontos perdidos

Na mesma ocasião, o São Paulo pôs a Chácara da Floresta à disposição do Departamento de Cultura Física – ou Educação Física – para a realização de exercícios militares dos alistados para o combate.

Tal mobilização ocorreu diariamente na sede do Tricolor de dia 16 de julho a 28 de setembro, na maior parte das vezes com manobras em dois períodos (manhã e tarde, ou tarde e noite).

O senhor Joaquim, o inventor da bola branca e almoxarife do Tricolor na Chácara, comentou essa triste passagem para o jornal *A Gazeta Esportiva*: *“Em 1932, na Revolução, o almoxaridado foi transformado em depósito de granadas. Passei 82 dias no meio delas, conversando com as granadas. Não gosto da guerra, irmãos matando irmãos. Cada granada que eu pegava, que removia, que limpava, que estocava, parecia trazer um anúncio de morte. Uma tarde uma rebentou na cara do meu amigo ‘Bicicleta’ e, ao explodir, matou também um tenente. Arrastei os corpos dos dois constitucionistas”*.⁷⁴

A Chácara da Floresta, na realidade, foi palco de treinamento para esportistas voluntários inscritos no chamado “Batalhão Esportivo”, parte do programa “Mobilização Esportiva”, do Departamento de Educação Física do Estado. Antônio Bayma, diretor desse setor, explicou ao *Correio de S. Paulo*⁷³ como se dava essa preparação: *“Grande parte desses esportistas, a maioria, se compõe de reservistas e em tal estado se apresentaram que já amanhã vão iniciar o treinamento em fuzil metralhadora”*.

Esse empreendimento foi, de fato, muito mais do que propaganda – apesar de também usado para tal. Atletas, dos mais variados esportes, foram para linhas de frente e, munidos de farda, capacete e fuzis, verdadeiramente guerrearam, estando dispostos a matar e a morrer pela causa que defendiam.

72. A Gazeta, 13 de julho de 1932

73. Correio de S. Paulo, 19 de julho de 1932

74. A Gazeta Esportiva, 18 de outubro de 1982

Um dos primeiros jogadores e tomar parte no confronto foi Luizinho, do Tricolor.

“Um bello exemplo que deve ser imitado pelos sportistas de São Paulo: Luizinho, do São Paulo F. C. parte para o ‘front’.

“Luizinho, o grande campeão do S. Paulo F. C. e do seleccionado apeano, a postos, seguirá hoje, á tarde, com seu batalhão, para o ‘front’.

“A nossa objectiva surpreendeu, garboso e entusiasmado, entre os soldados do Batalhão Fernão Dias Paes Leme, no momento em que o dr. Pedro de Toledo lhe passava revista, a figura sympathica do nosso muito conhecido Luizinho, o valoroso atacante do S. Paulo F. C.

“Luizinho, não só sabe defender S. Paulo com o futebol, mas, como o vimos, com um bello fuzil e um elegante uniforme, prompto a partir para as linhas de frente”.⁷⁵

Como se nota, Luizinho combateu em outro batalhão, anterior à formação do Esportivo, talvez servindo de inspiração para a criação do mesmo – que teve abertura oficial, com as instruções e práticas militares na Floresta, às 19h30 do dia 16 de julho.

Entre todos os atletas tricolores, sabe-se que, além de Luizinho, também tomaram parte na guerra Araken Patusca⁷⁶, o ponta Junqueira, o médio Milton – ambos no Batalhão Piratininga, do Mackenzie⁷⁷ –, o reserva Faria⁷⁸ e os nadadores Guilherme Schall⁷⁹ e Agostinho Oliveira. Mas muitos outros devem ter participado.

Sem clima para mais nada que não fosse o conflito, o São Paulo expediu o seguinte comunicado, reproduzido por *A Gazeta* e *Correio de S. Paulo*, no dia 14, suspendendo as atividades esportivas:

“Ficam avisados todos os interessados de que se acham suspensos, por tempo indeterminado, todos os exercícios deste clube.

“De acordo com o appello feito pelo Departamento de Educação Physica de São Paulo, este clube deliberou iniciar immediatamente o alistamento de todos os seus associados que desejarem prestar seus inestimáveis serviços em defesa da sagrada causa do Brasil, á qual São Paulo se consagrou de corpo e alma.

“Para esse fim foi constituída uma comissão composta dos srs. João B. da Cunha Bueno, Samuel de Toledo Filho e Luiz Marcondes de Moura, que se encontrarão à disposição de todos os associados das 8 ás 11 e das 13 ás 16 horas, na sede social.

“Aquelles que não puderem alistar-se na sede social, poderão fazel-o diretamente no Departamento de Educação Physica, á rua 7 de Abril, 21.

“Secretaria, 13 de julho de 1932 – João B. da Cunha Bueno, 1.º vice-presidente”.

Para alavancar o número de inscritos na “Mobilização Esportiva”, o maior craque do futebol brasileiro no período e principal jogador do São Paulo, Arthur Friedenreich, assumiu a posição de “garoto propaganda” da campanha revolucionária.

75. *A Gazeta*, 14 de julho de 1932

76. *Diário Nacional*, 22 de julho de 1932

77. *A Gazeta*, 21 de julho de 1932

78. *Correio de S. Paulo*, 20 de julho de 1932

79. *Diário Nacional*, 20 de julho de 1932

IMAGEM: Friedenreich em trincheira, à direita



“Friedenreich concita os sportistas a se alistarem. Por intermédio do Departamento de Educação Física, o conhecido sportista Arthur Friedenreich dirigiu ontem, pelo rádio, o seguinte apêlo aos seus colegas:

“Meus companheiros sportistas. Sportista há mais de 20 anos, como sabeis, sinto a energia física e moral que todos vós, também sportistas, certamente sentis. Sportista há mais de 20 anos, com serviços prestados ao meu clube, ao meu Estado, e – porque não dizer – ao meu país, tanto nos nossos campos, como nos do Uruguai, da Argentina, do Chile... Estado e – porque não dizer? – ao meu o direito de vos dirigir um veemente apêlo para que imiteis meu gesto, inscrevendo-os na Mobilização Sportiva, afirm de que todos juntos, defendamos a causa sagrada do Brasil. Tudo por S. Paulo num Brasil unido!”.⁸⁰

Fried, na sequência, alistou-se no 1.º Batalhão Sportivo. A ação deu resultado. Uma semana depois, no dia 26, a Mobilização já tinha 761 sportistas inscritos e aprendendo táticas militares na Floresta.⁸¹ Começaram, então, os preparativos para formação e treinamento de um 2.º Batalhão. No dia 30, a primeira turma foi “graduada”, e, dois dias depois, uma cerimônia oficial de colação e apresentação ao público foi organizada no campo do São Paulo.

“No campo do São Paulo F. C., na Floresta, realizou-se ontem, perante numeroso publico a cerimonia do batismo e entrega da bandeira ao 1.º batalhão sportivo, organizado pelo Departamento de Educação Física.

“Compareceram ao áto, entre outras pessoas, o tenente Jaime de Camargo, representante do exmo. sr. dr. Pedro de Toledo governador do Estado, os secretários da Educação, o da Saúde Pública e da Justiça, os representantes do secretario da Viação e chefe de Polícia e o sr. Antonio Prado Junior...

“Concluída a cerimonia, o 1.º batalhão sportivo desfilou em perfeita ordem pelas principais ruas da cidade, acompanhado de grande multidão e de numerosos automóveis, sendo entusiasticamente aplaudido em toda parte onde passava”.⁸²

A bandeira referida era a atual bandeira do Estado de S. Paulo – modelo “oficializado” nesse período –, que foi confeccionada por Maria Gertrudez de Faria e ofertada ao 1.º Batalhão Sportivo por intermédio do secretário da Educação e da Saúde Pública, dr. J. Rodrigues Alves Sobrinho.⁸³

Neste evento, “El Tigre” Friedenreich foi o elemento mais saudado pelo público presente às ruas.⁸⁴ O atacante são-paulino também foi a principal atração do embarque do 1.º Batalhão para a linha de frente da guerra, de acordo com *A Gazeta* de 8 de agosto:

“Era na Estação da Luz. O Batalhão Sportivo ia partir para o ‘front’. Do meio da multidão que o acclamava entusiasticamente, explóde uma voz de barytono:

- Oh! Fried! Recommendo-te boa actuação na linha de frente, heim?

Conta-se que o bravo futebolista esticou o pescoço na janelinha do trem:

- Não tenha dúvida, amigo. Entrarei no Cattete de bola e tudo!...”

80. *Correio de S. Paulo, 19 de julho de 1932*

81. *Diário Nacional, 27 de julho de 1932*

82. *Correio de S. Paulo, 2 de agosto de 1932*

83. *Correio de S. Paulo, 30 de julho de 1932*

84. *Diário Nacional, 2 de agosto de 1932*

Esse embarque se deu no dia 2 de agosto⁸⁵, às 11h30, rumo a Campinas, sede das operações constitucionistas na frente nordeste (chamada, à época, de Frente Leste). O comando do 1.º Batalhão Sportivo foi passado ao tenente-coronel Francisco Bastos e o vice-comando ao capitão Pedro Luz.

Aqui cabe um parêntese para dar contexto ao conflito até aquele momento. O confronto no setor nordeste, situado na divisa de São Paulo com Minas Gerais, na região da Mogiana, foi um dos mais belicosos do Constitucionalismo de 1932. Logo na primeira semana de embates, o Batalhão Fernão Dias Paes Leme, de que foram integrantes o craque Luizinho e o irmão do ex-técnico Rubens Salles, Fernão Salles, falecido em combate no dia 21 de julho, encontrou forte resistência federalista enquanto avançava para Jacutinga, Ouro Fino e Pouso Alegre, cidades mineiras.

No dia 20 de julho, entretanto, as tropas paulistas foram pegas de surpresa e emboscadas pela fuzilaria e artilharia adversárias vindas de Boca da Mata. O sangrento tiroteio, que durou até o dia seguinte e resultou em dezenas de baixas, terminou com a força paulista sendo obrigada a recuar para o distrito de Eleutério, às margens do rio homônimo, na cidade de Itapira, em São Paulo.⁸⁶

De Campinas, foi para esse bairro de Itapira chamado Eleutério que o 1.º Batalhão Sportivo foi destacado, à fim de defender a posição e, principalmente, a ponte sobre o rio Eleutério –, que sofria constantes ofensivas federalistas. O “batismo de fogo” da tropa se deu na virada do dia 4 para o dia 5 de agosto, conforme relato do capitão Pedro Luz, remetido ao Departamento de Educação Física:

“Mogy-Mirim, 6 de agosto – Saudações cordiaes – O 1.º batalhão sportivo foi baptizado hontem à meia-noite, com o mesmo entusiasmo com que partiu dahi, numa estrada formidável, fazendo os prisioneiros constantes dos jornaes de hoje, e cuja gloria pertente á 3.ª companhia, sob o commando do capitão Ulysses Soares de Campos... A rapaziada é formidável! Assim está demonstrando em Eleuterio!”.⁸⁷

Com uma semana de confrontos, o Batalhão Sportivo voltou às manchetes graças à bravura de Friedenreich: o ídolo são-paulino foi promovido de sargento a segundo-tenente pela atuação na linha de frente de Eleutério, conforme mostram as palavras do capitão Pedro Luz em outro comunicado telegráfico ao Departamento de Educação Física:

“De Mogy-Mirim – Tenho satisfação communicar-vos que foi promovido a segundo tenente sargento Arthur Friedenreich, pela sua acção brilhante nos últimos combates de Eleuterio, onde com muita dificuldade pôde distinguir-se entre os seus companheiros do 1.º Batalhão Sportivo, pois todos se batem como verdadeiros guerreiros... A promoção foi feita pelo commandante do sector, tenente-coronel João Dias de Campos, por proposta minha, que julgo ser bem merecida”.⁸⁸

Para se ter uma melhor ideia de como se davam essas batalhas, é válido tomar conhecimento da correspondência⁸⁹ do soldado Nino – futuramente conhecido como Nino Borges, o famoso cartunista – ao colega Judas, em que o combatente relata como se dera o “batismo de fogo” do Batalhão Sportivo:

85. *Diário Nacional, 2 de agosto de 1932*

86. *Carvalho e Silva, 1932*

87. *A Gazeta, 8 de agosto de 1932*

88. *A Gazeta, 13 de agosto de 1932*

89. *A Gazeta, 14 de agosto de 1932*



"O meu pelotão, denominado 'Pelotão do Tigre', foi conduzido para a primeira linha de fogo ao primeiro dia, às 5 horas da madrugada, tomando posição sob ensurdecadora manifestação de 'alegria' do inimigo, que nos recebeu com cerrada fuzilaria. Entretanto, depois de uma hora de fogo, já nos sentíamos a vontade, sabendo como nos defendermos das metralhadoras, tanto assim que permanecemos em nossas posições durante 36 horas, sob um fogo intenso, respondendo com galhardia a todas as manifestações do inimigo. O nosso 'baptismo' foi brilhante: serviram-nos todos os 'pratos' do 'menu': canhões, metralhadoras, fuzis, aeroplanos, enfim todas as 'delícias' de que 'elles' dispunham. Foi uma 'festa' encantadora que muito nos commoveu. Nós retribuimos às gentilezas do inimigo, accrescentando um 'prato' de que eles não gostaram muito ao que parece: 'trem blindado'.

"Cada vez que o 'blindado' sae a passeio, é uma algazarra medonha: Toda a rapaziada quer tomar parte no assalto; não é para menos: volta-se do 'passeio' com bons armamentos, munições, capotes e varias 'curiosidades' que o inimigo abandona na fuga. Durante o nosso combate, foram aprisionados um capitão, um tenente, um sargento e vários soldados inimigos que foram apanhados de surpresa.

Dizem os entendidos que o nosso combate foi o maior até hoje registrado na presente campanha: 36 horas de fogo contínuo!"

Apesar do considerado sucesso dessas alterações, as tropas paulistas não avançavam. Apenas conseguiam se defender. Embora o "trem blindado" fosse uma arma monstruosa, de fato, ele se tornava inútil com a destruição proposital da malha ferroviária cidades mineiras adentro. Em verdade, as forças adversárias eram na razão de uma para três, tanto em pessoal, quanto em aparato de guerra.

É até espantoso notar que nem todos os atletas/soldados possuíam capacetes de aço para o combate. Tanto que a APEA, no dia 9 de agosto, realizou uma reunião para formatar uma campanha para angariá-los junto aos clubes e torcedores. Nesse encontro, estiveram representantes de São Paulo – João da Cunha Bueno –, Palestra Itália, Juventus, Syrio, Ypiranga, Liga Allemã de Handball e Federação Paulista de Atletismo.⁹⁰

Efetivamente, grande parte da população mobilizou-se no esforço de guerra a fim de sanar as mais variadas questões de abastecimento militar. Campanhas similares surgiram em todos os nichos da sociedade paulista. A principal e mais famosa delas foi a "Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo", por vezes conhecida também como "Campanha do Ouro para a Vitória", criada pela Associação Comercial de São Paulo.

Inspirada nessa, A. J. Aguilar Luna, leitor do jornal *A Gazeta*, enviou ao periódico a seguinte sugestão, publicada na edição de 16 de agosto:

- a) Fazer-se um appello a todas as associações esportivas, clubes recreativos, etc., do Estado, no sentido de aderirem à Campanha do Ouro, entregando, num rasgo de são patriotismo, os trophéos conquistados em memoráveis pelepas esportivas e que representem material útil ao objetivo da campanha;
- b) Em troca dos trophéos offertados, as associações donatarias receberiam um Diploma de Honra, com dísticos apropriados, podendo este documento histórico ser desdobrado em outro, em forma de attestado, onde se fizesse menção dos donativos.

90. *A Gazeta*, 10 de agosto de 1932

IMAGEM: Faria e Friedenreich, companheiros em campo de futebol e de batalha



A APEA, nesse mesmo dia, adotou a ideia e se ofereceu para posto de recolha de “donativos que quiserem fazer em ouro, platina, prata, bem como medalhas e trophéus”.⁹¹ A própria liga abriu a campanha doando a medalha de ouro ofertada pelo presidente do Estado de São Paulo na ocasião da conquista do Campeonato Sul-Americano de 1919.

Dezenas de clubes contribuíram com medalhas e troféus. O Club de Regatas Tietê chegou a doar todos os que possuía⁹², e o Club Athletico Paulistano ofertou várias das conquistas do clube – mas posteriormente as resgatou com pagamento em espécie.

O mais ilustre troféu doado à Campanha do Ouro, entretanto, foi a famosa Taça Penteadado. Esse prêmio foi adquirido ao custo de 20 mil francos por Antônio Álvares Penteadado, em 1904, doado à Liga Paulista e posto em disputa no campeonato a partir de 1905. Em 1911, o Sport Club Americano, campeão da temporada, ganhou o direito de exibi-la nos domínios dele, mas a taça desapareceu quando estava sob posse da AA das Palmeiras, campeã anterior.

Apesar dos inquéritos policiais, ela não havia sido encontrada até que fora entregue à comissão da “Campanha do Ouro” com a seguinte missiva: “Um escafandro, passeando no rio Tietê, encontrou a ‘Taça Penteadado’. Aqui fica ella para que a Comissão da Campanha de Ouro tire della o maior partido possível para o bem de São Paulo”.⁹³

Em toda as pesquisas que realizei, até hoje, não encontrei menção ou registro algum que o São Paulo tenha doado troféus ou medalhas para essa campanha. Não que não tenha contribuído de alguma forma. A *Gazeta* do dia 24 de agosto atesta uma “valiosa contribuição do S. Paulo Futebol Clube. Communicamos da directoria da Associação Paulista de Esportes Athleticos: Foram feitos hoje na séde desta entidade os seguintes donativos: São Paulo F. C., 1 cédula-bonus pró-Constituição com o numero 543 do valor de 5:000\$”.

Sócios e ex-atletas também o fizeram: “Do sr. Carlos da Silva Passos, que militou nas hostes do C. A. Paulistano e S. Paulo F. C., tendo brilhado em vários quadros de futebol extra official, recebemos sete lindas medalhas para a campanha do ouro da victoria”.⁹⁴

Campanhas à parte, a formação do 2.º Batalhão Esportivo avançava. Os treinamentos seguiram na Chácara da Floresta, comandados pelos segundos-tenentes Mário Pagano e Mário Giorgetti, a partir do dia 2 de agosto (em dois períodos, 14h30 e 19h30). No dia 17, os preparativos foram encerrados, e o 2.º Batalhão recebeu homenagens e a bandeira do Estado em cerimônia oficial. No dia seguinte, sob comando do tenente-coronel Coriolano de Almeida, a 1.ª companhia dessa unidade embarcou para o fronte. Naquela altura, já eram mais de 1.500 esportistas alistados nos dois batalhões.⁹⁵

Na véspera desse embarque, à noite (às 23 horas), Friedenreich se pronunciou diretamente aos esportistas cariocas, lendo a seguinte mensagem em transmissão da *Rádio Record*:

“Companheiros de glórias esportivas do Rio de Janeiro! Quem vos dirige a palavra é Arthur Friedenreich. Cheguei hontem das linhas avançadas dos soldados da Lei e da Constituição. Para lá regressarei ao amanhecer do dia de amanhã. Estou com o Batalhão Esportivo. Todo São Paulo do esporte desde o glorioso 9 de julho, está em pé de guerra. Aqui não se cuida de esporte. Trocamos o manejo da bola, pelo manejo do fuzil, da metralhadora e dos canhões.

“Eu, que hontem manejava a pelota com desenvoltura, no dizer das crônicas esportivas, hoje manejo uma metralhadora com tal arte, que já consegui, no campo da honra, uma promoção.

“Luctamos pelo Brasil. Luctamos pela reintegração da ordem, da lei, da justiça e constitucionalização do paiz.

“Companheiros das gloriosas jornadas do campeonato sul-americano de 1919 e 1922: empenho a minha palavra de honra de que é falso o que propala a ditadura, de que somos separatistas. É mentira! Não pegamos em armas para conquistar a independência de São Paulo. Não. Pegamos em armas para conquistas, pela força, a Constituição imediata. Em quanto não tivermos conseguido isso, não deporemos as armas.

“Quero dizer-vos, também, que é falso que o movimento revolucionário de São Paulo obedece a manobras de velhos políticos. É mentira! A revolução é do povo. Não estamos filiados a nenhuma corrente política. Nunca fomos políticos. O paulista é apolítico. O paulista quer o regimen da ordem e da lei para proseguir no seu trabalho grandioso de construção, pela grandeza do Brasil.

“Esportistas do Rio e de todos os pontos do Brasil, vinde ao nosso encontro. Suspendel-as luctas esportivas, a exemplo do que fizemos aqui. Estamos empenhados, agora, numa lucta de honra. Devemos e precisamos vencer.

“Vinde ao nosso encontro, campeões cariocas! Sei que o vosso campeonato prossegue. Cessai as refregas esportivas, levantai-vos contra a tyrannia que há dois annos asphyxia e destróe o que os bons brasileiros há quarenta annos edificaram pela felicidade do Brasil.

“Attentai bem para o que ocorre aqui, em São Paulo, sómente no campo que mais nos toca no intimo: o Esporte. Todos os clubes mobilizados. A gloriosa APEA concorreu, para a campanha do ouro, com todos os seus riquíssimos e valiosos trophéus conquistados em duras e grandiosas luctas esportivas; todos os grandes e pequenos clubes a ella filiados estão se despojando de suas medalhas, bronzes e taças – tudo entregam ao governo para a consolidação da nossa arrancada, que será victoriosa, ninguém tenha duvida!

“O nosso regimento esportivo já lucta com o seu 1.º Batalhão nas linhas avançadas e já obteve grandes triumphos. O tenente-coronel Coriolano de Almeida já assumiu o commando do 2.º Batalhão Esportivo, o 3.º já está se exercitando na arte da guerra e dentro em pouco seguirá!

“É um espetáculo edificante, companheiros do Rio.

“Vinde ao nosso encontro, pois que a lucta é de honra e precisamos vencer. Suspendei as vossas actividades esportivas e substitui a pelota pelo fuzil, pela salvação do Brasil!”.⁹⁶

A resposta dos adversários de Friedenreich veio por meio da propagação de uma notícia falsa – propositalmente falsa –, criada com o intuito de esmorecer o moral das tropas paulistas e desmobilizar a campanha constitucionalista. A revista *Vanguarda*, de agosto (de data anterior ao pronunciamento de Fried, mas massivamente retransmitida por rádios e periódicos depois) publicou:

91. A *Gazeta*, 17 de agosto de 1932

92. A *Gazeta*, 24 de agosto de 1932

93. A *Gazeta*, 26 de agosto de 1932

94. A *Gazeta*, 21 de agosto de 1932

95. *Correio de S. Paulo*, 12 de agosto de 1932 (registro de 1.480 soldados)

96. A *Gazeta*, 18 de agosto de 1932

“De luto o sport continental: Friedenreich, morreu! (Santos Mello)

“‘Radio Record’, de S. Paulo, espalhou uma notícia chocante, desoladoramente triste. Anunciou à morte, em combate, de arma na mão, de Friedenreich, esse herói de jornadas luminosas. Um dia desses, Rubens Salles! Hontem: Friedenreich! E outros, muitos outros, almas incendiadas, succumbirão ainda, tendo por homenagem, a estética sombria das batalhas... Era o nome de mais radiosa projecção no painel sportivo continental. Era um índice bem valente do valor da raça. Desde hontem que elle não é, sómente, um herói de football”.

Com base nessa “reportagem”, as rádios que apoiavam o governo Getúlio Vargas, como a PRA-X, Rádio Phillips, logo trataram de expandir o alcance da mentira. A repercussão foi imensa. Até mesmo na imprensa estrangeira o boato foi relatado.

Na Argentina, o periódico *Crítica* estampou a manchete “La Muerte Epica de ‘el Alemancito’” (“A morte épica do alemãozinho”, como era conhecido), com uma gravura retratando cenas da vitoriosa carreira do jogador, como também do imaginado leito de morte, em um hospital.⁹⁷

Em Portugal, a mentira chegou com um mês de atraso. O diário *Sport*, de Lisboa, publicou no dia 26 de setembro que Fried veio a falecer “vítima da guerra civil que se está travando entre o Rio e São Paulo. A acreditar nas noticias dos jornaes, Friedenrech, depois de ferido em combate, veiu a fallecer no hospital para onde fora conduzido”.⁹⁸

O caso ganhou ainda mais relevo ao incluírem na lista de óbito (e de maneira tão falsa quanto) o ex-treinador Rubens Salles, que já tinha perdido o irmão no início dessa guerra. O ato foi vil por si mesmo, mas ainda mais grave quando visto o desrespeito pelos familiares das pessoas em questão.

Os jornais paulistanos desmentiram a morte do craque no dia 24 de agosto. A *Gazeta* proclamou: “*Outra mentira da dictadura!*”, afirmando categoricamente que nem Friedenreich, nem Rubens Salles, haviam falecido – destacando também outras ditas inverdades originadas do lado de lá da fronteira estadual (como fome, greves e falta de luz e água na capital paulista). O mesmo diário enfatizou, no dia seguinte, que “*Friedenreich continua no ‘front’ são e salvo!*”.

Uma carta do jogador aos familiares, para tranquiliza-los, veio exposta na sequência: “*Muitas saudades. Saude a todos. A respeito dos dois soldados nada posso dizer, pois elles não pertencem aos batalhões que aqui se acham luctando heroica e gloriosamente. Peço, caso possível, mandar-me algumas latas de frios ou doces em conserva. Vou bem e com aquelle entusiasmo que é de todos os paulistas empenhados na grande causa da Lei, do Direito e da Justiça. Beijo a todos, do sempre seu, de coração, Arthur Friedenreich*”.

Fried, porém, devido ao serviço militar, não fez nenhuma aparição oficial para desmentir o boato. Nos dias posteriores ao esclarecimento feito pela mídia, as notícias sobre as campanhas do batalhão esportivo rarearam. As notas se resumiam a “*Mais de 2000 voluntários inscritos*” ou “*Não se verificam baixas ou ferimentos entre os voluntários do Batalhão Esportivo*”, ao longo de toda a semana seguinte, salvo por dois acontecimentos – um trágico.

97. *A Gazeta*, 22 de outubro de 1932

98. *A Gazeta*, 19 de outubro de 1932

IMAGEM: Ilustração da suposta morte de Friedenreich do jornal *Crítica*, da Argentina



O primeiro, relatado pelo *Correio de S. Paulo*, nos dias 3 e 5 de setembro, informa que tanto o 1.º Batalhão quanto o 2.º Batalhão Esportivo se encontravam no setor de Itapira fazendo prisioneiros, mas uma companhia do segundo foi desmembrada e enviada para Vila Queimada, no fronte do Vale do Paraíba.

O segundo, lastimável, talvez seja o único caso de um atleta do São Paulo Futebol Clube falecido em combate; em qualquer guerra, em qualquer época.

*O jovem Agostinho de Oliveira, de 17 anos, integrante da equipe de natação e de polo aquático do Tricolor, faleceu no dia 7 de setembro em decorrência de ferimentos obtidos em combate quando lutava pelo Batalhão "Paes Leme".*⁹⁹

Agostinho tinha um futuro promissor na seara esportiva. Mesmo tão jovem, já havia se sagrado vice-campeão da principal prova de natação do Estado, na época: a Travessia de São Paulo a Nado, em fevereiro daquele ano.

O jornal *A Gazeta* do dia 9 de setembro trouxe o seguinte obituário do jovem são-paulino:

"Agostinho de Oliveira – A notícia da morte, em combate, do conhecido e estimado atleta Agostinho de Oliveira, pertencente ao quadro social do São Paulo F. C. repercutiu extraordinariamente em nossos círculos esportivos e estudantinos. Alumno do 5.º anno do Lyceu Pan Americano, Agostinho era, alli, estimado ao extremo, muito se destacando pelos dotes de inteligência e sensibilidade de coração.

"No esporte, foi uma das mais risonhas esperanças da nossa aquática. Na ultima travessia de São Paulo a nado, effectuada pela 'Gazeta' dia 28 de fevereiro p. p., Agostinho conquistou o segundo lugar, tendo, antes, em competições varias, obtido victorias esplendidas. Patriota, alma extravasando um entusiasmo robusto, elle partiu com o "Paes Leme" e na trincheira a sua bravura indomável não conhecia e nem via perigos. No emtanto, dias antes de tombar heróicamente escrevera a seu pae dizendo que, si morresse, não deixasse de receber a medalha offerecida por esta folha e guardasse as demais como uma recordação do filho que se batia, no campo, pela liberdade do Brasil.

"Agostinho de Oliveira morreu, aos 17 annos, longe dos paes extremosos mas ao lado de companheiros dedicados, era filho do sr. Alfredo Mariano de Oliveira e de d. Maria Pereira de Oliveira, residentes nesta Capital".

O mês de setembro seguiu com poucas informações sobre os atletas e os confrontos dos batalhões esportivos. Nos dias 13 e 14 de setembro¹⁰⁰, a primeira e a segunda companhia do 3.º Batalhão foram enviadas para os fronts, sem as formalidades ocorridas nas anteriores. O rumo da guerra não estava a favor dos paulistas, e a necessidade imperava. Cidades como Campinas e Guaratinguetá estavam sendo bombardeadas.¹⁰¹

No dia 27 de setembro, a última companhia do 3.º Batalhão Esportivo foi concluída e destinada para a linha de frente. *A Gazeta* do dia 29 relatou que, somando os três batalhões, 1.500 esportistas do Estado estavam, naquele momento, em combate, mas outros quinhentos ainda recebiam instruções e aguardavam regimento no campo da Chácara da Floresta.

Nesse momento, porém, o cenário da guerra soou alarmante para a cúpula constitucionalista. Todas as cidades paulistas fronteiriças a Minas Gerais e ao Rio de Janeiro estavam ocupadas por soldados de Getúlio Vargas. Os paulistas se aquartelavam em Campinas e Limeira. Caso alguma dessas barricadas caísse, o caminho ficaria aberto para as tropas federais invadirem São Paulo por terra.

Assim, depois de alguns dias de impasse e negociações, os paulistas, representados pelo chefe do Exército Constitucionalista e pelo comandante-geral da Força Pública de São Paulo, assinaram um tratado de rendição no dia 2 de outubro, na cidade de Cruzeiro, no Vale do Paraíba, dando fim ao conflito armado.

Com esse tratado, o coronel Herculano de Carvalho e Silva assumiu interinamente o governo do Estado de São Paulo, depondo Pedro de Toledo, até a chegada do interventor federal, Valdomiro Castilho de Lima, nomeado por Getúlio Vargas para a posição no dia 6 de outubro. Mas os paulistas não saíram totalmente derrotados do embate bélico. Nesse tratado, o chefe provisório da República se comprometeu a atender o anseio dos insurgentes por uma nova constituição.

Isso de fato ocorreu, em 1934, mas tal constituição, que garantiu sufrágio secreto e universal, justiça trabalhista e eleitoral, proibição do trabalho infantil e outros avanços sociais, teve vida efêmera. Em 1937, após novo golpe de estado, Getúlio Vargas desfez a carta nacional dos constituintes e instaurou uma versão própria, plenamente autoritária.

De imediato, para os paulistas, restou contabilizar o número de baixas ocorridas nas fileiras das tropas constitucionalistas. Estima-se que o número de pessoas mortas nesse confronto superou até mesmo os óbitos na campanha da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. No Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932, no Obelisco do Ibirapuera, na cidade de São Paulo, estão os restos mortais de 713 combatentes e 4 estudantes.¹⁰² A Força Expedicionária Brasileira (FEB) tem registrado o falecimento de 450 homens na Grande Guerra¹⁰³. Todavia, as mortes não contabilizadas oficialmente na batalha regional – incluindo civis – podem ter chegado a duas mil.¹⁰⁴

Agora, quanto ao Campeonato Paulista...

De volta ao futebol

Após três meses de inatividade esportiva, restavam ainda três jogos do primeiro turno, além do segundo turno inteiro, para o São Paulo encerrar sua participação no torneio estadual. Não havia muito clima para isso, porém. Na primeira semana após a rendição, muitos atletas, como Milton e Junqueira, do Batalhão "Caçadores de Piratininga", não haviam regressado das posições que ocupavam no Vale do Paraíba, por questões logísticas.¹⁰⁵

Apesar disso, a torcida, saudosa das pelepas apenas com pelotas de couro, exigia comprometimento do clube e dos jogadores. Em carta enviada para *A Gazeta*¹⁰⁵, Orlando Britto cobrou ótimo desempenho e treinos severos, visando ao título, pois "o *prélio contra o Juventus está às portas e o campeonato ainda não terminou*".

99. *Diário Nacional*, 10 de setembro de 1932
100. *Diário Nacional* de 13 e 14 de setembro de 1932
101. *A Gazeta*, 21 de setembro de 1932

102. *Governo do Estado de São Paulo*, 2007
103. *Donato*, 1987
104. *Maluf*, 1986
105. *A Gazeta*, 12 de outubro de 1932



OS VENCEDORES!



A "VI Travessia de São Paulo a nado" popularizou-se! E o resultado ahí está. Inscreveram-se 644 nadadores, responderam à chamada mais de 450 e classificaram-se, dentro do tempo estabelecido, 310 nadadores! Eos vencedores ahí estão, no "cliché" acima: Astubal de Barros, do Tietê, e Agostinho de Oliveira, do São Paulo F. C., que se classificaram, respectivamente, em 1.º e 2.º lugares! São nomes que saem na aquática paulista, para a sua maior gloria.

No dia 8 de outubro, o Conselho Superior da APEA decidiu concluir a edição do torneio de 1932 realizando apenas um turno, confirmando que para o Tricolor restariam apenas os jogos contra Juventus, Athletico Santista e Ypiranga, marcados para 20 de novembro, 4 e 18 de dezembro, respectivamente. Para as pretensões são-paulinas, tanto esportiva quanto financeiramente, tal posição foi um banho de água fria.

Os dirigentes do São Paulo foram voto vencido nessa assembleia. Eles desejavam a conclusão do primeiro turno e a realização do turno final com as seis melhores equipes classificadas do anterior, obtendo, assim, mais onze jogos para se disputar.

O calendário era apertado, de fato, mas urgências financeiras também pesavam. Todos os clubes paulistanos envolvidos no esforço de guerra não cobraram mensalidades dos associados, e, como também não tiveram receita de jogos no período, os caixas estavam à mingua. Apenas três jogos não ajudariam muito a contornar a situação. Mas Firmiano Pinto Filho, o representante são-paulino na APEA, após o encontro, resignou-se e mostrou qual era o verdadeiro estado de todos, naquele momento: *"No entanto, penso, agora, com os meus botões, que não deveríamos cuidar ainda de futebol. Antes de mais nada, a pacificação completa dos espíritos..."*¹⁰⁶

Não encontrei relatos de como a Chácara da Floresta se encontrava após os exercícios militares, mas os treinamentos dos jogadores voltaram a ser lá realizados, sem problemas aparentes, a partir de 13 de outubro. Friedenreich, "por motivo de saúde", foi a grande ausência sentida nessas primeiras atividades. "El Tigre", após aquele triste boato sobre sua morte, só fez uma aparição pública oficial na reapresentação ao clube, no dia 21 de outubro.

Uma história curiosa sobre o retorno dos atletas ao Tricolor, pós armas, é a que se sucedeu com o zagueiro do time aspirante Sebastião Teixeira. Quando o conflito eclodiu, em julho, Sebastião estava na capital carioca. Sem poder retornar para São Paulo, o jogador se viu forçado a procurar abrigo entre desconhecidos. O Vasco da Gama tomou conhecimento da situação do defensor e ofereceu-lhe emergencialmente tudo de que ele precisava naqueles dias de guerra. Para manter a condição física, ele até atuou alguns jogos pelo segundo quadro cruzmaltino. O São Paulo oficiou ao Vasco sinceros e efusivos agradecimentos por tal acolhida.¹⁰⁷

A primeira partida oficial do futebol paulistano após o conturbado movimento constitucionalista, embora não fosse de campeonato, foi na Chácara da Floresta, no dia 30 de outubro. O jogo do Tricolor contra o Syrio se deu em comemoração ao aniversário de fundação do clube alvirrubro, graças à oferta da diretoria são-paulina para a cessão do estádio. O São Paulo foi a campo com Moreno; Clodô e Barthô; Milton, Amleto e Orozimbo; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira; e goleou o adversário por 4 a 0 – com três gols de Araken e um de Friedenreich. Pela vitória, o São Paulo conquistou a Taça Trocadero.

Na véspera do retorno oficial ao campeonato, a diretoria são-paulina teve que vir a público desmentir um boato de fusão do clube com a AA São Bento. A *Gazeta* de 18 e 19 de novembro menciona que as negociações estariam avançadas e que na praça de esportes dos dois times seria erguido um estádio com capacidade para "milhares e milhares de pessoas". Luiz de Barros, secretário do Tricolor, afirmou desconhecer tal empreendimento, e Lauro Gomes, presidente da AA São Bento, afirmou ser "destituída de verdade" a propalada fusão.

106. *A Gazeta*, 13 de outubro de 1932

107. *A Gazeta*, 18 de outubro de 1932

IMAGEM: Agostinho de oliveira, com touca tricolor, falecido na Guerra de 1932

Vistos os acontecimentos passados e futuros, não é de se descartar a hipótese de esse projeto ter realmente existido, de alguma forma, já em 1932.

Ainda no que se refere a fusões, uma outra foi tentada, comprovadamente. No dia 21 de maio, foi realizada uma reunião de diretoria (ou assembleia geral) da Sociedade Híppica Paulista, entidade sediada no Chácara do Itaim Bibi, sobre a possibilidade de fusão dessa agremiação com o São Paulo Futebol Clube.¹⁰⁸

A maioria dos sócios da Híppica, contudo, e justificados pelo antagonismo de esportes praticados pelos dois clubes, votou contra a fusão, que foi totalmente descartada após o pleito.

Se fusões não deram certo em 1932, o mesmo não se pode dizer de afiliações. Uma semana após o fracasso com a Híppica, foi fundado, às 17 horas do dia 28 de maio, o Tricolor Futebol Clube¹⁰⁹, uma espécie de entidade subalterna do São Paulo, organizada pelo conselheiro Firmiano de Moraes Pinto Filho. A ideia do criador da agremiação era representar a associação “mãe” em competições de salão, como basquete, vôlei, etc., esporte que não tinham espaço na Chácara da Floresta.

O que não é possível entender é, se as razões para a existência do Tricolor eram essas, por que o sobrenome “Futebol Clube”?

Mas, enfim... Embora o São Paulo tenha vencido o Juventus, no dia 20 de novembro, por 1 a 0, na Floresta, o clube não tinha mais chances de conquistar o campeonato. De fato, com a vitória do Palestra por 3 a 0 sobre a Portuguesa, no Cambuci, na mesma data (e a anterior, sobre o Corinthians, pelo mesmo placar), o rival alviverde faturou o título da temporada. O Tricolor ainda venceu as partidas restantes contra o Athletico Santista, por 3 a 1, em 4 de dezembro, e contra o Ypiranga, por 2 a 1, no dia 18 de dezembro, ambas na Chácara, obtendo o vice-campeonato.

Não fosse a guerra e a falta de um segundo turno, talvez a classificação final do Tricolor pudesse ter sido diferente...

108. *A Gazeta*, 24 de maio de 1932
109. *A Gazeta*, 27 de maio de 1932

PROFISSIONALISMO, COPA DO MUNDO E CBD

O São Paulo teve a honra de inaugurar oficialmente o profissionalismo no futebol brasileiro, no ano de 1933, em uma partida contra o Santos. O primeiro jogo dessa nova era ocorreu em 12 de março e não poderia deixar de ser uma grande vitória são-paulina, uma goleada, para ficar bonito na história: 5 a 1 para o Tricolor sobre o Alvinegro, lá na Vila Belmiro, com gols de Friedenreich, o primeiro desta categoria, Araken Patusca (dois) e Waldemar de Brito (dois).

A história do profissionalismo no Brasil se mistura com a história do próprio São Paulo Futebol Clube. Como abordei nos capítulos iniciais, o Tricolor nasceu da união de dissidentes e jogadores da AA das Palmeiras e do CA Paulistano, fiel defensor do amadorismo, com a decisão desse último em abandonar o futebol quando a liga por ele fundada e defendida foi extinta, em 1930.

A prática, contudo, levou mais algum tempo até ser reconhecida de maneira oficial. No Rio de Janeiro, ela veio à tona com a fundação da Liga Carioca de Futebol (LCF) em 23 de janeiro de 1933 (que, entretanto, só realizaria a primeira partida da organização em abril). Em São Paulo, a Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA), organizadora do principal campeonato do Estado desde 1913, adotou o profissionalismo vinte anos depois, em 3 de março.

“Art. 1.º - É permitido aos jogadores registrados na A. P. E. A. receberem de seus clubes indenização em dinheiro, pelo tempo perdido de suas ocupações habituaes e empregado em treinos ou jogos de seus clubes, bem como para viagens e condução aos campos de esporte.

“Art. 2.º - Essas indenizações podem ser objecto de um contracto com as formalidades legais entre o jogador e o clube e devem ser devidamente escripturadas nos livros do clube e constar do balanço annual.

*“Art. 3.º - A A. P. E. A. não terá interferência nem responsabilidade alguma nas combinações e contractos entre jogadores e clubes”.*¹¹⁰

Em resumo, a ata da resolução do Conselho Superior da associação registrou, no artigo sexto do novo regulamento, o texto: *“Na ‘Divisão dos Fundadores’ é permitida a remuneração oficial dos jogadores e os contratos destes com os clubes, devendo a turma principal de todos os clubes ser constituída em sua maioria por jogadores remunerados”.*¹¹¹

Outras regulamentações surgiram em resoluções imediatamente posteriores, definindo pontos como o número máximo de jogadores com contratos profissionais (22) e amadores (50), e também remunerações por dispêndio de tempo dos atletas em treinos ou viagens. O São Paulo, inclusive, sob as figuras de Luiz Oliveira de Barros e Firmiano Pinto Filho, participou ativamente dessas novas regulamentações.

O único ponto defendido pelo Tricolor, que não foi posto logo de cara em vigor, foi a cobrança de ingressos para os associados dos clubes. Somente a AA São Bento votou junto com São Paulo, a favor desta proposta (e o Germânia se absteve). Contudo, bons anos depois, essa prática foi aceita.

110. *Correio de S. Paulo*, 8 de fevereiro de 1933
111. *O Estado de S. Paulo*, 5 de março de 1933

“Por que não vingou o projecto de profissionalismo apresentado pelo São Paulo F. C.

“Foram duas as formulas apresentadas para a transformação do regimen futebolístico local: a que venceu, e a que apresentou o S. Paulo F. C. Esta foi rejeitada por que não atendia as finalidades associativas.

“Por isso se explica o facto do Tricolor ter contado com o apoio apenas do S. Bento, ficando abandonado por outros grandes clubes como o Corinthians, Palestra, Santos e Portuguesa. Estes, de facto, desistiram de votar suas sympathias pelo projecto de profissionalização da autoria do sr. Luiz de Barros, devido a que exigia que os sócios dos clubes não mais tivessem direito á entrada gratuitamente nos prélios dos seus próprios grêmios. Isso importaria, a todos os clubes, não ter mais quadro social, ou pelo menos, a não mais ter associados interessados pelo futebol como é, de facto, a maioria dos sócios dos nossos grêmios.

“A inovação encontrou franca hostilização.

“Foi tão só por isso que a quase totalidade dos votos da reunião escolheu o novo regimen anunciado”.¹¹²

Campeão Paulista em 1931 e vice-campeão estadual do ano seguinte, para essa nova temporada de 1933, agora fortificada pelo profissionalismo, o São Paulo se reforçou contratando grandes nomes, como Hércules e Raffa, do Juventus, Iracino, do Botafogo de Ribeirão Preto, e Sylvio Hoffmann, do São Cristóvão do Rio de Janeiro.

A joia da coroa, todavia, foi a aquisição do brilhante centroavante Waldemar de Brito, junto ao Syrio: *“Waldemar assignou contracto com o S. Paulo F. C.: 4:000\$000 (quatro contos de réis) pela inscrição e 600\$000 (seiscentos mil réis) mensaes”.¹¹²*

O jogador terminaria aquela temporada com uma marca histórica, até hoje não superada: 49 gols marcados em 32 jogos! Isso ajudou a contribuir para que o ataque daquele ano terminasse com a incrível média de 3,74 gols por jogo e 17 goleadas aplicadas (metade dos 34 jogos no ano).

As goleadas do Tricolor em 1933:

- 6 a 2, 5 a 1 e 4 a 1 no Santos;
- 7 a 1 e 12 a 1 no Syrio (a maior goleada da história, placar repetido em 1945);
- 5 a 2 e 3 a 0 no Fluminense;
- 7 a 1 e 4 a 1 no Ypiranga;
- 6 a 1 no Corinthians (além de dois 4 a 2);
- 5 a 1 no Vasco da Gama;
- 7 a 3 no Flamengo;
- 7 a 4 no America-RJ;
- 4 a 1 no Bangu;
- 5 a 0 no São Bento;
- 4 a 0 na Esportiva São José¹¹³;
- 5 a 2 no Sãomanoelense.

112. Hemeroteca do São Paulo FC: álbum de artigos de jornais, 1933

113. Há possibilidade, ainda não devidamente comprovada, de este jogo ter sido 5 a 2 para o São Paulo

Mesmo os jogadores que havia anos atuavam no clube, cujos “passes” já constavam registrados na APEA, tiveram também que ganhar os primeiros contratos profissionais – para não se correr o risco de perdê-los por ofertas valorosas e tentadoras de outros times. O maior ídolo do Tricolor, Friedenreich, foi grande destaque na imprensa quando assinou com o São Paulo, confirmando permanência:

“Friedenreich assignou contrato para o São Paulo: ‘El Tigre’ jogará domingo, em Villa Belmiro, contra o Santos F. Clube.

“‘A Platea’ vae noticiar hoje, em primeira mão, uma nova que deve repercutir agradavelmente entre os admiradores do clube da Floresta: Arthur Friedenreich, o consagrado centro-avante patricio, o futebolista que assombrou os uruguayos, acaba de assignar contrato com o S. Paulo, gremio que defende desde a fundação.

“O grande campeão fez um contrato em condições vantajosas, recebendo 800\$000 (oitocentos mil réis) mensaes, 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) por jogo ganho, 100\$000 (cem mil réis) por jogo empatado e 50\$00 (cinquenta mil réis) por jogo perdido.

“Podemos afirmar que domingo vindouro, em Villa Belmiro, no prélio inter-municipal contra o Santos F. C., o veterano campeão envergará a camisa tricolor. Está assim, confirmada a nota dada, pelo nosso jornal há tempos, segundo a qual afirmamos a continuação de Fried na família das três côres”.¹¹⁴

Mas sem se adiantar mais os fatos, é preciso voltar para aquele mês de março de 1933. Na véspera do jogo inaugural do profissionalismo, o Tricolor, recém-desfalcado do técnico principal, Eugênio Marinetti, que deixara o clube para treinar o San Lorenzo de Almagro, realizou um treinamento na Chácara da Floresta sob o comando dos veteranos ex-jogadores Afrodísio Xavier, o Formiga, e Clodoaldo Caldeira, o Clodô, revelando ao público o plantel para a temporada.

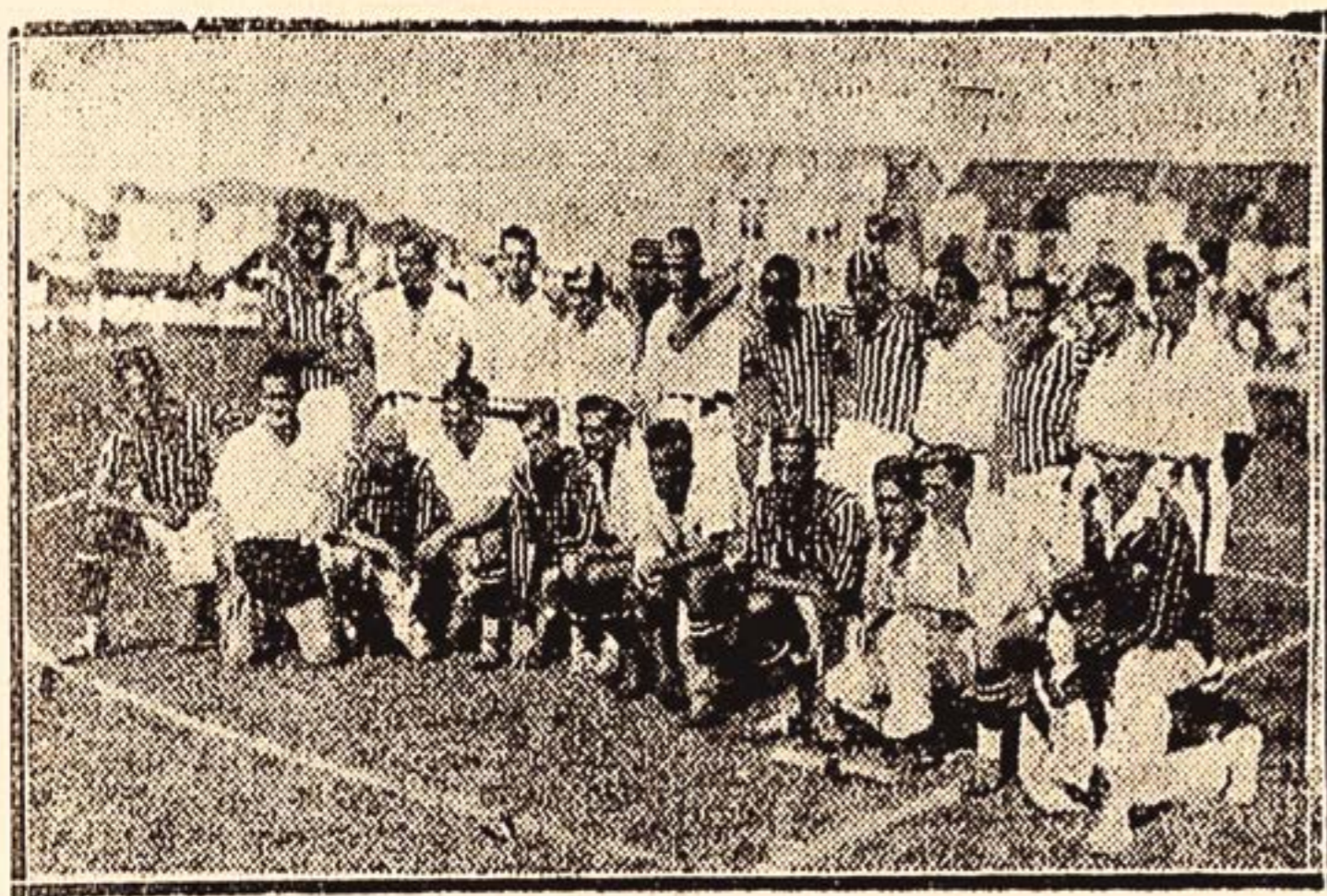
Com camisas amarelas, alinharam-se Ismael; Sylvio Hoffmann e Iracino; Ferreira, Zarzur e Orozimbo; Junqueira, Waldemar de Brito, Friedenreich, Araken Patusca e Patrício. De coletes vermelhos, foram ao campo: Moreno; Agostinho e Ary; Raffa, Del Grande e Berti; Mário, Nenê, Celeste, Álvaro e Ermette. Os de amarelo venceram por 5 a 1, quase como um prenúncio.

Foram relacionados para o clássico San-São, convocados para descer a serra, os seguintes atletas: Moreno, Friedenreich, Araken Patusca, Orozimbo, Sylvio Hoffmann, Armandinho (que fora poupado no treinamento), Zarzur, Iracino, Patrício, Waldemar de Brito, Hércules (também ausente dos treinos), Mário, Ermette, Celeste, Barthô e Vicente (outros dois que não se expuseram). Acompanharam os jogadores, Cássio Villaça, chefe de delegação; Francisco Júnior, dirigente; Clodô, técnico; e Formiga, auxiliar técnico.

Com um pouco de atraso (talvez motivado pela preliminar, em que amadores do Santos golearam o Rio D’Alva por 5 a 0), passado das 16h, começou o jogo na Vila Belmiro, aporrinhada de gente. O São Paulo, com Moreno; Sylvio Hoffmann e Iracino; Ferreira, Zarzur e Orozimbo; Patrício, Waldemar de Brito, Friedenreich, Araken Patusca e Hércules, de pronto, controlou o ritmo da partida.

114. A Platéia, Hemeroteca do São Paulo FC: álbum de artigos de jornais, 1933

O S. PAULO OBTEM BRILHANTE VITÓRIA SOBRE O SANTOS



Jogadores do São Paulo e Santos F. Clube, que disputaram ontem em Vila Belmiro a primeira luta profissional no Brasil

Friedenreich

assignou
contracto
para o



"A Platêa" vai noticiar hoje, em primeira mão, uma nova que deve repercutir agradavelmente entre os admiradores do clube da Floresta.

Arthur Friedenreich, o consagrado centro-avante patricio, o futebolista que assombrou os uruguayos, acaba de assignar contrato com o S. Paulo, gremio que defende desde a fundação.

Antes de vazar a defesa adversária pela primeira vez, os são-paulinos já haviam obrigado o arqueiro rival a executar cinco defesas. Na sexta, aos 11 minutos, Friedenreich entrou (mais uma vez) para a história ao anotar o primeiro gol profissional do futebol brasileiro.

"Friedenreich, o pé de ouro, atirou a bola às redes pela primeira vez, em um jogo de profissionais no Brasil".¹¹⁵

O lance começou pela esquerda: Araken passou para Hércules, que cruzou para área, onde encontrou "El Tigre" marcado pelo zagueiro Garcia. Fried, então, driblou o oponente e bateu de pronto no canto de Athiê, que não teve chances. 1 a 0. Atrás no placar, o Santos tentou, no restante da etapa inicial, reverter o resultado, porém, sem sorte. Já perto do fim do tempo, o Tricolor recuperou a bola e Patrício lançou Araken, que tentou o chute, mas deixou escapar a pelota, recuperada por Fried, que tocou novamente para o meia-esquerda, desta vez, acertar um potente tiro, indefensável, e marcar 2 a 0 para o São Paulo.

No segundo tempo, em um ímpeto santista nos minutos iniciais, os adversários balançaram as redes de Moreno e diminuíram a vantagem são-paulina. O tento motivou os locais, mas, graças a uma atuação perfeita dos defensores Sylvio e Iracino, nada mais conseguiram. Raffa entrou no lugar de Orozimbo, contundido. Pouco depois, aos 12 minutos, Zarzur passou a bola a Waldemar, que endiabradamente fintou o marcador Meira e, livre, marcou o terceiro gol do Tricolor, provocando uma salva de aplausos da torcida adversária.

Assim, talvez esmorecidos pela própria torcida, os santistas não fizeram mais frente aos avantes do São Paulo, e Waldemar de Brito, em novo lance individual de muita categoria, alargou o placar para 4 a 1, aos 20 do segundo tempo. Por fim, faltando três minutos para o encerramento do confronto, Araken, praticamente dentro do gol, não encontrou empecilhos e anotou o ponto final do Tricolor: 5 a 1. Grande estreia do futebol profissional!

12.03.1933. Amistoso Nacional
Santos (SP) Estádio da Vila Belmiro
SANTOS Futebol Clube 1 x 5 SÃO PAULO Futebol Clube

SPFC: Moreno; Sylvio Hoffmann e Iracino; Ferreira, Zarzur e Orozimbo (Raffa); Patrício, Waldemar de Brito, Friedenreich, Araken Patusca/cap. e Hércules. Técnico: Clodô

Gols: Friedenreich, 11/1; Araken Patusca, 39/1; Waldemar de Brito, 12/2; Waldemar de Brito, 20/2; Araken Patusca, 37/2

SFC: Athiê; Meira e Garcia; Waldomiro, Bisoca e Alfredo (Dino); David, Armandinho (Victor), Catitu (Strauss), Mário Seixas e Logú

Gols: Logú, 3/2

Árbitro: Antônio Sotero de Mendonça
Renda: 14:196\$000

115. Hemeroteca do São Paulo FC: álbum de artigos de jornais, 1933
IMAGEM: Destaques do início do profissionalismo: o primeiro jogo dessa nova era e Friedenreich contratado

A adoção do profissionalismo pelas federações de futebol do então Distrito Federal e do Estado de São Paulo abriu caminho para a “pacificação dos espíritos”, mencionada anteriormente por Firmiano Pinto Filho. A LCF e a APEA acertaram, no dia 24 de março, a criação de um torneio de integração entre as duas entidades. Indo além da seara esportiva, a competição visava também a pôr um ponto final no triste capítulo que fora a guerra civil entre paulistas e cariocas no ano anterior. Para tal, dois jogos entre as seleções de ambas unidades federais também foram marcados para os dias 9 e 23 de abril seguintes.

Mais uma vez, o Tricolor, sob a figura de Luiz de Barros, secretário do clube e da APEA, foi um dos grandes responsáveis pela empreitada. Naquela reunião, surgiu o primeiro Torneio Rio-São Paulo da história. Ao contrário do que documentos e reportagens posteriores afirmam, a competição nasceu com nome oficial de Campeonato Rio x São Paulo de Clubes Profissionais, reconhecidamente um “campeonato interestadual”, conforme o artigo 1.º do regulamento formulado na reunião de 24 de março.¹¹⁶

A tabela original do certame previa, apenas, cruzamentos entre clubes paulistas e cariocas. Não haveria jogos entre dois times de cá ou entre dois times de lá. A princípio, cogitava-se iniciar o campeonato apenas ao fim do primeiro turno de ambos os estaduais, mas a abertura da competição foi marcada para o dia 4 de junho, com dois jogos no Rio (America x Portuguesa e Fluminense x Corinthians) e dois em São Paulo (São Paulo x Vasco da Gama e Ypiranga x Bonsucesso).¹¹⁷

Em termos de organização, tudo caminhou bem por um certo tempo. O Tricolor, que na pré-temporada vencera o Corinthians por 4 a 2 – com a primeira grande receita provinda de bilheteria da história do futebol profissional (quase 42 contos de réis) –, e empatara com Palestra Itália (1 a 1) e America-RJ (2 a 2), estreou no Paulistão com uma derrota que lhe pesaria muito no futuro: 3 a 2 para o Palestra, no dia 14 de maio. Os são-paulinos se recuperaram nas rodadas seguintes, impondo estrondosas goleadas no Ypiranga (7 a 1, em 21 de maio) e na AA São Bento (5 a 0, no dia 28 de maio).

O grande jogo a ser lembrado, entretanto, foi na estreia do Campeonato Rio x São Paulo. Na Chácara, o Tricolor atropelou o Vasco da Gama com um impiedoso 5 a 1. Mais precisamente: Waldemar de Brito foi o maior responsável pelo placar dilatado, tendo sido o autor de todos os gols são-paulinos. O centroavante deixou o campo carregado às costas pela torcida.

Depois dos tropeços contra a Portuguesa, no estadual (2 a 2), e contra o Bonsucesso, no regional (4 a 5), o São Paulo voltou a rotina de belas goleadas, entre junho e agosto: 7 a 1 no Syrio, 7 a 3 no Flamengo (em amistoso), 4 a 1 no Santos, 7 a 4 no America-RJ, 4 a 2 no Corinthians, 3 a 0 no Fluminense...

O cenário futebolístico, contudo, entrou em convulsão quando a Confederação Brasileira de Desportos não aceitou as reformas estatutárias profissionais da Liga Carioca de Futebol e recusou a filiação da mesma em meados de agosto. A APEA, que possuía acordos assinados com a LCF, rebelou-se, então, contra a CBD e desvinculou-se oficialmente da entidade nacional.

Foram abertas, assim, as cortinas para todos os acontecimentos malfadados da história são-paulina na vindoura temporada de 1935...

116. *A Gazeta Esportiva*, 27 de março de 1933

117. *A Gazeta Esportiva*, 29 de maio de 1933

A CBD, órgão máximo do futebol brasileiro reconhecido pela FIFA, permaneceu apoiando apenas a federação amadora do Rio de Janeiro, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) que contava, dentre os grandes clubes, apenas com Botafogo e Flamengo (esse último, brevemente, até o clube abandoná-la em meados de 1933, mesmo). Para a lacuna aberta pela desfiliação da APEA, a CBD reconheceria em São Paulo, posteriormente, a Federação Paulista de Futebol – que nada tem a ver com a que existe nos dias de hoje – como entidade promotora do esporte nesse Estado.

Dessa maneira, em 26 de agosto de 1933, na capital paulista e com a presença de dirigentes de todos os clubes profissionais de São Paulo e Rio de Janeiro, nasceu a Federação Brasileira de Futebol (FBF), entidade absolutamente desvinculada da CBD e da FIFA – embora viesse a lutar por esse reconhecimento internacional enquanto em atividade.

O presidente da FBF, eleito naquela reunião, era o dr. Sergio Meira, “figura de projeção nos meios esportivos paulistas e diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo. Pertencia ao quadro social do São Paulo F. C.”.¹¹⁸ Mais que sócio, Sergio Meira era o segundo vice-presidente da diretoria do Tricolor.

Uma das primeiras atitudes da nova federação foi elevar o “status” do Campeonato Rio x São Paulo. Dali em diante, ele seria o Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional, um claro paralelo ao Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, tradicionalmente promovido pela CBD (a FBF também promoveu a competição por estados em 1933, aliás).

Na prática, continuava sendo um Torneio Rio-São Paulo, mesmo. A única mudança sensível na competição foi uma alteração no regulamento. Retroativamente, a FBF reconheceu como partidas válidas pelo Campeonato Brasileiro os confrontos entre paulistas e entre cariocas em cada estadual, assim como as demais vindouras. Apenas os jogos envolvendo o Syrio e o Flamengo, que não faziam parte da tabela original do interestadual, não valeriam também para a competição “nacional”.

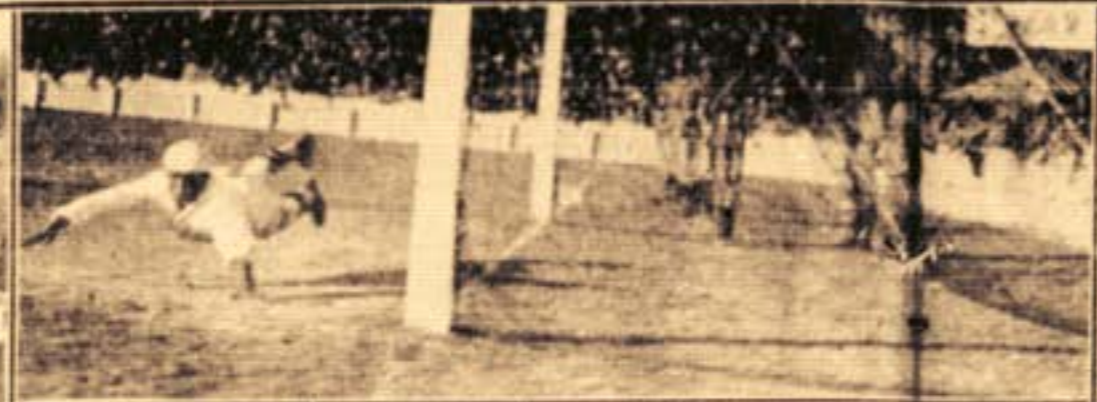
No dia seguinte à fundação da FBF, o Tricolor aplicou a maior goleada da história do clube até hoje (o feito seria igualado em 1945, mas não superado): 12 a 1 no pequeno Syrio – pena que tal jogo não valeu também para o Rio-São Paulo. A chuva de gols na Chácara da Floresta começou com um minuto de jogo, com Araken Patusca. Outros seis tentos seriam anotados ainda no primeiro tempo, inclusive com trinca de Waldemar de Brito. O adversário descontou quando o São Paulo já vencia por 9 a 0. Ao final, cinco gols de Waldemar, três de Araken, três de Hércules e um de Luizinho.

A ordem dos pontos tricolores foi a seguinte: Araken, 1min/1.ºT; Araken, 10min/1.ºT; Hércules, 11min/1.ºT; Waldemar de Brito, 13min/1.ºT; Hércules, 14min/1.ºT; Waldemar de Brito, 23min/1.ºT; Waldemar de Brito, 28min/1.ºT; Araken, 4min/2.ºT; Waldemar de Brito, 7min/2.ºT; Luizinho, 27min/2.ºT; Waldemar de Brito, 30min/2.ºT; Hércules, 32min/2.ºT.

Talvez motivados pela fragorosa derrota no jogo de ida, o Vasco da Gama vingou-se no dia 3 de setembro, derrotando os são-paulinos por 3 a 1 em São Januário. O fato não foi suficiente para esmorecer Waldemar de Brito, Araken, Luizinho e companhia. Na partida seguinte, a 10 de setembro, contra o Corinthians, na Chácara, os tricolores impuseram a maior goleada da história do clássico: 6 a 1!

118. *Mazzoni*, 1950

Phases da surpreendente derrota que o São Paulo impoz, hontem, ao Corinthians -- 6 a 1 foi a contagem



“Contra a expectativa geral, o E. C. Corinthians Paulista foi abatido pelo S. Paulo F. Clube, pela elevada contagem de 6 a 1!”¹¹⁹

A imprensa até poderia esperar um jogo mais parelho, mas o que se viu no gramado da Floresta foi uma supremacia são-paulina, ao menos a partir do segundo tempo. O jogo, de fato, começou equilibrado, com algumas oportunidades desperdiçadas por ambas as partes. Aos onze minutos, contudo, o Tricolor abriu o placar com Waldemar de Brito, que aproveitou, livre, a rebatida no travessão do chute disparado por Zarzur.

Sobressaindo-se, o São Paulo ampliou aos 22 minutos, após cobrança de escanteio adversária, alívio da zaga e um contra-ataque veloz e mortal finalizado por Armandinho. O Corinthians ainda tentou se aprumar em campo, mas o primeiro tempo terminou com a vitória parcial tricolor, 2 a 0.

Depois do intervalo, o rival tentou ameaçar a meta são-paulina, mas o máximo que obtinha eram alguns escanteios, que em nada resultavam. O Tricolor seguia com o jogo ágil, atrás de falhas dos oponentes, que, por sinal, passaram a abusar do jogo ríspido e violento. Aos 20 minutos, de tanto bater de frente, o São Paulo marcou mais um: Waldemar avançou sozinho e cruzou para Luizinho, no canto na área, mas marcado por dois. O atacante se livrou de Carlos e Jahú e tocou com categoria para as redes, 3 a 0!

Um fato curioso veio a arrefecer o ímpeto dos são-paulinos na sequência: “um aeroplano que passou faz cair alguns paraquedas no campo, e varios garotos invadem, sem cerimônia, o gramado para apanhá-los!”¹²⁰

Descontraída, a defesa são-paulina viu Zuza marcar, de falta, o único gol dos visitantes naquele dia, aos 23 minutos. Foi o bastante para acordar novamente os tricolores para o jogo. Na saída de bola seguinte, Araken se desvencilhou de Brito e a passou macia para Luizinho, bem posicionado no meio da área, chutar com força, rente à trave, sem chances de defesa para o arqueiro Onça: 4 a 1!

Começou, então, a avalanche de ataques perdidos pelos tricolores: ao menos quatro grandes chances de gol – uma, inclusive, com Armandinho a dois passos da linha final e outra, com Hércules, que resultou em bola na rede, mas que foi anulada pelo árbitro Alzemiro Ballio, do Santos FC.

Restaram ao adversário os lances desleais (“os corinthianos, entretanto, provocam acções aggressivas”¹²⁰) e nem com esse recurso conseguiram parar Hércules, que aos 35 minutos repetiu a mesma jogada do tento cancelado: ultrapassou Jahú e, na linha de fundo, arrematou sem ângulo. 5 a 1!

Alguns pontapés e encontrões depois, o ataque são-paulino foi freado com uma sequência de impedimentos anotados pela arbitragem em oportunidades claras. A torcida ficou revoltada, mas tudo bem: Luizinho, aos 43 minutos, ainda a alegraria mais uma vez naquela tarde:

“Waldemar, depois de uma série de lindas fintas, entrega a bola a Luizinho, este livra-se de Carlos e atira para marcar o sexto ponto do S. Paulo, encerrando a contagem”.¹¹⁹

119. Correio de S. Paulo, 11 de setembro de 1933
120. A Gazeta Esportiva, 11 de setembro de 1933

10.09.1933. Campeonato Paulista & Torneio Rio-São Paulo
São Paulo (SP), Estádio São Paulo Futebol Clube - Chácara da Floresta
SÃO PAULO Futebol Clube 6 x 1 Sport Club CORINTHIANS Paulista

SPFC: José Lengyl; Sylvio Hoffmann e Barthô; Raffa, Zarzur e Orozimbo; Luizinho, Armandinho, Waldemar de Brito, Araken Patusca e Hércules. Técnico: Clodô

Gols: Waldemar de Brito, 11/1; Armandinho, 22/1; Luizinho, 20/2; Luizinho, 24/2; Hércules, 35/2; Luizinho, 43/2

SCCP: Onça; Jahú e Segalla; Brito, Guimarães e Carlos; Boulanger, Bahiano, Tigre (Mamede), Zuza e Ratto. Técnico: Pedro Mazzulo

Gols: Zuza (falta), 23/2

Árbitro: Alzemiro Ballio
Renda: Rs 30:000\$000 (trinta contos de réis)
Público: 13.000 pagantes

Como se vê, tudo isso sem contar com a participação de Friedenreich, que desde o início de agosto esteve fora do onze inicial são-paulino por causa de compromissos assumidos como árbitro de futebol no Estado da Bahia¹²¹. Fried, que também exercia essa função a cargo do São Paulo – na época, os árbitros e bandeirinhas eram diretamente ligados aos clubes (cada time tinha um par) –, foi um dos fundadores da Liga Paulista de Juizes de Futebol.¹²²

O craque só voltaria a campo, e ainda como substituto, na partida contra o Bonsucesso (1 a 0), no dia 8 de outubro.

A simbiose do Campeonato Paulista com o torneio interestadual praticamente selou o destino do Tricolor em ambas as disputas. Apesar das constantes vitórias e implacáveis goleadas aplicadas nos adversários, as duas derrotas para o Palestra Itália (a da abertura do campeonato, citada, e a ocorrida no dia 12 de novembro) praticamente definiram a colocação de ambos os clubes nas duas competições siamesas. O adversário obteve a primeira posição nos dois torneios, e o São Paulo, o vice-campeonato nas duas tabelas, com dois pontos de desvantagem em cada uma.

Pelo segundo ano consecutivo, o título bateu na trave. Daria certo em 1934?

Porém, 1934 seria uma temporada especial: era ano de Copa do Mundo. A maior competição de futebol do mundo ainda não tinha o peso que tem hoje – a disputa realizada nos Jogos Olímpicos era certamente mais tradicional –, mas, para a CBD, ela poderia ser o trunfo necessário para retomar a rédea da organização do esporte no Brasil.

Preparando-se para a Copa, a CBD realizou, no primeiro trimestre, o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. A competição não fora promovida pela federação em 1932 e em 1933, e foi revitalizada em 1934 para marcar posição e rivalizar com os torneios da FBF. Contudo, o resultado dela serviu para demonstrar o quanto a entidade filiada à FIFA estava fragilizada.

121. A Gazeta, 12 de agosto de 1933. Fried também jogou uma partida pelo clube Dois de Julho, local, no dia 15 de agosto (Costa, 1999)
122. Correio de S. Paulo, 17 de junho de 1933

Até então, em nove edições organizadas pela CBD, os campeões ou foram do Distrito Federal (a cidade do Rio de Janeiro, com cinco títulos), ou do Estado de São Paulo (quatro vitórias).

Porém, os dois favoritos participaram do décimo torneio com equipes de qualidade secundária, se comparadas com as de anos anteriores. O Estado de São Paulo, representado pela FPF, mandou um quadro cujos principais nomes eram dos famosos CA Albion e União Guarany FC. Já o time carioca foi composto, basicamente, por atletas do Botafogo, único grande time ainda filiado à AMEA.

O torneio, completamente amador, acabou nivelado por baixo. Sem os maiores astros do futebol, todos profissionais naquela altura, a seleção do Estado da Bahia sagrou-se campeã vencendo os paulistas na final, no dia 11 de março.

Assim, ficou claro que a CBD tinha um dilema para resolver: como levar os melhores jogadores do Brasil para representá-la na Copa do Mundo da Itália, dali a menos de três meses, se eles não faziam parte do quadro associativo dela?

Em um primeiro momento, ainda em março, a AMEA sugeriu à CBD que entrasse em acordo com a FBF, adotando uma espécie de regime misto semiprofissional ou que reconhecesse as duas vertentes, amadora e profissional, nos estatutos da entidade.¹²³ Mas a entidade nacional rejeitou qualquer tipo de conversa com os “dissidentes”.

Ainda assim, a CBD, liderada pelo radical amadorista Carlito Rocha, do Botafogo, e pelo treinador da Seleção Brasileira, Luiz Augusto Vinhaes, teve a pachorra de convocar atletas de clubes da FBF para a Copa do Mundo, no dia 9 de abril.¹²⁴

Dessa relação constavam os nomes de quatro jogadores do São Paulo: Sylvio Hoffmann, zagueiro; Orozimbo, médio; e Luizinho e Waldemar de Brito, atacantes. Mas a lista também incluía atletas de Vasco da Gama, Flamengo, Palestra Itália, America e Fluminense, clubes da LCF e da APEA.

Apesar da promessa de pagamento integral dos ordenados e de que não haveria ruptura do “passe” de cada jogador, a FBF não aceitou tal convocatória e nenhum clube a ela filiada aprovou a cessão dos atletas para a CBD durante a Copa do Mundo. Foi então que um triste episódio veio a constar da história da confederação.

Carlito Rocha e CBD passaram a assediar os jogadores que bem entendessem, sem respeito algum às normas e regulamentos vigentes, tentando levá-los para a Seleção Brasileira. A confederação ofertava até 30 contos de réis para cada competidor, além de mais um conto de réis, por mês, como ajudas de custo.¹²³

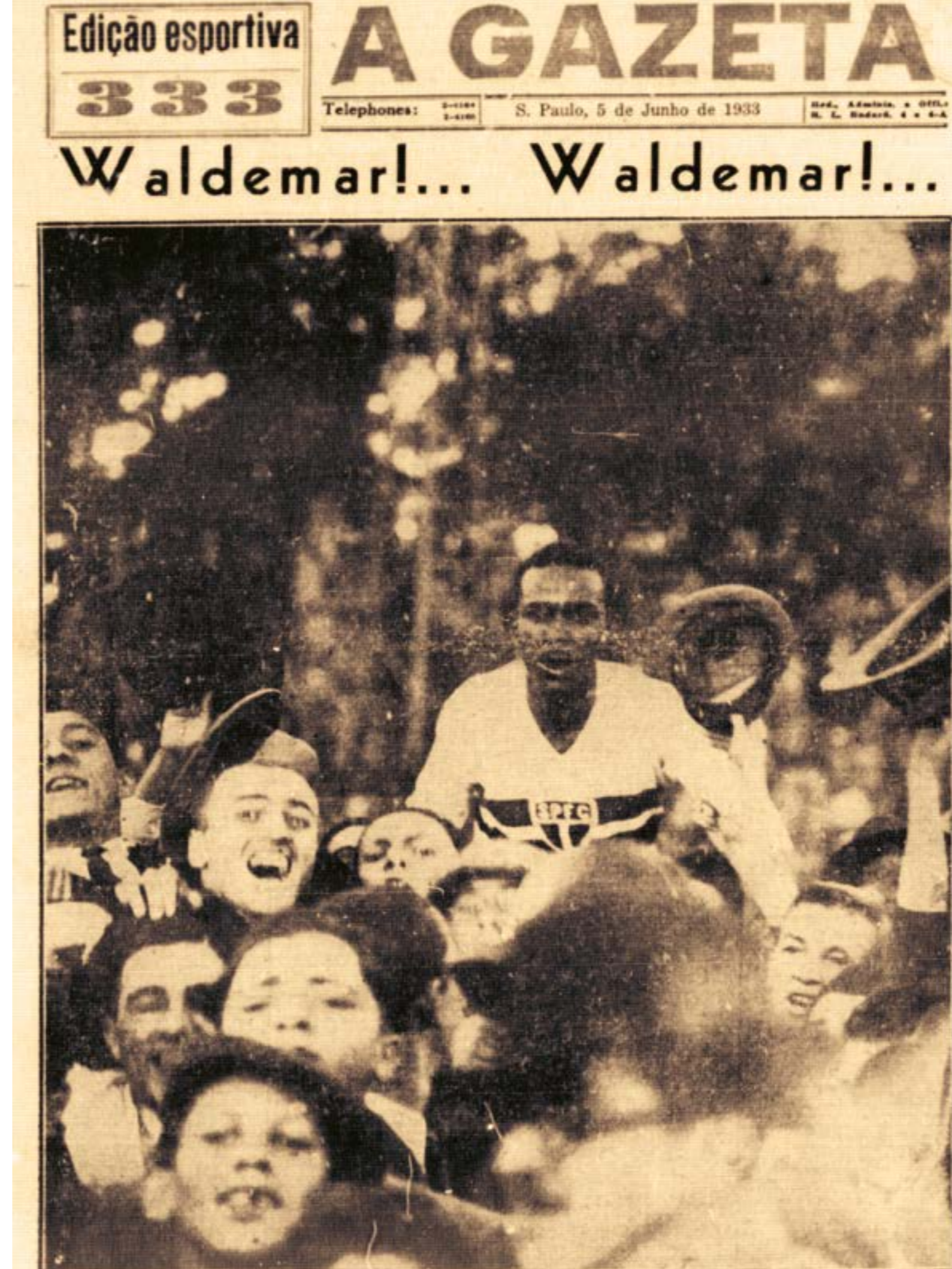
Foi desta maneira que Luizinho, Armandinho, Waldemar de Brito e Sylvio Hoffmann, do Tricolor, foram cooptados pela CBD, à revelia do clube. Antes de entrar em maiores detalhes, é necessário, primeiramente, melhor apresentar os jogadores.

Sylvio Hoffmann, nascido no Rio de Janeiro, chegou ao Tricolor em 1933 proveniente do São Cristóvão. Teve destaque no Torneio Rio-São Paulo da temporada. Ao todo, disputou 37 jogos pelo Tricolor, não marcando gol.

123. Sarmiento, 2013

124. Folha da Manhã, 10 de abril de 1934

IMAGEM: Waldemar de Brito carregado pela torcida após marcar cinco gols contra o Vasco da Gama



O ótimo ponta Luizinho foi herança do Paulistano. Presente desde os primeiros dias de existência do clube, o carioca teve três passagens no Tricolor. A primeira de 1930 até 1934, quando foi contratado pela CBD; a curta estadia entre o final de 1934 e o começo de 1935, quando o São Paulo se uniu ao CR Tietê; e a fase mais vitoriosa, entre 1942 e 1947. O cartel do atacante é de 263 jogos e 173 gols (top 10), possuindo ainda os títulos de campeão paulista de 1931, 1943, 1945 e 1946.

Armandinho, paulista de São Carlos, chegou ao São Paulo em agosto de 1930, ao que tudo indica vindo do Palestra Itália. Após deixar o clube para a disputa da Copa de 1934, regressou ao Tricolor em 1938, depois da incorporação do CA Estudante Paulista, e permaneceu até 1940. Foram 149 jogos e 64 gols marcados com a camisa são-paulina. Campeão paulista de 1931.

Por fim, o maior craque dentre os selecionados foi Waldemar de Brito. Irmão de Petronilho de Brito, Waldemar também despontou no futebol no Syrio, clube menor da cidade de São Paulo. No Tricolor, o centroavante fez história, sendo o único atleta a possuir média de gols marcados superior a um por jogo (foram 85 gols em 78 jogos), desempenho que lhe valeu as artilharias gerais do Paulista e do Rio-São Paulo de 1933. Regressou ao time em 1941 e aqui permaneceu até o título paulista de 1943.

Armandinho recebeu seis contos de réis, e o maior goleador do futebol brasileiro, naquele momento, Waldemar de Brito, aceitou deixar o São Paulo a ver navios por módicos dez contos – lembrando que o clube o havia contratado por quatro contos de luvas, antes da “fama”.

“Até parece pilheria, mas é a verdade! Francamente, é inconcebível que um ‘crack’ já tão famoso como o é o mano de Petronilho, fosse se rebaixar tanto, aceitando dez contos para abandonar seu antigo clube, onde sempre foi tratado com o máximo respeito e onde sempre recebeu favores e dinheiro em quantidade.

*“O prestígio do ex-centroavante tricolor, aceitando apenas dez contos para jogar nas fileiras de uma entidade que se diz amadorista, decahiu muito. Waldemar perdeu cinquenta por cento de seu valor esportivo, não tanto pelo facto de ter abandonado seu clube, mas em virtude de achar que 10:000\$000 chegam para pagar seus serviços profissionaes de jogador de futebol”.*¹²⁵

Outros atletas também foram aliciados, mas rejeitaram as propostas. Zarzur declarou que o sr. Silva Freire, da FPF (a serviço da CBD), tinha lhe ofertado dez contos de luvas e um conto e quinhentos por mês. Orozimbo fez que não ouviu a tentativa de cooptação, e Hércules afirmou que os elementos agentes da discórdia, Freire e Chiavone, “andaram às nossas costas, como verdadeira sanguessugas”.¹²⁶

O Palestra Itália, em uma tentativa de se proteger frente ao assédio, chegou a esconder os próprios atletas em uma chácara em Matão, no interior de São Paulo, para que não fossem levados (reza a lenda até que foram guardados por “seguranças” fortemente armados)...

A quebra unilateral de contrato por parte dos quatro jogadores do São Paulo que aceitaram o aliciamento da CBD rendeu a eles punição por parte da FBF: foram eliminados da entidade¹²⁶. Por essa razão, acabada a Copa do Mundo, tais esportistas não poderiam mais jogar futebol profissionalmente, filiados àquela entidade. Seria um duro revés financeiro para os atletas, não fossem as reviravoltas, as idas e vindas futuras da política do esporte.

125. Correio de S. Paulo, 9 de maio de 1933

126. Correio de S. Paulo, 5 de maio de 1933

O tumultuado processo de seleção de jogadores para o time brasileiro da Copa de 1934 resultou em uma equipe despreparada, tanto física quanto tecnicamente. Não foram realizados treinamentos em território nacional. Os atletas se condicionavam como podiam durante a viagem de navio. Assim sendo, na Itália, no dia 27 de maio, o resultado não foi nada bom: Espanha 3 x 1 Brasil. Com a derrota, fim de Copa do Mundo para os conterrâneos.

Curiosamente, o resultado imediato de tamanho fracasso foi sentido pela APEA e pelo Palestra. Torcedores tentaram “empastelar” as sedes das duas associações.¹²⁷ Por terem defendido os próprios interesses, para o torcedor comum brasileiro elas se tornaram símbolos do empecilho a se formar uma seleção decente...

Mas aquela derrota não marcou o fim da excursão. Os jogadores, sabedores de que como desertores, não teriam para onde retornar após a triste escolha e o fiasco do resultado em campo, permaneceram junto à CBD em disputa de amistosos organizados pela confederação na Europa (Iugoslávia, Espanha e Portugal), até julho, e no nordeste do Brasil, em setembro e outubro. Era uma forma de a entidade reforçar o caixa, desabastecido com as “contratações”.¹²⁸

Caso os jogadores tivessem retornado logo após a Copa, teria existido uma oportunidade de reconciliação? Obviamente não é possível saber; o que é garantido é que, destituído de quatro dos maiores nomes da própria equipe, o São Paulo foi o grande prejudicado nessa história, e a classificação do time no Paulista de 1934 foi, sobremaneira, influenciada por esse rapto.

O clube só realizou três jogos, de um total de 14, com a formação considerada ideal, com os quatro elementos dissidentes. Venceu o Syrio por 9 a 1 na estreia, no dia 1.º de abril. Empatou com o Corinthians por 1 a 1 na rodada seguinte, no dia 15 daquele mês, e derrotou a Portuguesa, no Cambuci, por 1 a 0, no dia 29. Já desfalcado, venceu oito das demais onze partidas: empatou com o Corinthians no Parque São Jorge, a 8 de julho, por 0 a 0, e com o Santos, na Vila, por 1 a 1, no dia 26 de agosto.

Este último resultado, na penúltima rodada da competição, tirou qualquer chance de título são-paulino – então segundo colocado –, pois o Palestra Itália, que havia imposto a única derrota ao Tricolor na competição (3 de junho, 0 a 2), abriu quatro pontos de vantagem na tabela de classificação, mesmo restando, ainda, o confronto da rodada final, justamente entre as duas equipes.

O rival, invicto até essa derradeira peleja, contudo, viu a faixa do título ser carimbada com o gol de Friedenreich e a vitória são-paulina no confronto realizado no dia 2 de setembro, que marcou na história “a sinfonia inacabada” palestrina.

O ponto importante sobre o ano de 1934 é que, a partir dos desmandos da CBD para a Copa do Mundo, o São Paulo se viu ilhado politicamente, gradativamente. Outros clubes da cidade, com o tempo, trocaram de lado e, assediados pela CBD com vantajosos amistosos internacionais – que somente aquela federação poderia proporcionar –, fundaram uma nova liga no Estado de São Paulo, a Liga Bandeirante de Futebol, filiada diretamente à CBD, que, curiosamente, também resolveu adotar o profissionalismo, como em um passe de mágica.

Essa posição incômoda desencadearia decisões nefastas para a história do São Paulo...

127. Correio de S. Paulo, 28 de maio de 1933

128. Sarmento, 2013



FUSÃO COM O CLUB DE REGATAS TIETÊ

O antigo prédio Trocadero, por vezes chamado de palácio ou palacete do Trocadero – em alusão ao original mais famoso, o de Paris –, situado na esquina da Praça Ramos de Azevedo com a Rua Conselheiro Crispiniano (ao lado do Theatro Municipal de São Paulo), foi sede social do Tricolor entre 28 de julho de 1934 e 14 de maio de 1935.

Posteriormente, em 1.º de julho de 1935, o recinto, passou a ser alugado pelo Centro do Professorado Paulista (CPP).¹²⁹ Pouco tempo depois, a partir de 9 de abril de 1936, a Prefeitura de São Paulo utilizou o local para as reuniões da Câmara Municipal. Com o golpe de Getúlio Vargas no regime do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, os legislativos de todas as cidades do país foram fechados.

Ao longo dos anos, outros locatários por ali se hospedaram, como o Círculo Israelita de São Paulo, nos anos 1950.¹²⁹ A história do Trocadero, contudo, chegou ao fim em 1957, quando o palacete foi demolido, com o terreno dele servindo como centro auxiliar de operações para a construção da linha norte-sul do metrô paulistano, na década seguinte. Em 1974, foi erguida uma nova construção no local, que existe até hoje, mas que nada lembra as belas linhas arquitetônicas do velho Trocadero.

Muito se fala dos gastos do clube em relação ao aluguel dessa sede suntuosa em 1934. Muito se diz sobre dívidas supostamente impagáveis do clube (cerca de 190 contos de réis). Como Thomaz Mazzoni já desmentiu, na famosa obra *“História do Futebol no Brasil: 1894-1950”*, não foram dívidas que levaram o São Paulo a encerrar as atividades em 1935.

O balanço contábil de 1933 foi superavitário, os valores dos “passes” de craques como Friedenreich e Araken Patusca, por exemplo, sobrepujavam quaisquer dívidas; e ainda existiam sócios e diretores dispostos a pagar quaisquer ônus, como José de Godoy e Cássio Villaça.¹³⁰

Mesmo nos jornais, que já no começo daquele ano anunciavam que o Tricolor poderia cessar com as atividades no futebol, em nenhum momento eram apontadas como motivo para tal decisão as despesas financeiras.

A primeira tentativa de fusão

Se não foram as finanças, qual foi o motivo para o encerramento das atividades no futebol? Pois bem: foi uma disputa política que causou a cisão interna, levando ao fim o período da Chácara da Floresta da história do São Paulo Futebol Clube e à fusão com o Club de Regatas Tietê. Uma disputa que agregou dirigentes (e facções destes), sócios e até jogadores.

De um lado, os diretores ligados ao futebol (chefiados em um primeiro momento, e depois abandonados, por Paulo Machado de Carvalho, então tesoureiro do clube), jogadores e associados fanáticos pelo esporte.

¹²⁹. Giesbrecht, 2013

¹³⁰. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

IMAGEM: Fotografias do Palácio do Trocadero



Do outro lado, o presidente do clube, o sr. João Baptista da Cunha Bueno, o presidente honorário, sr. Edgard de Souza, o Conselho (mediante figura do presidente Alberto Hugo de Oliveira Caldas), outras diretorias não relacionadas ao futebol e sócios mais abastados, que valorizavam mais modalidades ditas “nobres”, como o tênis e a natação, em detrimento do futebol, que passava pelo caos do contínuo rompimento de ligas, e prejudiciais ações decorrentes.

Além disso, a ideia de fusão entre os clubes partiu do lado do Tietê (e da Prefeitura!), conforme relata José de Oliveira Lage, secretário geral daquele clube, à época, no jornal *A Gazeta* de 10 de junho de 1935: “O espaço ocupado pelo Tietê já não bastava para seu continuado desenvolvimento e por isso é que, aceitando uma oportuna sugestão do dr. Antônio Carlos Assumpção, quando prefeito da Capital, resolvemos entabular negociações com o São Paulo F. C. para a fusão dos dois clubes”.

Isso determina, então, as conversas iniciais de tal empreendimento para, no máximo, setembro de 1934, quando o referido político deixou a posição. Convém destacar que o São Paulo inaugurou a sede do Trocadero apenas em 28 de julho daquele ano¹³¹, o que delimitaria uma janela muito curta de tempo, para um (Trocadero) ser a causa do outro (fusão) – apenas dois meses –, caindo por terra esse argumento.

A menção escrita mais antiga e datada conhecida, todavia, acerca de abandono ao futebol ou em fusão com o Tietê, foi encontrada no jornal *Folha da Manhã* de 27 de janeiro de 1935. O artigo, intitulado “O São Paulo F. C. abandona o futebol!”, relatou as tentativas de Paulo Machado de Carvalho de encerrar a cisão das ligas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, junto à CBD, como também a reação, quase que pelas costas, dos altos paredros da diretoria e do conselho do Tricolor, contra tal medida. Estes dirigentes decidiram pela fusão com o clube vizinho.

“Essa reunião se realizou ontem, no ‘Trocadero’ com a presença dos seguintes conselheiros: Alberto Caldas, Manoel Rezende, J. Carlos Affonseca, Marcello Paes de Barros, Augusto Leite, Paulo de Barros, Levy Sodré e Fernando Egydio, e mais a diretoria representada no momento pelo sr. José Cunha Bueno, Edgard de Souza, Luiz de Barros, Nelson Coutinho, Ataliba Pompeu do Amaral, Ruy Sodré e Paulo (Machado) de Carvalho”.

Ao todo, oito conselheiros e sete diretores deliberaram, basicamente, sobre dois projetos para o futuro do São Paulo. O primeiro, exposto e defendido por Paulo Machado de Carvalho, tratava-se da criação de (mais) uma nova entidade para administrar o futebol do Estado, a Associação Paulista de Futebol, junto também a uma nova organização no Distrito Federal, ambas, contudo, alinhadas e autenticadas pela Confederação Brasileira de Desportos.

O dirigente tricolor garantia que tudo do proposto estava já em vias de conclusão, totalmente acertado entre todos os envolvidos.

“Discordando da sugestão do sr. Paulo de Carvalho, o presidente honorário do clube, sr. Edgard de Souza, levantando-se, manifestou a sua opinião pessoal: o clube deveria extinguir sua seção de futebol e fundir-se com o C. R. Tietê. Essa proposta, não sendo contestada por nenhum conselheiro, tornou-se vencedora”.¹³²

131. *Correio Paulistano*, 29 de julho de 1934
132. *Folha da Manhã*, 27 de janeiro de 1935

A questão exata da quantidade de votos é controversa. Se a *Folha da Manhã* diz que nenhum conselheiro votou contra a estapafúrdia ideia, o livro de Raul Leme Monteiro¹³³, “*Um pouco de história do Tietê*”, afirma que “Foi estudada e aprovada por 10 (dez) contra 2 (dois) votos, a proposta de fusão do Club de Regatas Tietê com o São Paulo Futebol Clube”. Já *A Gazeta*, edição esportiva,¹³⁴ diz que o placar foi de onze votos a um. Com este marcador, contudo, é razoável pensar que ao menos um dos possíveis dois votos contrários, tenha sido de Paulo Machado de Carvalho.

Registros apontam que a relação de Paulo Machado de Carvalho e Edgard de Souza, presidente do Tricolor, era de animosidade, sendo opositores, um ao outro, ao menos desde fins de 1933 – conforme relatou o *Correio de S. Paulo* de 1.º de dezembro daquele ano.

A ideia de fundir o clube ao Tietê foi vista como um “projeto”¹³⁴. Ou seja, por parte do São Paulo, já havia também conversas internas sobre isso. O curioso é notar que, naquele momento, a diretoria em vigência no vizinho da Chácara da Floresta tinha sido eleita havia apenas oito dias.¹³³ É uma boa dedução dizer que, caso houvesse algo adiantado com eles, tal pleito na agremiação fronteiriça não teria ocorrido. Certamente o fariam apenas após a fusão. Como ficará claro, essa pretendida fusão, pela parte que cabe aos tricolores, surgiu como última alternativa, em reação ao caminho que a diretoria de futebol estava tomando em relação à CBD.

No mesmo exemplar já citado de *A Gazeta*¹³⁴, a manchete sobre o ocorrido reforça o motivo principal: “De uma humilhante capitulação a um triste desaparecimento: Reagindo contra a vexatória entrega do S. Paulo à C. B. D. por parte de alguns diretores, o Conselho Administrativo do Tricolor resolveu acabar com a seccão de futebol, fundindo o clube com o Tietê”.

O jornal de Cásper Líbero, de maneira intrigante, apoiou a causa da decisão: “O Conselho Administrativo do São Paulo Futebol Clube, dignamente, preferiu acabar com a seccão de futebol e fundir o clube com o Club de Regatas Tietê do que vel-o inclinado e humilhando deante dos cebedenses... Um gesto desesperado, lamentável, mas digno”.¹³⁴

O artigo vai além e ilumina o relacionamento do clube com outras agremiações da capital e a relação destes com a questão da cisão das ligas. Para o periódico, a CBD agia de maneira opressiva contra os clubes paulistas, exceto Palestra Itália e Corinthians, que haviam abandonado a APEA e fundado a Liga Bandeirante, cabresta aos cariocas.

Os cebedenses “passaram a exigir o desaparecimento da APEA, a expulsão do Santos da divisão principal, o despojo livre dos elementos da Portuguesa e do Santos em favor do Corinthians e do Palestra, e também outras imposições... Carlos Rocha, aviltador de consciências esportivas em São Paulo, veio ameaçar os directores do S. Paulo F. C. dizendo que ou adherissem logo ou contractaria Zarzur e Orozimbo para o River Plate”.¹³⁴

Assim, *A Gazeta*¹³⁴ estranhava a postura de certos dirigentes do São Paulo, especialmente Paulo Machado de Carvalho, por causa dessas chantagens, e de todo o histórico do clube com a CBD, desde 1934: “Logo depois de terem sido abandonados pelo Palestra e pelo Corinthians, bem como acusados por estes, começaram a ter attitude dúbia, afastando-se cada vez mais da APEA... Ao envez dos directores do São Paulo F. C. repelir, com altivez e brio, esta mesquinha ameaça, assustaram-se e cahiram de joelhos...”.

133. Monteiro, 1944
134. *A Gazeta Esportiva*, 28 de janeiro de 1935

“O sr. Luiz de Barros [vice-presidente], o São Paulo F. C. e os seus diretores nunca deviam ter abandonado os seus companheiros da F. B. F., da Liga Carioca e da APEA, permanecendo firmes ao lado da Portuguesa e do Santos, não deixando que ninguém levasse o Tricolor a dar o infeliz passo de 3.ª-feira última, que provocou, agora, a decisão extremada do Conselho Administrativo”.¹³⁵

A resolução rachou de vez o clube. Para uns, era imperativo se unir à vertente aparentemente vencedora do cabo de guerra das ligas, pois o futebol precisava continuar, mesmo que ligado à CBD, de torpes atitudes, mas detentora do maior trunfo e de todos os benefícios decorrentes: a filiação à FIFA.

Porém, não era isso o que a Presidência e Conselho queriam: era, justamente, tudo o que eles não desejavam! Voltar a se relacionar com a entidade que, em 1934, “roubara” atletas do clube, que impedira o sucesso do Tricolor em duas competições seguidas (o Campeonato Paulista e o Torneio Extra) e que queria fazer de todos os demais clubes da capital, exceto aqueles das “faces da moeda”, de gato e sapato.

“Demissões solicitadas em consequência

“Manifestando não estar de acordo com a resolução tomada hontem, os srs. Paulo de Carvalho, secretário [tesoureiro] do clube, e o dr. José de Godoy solicitaram quasi imediatamente a sua demissão...

“- Surpreendeu-me a resolução da directoria. Por isso, pedi demissão da mesma, como partidário do prosseguimento da secção de futebol no clube. O projecto que apresentei na secção do Conselho nada de desairoso representava para o clube. Merecia um exame mais reflectido, cooperando para a pacificação de nosso futebol, varias vezes tentada infructiferamente”.¹³⁶

Obviamente, a notícia do “fim do São Paulo” caiu como uma bomba entre os sócios do clube, causando amplo descontentamento. Muitos estavam incrédulos, outros achavam que a situação se reverteria. Por fim, os mais exaltados clamaram seus consócios à ação. Na segunda-feira, dia 28 de janeiro, os inconformados com a decisão do Conselho mobilizaram-se e reuniram-se na Chácara da Floresta, de modo a oficializarem o repúdio à fusão com o Tietê, formulando dois documentos à diretoria e conclamando aos tricolores para que tomassem o clube para si.

O primeiro documento, descrito pelo jornal *Correio de S. Paulo*:¹³⁷

“Os abaixo-assignados, tomando conhecimento, pela imprensa, da resolução deliberativa desta sociedade, que autorizou a directoria a entrar em entendimentos com o Club de Regatas Tietê para uma fusão que implicaria no desaparecimento do S. Paulo F. C., vêm, não se conformando com esta resolução, que porá ter-nos, no esporte, ponderar a vv. exas. á sua trajetória gloriosa o lumi-o seguinte:

a) Que o S. Paulo F. C., cujo nome é uma homenagem prestada ao nosso Estado, e, no futebol, digno continuador em glórias e tradições do C. A. Paulistano;

b) Que, com o desaparecimento do S. Paulo F. C., desaparecerá o futebol da elite, e os verdadeiros paulistanos deixariam de ser representados no futebol da cidade, e;

c) Que a força do S. Paulo F. C. está no seu grande numero de associados, e estes não querem assistir a este doloroso golpe que porá termo à brilhante e patriótica actuação no futebol brasileiro”.

“Nestes termos, appellam para que esta digna directoria interceda junto ao Conselho, para que este reconsidere o seu acto, não permittindo, assim, que desapareça um clube como o nosso, que tão dignamente tem sabido representar com entusiasmo e honradez, no esporte, a bandeira das treze listas.

“Assim, certos de que este appello será tomado na devida consideração, por estar assignado pelos lídimos representantes do clube, subscrevemos-nos com elevado apreço”.

O segundo ofício foi estipulado pela liderança dos atletas: Araken Patusca, do futebol, e Luiz Mendes Pereira, o Pará, da natação/polo aquático. Ambos não queriam apelar à diretoria por “ajuda” e exigiam explicações sobre a temerária decisão e responsabilizações.

Disse Araken: “Ao tomar a decisão de unir-se ao Tietê, nem sequer conservando o nome, ou parte delle, sem dar satisfação alguma aos associados, que só tiveram conhecimento através da imprensa, a attitude destes deverá ser de um pedido sobre a situação em que o clube está”.¹³⁸

Pará, de maneira apaixonada, clamava: “o Paulista não esquece, o paulista não perdoa, e não transige, e eu, particularmente, espero que esta assembleia ponha um fim ao prolongado sofrimento da família tricolor. Livremos o S. Paulo desta oligarchia estatutária. Façamos um clube democrático, entregando os seus destinos aos que realmente o desejam ver grande e prospero. Os paulistas devem defender o que resta de paulistanidade no esporte da Piratininga”.¹³⁹

Complementando a exposição do descontentamento, os associados deliberaram o seguinte texto:

“Os abaixo assignados, sócios do S. Paulo F. C. vêm por meio da imprensa de S. Paulo, sempre amiga ao esporte paulista, por se acharem em situação esquecida diante do achincalhe público e por se sentirem alvo das mofas e criticas da totalidade esportiva da Capital, exigir da directoria actual do clube uma exposição clara da situação para que possam se defender, conservando o nome do clube na altura em que esteve e sempre estará moral e esportivamente”.¹³⁹

Assinaram o documento: Araken Patusca, Luiz Mendes Pereira, J. C. Amaral Oliveira, H. Guimarães, Paulo Arruda Botelho, Mário de Almeida, G. Sant’Anna, Carlos Reis de Almeida, Alfredo Lapolla, Vicente Gelotti, Fernando Corrêa, J. Peixoto, Thomaz da Costa Neves, Moacyr Corrêa, J. Machado Britto, Fábio Ferraz, Luiz de Carvalho, Guilherme Schall, Joaquim Barreto, João Guedes Macedo, José Andrade, Antônio Gonzaga, Carlos de Toledo, Alesio Castello Branco, Edmundo Gramille Sobrinho, Luciano Voli, Oswaldo Pimenta de Mello, Lauro Soares, Ademar Souza, Luiz F. Paula Lima, Armando Ventura, Clovis Couto Coelho, Angelo Del’ Monaco e Miguel Reis. No total, 34 nomes listados, mais que o dobro dos presentes na questionável reunião pela fusão.

Ambas as cartas foram entregues ao diretor demissionário Paulo Machado de Carvalho, mas o documento redigido por Araken (o segundo), que contou com muito mais assinaturas, só foi apresentado à imprensa, não ao Conselho.¹³⁹ Pará ainda distribuiu aos jornalistas novo comunicado, convocando mais tricolores à outra reunião, no dia seguinte, na Chácara da Floresta.

135. *A Gazeta Esportiva*, 28 de janeiro de 1935

136. *Folha da Manhã*, 27 de janeiro de 1935

137. *Correio de S. Paulo*, 29 de janeiro de 1935

138. *Correio de S. Paulo*, 29 de janeiro de 1935

139. *Folha da Manhã*, 30 de janeiro de 1935

"No cenário esportivo de Piratininga, o São Paulo, continuador das gloriosas tradições do Paulistano, sempre brilhou como astro de primeira grandeza, impondo-se ao respeito de seus nobres contendores e à admiração dos que praticam o esporte pelo esporte.

"Entretanto, de uma hora para outra, sem que houvesse uma justificativa para tal – a directoria e o conselho do São Paulo F. C. resolveram a extinção do grêmio esportivo, entregando o seu estádio, onde tantas victorias alcançou o clube de Friedenreich – ao Tietê. Diante desse inqualificável procedimento de seus conselheiros, os quaes não souberam zelar pelo patrimônio moral e material do invencível grêmio – um grupo de feis tricolores resolveu convocar uma reunião, afim de ser discutido o desaparecimento do São Paulo.

"Essa reunião se realizará amanhã, às 20 horas, no Estádio do São Paulo. Se és de facto, amigo sincero do glorioso São Paulo, não debes deixar de comparecer a essa reunião. Si és seu denodado socio, não permittas que ele desapareça ingloriosamente, por um acto impensado daqueles que tinham o dever de defender o seu nome impoluto e as suas brilhantes tradições – Pela Comissão (a) Luiz Mendes Pereira, Pará".¹⁴⁰

As palavras de Araken e Pará não caíram bem entre os integrantes do Conselho e da directoria do São Paulo, mas tiveram o efeito desejado pelos remetentes. Temerosos com a reação massiva e em cadeia dos sócios, os dirigentes convocaram uma reunião para a mesma noite do dia 29. Da ata lavrada desse parlamento consta, entre outros itens, o seguinte:

"IV) – Autorizar a directoria a applicar a pena prevista no estatuto social, ao jogador socio Araken Patusca, pelo seu procedimento incorrecto.

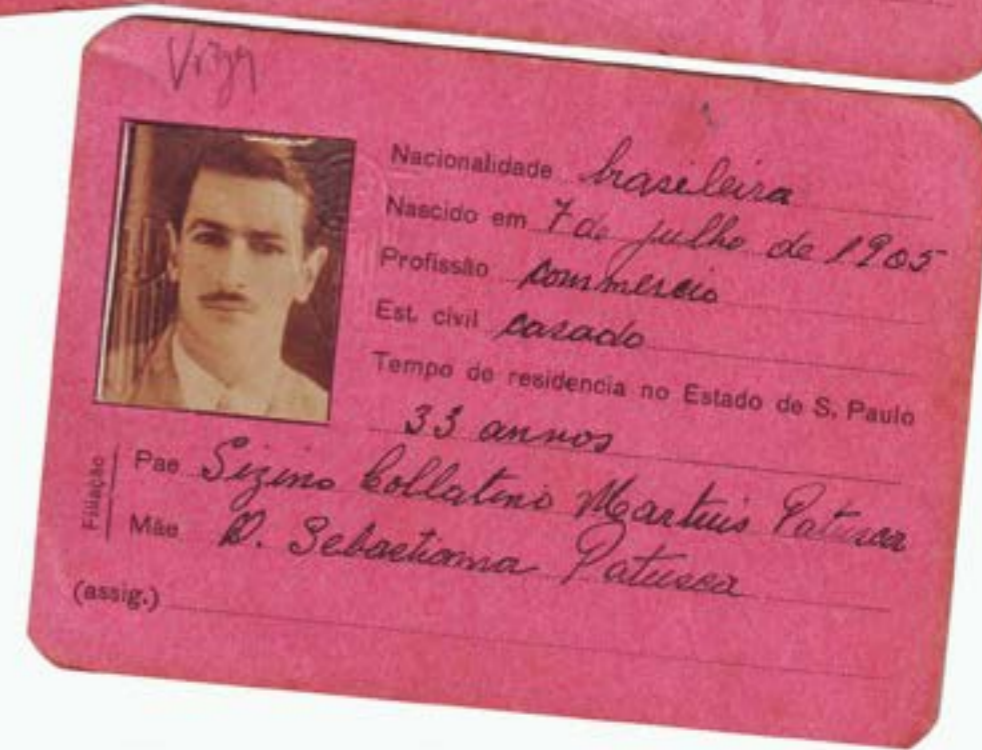
"V) – Acceitar a desistência feita pela directoria nos officios datados de hoje, dos poderes outorgados pelo Conselho à mesma, para ultimar a fusão com o CR Tietê".

Isto posto, entende-se que a fusão foi descartada. Mas Araken, por se levantar contra o corpo diretivo do clube, foi ameaçado de punição. O atleta chegou a ser sancionado, não tomando parte no jogo contra o Santos, na Vila Belmiro, no dia 3 de fevereiro, mas a directoria voltou atrás, relacionando-o às partidas seguintes.

Na mesma reunião, outro importante fato foi posto em debate e aprovado: o Conselho, derrotado na vontade de se unir ao Tietê, deu poderes à directoria para que assinasse a fundação da nova liga de futebol no Estado de São Paulo, junto ao Palestra Itália e ao Corinthians, desde que os mesmos também tivessem autorizações para tal.¹⁴¹

Apesar de tudo o que a CBD provocou, os sócios adeptos do futebol do Tricolor eram a favor de filiar o clube à entidade nacional homologada junto à FIFA, pois afinal de contas só continuariam jogando contra os principais times se assim o fizessem – e fizeram: o São Paulo tomou parte na fundação da nova liga, em 11 de fevereiro de 1935, batizada, porém, com outra nomenclatura, que não Associação Paulista de Futebol, mas sim Liga Paulista de Futebol.

140. Folha da Manhã, 29 de janeiro de 1935.
141. O Estado de S. Paulo, 2 de fevereiro de 1935
IMAGEM: Cartões de identidade do jogador Araken Patusca



“Foi fundada hontem a Liga Paulista de Futebol: o S. Paulo F. C. entre os fundadores – A diretoria da nova entidade.

“Removidos os obstáculos que estavam dificultando a adesão do São Paulo e do Santos à corrente que trabalhava pela fundação de uma nova entidade esportiva em São Paulo, facto que se verificou hontem, foi, afinal, fundada com a cooperação daquelles clubes, a Liga Paulista de Futebol.

“A sessão de fundação teve lugar hontem no Palacete Aranha, à rua Xavier de Toledo, 8, 3. Sobreloja, às 22 horas, com a presença dos representantes dos clubes: Palestra Itália, Corinthians, São Paulo, Santos, Portuguesa e Hespanha, estes três últimos de Santos, os quaes assignaram a acta da fundação.

“A diretoria da nova entidade ficou assim organizada: presidente, Pedro Baldassari; vice-presidente: Paulo (Machado) de Carvalho; 1.º secretário, Antônio Sá Ferro; 2.º, Valentim Bonomo; 1º thesoureiro, Carlos Rodrigues Moura; 2.º, Manoel Vieira de Souza.

*“Só a Portuguesa de Esportes, da Capital, e o Ypiranga estiveram ausentes, continuando, portanto, filiados à APEA”.*¹⁴²

Como registrado, Paulo Machado de Carvalho passou a fazer parte da primeira diretoria da entidade que, anos depois, ficaria conhecida como Federação Paulista de Futebol.

A saída oficial da APEA só se concretizou dias depois, e de maneira nada amistosa. A entidade paulista resolveu cobrar a velha dívida da AA das Palmeiras, que teria sido abonada por ela¹⁴³, em 18 de novembro de 1929, com um empréstimo a ser pago em cinco anos – como retribuição à rescisão com a LAF. No dia 14 de fevereiro, a diretoria são-paulina enviou ofício ao Conselho Superior da APEA, solicitando desfiliação do quadro dela. A mesma registrou as seguintes resoluções, em ata, no dia 19 daquele mês:

“2 – Conceder desfiliação do São Paulo F. C., de acordo com seu pedido por carta sob n.º SP6 | 1436, datada de 14 do corrente.

“3 – Aprovar o acto do sr. Amós de Araújo, contratando os serviços profissionais do dr. Elpidio de Paiva Azevedo, para cobrança do debito do S. Paulo Futebol Clube, no valor de 40:000\$000.

*“4 – Mandar cancelar as inserções e registo de contratos de jogadores feitos para o Palestra Italia, S. C. Corinthians, Santos F. C., e São Paulo F. C.”.*¹⁴⁴

A ala “pró-futebol” do Tricolor continuou lutando: o time fez mais alguns jogos amistosos. A partida contra o River Plate, da Argentina (14 de fevereiro, mesma data de desfiliação da APEA) foi um “presente” da LPF, pela filiação à ela, visto que partidas internacionais contra clubes filiados à FIFA só eram possíveis mediante autorização da CBD. A chegada do Boca Juniors a São Paulo – patrocinada pela CBD, aliás –, pouco tempo antes, causara furor entre os esportistas e comichões na APEA. Era difícil competir com isso.

Depois viriam, ainda, confrontos contra o Palestra Itália (10 de março, em peleja que receberá maior atenção logo mais), São Cristóvão (17 de março) e Corinthians (24 de março).

142. Folha da Manhã, 12 de fevereiro de 1935

143. Folha da Manhã, 5 de abril de 1935

144. Folha da Manhã e O Estado de S. Paulo, 24 de fevereiro de 1935

Acuados pelos sócios, além de desgostosos com a decisão do departamento de futebol em misturar-se com a CBD, o presidente do clube, Cunha Bueno, e o colegiado a ele ligado (Ruy de Azevedo Sodré, Samuel de Toledo Filho, José Junqueira de Oliveira e o presidente de honra Edgard de Souza)¹⁴⁵ renunciaram no dia 30 de janeiro.

No dia 7 de março, foi eleita nova diretoria executiva, com Luiz Oliveira de Barros como presidente, e toda a tratativa de fusão com o CR Tietê foi anulada. O balanço financeiro e fiscal de 1934, assim como o orçamento de 1935, também foram aprovados nessa ocasião.¹⁴⁶

Para comparação, a composição das duas diretorias, antes e depois da renúncia coletiva:

diretoria 25/06/1934 – 07/03/1935

presidente: João Baptista da Cunha Bueno

1.º vice: Luiz Oliveira de Barros

2.º vice: Nelson de Andrade Coutinho

3.º vice: Cássio Martins Villaça

1.º secretário: Ruy de Azevedo Sodré

2.º secretário: Samuel de Toledo Filho

1.º tesoureiro: Paulo M. de Carvalho

2.º tesoureiro: José de Godoy

diretoria 07/03/1935 – 14/05/1935

presidente: Luiz Oliveira de Barros

1.º vice: Nelson de Andrade Coutinho

2.º vice: Gastão Rachou

3.º vice: Ataliba Pompeu do Amaral Moura

1.º secretário: Luiz Marcondes de Moura

2.º secretário: J. A. Botelho de Miranda

1.º tesoureiro: Paulo M. de Carvalho

2.º tesoureiro: Carlos Prado

*“Foi um mal não ter-se dado imediatamente uma profunda modificação na vida interna do Tricolor, depois dos acontecimentos que se seguiram à primeira tentativa fracassada de fusão. Era a hora propícia de se transformar em clube popular o gremio de Fried”.*¹⁴⁷

Thomaz Mazzoni, acima, referia-se à falta de comprometimento com a “causa futebol” de muitos dos nomes do novo corpo diretivo, por causa do fato de não saberem lidar – e não se empenharem, verdadeiramente – com a gestão do futebol em meio à crise das ligas. Parece claro, nos dias de hoje, que disputar campeonatos homologados por FIFA, CBF e LPF era a decisão correta. Mas, naquela época, isso era nebuloso. A escolha por essas federações impediu, no primeiro momento, o fim do São Paulo, mas o caos estava longe do fim.

Apesar de se proclamarem profissionais, o amadorismo administrativo e esportivo em tais ligas era notório, e uma nova desavença, agora com a recém-criada LPF, abriria novamente o debate “fusão” no São Paulo.

145. A Gazeta, 16 de fevereiro de 1935

146. Correio Paulistano, 13 de março de 1935

147. A Gazeta, 20 de abril de 1935

Palestra quiz vencer "no apito!"



portas Visava aliviar. Centro alto de lampara. Orazzino quer objectar, não alcançando o toiro, mesmo succedendo a Ministricho, que vem de encontro a rãda. Alvaro perde a ótima oportunidade, embora não desfrutasse ocasião própria, pois estava diante da meta e com Estrela. Orazzino que lhe teve a bola. Luizinho seria logo passe a Vega. Este esteve emenda na corrida, errando a pontaria. Lacer e Dala desvendam-se. Vega recebe de Luizinho e obriga a Tuffy a jogar a esquerda. O Palestra ataca pela esquerda. Imperato centra e a bola crua a area, jogando Orazzino a esquerda. O jogo até ao momento, sem decorrido sem ambiente de monotonia. Aos 30 minutos. Galanda recebe boa passe, deslocando-se para a direita, alvejando o campo esportivo tirado assim toda chance de Moraes estava aberta a contagem.

O S. Paulo sabe, todo a bola a Junqueira, que perde para Carneira. Vega obriga Moraes a jogar a esquerda, originando-se repõe ação de linha Tricolor dentro da área Palestrina. Orazzino recebe recarado de Luizinho e centra, errando o alvo. Jogada rápida de Mendes marca de curta lateral, e Be-gundo pelo Palestra, aos 35 minutos.

Novamente sabe o S. Paulo, registando-se algumas investidas feitas da linha tricolor. Falta de Machado em defesa dá oportunidade a Luizinho de esbater com violência, realizando Carneira oportuna rebatida. Fread passa magistralmente a Luizinho, que se infiltra entre Tunga e Machado e à curta distancia despeda com violência, esquerda, atingindo a contagem, para as suas costas aos 35.

Quando ocorre a partida amistosa, pois os

...apito!



LIX A GAZETA
S. PAULO
12 MARÇO 1935

O deploravel desferho do "amistoso" Palestra x S.



Mais tres "documentos" do lamentavel episodio que teve o jogo que foi chamado de amistoso entre o campo paulista de 1934 e o campo do ex-ter, primeiro cortejo entre clubes da nova Liga, fundada após a saída de mais da discussão que se segue após o tempo contestado, o juiz para se livrar das anátiças se dirige ao exterior. Faz mal, porque depois de voltar ao campo, alguns fanaticos vingaram-se deito arrastando a parte e lhe "batendo" e puderam bater no gramado, porque estava protegido pela policia. No contra, vemos a cabine de luviação no alto das grades. Em cima da cabine o marcador, que foi a causa de ire dos partidarios exilados do S. Paulo, que deu que fosse anulado o 2 a 2, em substituição ao 2 a 1, como si do marcador dependesse o resultado final do encontro. A esquerda, a imprensa sabida do gramado dos "ex-ter" palestrino, após 25 minutos de conversa final.

UM GESTO DESELEGANTE

imitando o Boca Juniors o Palestra abandonou hontem o gramado — A partida foi suspensa com a igualdade de dois pontos

(Continuação da última pagina)
após tantas controvérsias e tanta
estrela, começa mal. É uma crânio
de cabeça girando e quando dá o pri-
mo chute...
QUAL A ATITUDE DA LIGA
PAULISTA
tal vez a atitude da Liga Paulista
deba ser diante dos acontecimentos de



país. Os directores dos clubes Palestra
são 1934, chamada de Liga da linha de
"suacha". Seguros e juia e carregam-n'o
até a linha antes de mostrar-lhe de onde
seja chamada a parte. O trabalho se
generaliza. A policia entra em scena.
As investidas gritam. A bagagem está ar-
tejada. Deali para a retirada, tal um
passo. Os directores dos clubes

LIX A GAZETA
S. PAULO
13 MARÇO 1935

A disciplina de acordo com a
lidade oportuna

A fuga de campo do Palestra

São Paulo e Palestra Itália se enfrentaram no Parque Antarctica, em uma partida amistosa, no dia 10 de março de 1935. Aos 28 minutos, Gabardo abriu o marcador para os palestrinos. Três minutos depois, Mendes ampliou. Ainda na etapa inicial, Luizinho descontou, aos 38 minutos.

Na segunda etapa, o Tricolor foi ao ataque e teve um gol anulado incorretamente, como também um pênalti não marcado pelo árbitro Manuel Nunes, o Neco – ex-jogador do Corinthians. "O S. Paulo acatou bem a sua decisão, anulando erradamente um ponto de Luizinho e não assinalando como penal a rasteira de Tuffy em Vega", relatou o jornal *Correio Paulistano*.¹⁴⁸

Foi então que, aos 17 minutos da parte final, ocorreu o lance capital que definiu o confronto. O ponta são-paulino Junqueira disparou pela esquerda até a linha de fundo, deixando para trás o marcador Tunga, e cruzou a bola para a área, onde encontrou Luizinho, que só teve o trabalho de tocar de cabeça para o fundo do gol: 2 a 2 no placar.

Os adversários paralisaram, então, a partida, abandonando-a na sequência, reclamando que Junqueira havia deixado escapar a bola pela linha de fundo.¹⁴⁹ A imprensa ressaltou que a defesa palestrina parou de jogar, não se empenhando em defender-se do ataque, acreditando que a bola realmente ultrapassara os limites do campo.¹⁴⁸

De toda forma, a reação adversária ao ter sido o gol validado foi desproporcional ao fato e ao ocorrido anteriormente na própria partida:

"Apesar de ver annullado, injustamente um ponto e um penal não consignado, o São Paulo desfaz a vantagem palestrina de dois pontos e infunde ao adversário o receio de uma fragorosa derrota..."¹⁴⁸

A repercussão na mídia foi gritante. "O Palestra quis vencer 'no apito!'", disse A Platéia¹⁵⁰, "Que retirada!... Perdida a vantagem inicial, o Palestra Italia retirou-se do gramado", estampou a *Folha da Manhã*, "Foi boa a actuação do juiz – incidente desagradável", categorizou o *Correio de S. Paulo* e "gesto anti-esportivo e indisciplinado do Palestra Itália", afirmou a *Folha da Noite*.¹⁵¹

Com a partida paralisada pelos atletas alviverdes, em pouco tempo, diretores e outros associados do time local invadiram o gramado. Muitos tentando convencer o árbitro a voltar atrás na decisão.

Neco não voltou atrás na marcação, e os palestrinos deixaram o gramado, não sem antes perderem o controle de vez. O jogador alviverde Mendes atacou fisicamente o árbitro, desferindo-lhe uma bofetada.

O árbitro, que tinha pavio curto quando jogador, não se rogou a vingar-se e partiu para o contra-ataque. "O nosso colega, Valentim Bonomo, se não fosse esperto, teria sido atingido por um valente chute de Neco, que não queria ver palestrinos pela sua frente",¹⁴⁸ escreveu o *Correio Paulistano*.

148. *Correio Paulistano*, 12 de março de 1935

149. *Folha da Manhã*, 12 de março de 1935

150. A Platéia, 11 de março de 1935

151. *Folha da Manhã*, *Correio de S. Paulo* e *Folha da Noite*, 11 de março de 1935, respectivamente

IMAGEM: Recortes de jornais sobre a fuga de campo do Palestra de jogo contra o São Paulo

Com o arranca-rabo formado, a polícia teve trabalho para conter os ânimos dentro e fora das quatro linhas. Um verdadeiro “*aluvião de brigas*”, como retratou o *Correio de São Paulo*: “*Brigava-se por todos os lados. Alguns jogadores do Palestra davam mostras de querer pular a cerca para agredir os assistentes [torcedores]*”. Vale lembrar que o jogo se deu no próprio Parque Antarctica.

Os relatos são de espantar, não pela novidade do fato – coisas do tipo eram para lá de corriqueiras na era amadora ou semiprofissional do futebol brasileiro –, mas pela clareza da ojeriza que causou.

“*Isso é um escândalo, um menosprezo ao público. É uma semvergonheira inominável e não pode e não deve continuar*” (*A Gazeta*, 12 de março).

“*Foi criticado severamente por todos que estiveram presentes no Parque Antarctica a infeliz atitude do Palestra, abandonando o gramado por não saber acatar uma decisão justíssima do árbitro, quando do tento de empate. A falta de confiança em vencer o prélio, depois daquele tento do Tricolor, talvez tenha sido o motivo principal de ter o alviverde se afastado ingloriamente da luta*” (Coluna de Jormel, no *Correio de S. Paulo*, 11).

“*No jogo de ante-ontem, o culpado foi o Palestra e a vítima o futebol e o seu público. Não há dúvida de que o conjunto alviverde merece ser punido com alguma severidade, não só porque abandonou a luta sem motivo justificado, como também porque deixou de cumprir o seu compromisso para com a assistência. Cometeu ainda outra falta grave, como seja a de se rebelar contra o juiz, o qual, no campo, possui, como se sabe, absoluta autoridade.*”

“*Ademais, os ‘periquitos’, não aceitando a decisão, justa ou não, que confirmou a legitimidade do ponto de empate, deixaram a impressão de que temiam ser derrotados e, conseqüentemente, deram uma demonstração implícita de inferioridade*” (*O Estado de São Paulo*, 12).

“*E não inventando pretextos fúteis para uma retirada estratégica, verdadeiramente desastrada, deselegante e que denotou apenas irreprimível ‘paúra’ no desfecho da luta... Essa é que é a dura, mas nua e crua verdade*” (Coluna de Anhanguera, *Folha da Manhã*, 11).

“*O público esportivo está cansado de assistir palhaçadas: o Palestra está na obrigação de reembolsar Neco, vítima de um furto em seu vestiário*” (*Diário de S. Paulo*, 13).

“*As indecências de domingo ficarão sem correctivo? Se ficarem há um recurso: de futuro o público castigará com suas mãos os velhacos – Ecos da bagunça do Parque Antarctica*” (*O Imparcial*, 14).

A repercussão, como se vê, foi extremamente negativa. Contudo, não se encontram registros de punição adequada, retributiva, aos envolvidos, apesar dos clamores para isto. Cabe destacar que a partida foi organizada pela recém-fundada Liga Paulista de Futebol, que, curiosamente, fez propaganda antes do prélio, destacada na ironia da matéria do jornal *A Gazeta*.¹⁵²

“*O Futebol Pacificado: Antes do início da partida, foi profusamente distribuído um comunicado contendo algumas palavras que o presidente da Liga Paulista proferiu anunciando ao público paulistano que o futebol estava pacificado, etc. e tal. Muito interessante...*”.

152. *A Gazeta*, 12 de março de 1935

Esta situação, como disse, comum à época, mas fortemente indesejável quando se depositavam esperanças em uma nova liga, serviu como banho de água fria para muitos dirigentes tricolores que a apoiaram.

Paulo Machado de Carvalho chegou a pedir demissão do cargo que ocupava na liga, após o jogo¹⁵³, mas, por pedidos da diretoria da LPF, reconsiderou e retirou o pedido, provisoriamente, até finalmente abandonar a entidade no dia 3 de maio. O *Diário de S. Paulo*¹⁵³ também bateu de frente com a Liga e com o Palestra: “*Um caso interessante a frisar: o presidente da Liga Paulista de Futebol é o sr. Pedro Baldassari, um dos diretores do Palestra; o sr. Raphael Parisi, presidente palestrino, é um dos ‘donos’ da Liga Paulista. Resta saber se esses cavalheiros darão parecer contrario ao seu clube*”.

Era isso: o futebol paulista era uma verdadeira zorra desde sempre, mas havia praticamente uma década (desde a cisão APEA/LAF de 1925) encontrava-se inviável.

Assim, na reunião conjunta da diretoria com o Conselho Deliberativo do São Paulo, ocorrida no dia 12, sob forte influência das manchetes, “*foi novamente ventilado o assunto da fusão com o Club de Regatas Tietê, e foi dada autorização, em caráter irrevogável, para que a Diretoria, juntamente com os conselheiros Dr. José Martins Costa, Silvio Coutinho e Flávio Rodrigues, estudasse a fusão do São Paulo F. C. com qualquer outra entidade esportiva, comprometendo-se o Conselho a acatar e aprovar o que fosse resolvido*”.¹⁵⁴

Leia-se, principalmente, o subentendido por “qualquer outra entidade esportiva”: “*Basta! Cansamos disso! Aceitamos qualquer coisa mesmo, menos continuar assim*”.

Para quê? Essa segunda tentativa de fusão, seja lá com quem fosse e derivada pela desconfiança e descrédito com quaisquer federações, despertou a ira dos jogadores do Tricolor. Que, apesar dos pesares, precisavam pertencer a alguma liga.

A rebelião dos jogadores

Descontentes com a ideia de fundir o clube com o Tietê, mas também contrários à de filiar o time à LPF – por causa dos recentes acontecimentos –, os jogadores, sob a liderança do capitão Araken Patusca (que, anteriormente, já havia se mostrado publicamente insatisfeito com a diretoria), se rebelaram. A situação estourou após a vitória sobre o Corinthians, por 3 a 1, no Parque São Jorge, em 24 de março de 1935.

O estopim¹⁵⁵ veio pela falta de uma boa gratificação aos jogadores depois do bom resultado (alguns teriam recebido apenas 50\$000, cinquenta mil réis). A reação, provavelmente, foi relacionada também ao fato, amplamente divulgado nos dias anteriores¹⁵⁶, de que na mesma noite, após o jogo, um “*elegante jantar dançante*” seria promovido, exclusivamente para associados na sede do Trocadero. Vale ressaltar que tais jantares de gala, festas a fantasia e grandiosos bailes eram rotineiros¹⁵⁷, conforme diversas (!) notas encontradas na imprensa durante os meses anteriores.

Se sobrava dinheiro, por que não pagar o devido aos jogadores?

153. *Diário de S. Paulo*, 13 de março de 1935

154. *Monteiro*, 1944

155. *O Imparcial*, 26 de março de 1935

156. *A Platéia*, 22 de março de 1935

157. *A Gazeta*, 16 de fevereiro de 1935

Sem essa resposta, os atletas se proclamaram independentes no dia seguinte, 25 de março, fundando, precisamente, uma agremiação denominada Esporte Clube Independente. O novo time, criado por eles, também levava as cores do São Paulo Futebol Clube.

Muito se suspeita de que a decisão dos atletas tricolores tenha sido motivada por propostas de bastidores, ofertadas por integrantes da APEA (modus operandi conhecido da entidade e já retratado nesta obra), com supostas vantagens da nova era profissional do futebol que somente encontrariam ali, e não na nova LPF, nem com o São Paulo FC. A velocidade de todo o processo, a partir do pretexto (falta de um bom “bicho” imediatamente após vitória), também causa estranheza.

“Duas entidades esportivas, em uma mesma cidade, como está acontecendo agora em São Paulo, não pode de maneira alguma dar resultado. É natural, é humano, que uma podendo cortar as pernas da outra, não deixará de fazê-lo. Com isso, as desavenças se sucedem e nosso meio esportivo prosseguirá em seu caminho de desmoralização...”

*“Somente para a APEA terá vantagens formidáveis a fundação do novo gremio esportivo. Sim, porque com jogadores de primeira categoria poderá a velha entidade patrocinar importantes jogos interestaduais e criar nova vitalidade e pujança”.*¹⁵⁸

A influência da APEA se evidencia como certa ao se tomar ciência do local de fundação do Independente: a própria sede da liga. *“Reunidos na sede da APEA, os jogadores Friedenreich, Araken, Pará, Orozimbo, Moreno, Hércules, Rapha, Jahú e outros, juntamente com os directores Ennio Juvenal Alves, Elyseo Pereira e Lauro Gomes, fundaram uma nova agremiação de futebol...”*¹⁵⁸

O *Diário de S. Paulo*¹⁵⁹, talvez percebendo a semelhança de fatos, condenou a “jogada” com os dizeres: *“Não é impossível que se reinicia a vergonhosa prática dos sequestros, mal disfarçados, das ‘excursões de descanso’ e outros recursos semelhantes de que se lançou mão por ocasião do Campeonato Mundial de Futebol”*. E reforçou a ideia na edição do seguinte:

*“Não errávamos ao afirmar que teríamos, no futebol paulista um ambiente semelhante ao que aqui se verificou por ocasião do campeonato mundial. As hesitações, os sequestros, as ameaças, as atitudes suspeitas já estão na ordem do dia, desde as primeiras horas da fundação do Independente”.*¹⁶⁰

Isso significa que a APEA lançou mão do mesmo movimento de outrora da CBD. Nesses dois casos, e por ambos os lados, a vítima foi o São Paulo. (Contudo, pelas mãos da APEA, esta não foi a única tentativa de cooptar jogadores da LPF. O Clube Atlético Piratininga nasceu com esse propósito: aliciar jogadores, só que do Corinthians, contando, inclusive, com envolvimento de famosos dirigentes desse time.)¹⁶¹

Também é possível ter ideia de quais vantagens financeiras os jogadores teriam parte, caso fossem cooptados: *“Serão independentes e se basearão no systema de cooperativismo, isto é, repartirão os lucros advindo dos jogos, deduzidas as despesas”*.¹⁵⁸ Assim, cortavam-se os intermediários, os patrões. Os jogadores eram os chefes e o próprio clube.

Interpelado, Araken (líder do movimento), afirmou que tudo não poderia ser de outra forma, já que numerosas vezes tentaram resolver a situação com os dirigentes são-paulinos, mas *“há muito que nosso glorioso clube está acephalo”*. E foi além:

“Voltamos para a APEA, pois essa veterana entidade representa a verdadeira tradição do futebol paulista e julgo que fóra della não há salvação. Tenho certeza que a APEA, muito mais depressa do que se julga, voltará a ter a direcção máxima do futebol paulista”.¹⁶¹

O comunicado oficial do Independente, distribuído aos jornalistas, pôs ponto final sobre as causas e interrelações que levaram a tal drástica criação:

“Fundação do Esporte Clube Independente”

“Os abaixo-assignados fazem sciente que, não concordando com a actual administração do São Paulo Futebol Clube, consideram-se do mesmo desligados para fundar, como de facto fundam, uma nova agremiação que recebeu a denominação de Esporte Clube Independente.

“De longa data – praticando o esporte pelo esporte – vinham os signatários deste defendendo, com verdadeira dedicação, as cores do São Paulo Futebol Clube. A nova orientação, porém, dada do clube que acabam de deixar, veio implantar o descontentamento que, attingindo ao mais alto grau, deu em resultado a attitude que ora assumem os fundadores da nova agremiação esportiva.

“Entendemos que o mal de que actualmente é victima o São Paulo Futebol Clube provem do seu afastamento da Associação Paulista de Esportes Athleticos, a entidade dirigente do futebol no Estado de São Paulo, cujo passado esportivo não póde ser desprezado pelos que sempre souberam respeitar as glorias esportivas que são o seu apanágio. Não fóra os gestos impensados que têm sempre certos homens que só timbram em calcar aos pés glorias immorredouras e hoje o São Paulo Futebol Clube estaria concorrendo para que o esporte paulista seguisse a sua trilha de concordia no seio da Associação Paulista de Esportes Athleticos, e não fora dela com o único objectivo de acompanhar caprichos de esportistas que se esqueceram de compromissos firmados e que finham por mira o bem do esporte bandeirante.

“Deixando, portanto, o São Paulo Futebol Clube o fazemos com constrangimento.

“Para dirigir o Esporte Clube Independente, foi proclamada a seguinte directoria provisória: Presidente, sr. Luiz Mendes Pereira; secretário, sr. Arthur Friedenreich, - tesoureiro, sr. Orozimbo dos Santos.

“São Paulo, 25 de março de 1935. – (aa) Luiz Mendes Pereira (Pará), Arthur Friedenreich, Orozimbo dos Santos, Araken Patusca, Pedro Moreno, Hercules de Miranda e Raphael Rodrigues dos Santos (Rapha)”.

De modo geral, a crença era que essa associação não iria perdurar. *“O cooperativismo é uma ilusão, pois somente fazem cálculos dos lucros a repartir, não cogitando nos prejuízos que poderão aparecer”*. E, de fato, o Independente não durou muito.

158. *Correio Paulistano*, 27 de março de 1935

159. *Diário de S. Paulo*, 26 de março de 1935

160. *Diário de S. Paulo*, 27 de março de 1935

161. *A Gazeta*, 8 de abril de 1935

* *Correio Paulistano*, 27 de março de 1935

AUSPICIOSA ESTRE'A

Comquanto não evidenciasse superioridade, mas jogando o seu ataque com melhor rendimento, o Independente bate com meritos a Portuguesa — 4 a 2

No dia seguinte, 26 de março, um dos maiores expoentes alinhados ao novo time, Friedenreich, retratou-se publicamente, arrependendo-se de participar da empreitada e voltando ao São Paulo – e, assim, conseguindo manter-se filiado à LPF, liga do selecionado a que se alinharia no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, no fim do mês. Um outro motivo apontado para o regresso de "El Tigre" ao Tricolor teria sido o fato de o tesoureiro são-paulino, José de Godoy, ter pago certa dívida do veterano jogador.¹⁶²

"Estive de facto na reunião realizada na sede da APEA e trabalhei para a organização do clube que foi fundado. Entretanto, devo agora adeantar o seguinte: não posso colaborar ao lado dos elementos que organizaram o novo grêmio, porque, estou com 26 annos de actividade no futebol e portanto encerrando minha carreira. Durante todo esse tempo, nunca estive em uma situação igual a essa.

"Quero e faço votos para que os meus companheiros sejam felizes com o novo clube, mas eu não posso trabalhar ao lado delles... depois de tudo terminado, reflecti bem e verifiquei que estava enveredando por um caminho errado. Assim, resolvi desistir de colaborar ao lado dos fundadores do novo grêmio, permanecendo no S. Paulo F. C., onde espero encerrar minha carreira sportiva".¹⁶³

Outros nomes, pouco tempo depois, também desistiriam do novo clube. A reação institucional do São Paulo, após reunião extraordinária ocorrida no dia 27 de março, foi eliminar do quadro associativo os atletas Pará e Araken Patusca, e suspender e multar em 1:000\$000 (um conto de réis) os jogadores Moreno e Rapha. Mas engana-se aquele que pensar que essa reunião extraordinária foi motivada, apenas, pela debandada de jogadores.

Das dez resoluções tomadas pela diretoria nessa ocasião, seis artigos trataram de assuntos variados ou de esportes amadores, como comissão de propaganda, comissão de tênis, destituição de cargos na diretoria de natação e reclamações contra o locutor da *Rádio Difusora de São Paulo*...¹⁶⁴ O foco, realmente, estava difuso, longe do que realmente importava.

A segunda tentativa de fusão

Com as conversas de fusão correndo livres nos quatro cantos e com a debandada de jogadores do elenco são-paulino, a situação passou a ser muito grave. Sem grandes nomes no elenco, que em um primeiro momento migraram para o Estudantes de São Paulo e, em seguida, para o Independente, o Tricolor não voltaria mais a jogar depois daquela vitória sobre o Corinthians, 24 de março. O time até tinha partida amistosa marcada para a quinta-feira à noite, dia 28, na Chácara da Floresta, contra o EC Brasil.¹⁶⁵ Mas o jogo não foi realizado.

No dia 9 de abril, o jornal *Correio de S. Paulo* deu voz ao caso, questionando se o Tietê ficaria com o terreno do Tricolor e indicando que os atletas do clube passariam, de vez, ao Estudantes. Contra a Portuguesa, o Independente estreou nos gramados em 14 de abril e venceu por 4 a 2. Estiveram alinhados naquela primeira partida os ex-são-paulinos Moreno, Argemiro, Rapha, Orozimbo, Vega, Araken e Hércules.

162. *Correio Paulistano*, 27 de março de 1935

163. *Diário da Noite*, 26 de março de 1935

164. *Correio de S. Paulo*, 28 de março de 1935

165. *A Gazeta*, 25 de março de 1935

IMAGEM: Cenas do primeiro jogo da história do Independente



Os componentes do novel Independente e a turma da Portuguesa; no segundo plano: O árbitro João Chiavari lido pelos capitães Fiorotti e Orozimbo e um atacante contra a Portuguesa; e, no ultimo plano: Paschoalino e Narciso ao encalço da bola e Guimarães cabeceando o couro, que não se vê na gravura.

Por das mais "primordiais a estre'a, as oportunidades, mormente no segundo período, eis por que os "independentes" triumpharam, da modo allas allas, incide durante os quaes foram marcados os dois pontos com que se collocaram os "independentes" em situação (3 a 1) que lhes abriu o caminho para a victoria. Compreendendo o momento melhor o Independente, o Independente, embora sua classe no

Como se vê, embora o Campeonato da Liga Paulista só estivesse previsto para meados de maio, após a disputa do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, recompor o grupo, com jogadores de qualidade, seria um imenso desafio ao São Paulo. E com dirigentes sem vontade para tal, então...

Com a situação crítica e o tempo passando, associados tricolores se mobilizaram e, no dia 10 de abril, publicaram no jornal *Folha da Manhã* a seguinte missiva, conclamando toda a torcida são-paulina:

“É preciso que o tricolor da capital e do interior não abandone o seu clube, justamente no momento em que elle mais precisa do seu auxilio. É necessário que o tricolor arregimente as suas forças e coordene as suas energias para a luta.

“Tricolor, você que é tão barulhento e tão entusiasmado nos campos de futebol, consente que desapareça o seu clube?”

“Tricolor, você consente que o São Paulo F. C. que tão brilhantemente tem representado o esporte paulista e tem dado à nossa selecção máxima os melhores elementos, desapareça dos nossos campos?”

Tricolor, você não sabe que o São Paulo F. C. não pode desaparecer?”

Foi a primeira aparição pública do Grêmio Tricolor, entidade criada no seio do São Paulo Futebol Clube com a finalidade de *“fazer propaganda do S. Paulo F. C. por todos os meios, para augmento do seu numero de sócios, promover a criação de varias modalidades do esporte e secção infantil, crear uma caixa para a construcção de um grande estádio destinado ao São Paulo F. C.; crear nas estações de radio a hora do S. Paulo F. C.,...”* etc. O anúncio serviu para convocar outros são-paulinos a tomarem parte da primeira assembleia geral do grupo, realizada no dia 11, às 20 horas, na Chácara da Floresta, que definiria estatutos e dirigentes da associação de apoio ao Tricolor.

A essa altura, a rebelião dos jogadores acabou servindo aos interesses daqueles que desejavam a fusão com o Tietê. Esses elementos, depois de criarem a situação que levaria à instabilidade do clube, passaram a se ater a números e valores financeiros para justificar a medida. Ilustro os pontos levantados:¹⁶⁶

- a dívida da finada AA das Palmeiras junto à APEA, de 40:000\$000 (quarenta contos de réis), cobrada a título de represália;
- um passivo total (já incluída a dívida citada anteriormente) de 220:000\$000 (duzentos e vinte contos de réis);
- a receita com o futebol, no ano de 1934, teria sido de 206:000\$000 (duzentos e seis contos de réis), ao passo que as despesas, com o mesmo, ficaram em 248:000\$000 (duzentos e quarenta e oito contos de réis);
- a receita futebolística deveria ser na casa dos 300:000\$000 (trezentos contos de réis), em 1935, para se manter viável o esporte no clube. E, de imediato, seriam necessários 80:000\$000 (oitenta contos de réis) para composição de novo elenco e reforma das arquibancadas da Chácara da Floresta.

166. *Correio de S. Paulo, 30 de abril de 1935*

Aliás, tal reforma não parecia ser necessária até 1934, ao menos não era ela cogitada. Vale lembrar que o Estádio passara por melhorias significativas, já descritas, cinco anos antes. Este tópico será melhor abordado mais à frente.

A informação sobre as despesas e as receitas, pregada também por Paulo Machado de Carvalho,¹⁶⁷ foi combatida e atestada, via livros de caixa do clube, por José de Godoy, em texto de Thomaz Mazzoni,¹⁶⁸ por Carlos Monteiro Brisolla, em entrevista à *Folha da Manhã*,¹⁶⁹ e por Luiz de Barros, presidente do São Paulo, em palestra aos sócios.¹⁶⁹ Para eles, o futebol profissional do São Paulo, em 1934, rendera superávit de 61:633\$000 (sessenta e um mil contos e seiscentos e trinta e três mil réis).

Quanto ao dinheiro, de toda maneira, caso a receita com o futebol em 1934 não fosse a ideal, em grande parte isso se devia ao caos causado pela cisão das ligas e pelo aliciamento cometido pela CBD dos quatro atletas de elite do São Paulo, que custaram ao clube as chances de título nas competições daquele ano.

Mais do que isso, esse entrevero, aliado à fundação da Liga Bandeirante por parte de Palestra Itália e Corinthians, fez com que o Tricolor jogasse partidas do moribundo Torneio Extra da APEA, no final daquela temporada. Essa competição essa nem sequer chegou a ter um campeão em campo, graças às desistências dos referidos clubes.

Em termos esportivos e financeiros: só prejuízos, nenhum benefício. Isso era o que pregavam os defensores da fusão, muito pelo fato de não possuírem perspectivas futuras de uma melhor organização do futebol (vide o citado caso do abandono de jogo do Palestra). A questão não era o fato de o clube não ter condições de investir e manter o esporte, mas, sim, de “não valer a pena”, segundo eles, os defensores da fusão, já que a insegurança administrativa dos órgãos competentes continuaria, e tudo seria mero desperdício. E, afinal, como visto, eles preferiam patrocinar bailes sociais.

Ora, se para 1935 a receita necessária seria na casa dos 300 contos de réis – vale lembrar que o orçamento para 1935 já havia sido aprovado por estes mesmos senhores –, basta ver quanto o clube obtivera em 1933, sem a conturbada interferência da CBD nas competições: 381 contos de réis!¹⁶⁸

Enfim, a questão nunca foi exatamente a monetária. E, curiosamente, como se vê nos periódicos da época, também nunca foi o Trocadero, ao menos no aspecto financeiro. Essa justificativa só seria ventilada, como pretexto, anos e anos depois, para condenar as escolhas das diretorias “fusionistas”, que mais valorizaram o social em detrimento do futebol, e para atestar posturas políticas internas de outro período da história do São Paulo Futebol Clube, que devia muito, muito mesmo, a própria existência àqueles que retomariam as atividades do clube em dezembro de 1935.

*“Não é preciso se diga que essa grande transformação da vida do Tricolor é devido à scisão futebolística em parte, e em outra, ao facto de ter sido um clube muito mal dirigido e orientado esportivamente não tendo ambiente próprio porque assim sempre foi desejado pelos seus diretores, que separavam o mais possível os sócios e os próprios jogadores da vida do clube, agarrados a tantos preconceitos incompatíveis com os princípios do esporte”.*¹⁷⁰

167. *Folha da Noite, 26 de abril de 1935*

168. *A Gazeta, 2 de maio de 1935*

169. *Folha da Manhã, 5 de maio de 1935*

170. *A Gazeta, 15 de abril de 1935*

Procurando o caminho mais fácil e, por que não?, atrativo também no nível pessoal, diretores e conselheiros do clube avançaram com o acordo que visava a acabar com o nome São Paulo Futebol Clube, as cores e os símbolos da entidade. No dia 17 de abril, em reunião conjunta com o CR Tietê, o seguinte foi decidido¹⁷¹ – embora parte do texto já fosse conhecida pela imprensa dias antes:

“O Club de Regatas Tietê e o São Paulo F. C. neste acto representados pelos seus Directores e conselheiros devidamente autorizados, snrs. Mauricio Verdier, Henrique Amaral e Mario Antinori, pelo Club de Regatas Tietê e, Snrs. Luiz Oliveira Barros, Nelson Coutinho, Gastão Rachou, Ataliba Pompeu do Amaral, Luiz Marcondes de Moura, João A. Botelho de Miranda, Paulo M. de Carvalho, Carlos Prado, Flavio Rodrigues, Sylvio de Andrade Coutinho e José Martins Costa pelo S. Paulo F. C., concluem:

“1.º - A fusão dos dois Clubs que passará a denominar-se CLUB DE REGATAS TIETÊ-SÃO PAULO, com séde nesta Capital, sito na Ponte Grande, Chácara da Floresta, ocupando a área actualmente occupada pelos Clubs fundidos.

“2.º - O Club e Regatas Tietê-São Paulo continuará na prática e desenvolvimento de todos os esportes ora praticados pelos Clubs fundidos e dos que se tornarem interessantes e uteis para a collectividade.

“3.º - As côres do novo club serão PRETA, VERMELHA E BRANCA.

“4.º - As instalações actualmente existentes na Chácara da Floresta serão ampliadas de accordo com as possibilidades do novo Club e adaptadas convenientemente às necessidades dos esportes que o Club de Regatas Tietê e São Paulo F. C. praticam ou venham a praticar após a fusão.

“5.º - O novo Club assume o activo e passivo declarados dos Clubs de Regatas Tietê e São Paulo F. C. de acordo com o balanço que este último apresenta nesta data devidamente rubricado não assumindo responsabilidade alguma, além do declarado no balanço supra, que fica fazendo parte integrante deste acordo.

“6.º - As torres de iluminação existentes no campo serão retiradas imediatamente e entregues aos seus proprietários The S. Paulo Tramway Light and Power Company.

“7.º - O Club de Regatas Tietê liquidará, no acto da fusão, as importâncias de 10:000\$000 (deis contos de réis) sendo 5:000\$000 (cinco contos de réis) ao Banco Real do Canadá do compromisso anterior do São Paulo F. C. e 5:000\$000 (cinco contos de réis) para pagamentos diversos. Fará, a partir de Julho próximo, pagamento mensaes de 20:000\$000 (vinte contos de réis) para amortização de créditos de terceiros até final liquidação dos mesmos.

[Não há artigo oitavo na reprodução presente no livro de Raul Leme Monteiro.]

“9.º - Os sócios de ambos os Clubs terão seus direitos adquiridos plenamente salvaguardados, sujeitos, porém, taes sócios às obrigações estatutárias do Club de Regatas Tietê até a reforma dos estatutos a qual deverá ser feita dentro do menor prazo possível.

“10.º - Para fiel execução do que determina a cláusula superior, o São Paulo F. C. compromete-se a fornecer imediatamente uma relação completa de seus associados com direitos adquiridos, dando a categoria dos mesmos.

“11.º - Logo após a assignatura do presente accordo, 20 (vinte) conselheiros do S. Paulo F. C. cujos nomes serão por elle indicados, ingressarão no Conselho Deliberativo do Club de Regatas Tietê, assim será dada posse a três diretores do São Paulo F. C. indicados nas pessoas dos Snrs. Gastão Rachou, Alberto Caldas e Carlos Prado.

“12.º - O presente acordo será dado como firme e valioso logo após a assignatura pelos representantes autorizados de ambos os Clubs, devendo, para fins de direito, ser registrado no Registo Geral de Títulos desta Capital.

“São Paulo, 17 de abril de 1935.

Pelo Club de Regatas Tietê, aa.):

- Maurício Verdier
- Henrique Amaral
- Mario Antinori

Pelo São Paulo F. C., aa.):

- Luiz de Barros
- Gastão Rachou
- Sílvio de Andrade Coutinho
- Luiz Marcondes Moura
- João Álvaro Botelho de Miranda
- José Martins Costa
- Paulo M. de Carvalho
- Carlos Prado
- Flávio Rodrigues”.

Em resumo, o São Paulo entregaria o patrimônio social do clube (a licença de uso do terreno da Chácara da Floresta e o quadro de associados) em troca da cobertura do passivo financeiro da entidade. Além disso, vinte conselheiros e três diretores do Tricolor ganhariam lugar cativo e de destaque na administração Tietê-São Paulo, que se tornaria o maior clube social do Brasil nos anos seguintes, mantendo-se longe das picuinhas futebolísticas que tanto chateavam a alta sociedade paulistana.

Contudo, não ganhariam tais posições se não fosse a entrega do clube ao Tietê. Eles, se não se consideravam capazes de manter o clube em atividade, poderiam ter renunciado e deixado o comando para quem estivesse realmente disposto a administrá-lo – e candidatos não faltaram (como José de Godoy e Cássio Villaça, que se comprometeu a arcar com qualquer passivo que apresentassem).¹⁷² Mas, assim, não teriam com o que barganhar com o vizinho.

Mazzoni foi no ponto, ao analisar a situação: “O mais justo, seria que antes de ‘mata-lo’ deixassem de lado, si fosse ou não fosse necessário, os estatutos e o entregassem aos associados afim destes decidirem dos seus destinos, direito esse que desde o seu primeiro momento de vida o São Paulo F. C. não deu aos seus sócios, para acabar agora exterminado porque assim o entendem meia dúzia de dirigentes, somente porque não se julgam com animo de enfrentar um período de crise, provocada aliás por eles mesmos”.¹⁷³

171. Monteiro, 1944

172. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

173. A Gazeta, 20 de abril de 1935



Não à toa, sócios, torcedores e boa parte da imprensa trataram a fusão como “venda” do São Paulo Futebol Clube ao CR Tietê. Se houve venda, alguém ganhou algo com ela. Ficam registrados, abaixo, os postos concedidos aos dirigentes ex-tricolores¹⁷⁴.

20 posições no Conselho Deliberativo do CR Tietê-São Paulo para:

- Nevio Barbosa
- Manuel de Toledo Passos
- Augusto C. Leite
- Cantídio de Moura Campos
- Carlos Santos Azevedo
- Egidio O. de Carvalho
- Frederico de Souza Queiroz
- João Baptista da Cunha Bueno
- José César de Oliveira e Costa
- Luiz Marcondes de Moura
- Marcelo Pais de Barros
- Manoel Pereira de Rezende
- Paulo Machado de Carvalho
- Paulo Novais de Barros
- Raul Stella
- Sylvio de Andrade Coutinho
- João Barros de Souza Aranha
- José Martins Costa
- Dois nomes não encontrados em nenhuma das fontes consultadas



3 postos de diretoria no CR Tietê:¹⁷⁵

- Gastão Rachou – Diretor de Tênis
- Alberto Hugo de Oliveira Caldas – 3.º Vice-Presidente
- Carlos Prado – Diretor de Futebol

Mais uma vez, como era de se esperar (ainda bem), a decisão do corpo diretivo do Tricolor foi absolutamente mal recebida por associados, torcedores e veículos de imprensa. O *Estado de S. Paulo* de 19 de abril relatou que Humberto Sprovieri, João Ribeiro da Costa, Fuad Batsh, Jorge Paula Souza, Arnaldo de Paula Lima e Edmundo Toledo visitaram a sede do jornal prometendo mobilizar sócios e advogados para anular a medida. A *Gazeta*, no dia 22, divulgou outra convocação de reunião de sócios para aquela mesma noite, às 20 horas, na Rua Bráulio Machado, n.º 1, em Perdizes. E novas conferências aconteceram nos dias 27 e 29, à Rua Xavier de Toledo, 8-A, 2.ª sobreloja.

Thomaz Mazzoni, em texto intitulado “A Alma Tricolor não quer se extinguir...” e publicado n’A *Gazeta* de 20 de abril, relatou a mudança administrativa, entre as duas tentativas de fusão (a primeira, de janeiro e a última, de abril), e reforçou real o motivo dessa ideia funesta:



174. Monteiro, 1944

175. *Correio de S. Paulo*, 27 de abril de 1935

IMAGEM: Mapas da região da Chácara da Floresta, com o estádio, transformado em parque, ao centro



“A velha direção pretendeu fazer a fusão com o Tietê desgostosa com a entrega do São Paulo F. C. à facção cebedense. O ato extremo foi evitado. Os antigos diretores então deixaram o clube e os atuais se mostram dispostos a continuar. Julgou-se salva a vida do São Paulo F. C. Eis, porém, que a nova diretoria depois de provocada a crise interna, com a rebelião dos jogadores, sem mais nem menos, confessa que não tem animo, nem meios, nem forças para enfrentar a situação e resolve faze-lo desaparecer. Era esse o caminho mais acertado?”

Três dias depois¹⁷⁶, o jornalista voltou a se expressar mostrando a divisão entre os gestores do clube e o diferencial entre aqueles que tentaram a fusão em janeiro e os que a defenderam em abril.

Quanto à primeira diretoria, em janeiro:

“Quiz acabar com o clube num momento desesperado, por motivos de todos justificáveis, evitando que o Tricolor fosse vexado, faltasse aos seus compromissos de honra, ao ser arrancado do seio da APEA para passar a facção contrária... se conformariam com o triste sacrifício do São Paulo F. C. (nasceu em consequência de uma cisão e querem finda-lo também vítima de um dissídio em nosso futebol)”.

Quanto à posterior, em abril:

“O fracasso da última direção do Tricolor foi total. Agiu desastrosamente, ao desfiliar o clube da antiga entidade, provocando com isso não só um sério abalo moral como a queda da velha diretoria. Agora, dois meses após, a direção não só se confessa impotente para continuar dirigindo o clube, como se recusa a entrega-lo em mãos de outros, resolvendo ‘fundir-lo’ com o Tietê, propositadamente, para que deixe de existir no futebol, e ainda mais, para que a Floresta termine sua existência no ‘association’ causando a este não pouco dano”.

No entender do premiado articulista de *A Gazeta*, a decisão pela fusão foi pessoal, com cunho absolutamente de desforra política. Ele cita: “Esse procedimento da diretoria do São Paulo F. C. teve por escopo simplesmente levar a efeito um ato de vingança contra o futebol local”.

Retaliação, de fato. Sem a Chácara da Floresta, o futebol paulistano ficaria sem o principal estádio da época – e a extinção dela aceleraria a municipalidade para a construção do Estádio do Pacaembu.

Aproveitando a deixa, voltemos à questão das arquibancadas da Chácara. Apesar de os envolvidos na fusão a considerarem favas contadas desde 17 de abril, a intensa movimentação contrária despertou neles a necessidade de agilizar a dissolução total do futebol do São Paulo. Nada melhor, para isso, do que acabar com o ícone do esporte e o maior patrimônio físico da torcida: o estádio.

A entrega dos refletores e das torres de iluminação já estava prevista desde o acordo, mas três arquibancadas gerais (as de trás das metas e a paralela ao CR Tietê) foram derrubadas do dia para a noite, sem aviso prévio – mais do que isso, postas abaixo em plenos feriados de sexta-feira da Paixão de Cristo (19 de abril) e Páscoa (21 de abril) –, deixando suspeitas as necessidades apontadas.

176. *A Gazeta*, 30 de abril de 1935

Joaquim Simões Gomes, responsável pelo almoxarifado do Tricolor, relatou, quase 50 anos depois¹⁷⁷, que “fizeram a fusão com o Tietê num dia e, no outro, os caminhões da Light chegaram para arrancar as torres de iluminação do campo. Entre os funcionários ninguém entendia o que estava acontecendo”.

O desmonte iniciou-se sob pretexto de “reforma”, e já no dia 21 de abril não restava muito da velha Chácara: “Parte da tradicional praça de esportes já está em esqueleto. A Light retirou os reflectores. O S. Paulo F. C. havia prometido o campo para a realização do torneio de futebol da Olympiada Universitaria. Não podia a reforma ser retardada de quinze dias? Não seria o caso dos acadêmicos pedirem interferência do prefeito? Que pressa é essa de desmontar o campo do S. Paulo F. C.?”¹⁷⁸

O caos foi implantado tão de repente, que para a população em geral, o que ocorria na Chácara da Floresta devia ser alguma obra da Prefeitura da cidade... Só algo do tipo justificaria o sobe e desce de operários, e maquinário, sem prévio aviso.

“Muito embora os mentores ‘vermelhinhos’ [do CR Tietê] queiram fazer cre que deram um passo seguríssimo, a pressa com que o serviço de demolição da parte da archibancada e geral está sendo feita, prova que ainda resta um ponto no qual os tricolores poderiam se pegar afim de voltar atrás. Com toda essa pressa, e com os boatos que correm, por certo não muito satisfatórios para o Tietê, já houve quem dissesse que esse clube está fazendo o trabalho para a prefeitura...

Correu ante-hontem, pela cidade, o boato que a Prefeitura, dado o trabalho feito por alguns tricolores, havia interdictado o campo do S. Paulo. Não é verdade. O campo está de facto interdictado, mas pelos próprios S. Paulo e Tietê.

Devem estar satisfeitos os inimigos do S. Paulo”¹⁷⁹.

Tal demolição, para as intenções dos entreguistas, se mostrou justificada. Chefiados pelo dr. Paulo Sampaio e pelo advogado Carlos Monteiro Brisolla, outros 29 associados entraram com um processo junto à 2.ª vara cível – especificamente um mandado de manutenção de posse –, no dia 23 de abril, tentando impugnar a fusão entre os dois clubes.

Eis a relação¹⁸⁰ dos 31 resistentes que ficaram conhecidos como parte do Bloco Tricolor (na verdade, Grêmio Tricolor):

- Paulo Sampaio
- Carlos Monteiro Brisolla
- Luiz Lopes Coelho
- Otacílio de Toledo Barros
- Bartholomeu Vicente Gugani
- Mauricio Vilela
- Fernando Corrêa de Sampaio
- Pedro Batini
- Manoel Simões Barreiros
- Silvio Fernandes Rui
- Francisco Pereira Carneiro

177. *A Gazeta Esportiva*, 18 de outubro de 1982

178. *A Gazeta*, 22 de abril de 1935

179. *Correio de S. Paulo*, 24 de abril de 1935

180. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942

- Cristovam Pinto Moreira
- Vicente Gelotti
- José Edison Fonseca
- Luiz Felipe de Paula Lima
- Mário das Dores
- Armando Santiago
- Paulo Fernandes Rui
- Alfredo Lapolla
- Felipe A. Ponto Elias
- José Querido
- Humberto Sprovieri
- Luiz Marques
- Vadí Mattar
- José da Costa Machado
- Edmundo Fernandes
- P. Barros
- José de Aguiar Whitacker
- Maria Raete
- Arnaldo de Paula Lima
- Jorge Pancoloni

O parecer do magistrado Renato Gonçalves de Oliveira, que deveria ter sido anunciado no dia 30 de abril, foi publicado apenas no dia 2 de maio, após audiência também com o CR Tietê, e o resultado não poderia ter sido melhor para a torcida são-paulina: “O campo do São Paulo pertence ao Bloco Tricolor”, estampou em letras garrafais o *Correio de S. Paulo*¹⁸¹, que complementou: “A fusão São Paulo-Tietê deixou de existir em virtude do mandado do juiz da segunda vara”.

De acordo com a Justiça, a fusão só seria válida por meio de realização de assembleia geral de associados considerados fundadores, conforme regia o estatuto vigente do São Paulo. Não bastaria a vontade da Diretoria ou do Conselho. Com a decisão judicial, “em situação delicadíssima fica a directoria do Tietê... terá que mandar reconstruir tudo quanto desmanchou no campo do São Paulo que tão cedo não poderá ser utilizado em jogos de vulto, sendo ainda forçada a pagar as despesas do processo”.¹⁸¹

Os advogados do clube ribeirinho vizinho, Eurico Sodré e Jair Martins, aliás, tentaram ainda sustar o mandado perpetrado, no dia 4 de maio, mas o juiz de direito indeferiu o pedido.¹⁸²

Na decisão original, o juiz de direito também denominou, oficialmente, o jogador e apoiador do futebol são-paulino Bartholomeu Vicente Gugani, o Barthô, como fiel depositário da Chácara da Floresta. Consta¹⁸³ que Barthô vigiava “o dia todo, sem arredar pé” o campo do Tricolor, mesmo à noite. O atleta, contudo, no dia 8 de maio, desistiu de tal encargo alegando “motivos imperiosos.”¹⁸⁴

Pouco tempo depois, em 20 de julho, o jogador faleceu por causa de uma infecção dentária.

181. *Correio de S. Paulo*, 3 de maio de 1935
 182. *Folha da Manhã*, 5 de maio de 1935
 183. *Correio de S. Paulo*, 9 de maio de 1935
 184. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942

Esse aspecto do parecer jurídico se deu pelo fato de que, como dito anteriormente, a Chácara da Floresta era um terreno municipal, e o São Paulo (como os outros clubes da área, Tietê e São Bento) somente detinha a concessão de uso. Caso o clube deixasse de existir – dependendo do entendimento do judiciário e do executivo público, a concessão poderia ser repassada para qualquer outra agremiação, exatamente da mesma forma que a AA das Palmeiras correu o risco de perdê-la em 1929, não fosse a decisão da Prefeitura em manter o usufruto.

E o município, sob a figura do prefeito Fábio Prado, nem tinha ideia de que o patrimônio estava em vias de mudar de mãos, segundo relato de Carlos Monteiro Brisolla, presidente do Grêmio Tricolor, que aponta como testemunhas desse entendimento Fernando Sampaio e Thiers de Barros.¹⁸⁵

Empolgada, a direção do Grêmio Tricolor – retratado como “Grupo Tricolor”, para uns (*Folha da Manhã*), ou do “Bloco Tricolor”, para outros (*Correio de S. Paulo*) –, previa a volta aos trilhos, contando com o retorno de todos os jogadores ao São Paulo: “Uma vez que tudo volte a uma situação normal, os jogadores, mesmo os que se encontram no Independente, voltarão a defender as cores do São Paulo, que não mudará de nome”.¹⁸⁵

Embora tardiamente (meses e anos depois), de certa forma, isso tenha acontecido.

Carlos Brisolla justificou essa crença ao apontar que o principal erro das velhas diretorias foi encastelar-se nos grandes e restritos eventos sociais do Trocadero e que isso não voltaria a acontecer. “[...] Entre jogadores e diretores criou-se uma atmosfera de incompatibilidade, que se exteriorizou logo na pouca disposição, na carência de entusiasmo com que o quadro agiu muitas vezes...”¹⁸⁵

Brisolla também apontou que o distanciamento do futebol para com o resto do clube foi preponderante para a rebelião que se instalou: “a sede do Trocadero... serviu apenas para estabelecer diferenças entre os próprios sócios do clube... A sede contribuiu para aumentar a distância entre certos directores, e, de outro lado, sócios, torcedores e jogadores”.¹⁸⁵

Para o dia seguinte à decisão judicial, 3 de maio, estava marcada uma “passeata monstro”, convocada pelos são-paulinos. Os manifestantes combinaram de comparecer, às 19h30, à antiga Estação do Norte – atual Estação Brás – para se despedirem dos jogadores do selecionado paulista, que viajariam ao Rio de Janeiro para a decisão do Brasileiro de Seleções Estaduais e depois, de lá da estação de trem, partirem em direção ao centro da cidade, manifestando-se contra o fim do Tricolor.¹⁸⁶

“Aos gritos de ‘Caique! Paique! Chaique! Uaique!’ sucediam-se as marchas executadas pela banda de música, que puxava o cordão de manifestantes. Vários dísticos eram carregados. Pudemos lêr: ‘Homenagem ao dr. Henrique Bayma’; ‘Homenagem ao dr. Fabio Prado’; ‘Salve o glorioso S. Paulo F. C.’; ‘Abaixo a Fusão’; ‘Homenagem aos sócios fundadores do glorioso esquadrão de aço’ e ‘Homenagem à imprensa’; bandeiras do São Paulo F. C., além de outras, pequeninas, espalhadas nas mãos dos manifestantes”.¹⁸⁷

O trajeto da comitiva se deu por Avenida Rangel Pestana, Rua Libero Badaró (quando “era incalculável a massa de povo que se comprimia, dando vivas ao São Paulo e morte à fusão”¹⁸⁷), Viaduto do Chá, concluindo a passeata na LPF e na sede do jornal *Correio de S. Paulo*.

185. *Folha da Manhã*, 5 de maio de 1935
 186. *Correio de S. Paulo*, 2 de maio de 1935
 187. *Correio de S. Paulo*, 4 de maio de 1935

A passeata de hontem promovida pelo Bloco Tricolor



Quando os socios e afeiçãoados do S. Paulo abandonavam a Estação do Norte

Após o embarque da delegação paulista para o Rio, os socios e afeiçãoados do São Paulo F. C., promoveram a annunciada passeata de protesto contra o fusão do clube com o C. R. Tietê e regosio pela decisão alcançada na 2.ª vara civil.

Era imenso o entusiasmo reinante entre os que tomaram parte na passeata. Sabendo da Estação do Norte, com um numero bem grande de pessoas, rumaram para o centro da cidade. No trajecto, muita gente engrossou a massa de manifestantes, que, quando alcançou o centro da cidade, chegou a impedir o transito. Para que se faça uma idéa, basta dizer que, quando o cortejo passava pela avenida Rangel Pestana, os bondes trafegavam pela rua do Gazometro, vindo para o Largo do Theour.

Aos gritos de "Caïque! Paiquet! Chalque! Uaique!" succediam-se as marchas executadas pela banda de musica, que puxava o cordão de manifestantes. Varios disticos eram carregados. Pudemos lêr "Homenagem ao dr. Henrique Bayma"; Homenagem ao dr. Fabio Prado"; "Salve o glorioso S. Paulo F. C."; "Abaixo a Fusão"; Homenagem aos socios fundadores do glorioso esquadrão de aço" e "Homenagem á imprensa"; bandeiras do São Paulo F. C., além de outras, pequeninas, espalhadas nas mãos dos manifestantes.

Quando o cortejo passou pela rua Libero Badaró, era incalculavel a massa de povô que se comprimia, dando vivas ao São Paulo e morras a fusão.

Atravessando o Viaducto do Chá, foram até a séde da Liga Paulista. All das sacadas da Liga usaram da

palavra os drs. Brisola, Silva Frelre e Thiers de Barros que, saudando os manifestantes e elogiando a attitude dos socios e admiradores do São Paulo F. C., não consentindo no desaparecimento do S. Paulo pois, a fusão com o C. R. Tietê nada mais representa que lesão.

Os oradores foram vivamente aclamados, sendo tambem pedida a presença do dr. José de Godoy, director do futebol do clube e um dos que se manifestaram contravios a fusão.

Em seguida, os manifestantes se dirigiram a redacção do "Correio de S. Paulo", onde vieram agradecer as noticias que temos publicado sobre o movimento effectuado em favor do reaparecimento do famoso "esquadrão de aço" da Floresta, disperçando-se em seguida.

Após a decisão judicial, tal cortejo marcou, também, o júbilo pelas esperanças renovadas no futuro do São Paulo. Entretanto, tal felicidade seria posta à prova no dia 14 de maio de 1935, data para quando foi convocada a esperada Assembleia Geral de sócios fundadores do São Paulo Futebol Clube.

Para um concílio tão importante quanto este, era de se esperar que o clube publicasse o edital de convocação de associados com dias de antecedência e em vários periódicos, certo? Mas não foi isso que ocorreu. Para os desejosos da fusão, uma chamada amplamente pública, deste tipo, não era interessante, de modo algum: quanto menos gente aparecesse, melhor!

No *Correio Paulistano* de 11 de maio, por exemplo, a reunião do dia 14 apareceu como uma "possibilidade" apurada pelo jornalista - e que dava como certa a união, visto o "grande número de procurações (que) está em poder de vários sócios favoráveis à deliberação tomada". Ou seja, o que divulgavam eram os relatos espalhados pelos dirigentes pró-fusão há quase um mês: que todos os pontos já estavam decididos e a fusão, concretizada.

O público, de maneira geral, só tomou conhecimento do encontro na manhã do mesmo dia, com os jornais matutinos. O comunicado que divulgaram deixava transparecer que veio por parte do São Paulo, sim, mas por meio do Grêmio Tricolor, que, de última hora, fez questão de enviá-lo aos veículos de imprensa:

"Conforme foi noticiado, a directoria do S. Paulo F. C., depois de haver feito uma fusão com o C. R. Tietê, amplamente publicada [aqui, uma cutucada pela falta de divulgação], convocou para hoje, às 14 horas, na séde do 'Trocadero', à praça Ramos de Azevedo, 4, uma assembléa geral extraordinária, para o fim de discutir-se 'uma proposta de fusão com o C. R. Tietê'.

"É perfeitamente dispensável encarecer a importância dessa assembléa: dela dependerá a existência de um grande clube, genuinamente Paulista, cujo desaparecimento prematuro tem causado tão grande sensação em nossos meios esportivos.

"Cada socio fundador deverá meditar profundamente antes de dar seu voto, pesando a responsabilidade que lhe cabe, na decisão que todos vão adoptar.

"Depois que a directoria do Gremio Tricolor conseguiu tão bella victoria impedindo que se consumasse uma fusão, seria necessário que os sócios fundadores não deixassem escapar essa oportunidade de defender o patrimônio esportivo de S. Paulo, votando contra a pretendida fusão".

Cabe dizer que, por norma estatutária, a convocação de Assembleia Geral deveria ser realizada com no mínimo oito dias de antecedência, sendo publicada no *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. E o procedimento foi efetuado com rigor, sendo a convocação publicada no dia 5 de maio (em solicitação datada do dia 4).

Apesar da falta de propagação de tão importante notícia, o clima entre os defensores do futebol no São Paulo era amplamente esperançoso na véspera do acontecimento. O *Correio de S. Paulo* de 14 de maio, com base nesses citados, chegou até a afirmar que o São Paulo se manteria vivo e passaria ao quadro da APEA: "Ao que se sabe, o São Paulo continuará de pé. Segundo conseguimos apurar, a nova directoria do São Paulo filiará o clube na Associação Paulista de Esportes Athleticos".

Presidida pelo maior representante do Conselho Deliberativo do Tricolor, Alberto Hugo de Oliveira Caldas, e secretariada por Luiz Lopes Coelho e Helio Pereira de Queiroz, a assembleia teve início no local e na hora marcados, conforme consta no livro de atas das Assembleias Gerais do São Paulo F. C., registrada sob o n.º 4.828 no livro “Q n.º 8” do “Registro Integral de Títulos, Autos e Memórias do Cartório do Dr. J. S. Arruda”, no dia 22 de maio de 1935.

A conferência teve início com Paulo Machado de Carvalho apresentando o documento de acordo elaborado em 17 de abril e impositivamente pedindo que “nenhuma proposta fosse discutida, antes de ser, em definitivo, aprovada a fusão”,¹⁸⁹ monopolizando, assim, o viés da votação, não abrindo alternativas para o associado.

Na sequência, Carvalho discursou sobre os motivos que levaram a diretoria a preferir unir-se ao Tietê: “Alarmados com a decadência moral do futebol e plenamente convencidos da sua impraticabilidade, na fase actual, não só devido ao dissídio como também é absoluta [a] falta de garantias para qualquer Clube, com referencia aos contractos de jogadores, cujas clausulas vem sendo violadas com grave damno para a economia dos Clubes”.¹⁸⁹

O dirigente levantou a questão de reconstruir um novo elenco e novas arquibancadas do estádio – como se esses problemas não tivessem sido agravados justamente por eles. “As obras foram calculadas em quarenta e cinco contos de réis e para se contractar novos jogadores seriam precisos trinta contos, mais ou menos”.¹⁸⁹

Acrescentou que a deliberação unânime autorizando estudos e tratativas de fusão com qualquer clube, tomada no dia 12 de março, foi assinada por 13 conselheiros:

- Manoel Pereira Rezende
- José Martins Costa
- Alberto Hugo de Oliveira Caldas
- Flávio Rodrigues
- Manoel Toledo Passos
- Paulo Moraes de Barros
- Carlos de Souza Nazareth
- Sylvio de Andrade Coutinho
- Nevio Barbosa
- Raul Estella
- Augusto Leite
- Fernando Egydio
- Cássio Martins Villaça

E informou que a comissão apontada pelo Conselho, naquela ocasião, formada por Sylvio Andrade Coutinho, Flávio Rodrigues e José Martins Costa, preferiu a proposta de fusão com o Tietê à oferta dos associados são-paulinos e representantes do Clube Athletico Estudantes de São Paulo (a proposta de assumir todo o passivo do clube, mas com a formação de novo quadro diretor, de que tomariam parte).

Afirmou ainda que “mão desejando effectivar o acordo assignado sem primeiro submetel-o à aprovação dos sócios com direito a voto, esta Directoria convocou a presente assembleia afim de que os senhores associados se manifestem a respeito”.¹⁹⁰

E concluiu com a leitura do acordo de 17 de abril com o CR Tietê, inclusive com o anexo descritivo do ativo e passivo do São Paulo, até aquele momento, sendo, logo após, apresentado um abaixo-assinado de diversos fundadores aprovando todos os atos praticados pela Diretoria e pelo Conselho.

ATIVO

• Caixa (em dinheiro)	387\$000
• Caixa (em bancos)	466\$500
• Títulos a receber	6:199\$000
• Contas a receber	600\$000
Total:	7:652\$900

PASSIVO

• Contas a pagar	9:841\$300
• Contas a pagar em abril	7:948\$800
• Títulos a pagar	63:110\$000
• Contas correntes devedoras	119:308\$400
• Ordenados dos jogadores	10:274\$800
• Ordenados dos empregados	9:253\$900
• Comissão dos cobradores	1:500\$000
Total:	221:227\$200

Nesse ponto, a situação sofreu a reviravolta fatídica. Como dito, somente tomou parte desta Assembleia Geral uma parcela de todos os associados do Tricolor, apenas aqueles considerados fundadores, por causa dos termos previstos nos estatutos do Clube, a que todos os sócios estavam submetidos. O capítulo VI, intitulado “Da assembléa geral”, no artigo 47.º, dizia:

“A Assembléa Geral do São Paulo F. C. é seu orgam legislativo e electivo e compor-se-á unicamente de sócios fundadores”.

Como visto no capítulo “O Nascimento do São Paulo”, os sócios fundadores eram em número de 200 pessoas. Já o número total de registros de associados do clube, de acordo com o livro “Quadro Social São Paulo Futebol Clube” (o documento oficial de registros da entidade), de 1935, era de quase três mil pessoas.

Dos esperados 200 sócios fundadores, compareceram à “Assembleia-Geral-Não-Tão-Geral-Assim”, realizada na Praça Ramos de Azevedo, n.º 4, na terça-feira, 14 de maio de 1935, 151 associados, em tese com as obrigações sociais em dia e aptos a votar. Mas, curiosamente, desses 151 nomes, apenas 63 fizeram parte da relação oficial de sócios fundadores do Tricolor, em 1930.

De acordo com o parágrafo único, dos citados artigos e capítulos dos estatutos do São Paulo, foram considerados “sócios fundadores os duzentos sócios escolhidos pela Directoria em sua reunião de 8 de novembro de 1930, dentre os primeiros quatrocentos sócios inscriptos no social e, os que, posteriormente, por deliberação da Directoria, preencheram as vagas verificadas”.

Ou seja, no fim das contas, era sócio fundador quem a Diretoria desejava que fosse.

Pois bem, finalizada a conferência, o resultado do pleito foi devastador: 113 votos a favor da união, 33 abstenções e apenas cinco votos contrários. Vale registrar os únicos três nomes, destes cinco, que a história preservou:

- Carlos Monteiro Brisolla
- José de Godoy
- José Sampaio

Os 113 homens que votaram pela fusão com o Tietê e pelo fim das atividades do São Paulo foram:¹⁹¹

- Eugênio Sodré Borges
- Jair Martins (por procuração dada a Eugênio Sodré Borges)
- Eurico Sodré
- Edmundo Xavier Ribeiro de Mendonça
- José Carlos de Macedo Soares
- Augusto Ribeiro de Mendonça
- Julio Revoredo
- Antônio Cândido Azevedo Sodré
- Oswaldo Brancante Machado
- Umberto Whitaker Penteado
- Paulo Novaes de Barros
- Américo Floriano de Toledo (por procuração dada a Paulo N. de Barros)
- Henrique Pegado
- Joaquim de Campos Salles
- Victor Luis P. de Souza
- Firmino Pires de Melo
- Paulo de Queiroz
- Victor de Queiroz
- Álvaro de Souza Queiroz
- Caio Luiz P. de Souza
- Waldo Rollim de Moraes
- Nelson Berlink
- Caetano Notari
- Arnaldo Alves da Motta
- Caetano Caldeira
- Manoel Pereira de Rezende
- Flávio M. Campos
- Lahir (ou Salim) de Castro Cotti

- Raphael Luiz P. de Souza
- João de Barros
- Leonel Benevides de Rezende
- Manoel de Toledo Passos
- Plínio da Silva Prado
- Carlos Prado
- Francisco Armando Junior
- José Accacio Fontoura
- Luiz Gonzaga de Toledo (por procuração dada a José Accacio de Fontoura)
- Adalberto de Queiroz Telles Filho
- Cândido Cortez
- Nelson de Andrade Coutinho
- João de Almeida e Brito (por procuração dada a Nelson de Andrade Coutinho)
- Martinho da Silva Prado
- José Cerquilho de Assunção
- Francisco Coutinho Filho
- Carlos de Souza Nazareth
- Marcos Ribeiro dos Santos
- Roberto Nioac (ou Nicac)
- Tito Pacheco Junior
- Sylvio de Andrade Coutinho
- Francisco Luiz da Cunha Bueno
- Joaquim Luiz Alves de Lima
- Eduardo da Silva Ramos
- Antônio Carlos Conceição
- Jorge Alves de Lima
- Alberto Hugo de Oliveira Caldas
- Ataliba José Pompeu do Amaral
- Paulo Espíndola de Aquino (por procuração dada a Ataliba J. P. do Amaral)
- Cantídio de Moura Campos
- José Martins Costa
- Julio de Mesquita Filho
- Raul Vieira de Carvalho
- Roberto (ou Rodrigo) Alves de Almeida
- Augusto Rodrigues Junior
- Cincinato Reichert
- Gastão Rachou
- Raul Estella (por procuração dada a Gastão Rachou).
- Raul Guimarães
- Luiz Marcondes de Moura
- Antônio Carvalho Saraiva
- Luiz Augusto Saraiva
- Luiz Augusto Pereira de Queiroz
- Clodoaldo Caldeira

191. Monteiro, 1944, e Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

- Edgard Tibiriçá
- João Álvaro Botelho de Miranda
- Adelino Alves
- Fernando Egydio de Oliveira Carvalho
- Marcello Paes de Barros
- Augusto Brandt de Carvalho
- Bernardo Morelli Junior
- Oswaldo Sampaio
- Raphael Salles Sampaio
- Edmundo C. Amorim
- A. Gabriel da Veiga
- João Baptista da Cunha Bueno
- José Junqueira de Oliveira
- Erasmo de Toledo
- Cid Amand (ou Arnaud) Costa
- Antônio Augusto Fleury de Assumpção
- Samuel Augusto de Toledo
- Thomaz da Cunha Bueno
- Frederico de Souza Queiroz
- Manfredo Costa Junior
- Lauro Sousa Lima
- Estevam José de Almeida Prado
- Miguel dos Santos Junior
- Arthur Nascimento Junior
- Antônio de Toledo Passos
- Sylvio da Costa Boock
- Névio Nogueira Barbosa
- Paulo Machado de Carvalho
- José Augusto de Siqueira (por procuração dada a Paulo M. de Carvalho)
- Cincinato Cajado Braga
- Plínio Botelho do Amaral
- Luiz Fernando do Amaral
- João Baptista de Souza Aranha
- Vasco Baruel Galvão Bueno
- Luiz Oliveira de Barros
- Arthur José da Nova (por procuração dada a Luiz Oliveira de Barros)
- Antônio Prado Junior
- Manoel Carlos Aranha
- Antônio Manoel Alves de Lima
- Duffles de Camargo Bueno
- Flávio Rodrigues

Deixaram de votar 33 senhores, dos quais 12 justificaram suas decisões em nota oficial de protesto. Dos demais sócios, 20 nomes são desconhecidos, até o momento, e o senhor Francisco Luiz Ribeiro consta na obra de Raul Monteiro¹⁹² como um dos que se abstiveram]:

“Os abaixo assignados, sócios fundadores, ou representantes de sócios fundadores declaram que deixam de votar sobre a fusão do São Paulo F. C. com o C. R. Tietê, pelos seguintes motivos:

“a) a fusão já foi oficialmente comunicada a toda imprensa da Capital, tendo o director do São Paulo, Dr. Paulo de Carvalho, declarado, em entrevista à Folha da Noite [dia 26] que a fusão já se havia consumado e, finalmente, o Sr. Jayme Torres acaba de obter do Sr. Mario Antinori, um dos directores do Tietê, comunicação telephonica de que este Clube considera consumada a fusão;

“b) da lista de sócios fundadores constam mais de duzentos sócios desta categoria, conforme ficou demonstrado em assembleia; nestas condições a convocação desta assembleia, com o motivo declarado de ser destinada à discussão de uma proposta de fusão com o C. R. Tietê, é perfeitamente innocua e illegal, pois foi feita por quem já não tinha poderes nem existência legal para fazel-o, assim, fazendo esta declaração, protestam contra a legalidade desta assembleia.

São Paulo, 14 de maio de 1935”.

- Homero Cordeiro
- Nelson Baia Chaves.
- Jorge Faria.
- Sylvio T. Ruy.
- Jayme Torres.
- Paulo Sampaio.
- Paulo Meirelles (por procuração dada a Carlos Monteiro Brisolla).
- Cássio Villaça.
- Maurício Villela.
- Bartholomeu Vicente Gugani - Jogador, o Barthô.
- Joviano Telles.
- Hélio Pereira de Queiroz.

Esses doze senhores visavam, ao que se subentende, a questionar judicialmente o pleito com base no que o próprio Paulo Machado de Carvalho proferira momentos antes de ser aberta a eleição, que segue transcrito:

*“Não desejando effectivar o acordo assignado sem primeiro submetel-o à aprovação dos sócios com direito a voto, esta Directoria convocou a presente assembleia afim de que os senhores associados se manifestem a respeito”.*¹⁹²

Além dos dois pontos levantados na nota de protesto, os vários comunicados enviados pelo clube vizinho aos jornais intitulados “CR Tietê-São Paulo”, o mandado de posse impetrado pela Justiça e o próprio desmonte ocorrido no estádio da Chácara da Floresta são provas cabais de que a diretoria havia passado por cima dos estatutos e que a mesma poderia ter sua legalidade questionada. Mas, mesmo que o decidido pela assembleia fosse revertido em tribunal, levaria muito tempo e haveria muito chão para se percorrer...

192. Monteiro, 1944

“Ninguém mais pedindo a palavra, e em face do resultado, o senhor Presidente declarou aprovado e ratificado em todos os seus termos o acordo feito com o Club de Regatas Tietê, nos termos do documento assinado pela Directoria do São Paulo Futebol Clube”.

Mas essa história não acaba aqui.

Os dias seguintes

Não sabemos se choveu pesadamente naquela manhã de quarta-feira, 15 de maio de 1935, mas esperamos que sim, a cântaros, e que o dia tenha virado noite... Os primeiros jornais do dia, vendidos nas bancas de revista ou entregues às portas dos assinantes, destacaram funestas manchetes. “O S. Paulo F. C. e o Tietê definitivamente unidos”, destacou a *Folha da Manhã*, seguindo com o apurado até então: “Á ultima hora, quando esta secção estava prestes a ser encerrada, soubemos que a assembléa que o S. Paulo F. C. convocou para hontem, deliberou aprovar a fusão do clube com o C. R. Tietê, por 125 (sic) votos contra 33 (sic)”.

O *Correio Paulistano* foi direto na ferida: “O São Paulo F. C. já não existe”. E o que mais chama atenção a esta reportagem é o caso das procurações. No registrado em ata, de acordo com Monteiro¹⁹³, foram apenas oito votos dados nesta condição. Mas o jornal aponta algo distinto e alarmante: “115 votos (sic), dos 200 socios fundadores, ratificaram os actos da directoria. Só o sr. Gastão Rachou, tinha em seu poder 37 procurações, Nelson Coutinho, 14, todas favoráveis á fusão”.

Na nota também foi destacada a contraproposta que os tricolores pró-futebol queriam apresentar oficialmente à assembleia, mas que foram impedidos pela “ordem do dia”, e que só foi conhecida por conta dos debates extraoficiais, fora da pauta: “Um grupo de sócios, entre os quais se distinguia o dr. Cássio Villaça, Firmiano Pinto Filho, Jayme Torres e outros, apresentou á assembléa a proposta de sua suspensão por oito dias, pois durante esse prazo, esses sportistas se compromettiam a entrar com os 220:000\$000, que comprehendem a divida do São Paulo. A assembléa exigiu que assignassem immediatamente o compromisso dessa importância, caso contrário, não podia attender á proposta”.¹⁹⁴

A atitude, além de autocrática, foi considerada demasiadamente prepotente pelo articulista. Na edição seguinte, ficou esta questão: “Por que recusar tão importante proposta? Acaso, o dr. Cassio Villaça não possui bastante idoneidade para responder por tão sério compromisso? Não era elle um dedicado diretor, que há muito tem dado provas de elevado character? Mas, e que tudo já estava decidido e todas as propostas não iriam influir na decisão tomada”.

Por sua vez, o *Correio de S. Paulo* também questionou o abuso de procurações, mas estampou um título que trazia ainda algum fio de esperança para os torcedores: “Nada resolvido sobre o caso Bloco Tricolor-Tietê”. Para o periódico, a assembleia somente ratificou o que já era divulgado, que a fusão aconteceu. O veículo contava, basicamente, com o desenrolar do imbróglio em outras vias, certamente judiciais: “Até agora, somente se sabe que tudo quanto a directoria do ex-São Paulo procurou fazer foi ilegal. Mas nada, até agora, foi desmanchado. Como terminará a ‘encrenca’?”¹⁹⁶

Toda a imprensa, porém, reconhecia que muito ainda se falava sobre esse assunto.

O GRÊMIO TRICOLOR E OS DISSIDENTES

Sem demoras, o suplemento esportivo de *A Gazeta*, no dia 20 de maio de 1935, aventou a possibilidade de o São Paulo se reorganizar – com a nova alcunha de Esporte Clube São Paulo. A ação contaria, ainda, com a ajuda do prefeito Fábio Prado – por causa da questão pública do estádio da Chácara da Floresta:

“O prefeito da cidade dará a Floresta ao Gremio Tricolor. Eis o que se tem como certo. Pode-se assegurar que a tradicional praça de esportes já é daquelle grêmio, que hoje promoverá uma reunião para tratar da fundação do E. C. S. Paulo, sucessor do São Paulo F. C. O ‘G. T’. vae, por isso, entrar em entendimento com o Independente e o Estudantes de São Paulo.

“Hontem, foi enviado ao prefeito de São Paulo o seguinte telegramma: Dr. Fábio Prado – Prefeitura – São Paulo – Em nome comissão organizadora passeata-monstro tenho a honra voltar a presença de v. excia. afim felicitar-vos brilhante actuação em favor “Gremio Tricolor”, evitando desaparecimento tão inglório São Paulo F. C. a quem nossa gloriosa Capital lhe empresta o nome – Respeitosas saudações – a. Alcides Rodrigues Borges”.¹⁹⁷

Mas o que era exatamente o Grêmio Tricolor? E quem fazia parte dele?

Desde o começo desse processo, os fanáticos são-paulinos fizeram de tudo para não deixar o clube morrer. E, bem verdade, por causa deles, nunca morreu e sempre esteve ativo, de uma forma ou outra, e por esse motivo o São Paulo é um só até hoje, desde 1930.

As origens do Grêmio Tricolor do São Paulo Futebol Clube – nome oficial – remontam a 9 de fevereiro de 1935. Em meio ao fervor dos debates sobre o futuro do clube, vários sócios resolveram fundar uma associação interna:

“GREMIO TRICOLOR: Uma exortação aos tricolores

“Tricolores! Procurando na união da família tricolor o bem estar e o progresso de nosso clube, já tão cheio de glórias e lembrando sempre que a vossa pujança esportiva muito augmentará com o apoio moral que terão os nossos ‘cracks’, gozando o convívio e nossa camaradagem, é que o Gremio Tricolor foi fundado.

“Promover reuniões dansantes, manter uma séde com diversões, taes como bilhares, pingue-pongue, xadrez, damas, etc... eis o fim principal do nosso Gremio.

“Amigos, sócios e ex-socios do São Paulo F. C.: com nossas famílias, hoje, dia 10 do corrente, á ladeira Porto Geral, no salão do Clube do Banco Commercial, onde, das 20 às 22 horas, realizaremos uma reunião dansante e vos será exposto então o programma do nosso Gremio que, si quizerdes cooperar comnosco, si vossa idéa fôr boa, nos seja dado vosso apoio e vossa solidariedade.

“Contamos com vossa preciosa presença. Servirá de ingresso a carteira do São Paulo FC e cartões da imprensa, que também é convidada”.¹⁹⁸

193. Monteiro, 1944

194. *Correio Paulistano*, 15 de maio de 1935

195. *Correio Paulistano*, 16 de maio de 1935

196. *Correio de S. Paulo*, 15 de maio de 1935

197. *A Gazeta Esportiva*, 20 de maio de 1935

198. *Correio Paulistano*, 10 de fevereiro de 1935



DO

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

AVENIDA SÃO JOÃO, 1001

SÃO PAULO



Conforme noticiado na *Folha da Manhã* de 10 de abril, o grupo tinha estatuto e corpo diretivo próprios, mas sujeitos ao regime legal do São Paulo Futebol Clube.

Os ideais iniciais do coletivo eram de confraternização entre os sócios do clube na Chácara da Floresta – uma clara reação ao exclusivismo que acontecia nas galas do Trocadero. Com o avanço do caos político interno, contudo, foram adicionadas outras metas. A principal: jamais deixar o Tricolor desaparecer.

Os fundadores conhecidos do Grêmio foram Paulo Sampaio, Thiers J. Barros, Fernando Correia Sampaio, Oscar Silveira Campos, Fábio Ferraz, Hugo Lopla, M. Peixoto Laguna, José Teixeira, Dirceu Strang, Florencio de Souza, João Ribeiro Rosas, Pedro Battini, Manoel Simões, F. Stella, G. T de Souza, Joaquim Duarte, Arnaldo Paiva, Luiz Vasconcellos, Edmundo Granville, Antônio Gomes, Roque Lapolla, Alfredo Lapolla, Álvaro Barbosa, Armando Cintra, Adolpho Palilocubal, Flávio de Barros, Antônio Braga de Barros, Antônio Rodovalho, Edison Fonseca, Sylvio F. Ruy, Paulo F. Ruy, Marcello Varella, Fausto Macedo, Antonio Pires, José Withaker, João B. Morrello, Aureliano Pizotti, J. Almeida, M. Quedinho, Luiz Lopes Celho, A. Scott, João Macedo, Sylvio Del Debbio, Domingos Jalotti e A. Guimarães.

O primeiro quadro diretivo foi composto por Carlos Monteiro Brisolla, presidente; Thiers J. Barros, secretário; e Fernando Correia Sampaio, tesoureiro.

Ainda que afirmassem que o Tricolor reapareceria e que contaria com os craques do “Esquadrão de Aço” novamente, a tarefa do Grêmio não seria fácil. No dia 22 de maio, o CR Tietê-São Paulo enviou nota à imprensa dizendo que dava ampla liberdade aos jogadores profissionais do São Paulo para se filiarem onde bem entendessem.¹⁹⁹

Em um período em que existia o “passe”, jogador livre no mercado era algo efêmero.

“Liquidado o caso S. Paulo-Tietê com a fusão, os jogadores do São Paulo ficaram como que livres. Entretanto, para que passem para outro clube, regularmente, deverá levar o ‘passe’ do clube S. Paulo-Tietê. A propósito, contaram-nos hontem o seguinte caso: um paredro, não sabemos se daqui ou do Rio, interessado na aquisição de elementos do quadro profissional do S. Paulo, dirigiu-se ao sr. Maurício Verdier, presidente do Tietê, oferecendo determinada quantia pelo passe de um jogador. Attenciosamente o sr. Verdier ouviu a pessoa que o procurava e respondeu:

“- Nada posso responder. O amigo compreende. Além de não entender muito de futebol, nunca vendi gente...”²⁰⁰

Enquanto isso, Esporte Clube Independente e Clube Athletico Estudantes de São Paulo, os times com ex-jogadores e ex-sócios do São Paulo, faziam as primeiras apresentações oficiais dentro dos gramados.

199. *Correio Paulistano*, 23 de maio de 1935

200. *Correio de S. Paulo*, coluna de Fulgêncio, 22 de maio de 1935

IMAGEM: Escudo e timbre do Grêmio Tricolor do São Paulo Futebol Clube, datado de 1937



O Clube Athletico Estudantes de São Paulo

O Estudantes de São Paulo nasceu em 11 de fevereiro de 1935 fruto da ação de acadêmicos e ex-acadêmicos da capital paulista, e o conselho do clube era formado pelos diretores esportivos dos centros acadêmicos universitários.²⁰¹

A origem do clube, entretanto, é mais remota e pouco averiguada. Para melhor contextualizar esse fato, é bom lembrar que, dias antes, em 29 de janeiro, os dirigentes são-paulinos haviam aprovado a ideia de se unirem ao Corinthians e ao Palestra na nova Liga Paulista de Futebol, efetivamente fundada justamente no dia em que o Estudantes passou a existir.

No dia 7 de fevereiro, uma convocação para atletas tricolores foi publicada em *O Estado de S. Paulo*: “*Afim de tratar de assumpto urgente, solicita-se o comparecimento dos seguintes jogadores, às 9 horas e meia, em nossa séde social (Trocadero): Moreno, Jurandyr, Agostinho, Iracino, Durval, Raffa, Zarzur, Orozimbo, Milton, Argemiro, Lysandro, Vega, Luizinho, Fried, Álvaro, Junqueira, Carlos, Decousseau e Amaury*”. Convém notar a ausência de Araken nessa lista.

Não se sabe se tal reunião efetivamente ocorreu ou se ela esteve, de alguma forma, relacionada à fundação do Estudantes ou mesmo do Grêmio Tricolor (criado, como dito, no dia 9 de fevereiro), mas é curioso notar a proximidade das datas de acontecimentos de fatos que se mostrariam tão importantes para o futuro do São Paulo Futebol Clube.

Pois bem, o que realmente se sabe sobre a origem do Estudantes, até ser oficializado o estabelecimento do clube, na data citada, é que os envolvidos com a entidade organizavam partidas sob o nome de Oswaldo Cruz ou Combinado Oswaldo Cruz²⁰² – talvez fossem associados, então, ao colégio de mesmo nome ou à “atlética” da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Apesar disso, muitos dos integrantes também eram sócios do São Paulo Futebol Clube – Cássio Villaça era vice-presidente, e Firmiano de Moraes Pinto Filho e José de Godoy, tesoureiros. Os são-paulinos, de modo geral, sempre estiveram muito ligados a projetos esportivos estudantis. Em 1931 e 1932, por exemplo, o clube organizou, na Chácara da Floresta, o Torneio Acadêmico, em que reuniu os sócios universitários tricolores para competir contra “atléticas” da Escola de Farmácia, da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica, do Mackenzie College e da Faculdade de Direito de São Paulo.

Desta maneira, com a cisão interna do Tricolor, gradativamente, o Estudantes tornou-se uma salvaguarda para sócios e jogadores do clube da Chácara da Floresta – e, praticamente, uma dissidência, a partir de maio de 1935.

A aproximação do Estudantes com o São Paulo era tanta que, no mesmo dia em que foi oficialmente estabelecido, os jogadores dele já treinaram na Chácara da Floresta contra os são-paulinos (e perderam por 3 a 2). O uniforme do Estudantes, aliás, parecia uma fotografia negativa da camisa n.º 1 do Tricolor.

Com a condição de filiado à LPF desde os primeiros momentos, o Estudantes gozou de prestígio prematuro no meio futebolístico.

Antes mesmo de uma apresentação oficial, disputou jogos treinos contra o São Paulo (como já dito), contra a Portuguesa, em 23 de abril (2 a 2, aqui contando, pela primeira vez, com Luizinho, então universitário e atacante são-paulino) e até mesmo contra a Seleção Paulista desta federação, que se preparava para o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, no dia 11 de abril (3 a 1 para o selecionado).

Com um projeto ambicioso, que contava com o técnico uruguaio Ramón Platero e o diretor esportivo Décio Pacheco Pedrosa – guardem esse nome – como principal executor, o Estudantes procurou obter como campo de jogo o estádio da Companhia Antarctica Paulista²⁰³, que até 2 de fevereiro era utilizado pelo Clube Atlético Paulista, que foi despejado da sede e declarado extinto. O procedimento, na ocasião, não deu certo. No dia 17 de abril, a companhia de bebidas reabriu o clube de funcionários da empresa, o Antarctica Futebol Clube, para utilizar o espaço – e, em pouco tempo, essa agremiação reincorporou a coletividade do CA Paulista, adotando esse nome em 13 de maio.

Acontece que o CA Paulista nunca conseguiu se estabelecer firmemente, e boatos de extinção e fusão surgiram em todas as fases da existência do pequeno time (em dezembro de 1935, por exemplo, ele seria consultado pelo próprio São Paulo reativado). Com isso em mente, o Estudantes, no dia 28 de maio de 1937, enfim conseguiria incorporar o detentor do Estádio da Rua da Mooca, passando a se chamar Clube Athletico Estudante Paulista – que voltará a esse livro em futuros capítulos.

Sem me antecipar aos fatos, o Estudantes estreou no futebol profissional no dia 7 de abril de 1935, sendo goleado pelo Santos, na Vila Belmiro, por 5 a 1. No time de estreia, estavam presentes os são-paulinos Moreno, Milton, Decoussau, Carlos, Ponzoníbio, Varella e Vega, então reservas ou estudantes universitários do Tricolor. Nessa altura, não era possível afirmar, ainda, que haviam desertado do São Paulo.

Sem conseguir avançar nas negociações de estádio junto à Companhia Antarctica, o Estudantes foi cooptado pela APEA²⁰⁴, onde não havia “restrição” de campo próprio, e passou a sediar as partidas da equipe na Ponte Grande, da AA São Bento.

Sob a égide da Associação Paulista, e com o avançar dos desdobramentos funestos no São Paulo, o relacionamento do clube com os atletas tricolores passou a ser mais incisivo: em breve, não apenas universitários ou aspirantes tornar-se-iam alvos de aliciamento.

Aproveitando uma solenidade promovida pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, da Universidade do Rio de Janeiro, a “Festa da Tradição”, que congregou estudantes e políticos de todo o país ao fim da segunda quinzena de maio, o Estudantes agendou partidas contra o Fluminense e o Flamengo (esta, depois, cancelada). Não fez feio. Nas Laranjeiras, em 12 de maio, empatou com o Tricolor local em 3 a 3.

Dos 17 jogadores da delegação estudantina na ocasião, dez eram atletas registrados do São Paulo: Jurandyr, goleiro; Agostinho, defensor; Milton, Zarzur, Lysandro e Ponzoníbio, médios; e Decousseau, Luizinho, Carlos e Varella, atacantes. Como o Estudantes era da APEA e o Tricolor, da LPF, nenhum registro ou contrato foi respeitado e ficou por isso mesmo.

201. *Correio de S. Paulo, 12 de fevereiro de 1935*

202. *Correio de S. Paulo, 17 de maio de 1935*

203. *A Gazeta, 25 de março de 1935*

204. *A Gazeta, 29 de abril de 1935 e Correio de S. Paulo, 2 de maio de 1935*



O Esporte Clube Independente

A história de como o Independente surgiu para o futebol, em 25 de março de 1935, foi explicada aqui em capítulo anterior. O que vale reafirmar sobre essa agremiação, que possuía um distinto uniforme listrado verticalmente em preto, vermelho e branco, é que ela nunca chegou a formar patrimônio – o que delimitaria sua breve existência.

Era mais um time do que um clube, basicamente um coletivo que rateava entre todos os lucros e prejuízos. Em seu curto período de existência, disputou oito amistosos e três partidas oficiais de campeonato paulista da APEA, posteriormente anuladas pela desistência da equipe da competição, que resolvera, curiosamente, se filiar à LPF, muito mais rentável financeiramente, onde, todavia, realizou apenas um jogo por causa da dispersão dos atletas do time para outros clubes mais tradicionais.

A filiação do clube junto à APEA se deu por meio do registro de inscrição do São Paulo naquela federação. Ou seja, para a entidade, o Independente era a continuação do Tricolor.²⁰⁵

A estreia do time sob essa liga se deu no dia 14 de abril, com vitória sobre a Portuguesa por 4 a 2 no campo da AA São Bento – do ladinho do Tricolor. Daquele onze inicial, eram são-paulinos os atletas Moreno, Vega (ambos uma semana antes defenderam o Estudantes), Argemiro, Raffa, Orozimbo, Araken Patusca e Hércules.

Em meados de abril, o clube elegeu nova diretoria (em reposição à provisória, escolhida na fundação)²⁰⁶ e, em 9 de maio, instalou a sede social no n.º 38 da Praça Carlos Gomes, centro de São Paulo, mesmo local que, em 22 de janeiro de 1936, o São Paulo Futebol Clube ocuparia.

Em junho, contudo, começaram a surgir na imprensa os primeiros indícios de que o projeto do Independente estava em decadência, antes mesmo da abertura do torneio apeano. Foi relatado²⁰⁷ que três jogadores se transferiram para outras agremiações: Sandro, para o Santos; Carazzo e Raffa, para o Hespânia, de Santos. Raffa, de fato, não deixou o Independente naquele momento, mas Captiveiro, recém-chegado de Ribeirão Preto, prometera partir para a cidade de origem e retornar com outros elementos para o clube tricolor – ele nunca mais foi visto em São Paulo e, na verdade, foi, com outros atletas, justamente para Santos.²⁰⁸

Esse foi apenas o início de um processo que forçaria o clube, às vésperas do jogo contra a AA São Bento, dia 30 de junho, pela segunda rodada do certame da APEA, a estreiar vários – e desconhecidos – novos jogadores (Tino, Omar e Roberto, por exemplo).

Além dos problemas dentro das quatro linhas, as coisas iam mal também fora delas. “*Nem tudo são rosas no novel clube. Ouvimos que muitos dos directores escolhidos para o clube, não acceitaram os cargos, ou são figuras inteiramente decorativas na directoria*”.²⁰⁹

Os motivos que levaram o incipiente clube ao desaparecimento parecem estar, também, ligados ao surgimento de outro, o Clube Atlético São Paulo. No fim das constas, em 16 de dezembro de 1935, vários dos dirigentes e jogadores do Independente retornaram ao São Paulo Futebol Clube, marcando a extinção dessa agremiação.

205. *A Gazeta*, 15 de abril de 1935

206. *A Gazeta*, 22 de abril de 1935

207. *Correio Paulistano*, 11 de junho de 1935

208. *Correio de S. Paulo*, 13 de junho de 1935.

209. *Correio de S. Paulo*, 28 de junho de 1935.

IMAGEM: *Cenas de jogos do Estudantes de São Paulo, acima, e do Independente, abaixo*



O Clube Atlético São Paulo

O Grêmio Tricolor articulou a criação de um clube para ser a continuação legítima do São Paulo Futebol Clube de 1930. Era, ao menos, essa, a pretensão. Assim, no dia 4 de junho de 1935, na residência de Fernando Sampaio e contando com um total de 253 assinaturas, foi fundado o Clube Atlético São Paulo (CASP).²¹⁰

O primeiro comunicado oficial do clube²¹¹ afirmava que a agremiação que manteria as cores, o uniforme e o escudo do Tricolor e, espantosamente, que ficaria com a parte que lhe cabia, por “herança”, da Chácara da Floresta:

“Como já é do conhecimento dos esportistas em geral, está fundado o Clube Athletico São Paulo, lidimo representante do esporte bandeirante e continuador das tradições dos antigos e gloriosos clubes C. A. Paulistano, A. A. das Palmeiras e São Paulo Futebol Clube.

“Em reunião já realizada, foi constituída a directoria e conselho superior desse novel clube. Para seu representante de honra, foi aclamado o sr. Dr. Fabio da Silva Prado, digno prefeito da capital, que vem desenvolvendo brilhante trabalho em favor do esporte paulista.

“O C. A. São Paulo manterá as cores, uniforme e escudo do ex-São Paulo F. Clube, e terá com sua praça de esportes a tradicional Chácara da Floresta, cedida pela prefeitura da capital. Vão ser abertas dentro de poucos dias as inscrições para a formação do seu quadro social, sendo limitado a 500 o numero de sócios fundadores que ficarão isentos de pagamento de joia.

“A directoria do C. A. São Paulo, solicitou, hontem à noite, sua filiação á Associação Paulista de Esportes Athleticos.

“DIRECTORIA

“Presidente de honra, dr. Fábio da Silva Prado; honorários: dr. Benedicto Montenegro, dr. Henrique Bayma, dr. Antonio Prado Junior, dr. Edgard de Souza, dr. Paulo Duarte; presidente: dr. Carlos Monteiro Brisolla; 1.º vice-presidente: dr. Paulo Correa Sampaio; 2.º vice-presidente: Jayme Torres; 3.º vice-presidente: Cid de Mattos Vianna; secretário geral: Thiers J. de Barros; 1.º secretário: Fernando Correa Sampaio; 2.º secretário: Paulo M. de Arruda Botelho; thesoureiro geral: dr. João Thomaz Monteiro; 1.º thesoureiro: dr. Luiz Lopes Coelho; 2.º thesoureiro: Augusto Leite; comissão esportiva: Mauricio Vilella, Bartholomeu V. Gugani e Achilles Bloch da Silva.

“CONSELHO SUPERIOR

“Fernando de Almeida Prado, dr. Jayro Ramos, tenente Porphyrio da Paz, Manoel Pereira Carvalho, dr. Carlos Prado Mendonça, Nestor de Almeida, Paulo Lopes de Oliveira, dr. Oscar da Motta Mello, dr. Firmiano Pinto Filho, dr. Octavio Mendes Filho, dr. Tacito Silveira, Mello Monteiro, Mario Pacheco, Manoel Luiz M. Vianna, Joviano Urbina Telles, dr. Joaquim Monteiro Salles, João Gomes Xavier, dr Octavio Vaz de Oliveira, Adelino Alves, Sylvio F. Ruy, Mario Minervino, dr. Antonio Regis Netto, dr. Cassio Villaça, dr. Lauro Cordeiro, Aphrodisio C. Xavier Formiga, dr. Nicolau Tuma, dr. Antonio B. Rezende, dr Lins de Vasconcellos, dr. José de Godoy, dr. Paulo Meirelles, dr. Urbano Silveira, Oswaldo Mello e Silva, Antônio de Almeida Castro, Pompilio Xavier, Oscar Silveira Campos, dr. A. B. Velloso Junior, dr. Dante Pazzanezi, Carlos Jordão, Arlindo Barcellos e Luiz F. Paula Lima; J. Ataliba Sampaio e Flávio Pinto de Toledo.”²¹¹

Como se vê, vários nomes relacionados tanto ao passado quanto ao futuro do São Paulo Futebol Clube, estavam presentes ali, naquele momento. Ex-jogadores, tais como Nestor, Formiga e Barthô, e senhores como Porphyrio da Paz (a partir de 13 de junho, também 2.º secretário do CASP), Cid de Mattos Vianna e Jayme Torres, que foram importantíssimos para o sustento do Tricolor, reorganizado definitivamente em dezembro de 1935.

O CA São Paulo tomou como sede o quarto andar do n.º 3 da Praça da Sé, no coração da cidade – hoje um edifício ocupado pela Caixa Econômica Federal. E, rapidamente, passou a receber apoio da torcida são-paulina. *“Em poucos dias foi tal a afluência de pessoas que desejavam associar-se que foi necessário ampliar as instalações sociais. Logo ultrapassou um milheiro o numero de sócios. Do interior também vinham cartas, cartões e telegramas de encorajamento e solidariedade”.*²¹²

Com tal suporte, a primeira atitude da diretoria do CASP foi bater às portas dos clubes dissidentes do Tricolor, em busca de concílio, que seria salutar para toda a comunidade são-paulina e que resolveria, de vez, a questão da Chácara da Floresta. A propriedade municipal explica o título de “presidente de honra” concedido ao prefeito Fábio Prado: Uma tentativa de agradar o político que mediara reuniões entre as agremiações envolvidas – todas as tratativas de fusões – para sanar essa pendência quanto ao campo.

Ao que tudo indica, a permanência do usufruto da Chácara da Floresta, à revelia da fusão CR Tietê-São Paulo, dependia do sucesso da fusão do CA São Paulo com algum clube – qualquer clube – para justificar a utilização do campo de futebol.

A primeira visita para tal projeto resultou em portas fechadas. José de Godoy, dirigente do Estudantes e, curiosamente, também membro do conselho do CA São Paulo, logo avisou que o clube estudantino não estaria interessado em fusão, naquele momento, e *“mesmo que se quisesse fazer tal coisa, não se poderia porquanto o clube é propriedade dos estudantes”.*²¹³ O futuro, contudo, contrariaria tal afirmação...

Na sexta-feira, dia 14 de junho, o CA São Paulo e o EC Independente marcaram reunião para tratar da proposta enviada pelo primeiro, no dia 11, ao segundo. Os termos de fusão sugeridos pelo CASP, conversados preliminarmente com Araken Patusca, Antônio Regis Netto e Paulo A. Botelho, representantes do Independente, foram expressos em sete pontos:

1. Manutenção do nome CA São Paulo;
2. Cores e uniformes iguais ao do São Paulo FC;
3. Direito de preferência na formação do quadro de jogadores ao CASP, valorizando ex-atletas do São Paulo;
4. Entrega das rendas líquidas de jogos como pagamento aos jogadores do elenco principal, provisoriamente;
5. Garantia de dois postos na diretoria do CASP a diretores do Independente – lembrando que Paulo A. Botelho já fazia parte da mesma;

210. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

211. Correio de S. Paulo, 12 de junho de 1942

212. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

213. Correio de S. Paulo, 12 de junho de 1942

6. Garantia de que os 32 sócios fundadores do Independente tivessem igual situação no Clube Atlético São Paulo;

7. Ter como sede provisória a Chácara da Floresta, deixando para o futuro a ideia de ter uma sede social central.

A resposta do Independente veio por escrito, no sábado (15). De forma resumida: não! A missiva, assinada por Antonio F. Regis Netto, presidente; Paulo M. de Arruda Botelho, secretário; Araken Patusca, tesoureiro interino; e Luiz Mendes Pereira, diretor técnico, recusou a oferta elencando considerações que justificavam a ação.

Por considerarem que já estavam legalmente constituídos, filiados à APEA, atuando em uma competição oficial, possuíam uma modesta sede social, tinham torcedores e jogadores vindos do São Paulo, e que o CASP ainda não tinha registro social disponível, que o CASP não tinha registro de filiação a qualquer entidade, que o CASP ainda tinha pendências a sanar com o CR Tietê, e assim não queriam imbrólios judiciais, que o CASP não tinha ainda sequer um elenco de futebol, que o CASP, aparentemente, só queria usufruir do Independente, nada tendo a oferecer e que, por fim, a proposta fora vexatória, a resposta à proposta foi:

*“Deixar de tomar conhecimento da mesma, por se tratar não de uma fusão, mas sim de absorção, nada tendo de pratico e effectivo para oferecer”.*²¹⁴

Apesar da segunda porta fechada, o CA São Paulo continuava a agregar grande número de associados – àquela altura, perto de 900 membros²¹⁵. De tal maneira, até para pôr fim a um dos pontos considerados pelo Independente, o CASP tratou de formar o próprio elenco de jogadores. O clube convocou para o dia 13 de junho, na Chácara da Floresta, a primeira seletiva de atletas, e o decorrente treino. Contudo, o estrago no campo promovido pelas obras do CR Tietê-São Paulo fora tão grande, que não foi possível seguir com o programado.²¹⁶

Foi na quinta-feira, 20 de junho, no campo da associação classista do São Paulo Gaz, situado à Avenida do Estado, e contra o time do Mechânica FC, que o CA São Paulo foi aos gramados para treinar pela primeira vez. Porphyrio da Paz, organizador do evento, discursou empolgado: *“O C. A. São Paulo, para gaudío de todos os tricolores é uma realidade. É admirável o trabalho de todos para que o meu clube alcance o mais breve possível o posto de destaque que o Tricolor sempre ocupou”.*²¹⁵

Algumas centenas de torcedores e sócios compareceram ao local e se espremeram junto ao gradil de madeira que os separava do campo, para acompanhar a atividade. Cerca de trinta atletas foram testados pela comissão técnica, composta ali por Maurício Villela, Augusto Ramos e Barthô, o treinador do time.

*“Os que melhor impressionaram foram os jogadores Caio, Alfredinho e Paulo, não se falando do crack Jurandyr, que esteve soberbo na defesa de seu arco. Isso não quer dizer que os mais que treinaram comprometeram o quadro. Não. Quando mais não fosse, o entusiasmo igualou todos os que treinaram pelo C. A. São Paulo, tendo indistinctamente concorrido para o resultado honroso do jogo-treino”.*²¹⁷

214. A Gazeta, 17 de junho de 1935

215. Correio de S. Paulo, 20 de junho de 1935

216. Correio de S. Paulo, 14 de junho de 1935

217. Hemeroteca do São Paulo FC: artigos de jornais, 1935

IMAGEM: Cenas dos treinos do CA São Paulo

O PRIMEIRO TREINO DO CLUB ATHLETICO SÃO PAULO

O ensaio foi com o conjunto do Mechanica - Os que melhor se houveram - O primeiro treino e mais alguns elementos



O São Paulo realizou, hontem, mais um animado treino



A empreitada foi um verdadeiro sucesso, tanto que imediatamente correram boatos que o CA São Paulo poderia tomar o lugar de outros clubes na APEA, que vinham encontrando dificuldades de manter um elenco ativo, como o SC Libanez.²¹⁸

No dia 28 de junho, às 15 horas, foi levado a cabo mais um treino do CA São Paulo, desta vez, realizado na AA São Bento. Para aquele exercício, foram convocados os seguintes jogadores: Joãozinho, Souza, Annibal, Isaiás, Guarito, Figueiroa, Alfredinho, Carlinhos, Paulo, Moacyr, Caio, Freire, Amleto, Rogerio, Lio, Silvard, Calú, Chimenti, Zinho, Zuza, Cirino e outros.²¹⁹

A esta altura, conforme descrito anteriormente, o Independente vinha sofrendo um processo de desmonte²²⁰, e, assim, o jogo virou em favor do CA São Paulo, que investiu novamente na fusão:

*“O quadro cooperativista ultimamente perdeu vários de seus jogadores, que passaram com armas e bagagens para outros clubes, deixando-o em uma situação das mais difíceis para manter seu prestígio... Há mesmo quem afirme estar mais ou menos adiantada a fusão, há dias falada, entre esse clube e o novel C. A. São Paulo, de forma a permitir que alguns jogadores que têm treinado para o novo tricolor actue amanhã para o Independente”.*²²⁰

Contudo, outros elementos voltariam à cena no final daquele mês de junho de 1935, para conturbar o processo quase certo de retorno do São Paulo, como Clube Atlético, aos campos...

O Club de Regatas Tietê-São Paulo

O CA São Paulo apregoava o direito de utilizar a Chácara da Floresta, então, oficialmente, sob tutela do Grêmio Tricolor, desde a decisão judicial de 2 de maio de 1935 (e que não foi revogada nem mesmo com a origem do CR Tietê-São Paulo)²¹⁸, por se tratarem dos mesmos senhores na administração das associações. Mas o Tietê-São Paulo questionava o fato:

*“Surge o CA São Paulo, espalhando comunicados à imprensa, nos quase garante que como continuador das immorredouras jornadas dos tricolores, tem o consentimento do prefeito para se apoderar do gramado e praticar futebol. Dizem isso, talvez se esquecendo, que o Club de Regatas Tietê, considera desde muito tempo em seu poder o citado campo, não com documentos forçados, nem à custa de rogos mas porque o prefeito esportista de raça, dirigente que orgulha seus conterrâneos, reconhecerá quão valioso será para a nossa mocidade aquelle terreno em poder de uma aggremação que possui orientação e planos, que somente beneficiarão São Paulo”.*²²¹

Contudo, como as próprias palavras ditas em prol do Tietê revelam (discorridas em tempo futuro e “sem documentos”, na prática), o clube – que destruiu o campo da Floresta – não usufruiu dele nos primeiros momentos, apesar dos suntuosos planos dos “vermelhinhos” para com o local: *“Ali surgirá o maior estádio do Brasil, uma obra que somente servirá de orgulho para São Paulo. Ali, onde duas bandeiras tremulam victoriosamente, será o berço de uma mocidade forte e temperada para as jornadas difíceis”.*²²¹

Resumindo o exposto até aqui: a Chácara da Floresta, terreno municipal, estava sob tutela do Grêmio Tricolor, que para usufruí-la e restaurar o futebol são-paulino, fundou o CA São Paulo, mas este ainda engatinhava na formação de um time e desejava reincorporar os elementos do EC Independente e do CA Estudantes de São Paulo. Por sua vez, o Estudantes não tinha interesse na fusão, mas, como o CR Tietê-São Paulo, tinha interesse nessa área. Já este último só passou a existir, com a fusão de dois clubes, justamente pelo desejo de adquirir essa terra.

Outros agentes, contudo, logo se mostraram interessados na cobiçada localidade: a AA São Bento, vizinha de muro, e a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), recém-fundada, em 7 de junho de 1935. Na realidade, ambas as entidades eram fachadas para os interesses de Lauro Gomes – aquele excluído da fundação do São Paulo, em 1930 –, dirigente e representante das duas entidades mencionadas.

A imprensa²²² deixou claro que *“o dr. Lauro Gomes também pretende o campo do S. Paulo FC”*, defendendo que a Chácara da Floresta fosse *“ou para o Tietê ou para a Fupe”*. Por se conhecerem acontecimentos posteriores, fica claro certo conluio entre os senhores da AA São Bento e do CR Tietê-São Paulo...

O ponto é que a fundação de uma federação universitária veio, dentre outros propósitos, a desabonar a legitimidade do Clube Atlético Estudantes de São Paulo. Vejam no relato do *Correio de S. Paulo*, de 26 de junho, esse entendimento: *“a Federação Universitária Paulista de Esportes é a única entidade que póde manifestar-se em nome dos estudantes de São Paulo”*. E ainda: *“E o que é o ‘Estudantes de S. Paulo’? É uma organização universitária? Não, porque têm elementos (inclusive dirigentes), que nunca pertenceram, nem sentaram, siquer, em bancos universitários”*.

Naquela mesma passagem, verifica-se o seguinte: *“Se a Prefeitura Municipal, num gesto digno de louvor, quizer fazer uma doação aos universitários paulistas, que entre em entendimento com a Federação Universitária Paulista de Esportes, única entidade que realmente dirige e representa o esporte universitário”*. Era uma entidade recém-criada, mas que já cantava de galo.

A questão, como aquela coluna afirmou, é que a fusão CR Tietê-São Paulo não garantiu o que tanto queriam, e caberia à Prefeitura definir o futuro da Chácara: *“No emtanto, apesar da fusão ter sido feita pela maioria dos sócios fundadores, não foi levada a sério. E, depois de muitas peripécias, ficou para a Prefeitura Municipal distribuir o bolo”*.

Assim, os interesses de Lauro Gomes chegaram ao CA São Paulo, como descreveu a revista *Arakan*²²⁴:

“Quando estavam em caminho as negociações com o Independente, aconteceu um fato que modificou os acontecimentos. Um conhecido esportista, o sr. Lauro Gomes, que era presidente da A. A. São Bento, também de gloriosas tradições, mas que, na ocasião, não tinha quasi existência social, procurou os dirigentes do C. A. São Paulo para realização de uma projetada fusão entre o seu clube e o novo clube [o CASP]”.

O que se sucedeu a partir de então foi um autêntico “Cavalo de Troia”. A partir de 1.º de julho, graças ao pedido e à influência de Lauro Gomes, o CR Tietê-São Paulo foi incluído também nas negociações de fusão – e, claro, o Estudantes foi excluído, definitivamente.

218. *Correio de S. Paulo*, 21 de junho de 1935

219. *Correio de S. Paulo*, 28 de junho de 1935

220. *Correio de S. Paulo*, 29 de junho de 1935

221. *Correio de S. Paulo*, 13 de junho de 1935

222. *Correio de S. Paulo*, 8 de junho de 1935

223. *Correio de S. Paulo*, 26 de junho de 1935

224. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942



Ao Tietê não interessava o futebol: o clube queria apenas regularizar a situação do pretendido terreno da Chácara. Mas o argumento para as negociações foi que “como o campo do S. Bento era junto ao da Floresta, poder-se-ia conseguir uma divisa que satisfizesse ao Tietê e ao novo sucessor do S. Paulo”.²²⁵

Na prática, a Chácara da Floresta passaria mesmo ao Tietê (vale lembrar que as arquibancadas dela há muito estavam destruídas) e o futebol do “CA São Paulo/EC Independente/AA São Bento”, seguiria na Ponte Grande, ao lado, com um ou outro ajuste de divisas entre as duas principais áreas.

Ao longo de quase todo aquele mês ocorreram reuniões, ora na Prefeitura, “ora na sede da Liga Paulista de Futebol, ora no escritório do sr. Cid Viana, ou do sr. Manoel do Carmo Mecca, ora entre representantes credenciados do Tietê, mais o sr. Lauro Gomes e os diretores do C. A. S. Paulo, ora entre estes somente”.²²⁵

Então, no dia 20 de julho, no derradeiro encontro com o sr. Fábio Prado, no salão nobre da Prefeitura Municipal, ficaram previamente acertadas as bases para a fusão dos quatro coletivos: CR Tietê-São Paulo, AA São Bento, EC Independente e CA São Paulo.

Estiveram presentes nesse encontro, além do citado prefeito, os senhores Aristides Macedo Filho e Lauro Gomes, pela AA São Bento; Mauricio Verdier e Mario Antinori, pelo CR Tietê-São Paulo; Carlos Brisolla e Jayme Torres, pelo CA São Paulo; e Antônio Regis Netto, pelo EC Independente.

“Foi lavrada e assignada uma acta na qual ficou determinada em suas linhas mestras a fundação do Departamento Autônomo de Futebol do C. R. Tietê-São Paulo, o qual terá nos terrenos onde ora está o São Bento a sua confortável instalação”.²²⁶

O periódico *A Gazeta Esportiva* registrou, também, uma carta pública que comprometia o novo clube, o “DAF CR Tietê-São Paulo”, com a APEA, prometendo que “só se dispute o futebol ‘association’ sob o patrocínio desta unidade”.²²⁶

No dia 23 de julho – na mesma reunião em que os ex-dirigentes do São Paulo Futebol Clube foram empossados conselheiros (até pareceu provocação!) –, o CR Tietê-São Paulo votou pela aprovação desta “fusão”. Não houve acordo até o princípio da madrugada, e a deliberação foi postergada para o dia 25.

Neste encontro, decidiram:²²⁷

“a) Só fazer-se a fusão desde que se consiga da Prefeitura Municipal de São Paulo, a concessão dos terrenos do C. R. Tietê-São Paulo e da A. A. São Bento;

“b) Em hipótese alguma permitir que a Secção de Futebol venha a usar o nome, as cores, bandeira, fardamento, emblema, etc. do extinto São Paulo F. C.;

“c) Concordar com a criação de um ‘departamento autônomo’, desde que este tenha um quadro social completamente separado do quadro social do Club de Regatas Tietê-São Paulo”.

225. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942

226. *A Gazeta Esportiva*, 22 de julho de 1935

227. *Monteiro*, 1944

IMAGEM: Escudos do Tietê, antes e após a fusão com o São Paulo



Ainda que seja importante ressaltar que o resultado dessas negociações iria efetivamente criar um clube diferente, não sendo o mesmo Tietê-São Paulo (apesar de levar esse nome), haja vista os quadros associativos separados, o ponto crucial nesta história foi o item “b”. Salvo a questão da nomenclatura, o parágrafo não havia sido acertado com os integrantes do EC Independente e do CA São Paulo, e era justamente isso o que estes mais queriam: as cores, o uniforme e o escudo do Tricolor!

A inserção desse artigo (que parece clara retaliação dos ex-membros do São Paulo Futebol Clube acolhidos no Tietê, embora não se possa atestar isso categoricamente com nenhuma referência histórica, mas por terem dado inúmeros exemplos, ao longo do primeiro semestre daquele ano, de que não deixariam outros assumirem o controle do clube e, assim, dos símbolos), inviabilizou e adiou todo o tratado acordado.

Mais conversas daqui e dali se seguiram. Com o futuro nebuloso, o Independente e o CASP foram perdendo os vínculos que possuíam com os jogadores, inativos e acumulando pendências financeiras. A última partida do primeiro time se deu no já distante 7 de julho de 1935 (3 a 4 São Caetano, pela APEA), e o segundo clube nem chegou a jogar oficialmente. Assim, tiveram as forças esvaecidas na mesa de negociações.²²⁸

No fim das contas, não houve acordo do CR Tietê-São Paulo com o Independente e com o CA São Paulo.²²⁹ Mas o combinado entre os dirigentes do Tietê e da AA São Bento foi ratificado no dia 9 de agosto: *“nesta reunião foram firmadas todas as questões relativas ao Departamento Autônomo de Futebol. Quanto ao nome desse departamento ficou deliberado que o nome São Paulo não mais poderia ser usado, visto estar extinto e, jurídica e legalmente incorporado ao nome do Club de Regatas Tietê-São Paulo”*.

O que efetivamente se deu, a partir disso, foi a criação de um time de futebol competitivo (mas não tanto) do Tietê (sem ser o Tietê de verdade), que utilizaria o campo da AA São Bento (que ainda assim continuaria sendo uma associação autônoma e distinta). Enfim, uma piada.

O “DAF Tietê-São Paulo” estreou nos gramados no dia 1.º de setembro (embora o CR Tietê-São Paulo, efetivamente como tal, tenha realizado jogos mesmo antes da ratificação). No campo da Ponte Grande, goleou a equipe do Diários Associados por 5 a 0, com a seguinte escalação: Pastore; Mamana e Pastore II; Miguel, Luciano e Figueiredo; Salvaterra, Almeida, Mancebo, Mingo e Martinez. Como se vê, nenhum atleta de ponta que tenha pertencido ao Independente ou ao CA São Paulo. Eram todos apenas associados, que enfrentaram, a partir de então, times amadores de categorias classistas ou varzeanas. O único nome de destaque desse time, na verdade, ficava no banco, como treinador: Arthur Friedenreich.

Filiado à recém-fundada Federação Paulista de Futebol Amador (FPFA), o DAF disputou o Campeonato Amador da Capital promovido por essa liga nos anos de 1936 e 1937, sagrando-se vice-campeão na primeira temporada (o campeão foi o tradicional SC Syrio) e abandonando a competição no certame seguinte, justamente na segunda partida da decisão do campeonato, contra a AA Guanabara, no dia 19 de dezembro de 1937.

Uma triste história, o fim do futebol daqueles dirigentes que vivenciaram o abandono do esporte em 1929, em 1935, e novamente em 1937...

228. *Correio de S. Paulo, 10 de agosto de 1935*

229. *Correio de S. Paulo, 15 de agosto de 1935*

No fim das contas, o CR Tietê-São Paulo conseguiu o que realmente queria: a Chácara da Floresta. Mesmo o nome “São Paulo”, que os dirigentes dele tanto defendiam, caiu no esquecimento – sem ser conhecida uma data oficial certa para o desuso – entre 1940 e 1942. O clube faria linda trajetória poliesportiva nos anos vindouros, naquela região, mas, em 26 de novembro de 2012, fecharia às portas com dívidas no valor de 25 milhões de reais²³⁰ e devolvendo a extinta chácara à municipalidade.

De volta ao Grêmio Tricolor

Para não perder o fio da meada, é preciso retornar a agosto de 1935. Após o “Cavalo de Troia” plantado pela AA São Bento e pelos dirigentes do Tietê aos acordos de fusão com Independente e CA São Paulo, estourou uma crise no primeiro. A falta de jogos, por causa das negociações administrativas, e a baixa receita gerada nas partidas da APEA – as belíssimas coberturas fotográficas de *A Gazeta*, em julho e agosto, retratam bem isso: arquibancadas às moscas, absolutamente vazias, em jogos de quaisquer times daquela liga – causaram um sério problema financeiro ao Independente.

Com atraso no pagamento dos atletas, vários esportistas debandaram, enquanto outros tomaram atitudes mais energéticas. Por exemplo, *“Moreno, descontente com a situação do seu clube, desacatou vários diretores, na sede, tendo praticado violências, quebrando quadros e discutindo com vários membros da directoria”*.²³¹

O presidente do clube, Antônio Régis Netto, pediu demissão do cargo no início do mês de agosto. Luiz Mendes Pereira, o Pará, assumiu interinamente a função e, tentando sanar a questão do dinheiro, filiou o Independente à Liga Paulista de Futebol – abandonando o campeonato da APEA, que meses antes tanto defendia, quando liderara a rebelião de atletas no São Paulo FC.

Curiosamente, a mudança de liga, pretendida para ajudar os cofres do clube, acabou prejudicando o elenco, visto que vários dos elementos que faziam parte do Independente, enquanto clube da APEA, não poderiam competir por ele, agora filiado à LPF, pois esses jogadores já estavam inscritos em outros clubes, por essa federação. Como Raffa, no Hespânia, de Santos.

Desta forma, os tricolores cooperativistas estrearam na LPF em um amistoso contra a Portuguesa Santista, no Ulrico Mursa, em Santos, no dia 11 de agosto, com um time muito diferente daqueles que alinhava até então: Abrahão; Arlindo e Pinheiro; Nagib, João e Tino; Caetano, Navarro, Osmar, Armandinho e Serrone*. Destes, apenas Arlindo e Pinheiro poderiam ser considerados titulares (e Armandinho não era aquele famoso, da Seleção, que justamente jogou essa partida pelo adversário). Natural o vareio que levaram: 5 a 0 para os donos da casa.

Prego no caixão! É a última partida do Independente conhecida. O *Correio de S. Paulo* de 6 de setembro noticiou o “enterro”, provavelmente decretado no dia anterior: *“O C. A. [sic] Independente desapareceu! ... o Independente não teve longa vida, pois, o grêmio de Pará acaba de succumbir para sempre”*.

230. *Carta Capital, 2012*

231. *Correio de S. Paulo, 10 de agosto de 1935*

*Não se sabe se esse Serrone seria a mesma pessoa que foi roupeiro do Tricolor nos anos 40 e 50.

Existem registros, todavia, de um EC Independente chamado pela imprensa de “novel grêmio Independente”²³², que atuou em meados de novembro de 1935 contra o Opera Nazionale Dopolavoro, da capital paulista, na Rua da Mooca – e perdeu por 2 a 1. Talvez não se trate da mesma agremiação, mas é possível que tenha sido, sim, uma breve tentativa de recriação dela.

Quanto ao Clube Athletico São Paulo, o ex-conselheiro são-paulino Paulo José de Almeida, em relato de vida narrado para o Museu da Pessoa e para o Memorial do São Paulo, em 1994, descreveu como os dirigentes tricolores foram “ludibriados” pelo prefeito Fábio Prado e pelo Tietê. De acordo com Almeida, fora proposto a eles:

“Olha, vamos fazer o seguinte, vamos ficar um ano como está. O Tietê continua a jogar com o nome do São Paulo, o futebol, depois de um ano o Tietê faz uma assembleia e vocês fazem outra. Se um dos dois não quiser que continue isso, volta tudo como era antes”.

Os são-paulinos aceitariam. “Nós não tínhamos dinheiro. Nós, que estávamos lutando... então aceitamos e pedimos um documento”.

O prefeito retrucou: “Ah, não serve a minha pessoa? Pra que documento?”.

Mas Brisolla e os demais dirigentes do CASP bateram o pé. Então, Fábio Prado fez nova exigência: “Bom, então vocês dão baixa lá na ação [a guarda da Chácara da Floresta na justiça]”.

Os tricolores não queriam mais postergações – sabiam que se retirassem a ação judicial, que estava a favor deles, não teriam mais nenhum trunfo para negociar: “Nós queremos dar baixa aqui”. Assim, não houve avanço, e nunca mais houve trato algum sobre a questão. Prefeitura e Tietê simplesmente não tomaram mais conhecimento dos direitos são-paulinos.

Paulo Almeida complementou a história: “Nunca mais deram confiança para nós, safadeza do clube, do Club de Regatas Tietê, que eu não entro lá até hoje por causa disso, desse Fábio Prado, que foi prefeito, de família importante aí. E nós continuamos a lutar...”

Não se sabe, porém, se a ação na justiça foi retirada ou anulada por algum motivo ou se simplesmente caducou – o mais provável – haja vista o fato de que o prefeito Fábio Prado, como apresentado pelo relato de Paulo José de Almeida, preferia resolver as coisas “sem pôr no papel”.

Alijados da Chácara da Floresta, vendo o Estudantes indiferente a tudo e o Independente a minguar, perdendo jogadores aos quatro cantos, os tricolores do CA São Paulo viveram tempos tenebrosos entre setembro e novembro, sem perspectivas imediatas, desaparecendo dos relatos jornalísticos.

Essa situação perdurou até o dia 26 de novembro, quando foi publicada convocação para a reorganização do Grêmio Tricolor – que, com a fundação do CA São Paulo, meses antes, havia sido obliterado, incorporado pelo último.

232. A Gazeta, 11 de novembro de 1935

“Reorganiza-se o Bloco Tricolor

“Convidam-se os sócios do Gremio Tricolor, do C. A. São Paulo (bem como os ex-sócios do extinto S. P. Futebol Club e adeptos do mesmo), para uma importante reunião que se realiza hoje, terça-feira, às 20,30 horas, na sede do ‘Regis Club’ á praça da Sé, 53, 1.º andar, sala n.º 102, (Palacete Sta. Helena), afim de serem tratados os seguintes assumptos.

“Eleição da nova directoria do Gremio Tricolor;

“Instalação da nova sede;

“Eleição da comissão de propaganda e assumptos geraes.

“Estão convidados além dos interessados em geral, especialmente as seguintes pessoas: srs. Oswaldo Pacheco, Egidio Toledo, Antonio Rodovalho, José Carlos Moraes, Decio Martins, Oswaldo J. Martins, Manoel Lopes, Mario das Dôres, João Chiarelli, Francisco Martins, Mario Natal Schimberth, Milton Martins, Amando Santiago, Isaias do Carmo, Benedicto Villaça, Lazaro B. Santos, Benedicto Moreira, Edgard Falcão, Luiz A. Reis Neves, Jovino S. Luciano Nobli, Francisco P. Carneiro, Francisco P. Carreiro (sic), Sylvio B. Marques, José Campos, Antônio P. Rodrigues, Alvaro Moraes, Nelson Arruda Fabiano, José Lemos Campos, Mario Fabricio, Mario G. Pereira, Gustavo Toledo Junior, Edmundo Toledo, Fellippe Elias, Paulo Dalto Macedo, Carlos Riberito, Leoncio Mattos, José Azevedo Ribeiro, João Simões, Luiz de Macedo, José Edson Fonseca e Luiz de Paula Lima”.²³³

Nessa reunião, que significou a incorporação do Clube Athletico São Paulo pelo Grêmio Tricolor, foi eleito, por aclamação, o novo corpo diretivo do bloco são-paulino:²³⁴

- Presidente: Manoel do Carmo Mecca;
- Vice-presidente: Alcides Rodrigues Borges;
- 1.º secretário: José Emilio Reginaldo;
- 2.º secretário: João Camargo Souza;
- 1.º tesoureiro: Humberto Sprovieri;
- 2.º tesoureiro: Felipe Elias;

- Comissão de propaganda: Francisco Pereira Carneiro, Luiz Felipe de Paula Lima, Paulo Brandão, Antônio Rodovalho e Clovis Seabra.

- Conselho: José Carlos de Azevedo Moraes, Manuel Lopes, Alvaro Moraes, João Chiarelli, Jarbas de Castro, Hugo Maggi (bandeirinha do clube nos tempos da Floresta), Gustavo Toledo Junior, João Abilio Rogero, Ariosto Amalfi, Isidoro Narvaes, Edmundo Toledo, Egidio Toledo, Nelson Arruda Fabiano, José Pires de Oliveira, Manuel Machado, Antonio Frederico, José Azevedo Ribeiro, Francisco Galvão, João Macedo, Waldemar R. Albien, Luiz Ramalho Alves (ex-jogador), José Maestre e Edmundo Granville.

A nova diretoria agiu rapidamente: já no dia 2 de dezembro, remeteu aos veículos de imprensa um comunicado que deixava absolutamente claras as intenções do coletivo:

233. Correio de S. Paulo, 26 de novembro de 1935.

234. O Estado de S. Paulo e Correio de S. Paulo, 29 de novembro de 1935

"São Paulo F. C. Afim de tratar de assumpto de máxima importância e relacionado com o aparecimento do S. Paulo Futebol Clube, estão convidados todos os diretores, conselheiros e membros da Comissão de Propaganda, para uma reunião, hoje, às 20 horas, na Rua João Briccola, 4 – 9.º andar – sala 932 (Palacete Pirapitinguy)".²³⁵

Novas reuniões, informais e formais, como a convocada para o dia 13 de dezembro,²³⁶ foram realizadas no mesmo endereço da anterior. O local, na verdade, era o escritório comercial de Manoel do Carmo Mecca, presidente do "bloco" são-paulino.

Ao contrário da vez anterior, em junho, quando os integrantes do Grêmio fundaram o "Clube Atlético" São Paulo, agora – depois de terem sido enganados pelo Tietê e pelo prefeito da cidade – os tricolores não tiveram o menor pudor em buscar reativar o São Paulo "Futebol Clube".



235. Correio de S. Paulo, 3 de dezembro de 1935
236. Correio de S. Paulo, 12 de dezembro de 1935
IMAGEM: Rua João Briccola, em 1916 (Hagop Garagem.com)

O destino dos jogadores

Resumidamente, do quadro de atletas do São Paulo, conforme constatado até o dia 24 de março de 1935 (jogo contra o Corinthians), os destinos de cada um, imediatamente após deixarem o clube, foram os seguintes:

- Moreno, goleiro: CA Estudantes de SP (7 de abril) e EC Independente (14 de abril)
- Vega, atacante: CA Estudantes de SP (7 de abril) e EC Independente (14 de abril)
- Carlos, atacante: CA Estudantes de SP (7 de abril)
- Chaim, defensor: CA Estudantes de SP (7 de abril)
- Decoussaux, médio: CA Estudantes de SP (7 de abril)
- Milton, médio: CA Estudantes de SP (7 de abril)
- Ponzoníbio, médio: CA Estudantes de SP (7 de abril)
- Jurandyr, goleiro: CA Estudantes de SP (12 de maio) e CA São Paulo e AA São Bento
- Luizinho, atacante: CA Estudantes de SP (12 de maio), Palestra Itália (25 de agosto)
- Agostinho, defensor: CA Estudantes de SP (12 de maio)
- Lysandro, médio: CA Estudantes de SP (12 de maio)
- Varella, atacante: CA Estudantes de SP (12 de maio)
- Zarzur, médio: CA Estudantes de SP (12 de maio)
- Iracino, defensor: CA Estudantes de SP (9 de junho)

- Argemiro, médio: EC Independente (14 de abril)
- Araken Patusca, atacante: EC Independente (14 de abril)
- Guimarães, médio: EC Independente (14 de abril)
- Hércules, atacante: EC Independente (14 de abril)
- Orozimbo, médio: EC Independente (14 de abril)
- Raffa, médio: EC Independente (14 de abril)
- Paulo, atacante: EC Independente (21 de abril)
- Pinheiro, defensor: EC Independente (21 de abril)
- Viana, defensor: EC Independente (28 de abril)

- Barthô, defensor: aposentou-se no São Paulo FC

- Friedenreich, atacante: CR Tietê-São Paulo (14 de maio)

- Junqueira, atacante: Santos FC (já em agosto).

- Álvaro, atacante: não localizado

Depois da realização da última partida e da dispersão dos atletas, foram quase seis meses de negociações infrutíferas com os diversos clubes mencionados neste capítulo. A temporada de futebol já se encerrava, 1936 estava por chegar e o Grêmio Tricolor não poderia mais esperar ajuda de ninguém. O São Paulo Futebol Clube teria que recomeçar do zero, por suas próprias pernas.



A REORGANIZAÇÃO DO SÃO PAULO FC

A diretoria do Grêmio Tricolor decidiu convocar, mediante publicações em jornais da Capital, todos os integrantes da coletividade para resolver de vez a questão da reorganização do clube:

*"GREMIO TRICOLOR. A directoria do Gremio Tricolor convida todos os srs. Conselheiros e consócios para uma nova reunião, afim de tratar de assumptos de interesse geral, que terá lugar hoje, às 20 horas, na Rua 11 de Agosto, 9-A".*²³⁷

A convocação do Grêmio Tricolor para a reunião que reabriu as atividades do São Paulo Futebol Clube de maneira oficial é o elo inquestionável entre as duas fases de existência do Tricolor.

Vale notar que as poucas linhas publicadas em jornais da capital no dia 16 de dezembro, convidando os são-paulinos a se reunirem, não tratavam especificamente da fundação ou refundação de associação alguma. Parecia, meramente, uma reunião normal sobre as atividades do Grêmio. O que demonstra, mais uma vez, a continuidade do São Paulo Futebol Clube para o grupo: ora por meio do próprio Grêmio Tricolor, ora por meio do CA São Paulo.

Embora inativo dentro das quatro linhas entre maio e dezembro daquele ano, o Tricolor Paulista não havia abandonado o coração dos torcedores por um segundo sequer. Esses aficionados se concentraram em frente ao local anunciado com antecedência e, às 19 horas, grande multidão já aguardava a reunião que daria novos rumos ao clube.

*"Mesmo antes de se abrir o escritório, havia um grande numero de 'sampaúlinos' à espera da hora feliz, do inicio da sessão. Á testa desse grupo, palestravam cheios de animação Tenente Porphyrio, Jayme Roso, Ribeiro, Valdemar, Eolo Campos, Alcides Borges, Sprovieri, Narvaes, Gumercindo, Menzen, Edson Fonseca, Ribeiro, Granville, faltando Mecca por causa da lamentável morte de um seu filhinho, ocorrida um dia antes".*²³⁸

Às 20 horas, teve início a assembleia mais intensa e emocionante da história do São Paulo. A sessão magna foi aberta pelo tenente Porphyrio da Paz, cujas palavras de abertura fizeram vibrar a todos na casa. Terminado o discurso, o próprio Porphyrio foi indicado pelos colegas ali presentes a presidir os trabalhos da noite.

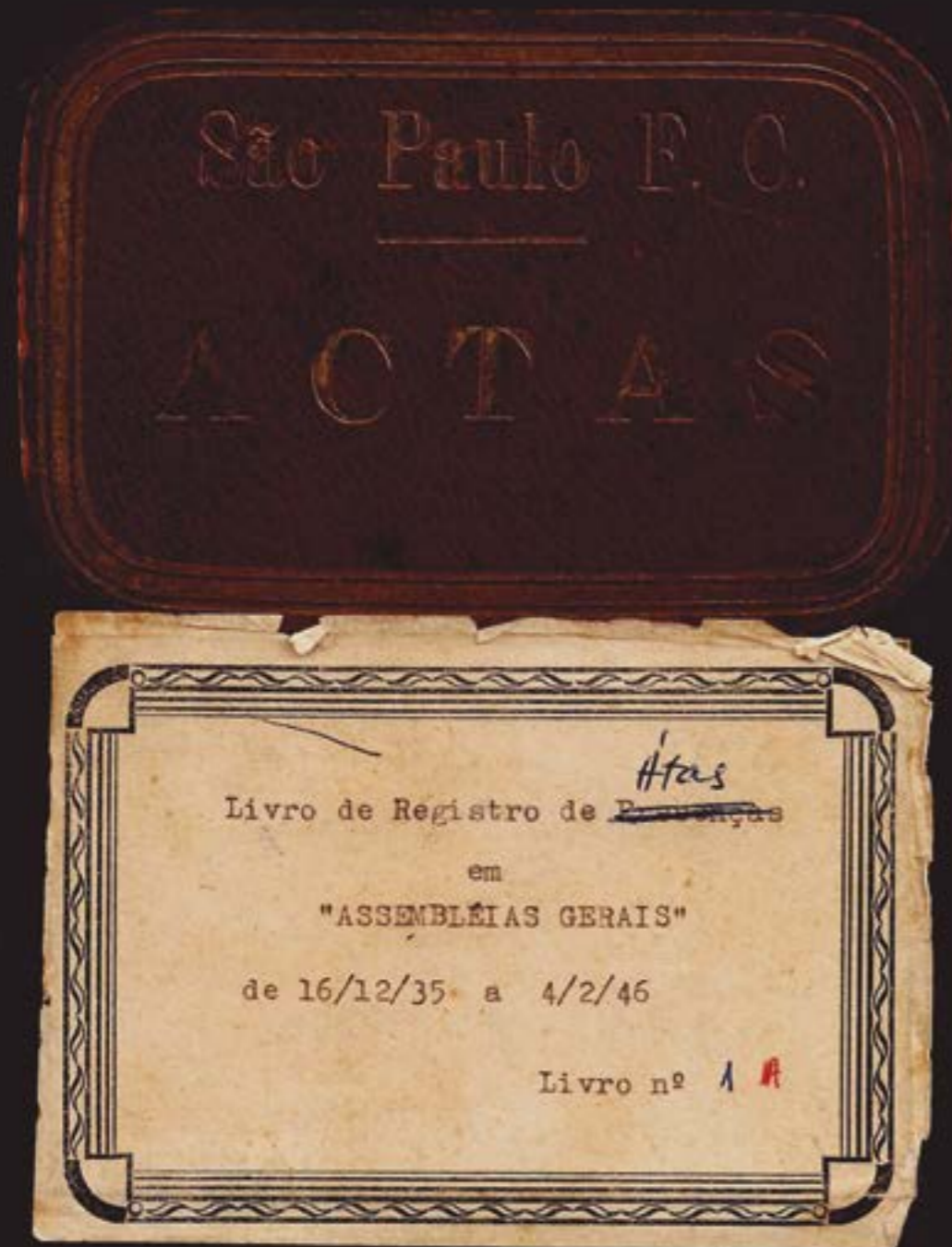
Entre exclamações e muita animação, foram propostos o estudo e a aprovação dos estatutos, trabalho esse que durou mais de duas horas. Aprovados que foram os mesmos, deu-se início então à eleição da diretoria, que ficou assim constituída:

- presidente, Manoel do Carmo Mecca;
- 1.º vice-Presidente, Alcides Borges;
- 2.º vice-Presidente, Francisco Pereira Carneiro;
- 1.º secretário, Eolo Campos;
- 2.º secretário, Luiz Felipe Paula Lima;
- 1.º tesoureiro, Manoel Arruda Nascimento;
- 2.º tesoureiro, Izidoro Narvaes;
- diretor geral de esportes: Tenente Porphyrio da Paz.

237. *Correio de S. Paulo*, 16 de dezembro de 1935 (e *Correio Paulistano*, 15 de dezembro de 1935, ajustada)

238. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942

IMAGEM: Capa do livro de registro de atas de Assembleias Gerais do São Paulo Futebol Clube



Mecca, o aclamado presidente, não estava presente no início da assembleia em que foi honrado pois, justamente no dia anterior, seu filho falecera. Ainda assim, sob luto, compareceu no decorrer da reunião e foi o primeiro signatário da ata que batizou o Tricolor.

A continuidade do clube é demonstrada, mais uma vez, no registro da própria ata datada de 16 de dezembro de 1935, quando o presidente Manoel do Carmo Mecca prometeu que “os membros da diretoria não mediriam sacrifícios para que o Pavilhão Tricolor voltasse a tremular glorioso nos campos esportivos do Brasil, elevando cada vez mais o nome do São Paulo Futebol Clube, cognominado o Esquadrão de Aço”.

Por volta da meia-noite, debaixo de salva de palmas e urras de vivas ao clube, a São Paulo e ao Brasil, foi finalizada a sessão que trouxe de volta ao mundo o time que futuramente se tornaria um bastião do futebol-arte e da competitividade, refletidos na vasta gama de jogadores exemplares e de conquistas obtidas.

A ata

Aos dezesseis dias do mês de dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de S. Paulo, às vinte horas, numa das salas do prédio n.º 9-A, da Rua Onze de Agosto, perante grande número de pessoas interessadas que atenderam a um convite feito por intermédio da imprensa pela Diretoria do Grêmio Tricolor, realizou-se a assembléia que teve por fim fundar o ‘São Paulo Futebol Clube’.

Na qualidade de um dos diretores do Grêmio Tricolor presente à reunião, o Sr. Tenente José Porphyrio da Paz, depois de expor os motivos da convocação da assembléia, pediu que indicassem um dos presentes àquela reunião, para dirigir os trabalhos. Por unanimidade foi indicado o nome do Sr. Tenente José Porphyrio da Paz, que assumindo a Presidência da mesa escolheu para seus secretários os Srs. Éolo Campos e Francisco Pereira Carneiro.

Depois de agradecer a sua indicação, o Sr. Presidente deu conhecimento da ordem dos trabalhos que obedeceram a seguinte ordem do dia: a) Leitura, discussão e aprovação dos Estatutos; b) Eleição da diretoria; c) Admissão de sócios como fundadores; d) Isenção de jóia; e) convocação de nova assembléia para eleição do Conselho Deliberativo e Fiscal; f) Registro dos Estatutos.

Atendendo, pois, a ordem do dia, o sr. Presidente mandou que o Secretário procedesse a leitura dos estatutos. Pede a palavra o sr. Dr. José Carlos da Silva Freire, que propôs que a discussão e aprovação dos estatutos fossem feitas por capítulos e pediu permissão para que ele mesmo procedesse a leitura dos estatutos a fim de facilitar os esclarecimentos que fossem necessários in laudo durante a discussão.

Aprovada esta proposta, o sr. Dr. Freire deu início à leitura e o sr. Presidente foi pondo à discussão e aprovação, capítulo por capítulo, sendo aprovados sem debates os capítulos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º. Após a leitura do capítulo 6.º, o sr. Edgard de Toledo pediu a palavra e propôs que a esse capítulo fosse aumentado o seguinte parágrafo, nas atribuições da Diretoria: “ m) elaborar e afixar em lugar ostensivo da sede social o balancete mensal do movimento financeiro do clube para conhecimento dos associados”. Esta emenda foi recebida com muita simpatia e aprovada unanimemente.

Em seguida, passou-se à discussão e aprovação os demais capítulos, sendo todos eles aprovados e declarados em pleno vigor, desde aquele momento, os estatutos, que em seguida vão transcritos: [...]

Passa-se depois à segunda parte da ordem do dia: eleição da Diretoria. Depois de diversas indicações foi aclamada e eleita para o primeiro biênio a seguinte Diretoria, que tomou posse imediatamente, entrando logo em função: Presidente: Manoel Carmo Mecca; 1.º Vice-Presidente: Alcides Borges; 2.º Vice-Presidente: Francisco Pereira Carneiro; 1.º Secretário: Éolo Campos; 2.º Secretário: Luiz Felipe Paula Lima; 1.º Tesoureiro: Manoel de Arruda Nascimento; 2.º Tesoureiro: Isidoro Narvaes e Diretor Geral de Esportes: Tenente José Porphyrio da Paz.

As terceira e quarta partes da ordem do dia, admissão de sócios fundadores e isenção de jóia, foram discutidas conjuntamente, sendo resolvido que fossem aceitos como sócios fundadores a todos que se inscrevessem e preenchessem as formalidades dos estatutos até 31 de dezembro corrente e isento de jóia todos os que se inscreverem até 31 de janeiro de 1936.

Antes de levantar a sessão, o sr. Presidente declarou que a diretoria iria tomar as providências necessárias para que os estatutos fossem prontamente registrados e prometeu que todos os membros da Diretoria estavam dispostos a não medirem sacrifícios para que o pavilhão tricolor voltasse a tremular glorioso nos campos esportivos do Brasil, elevando cada vez mais o nome do São Paulo Futebol Clube, cognominado o ‘Esquadrão de Aço’.

Debaixo de aplausos dos presentes, o sr. Presidente propôs que se consignasse em ata um voto de louvor e agradecimento ao dr. José Carlos da Silva Freire pelo esforço e dedicação que demonstrou na confecção dos estatutos do S. Paulo Futebol Clube e pelo interesse que tem dispensado para tudo que lhe é solicitado pelos seus diretores, sendo esta sua proposta unanimemente aprovada.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente declarou encerrado os trabalhos da Assembleia e mandou que se lavrasse a presente ata, o que foi feito por mim, secretário, e assinada pelos presentes.

1. Manoel do Carmo Mecca
2. Cid de Mattos Vianna
3. Francisco Pereira Carneiro
4. Éolo Campos
5. Manoel Arruda Nascimento
6. Izidoro Narvaes
7. Francisco Ribeiro Carril
8. José Porphyrio da Paz
9. Eduardo Oliveira Pirajá
10. Frederico Antônio Germano Menzen
11. Francisco Bastos
12. Sebastião Portugal Gouvêa
13. Dorival Gomes dos Santos
14. Deocleciano Dantas de Freitas
15. Carlos A. Azevedo Salles Júnior



Existem 74 assinaturas póstumas presentes na continuação da mesma ata. São de associados admitidos "como membros fundadores", de acordo com o item "c" da ata da Assembleia. Com base nisso e também no relatório elaborado, em 1983, por uma comissão do Conselho Deliberativo (formada por Milton José Neves, Homero Bellintani, Paulo Elysio de Andrade e Bálzio Rodrigues de Oliveira),²³⁹ foi apresentada a seguinte lista:

1. Alcides Rodrigues Borges
2. Álvares de Azevedo Bittencourt (por procuração)
3. Pedro Virgolino de Freire Sobrinho (por procuração)
4. Edmundo Granville Sobrinho
5. Thomaz Carlos André Mauri (por procuração)
6. Manoel Martins
7. Lázaro Pedroso
8. Álvaro Magalhães Leite
9. Paulo Brandão
10. Mário Ambuba
11. Edison Fonseca
12. José Azevedo Ribeiro
13. Brasilino Marcucci
14. Manoel Lopes
15. Manoel Pereira Amarante
16. Jarbas de Castro
17. Edgard Toledo
18. Edmundo Toledo (por procuração)
19. Jayme Roso
20. Ariosto Amalfi
21. Egdio Toledo
22. Waldemar R. Albien
23. Herculano Bastos
24. Adonyram Alves de Oliveira
25. Mário Silva Pereira
26. Olívio Alves
27. Antônio Queiroz
28. Joaquim Ribeiro
29. Antônio Gongora
30. Arnaldo Tedeschi
31. Joaquim Garcia
32. Humberto Sprovieri
33. José Carlos da Silva Freire
34. Luís Felipe de Paula Lima
35. Álvaro Moraes
36. Jorge Paula Souza
37. João Abílio Rogério
38. Ignácio Barbuti
39. José F. Moreira

239. Revista São Paulo Notícias, n.º 23, janeiro de 1984

Acta da Assembleia Geral extraordinária, realizada em sessenta e sete de dezembro de mil e novecentos e trinta e cinco para a fundação do São Paulo Futebol Club, com a presença dos seguintes señhores:

1. Manoel do Carmo Poço
2. Sid Atho Vianna
3. Francisco Sereni Camargo
4. Eolo Campos
5. Manuel Prado Kasimiro
6. Lido Ramalho
7. Francisco Ribeiro Caril
8. Opente Jodorphyus das Luz
9. Eduardo de Azevedo - Chapa Eduardo Azevedo Prop
10. Frederico A. G. Mancini Frederico A. G. Mancini
11. Manoel Francisco Bastos
12. Sebastião Portugal Junior
13. Darival Gomes dos Santos
14. José Luciano Santos de Freitas
15. Carlos A. Gomes do Salles, Jr.
16. Alcides Rodrigues Borges
17. P. P. Álvares de Azevedo Bittencourt
18. P. P. Pedro Virgolino de Freire Sobrinho
19. Edmundo Granville Sobrinho
20. Thomaz Carlos André Mauri
21. Manoel Martins
22. Lázaro Pedroso Rua Viana 44
23. Álvaro Magalhães Leite
24. Paulo Brandão

40. João Cananea Almeida
41. Pedro Palloni Sobrinho
42. Sebastião Rodrigues Negrão
43. Antônio Martins de Siqueira
44. Antônio Moraes Junior
45. Manoel dos Santos
46. Ruben Pazzanese
47. Antônio Barbosa
48. Bernardino Sampaio
49. José Penido
50. Oswaldo Richtman
51. Durval de Siqueira Filho
52. José da Silveira Cintra
53. Luiz de Freitas
54. Cícero Faro
55. Sylvio Faro (por procuração)
56. Eduardo Faro (por procuração)
57. Paulo Ribeiro Villela
58. Polycarpo Meca
59. J. B. Gomes Parnahyba
60. João Sarrea
61. Cyro de Barros Azevedo
62. Aloísio de Souza Vianna
63. Serante J. Abdo
64. João Gomes Martins Sobrinho
65. Diamantino Cravo
66. José de Oliveira Filho
67. Victoriano Garcia da Fonseca
68. José Moreira de Toledo
69. José Loureiro
70. Antônio M. Sobrinho
71. Renato A. Ribeiro
72. George de Assis Fonseca
73. João Camargo de Souza
74. José Bueno Franco

Por fim, outras 206 assinaturas constam no documento. Descartados os nomes repetidos, são também consideradas fundadoras, pelos mesmos termos da ata da Assembleia, 195 pessoas. Contudo, elas foram signatárias após o lavramento da ata, pois *“que fossem aceitos como sócios fundadores a todos que se inscrevessem e prehenchessem as formalidades dos estatutos até 31 de dezembro corrente”*:

1. Benedicto Leal
2. Ramiro Oliveira
3. Luiz Sayad (por procuração)
4. Josmiro Barreto (por procuração)
5. Gumerindo de Lucca (por procuração)
6. Sylvio Cunha (por procuração)
7. José Abrispiniano da Silva (por procuração)
8. Euwaldo Gonzaga da Rocha Cavalcanti (por procuração)
9. Carlos Marques (por procuração)
10. Gesnei Campos (por procuração)
11. Luiz Gonzaga de Souza
12. Antonio Sayad (por procuração)
13. Melhem J. Abelo (por procuração)
14. Manoel Ribeiro
15. José Legismundo de Queiroz
16. José Amarante Junior
17. Benedicto Chagas
18. Basílio Augusto de Costa
19. Militino Nogueira Ramos
20. Nelson Conceição de Souza
21. Cypriano (Esletris)
22. Affonso Maesano
23. Thomaz da Costa Neves
24. Moacyr Cunha
25. Francisco Georgiano
26. Fabio Ferraz Alvim
27. Carlos Soares Leite
28. Celio (ilegível) Moura
29. Florencio Souza Leite
30. Luiz Reis Neves
31. Walter Santi
32. Armando Laudi
33. Raul Vasconcellos (por procuração)
34. Lourenço Laudi (por procuração)
35. Joaquim Moreira Bosques (por procuração)
36. Benjamim Garça Andrade (por procuração)
37. José Ferreira da Silva (por procuração)
38. J. Maestre
39. Luiz Maestre
40. Orozimbo dos Santos (por procuração)
41. Luiz Mendes
42. Americo Luiz Mazza
43. Ruben dos Santos
44. Zarzur Nascimento

45. Oswaldo Pimenta de Mello
46. José Barros Rodrigues
47. José Carrera Gonçalves Junior
48. José Gloria da Costa
49. Antonio Rodvalho
50. Donato Goulart (por procuração)
51. Waldemar Carvalho
52. Jacintho Tanesi (por procuração)
53. Oscarlino Godoy (por procuração)
54. Marcello Campos Varella
55. José Rodrigues Pinto
56. José Furlan Junior (por procuração)
57. Antonio Carrera (por procuração)
58. Pedro Desiderio Junior (por procuração)
59. F. Carlos de Freitas (por procuração)
60. Alfredo Santini (por procuração)
61. Oscar Santini (por procuração)
62. Fabio Pahim (por procuração)
63. Belarmino Vaz Pimentel
64. Edmundo Vaz Pimentel
65. Joaquim Braga Monteiro
66. Laodelino Ferreira
67. Ruth Ferreira
68. Clovis Ferraz
69. Antonio Regis Netto (por procuração)
70. Paulo Sampaio (por procuração)
71. Fernando Sampaio (por procuração)
72. Jayme Torres (por procuração)
73. Carlos Monteiro Brisolla (por procuração)
74. Araken Patusca
75. Luiz Mesquita de Oliveira
76. Gilberto Arielle
77. Renato Urbina Telles
78. João Franzoni
79. Ary Pereira Fiuso
80. Benedicto Furquim de Campos
81. Ary Porto
82. José de Assumpção Fleury
83. Affonso Paschoal
84. Affonso Brasilino Paschoal (por procuração)
85. Hildebrand de Souza e Castro
86. Sylvio Venancio
87. Benedicto Monteiro de Oliveira Filho (por procuração)
88. Antonio Conceição (por procuração)

89. Manuel Pereira
90. Duilio Pauperio Bellinello
91. Affonso Costa (por procuração)
92. José Marques da Silva (por procuração)
93. Eucy Dea da Silveira (por procuração)
94. Romeu Costa e Silva
95. Carlos Pamplona (por procuração)
96. Miguel Silvantes (por procuração)
97. Oreliades Ferraz
98. Clementino Monteiro (por procuração)
99. Rafael Borges P.
100. Nelson Cautareno
101. Hildebrando Santos
102. Paschoal Rugua
103. Manoel Figueiredo
104. Joaquim Marquez
105. Rubens Souza Freitas
106. Egas Gomes
107. Pedro Stilzer
108. José Joaquim da Silva
109. Manoel Soares de Almeida
110. José Carlos Basilio
111. Lauro Pinheiro Lima
112. Lazaro C. de Almeida
113. Lazaro Silveira Lima
114. Luiz Figueiredo
115. Moacyr Nicodemus
116. Mario Sanches
117. Hilario dos Santos
118. Rafael Nocera
119. Chafic Daher Salomão
120. Deusdedit Paula Barros
121. Eudvaldo Porto
122. Jorge de Moura e Albuquerque
123. Antonio da Silva Quinta Reis
124. Lourival Saraiva
125. Manoel (ilegível, talvez Conrade)
126. Alvaro Souza
127. José Franzani
128. José Vidigal de Miranda
129. Bartholomeu Souza Cruz
130. Waldemar de Barros
131. Vicente Sanardi
132. Victor Amaral Aguiar

133. Juvenal Garcez
134. Jerry Olegario Costa
135. Ivo Siqueira
136. Ilermino Ramos Oliveira
137. Oswaldo Mello Marquez
138. Annibal Araujo
139. Arnaldo de Paula
140. Ary Lellis
141. Alfredo Gullo Sobrinho
142. Arino Moreira Queiroz
143. Antonio Ferraz Andrade
144. Plinio Sa Farina
145. Oswaldo Junqueira
146. Nilo Fleury da Silveira
147. Antonio Amalfi
148. Carlos Barboza
149. Nelson Fernandes
150. Vasco Bettini
151. Francisco C. de Almeida
152. Durval Vieira de Faria
153. Joaquim Cunha
154. João Freirias
155. João Fiorelli
156. João Baptista Fonseca
157. José Fleury de Silveira
158. Waldemar Barcellos
159. Pedro de Oliveira Freire
160. Pedro Bicudo Filho
161. Rogério Laurito
162. Miguel Decorat Junior
163. Joaquim de Castro Ramos
164. Nelson Brandão Toledo Arruda
165. Mario da Silva Pereira
166. Armando Salateo
167. Sylvio Rosa
168. Horacio Martins
169. João Assumpção
170. Leoncio Nogueira
171. Porfirio Nascimento
172. Paschoalim Bandeira
173. Sebastião Pereira de Sousa
174. Henrique Trebilcock (por procuração)
175. Paulo F. Ruy (por procuração)
176. Miguel Silvantes (repetido)

177. Natal Tramiolo (por procuração)
178. Antonio Carlos Mauri
179. Oswaldo Leone
180. Pedro Batini
181. João Fernandes Filho
182. Antonio Alberto Rodrigues
183. Julio Fantauzi Filho
184. José Lamartine de Moraes
185. Francisco Rodrigues Vasques
186. Manoel Alonso Esteves
187. Theofilo O. de Souza
188. Marcolino Paterno
189. João Laia
190. José Fernandes Junior
191. Heraclio P (ou S.). de Miranda
192. Augusto Dias de Oliveira
193. Antonio Costa Junior
194. Jose Carmin
195. Paulo José de Almeida

A relação de nomes repetidos, apenas para constar, é esta: Cid de Mattos Vianna, Manoel dos Santos, João Sarrea, Waldemar R. Albiem, Renato Urbina Telles, Thomas Carlos André Mauri, Ignacio Barbuti, Antonio Maimone Sobrinho, Deocleciano Dantas de Freitas (duas vezes). Existem, também, algumas posições rasuradas, provavelmente por terem notado que já haviam assinado.

Sintetizando, de acordo com o Livro de Assembleias Gerais do São Paulo Futebol Clube, a Ata de Fundação de 1935 e o Estatuto Social de 1935, são 15 os fundadores presentes na reunião do dia 16 de dezembro de 1935, 74 são associados considerados como "membros fundadores", de acordo com o item "c" da Assembleia, e 195 são considerados fundadores após lavramento de ata, com inscrições feitas até 31 de dezembro de 1935, totalizando 284 pessoas envolvidas.



ativas O reaparecimento do São Paulo F. C.

municipal de futebol, al, jogar uma partida em, possui uma turma do C. A. Paulista, vo interesse.

de amanhã, no campo e Corinthians Paulista, do-se de um encontro l, para se saber qual é no, contuão, é dos es- de satisfazer o publico

om o seguinte quadro: lxeira, Carlito, Teleco,

ao lado de seus com-

a geral da Portuguesa a acta anterior; apre- ceiro; eleição dos car-

o ingressou na divisão progresso, se encontra s que se demittem, ora

ffissionais e outra par-

o e si não houver ac- antista poderá se reti-

o domingo proximo o atos F. C.

te embate, mas cremos entar o Estudiantes de

éa amanhã em campos

uito que se deseja ver andes clubes.

MOTTA

ndamental)

ormitorios bem ven- de esportes, terre-

STRO SERRA

informações

KA 96

Ô A...

AO PAULISTA DAS

. Reformas — Novicos: Ewbank; 707, Gustavo

A INAUGURAÇÃO DE SUA SÉDE SOCIAL — O JOGO DE AMANHÃ — VARIAS

Revestiu-se de completo exito a inauguração da séde social do novo São Paulo F. C., realizada ante-hontem, á noite.

As dependencias do novo clube, que surgiu para preencher uma grave lacuna que deixou o desaparecimento

clube tricolor, os quaes, nesse passo, em pouco tempo attingirão a cobçada méta final.

Os trabalhos decorrem bem animados, sendo justo destacar a figura do tenente Porphirio da Paz, que tem desenvolvido uma tenaz actividade,



Dois interessantes aspectos da inauguração da séde social do S. Paulo F. C., vendo-se a animação reinante pelo resurgimento do glorioso gremio.

Os certames luteicos da Leci

A ULTIMA RODADA DO C. NATO EXTRA — O FA ORION, ACTUAL PONTEIN FRENTERA' O CASTR

A ultima rodada do campeonato de futebol da LECI, p neste domingo com a realiza uma unica partida, entre o C bricas Orion e o Castrol F. C

Neste domingo, apesar de contedores não ser um do dados ao titulo maximo da Vermelha (principal) o Castro versario — o Fabricas Orio conjunto de respeito e isso e a collocação que mantém co teiro da tabella com uma ur rota e um embate, ou sejam t tos perdidos.

O campo do Juventus que da partida que vai ser disput certeza, se encherá novamente domingo, de affelçoados que conta nesse local, devendo ser arbitrada mais uma vez vio Stucchi.

Drogaria Amaranite F. C. vs. I F. C.

Como preliminar da partid mais uma vez pelejarão o Amaranite e o L. Queiroz. E lo preliminar será realizado vanche, pois o Drogaria não se conformando com a soffrida, no domingo passac flou novamente o L. Quei quereendo demonstrar a puja seu quadro, gostosamente acc se desafio.

Assim, a manhã esportiva mingo, apesar de contar com co jogo de campeonato, o reforçado com essa prelimi antevemos deverá ser optima liminar será iniciada ás 8,30 a principal ás 10,00 horas.

MYSTERIO

Ter sorte em negocio jogos, amor, adquirir ri empregos difficeis. Quer solver qualquer difficu. Escrevel hoje mesmo p Caixa Postal 40, Nictier do Rio, enviando um env sellado e subscriptado p resposta.

Preparativos para os campe corrente anno

A direcção "leciãna" não curado, apesar de ainda não minado as actividades do s sado, pois como os leitores a ver, no proximo domingo, realiza o ultimo jogo referen lendario esportivo de 1935.

Pois mesmo assim, desde dezembro p. passado ella dando das actividades para peonatos do corrente anno, mettem exceder aos que fora dos na temporada finda.

Haja vista os pedidos de ções que tem recebido de va mições esportivas do nosca

CLUBE DA FÉ

A primeira atividade oficial do São Paulo Futebol Clube reconstruído, uma reunião de diretoria, fora marcada para 19 de dezembro de 1935, uma quinta-feira, às 20h30, no escritório do sr. Mecca, à Rua João Briccola, 4, 9.º andar, sala 932, então considerada sede provisória da associação.²⁴⁰

Do resultado desse encontro, "vazaram" para a imprensa os pensamentos e projetos iniciais dos são-paulinos para o clube: estreia em 25 de janeiro de 1936 – aniversário da cidade – e pretendida fusão com o Clube Atlético Paulista. O *Correio de S. Paulo* do dia 20 de dezembro estampa o escudo são-paulino no artigo que relata uma entrevista a um paredro tricolor, que preferiu não ser identificado:

"Dentro de um mez. Já temos assentado um prélio com o Santos, que será realizado no dia 25 de janeiro próximo. Estão dizendo que ressuscitaremos, de inicio, um quadro igual ao ultimo que o S. Paulo alinhou em campo. Isto é um engano. Primeiro, não estamos aparelhados para a formação de um quadro desse quilate. Em segundo lugar, um quadro de verdadeiros 'cracks' não se consegue arranjar em um mez".

"O que há de certo é isto: o S. Paulo F. C., agora apenas de nome, será fundido ao Paulista e aproveitando os elementos deste, estreará no dia 25 de janeiro próximo no campo da rua da Mooca, enfrentando o quadro principal do Santos. F. C. E é só".

Apesar da sobriedade ao rejeitar afirmar que o Tricolor reapareceria com um esquadrão, como o fora em tempos anteriores, ainda assim o dito dirigente falou mais do que deveria. Tudo o que aconteceu na reunião²⁴¹ foi a autorização para o sr. José Carlos Silva Freire, presente ao encontro, redigir propostas para a Companhia Antartica Paulista e para o CA Paulista, a fim de obter autorização para o uso do estádio da Rua da Mooca. Detalhe: o senhor Freire era o presidente do CA Paulista.

Mecca também demandou dos diretores que o clube fosse legalmente reconhecido o quanto antes. Assim, ainda que algum tempo depois, o Estatuto do São Paulo foi publicado no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* e registrado no 2.º Cartório de Títulos e Documentos do Registro Civil das Pessoas Jurídicas do Município de São Paulo no dia 11 de janeiro de 1936.

A segunda reunião da diretoria são-paulina se deu no dia 23 de dezembro de 1935. e nela constatou-se o anseio dos participantes pela abertura de uma sede social efetiva, para atender ao crescente números de sócios que pediam inscrição ao clube por correspondência. Contudo, foi deliberado que tal proposta aguardasse os entendimentos que o Tricolor promovia com a Companhia Antartica.

Uma dessas cartas – a única e mais antiga a sobreviver a 90 anos de história – foi enviada ao clube no dia 19 de dezembro e é reproduzida a seguir:

"Snrs. Directores do 'São Paulo Futebol Clube'. Sabendo pelos jornaes que se cogita da reorganisação do glorioso 'São Paulo Futebol Clube', do qual nunca fiz parte – mas que sempre considereei um grêmio que grande prestigio dava ao futebol paulista – quero felicitál-os pela bella idéa desse resurgimento e como prova mais evidente do meu decidido apoio a tão bella iniciativa peço que me considerem socio desde logo.

240. *Correio de S. Paulo*, 19 de dezembro de 1935

241. *Livro de Reuniões da Diretoria do São Paulo Futebol Clube*, páginas 2 e 3

IMAGEM: Inauguração da sede social do São Paulo Futebol Clube na Praça Carlos Gomes, n.º 38, no dia 22 de janeiro de 1936

“Embora afastado das lides esportivas, desejo cooperar de qualquer forma para a reorganização de clube de tão gloriosas tradições, motivo porque estou inteiramente á disposição dos dirigentes escolhidos. Saudações.

“José de C. Carvalho (Barão) - Directoria Regional dos Correios e Telegraphos ou Avenida Luis Antonio, 1.411”

O único ponto levado a cabo foi a escolha do dia 26 de dezembro, quinta-feira, para o primeiro treino do novo quadro são-paulino, a ser realizado justamente no campo do CA Paulista – o que indica que o possível acordo (ou mesmo fusão) entre as duas agremiações era bem viável, até aquele momento.

Pouco se sabe sobre essa primeira atividade, salvo o resultado: CA Paulista 3 x 7 São Paulo.²⁴² Novo treinamento, contra a mesma equipe e no mesmo local, foi marcado para as 15 horas do último dia do ano de 1935.²⁴³ E isso se seguiu em janeiro, rotineiramente. Porém, boa parte dos atletas envolvidos não foram registrados pela história, com poucas exceções, como a de Brito, ex-Corinthians, e a de um goleiro, chamado Carlos Pacheco e apelidado Portugal, por lá ter nascido e jogado no Sporting, mas que nem sequer as regras de futebol conhecia direito...²⁴⁴

*“Nos treinos aparecem jogadores de todos os naipes e de todos os feitios: bons e pernas de pau. Apesar de não contar com ‘cracks’ famosos, com os elementos que se puzeram á disposição no novo tricolor, a estas horas os responsáveis pela sua constituição já deviam ter escolhido os onze titulares”.*²⁴⁴

Sabe-se que a formação do elenco tricolor ficou a cargo de Porphyrio da Paz e Manoel Mecca, que viajavam atrás de atletas, pelas várzeas paulistas e Brasil adentro. *“Enquanto Porphyrio buscava elementos na Capital, Mecca e Del Debbio dirigiram-se à Curitiba afim de trazerem elementos daquela Capital”.*²⁴²

Porphyrio tentou obter a contratação de Mendes, Waldemar, Petronílio, Machado, Hércules, Orozimbo, Romeu e Lara, mas nenhum deu certo. Os últimos cinco renovaram com o Fluminense na “hora H”.²⁴⁵ Em contrapartida, a atitude do presidente Mecca chamou a atenção da crônica especializada pelo sucesso nas empreitadas: *“Ao envez de contractar um tecnico preparador conhecedor do metier, assumiu elle próprio o cargo de técnico preparador da futura turma do São Paulo F. C”.*²⁴⁴

Apesar de isso não ter sido exatamente o que aconteceu – o treinador do Tricolor, já nos primeiros treinamentos, era o ex-jogador Del Debbio –, Mecca realmente comandou pessoalmente a contratação de atletas. Da cidade de Batatais, no dia 14 de janeiro, o presidente tentou trazer três jogadores: *“Coelho, ex-meia do Guarany, de Campinas; Alemão, considerado o melhor centro médio do interior e Yê, excelente arqueiro do clube local”.*²⁴⁶ Destes, os dois primeiros foram contratados. De Campinas, Odilon e Nene, do Guarani, foram sondados, mas descartados.

Por uma questão mercantil da Companhia Antarctica Paulista, a fusão do São Paulo com o CA Paulista não foi para frente, sendo encerradas, cordialmente, as tratativas no dia 14 de janeiro.²⁴⁷ A indústria de bebidas, não querendo se indispor nem com a APEA nem com a LPF – federações clientes da empresa –, passou a impedir que o CA Paulista atuasse em jogos oficiais no estádio da Rua da Mooca, de propriedade dela, só permitindo que a equipe utilizasse o espaço para treinamentos.²⁴⁸ Com isso, a fusão não era mais interessante para o Tricolor.

242. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942
243. Correio Paulistano, 1.º de janeiro de 1936
244. Correio de S. Paulo, 18 de janeiro de 1936
245. Correio Paulistano, 10 de janeiro de 1936
246. Correio de S. Paulo, 16 de janeiro de 1936

Mas, como treinos eram liberados, CA Paulista e São Paulo se enfrentaram mais uma vez no dia 17 de janeiro de 1936, e o resultado foi um tanto desolador: 7 a 1 para os mandantes moçoquenses. Seguiu o Tricolor, então, contratando jogadores, para ver se o time dava liga.

Na segunda-feira, 20, chegaram de Curitiba *“os conhecidos jogadores paranaenses Sardinha e Ephigenio, centro avante e centro médio do seleccionado do Paraná, respectivamente. Juntamente com elles veio também um irmão de Teleco, que dizem ser um optimo jogador. Foi o presidente do novo Tricolor que foi buscar os jogadores paranaenses”.*²⁴⁹ O irmão de Teleco era Nivacir, apelidado King Kong²⁵⁰, ou apenas King, goleiro que faria história no São Paulo.

As inscrições da maior parte dos atletas já haviam sido enviadas à Liga até o dia 23, inclusive as de Ferreira (ex-Floresta e America-RJ), Ephigênio, Segoa, Paulinho, Gutierrez, King e Gabardo. O registro de Carazzo, porém, dependia ainda da liberação do passe do jogador, vinculado ao Hespânia, de Santos – e, como essa autorização nunca veio, Carazzo só disputou dois jogos amistosos pelo Tricolor.

Na noite do dia 22, o São Paulo convidou imprensa e desportistas da cidade, *“num gesto de frizante esportismo, infelizmente, já muito raro entre nós”*,²⁵¹ para a inauguração da sede social do clube, situada à Praça Carlos Gomes, n.º 38. Apesar da simplicidade do evento e do acanhado local – *“num prédio, comquanto modesto, bastante confortável”*²⁵² – a recepção foi bem quista: *“Foi servido aos presentes um aperitivo, que esteve muito animado”.*²⁵³

A sede, na realidade, era basicamente um par de porões alugado com o dinheiro arrecadado entre os sócios. Conta-se que o espaço era tão pequeno, que nas reuniões era necessário o revezamento dentro da sala entre os integrantes, para que assim todos pudessem acompanhar os debates. A mesa servia, por vezes, de tablado de pingue-pongue, a única atividade social recreativa ali disponível.

O curioso desse local é que, pouco tempo antes, ele abrigara o Esporte Clube Independente, o que faz crer que os dirigentes deste clube, que locaram o espaço, ajudaram ou tomaram parte no processo interno do Tricolor para a escolha do mesmo.

O primeiro grande desafio são-paulino – ainda que não fosse uma partida oficial – foi o jogo-treino realizado às 15 horas do dia 23 de janeiro no Parque Antarctica contra os donos da casa, o Palestra Itália.

O Tricolor foi a campo com King; Celso e Marconi; Júlio, Ephigênio e Segoa; Antoninho, Gabardo, Juca, Carazzo e Paulinho. Ao longo do exercício, entraram também Ruy, no lugar de Celso; Ferreira, na função de Júlio, e Gutierrez, na de Juca. O coletivo, que foi presenciado por cerca de cinco mil pessoas,²⁵⁴ acabou empatado por 3 a 3, com gols marcados por Gabardo, Juca e Antoninho. Reza a lenda, porém, que esse treinamento contou com uma certa ajudinha de um ex-jogador tricolor, então na defesa da meta adversária:

*“O exercício acusava no tempo de abertura uma vantagem de 3 a 1 pró Palestra. No intervalo, Manoel do Carmo Mecca coçava a cabeça aborrecido. Apelou para Jurandyr, que era o guarda-redes do grêmio da Água Branca. Este segredou-lhe no ouvido: ‘Não se incomode, deixe por minha conta que tudo se arranja’. No final do ensaio, o placarde registrava um empate de 3 pontos”.*²⁵⁵

247. Correio de S. Paulo, 14 de janeiro de 1936
248. Correio Paulistano, 3 de janeiro de 1936
249. Correio de S. Paulo, 21 de janeiro de 1936
250. A Gazeta, 27 de janeiro de 1936
251. Correio Paulistano, 23 de janeiro de 1936

252. Correio Paulistano, 24 de janeiro de 1936
253. Correio de S. Paulo, 23 de janeiro de 1936
254. Correio de S. Paulo, 24 de janeiro de 1936
255. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

Um parêntese sobre rivais

A relação do São Paulo com o Palestra Itália, nessa nova fase de vida do Tricolor, começou, todavia, com a intervenção do sr. Arthur Tarantino, presidente da Liga Paulista de Futebol, pouco antes daquele jogo treino. No dia 20 de janeiro de 1936, o Tricolor deu início ao processo de filiação à LPF, com requisição na secretaria da mesma²⁵⁶, situada à Rua Xavier de Toledo. Nessa oportunidade, os dirigentes são-paulinos explicaram a Tarantino que pretendiam estreitar no dia 25 seguinte, mas que o campo da rua da Mooca ficara indisponível por causa das decisões da cervejaria proprietária. O dirigente, então, se prontificou a arranjar o principal estádio da Liga para a realização dessa partida: o Parque Antarctica, do Palestra. E sem custos.

Em correspondência datada de 21 de janeiro, os tricolores agradeceram ao clube alviverde pela cessão do estádio para o jogo inaugural:

“Illmos. Senhores Diretores do Palestra Itália – Capital.

“Presados senhores: Ao mesmo tempo que temos o grato prazer de comunicar esse pujante clube a nossa filiação, nesta data, á Liga Paulista de Futebol, passando, dessa fórmula, a colaborar ao lado do Palestra Italia, nessa agremiação oficial do futebol neste Estado, temos a satisfação de agradecer a Vv.Ss. a cessão gratuita que esse clube nos fez, por intermédio do dr. Arthur Tarantino, da magnífica praça de esportes da Água Branca, para estréia de nosso clube contra a Associação A. Portuguesa, de Santos, no próximo sábado, dia 25 do corrente, fundação de S. Paulo e data consagrada, por este clube á inauguração de suas atividades futebolísticas dentro da Liga Paulista de Futebol e sob sua bandeira.

“Queiram Vv.Ss. aceitar a expressão sincera do nosso agradecimento e dispor dos préstimos deste clube, no que puder ser útil. Atenciosas saudações. São Paulo Futebol Clube”.

No dia seguinte, o Tricolor recebeu a resposta:

“Illmos. Snrs. Directores do S. Paulo F. Club – Praça Carlos Gomes 38 – Capital.

“Prezados Amigos e Senhores: Estamos de posse de seu estimado Officio de 21 do corrente, com que vv.ss. tiveram a gentileza de nos comunicar a grata noticia da sua filiação á Liga Pauista de Futebol, passando desta forma a colaborar ao lado do Palestra Italia, na Agremiação Official de Futebol neste Estado.

“Apresentamos-lhes os nossos mais vivos agradecimentos e os votos mais effusivos para o progresso imorredoro dessa pujante Associação, portadores de um nome digno e valoroso, destinado aos maiores sucessos.

“Quanto á cessão gratuita de nossa Praça de Esportes que, por intermédio do nosso Conselheiro Dr. Arthur Tarantino, tivemos o maior prazer de fazer-lhes, para a Partida de estréia com a A. A. Portuguesa de Santos, sabbado próximo, dia 25, data consagrada á Commemoração da Fundação de São Paulo, nada têm vv.ss. que agradecer, pois que o fizemos com o maior prazer, orgulhosos de podermos colaborar ao lado do Club amigo para a inauguração de suas atividades futebolísticas. Valemo-nos ensejo para apresentar-lhes os protestos de nossa profunda estima e consideração. Palestra Italia. Presidente Dr. Raphael Parisi. Secretario Geral Enrico de Martino.

Como exemplo do quanto o futebol é passional, a cordialidade acima exposta provocou, também, curiosa reação em um associado são-paulino. Outra carta, datada de 8 de fevereiro de 1936 e aqui exibida, registra o momento:

“Illmos. Snrs. Directores do S. Paulo Foot-Ball Club – Capital.

“Amigos e Senhores. Cordeaes Saudações. O abaixo assignado, tendo se inscripto como socio do S. Paulo F. C. do qual são VV.SS. digníssimos Directores, vem, mui respeitosamente, solicitar, por especial obsequio, o cancelamento de seu nome da lista de sócios, por não convir ao mesmo fazer parte de um Club que, no seu apogeu (me refiro ao S. Paulo n.º 1) foi espezinhado pelo fallido Palestra Italia e agora, ao mesmo se aliou, naturalmente, sem pensar que o interesse desse Club e do Corinthians era inventar um S. Paulo, pois, sem esse, difficilmente poderiam escorar a critica situação em que se encontram e que, fatalmente, há de culminar com o seu esphacelamento.

“Podem rasgar os recibos extrahidos e riscar o meu nome da lista de sócios. Sem mais. Renato Augusto Ribeiro”.

A carta é tomada como exemplo, todavia, para ressaltar que o período da cisão das Ligas (1934-1937) foi catastrófico em termos políticos e financeiros para todos os clubes. Não foi apenas o clube da Chácara da Floresta que passou por questões internas graves decorrentes de fatores externos mesquinhos e vergonhosos. O autor da missiva acima fala em “falido” e “critica situação em que se encontram” para descrever os rivais Palestra e Corinthians.

“O maior motivo do desinteresse do público pelo certame da Liga Paulista (que foi o mais concorrido), residiu no facto de só dois grandes clubes da capital disputarem o alludido campeonato. Com o São Paulo, voltará a constituir-se a trindade de ouro e novamente serão três os ‘mosqueteiros’”. De fato, como dito nessas linhas pelo Correio Paulistano de 25 de janeiro, somente com o Tricolor fortalecido e com os clubes unidos em apenas uma liga, o futebol paulista voltaria a ser viável.

S. Paulo, 8 de Fevereiro de 1936.

Illmos. Snrs. DIRECTORES DO:
S. PAULO FOOT-BALL CLUB.
C A P I T A L

Amigos e Senhores.

Cordeaes Saudações.

O abaixo assignado, tendo se inscripto como socio do S. PAULO F. C. do qual são VV. SS- dignissimos Directores, vem, mui respeitosa-mente, solicitar, por especial obsequio, o cancellamento de seu nome da lista de socios, por não convir ao mesmo fazer parte de um Club que, no seu apogeu, (me refiro ao S. PAULO nº 1) foi espesinhado pelo fallido PALESTRA ITALIA e agora, ao mesmo se alliou, naturalmente, sem pensar que o interesse desse Club e do CORINTHIANS era inventar um S. PAULO, pois, sem esse, difficilmente poderiam escorar a critica situação em que se encontram e que, fatalmente, ha de culminar com o seu esphacelamento.

Podem rasgar os recibos extrahidos e riscar o meu nome da lista de socios.

Sem mais.

Renato Augusto Ribeiro

O fim da saudade

Histórias paralelas à parte, de volta à trama principal: o primeiro jogo oficial do Tricolor reconstruído, que inicialmente fora pensado para ser em 25 de janeiro de 1936 contra o Santos, foi também especulado com Vasco da Gama e Botafogo, do Rio,²⁵⁷ mas acabou confirmado contra a Portuguesa Santista, para aquele sábado, aniversário da capital paulista.²⁵⁸

O São Paulo divulgou ao público o seguinte comunicado, sobre a venda de ingressos e a convocação de jogadores para as partidas preliminar e principal:

"PORTÕES: - Os portões do Parque Antarctica serão abertos às 12 horas.

"PREÇOS: - Foram estabelecidos os seguintes preços: Archibancadas, 5\$; geral, 3\$; menores e militares 1\$500.

"PRELIMINAR: - A preliminar será effectuada entre as turmas secundárias do S. Paulo F. C. e do C. A. Paulista.

"CHAMADA DE JOGADORES: - Devem comparecer às 13 horas, na sede social, á Praça Carlos Gomes, 38, os seguintes jogadores: Fernando, Ruy, Marconi [conhecido como Picareta], Ferreira, Damasco, José, Segoa, Antoninho, Gabardo, Juca, Carazo, Paulinho, Armandinho, Sylvinho, Júlio, Gutierrez, Joãozinho, Sandro, Paulo, Rodolpho, Celso, Raul, Bento, Mello, Waldomiro, Ministro, Brenno, Toneco, Barbosa, Lio I e II, Lopes e os demais reservas".²⁵⁹

Ao que consta, foram dispostos ao Tricolor 3.234 ingressos, sendo 434 ingressos para menores de idade e militares, 1.872 nas gerais e 928 de arquibancada, conforme documento enviado pelo Palestra ao São Paulo, no dia 24. A esses preços, em caso de lotação máxima, a renda obtida na partida seria de pouco mais de dez contos de réis (10.907\$000). Além dessa cota de público, o clube alverde reservou o direito, e assentos, a seus associados de assistirem à partida gratuitamente.

A comissão técnica são-paulina estava confiante, apesar da forte equipe adversária, que vinha de vitória sobre o vice-campeão da Liga da temporada finda. "Del Debbio espera que os seus pupilos façam bonito contra a Portuguesa, de Santos. O tecnico tricolor não desconhece o valor do 'onze' luso, que ainda domingo ultimo demonstrou cabalmente a sua potencialidade vencendo o Palestra, mas elle tem confiança no entusiasmo dos seus jogadores e principalmente da torcida tricolor".²⁶⁰

A crônica esportiva, de modo geral, também "torcia" pelo bom-sucesso do Tricolor, rejubilando-se pelo retorno do clube, conforme é possível ver em cada um dos trechos a seguir:

"O nosso mundo esportivo conheceu de perto os golpes politikeiros que deram por terra com o clube que nascerá sob os mais animadores auspícios, num dia que os bandeirantes commemoram com grande entusiasmo... O que surge, vem mais disposto para a lucta e immunizado para as trajetorias moraes... Modestos, mas valorosos, saberão por certo fazer do São Paulo F. C. o grande grêmio esportivo que São Paulo necessita e quer."²⁶¹

257. A Gazeta, 6 de janeiro de 1936

258. Correio de S. Paulo, 21 de janeiro de 1936

259. Folha da Manhã, 25 de janeiro de 1936

260. Correio de S. Paulo, 24 de janeiro de 1936

261. Correio Paulistano, 23 de janeiro de 1936

“Nós cremos ardentemente que o novo São Paulo triumphará, fazendo valer a fibra de luctadores que em todas as épocas sempre caracterizou os ‘azes’ tricolores. O antigo São Paulo nunca esmoreceu, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida esportiva. E o novo São Paulo deve trilhar o mesmo caminho. Fazemos votos para que o grêmio tricolor triumphe em toda a linha, que continue a carreira scintillante do seu antecessor e que seu nome seja sempre um padrão de gloria no cenário esportivo nacional!”²⁶²

“Ave, São Paulo Futebol Clube. Sob os melhores auspícios, pleno de esperanças, cheio de entusiasmo e estuante de vitalidade – o São Paulo F. C. resurge para ocupar no concerto do futebol nacional, o lugar a que tem direito. Não se podia admitir, de forma alguma, sem que se descesse do valor da nossa gente – que um grêmio com tradições e tão importante acervo de glórias, conquistadas sempre com honra nos gramados nacionais – permanecesse, por mais tempo, no olvido em que o sepultaram, a inveja de uns, o interesse e a ambição de outros...”²⁶³

Tudo se encaminhava bem, na manhã daquele sábado, 25, quando, pouco antes da abertura dos portões do Parque Antarctica – que seria ao meio-dia – uma ordem expressa da Secretaria da Educação da Prefeitura da cidade de São Paulo “ameaçou” a realização do jogo. Consta que a intenção dos políticos era que durante a festividade oficial pelo aniversário de fundação da cidade um desfile militar ocorresse na Avenida Paulista e que nenhum outro evento público concorresse com essa marcha.

O fato causou apreensão e estranheza aos dirigentes são-paulinos. Na véspera, o secretário Éolo Campos havia despachado ofício convidando o prefeito paulistano – o mesmo Fábio Prado de passagens anteriores – para o evento e não recebera nenhuma notificação contrária à realização da partida.

*“Não podia haver delongas, e o Tenente Porphyrio, visivelmente contrariado com tal acontecimento, tomou um automóvel e dirigiu-se à Avenida Paulista, onde estava-se realizando uma parada militar. Lá chegando, dirigiu-se ao palanque das autoridades e pediu ao Dr. Cantídio Campos, então Secretário da Educação, uma ordem para abrir os portões, ordem essa que foi escrita em um papel de receita do ilustre médico”.*²⁶⁴

Talvez os termos expressos acima tenham sido um tanto polidos demais, lapidados com o distanciamento temporal do fato. Afinal, a ordem de proibir o jogo não havia sido expedida por essa própria secretaria municipal da educação? Secretaria esta sob autoridade do prefeito, velho desafeto?

Cabe lembrar, também, que o secretário Cantídio foi um dos que votaram pela fusão com o Tietê, em 1935.

Na verdade, o *Correio de S. Paulo* do dia 27 relatou uma versão distinta, mais condizente ao histórico conhecido:

*“Basta dizer que, devido ao trabalho subterrâneo de alguns inimigos do Tricolor, os dirigentes do S. Paulo F. C. estiveram na eminência de não poder jogar ante-hontem, pois, somente quando faltavam poucas horas para o início do jogo é que obtiveram uma autorização do dr. Armando de Salles de Oliveira, digno governador de S. Paulo, para que o Departamento de Educação Physica concedesse licença para o jogo se realizar”.*²⁶⁵

262. *Correio Paulistano, coluna de Torito, 25 de janeiro de 1936*
263. *Folha da Manhã, coluna de Anhanguera, 25 de janeiro de 1936*
264. *Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942*
265. *Correio de S. Paulo, 27 de janeiro de 1936*

De toda forma, pedindo ou debatendo, alhos ou bugalhos, o fato é que Porphyrio obteve a autorização necessária para a abertura dos portões do Parque Antarctica. E quem deu o pontapé inicial da porfia foi, curiosamente, um representante da autoridade municipal.²⁶⁶

Dentro das quatro linhas, nova confusão. Na partida preliminar, o embate entre os segundos quadros do São Paulo e do CA Paulista não chegou a ter a conclusão devida, sendo finalizado no primeiro tempo, quando o Tricolor vencia por 2 a 0²⁶⁷ ou 2 a 1²⁶⁸ ou talvez empatava por 2 a 2,²⁶⁹ dependendo da fonte. *“Mal aconselhados por um dirigente, os jogadores do Paulista não se decidiram a disputar o 2.º tempo, porque queriam absurdamente a substituição do juiz. Esse absurdo inadmissível, porém, não foi permitido, graças à intervenção enérgica dos diretores da Liga Paulista”.*²⁶⁷

O jogo principal, enfim e contudo, não teve alterações anormais. O São Paulo entrou em campo com o uniforme tradicional e consagrado de outrora: camisa branca com faixas vermelha, branca e preta à altura do peito, com o escudo do Tricolor e o acrônimo S. P. F. C. ao centro, calções brancos, com listras verticais vermelha, branca e preta nas laterais, meias predominantemente pretos, com parte inferior branca. Prendendo os calções, um cinturão vermelho, enlaçado.

Às 15 horas, o árbitro Heitor Marcelino – ex-jogador do Palestra – apitou, e a bola rolou. O São Paulo, alinhado com King; Ruy e Picareta; Ferreira, José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Juca, Cazarro e Paulinho, com o ímpeto da emoção da estreia e o apoio dos torcedores, partiu para cima e dominou o início da partida. A pressão deu resultado: aos 5 minutos, Paulinho cruzou na área e Carazzo desviou a bola, que sobrou na direita para Antoninho chutar sem defesa para Ratto, o goleiro luso: 1 a 0!

Sem o gás inicial, o jogo ficou equilibrado, com ambas as equipes ameaçando ataques sem muito sucesso. Aos 35 minutos, o defensor são-paulino Ruy, pressionado pelo atacante Orlando, recuou a bola para King, mas de modo tão infeliz, que acabou marcando um gol contra: 1 a 1 no placar, resultado da primeira etapa.

No segundo tempo, o técnico Del Debbio promoveu uma alteração logo de cara: Gutierrez entrou no lugar de Juca. A partida seguiu na mesma toada, lá e cá. Em um dos ataques são-paulinos, Teixeira desviou a bola com a mão, dentro da área, mas o juiz não assinalou o pênalti, apenas escanteio. Ainda assim, o Tricolor encontrou o caminho do gol. Na cobrança do córner, Antoninho levantou para Carazzo, que, aos oito minutos, desempatou o confronto, com um belo chute: 2 a 1 para o São Paulo!

Mas a lusa santista era briosa e empatou novamente a peleja aos 20 minutos, com Franco III. Quando poderiam imaginar que o fato esmoreceria o ânimo dos tricolores, mas isso esteve longe de acontecer. O São Paulo pressionou fortemente nos minutos finais, e Gutierrez, escapando livre à entrada da área, foi derrubado por um encontrão de Romeu. Pênalti marcado e convertido por Carazzo, aos 35 minutos da etapa final.

Gutierrez, contundido no lance que resultou na penalidade, deu lugar a Júlio Colasso. Atrás no marcador, foi a vez de a Portuguesa arriscar o tudo ou nada nos últimos instantes, e coube a King e ao sistema defensivo tricolor o protagonismo derradeiro, que valeu o placar vitorioso: 3 a 2 para o Tricolor!

266. *Folha da Manhã, 26 de janeiro de 1936*
267. *A Gazeta, 27 de janeiro de 1936*
268. *Correio de S. Paulo, 27 de janeiro de 1936*
269. *Folha da Manhã, 26 de janeiro de 1936*

O 1.º jogo e a 1.ª victoria do S. Paulo N. 2

A PORTUGUEZA, DE SANTOS, FOI BATIDA POR 3 A 2

O São Paulo F. C. N. 2 foi bem sucedido em seu prelo-estrea, pois se impôs, sabido, a um adversario que, alguns dias antes, conseguira vencer o Paulista. Trata-se da Portuguesa Santista, cujo quadro, embora de natural superior cohesão em sua diversa linha, teve de ceder ao entusiasmo juvenil e ao valor individual dos integrantes do novo tricolor. Deante, em conjunto, pouco ou nada se podia exigir, dado que a organização que pôs no campo do Parque Antarctica não se havia "ambicionado" mais que uma vez, o que foi feito no treino realizado dois dias atrás. Entretanto, a turma afluente, com energia e força de vontade à prova, foi generosa em esforços e combatividade, fazendo prevalecer esses factores sobre a possível melhor hegemonia contraria.

Bom inicio, bastante animador mesmo, comparando a sua victoria tenha resultado algo difficil, conforme o attesta a contagem. Os 3 a 2 finais, em verdade, comprovam o "balanço" equitativo que o jogo teve dentro dos seus 90 minutos regulamentares, exceptuando-se curtos períodos de maior pressão de um ou daquella quadra.

De um modo geral, a partida apresentou equilibrio, offereceu algumas momentos de interesse em virtude da marcha incerta da contagem e teve vistozidade, ali bem que leve, tecnicamente.

A primeira phase registrou equalidade (1 a 1) numerica, tendo portanto a sorte do encontro sido decidida no período complementor, quando ambas as competidores lidaram com armas perfeitamente identicas pela conquista do triumpho. Este sorriu ao São Paulo, embora muito bem poderia ter pendido para os "juizes" da vizinha cidade paulana. Questão de "chance", tão somente. O S. Paulo, todavia, fez ju'á a victoria, merecedor de sua operosidade mais constante, que não foi, porém, mais perfliciente ou starada.

A série de tentos foi começada pelas



O "onze" do São Paulo F. C. N.º 2, que iniciou victoriosamente a sua carreira.

tricolora, logo nos primeiros cinco minutos. A acção foi iniciada por Paulinha, que executou um centro alto, desviando Carazzo a bola para a direita, de onde Astaninho fez partir um tiro ao qual Ratto arrojou-se inutilmente para interceptar.

Proximo do fim da phase, um lance demonstrado, quanto infeliz de Rey, que accazado, tentou servir o arqueiro desviando muito a bola para um dos cantos, originou o 1.º empate.

Foi ainda o S. Paulo que se collecou em vantagem, marcando Carazzo, aos 4 minutos do reinicio, o 2.º tento a um escanteio batido por Paulinho.

O 2.º e ultimo empate surgiu ao 29.º minuto, tendo Franco III destructado com successo um passe de Tim, que organizara a avancada.

Aos derradeiros cinco minutos, depois o ponto da victoria sangaulina. Gabardo estendeu um passe a Gutierrez, que se infiltrou na área em optimas con-

dições para finalizar. Não pôde, entretanto, fazel-o, pois recebeu um rebatido passivel da posição, o que de facto se verificou. A pena maxima foi bem celebrada por Carazzo.

S. PAULO: — Fernando; Rey e Pienreta; Ferreira (depois Julio), José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Juca (Gutierrez), Carazzo e Paulinho.

PORTUGUEZA: — Ratto; Rameu e Teixeira; Del Popolo, Archimedes e Argemiro; Véga, Armandinho, Orlando (depois Franco III), Tim e Gilda.

Fernando, que já é mais conhecido por King Kong, Pienreta e Ferreira (essa contar os do ataque, que tambem são mercedores das mesmas elogios), foram os que melhor impressionaram ao lado vencedor. Da turma "lusa", toboá numa plana regular de evidencia.

Arbitrou, com a sua peculiar competencia, o veterano Haites, que fez transparecer rigorosa imparcialidade, nas suas decises.

O encontro preliminar, travado entre os 2.ºs quadros do São Paulo e do Paulista, teve um desfecho anormal lamentavel. Mal aconselhados por um dirigente, os jogadores do Paulista não se decidiram a disputar o 2.º tempo, porque queriam absurdamente a substituição do juiz. Esse abuso inadmissivel, porém, não foi permitilido, graças à intervenção energica dos directores da Liga Paulista. O Paulista, assim mesmo, manteve a... exigencia, motivo pelo qual a preliminar teve apenas um tempo, do qual foi vencedor o São Paulo por 2 a 0.

Cerca de 3.000 pessoas, entre socios do Palestra e os que pagaram ingressos, estiveram no Parque Antarctica. Pouco publico, não resta duvida, mas, considerando-se a tarde impropria para o futebol e a sua respectiva época depreciavel, em vista da situação, devem as organizadoras dar-se por satisfeitas.



O 1.º adversario que o novo S. Paulo enfrentou foi a Portuguesa de Santos. Al vemos os dois quadros quando do segundo jogo.

"Cerca de 3.000 pessoas, entre socios do Palestra e os que pagaram ingressos, estiveram no Parque Antarctica".²⁷⁰ Já a renda foi de 5:300\$000 (cinco contos e trezentos mil réis)²⁷¹. Ou seja, cerca de metade das pessoas presentes ao jogo comprou entradas (assim sendo, são-paulinos).

A imprensa destacou efusivamente o bom desempenho do "S. Paulo n.º 2" (como *A Gazeta*²⁷⁰ apelidou o reconstruído Tricolor): "Bom inicio, bastante animador mesmo, comquanto a sua victoria tenha resultado algo difficil, conforme o attesta a contagem", escreveu o periódico. *A Folha da Manhã*²⁷² foi mais categorica: "O inicio de vida do novo grêmio tricolor foi auspicioso. De uma forma brilhante e convincente, o novo Tricolor superou a forte turma da Portuguesa, de Santos".

O melhor resumo, entretanto, ficou a cargo do *Correio de S. Paulo*:

"Demonstração cabal de que o entusiasmo entre os componentes de uma equipe de futebol, bem amparado por uma torcida alegre e bem disposta, consegue milagres. Poucos acreditavam na victoria do novo Tricolor, e no emtanto, o triumpho veio premiar os esforços de uma dezena de esforçados adeptos do antigo clube da Floresta".²⁷²

Uma passagem curiosa, revelada após a estreia, é que Araken Patusca, um dos grandes atacantes são-paulinos do "Esquadrão de Aço" e principal líder da rebelião que ajudara a tombar o Tricolor da Chácara, se prontificou a voltar ao novo São Paulo. Chegou até mesmo a obter licença do Santos para atuar no amistoso de estreia. Os dirigentes agradeceram, mas rejeitaram a oferta: de nada adiantaria ele estar disponível em amistosos e não poder ser inscrito para competições oficiais.²⁷³

Depois da ótima estreia oficial, o Tricolor continuou a rotina de treinamentos e triagens de atletas. No dia 4 de fevereiro, enfrentou o CA Paulista em jogo-treino na Rua da Mooca, dois dias depois, o Palestra Itália, na casa deles, e mais duas datas à frente, o São Paulo Railway (derrota por 1 a 3), também na Mooca. Naquela altura, o elenco são-paulino era composto por King, Rodolpho, Celso, Picareta, Juvenal, Ferreira, Julio, José, Segoa, Odilon, Waldomiro, Antoninho, Gabardo, Nenê, Nabor, Paulinho, Baianinho, Broa e Delovix (estes dois últimos recém-chegados do Commercial e do Palestra Itália de Ribeirão Preto), embora, nesse momento, nem todos estivessem com passe livre.²⁷⁴

No começo daquele mês de fevereiro, o São Paulo conseguiu trazer de Batatais um jogador apelidado pela imprensa de Diamond ou Aimondi – seu nome verdadeiro era lamond, José lamond. O atleta assinou contrato com o clube, preencheu os formulários de inscrição da Liga, recebeu 200 réis pelas despesas de viagens e tomou parte nos treinamentos. Restaram algumas pendências burocráticas para regularizá-lo, todavia.²⁷⁵

Acontece que lamond, ao que tudo indica, tentou levar vantagem na situação e procurou o Palestra Itália. Lá, acertou novo contrato, recebeu 400 réis e acelerou o processo de inscrição. A LPF, presidida por Arthur Tarantino, já sabia do acerto do atleta com o Tricolor, mas, mesmo assim, não alertou o clube alviverde do conflito de interesses e registrou o passe. Foi armado, então, o furdunço.

270. *A Gazeta*, 27 de janeiro de 1936
 271. *Correio de S. Paulo*, 29 de janeiro de 1936
 272. *Folha da Manhã*, 26 de janeiro de 1936
 272. *Correio de S. Paulo*, 27 de janeiro de 1936
 273. *Correio de S. Paulo*, 28 de janeiro de 1936

274. *Correio de S. Paulo*, 6 de fevereiro de 1936
 275. *Correio de S. Paulo*, 19 de fevereiro de 1936



Frederico Antônio Germano Menzen, anos depois, comentou sobre essa incômoda situação com o time rival e sobre o que fez para consertá-la:

“Numa certa ocasião, nós trouxemos um bom jogador do Interior. Mas naquele tempo, não havia tanta preocupação com problemas de registro – ou mesmo a nossa pouca experiência não fazia com que nos preocupássemos tanto com esses detalhes. Então, trouxemos o rapaz para o São Paulo, mas não fizemos imediatamente o seu registro na Liga Paulista de Futebol.

*“E quando resolvemos regularizar a situação do rapaz, tivemos uma surpresa bastante desagradável: o Palestra – hoje Palmeiras – havia pego o nome do jogador e o havia registrado na Liga como se lhe pertencesse. Mas o rapaz estava em São Paulo por nossa conta, para testes e treinos. E nunca havia entrado no campo do Palestra. Então nós ficamos furiosos com aquilo e resolvemos esclarecer a questão. Mas, naquela época, eu sendo bem mais jovem, e mais inflamado também, acabei invadindo o Parque Antarctica para retirar de lá os papéis do jogador. Afinal, com a intermediação das duas diretorias, acabamos chegando a um acordo e o Palestra então nos cedeu o passe do jogador”.*²⁷⁶

Além da atitude intempestiva, Menzen ameaçou desfiliar o clube da Liga Paulista, visto o erro (ou a conivência) da mesma. *“Um dos directores do S. Paulo F. C. mostrou-nos a inscrição de Diamond, assignada em formula da L. P. F., com data anterior á do Palestra”.*²⁷⁷ Boatos surgiram a torto e a direito, e até mesmo um rumor sobre um “pacto” dos clubes contra o Palestra (e o Corinthians). Pelo visto, porém, não passou de balela: *“É destituída de fundamento a notícia sobre a assinatura de um 'pacto' entre Santos, Portuguesa, Hespânia, Juventus, Paulista, S. Paulo e Estudantes contra o Palestra e o Corinthians”.*²⁷⁸

No fim das contas, com os ânimos apaziguados, o Palestra abriu mão de Diamond e ele defendeu o Tricolor até maio de 1936, após curtíssima suspensão imposta pelo São Paulo. E a vida seguiu normalmente.

A próxima partida oficial do São Paulo seria contra o Palestra e deveria ocorrer no dia 9 de fevereiro, mas a excursão do clube argentino Huracán a São Paulo, enfrentando os alviverdes nessa data, forçou o cancelamento da disputa dos palestrinos contra os são-paulinos.

O clube então abriu negociações com o Santos. Mas, no fim, o Tricolor aceitou o pedido de revanche da Portuguesa Santista. Os inconformados dirigentes do clube luso, que estavam tão confiantes na vitória sobre Tricolor, pois já tinham vencido antes o Palestra, tanto insistiram que conseguiram marcar a nova peleja, só que para o dia 16 daquele mês.

Não deveriam ter persistido na ideia! No Úlrico Mursa, o São Paulo dominou o jogo por quase toda sua duração. O estreante Fogueira, ex-Palestra, marcou dois gols logo de cara, aos 30 e aos 38 minutos da primeira etapa. No segundo tempo, Gabardo ampliou aos cinco minutos e três depois, Lopes anotou o quarto gol são-paulino. Com o placar dilatado, o Tricolor reduziu o ritmo, e a Portuguesa Santista descontou com um gol contra de Lopes, aos 16, e um tento de Tim, aos 20 minutos da segunda etapa. 4 a 2 para o Tricolor, ao final.

A partida marcou também a estreia do zagueiro Juvenal, ex-Corinthians. Os dois novatos, contudo, não permaneceriam muito tempo no time: os rivais não lhes deram o passe.

Com dois ótimos resultados na nova fase de existência do Tricolor, tudo ia se encaminhando bem. O terceiro amistoso da equipe foi marcado para o dia 1.º de março, contra o Juventus, na Rua Javari. O prélio contaria até com transmissão pelo rádio, por meio da PRB 6, *Rádio Cruzeiro do Sul*.²⁷⁹ Mas, antes, no dia 29 de fevereiro, o São Paulo realizou nova Assembleia Geral de associados.

Na Praça Carlos Gomes, 38, os sócios tricolores elegeram 20 conselheiros para um mandato de dois anos de serviços. O monsenhor Francisco Bastos foi eleito para o cargo de presidente do órgão deliberativo. Nova diretoria executiva também foi ratificada nessa ocasião – um dia antes, Manoel do Carmo Mecca havia renunciado ao posto de presidente, alegando motivos pessoais. O restante da diretoria também se resignou das funções (entendendo que aquele quadro era mesmo provisório).

A diretoria do São Paulo ficou assim constituída:

- presidente: Frederico Antônio Germano Menzen;
- 1.º vice-presidente: José de Castro Carvalho;
- 2.º vice-presidente: José Porphyrio da Paz;
- diretor auxiliar: Éolo Campos;
- secretário geral: Deocleciano Dantas de Freitas;
- 1.º secretário: Manoel Passos Centofanti (10/03, Éolo Campos);
- 2.º secretário: Humberto Sprovieri (13/03, Manoel Passos Centofanti);
- 1.º tesoureiro: Manoel Arruda Nascimento;
- 2.º tesoureiro: Izidoro Narvaes;
- diretor esportivo: Jayme Roso;
- auxiliar do diretor esportivo: Lourival Saraiva;
- diretor representante junto à Liga Paulista: Álvaro de Sá Nogueira.

Sob nova administração, o time tricolor manteve a série de sucessos, derrotando também o Juventus, fora de casa, por 3 a 2, com gols de Gabardo, Diamond e José. Contudo, a partida foi muito mais difícil e conturbada que as duas anteriores. O tento da vitória são-paulina veio apenas no último minuto de jogo, e de pênalti, após uma arbitragem muito questionada de Enéas Sgarzi – que teve que paralisar a disputa por alguns minutos, devido às reclamações e as invasões de campo por parte dos novatos dirigentes visitantes.

A postura dos tricolores rendeu suspensão e multas impostas pela LPF no dia 5 de março. O técnico são-paulino, Armando Del Debbio, foi punido com uma multa de 200 mil réis. Já Éolo Campos, Manoel Arruda Nascimento, Frederico Menzen e Porphyrio da Paz foram suspensos por 20 dias de atividades relacionadas com a liga, e o jogador Carlos Lopes foi suspenso por um jogo do campeonato vindouro.

A invencibilidade são-paulina foi posta à prova no dia 22 de março. A convite do Corinthians, o Tricolor foi ao Parque São Jorge enfrentar o time local em mais um amistoso. Dessa vez, mesmo reforçado com Felipelli e Luizinho Loureiro, ambos ex-Ypiranga, e Garcia, ex-Bragantino, o São Paulo não repetiu as boas partidas e foi derrotado pelo rival por 3 a 1. Foi o primeiro indício de que, apesar dos inúmeros esforços, o time ainda era muito frágil tecnicamente e que o clube teria uma árdua temporada.

276. Mello, 1981

277. Correio de S. Paulo, 13 de fevereiro de 1936

278. Correio de S. Paulo, 18 de fevereiro de 1936

279. Correio de S. Paulo, 5 de março de 1936

Das dez partidas seguintes, o clube venceu uma única vez (o Guarani, em Campinas, no dia 21 de abril, por 1 a 0), empatou outra (São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 12 de abril, 0 a 0) e perdeu em oito ocasiões – seis consecutivamente, entre 25 de abril e 28 de junho.

A sequência negativa, que incluiu quatro jogos do Campeonato Paulista, somente foi rompida com o simbólico título amistoso da Taça Guaraína/Laboratório Raul Leite, pela vitória de 1 a 0 sobre o Rio Preto EC no Campo da Vila Redentora, na cidade do interior, no dia 29 de junho.

A situação era, de fato, muito complicada. Dentro de campo, o time não encaixava, e as melhores peças, utilizadas em amistosos, não permaneciam no clube, por causa dos altos valores dos passes exigidos para registro.

Fora de campo, os dirigentes, que batalhavam dia e noite para encontrar uma nova sede social e um terreno para um estádio próprio, tinham que contar com acordos amigáveis estabelecidos com o CA Paulista e a AA das Perdizes para a utilização dos campos da Rua da Mooca e da Avenida Água Branca na rotina de treinos.

Um dos relatos mais lembrados desse período, ainda hoje, é a história de que o presidente do Conselho Deliberativo e então pároco da Igreja da Consolação, Francisco Bastos, abrigava jogadores do Tricolor na torre da paróquia, onde havia camas e beliches, quando era necessário concentrá-los às vésperas de jogos. Antes de deixá-los, benzia-os e, na sequência, passava o cadeado na porta.²⁸⁰

Quanto ao estádio próprio, algo que aliviou a urgência em conseguir (obter ou construir) um local foi a decisão da Liga Paulista, datada de 7 abril, de retirar o mando dos clubes da primeira divisão que não possuíssem um campo adequado para a prática do jogo.

O São Paulo, Albion, Estudantes, São Paulo Railway e Luzitano foram autorizados (segundo um entendimento), ou forçados (segundo outro), a jogar, turno e retorno, sempre na casa dos demais adversários, mesmo na cidade de Santos.²⁸¹ Era isso ou não jogar de modo algum.

A contrapartida foi a promessa de resolverem essa questão até a realização do campeonato de 1937 – caso contrário, seriam rebaixados a uma futura divisão intermediária (ainda a ser criada).

Administrativamente, o clube ainda se acertava, também. No final de abril, a diretoria achou por bem reformar os estatutos, para a ampliação do quadro de conselheiros. A medida visava a englobar mais associados dispostos a ajudar no dia a dia do clube, tanto com préstimos quanto com empréstimos. Assim, na Assembleia Geral de 1.º de maio, nova diretoria foi eleita e o corpo do Conselho Deliberativo foi elevado para 40 nomes.

O ajuste estatutário também modificou a forma de se eleger a diretoria: não mais seria necessário fazê-la via Assembleia. Ela seria escolhida, a partir de então, por votação no Conselho. O terceiro quadro diretor do Tricolor, eleito no ano de 1936, foi o seguinte:

- presidente: Frederico Antônio Germano Menzen;
- 1.º vice-presidente: José Porphyrio da Paz (depois Jayme Roso, em 01/07/1937)
- 2.º vice-presidente: Francisco Ribeiro Carril (Paulo Silveira, antes de 01/07/1937);
- secretário geral: D. Dantas de Freitas (Benedicto Carlos de Souza, antes de 01/07/1937);
- 1.º secretário: Éolo Campos;
- 2.º secretário: Humberto Sprovieri;
- tesoureiro Geral: Manoel Arruda Nascimento;
- 1.º tesoureiro: Izidoro Narvaes;
- 2.º tesoureiro: Arnaldo Tedeschi (Francisco Pereira Carneiro, antes de 01/07/1937);
- diretor esportivo: Jayme Roso (José Porphyrio da Paz, em 01/07/1937);
- diretor representante junto à Liga: Benedicto Carlos de Souza (em 01/07/1937).

No Campeonato Paulista, o São Paulo estava muito mal. Depois das quatro derrotas por 1 a 0 (para SPR, Estudantes, Albion e Juventus) no começo da competição, o maior baque ocorreu em Santos. A Portuguesa praiana se vingou do Tricolor com uma acachapante goleada por 5 a 1 no dia 16 de agosto. A derrota desceu de maneira tão ruim para os dirigentes são-paulinos, que eles propuseram uma revanche aos lusos, que foi aceita. Dias depois, no feriado de 7 de setembro, o placar de 3 a 3 no amistoso se não lavou a honra, não deixou tudo mais feio do que já estava.

Com cinco rodadas disputadas, o Tricolor era o último colocado do torneio estadual (12.º lugar). Esse momento, com a conjunção de fatores esportivos, patrimoniais, financeiros e históricos, pode ser entendido como o mais grave de toda a trajetória são-paulina. Se a conquista do tricampeonato mundial de 2005 seria o zênite, o pós-jogo de 16 de agosto de 1936 foi o nadir.

Mas, assim sendo, o fato é que dali para frente tudo melhoraria – devagar, mas melhoraria. Era essa a fé que guiava o coração de todos os tricolores. A fé inabalável que nos três anos anteriores superou todo e qualquer percalço que se postasse à frente do sonho são-paulino. A primeira vitória são-paulina no Paulistão de 1936 veio na rodada seguinte: 2 a 1 no CA Paulista (gols de Coelho e Gabardo), na Rua Javari, em partida realizada no dia 30 de agosto.

O time não era capaz, ainda, de enfrentar os adversários mais tradicionais: perdeu para Corinthians e Santos nos dois turnos, mas arrancou um empate no retorno contra o Palestra – feito digno de imensa comemoração dos torcedores em frente à sede de *A Gazeta*, já que os rivais buscavam revidar aquele famoso 4 a 0 sofrido em de 1931. Engatou boas vitórias contra os demais times até o fim da competição – que terminou somente em abril de 1937 – como a obtida no dia 20 de setembro, quando superou o Luzitano por 3 a 0 no campo da Rua da Mooca, com gols de Barbosa e Ministrinho (dois).

“... o Tricolor iria disputar uma partida de campeonato com o Palestra, cujas vitórias alcançavam, seguidamente, em espaço de 3 anos, o número de 42, e, no jogo em questão, o poderoso rival alvi-verde fazia questão cerrada de não só vencer o São Paulo, como, mais do que isso: queria, a todo custo, desferrar aqueles celebres 4 a 0 da Floresta, e, talvez... com alguns juro. Prometeu, então, o Tenente Porphyrio, em entrevista na 'A Gazeta', nas vésperas do jogo, que o Palestra não venceria o jogo e não desferraria aqueles 4 a 0.

280. Bastos Neto, 2000

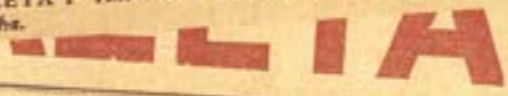
281. Correio de S. Paulo, 9 de abril de 2000



a sério
ia, o pu-
do a ren-
arnera e
del Nero;
Rolando
e Horn-
pelli; Mi-
o e Adol-
TOS
e em pri-
avendo cal-
to nem de
talvez in-
juiz marca
alestra, mas
Paulo. Neste
scanteio. Ha-
lor e a de-
po entra em
plaudir pelas
a um toque
Aurelio que
colhendo sem
osse do ba-
a um ataque
expedito em
orne ameaça-
nha, acosta-o
stão mais ve-
es, resultando
ni, ao querer
ne recebe um
o tiro de can-
drelta tricolor,
Carnera, dando
nsportar o jo-
effectivar uma
plica-lhe uma
ias cobra fóra
a, de agora em
na assim posse
das servir Ro-



Hontem á noite um numeroso grupo de adeptos do S. Paulo F. C. acompanhado por King improvisou uma manifestação de jubilo pelo resultado que o tricolor obteve contra o Palestra, vindo saudar a "GAZETA". Ahi vemos os "torcedores" sãopauli- nos photographados deante do prédio desta folha.



Rua Libero Badurá
N.º 882 e 883

S. Paulo, 15 de Março de 1937

TELEFONOS 3-4104
(Cód. particular)

O S. Paulo F. C. no cartaz...



"Operou-se o milagre da fé, no esplendor de um sacrifício, o esforço, dedicação e fibra, e o jogo terminou empatado em 0 a 0 descendo o Palestra um ponto na tabela.

"Nesse dia todos os 'sãopaulinos' vibraram de alegria e emoção!".²⁸²

Fora de campo, a situação também evoluía. No dia 30 de outubro, o clube estreou as salas 713, 714 e 715 do Edifício Martinelli (nomeado Edifício América, em 1943), na Rua São Bento com a Avenida São João.²⁸³ Curiosamente, no passado, sediara-se ali, no mesmo 7.º andar, o Grêmio Tricolor.

Outros sinais auspiciosos se seguiram. Ascendentes, alguns valores são-paulinos iam fazendo partidas muito boas. O desempenho de King, por exemplo, chamou a atenção de todos, o que o levou a ser convocado, em novembro, para defender a Seleção Paulista contra a Seleção Carioca em treinamentos que visavam ao Campeonato Sul-Americano de 1937.

Foi nesse mês, aliás, que ocorreu um importante acontecimento para o nome São Paulo Futebol Clube. Ou melhor, relevante, pois, no fim, não aconteceu. O Tricolor, como é sabido, era muito próximo do Clube Atlético Paulista, clube a que tentara se fundir no início do ano por causa do direito de uso do campo da Rua da Mooca, de propriedade da Companhia Antartica. Essa ideia voltou a ser negociada no final da temporada.

São Paulo Olympico

"A fusão do S. Paulo F. C. e C. A. Paulista está pra ser assignada hoje

"Segundo apurou a nossa reportagem, hontem à noite reuniram-se vários paredros de futebol, afim de tratar da fuzão do 'S. Paulo F. C.' e 'C. A. Paulista'. Nessa reunião, da qual foi lavrada uma acta provisória os delegados da directoria das duas aggremações teriam chegado a um accordo.

"As dificuldades foram contornadas, e ambos os conjunctos formarão um poderoso quadro, capaz de ser digno successor do glorioso 'Esquadrão de Aço'.

"Ao que estamos informados, hoje decidir-se-á definitivamente o assumpto, sendo lavrados termos de compromisso pelos respectivos directores dos dois clubes".²⁸⁴

No dia 25 de novembro de 1936, na sede da Congregação Mariana da Consolação, na Rua da Consolação, os presidentes dos dois times, os senhores Frederico Menzen e José Carlos da Silva Freire, em companhia do presidente da Liga Paulista, Arthur Tarantino, acertaram em detalhes um acordo de fusão – de que poderia ter participado, ainda, o CA Estudantes de São Paulo, que afirmou não se interessar pela empreitada.

A proposta enviada aos estudantinos, em carta assinada por Menzen e datada de 30 de outubro, era a seguinte: a) conservar o nome São Paulo FC "porque é o nome que falla aos nossos corações de paulistas"; b) conservar as cores da bandeira do Estado; c) alguns cargos de directoria; d) unir-se sem dívidas, de parte a parte.²⁸²

282. Arakan: a revista dos sãopaulinos, 1942
283. Correio de S. Paulo, 31 de outubro de 1936
284. Correio de S. Paulo, 25 de novembro de 1936
IMAGEM: Recortes de jornal referentes ao empate por 0 a 0 com o Palestra



Para a concretização da união, bastava a aprovação dos associados dos dois clubes em assembleias gerais convocadas por ambos para o dia 3 de dezembro, na Rua da Mooca, 326.

“A fusão S. Paulo e Paulista deve ser resolvida definitivamente amanhã

“Está marcada para amanhã, às 20 horas, na sede da Rua da Mooca, 326, uma assembléa geral do S. Paulo F. C. e do C. A. Paulista, afim de tomar conhecimento dos trabalhos da comissão nomeada sobre a fusão de ambos. A ordem do dia, a ser obedecida é a seguinte:

“a) – Dar conhecimento dos trabalhos das comissões;

“b) – Aprovação dos estatutos do novo clube e, aprovados os mesmos, eleger os conselhos deliberativo e consultivo.

*“Somente poderão tomar parte da assembléa os sócios que pertencem ao clube a mais de dois mezes e que estejam quites com os cofres sociaes”.*²⁸⁵

Diferentemente da primeira tentativa, em janeiro de 1936, os tricolores desta vez se precaveram em obter um compromisso com a Companhia Antartica para a locação do campo de futebol tão almejado, graças aos esforços do Monsenhor Bastos Neto em negociação com o diretor da empresa, Antônio Bento Vidal. Com isso, os associados são-paulinos deliberaram aprovar a fusão com o CA Paulista, nos termos a seguir descritos, combinados no dia 25 de novembro:

a) O clube resultante da união se chamaria São Paulo Olympico Clube.

b) O CA Paulista, como clube com “status” de fundador da LPF, manteria o registro na entidade (e todos os direitos federativos legais que detinha pelo fato), mas mudaria a nomenclatura para a combinada.

c) Oficializar à Liga que a mudança de nome do CA Paulista seria por motivo de fusão com o São Paulo FC. Este, por sua vez, repassaria todas as inscrições de jogadores do clube para o novo São Paulo Olympico, considerando-se, na sequência, dissolvido.

Quando afirmamos que 1936 foi o ponto mais crítico da história são-paulina, não foi escrito sem muito se racionalizar sobre. Todos aqueles fanáticos são-paulinos, que tanto lutaram nos anos anteriores para reativar o clube que muito amavam, estavam dispostos, agora, a ousadamente arriscar o pouco que conseguiram reavivar em troca de esperança de dias melhores, mesmo entregando o clube a terceiros...

O importante era manter o pavilhão tricolor tremulando. As cores, o nome e o escudo vivos.

“Fusão difícil... S. Paulo e Paulista parece que não se compreendem...”. Esta foi a manchete do *Correio de S. Paulo* no dia 4 de dezembro. Pelo lado do São Paulo, como demonstrado, tudo estava arranjado, mas... *“os diretores do C. A. Paulista julgando insuficiente o número de seus sócios para opinarem sobre as ‘demarches’, não quiseram fazer... Julgaram conveniente reunir em nova assembléa os seus adeptos”.*

285. *Correio de S. Paulo, 2 de dezembro de 1936*

O periódico também destacou o nome da futura agremiação, caso realmente se concretizasse. Na realidade, parece ter sido a alcunha “São Paulo Olympico” o verdadeiro motivo da postergação da decisão por parte do CA Paulista. *“Diversos sócios do Paulista se mostraram contrários a esse nome”.*²⁸⁶

De toda forma, nova assembleia foi realizada no mesmo local, no dia 8 de dezembro, às 21 horas. O resultado não foi outro que não o que já era esperado: a união não foi aprovada pelos associados do CA Paulista. Nunca o “escrito certo por linhas tortas” pareceu tão verdadeiro.

Não era para ser, e o São Paulo seguiu o próprio caminho. De volta à realidade, no dia 13 de dezembro o Tricolor conseguiu uma grande vitória, 4 a 1 sobre o pequeno Luzitano, em jogo realizado no campo da Ponte Grande – embora os jornais tenham qualificado a partida como “mediocre”²⁸⁷ e o resultado “modesto”.²⁸⁸ O ucraniano recém-chegado Eugenio Chemp (refugiado da revolução soviética de 1917, quando criança) foi autor de dois gols. Tino e Adolpho completaram o placar.

Chemp, aliás, elevou o patamar são-paulino. King resolvia como podia lá atrás e Chemp desandava a marcar gols. O estrangeiro balançou as redes seis vezes em cinco jogos (dos oito que disputou naquele campeonato) e ajudou o time a vencer, além do Luzitano, o SP Railway (1 a 0), a Portuguesa Santista (2 a 1) e o CA Paulista, na maior goleada do clube desde a reorganização: 6 a 0 para os tricolores! Certamente um belo castigo ao adversário pela rejeição de outrora.

Nessa partida, restou aos jogadores do CA Paulista apelar para a violência. O jogo chegou a ser paralisado por minutos, depois de o árbitro Edgard da Silva Marques expulsar o zagueiro são-paulino Annibal, que revidara o jogo agressivo, e a torcida tricolor atirar pedras em campo, como “agradecimento” ao juiz.

A campanha tricolor no Campeonato Paulista de 1936 rendeu ao clube a 8.^a posição na tabela de classificação (dentre 12 times, lembrando). Foram sete vitórias ao todo, dois empates e 11 derrotas. 27 gols marcados e 34 sofridos. Sofrível, mas foi uma luta boa de ser lutada, por são-paulinos e para são-paulinos.

Peregrinação pela várzea

Na temporada de 1937, as coisas não foram muito diferentes de todo o ocorrido até então. O ano começou com o Tricolor passando por mais uma mudança de sede social. No dia 20 de janeiro, os associados deixaram o Edifício Martinelli e inauguraram um pequeno espaço no primeiro andar de um prédio da empresa Ortiz e Gutierrez, situado na Avenida São João, 1001, hoje Praça Júlio de Mesquita, 105.

O São Paulo reorganizado ainda lutava para se estabelecer, sempre melhorando aos poucos. Com um ano e dois meses de atividades, passava já pela terceira sede social oficial. No afã de aumentar o espaço para os associados, algumas vezes as finanças ficavam comprometidas. O ex-conselheiro e signatário da ata de 1935 Waldemar Albien relembrou um caso referente a uma dessas mudanças de endereço²⁸⁹ – embora não possa ser datada com precisão:

286. *Correio de S. Paulo, 7 de dezembro de 1936*

287. *Correio de S. Paulo, 14 de dezembro de 1936*

288. *A Gazeta Esportiva, 14 de dezembro de 1936*

289. *Revista São Paulo Notícias, n.º 68, dezembro de 1989*



"Nem o aluguel o Clube teve então condições de pagar regularmente e acabou penhorado por atraso de pagamento aos fornecedores. Numa das tentativas de execução de penhor, antes que chegassem os Oficiais de Justiça, o roupeiro Serrone - uma espécie de fac-totum no Clube - pulou o muro dos fundos para receber os sacos com camisas e chuteiras passados às pressas pelo Homero Bellintani e outros que se encontravam na sede, naquele momento. O penhor procurava garantir o pagamento de um empréstimo, que o Clube havia contraído a um tal de Régis, dono da Tinturaria Central, na rua da Boa Vista, instalada nos altos do prédio do restaurante Guanabara"

Apesar dos percalços, nessa mesma época, início de 1937, o Tricolor estava em negociação com a Prefeitura de São Paulo para obter a concessão de um de um terreno em que pretendia erguer o estádio do clube, por meio de conversas mediadas pelo conselheiro Benedito Carlos de Souza.²⁹⁰

O chefe do poder municipal era aquele mesmo senhor Fábio da Silva Prado, que mais atrapalhara do que ajudara na questão da fusão com o CR Tietê, em 1935. O processo, porém, avançou nos meses seguintes, junto ao diretor de patrimônio público da cidade. No dia 11 de maio de 1937, o tenente Porphyrio da Paz, vice-presidente tricolor, concedeu entrevista ao jornal *Correio de S. Paulo* afirmando que *"o S. Paulo terá o seu estádio"*.

O local já havia sido escolhido. *"Um terreno de vastas proporções situado nas circunstâncias do Inst. Biológico, área que se situada entre duas ruas projectadas. Esse imóvel, cujas dimensões calculo em 35 ou 40 mil metros quadrados, adapta-se perfeitamente as necessidades do Tricolor"*, afirmou Porphyrio.²⁹¹

O início das conversas pelo descampado se deu no dia 2 de abril, com documento em que o São Paulo apontava que *"a Prefeitura de São Paulo, em epochas diversas, tem auxiliado a vários clubes de futebol, cedendo a título precário, terrenos pertencentes ao município, para construção de seus estádios"*.²⁹² A carta-proposta, contudo, assinada por toda a diretoria são-paulina e ainda seis membros do Conselho Deliberativo, só foi despachada ao prefeito no dia 14 de maio.

O mencionado Instituto Biológico, criado em 1928 por meio de uma doação de gleba do poder estadual, encontra-se até hoje na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, na Vila Mariana. Entretanto, em 1937, a extensão das terras por ele administradas era muito maior do que atualmente: possuía cerca de 239 mil metros quadrados e incorporava, também, o Parque do Ibirapuera.

A área de nosso interesse, contudo, era no tradicional campo de várzea do Biológico Futebol Clube (ocupado, também, por outros times amadores da região ao longo daquela década). O espaço, denominado "Praça Municipal de Esportes" em plantas oficiais da Prefeitura, encontrava-se dentro da parte sul das posses do Instituto, que, naquela altura, passava por processo de loteamento.

As duas ruas em projeto citadas seriam extensões da Rua do Tanque (atual Estado de Israel) e da Rua Dr. Diego de Faria (a construção do Corredor Norte-Sul inviabilizou que de fato fossem continuações dessas). Hoje, o terreno pretendido pelo São Paulo se encontraria entre as avenidas Ibirapuera e Rubem Berta e a Rua Ipê, na Vila Clementino. Na verdade, desde 19 de junho de 1957, a maior parte da localidade em vista pelos tricolores foi cedida, em comodato, ao Ipê Clube.

290. Livro de Atas do Conselho Deliberativo n.º 1, 11 de março de 1937

291. *Correio de S. Paulo*, 11 de maio de 1937

292. *Correspondências do São Paulo*, 1937

IMAGEM: Sede social do Tricolor na avenida São João, 1001, atual Praça Júlio de Mesquita



Como se pode ver, a tratativa com o poder público, no fim das contas, não vingou. De toda forma, a negociação tomou muito tempo e esforço por parte da diretoria – certamente até o fim de novembro de 1937, conforme atas de reuniões do Conselho. Para piorar, o CA Estudantes de SP, que antes nem sequer cogitou tomar parte na fusão com o São Paulo e com o CA Paulista, concluiu satisfatoriamente a união com esse último, sozinhos, no dia 28 de maio desse ano. Surgiu, assim, o Club Athletico Estudante Paulista, detentor do campo da Rua da Mooca.

Parecia que o São Paulo é que era o problema da história, para eles...

Embora não tivesse conseguido encontrar, ainda, um campo que pudesse “chamar de seu”, o Tricolor contou com o bom senso da LPF no ponto “mandos de jogos”. A Liga não criou uma segunda divisão e a questão permaneceu tal qual a decidida na temporada anterior. O time continuaria jogando sempre na casa do adversário.

Para o Campeonato Paulista de 1937, o São Paulo promoveu uma alteração no comando técnico do time. No dia 18 de maio, Armando Del Debbio deu lugar a Vicente Feola.²⁹³ Del Debbio, curiosamente, decidiu voltar a ser jogador de futebol, transferindo-se, na sequência, para o Corinthians – com passe cedido, sem custos, pela diretoria são-paulina. Foi uma forma de o clube agradecer o rival pela predisposição do mesmo em realizar um amistoso contra o Tricolor, cuja renda seria revertida à comissão pró-estádio são-paulino, fato que nunca ocorreu.²⁹⁴

Já o treinador Vicente Feola, que viria a se tornar aquele com mais jogos à frente do time tricolor em toda a história – 555 partidas e dois títulos estaduais: 1948 e 1949 –, tinha no currículo experiência na função com passagens por Auto Audax, SC Libanez – vice-campeão da APEA de 1935 – e Portuguesa Santista.

Menzen tomou conhecimento de Feola por meio de Jayme Roso. O presidente teria dito: “Feola, você toma conta desses pernas-de-pau e vê se faz deles um time de futebol”*, justificando, também, o escasso investimento: “Nada temos. Oferecemos um time modesto e as camisas. Nada mais”.²⁹⁵ Apesar do aviso recebido, de constatar que os salários dos jogadores estavam atrasados e que não havia um local próprio e definido para realizar os treinamentos, o técnico aceitou a proposta.

Em 1937, o São Paulo zanzou pelos campos da AA Perdizes, na Avenida Água Branca; da CE Fábricas Orion, na Rua São Jorge; do EC Cama Patente, na Rua Rodolfo Miranda; e da AA Nacional, na Rua Anhaia. O uso desses gramados, cabe dizer, não era gratuito. Junto à Associação Athletica Perdizes, por exemplo, era necessário despender 100 mil réis mensais, pagos antecipadamente, por duas práticas semanais. Da mesma forma, acontecia com a cessão de estádios para jogos oficiais. O empréstimo do Parque Antarctica não era barato: 300 mil réis e mais 5% da renda líquida da partida.²⁹⁴

Mesmo com os inúmeros problemas apontados, Feola ficou no clube, após recusar uma proposta de trabalho do Vasco da Gama.²⁹⁶ Ele faria história pelo Tricolor, mas não tão cedo...

O início da passagem do treinador foi auspicioso. Foram quatro vitórias nos primeiros seis jogos da competição. 3 a 1 no São Paulo Railway, na estreia (20 de junho) – partida em que rolou quebra-pau e que levou jogadores e dirigentes dos clubes a darem explicações na sede da Censura Policial –, 2 a 1 no Espanha, em Santos (18 de julho), 1 a 0 no Luzitano, no Parque São Jorge (8 de agosto), e 1 a 0 no Estudante Paulista (15 de agosto).

As derrotas foram pelo placar mínimo para a Portuguesa Santista (11 de julho) e para o Palestra Itália (25 de julho).

Foi nessa fase de reerguimento que Thomaz Mazzoni publicou o célebre texto que, desde então, passou a batizar o São Paulo Futebol Clube como o “Clube da Fé”.

Fé em dias melhores

A íntegra do texto de Mazzoni, para A Gazeta de 21 de julho de 1937:

“Recentemente, surgiu o São Paulo-junior, com as mesmas pretensões.... Naturalmente, não foi, a princípio, levado a sério... Descendente de ricos aristocratas, nascido pobre, não poderia aspirar a uma vida faustosa... Mas, si o novo São Paulo F. C. veio ao mundo da bola sem os haveres, fama e prestígio dos seus antepassados, trouxe consigo a maior das riquezas: a fé no seu destino, o amor ao seu nome! Esta fé, este amor, têm levado o pugilo de esportistas que o compõem, o dirigem e o defendem a realizar grandes sacrifícios, milagres, apesar de todas as dificuldades, apesar de tanto pessimismo alheio quanto ao seu futuro e não obstante a época ser impropria para se semear verde e colher maduro, no nosso futebol!...

“O nome do São Paulo F. C., o clube tricolor, foi ‘enterrado’ por vários... milionários, esportistas vaidosos, cheios de melindres e preconceitos, vencidos pela sua fraqueza, incapazes de resistir à adversidade... Foram os que preferiram dar um fim inglório ao clube a lutar contra o temporal...

“Nunca causou tanta indignação e tristeza, entre nós, o desaparecimento de um grêmio esportivo. Quem o procurou, depois, salvar e leva-lo novamente à luta? Alguns rapazes modestos, sem grandes recursos, mas cheios de boa vontade! Nada puderam aproveitar do velho S. Paulo: nem o campo, nem os jogadores e muito menos o amparo da maioria dos seus associados, sem falar no prestígio de que o clube era possuidor. Essa turma de abnegados tão somente pôde salvar da ruína o nome e as côres!

“E foi apenas com a bandeira e com o nome, tão queridos, que o novo São Paulo deu os primeiros passos, tímido, humilde, mas com fé no futuro, quase sob indiferença geral. Quantos sacrifícios foram já dispendidos para que o São Paulo F. C. ficasse de pé! Si os que dirigiam, o apoiavam e o defendiam na Floresta tivessem tido a fibra, o amor ao seu nome, como o têm feito os moços modestos que o dirigem, o apoiam e o defendem agora, o São Paulo F. C., da Floresta, jamais teria desaparecido e hoje seria dupla potência, honra e orgulho do futebol paulista!

“Somente a fé poderia levar o atual tricolor, a nascer como um clube varzeano qualquer, humildemente, tornando-o logo uma agremiação no caminho recto do progresso no futebol superior e organizar, sem espalhafato e sem o emprego de... cheques de cifras gordas, uma turma digna de respeito em campo!

“Quase ‘rabeira’ no primeiro turno de 1936, poucas rodadas antes de findar o retorno aspira ao 2.º posto, para tornar-se, por último, um dos melhores colocados, depois de não se deixar abater, nem permitir a marcação de nenhum ‘goal’ ao poderoso ‘esquadrão’ invicto que se tornou campeão!

293. Diário de S. Paulo, 19 de maio de 1937

294. Correspondências do São Paulo, 1937

*O Estado de S. Paulo, 31 de dezembro de 1978 (agradecimentos a Alexandre Giesbrecht)

295. Stabel, 1956

296. Hemeroteca do São Paulo FC, artigos de jornais, 30 de maio de 1937

"E, com a mesma fé, progredindo sempre tecnicamente, o 'onze' tricolor, sem contar com os nomes famosos do passado, se nos apresenta bem cotado nessa fase inicial do certâmen de 1937, com uma actuação solida, aguardando, sereno e animado, sem estardalhaço, o seu próximo adversário, o rival da tradição, que é o Palestra, mais famoso, mais orgulhoso do que se achava quando o defrontou pela ultima vez...

"Curiosa coincidência: o São Paulo F. C. foi a maior vitima da cisão sem ter grandes culpas: e, agora, o fim do dissidio vae ser comemorado em campo, domingo, pelo jovem São Paulo F. C.! Partirá do tricolor a iniciativa da confraternização das duas fações unidas.

"O 'Clube da Fé' – como merece ser chamado o atual São Paulo F. C. – se encarregará de, esquecendo o passado triste destes dois anos de scisão paulista, fazer desfraldar, domingo próximo, no Parque Antarctica, novamente, as bandeiras dos clubes e das entidades que haviam dividido o nosso futebol!"

Esse apelido surgiu, claro, como aponta o artigo, pelos méritos e esforços dos tricolores, empenhados em reerguer o São Paulo, mas também para pôr fim às alcunhas menos gloriosas, nada justificadas diante de tamanha dedicação, que a própria *A Gazeta* e outros jornais atribuíam ao clube, como "São Paulo júnior", "São Paulo n.º 2" e, ainda, "São Paulinho".

Em 1937, o time do "Clube da Fé" era bem diferente do da temporada anterior: poucos nomes permaneceram entre os titulares, como King, Annibal, Felipelli, Carioca e Tino. As chegadas de Cozinheiro e Sidney, na linha média, e de Xaxá e Junqueira – aquele ponta do Esquadrão de Aço do início da década – transformaram a equipe em um conjunto muito mais equilibrado.

Só que nem tudo eram flores. Atas do Conselho Deliberativo registram que as finanças continuavam apertadas. Nos registros do dia 1.º de julho, constatava-se inadimplência de cerca de 40% dos associados. Para remediar a situação, fora sugerido até que os jogadores Xaxá e Tino batessem de porta em porta para cobrar as mensalidades.

O *Correio de S. Paulo* de 14 de julho tornou público que os salários dos jogadores estavam atrasados. No dia seguinte, o diário informou uma retratação um tanto quanto inusitada. Funcionários do clube, de jogadores à comissão técnica, visitaram a edição do jornal para rejeitar o que havia sido noticiado.

"King, Ministrinho, Cozinheiro, Tino, Sidney, Felipelli, Horácio, Xaxa e Annibal, acompanhados do tecnico Feola e dos srs. Mario Valente e Matheus Serrone, funcionarios da secretaria do S. Paulo F. C., tomaram a iniciativa de vir a esta folha, afim de contar a realidade.... Afirmam ter recebido os ordenados e julgam indecorosa a atitude dos informantes".

Se verdade ou mentira, se isso refletiu ou não na atuação dos jogadores em campo, não é possível afirmar, pela falta de dados. Mas que aparentemente eles estavam unidos, estavam! O inquestionável, porém o desempenho do time deixou a desejar nas rodadas finais do turno. As três derrotas consecutivas – para Corinthians (0 a 1, em 29 de agosto), Juventus (0 a 2, em 5 de setembro) e para o Santos (1 a 4, em 12 de setembro) –, deixaram o Tricolor na sétima posição do campeonato.

297. *Correio de S. Paulo*, 15 de julho de 1937

Sob o pretexto de não encerrar a competição de 1937 em 1938, a Liga Paulista já havia decidido, antes de se iniciar o torneio, realizá-lo com apenas um turno completo.²⁹⁸ Para o segundo turno, somente se qualificariam as equipes classificadas até a sexta posição...

Com essa infelicidade, só restou ao Tricolor se preparar para a temporada seguinte. E a melhor forma para fazê-lo era obter algum dinheiro extra. Assim, a diretoria são-paulina arranhou uma série de amistosos Brasil adentro.

Conhecendo o Brasil

Primeiramente, no dia 26 de setembro de 1937, o Tricolor empatou com o Corinthians, 1 a 1, no Parque São Jorge – gol de Ministrinho no finzinho do jogo. Foi o primeiro clássico contra esse rival que não acabou em derrota são-paulina depois da reativação do clube.

Depois, os jogadores partiram para o Paraná e lá fizeram dois jogos. O primeiro no dia 10 de outubro, contra o Athletico Paranaense na versão original do estádio da Baixada. O Tricolor venceu por 2 a 1, com dois gols de Milani (naquela que foi a única vitória do São Paulo na casa do rubro-negro curitibano por 81 anos – o tabu somente seria quebrado em 9 de junho de 2018, depois do gol de Nenê, de pênalti, e da vitória de 1 a 0 pelo Brasileirão daquele ano, já na "Arena da Baixada").

O feito foi muito comemorado, pois "o Athletico é como o Galícia, na Bahia, o 'demolidor de campeões', da terra dos pinheirões, o conjunto mais difícil de ser batido em seu próprio campo. Essa circunstancia enriqueceu sobremaneira a expressão do triumpho tricolor".²⁹⁹

No jogo seguinte, dia 12 de outubro, o São Paulo não resistiu ao CA Ferroviário – clube que daria origem ao Colorado EC e, posteriormente, ao atual Paraná Clube – e perdeu por 2 a 1. Milani, mais uma vez, foi o autor do tento são-paulino.

Em novembro, os tricolores partiram para Salvador, onde realizaram uma série de cinco jogos contra clubes locais, em excursão promovida pelo Yankee FC, que curiosamente não enfrentou o Tricolor.³⁰⁰ Foi a primeira viagem são-paulina não realizada pelo sistema rodoviário ou ferroviário. Os tricolores embarcaram no navio *Aratimbó* na madrugada do dia 10 de novembro com destino à capital baiana, partindo do porto de Santos.

Como curiosidade, o navio *Aratimbó*, de classe *Araranguá*, era um dos quatro "Aras" conhecidos pela Marinha Brasileira, junto ao *Araraquara* – afundado por submarino alemão em 1942 –, o *Araçatuba* e o *Araranguá*. Construído pela Cantiere Federale per Construzione Navale Triestino, em Monfalcone, na Itália, ele foi lançado em 9 de outubro de 1927 e concluído em abril de 1928. Tratava-se de um cargueiro convencional, com motores FIAT movidos a diesel, armazenamento frigorífico e que prestava, também, serviço para passageiros em linhas de cabotagem.

Em 1966, virou sucata no Rio de Janeiro.

298. *Correio de S. Paulo*, 13 de maio de 1937

299. *A Gazeta Esportiva*, 11 de outubro de 1937

300. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942



A delegação foi formada por Benedito Carlos de Souza, chefe; Edmundo Toledo e Jorge Moura Albuquerque, diretores; Vicente Feola, técnico; King e Jaime, goleiros; Annibal, Horácio e Bruno, zagueiros; Xaxá, Acosta, Sidney, Felipelli, Graceff e Piolim, médios; Ministrinho, Pixe, Milani, Douglas, Carioca e Junqueira, atacantes; além do roupeiro Serrone.

Os tricolores chegaram a Salvador apenas na manhã do dia 15 de novembro, e o primeiro jogo da empreitada seria ainda nessa tarde. O elenco, hospedado no Hotel Sul-Americano, sofreu os efeitos da longa viagem. *“Que coisa horrível é viajar, sr, jornalista. A gente fica zozinho. Não liga duas coisas. Mas vou descansar no hotel e isto passará. À tarde, no Campo da Graça, já meu conhecido, irei jogar uma parada dura”*, afirmou Junqueira ao jornal *Cidade de Salvador*.³⁰¹

Se o condicionamento físico da equipe foi muito afetado ou não pelo traslado, não é possível afirmar (apesar de a imprensa baiana dizer que sim, com todas as letras), mas o fato é que a campanha tricolor na Bahia foi quase uma tragédia: quatro derrotas e apenas uma vitória – esta, porém, espetacular.

O primeiro confronto foi contra o Bahia, então detentor do título estadual. Os são-paulinos foram derrotados por 5 a 4. Depois de estarem à frente no marcador por duas vezes, chegaram a perder por 5 a 2. Nada mau, considerando todo o transtorno do deslocamento. O periódico *O Dia*³⁰², republicando artigo do *Imparcial*, de Salvador, pôs a culpa no cansaço e nas dimensões do gramado.

Este último jornal, aliás, fez uma comparação digna de nota, nomeando o tricolor baiano de “Esquadrão de Aço” e o paulista de “Esquadrão da Fé” – o que demonstra que o apelido de “Clube da Fé” já tinha ultrapassado as fronteiras estaduais – e que, de alguma forma, a conquista são-paulina de 1931, que originou o termo “Esquadrão de Aço”, inspirou o time de Salvador, vencedor do estadual em 1931, 1933, 1934 e 1936.

No jogo seguinte, dia 18, aconteceu a grande atuação de toda a excursão: 7 a 0 em cima do Ypiranga baiano, gols de Milani (dois), Carioca (dois), Ministrinho, Junqueira e Pixe. O adversário vinha de uma série invicta no retorno estadual (e seria o vice-campeão local da temporada). O jornal *Diário da Noite*³⁰³ estampou em letras garrafais a manchete *“Nunca o S. Paulo F. C. conseguiu uma vitória tão consagrada e expressiva como a de ontem, com o magnífico triunfo que obteve sobre o Ypiranga”*. E foi além: *“7 a 0 que ilustram com fidelidade a superioridade absoluta dos rapazes treinados por Vicente Feola”*.

Como prêmio, o Tricolor trouxe para casa o troféu “Taça São Paulo FC x Ypiranga”. Título nada criativo, mas taça é taça...

O resultado deve ter mexido com os brios dos esportistas baianos. O que se viu nos últimos três jogos realizados no Campo da Graça foi uma verdadeira defesa da honra local, tanto por meios técnicos quanto por meios ilegais. O próprio jornal *A Tarde*³⁰⁴ chamou o confronto do Tricolor contra o Galícia, no dia 21, como *“o jogo e honra da temporada interestadual”*.

Exaltados, os galegos – futuros campeões estaduais de 1937 – abusaram da violência. Para piorar, o árbitro nada fez para coibir os lances perigosos. Na verdade, o juiz teve participação ativa no resultado, 4 a 1 para o Galícia. O pênalti que abriu o placar a favor dos locais não existiu e o último sofrido pelo Tricolor foi após uma mão na bola do atacante do time baiano.

301. *Cidade de Salvador*, 15 de novembro de 1937

302. *O Dia*, 21 de novembro de 1937; *Imparcial*, 16 de novembro de 1937

303. *Diário da Noite*, 19 de novembro de 1937

304. *A Tarde*, 20 de novembro de 1937

IMAGEM: Navio Aratimbó, a primeira embarcação utilizada pelo Tricolor



Nada melhor que duas citações de veículos de imprensa para descrever a atuação de ambas as equipes: A nota “Abaixo a violência”, do *Diário de Notícias*³⁰⁵ afirmou que “não devem elementos como Milla, Ferreira e Hugo, principalmente Ferreira, appellar para a violência. Todos viram, no último domingo, a maneira por que se portaram em campo, quase num atentado á vida do adversário, Ferreira, Gradim, Macoco e Bubu, como se o Galícia precisasse desses expedientes revoltantes”.

O mesmo jornal qualificou positivamente a postura são-paulina: “Não podemos deixar de frisar, aqui, a elegância com que se portam os jogadores do São Paulo, quanto á decisões do juiz, mesmo quando ellas são injustas. Nesse particular, o São Paulo tem levado a palma, na Bahia. É um verdadeiro Campeão da Disciplina”.

No dia 25 de novembro, após partida equilibrada e de melhor nível técnico, o Botafogo de Salvador venceu o São Paulo por 2 a 0, sem grandes ocorrências. Não se pode dizer o mesmo da última partida da excursão do Tricolor na Bahia.

Na revanche contra o Galícia, no dia 28, os são-paulinos venciam por 3 a 2 até os 23 minutos da segunda etapa, quando o árbitro Dante Correia da Silva – o mesmo do primeiro embate com os galegos – validou um gol do adversário em que a bola já havia cruzado a linha de fundo, antes da conclusão do lance. Minutos depois, o zagueiro Annibal disputou a bola na área e foi empurrado e derrubado pelo centroavante do Galícia, que marcou o gol da virada para os baianos: 4 a 3 para os donos da casa – e da arbitragem.

Cabe dizer que Dante não seria o árbitro do jogo. Aquele que deveria tê-lo sido “não se sabe porque, não compareceu em campo, de forma que na hora do inicio, como não havia outro, o S. Paulo foi obrigado a acceitar o juiz Dante Correia da Silva. Ao que parece, os diretores do Galícia prepararam o terreno, afirm de que a peleja fosse arbitrada pelo juiz que lhe deu a victoria no jogo anterior. E assim foi...”³⁰⁶

O jogo ainda teve que ser finalizado cinco minutos antes do programado, por causa de uma solicitação da delegação são-paulina, que estava com receio de perder o próximo navio com destino a Recife.³⁰⁷

Os tricolores desembarcaram na capital pernambucana pelo navio *Araranguá*, às 7 horas do dia 30 de novembro. Hospedados no Hotel Avenida, dessa vez os jogadores tiveram alguns dias para se reestabelecerem da viagem antes do primeiro confronto amistoso. Mas, apesar desse tempo para descanso, o São Paulo foi derrotado pelo Náutico por 1 a 0 no Campo da Jaqueira, na noite de 2 de dezembro.

As três ultimas partidas são-paulinas no Recife, contudo, fizeram por valer toda a excursão de 1937 ao Nordeste.

Em 5 de dezembro, derrotou com autoridade o o Tramways SC, invicto há 18 meses³⁰⁸ e bicampeão pernambucano, por 3 a 0, com dois gols de Ministrinho e um de Milani. Três dias depois, goleou o Sport por 4 a 1, com uma trinca de gols de Milani e outro de Ministrinho. Por fim, no dia 12, bateu também o Santa Cruz, que estava reforçado por atletas do Náutico, do Tramways e do América local, por 3 a 1, com mais um *hat-trick* de Milani.

“Detentor de um poderio técnico que muito faz orgulhar a terra bandeirante, o clube de Horacio apresentou em nossas canchas partidas interestaduais que muito vieram satisfazer o nosso publico simpatizante do bom futebol e exigente quanto ao movimento técnico durante o desenrolar de um embate. [...] O São Paulo F. C. não se sobressahiu em campo, apenas pelo seu valor de ardoroso combatente. Possui também o quadro bandeirante uma plêiade de jogadores que têm o perfeito conhecimento do que seja disciplina”.³⁰⁹

O São Paulo ainda tentou negociar a realização de um jogo contra a Seleção Pernambucana, mas não houve acordo e o clube encerrou a excursão. A delegação desembarcou em Santos às 10 horas do dia 21, com 10 horas de atraso, depois de viagem no navio *Highland Princess*, e com tristes novidades. Ainda no Recife, no dia 18, corria a notícia de que Feola havia pedido demissão.³¹⁰ O fato, porém, só poderia ser confirmado na capital paulista.

Ao que consta, houve cobranças e desentendimentos por parte dos integrantes da diretoria na delegação, especificamente com Edmundo de Toledo.³¹¹ “Quizeram dar-lhe toda a responsabilidade por causa de algumas derrotas nos campos da ‘boa terra’. E tudo isso deixou Feola aborrecido, chegando elle a pedir demissão do clube das três cores por telegramma enviado á directoria do São Paulo F. C.”³¹⁰

Mais do que isso, o dirigente, nas palavras do técnico, interferiu no trabalho dele. Queria que Feola realizasse treinamentos individuais, ao passo que o treinador via a necessidade de descansar os atletas, por causa das longas viagens e do acúmulo de jogos. Por não cumprir as “ordens” de Edmundo, Feola foi multado em 100 mil réis. Foi a gota d’água na insatisfação do comandante, que decidiu se demitir...

“Pelo que pudemos observar, Vicente Feola é que tinha razão, havendo grande descontentamento entre os jogadores para com a chefia da embaixada”, descreveu o repórter de *O Diário*.³¹¹ Feola, para o mesmo jornal, avaliou positivamente a excursão, mesmo com problemas de condicionamento físico e contusões de atletas:

“A campanha que o São Paulo realizou julgo ter sido satisfactoria, pois mais não nos era licito realizar nas condições em que daqui partimos, sem contar outros accidentes de que foram victimas quase todos os jogadores da turma, impedindo assim o Tricolor de realizar melhores ‘performances’”.

O treinador também fez grande reverência às atuações de Ministrinho, Annibal e Milani (este, artilheiro da série, com 10 gols), os destaques tricolores da empreitada.

A *Gazeta*, de São Paulo, do dia 22, talvez apegada à versão do dirigente, fez entender que a desavença de Edmundo com o treinador fora algo pontual, passageiro e de menor importância. É provável que tenha sido, de fato, ou ao menos a situação acabaria contornada, posteriormente, visto que Feola continuaria no comando técnico do time tricolor no começo do ano de 1938.

O primeiro reforço para a nova temporada, aliás, foi trazido justamente do Recife e desembarcou com a delegação são-paulina naquela mesma viagem de volta. Foi o meia-esquerda Chinês (José Pereira da Costa), do Tramways, que chamou a atenção dos tricolores na partida que realizou no dia 5 de dezembro.

305. *Diário de Notícias*, 23 de novembro de 1937

306. *O Dia*, 10 de dezembro de 1937

307. Costa, 2005

308. *A Gazeta Esportiva*, 6 de dezembro de 1937

309. *Diário do Nordeste*, 13 de dezembro de 1937

310. *O Dia*, 19 de dezembro de 1937

311. *O Diário*, 22 de dezembro de 1937

Enquanto os jogadores defendiam as cores são-paulinas no Nordeste, a cúpula do clube passava por mais uma mudança administrativa na capital paulista. No dia 25 de novembro de 1937, por causa de mais uma reforma estatutária, que visou a corrigir falhas anteriores, uma Assembleia Geral foi convocada. Ao término dela, nova diretoria foi eleita:

- presidente: Frederico Antônio Germano Menzen;
- vice-presidentes: Edmundo de Toledo, Antônio de Pádua Lopes, Ari Machado;
- secretário-geral: José Porphyrio da Paz;
- 1.º secretário: Humberto Sprovieri (Éolo Campos, a partir de 31/01/1938);
- 2.º secretário: Cecílio Leal do Canto (Humberto Sprovieri, a partir de 31/01/1938);
- tesoureiro-geral: Gumercindo Nascimento de Lucca;
- 1.º tesoureiro: Izidoro Narvaes;
- 2.º tesoureiro: Francisco Pereira Carneiro;
- 1.º diretor esportivo: Jayme Roso
- 2.º diretor esportivo: José Machado Filho

E, também, por sugestão de Porphyrio da Paz, Manoel do Carmo Mecca foi eleito sócio benemérito do São Paulo, o primeiro da fase atual de existência do clube.

O ano de 1938 começou com uma “bomba” digna de programa sensacionalista de televisão do horário de almoço. O melhor jogador são-paulino, o goleiro King, se transferiu para o Flamengo à revelia do Tricolor, em um processo que mais pareceu um golpe de empresários ligados ao clube carioca.

O “caso King”

No sábado, 6 de janeiro de 1938, o roupeiro e zelador do clube, Matheus Serrone, encontrou uma carta de King endereçada aos dirigentes tricolores. Nela, o arqueiro disse que não atuaria mais no time. Incrédulos, os são-paulinos descobriram, ainda naquele dia, que o goleiro se apresentaria ao Flamengo. Mas como poderia fazer isso, dessa maneira? Havia compromisso com o jogador e acordo entre a Liga Paulista de Futebol, a Liga Carioca de Futebol e, principalmente, com a Federação Brasileira de Futebol, impedindo transferências unilaterais como essa.

A *Gazeta Esportiva* explicou³¹²: “O Flamengo mandou buscar clandestinamente o guardião King; apresentou-o no Rio como livre de compromissos e com licença do seu clube, com o fim de poder inscrever-lo e fazer jogar hontem, invocando a aprovação da Liga Carioca e da FBF”. Tal licença provou-se falsa, por óbvio. Além disso, King foi apresentado na Guanabara como atleta amador, o que também foi desmentido. “A F. B. F. recebeu da L. P. F. um telegramma advertindo-a de que o jogador King tem contracto com o São Paulo e está registrado na entidade paulista como profissional pertencente ao grêmio tricolor da terra de Fernão Dias.”

A trama se adensou depois que os valores do tal contrato posto para a assinatura de King com os cariocas ter sido desvelado.

312. *A Gazeta Esportiva*, 10 de janeiro de 1938
IMAGEM: O goleiro King como figura central de capas de jornais



"O próprio King, merecidamente, foi vítima de sua precipitação e inexperiência. Não o julgamos tão culpado como os que o vieram ludibriar. O arqueiro tricolor, chegando ao Rio, foi entregue á... 'camorra'. Mandaram-n'o assignar um contracto irrisório... tornaram publico que King iria receber 30 contos de réis! Pura mentira. Foi 'O Radical' que, hontem, divulgou não passar de 6 contos a referida quantia! Qualquer mediocridade ganha, no Rio, 20 ou 30 contos para assignar contracto... Entretanto, no compromisso que King tem legalmente com o São Paulo F. C., somente em premio tem direito a uma casa no valor de 16 contos!".³¹³

Além de contrato profissional, Nivacir Innocencio Fernandes tinha vínculo (o famigerado "passe") com o clube associado à Liga Paulista desde 24 de janeiro de 1936 – mesmo que, à época, fosse atleta amador, conforme o cartão de identidade da LPF do jogador. O ponto crucial, no alegado pelo jogador e pelos empresários, é que junto à Liga, apesar do acordo profissional com o Tricolor, ele ainda seria amador.

O diário carioca *O Radical*³¹⁴ afirmou que King disse ser inválido o contrato profissional com o São Paulo pelo fato de este não ter-lhe arranjado um emprego no funcionalismo público – por mais contrassenso que isso pareça (o Tricolor tinha histórico de ajudar jogadores amadores a encontrar outros tipos de trabalhos profissionais, caso necessitassem)... O mesmo jornal³¹⁵ transcreveu o contrato e os recibos, todos assinados e com firmas reconhecidas em cartório:

"Contrato de compromisso – pelo presente, comprometto-me com o São Paulo F. C., representado pelo sr. Gumerindo Nascimento de Lucca, a renovar meu contrato de jogador de football com o referido club acima citado, pelo espaço de dois annos, iniciando tal contrato em primeiro de janeiro de 1938 e com termino em 31 de dezembro de 1939, dentro das condições estabelecidas pelo referido sr. Gumerindo. (a) – Nivacir Innocencio Fernandes, S. Paulo, 30 de dezembro de 1937. Selado a termo na Recebedoria Federal em São Paulo, em 31 de dezembro de 1937. Firma do jogador reconhecida no tabelião Veiga, em 31 de dezembro".

"Vale Rs. 300\$000. Recebi da Thesouraria do São Paulo F. C. a quantia de trezentos mil réis... (300\$000) como parte da quantia de três contos (3:000\$000), quantia essa que, com uma casa no valor de 12 contos, compõe os termos do compromisso particular que assumi com o sr. Gumerindo Nascimento de Lucca, com respeito a reforma do meu contrato de jogador de football com o club supra-citado. São Paulo, 4 de janeiro de 1938 (a) Nivacir Innocencio Fernandes, sellado com \$700".

Naquela época, os times cariocas estavam partindo para o ataque contra os clubes paulistas, em termos de contratações forçadas de jogadores, e o São Paulo era um dos mais visados.³¹⁶ Praticamente todos já haviam sido contactados, inclusive Milani e Felipelli.

Apesar da ofensiva, a FBF deu ganho de causa ao São Paulo³¹⁷. Mesmo com esse parecer, que previa também perda de pontos e multa, em caso de desobediência, o Flamengo escalou o jogador para a partida contra o Fluminense pelo Carioca, em 26 de janeiro. Os rubro-negros recorreram ao tribunal comum local para que o arqueiro entrasse em campo por meio de um mandado judicial provisório.

No dia 18 de março, o juiz suplente da terceira vara cível do Rio decidiu em favor de King e do Flamengo, liberando o registro definitivo do goleiro.³¹⁸ Pelo time carioca, King realizou dez partidas.³¹⁹ Poderia ter feito mais, não fossem contusões e o recurso do São Paulo e da FBF no Supremo Tribunal Federal.³²⁰

313. *A Gazeta Esportiva*, 10 de janeiro de 1938

314. *O Radical*, 9 de janeiro de 1938

315. *O Radical*, 15 de janeiro de 1938

316. *A Gazeta Esportiva*, 24 de janeiro de 1938

317. *O Radical*, 25 de janeiro de 1938

"O São Paulo já coligiu a documentação necessária que seguira hoje para o Rio, levada pelo nosso diretor, sr. José Machado Filho. De posse dessa documentação, o nosso advogado, juntamente com o da Federação Brasileira de Futebol, interporá recurso para o Supremo Tribunal, sendo que ahi nos será feita justiça".³²¹

No último dia de junho, talvez prevendo complicações que uma derrota na Justiça Federal poderia acarretar, King pediu dispensa do treinamento no Flamengo, alegando dores nos braços e nas pernas, e então desapareceu. Tomou um carro e voltou para São Paulo. Os cariocas não reagiram bem ao ocorrido. "King fugiu!", estampou o *Jornal dos Sports* de 1.º de julho.

Depois de tomarem ciência do fato, à noite, os dirigentes rubro-negros desdenharam do atleta e da situação. "Nem trajado a ouro King interessaria mais ao Flamengo", enfatizou o presidente Raul Dias Gonçalves³²², que foi além: "O caso do guardião King é morto. Não vamos fazer nenhuma pressão. Para nós, elle não existe".³²³ O que indica que já tinham em mente os possíveis prejuízos judiciais que estariam por vir.

A postura de King mudou após receber uma carta do irmão, Teleco, que jogava no Corinthians. O portador de tal missiva foi José Machado Filho³²⁴, diretor esportivo do Tricolor, que teria conduzido o arqueiro na viagem de retorno. Em entrevista³²⁴, o jogador afirmou que o motivo da volta foi apenas saudades... "Não consegui fazer as amizades que sempre desfrutei aqui. Vou ser franco; tive saudades e voltei com o firme proposito de envergar a camisa do Tricolor."

Contudo, King estaria apto a defender o Tricolor em jogos da Liga Paulista? Os cariocas já ameaçavam e exigiam dois anos de suspensão pelo ocorrido. Mas King explicou qual seria o plano de atuação:

"Farei uma petição ao juiz do Supremo Tribunal, por onde está correndo o recurso do S. Paulo, desistindo do processo e compromettendo-me a dar fiel cumprimento à decisão do Conselho Superior da Federação Brasileira de Football, que como v. sabe, deu ganho de causa ao Tricolor. Dessa forma, estarei livre".³²⁴

E assim ocorreu.

No dia 22 de julho, King assinou contrato profissional com o Tricolor, selando o destino vitorioso que teria no clube nos anos seguintes. Vale dizer, ainda, que o caso King (e também o fato ocorrido com Jahú, do Corinthians, aliciado pelo Vasco), quase chegou a provocar outra cisão entre São Paulo e Rio de Janeiro, como a ocorrida às vésperas da Copa do Mundo de 1930. Apesar dos boatos,³²⁵ a Liga Paulista não chantageou a FBF nem a CBD pela resolução da situação do goleiro com o impedimento de convocação de atletas paulistas para o torneio de seleções de 1938.

King, antes de ser efetivado no elenco são-paulino, teria que se reencontrar, também, com a torcida são-paulina. E o momento propício para tal reencontro se fez presente, rapidamente. O São Paulo promoveria um festival amistoso no dia 3 de julho de 1938.

Para abordar melhor tal competição, porém, é preciso voltar um pouco no tempo e contextualizar alguns protagonistas da história.

318. *Jornal dos Sports*, 19 de março de 1938

319. Assaf & Martins, 2001

320. *A Gazeta Esportiva*, 4 de abril de 1938

321. *A Gazeta Esportiva*, 21 de março de 1938

322. *Jornal dos Sports*, 1.º de julho de 1938

323. *O Radical*, 2 de julho de 1938

324. *Folha da Manhã*, 1.º de julho de 1938

325. *Jornal dos Sports*, 4 de março de 1938



O ESTUDANTE PAULISTA E A RUA DA MOOCA

No conturbado ano da cisão e da reorganização do São Paulo (1935), um clube foi “adotado” pelos tricolores em decorrência do entreviro político que se alastrou pela Chácara da Floresta no início daquela temporada: o Clube Athletico Estudantes de São Paulo, uma agremiação dissidente do São Paulo Futebol Clube.

Esse clube, também tricolor, fora criado em 11 de fevereiro de 1935 pelos são-paulinos Cássio Villaça e José de Godoy, e rapidamente herdou vários jogadores do “Esquadrão de Aço”. Estabilizou-se como uma entidade forte quando se uniu, em 28 de maio de 1937, com o CA Paulista, passando a se chamar Clube Athletico Estudante Paulista³²⁶ e a jogar no campo da Companhia Antártica Paulista, na Rua da Mooca, concluindo o Campeonato Paulista na quarta colocação.

Por esse vínculo histórico entre os dois clubes – e pelo fato de passarem por dificuldades similares referentes à juventude das entidades –, sócios, dirigentes e torcedores sempre foram muito próximos. Tal familiaridade poderia ser a solução para as duas entidades, não fosse a demora dos dirigentes em perceber isso...

Naquele tempo, o Tricolor ainda lutava para se erguer como um grande clube paulista e, no ano de 1938, particularmente, passava por uma crise institucional de aspectos técnicos, dentro de campo, e administrativos, decorrentes da incessante busca por um estádio próprio e dos custos de aluguéis de praças secundárias para treinamentos e jogos, enquanto não encontrava o almejado campo.

Na reunião do Conselho Deliberativo realizada no dia 4 de janeiro de 1938, o clube avançou em duas possibilidades para a aquisição de terreno para a construção do estádio. O Monsenhor Francisco Bastos negociava uma área no bairro do Bom Retiro (infelizmente, os registros disponíveis e a ata do Conselho não identificaram o local exato), enquanto o diretor esportivo José Machado Filho investia em um campo, utilizado pelo CA Ypiranga até 1930, na Avenida Água Branca (atual Francisco Matarazzo), ao lado do Parque Antártica.

Nenhuma das duas tentativas deu certo. Descontentes, associados do Tricolor se movimentaram para mostrar insatisfação com a diretoria do clube quanto a essa questão. Entre os conselheiros, no dia 27 de maio, Manuel Arruda Nascimento expôs que “*havia sido procurado por um número de sócios que, dizendo-se contrariados com a atuação da diretoria do Clube, pediam que fosse nomeada uma junta governativa para dirigi-lo, sendo que dessa junta fariam parte elementos que ainda ocupavam cargos na diretoria, além de outros que seriam indicados*”.³²⁷

Por causa dessa pressão, o presidente Frederico Menzen e a diretoria por ele chefiada renunciaram no dia 14 de junho. Os demissionários deixaram claro que o intuito dessa decisão foi “*plena liberdade ao Conselho para agir atendendo as reclamações que acabavam de ser apresentadas por alguns socios, referindo-se [ao que se] havia dito em reunião anterior por intermédio de alguns Conselheiros*”, conforme o expresso na ata desse encontro.

326. *Em documentos originais do citado clube, o timbre apresenta a nomenclatura no singular: *Estudante Paulista*, diferentemente do perpetuado historicamente em inúmeras publicações, “*Estudantes Paulista*”.

327. Livro de Atas de Reuniões do Conselho Deliberativo do São Paulo FC
IMAGEM: Escudos do Estudantes de São Paulo e do Estudante Paulista



Contudo, para deixar claro que essa transição não era uma crise política aguda – apenas uma passagem de bastão para outros tricolores também dispostos a ajudar o Tricolor –, os conselheiros aprovaram, de modo unânime, a posição de “presidente benemérito” para Frederico Menzen.

Foram eleitos pelo órgão, além de Porphyrio da Paz, novo presidente do Deliberativo, os seguintes nomes para comporem a diretoria:

- presidente: Cid de Mattos Vianna;
- vice-presidentes: Carlos Lopes, Guilherme Spilbourgs;
- 1.º secretário: Deocleciano Dantas de Freitas;
- 2.º secretário: Manoel do Carmo Mecca;
- 1.º tesoureiro: Gumercindo Nascimento de Lucca;
- 2.º tesoureiro: Francisco Pereira Carneiro;
- diretor esportivo: Jayme Roso.

O presidente da diretoria indicado, Cid de Mattos Vianna, aceitou a posição mediante uma condição: a confecção de um termo de compromisso assinado por todos os presentes que lhe dava carta branca para absolutamente todas as decisões do clube. O termo segue descrito:

“O Conselho Deliberativo do S. Paulo F. Clube, reunido em maioria em sessão de hoje, conforme assignaturas abaixo de todos os srs. Conselheiros presentes e quites com o clube, resolveu o seguinte: 1.º - Fica eleito como presidente do S. Paulo F. Clube o sr. Cid de Mattos Vianna, com plenos, geraes e ilimitados poderes; 2.º - O presidente hoje imediatamente empossado tem o direito de livre escolha dos seus companheiros de Directoria, os quaes serão também empossados imediatamente pelo sr. Presidente em reunião de Directoria; 3.º - O presidente sr. Cid de Mattos Vianna, de accordo com a resolução deste Conselho, tem no passo de 3 meses a contar da data de hoje, poderes geraes, amplos e illimitados para resolver qualquer assumpto referente ao Clube, independente de qualquer deliberação do Conselho, sendo portanto aprovados, por este Conselho todos os actos e resoluções do mesmo presidente neste período de 90 dias. Sede do São Paulo F. Clube, em 14 de junho de 1938”.

Tamanho concentração de poder em apenas uma pessoa nunca havia sido vista na história do São Paulo (e nem se veria depois). Contudo, esse prelado não durou. O fato deve ter despertado uma reação dos sócios. *“Esperavam os associados uma Assembleia Geral, quando o Conselho elegeu a nova diretoria.”*³²⁸ Por causa do amplo descontentamento gerado pelo modo como a situação foi levada, a diretoria recém-eleita renunciou no dia 21 de junho.

Coube a Porphyrio da Paz, na posição de presidente do Conselho, propor e estabelecer a ideia exposta por Manuel Arruda Nascimento, em maio: uma junta governativa provisória. Tomando posse no dia 22 seguinte, a junta, composta por Frederico Antônio Germano Menzen (presidente), Jayme Roso (secretário), Carlos Andrade Lopes (tesoureiro), Gumercindo Nascimento de Lucca, José Machado Filho e pelo próprio José Porphyrio da Paz (membros), dirigiria *“os destinos do Clube até que se procedesse a eleição de nova directoria”*.

A solução foi uma coalizão para apaziguar os ânimos no clube.

A junta mandou publicar nos principais jornais da cidade³²⁹ uma carta endereçada aos tricolores:

“Sentimo-nos no dever de dirigir estas palavras aos nossos consócios e ao publico esportivo de São Paulo, afim de se desfazerem quaisquer dúvidas acerca de nossa attitude nos últimos acontecimentos que agitaram a vida do São Paulo F. C., acontecimentos que redundaram na investidura de uma Junta Governativa dos destinos do clube que tanto queremos e pelo qual temos feito os sacrificios maiores na medida extrema de todas as nossas forças.

“O que de inevitável aconteceu, já passou, e agora só nos resta, em um misto de alento e esperança, empenharmo-nos na árdua peleja e dura tarefa de reerguimento do nosso querido São Paulo F. C. cuja vida não é cara somente a nós, sampaulinos, como também, o é ao esporte paulista e nacional, pelo muito que exprime o seu glorioso nome onde se encontra a excelsa e suprema razão de ser de sua existência.

“Na vida de todos os clubes chega, sempre, a hora de amargura na consequência de pesadelos e dificuldades naturais; e, felizes os dirigentes que têm a suprema ventura de superar todos os obstáculos, muito embora seja com um sacrificio que atinja às raias do quasi sobrehumano.

“Si não atingirmos à meta dos nossos desejos de bem elevar o clube, não será por certo, falta de dedicação e empenho de sacrificios, pois, Deus louvado, temos feito tudo o que é possível fazer-se por um clube cuja razão de ser está na consciência de todos os esportistas em geral e em particular na dos Brasileiros de São Paulo.

“Concitando todos os sampaulinos à cerrarem fileiras ao nosso lado, pois, os clubes irmãos da Liga de Futebol do Estado de São Paulo estão conosco, na máxima expressão dos seus nobres sentimentos de solidariedade e de franco apoio. Não hesiteis um só momento prezados sampaulinos, em marchar com o clube que tem o nome de nossa terra e o justo orgulho de reunir milhares de afeiçãoados que são milhares de Brasileiros.

“Viva o S. Paulo F. C.

“Assinado: Tenente Porphyrio da Paz, Frederico Menzen, Carlos Lopes, Jayme Roso, José Machado Filho, Gumercindo de Lucca”.

A temporada oficial do esporte na cidade de São Paulo, naquele momento, estava paralisada devido à Copa do Mundo da França. Sem os jogos do Campeonato Paulista, somente eram disputadas as partidas amistosas ou de um torneio tampão, o Extra, organizado pela Liga e que não atraía os torcedores. Foi nesse cenário político e esportivo que, em julho de 1938, o São Paulo organizou um festival de futebol a fim de manter as atividades e tentar compensar, parcialmente, os fundos financeiros: a Taça Augusto Mundell Jr.

O evento, realizado em um único dia (3 de julho) no Parque Antarctica, era um torneio envolvendo os quatro maiores times da capital em jogos eliminatórios de 30 minutos cada (não eram partidas oficiais). Mas, para chamar a atenção do público, nenhum jogo foi tabelado previamente. Somente minutos antes de a bola rolar é que foram sorteadas as chaves³³⁰: São Paulo x Portuguesa e Corinthians x Palestra Itália, com os vencedores avançando à final.

328. Folha da Noite, 22 de junho de 1938

329. A Gazeta Esportiva, 23 de junho; Correio Paulistano, 24 de junho
330. Folha da Manhã, 3 de julho

Quem foi ao estádio presenciar as partidas nem sabia que jogos encontraria! E os tricolores tinham motivo para comparecer em peso: o regresso de King. O goleiro, que revolucionou a posição, defenderia o São Paulo mais uma vez, após a polémica saída do clube.

A entrada para o festival foi gratuita somente aos sócios de Corinthians, Palestra e Portuguesa que estivessem em dia com as contribuições sociais³³¹, embora a estes fosse facultado colaborar com ingressos de “meia-entrada”, como retribuição pela participação na competição.³³² Aos sócios e torcedores do São Paulo, foi cobrado o valor integral da entrada. A Liga de Futebol do Estado de São Paulo (LFESP), para valorizar a iniciativa do Tricolor, não cobrou taxas.

A loja de materiais esportivos *Ao Esporte Nacional* ofertou a Taça Augusto Mundell Jr (Augusto Henrique Mundell Júnior era secretário da Liga Paulista) como prêmio a ser entregue ao campeão da disputa. O Corinthians, após superar o Palestra em número de escanteios (2 a 0), venceu a Portuguesa por 2 a 1 (a Lusa havia derrotado o Tricolor, em partida anterior, por 3 a 0) e conquistou o caneco.

Festivais como este eram comuns, ainda mais em épocas de recesso de competições oficiais. A Portuguesa organizou, também em 1938, um evento batizado com o nome do time; o Corinthians fez o mesmo, em 1941, em partida contra o São Paulo, que, por sua vez, havia participado de outro festival, em 1931, do Palestra: o Festival da APEA, que valeu a Taça General Isidoro Dias Lopes.

Vale destacar que esse último jogo foi parte de uma campanha pró-estádio do Palestra Itália. Antes, o time alviverde realizou uma série de partidas pelo interior, visando a angariar recursos para obras. Por fim, arranjaram dois festivais amistosos contra São Paulo e Corinthians.

*“Os dois velhos rivaes nos campeonatos de futebol da cidade, realizaram ante-hontem, no campo da Chacara da Floresta, um encontro em beneficio do estádio do Palestra, ora em construção, partida que conseguiu reunir uma assistência numerosa e entusiasta.”*³³³

Contra o Tricolor, o jogo se deu no estádio são-paulino da Chácara da Floresta, o maior e mais confortável para a prática do esporte na capital paulista até então. Contra o Corinthians, os palestrinos jogaram no próprio estádio, ainda em expansão.

Os clubes se “viravam” como podiam. E, se guardavam os valores coletados em malas, maletas, baldes ou barricas, isso pouco importava. Cabe dizer, também, que nunca houve qualquer jogo ou torneio em benefício do Tricolor sem que o mesmo tomasse parte da disputa.

Lendas sobre esse festival e a situação financeira do São Paulo naquele período surgiram muito tempo depois, precisamente por difamação de torcedores rivais, que, como tais, inventaram histórias, exageraram sobre a gravidade do caso e desvirtuaram o contexto da competição. Nunca houve um “Jogo das Barricas”, nada salvador e crucial. Houve, sim, uma competição esportiva envolvendo quatro equipes, uma delas, o próprio São Paulo, cujos sócios e torcedores eram os únicos obrigados a pagar ingressos.

331. *Correio Paulistano*, 3 de julho de 1938
332. *Correio Paulistano*, 2 de julho de 1938
333. *O Estado de S. Paulo*, 8 de setembro de 1931

Fora o absurdo de se cogitar que um único evento, gratuito para a maioria, poderia salvar ou deixar de salvar um clube de suposta falência... Ora, nem a renda de um jogo do Torneio Extra da Liga Paulista ou do próprio Campeonato Paulista seria assim decisiva. Se fosse, os torneios amistosos nem precisariam existir! Todas essas lendas se resumem ao que são em essência: folclore.

Pragmaticamente, o que existem são registros comprobatórios da regularidade (se não podemos dizer boa saúde financeira) das contas do Tricolor. Afinal, o time não passou a ser conhecido como o “Clube da Fé” à toa – e dificuldades dentro da normalidade certamente existiram.

“Pede a palavra o sr. Carlos Lopes, que fez uma demonstração do movimento da tesouraria, demonstração esta que satisfiz a todos os srs. Conselheiros pela excelente situação financeira que se achava o clube, propondo o sr. Mecca que se afixasse na sede um resumo do balancete lido pelo sr. Tesoureiro”.

Esta passagem, presente em ata do Conselho Deliberativo do São Paulo, datada de 5 de agosto de 1938, um mês depois da realização do festival, retrata bem isso.

Ora! Como dito, não seria somente um jogo que transformaria um cenário catastrófico (tal qual detratores pregam) em algo beirando às mil maravilhas. É algo incoerente por pura lógica.

Um momento curioso e descontraído dessa fase, que demonstra que não existia nenhuma crise avassaladora, se deu em 6 de agosto de 1938. No campo dos fundos do Parque Antarctica, atrás das arquibancadas, foi realizada uma peleja festiva entre cronistas esportivos e veteranos do São Paulo. O time da imprensa venceu os tricolores, estes compostos por ex-jogadores, funcionários e dirigentes, por 3 a 2.

Os competidores estavam assim alinhados³³⁴: Veteranos – Nestor, Mário e Gongora; Oswaldo, Fried e Lopes; Formiga, Siriri, Feola, Serrone e Machado Filho, com Porphyrio, Menzen, Roso e outros na reserva; Cronistas – Rollim (Diário da Noite); Carlos Alberto (O Esporte) e Montá (Diário da Noite); Paioli (A Gazeta), Lagreca (homenageado) e Ary (Diário de S. Paulo); Ministrinho (Diário da Noite), Salathiel (Correio Paulistano), Piccinini (O Esporte), Munhoz (A Gazeta) e Laurindo (A Gazeta), com Pimenta Neto, Mazzoni, Jardim, Carvalho e outros no banco de suplentes.

Após o jogo, disputado sob chuva e muita lama, o time vencedor foi presenteado com o Troféu Pernas de Pau. Houve ainda corbelha de flores entregue aos jornalistas, aperitivos ofertados pela *Cinzano S/A*, galões de chope *Antarctica* e ainda, à noite, jantar no restaurante *Tabu* aos participantes.³³⁵

Outro fato que atestava a saúde regular do São Paulo naquele período era a capacidade dos sócios e dirigentes em se mobilizarem financeiramente para ajudar outro clube, verdadeiramente irmão e que, sem sombra de dúvidas, passava por sérios riscos – até de linchamento e de depredação por falta de pagamentos. E é nesse ponto que a história do Tricolor com o Clube Athletico Estudante Paulista deve ser retomada.

334. *Correio Paulistano*, 4 de agosto de 1938
335. *A Gazeta Esportiva*, 8 de agosto de 1938
336. *Mazzoni*, 1960

Em março de 1938, dirigentes do Estudante procuraram conselheiros do Tricolor com a proposta de fusão. "Fomos procurados particularmente por diretores do Estudante – que nos propuseram a fusão, porém, com outro nome que não fosse São Paulo Futebol Clube, tendo eu logo de início, como Presidente do São Paulo, recusado essa sugestão", disse Menzen.³³⁶

A edição de A Gazeta do dia 14 de março corroborou esse reinício de tratativas de fusão, destacando que "a denominação, obstáculo que fez fracassar as tentativas anteriores, continua constituindo o ponto nevrálgico da fusão, mas é de se acreditar que essa dificuldade seja agora removida, vingando o nome que todos os paulistas amantes ou não do futebol desejam ao clube destinado a ser o legítimo representante de sua terra – São Paulo F. C."

O periódico também afirmou que naquele dia ocorreria um encontro da diretoria tricolor com o presidente do Estudante acerca dessa união. Não deu certo, ali. Contudo, a negociação prosseguiu, embora praticamente fora da cobertura dos noticiários e salvaguardada a condição do nome são-paulino. Até aquele exato momento, os motivos para essa fusão eram meramente históricos, esportivos e técnicos (mesma origem, elenco de melhor qualidade e estádio), e a mesma já havia sido tentada em 1936, como exposto anteriormente.

A coluna *Factos e Boatos*, do jornal *Folha da Noite* do dia 1.º de junho de 1938, voltou a abordar a possível união:

"Já há dias que vínhamos acompanhando de perto os trabalhos que se vem fazendo, no sentido de se levar a efeito a fusão do S. Paulo FC com o Estudante Paulista. Mantinha-se justificável segredo em torno dessas negociações de acordo, aliás, com os próprios planos dos seus executores, que pretendiam ver-se livre da interferência contraproducente de pessoas estranhas para formularem as bases definitivas e, depois, então dá-las a conhecer aos associados dos dois clubes. Todavia, já se fala abertamente na 'próxima fusão'. A maioria dos associados e simpatizantes dos dois clubes está a par do que se fez e se pretende fazer. Assim, não existem mais razões para mantermos o segredo e podemos confirmar os boatos correntes nos círculos esportivos. Realmente, cuida-se da fusão dos tricolores, havendo esperanças de se concretizá-la, pois resta um único obstáculo, aliás alheio aqueles dois próprios clubes. É, pelo menos, o que garantem os mediadores da questão. No entanto, o sr. Jose de Godoy, ouvido esta manhã pela 'Folha da Noite', mostrou-se contrário a fusão, garantido, mesmo, que esta não será feita".

Vale destacar que o "segredo" apontado pelo mencionado artigo de fato ocorreu. Em nenhuma das reuniões do Conselho Deliberativo ocorridas em 1938, em datas anteriores à publicação da matéria (dias 4 de janeiro, 31 de janeiro, 25 de março, 25 de abril e 27 de maio), foi abordado e registrado em ata o tema fusão com o Estudante, diferentemente das ocasiões anteriores.

Embora não tenha se encontrado nenhum documento ou registro que mostrasse alguma relação, não seria de se estranhar que a demorada tratativa de fusão com o Estudante também tenha influenciado as mudanças de diretoria do período – sabe-se que tal negociação teve relação direta na desistência da aquisição do pretendido terreno no Bom Retiro.³³⁷ Afinal, para que comprar um se poderia aparecer outro em melhores condições?

Em julho de 1938, todavia, a Junta Governativa e o Conselho Deliberativo deram plenos poderes ao tenente José Porphyrio da Paz, então presidente do conselho, para negociar os acertos preliminares com os dirigentes do Estudante. O documento, com 21 signatários, impunha uma única (e sempre defendida) condição para a fusão: "o nome e cores do São Paulo FC, que deverão ser mantidos".

337. A Gazeta, 14 de março de 1938

IMAGEM: A mais importante vitória do Estudante Paulista (1x0 no Palestra, que estava invicto desde maio de 1936 - 29 jogos - 17 de outubro de 1937)

Ao Estudante Paulista coube o feito mais sensacional do presente certamen, derrotando o quadro lider pela primeira vez



Em alto, da esquerda para a direita, a saga estudantina sempre um ataque vitorioso — Momento em ação a defesa dos camisas listadas. No centro, se teve uma jogada do 2º tempo com a mão de Joãozinho, anfitrião do jogo — O maior perigo passou por Joãozinho, no 1.º tempo. Leme suspende uma bola... de cima. Em baixo, a turma vencedora — O jogador Joãozinho é transportado para fora do gramado após de receber socos.



“Nós, abaixo assinados, membros do Conselho Deliberativo do São Paulo F. C., declaramos que o sr. Tenente Porphyrio da Paz, presidente do referido conselho, se acha investido de plenos poderes para, junto à Diretoria do CA Estudante Paulista, estabelecer as preliminares que julgar convenientes para a fusão dos dois clubes, ressaltando o nome e cores do São Paulo F. C., que deverão ser mantidos. São Paulo, 11 de julho de 1938

“(a) Frederico Menzen, Gumerindo de Lucca, Jayme Roso, Carlos Andrade Lopes, Éolo Campos, Francisco Pereira Carneiro, João Fernandes Filho, Humberto Sprovieri. José Barros Rodrigues, José Braidá, Cid de Mattos Vianna, Jarbas de Castro, Deocleciano Dantas de Freitas, Isidoro Narvais, Julio Fantauzzi Filho, Egídio Toledo, Francisco Bastos, Aristides Argentó, Ary Fachada, Nestor Costa Menezes. (pp) Luiz Fortes Monteiro”.³³⁸

Por parte do São Paulo, tudo parecia bem encaminhado. Reuniões sobre o tema ocorriam com representantes dos dois times rotineiramente. “Durante o campeonato, mercê de trabalho sorrateiro meu, do dr. José de Godoy e do nosso saudoso jornalista são-paulino Paulo Meirelles, em encontros no apartamento do ponta Junqueira, tramou-se a fusão com o Estudantes [sic]”, diria Paulo José de Almeida, anos depois.³³⁹

O jornal *Correio Paulistano*, no dia 15 de agosto, antecipou-se e escreveu:

“Está prestes a consumir-se a fusão entre São Paulo e o Estudante. Tudo corre em perfeita apreciação de vistas e só depende a solução final de aprovações protocolares. Feita a fusão, o nome seria o de São Paulo F. C., com as mesmas cores, que são as de ambos os clubes. O campo da Rua da Mooca seria ocupado como até agora e quanto aos jogadores, os que não fossem aproveitados no novo quadro, teriam livre ‘passe’.”

Mas o processo, na realidade, demorou mais do que o esperado, influenciado por inúmeros fatores, tais como a delegação do Estudante estar em excursão pela América do Sul, os acertos quanto ao uso do campo da Antártica Paulista pelo “novo” clube e pelos funcionários da empresa e também pelo fato da contraproposta estudantina demandar pontos “um pouco acima do aceitável”.

A turnê do CA Estudante Paulista na América do Sul:³⁴⁰

- 05/06/1938 Colo Colo (CHL) 1 x 1 Estudante Paulista
- 19/06/1938 Alianza (PER) 4 x 1 Estudante Paulista
- 26/06/1938 Universitário (PER) 0 x 1 Estudante Paulista
- 29/06/1938 Municipal (PER) 1 x 1 Estudante Paulista
- 03/07/1938 Sport Boys (PER) 3 x 0 Estudante Paulista
- 18/07/1938 Seleção de Valparaíso (CHL) 3 x 1 Estudante Paulista
- 24/07/1938 Colo Colo (CHL) 4 x 3 Estudante Paulista
- 25/07/1938 La Callera (CHL) 2 x 3 Estudante Paulista

O clube ainda viajou para Mendoza, na Argentina, mas não realizou nenhuma partida nessa cidade por falta de datas disponíveis na agenda dos adversários. Regressou ao Brasil no dia 8 de agosto.³⁴¹

Porphyrio da Paz chegou a relatar ao Conselho Deliberativo do São Paulo, em reunião no dia 5 de agosto, que “existem inimigos do clube que as escondidas tramam contra o conagraçamento da família tricolor”, se referindo às dificuldades e à demora em decretar a união.

Em 11 de agosto, o Estudante Paulista, enfim, aprovou, em reunião de Conselho,³⁴² por 34 votos a 13, a proposta de fusão, que foi apresentada aos conselheiros são-paulinos na mesma ocasião por meio de José de Godoy, do Estudante, e de Menzen, Roso, Lucca, Lopes e Porphyrio, do São Paulo:

“1.º - O São Paulo pedirá à Liga a sua desligação;

“2.º - Uma vez concedida a desfiliação do São Paulo F. C., o C. A. Estudante Paulista entrará na Liga com o pedido de mudança de nome, de maneira que o nome seja usado pela primeira vez no primeiro encontro no campeonato com o Palestra;

“3.º - Será presidente honorário do clube o dr. Walter Bellian;

“4.º - A diretoria será composta de oito membros, assim distribuídos:

- presidente – Dr. Cassio Villaça
- 1.º vice – Inocencio de Souza
- 2.º vice – Frederico Menzen
- 1.º secretário – Tenente Porphyrio da Paz
- 2.º secretário – Mugnaini Filho
- 1.º tesoureiro – Kurt Richter
- 2.º tesoureiro – Jayme Roso
- diretor esportivo: Dr. Décio Pedroso

“5.º - O Conselho Deliberativo será composto de 25 membros, sendo o presidente do mesmo o dr. José de Godoy; 12 membros indicados por cada clube, sendo indicados pelo São Paulo F. C. os srs.: Gumerindo de Lucca, Carlos de Andrade Lopes, Francisco Pereira Carneiro, José Machado Filho, Cid de Mattos Vianna, Deocleciano Dantas de Freitas, Paulo de Almeida, Jarbas de Castro, José Barros Rodrigues, Aristides Argentó, Éolo Campos e Francisco Romano;

“6.º - A camisa terá as cores preto, vermelho e branco; sendo a disposição destas escolhida pelo Conselho em reunião conjunta com a Diretoria;

“7.º - Serão mantidos os direitos dos sócios remidos do São Paulo F. C.

“8.º - O estatuto do C. A. Estudante Paulista será modificdao nos artigos que contrariem as disposições acima”.³⁴³

Alguns conselheiros estudantinos, como o sr. Francisco Fernandes Cunha, protestaram fortemente contra o pleito, alegando que muitos dos que votaram a favor da união não estavam quites com as contribuições sociais mensais.³⁴²

Posta essa decisão, caberia ainda ao Conselho do São Paulo, como também à Assembleia Geral do clube, a aprovação (ou não) dos termos sugeridos. E, mesmo que não houvesse nenhum entrave imposto pela Companhia Antártica Paulista, detentora do campo da Rua da Mooca (não havia mais),³⁴⁴ a condição do nome da entidade a ser originada da fusão ainda era o ponto crucial, sensível e debatido calorosamente. O jogo virou a favor dos são-paulinos quando uma rebelião de jogadores quase destruiu o CA Estudante Paulista...

338. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

339. Boletim Tricolor Paulista, n.º 7, janeiro de 1986

340. A Gazeta Esportiva, 1.º de junho de 1951 e Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

341. Correio Paulistano, 9 de agosto de 1938

342. Correio Paulistano, 13 de agosto de 1938

343. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

344. Correio Paulistano, 16 de agosto de 1938

A nova equipe tricolor iniciou arrasando



ESPORTE

Director-Responsavel: DOM. ANT. FANGELO NETO
Redação e administração: 25-8-38
Director-Grande: DESNER MEDICI
Fone: 3-1377

**do novo XI tricolor com uma sensa-
vitoria sobre o Corinthians - 3 a 0!**
A AUTENTICA REVELAÇÃO. A TURMA VENCEDORA MANTVEU EM "CHECK" O
QUADRO CAMPEÃO DURANTE TODO O ENCONTRO



NUM. 8
**O F. C. VENCE CONVINCEN-
TE O RESULTADO DA PHASE
DOS TENTOS**

De acordo da cidade paulista...
O Corinthians ataca mais e o São Paulo...
O São Paulo venceu o Corinthians por 3 a 0...



Os repêlos dos quadros...
tirando a sorte. AD ALTO - Na esquerda, quando se...
deu, do São Paulo se aproveitaram para a grande vitória.



A pretendida união deixaria de ser fusão para se tornar incorporação.

A situação financeira do clube da Mooca era grave havia algum tempo. O passivo da associação, que em dezembro de 1937 era de pouco mais de 82 contos de réis, saltou para quase 170 em meados de 1938. E, de acordo com Carlos Eduardo de Toledo, ex-jogador do clube, o Estudantes...

"Foi acometido de crise financeira em decorrência da excursão ao Chile e ao Peru, em 38. Do ponto de vista futebolístico, a excursão não poderia ter sido melhor. Financeiramente, porém, foi um desastre. O empresário embolsou o dinheiro e desapareceu, deixando a delegação em apuros. A viagem foi longa, via Santos, Buenos Aires, Santiago, Valparaíso e Lima, voltando pelo mesmo itinerário".³⁴⁵

Frederico Menzen também discorreu sobre esse momento³⁴⁶, apontando, também, as graves consequências que a falta de dinheiro impôs àquele clube: "O Estudantes [sic] estava em tal situação que os jogadores a ele pertencentes certa noite tentaram empastelar a sede na Rua da Moóca, campo da Antarctica, por falta de pagamento."

O ex-presidente são-paulino, que hoje dá nome ao Centro de Treinamento do Tricolor na Barra Funda, disse também que sanou a situação recorrendo a um empréstimo pessoal na Liga Paulista, no valor de 20 contos de réis, para acertar a maior parte do salário de alguns atletas. "Esta providência eu tomei porque os entendimentos para a fusão estavam adiantados, somente a intransigência dos Diretores do Estudantes ainda atrapalhava."³⁴⁶

Cabe destacar que um dirigente do São Paulo, sozinho, era capaz de assumir créditos de montante considerável, e isto para ajudar outra agremiação. Qual seria o potencial financeiro dele, e de outros, em prol do próprio clube? Esse episódio demonstra, mais uma vez, o quanto o pressuposto da lenda das "barricas" é estapafúrdio.

Com o pagamento realizado, ambos os clubes promoveram um treinamento conjunto no dia 22 de agosto, no campo da Olympica Municipal – onde o Tricolor promovia as atividades do elenco desde fevereiro. Para a ocasião foram convocados³⁴⁷: Caxambu, Pedrosa e Joãozinho, arqueiros; Anníbal, Agostinho, Horacio, Iracino, Bruno e Bento, zagueiros; Cozinheiro, Fiorotti, Damasco, Sidney, Ponzoníbio, Felipelli, Orozimbo, Lysandro, Fassim, médios; Ministrinho, Mendes, Leme, Carioca, Armandinho, Elyseo, Moacyr, Carlos [Mesquita, não o Toledo], Milani, Paulo, atacantes; e demais elementos inscritos.

No dia 25, justamente quando a incorporação estava por se estabelecer em definitivo – tanto que o São Paulo venceu o Corinthians por 3 a 0 naquela tarde já alinhado com seis jogadores provindos do Estudante (Agostinho, Fiorotti, Lysandro, Mendes, Paulo e Carlos), como resultado do acordo que pagou os salários e assumiu os passes desses jogadores – uma reviravolta ocorreu na Rua da Mooca.

Nesta mesma noite, a diretoria do Estudante levou a votação em Assembleia Geral dos associados o combinado pelo Conselho no encontro do dia 11 de agosto, e a proposta foi derrotada³⁴⁸ por 112 votos a 4! A grande vitória são-paulina sobre o Corinthians, mais cedo, com elementos daquele clube, teria influenciado na reação dos sócios estudantinos? Queriam barganhar por melhor acordo?

345. Revista São Paulo Notícias, n.º 63, julho de 1989

346. Mazzoni, 1960

347. A Gazeta Esportiva, 22 de agosto de 1938

348. Correio Paulistano, 27 de agosto de 1938

IMAGEM: Recortes de jornais sobre a vitória do São Paulo sobre o Corinthians, 1938



Diz a *Folha da Noite* de 26 de agosto: "(...) que fique esclarecido que a divergência surgida no seio do clube em relação ao nome do sr. Cássio Villaça refere-se única e tão somente com a maneira personalista e autoritária com que tem se conduzido". Foi a desculpa dada pelos associados. Por causa disso, desprestigiado, o presidente estudantino, o senhor Villaça, renunciou ao cargo.

Com novos atores na negociação (o Estudante elegeu um novo colegiado para o Conselho), três dias depois (28), reuniram-se na sede da Liga Paulista os dirigentes dos dois clubes tricolores, a convite do presidente da federação, o senhor Arthur Tarantino.

Àquela altura, todos ali já tinham tomado conhecimento de que a Companhia Antártica Paulista havia aberto mão de "todo e qualquer assumpto que diga respeito a futebol, para o que entregou a praça esportiva da rua da Mooca ao Antártica F. C., associação recreativa dos seus funcionários".³⁴⁹

Da dita conferência, surgiu a seguinte nota divulgada à imprensa: "Em reunião domingo realizada em que tomaram parte representantes de todas as facções que se encontram ligadas diretas ou indiretamente às negociações da união da família tricolor, ficou assentado, em definitivo, uma completa mudança na forma pela qual se vinham desenvolvendo essas negociações, a fim de que a mesma possa ser levada a efeito com êxito dentro do menor tempo possível."

Assinaram o comunicado os senhores Frederico Menzen, Arual dos Santos, Porphyrio da Paz, Jayme Roso, Décio Pedroso, Cássio Villaça, José Machado Filho, Arthur Maudonnet, Mugnaine Filho, Gumercindo de Lucca, Arthur Tarantino e Paulo Meirelles.

Ficou decidido que haveria um recadastramento geral dos sócios, não privilegiando associados de nenhuma das equipes. Também se acertou que os dois ex-presidentes das agremiações, Frederico Menzen e Cássio Villaça, abririam mão do cargo, definitivamente, pois ambos não eram mais os presidentes em exercício (Menzen desde 12 de agosto, justamente essa necessidade em prol da incorporação, e Villaça desde o dia 25, como expresso anteriormente). Essa situação abriu espaço para um terceiro nome, que agradou a todos os envolvidos: Piragibe Nogueira.

"Na Faculdade de Medicina, o ambiente era todo são-paulino. O Cássio Villaça, um mestre da radiologia que carregava os estudantes, praticamente me impôs a condição de topiar a presidência do novo São Paulo que ressurgia dessa fusão dos estudantes com o grupo que tocava o 'São paulinho'", declarou o próprio Piragibe sobre a escolha.³⁵⁰

Sócio do Estudante Paulista, o Doutor Piragibe acabou selando o futuro do Tricolor quando, por ser o último a palestrar sobre o nome do clube fruto da fusão das duas entidades, concedeu o "voto de Minerva" em favor de São Paulo Futebol Clube.³⁵¹

No dia 30 de agosto, aconteceram três reuniões paralelas, em convocações extraordinárias, dos Conselhos dos clubes envolvidos: na sede do São Paulo FC, na Avenida São João; na sede do CA Estudante, na Rua da Mooca; e na sede do clube detentor do estádio da Companhia Antártica Paulista, o Antártica FC, também na Mooca, para a esperada finalização e aprovação geral da incorporação negociada.

Contudo, aproveitando-se do fato quase decretado, os jogadores estudantinos fizeram nova demanda, ainda no dia 28. A ata do Conselho do São Paulo daquela noite retrata bem o sucedido:

"Ao iniciar os trabalhos, o sr. Presidente fez ciência a todos os presentes que a votação das matérias que fossem apresentadas devia ser a mais rápida possível porque os jogadores do C. A. Estudante Paulista haviam enviado um ultimatum a diretoria, dando-lhe o prazo até 22 horas e meia de hoje para ser liquidado os seus ordenados atrasados e na falta de pagamento exigiam os seus passes, imposição com a qual concordaram os diretores dissidentes do C. A. Estudante Paulista, segundo aviso transmitido aos representantes do São Paulo F. Clube, por ocasião da reunião na Liga de Futebol do Estado de S. Paulo".

O São Paulo destacou, então, o sr. Gumercindo de Lucca às negociações com os jogadores, levando uma proposta de pagamento em nome dos dois clubes. Após idas e vindas de dirigentes entre uma conferência e outra, já perto das 23 horas, o Conselho foi notificado de que os atletas do Estudante haviam rejeitado a proposta e que teriam até a meia-noite daquele dia para sanar tudo. A solução encontrada pelos presentes foi solicitar um empréstimo de cinco contos de réis junto à Liga (com o compromisso de saldá-lo após o jogo entre São Paulo e Corinthians, em 4 de setembro) e, assim, quitar a dívida com os jogadores.

Deste modo, os passes e contratos de todos os jogadores do Estudante, e não somente de alguns, passariam a pertencer ao Tricolor Paulista.³⁵² Que baita negócio! Com esse elenco, o São Paulo seria vice-campeão paulista naquela temporada, não faturando o título por causa de um gol de mão de Carlito, concedido irregularmente ao Corinthians, no jogo decisivo, que melhor será abordado em outro momento deste livro.

Resolvida a questão dos atletas, os Conselhos trataram de acordar, definitivamente, a incorporação do CA Estudante Paulista pelo São Paulo FC. Ficou decidido o seguinte, nas palavras de Manoel Correcher, presidente do Corinthians, representante da Liga Paulista e intermediador das negociações:

"O Conselho do Estudante Paulista aceita a possibilidade da fusão desde que ela seja tratada de clube para clube, através dos Conselhos por documentos escritos; a) É contrário o entendimento entre pessoas, grupos ou facções. Só reconhece instâncias; b) Aceita a possibilidade de ser alugada a sua praça de esporte ao novo S. Paulo F.C. isto é ao que resultará da incorporação do Estudante Paulista pelo S.P.F. Clube. As condições em tese são as seguintes: 2:000\$000 por mês para treinos às 3.ªs e 5.ªs feiras e jogos aos domingos e feriados. Com direito igualmente ao uso dos vestiários, banheiro, etc. Em qualquer hipótese deverá ser cumprida a hipótese da realização de um jogo beneficente em favor da Associação Recreativa Antártica [sic], consoante o compromisso assumido no domingo, 28 do corrente".³⁵³

Com todos os itens aprovados e encaminhados, foi concedido a ambos os clubes um prazo para averiguação dos balancetes, de tudo o que havia de receita ou despesa nas contas de cada associação. A Assembleia Geral do Estudante aprovou todos os termos no dia 1.º de setembro. Isto posto, o Conselho Deliberativo do Tricolor convocou a Assembleia Geral para o dia 12 desse mês, por meio de publicações em jornais e do *Diário Oficial do Estado* dos dias 6 e 11 de setembro, conforme regia o Estatuto do clube.

Pois bem, esta é a história do CA Estudante Paulista e de sua incorporação pelo São Paulo Futebol Clube, que oficialmente se deu em 12 de setembro 1938, ao custo de 700\$000 (setecentos mil réis) mais o passivo do absorvido, no valor de 168.880\$000 (cento e sessenta e oito contos e oitenta e oito mil réis), e compromissos firmados com o Antártica FC para o uso do estádio na Rua da Mooca.

349. *Correio Paulistano*, 27 de agosto de 1938
350. *Revista São Paulo Notícias*, n.º 60, abril de 1989
351. *Bastos Neto*, 2000

352. *O Estado de S. Paulo*, 22 de outubro de 1938
353. *Livro de atas de reuniões do Conselho Deliberativo do São Paulo FC*

Para ilustrar os assuntos tratados neste capítulo, segue a Ata da Assembleia Geral de sócios do São Paulo Futebol Clube pela incorporação do Club Athletico Estudante Paulista (reconhecida no Tabelião Firmo no dia 3 de novembro de 1938):

“Aos 12 dias de setembro de 1938, às 21,30 horas, na sede social do São Paulo F. C., à Av. São João, 1001, sobrado, perante os associados que esta subscrevem, conforme o título de presença, realizou-se a assembléa geral extraordinária, convocada de acordo com as publicações feitas nos jornais e Diário Oficial do Estado, de 6 e 11 de setembro de 1938, em segunda convocação, meia hora da primeira chamada, obedecendo a convocação para tratar da incorporação do C. A. Estudante Paulista ao São Paulo F. C. e outros assuntos gerais referentes à mesma incorporação.

“Aberta a sessão pelo Dr. Frederico Menzen, ex-presidente da Junta Governativa, foi por este convidado o Sr. Dr. Monsenhor Francisco Bastos para presidir a assembleia. Este assumindo a presidência convidou para secretários os srs. Cid de Mattos Vianna e Manoel do Carmos Mecca, que assumiram seus postos nas condições de primeiro e segundo secretários respectivamente. Lida e aprovada a ata da última assembleia, o presidente da assembleia comunica que estava em votação a proposta de incorporação do Estudante Paulista, ao São Paulo F. C., conforme exposição feita pelo sr. Machado Filho, um dos membros da comissão encarregada dessa incorporação, e do sr. Kurt Richer, também membro da comissão encarregada do Estudante Paulista.

“Depois de demorada exposição feita pelos referidos srs. Foi aprovada a incorporação do C. A. Estudantes Paulista ao São Paulo F. C. por unanimidade de votos, sob grandes aplausos e vivas dos presentes. A seguir, o sr. presidente da assembleia participou que havendo o Conselho Deliberativo e Consultivo do São Paulo renunciado coletivamente com o fito de facilitar a eleição de um novo Conselho composto do antigo Estudante Paulista, e que hoje desaparece, e dos antigos membros do atual São Paulo F. C., pede que sejam indicados os novos conselheiros. [...].

“A seguir, depois de se ter procedido a todas as votações, verificou-se que foram eleitos conselheiros do São Paulo F. C., com mandato, conforme consta dos estatutos, os seguintes srs.: Dr. Miguel Leuzzi, Dr. Cassio Villaça, sr. Branco Giocondo Nigro, Cid de Mattos Vianna, Dr. Edson Oliveira, Dr. Joviano Cappelano, Gumercindo Nascimento de Lucca, Éolo de Campos, Flavio Botelho, Luiz Monteiro, Samuel Goldwin Filho, Humberto Sprovieri, J. Rabilotta, Dr. Paulo Sampaio, Ari Franco de Camargo, Manoel do Carmo Mecca, Dr. Eurico Bastos, Dr. Uriel de Carvalho, Dr. Sauro Moura, Jarbas de Castro, Dr. Piragibe Nogueira, Dr. Frederico Menzen, Kurt Richter, José Machado Filho, Deocleciano Dantas de Freitas, Dr. Carlos Monteiro Brisolla, Dr. Decio Pedroso, Carlos Andrade Lopes, Mugnaine Filho, Francisco Pereira Carneiro, Jayme Roso, Dr. José de Godoy, Miguel Delape, Tenente Porphyrio da Paz, Armando Gomes, Antonio Pedrosa, sendo portanto o numero atual de 40 conselheiros e estando eleitos apenas 37 conselheiros, ficam para completar 3 vagas que por proposta do sr. Cappelano sejam estas 3 vagas completas por 3 nomes a serem indicados pelo Dr. Cassio Villaça na próxima reunião, isto é, na primeira oportunidade que se reunir o Conselho Deliberativo.

“A seguir, pelo sr. Presidente foram empossados todos os srs. Conselheiros, isto é, os que se acham presentes e os demais ausentes deverão tomar posse em reunião do Conselho. O sr. Presidente congratula-se pela eleição de tão nobre Conselho e faz votos que o mesmo continue a trabalhar com grande amor pelos. Paulo F. C.

“A seguir, pede a palavra o sr. Éolo Campos, que propõe seja eleito Presidente Benemérito o sr. Frederico Menzen, e por proposta do sr. Carlos Lopes, presidente honorário, o dr. Cássio Villaça, o que é aprovado com grande salva de palmas.

“A seguir, fala novamente o sr. Machado Filho e explica alguns pontos da incorporação do CA Estudante Paulista, bem como o sr. Kurt Richter, que pede que seja lida a acta da ultima assembleia do CA Estudante Paulista em 1.º do corrente que aprovou a incorporação deste clube ao S. Paulo FC.

“O sr. Carlos Lopes pede que seja consignado em acta um voto de louvor à comissão encarregada dos trabalhos de incorporação, tanto a comissão do São Paulo FC, como do CA Estudante Paulista, tendo sido aprovada com muitas palmas.

“Foi a seguir ouvida a palavra do Presidente Monsenhor Bastos, que num breve e feliz improviso ditou palavras de agradecimento e satisfação pela união da família tricolor, fazendo votos, com a graça de Deus, que essa união seja para sempre de uma família indissolúvel e ao mesmo tempo agradece a cooperação de todos os Directores e Conselheiros do São Paulo FC, tanto antigos e novos, pela dedicação que sempre se houveram nos seus cargos exercidos desinteressadamente] e muitas vezes com grandes sacrifícios, moraes e materiaes.

“O sr. Cappelano pede um voto de louvor ao sr. Presidente e aos seus secretários, que tão bem se conduziram na direção dos trabalhos.

“A seguir, com salva de palmas e vivas, o sr. Presidente deu por encerrar a sessão, digo a Assembléa do São Paulo, por não ter mais assumptos em pauta. Nada mais havendo foi encerrada e lavrada a presente acta, que vae por mim assignada, Cid de Mattos Vianna, secretario, e pelo presidente, sr. Francisco Bastos.

*“(a) Monsenhor Francisco Bastos
Cid de Mattos Vianna”*

A diretoria executiva eleita em 12 de setembro de 1938 foi:

- presidente: Piragibe Nogueira da Silva;
- vice-presidentes: Frederico Menzen, Kurt Richter, José Machado Filho;
- secretário-geral: Deocleciano Dantas de Freitas;
- 1.º secretário: Carlos Monteiro Brisola;
- 2.º secretário: Décio Pacheco Pedroso (Porphyrio da Paz, 23/09);
- tesoureiro-geral: Carlos Andrade Lopes (Francisco Carneiro, 23/09);
- 1.º tesoureiro: José E. Mugnaine Filho;
- 2.º tesoureiro: Francisco Pereira Carneiro (Isidoro Narvaes, 23/09);
- diretores esportivos: José de Godoy, Jaime Roso (Décio Pedroso, 23/09).

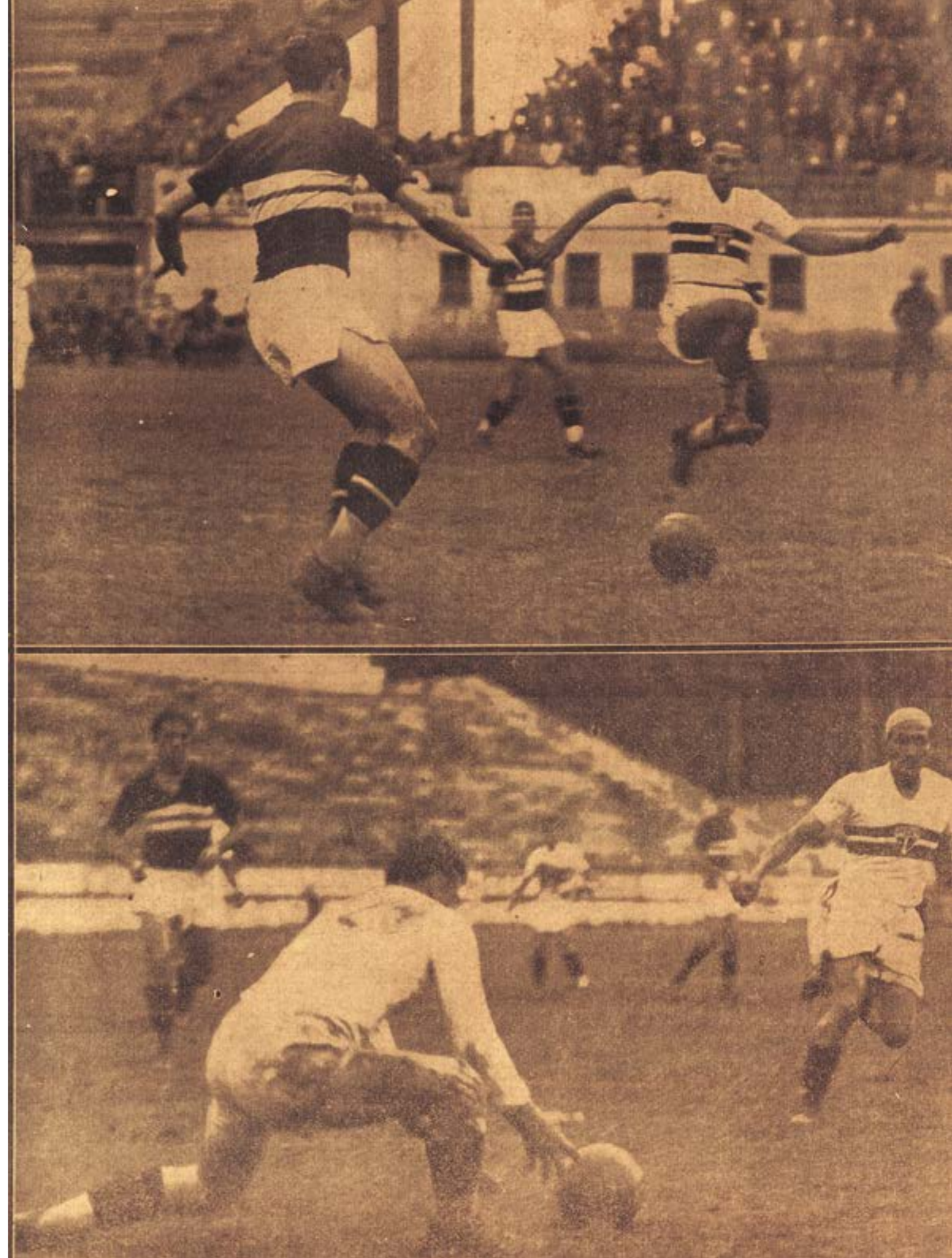
A principal herança do Estudante Paulista foi o plantel de jogadores que passaram a defender as cores do São Paulo. Que tenham atuado ao menos uma única partida no time principal do Tricolor, os seguintes jogadores chegaram (ou regressaram) ao clube após a incorporação:

- Agostinho (regresso), defensor;
- Araken Patusca (regresso), atacante;
- Armandinho (regresso), atacante;
- Bento, defensor;
- Carlos, atacante;
- Fiorotti, médio;
- Iracino (regresso), defensor;
- João Ferreira, goleiro;
- Leme, atacante;
- Lysandro (regresso), médio;
- Mendes, atacante;
- Moacyr, atacante;
- Paulo (regresso), atacante;
- Pedroza (futuro presidente), goleiro;
- Ponzoníbio (regresso), médio;
- Vareta, atacante.

Muitos outros, contudo, passaram a fazer parte do elenco são-paulino, em todas as categorias.

Outras lembranças do Estudante residem no Memorial Luiz Cássio dos Santos Werneck, no Estádio do Morumbi. Os últimos resquícios físicos daquela agremiação são dois troféus adquiridos na incorporação: a Taça Premio Ministro das Relaciones Exteriores de Chile (Colo Colo x Estudante Paulista), de 1938, e a Taça Irineu Correia (Olympico/RJ x Estudantes de São Paulo), de 1935.

IMAGEM: Cenas do jogo São Paulo x Estudantes de São Paulo de 15 de agosto de 1937



MARCANDO 6 TENTOS

SEM PERMITTIR QUE O PALESTRA ABRISSE A CONTAGEM

O São Paulo registrou uma estupenda victoria -- Armandinho (3), Elyseo, Paulo e Araken os marcadores -- Dois juizes para a arbitragem



O QUADRO DO S. PAULO, VENCEDOR DA PARTIDA -- Próto, após realizar uma defesa, profizido por Agostinho. -- Um violento ato de Mendes, é retaliado por Jovandir, vendendo à sua frente Carlos e Jovandir e ao fundo Elyseo. -- O quadro da Palestra, que tentou abrir a conta de gols

A GAZETA — S. PAULO — SEGUNDA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1939

Maior que a vitoria de 1931...

O S. Paulo torna-se irresistível no 1.º tempo e alcança a contagem de 3 a 0 em 20 minutos, para depois, na 2.ª fase, o Palestra, perturbado e desmoralizadíssimo, ceder mais três "goals"!

O São Paulo venceu, ontem, o Palestra, em seu campo, a rua da Mooca, como se fosse vencido no Parque Antarctica, no Parque São Jorge, em Vila Belmiro, ou onde quer que fosse, porque tinha que vencer a grande e ilimitada "chama" que levou a luta para triunfar. Estava em melhores condições para vencer, e depois até ao luar — como se viu — de colher um vitória 3 a 0 (voto a zero) contagem essa que, em se tratando do Palestra, parece mais uma história de mil e uma noites.

A realidade, porém, colheu essa contagem diante dos olhos daqueles que estiveram presentes à partida e nos assistiu. No segundo tempo, não houve outra

luta dos dois "XI", o domínio territorial, a potência técnica, o espírito de luta, os recursos, enfim confrontamos todas as condições de jogo dos dois quadros, e veremos que ambos estiveram no mesmo nível. Possivelmente, ninguém daria a esse balanço três tentos de diferença. Mas, o futebol é assim. Velho estribilho, amigos! O futebol oferece os mais chicantes contrastes, e não é coisa do outro mundo, se uma contagem de 3 sobre a 0, ainda que o derrotado se chame Palestra.

A luta se decidiu, totalmente, no primeiro período dessa fase, somente teria sido possível ao alvi-verde fugir do desastre. No segundo tempo, não houve outra pluma... ao lado de Agostinho, malabarista e malicioso como nunca.

No referente ao ataque deve-se, naturalmente, ao dinamismo de Lysandro, centro-médio, valeu por tudo, apesar de não ser clássico e de não ter estatura para a posição. Fiorotti, ao seu lado, teve de otimo o impulso que deu ao seu jogo, entrando sempre em primeiro lugar na bola e fazendo-a viajar, com grandes trajetórias, para a frente. E Filipelli não deu tréguas à luta, no seu lado, ganhando-a constantemente com desenvoltura, inclusive uma vez em que, no primeiro tempo, evitou um "goal" certo.

O PRIMEIRO ROLO COMPRESSOR

Com o plantel recheado de novos e bons jogadores, o Tricolor mudou da água para o vinho e passou a encarar os demais grandes adversários à mesma altura.

No Campeonato Paulista de 1938, o São Paulo havia realizado apenas uma partida em março, antes da paralisação para a Copa do Mundo daquele ano, e perdeu fora de casa por 1 a 0 para o Ypiranga. A competição foi retomada somente em outubro e seria concluída com a disputa de apenas um turno. É o Tricolor deslanchou.

No dia 9 de outubro, venceu o Espanha por 4 a 2, fora de casa, mesmo que praticamente tenha jogado com dez jogadores em campo – Armandinho, contundido, ficou "fazendo número" na ponta. Na sequência, no tão desejado Estádio Antarctica Paulista, na Rua da Mooca, venceu a Portuguesa Santista por 2 a 1, no dia 6 de novembro – partida que resgatou³⁵⁴ uma alcunha de outrora: "O S. Paulo volta a ser 'esquadrão', [...] numa partida fogosa, em que o Tricolor põe em jogo classe e alma".

O jogo também registrou o recorde de renda do campo da Antarctica: "Attingiu 19 contos e pico a renda do jogo de ontem no campo da Rua da Mooca, estabelecendo o recorde naquele campo. Esse acontecimento no dia da estreia do S. Paulo no estádio da C. A. P. é bastante significativo."³⁵⁴

Depois, os são-paulinos, em partidas realizadas em casa, golearam o frágil Luzitano por 8 a 1, no dia 13 de novembro, e o forte Santos por 5 a 0, no dia 27 do mesmo mês. Venceram, ainda, o SP Railway por 2 a 0, no campo da Avenida Santa Marina, no dia 4 de dezembro, resultado que valeu ao clube a ponta da tabela de classificação (algo que não ocorria desde a temporada de 1931). Mas tropeçaram diante do Juventus, no Parque Antarctica: 2 a 2, em 18 de dezembro. O placar não influenciou imediatamente a posição do time: o Tricolor seguiu em primeiro lugar, com 11 pontos, contra dez do Corinthians, mas com um jogo a mais.

Resultado: cinco vitórias em seis jogos de competição oficial pós-fusão. Nada mau, mesmo! O auge dessa campanha, entretanto, estava por vir. Às rodadas finais do turno foram realizadas apenas em 1939. No dia 26 de março, na Antarctica Paulista, o Tricolor, alinhado com Pedroza; Agostinho e Iracino; Fiorotti, Lysandro e Filipelli; Mendes, Armandinho, Elyseo, Araken Patusca e Paulo; e comandado por Vicente Feola, atropelou o Palestra Itália por 6 a 0! A maior goleada da história do confronto até a data de publicação deste livro!

"Maior que a vitória de 1931... O S. Paulo torna-se irresistível no 1.º tempo e alcança a contagem de 3 a 0 em 20 minutos, para depois, na 2.ª fase, o Palestra, perturbado e desmoralizadíssimo, ceder mais três 'goals'."³⁵⁵

O São Paulo iniciou o jogo realmente de maneira arrasadora. Aos três minutos, Elyseo, à quina da área, ameaçou cruzar a bola, mas bateu forte para o gol, enganando o arqueiro palestrino Jurandyr e abrindo a contagem: 1 a 0 para o Tricolor!

O Palestra ousou reagir e, deixando espaço para o contra-ataque, viu Elyseo, aos nove minutos, invadir a área com perigo. O atacante foi desarmado, mas a redonda sobrou para Armandinho acertar um chute raro, a 30 metros do gol, e estufar as redes, sem chances de defesa: 2 a 0!

354. A Gazeta, 7 de outubro de 1938

355. A Gazeta Esportiva, 27 de março de 1939

IMAGEM: Recortes de jornais sobre a maior goleada do São Paulo sobre o atual Palmeiras



Nervosos em campo, os adversários tentavam ocupar a área de defesa são-paulina, mas sem efetividade alguma. A linha ofensiva do Tricolor, ao contrário, abusava da velocidade, indo direto ao ponto. Aos 16 minutos, Paulo foi lançado na ponta esquerda, venceu o marcador na corrida, adentrou a área palestrina e, com a bola a meia altura, finalizou com destreza para marcar mais um gol: 3 a 0!

A essa altura, o ritmo do jogo já era mais cadenciado e parelho, com ambas as equipes desperdiçando algumas oportunidades esparsas. Perto do fim da primeira etapa, o árbitro da partida, Victor Ferreira, passou mal e teve que ser substituído por Arthur Cidrin, que geralmente atuava como bandeirinha.

No segundo tempo, os são-paulinos tentaram colocar pressão na defesa alviverde, exatamente como no começo do jogo. Mendes acertou um chute de primeira e Jurandyr teve que executar boa defesa para impedir mais um tento. Os palestrinos passaram a abusar do jogo duro, mas os tricolores não reagiram e se concentraram no ataque. Eram marcados sete minutos no cronômetro quando um avanço pela direita encontrou Araken, no centro. O atacante dominou a bola, com calma, e, antes que os zagueiros pudessem alcançá-lo, escolheu o canto e tocou com categoria para as redes: 4 a 0 na contagem!

*“Os palestrinos enfurecidos atiram-se a esmo contra a defesa contraria, e Filó, revidando, aplica um pontapé em Felipelli, com a inevitável falta”.*³⁵⁶ Com 4 a 0 contra no placar, os adversários já tinham perdido as estribeiras. Uma sequência de faltas não punidas com vigor, truncoou o jogo. Armandinho e Elyseo chegaram a revidar no palestrino Junqueira, mas ficou por isso.

Despretensiosamente, aos 20 minutos, e a certa distância da área alviverde, Armandinho recebeu a bola e, enquanto todos permaneciam estáticos, colocou-a, sem força, no canto da meta rival. O goleiro nem se mexeu, perplexo: 5 a 0 no placar!

*“Que fazer? O Palestra está mais do que perdido e luta com um desespero cego, enquanto que o S. Paulo sabe muito bem passar o tempo, divertindo-se com a sua maravilhosa atuação”.*³⁵⁶

Após Elyseo perder aquele que seria o sexto gol são-paulino, o alviverde Dudu descontrolou-se e atingiu o craque Araken com um soco. O tricolor, provavelmente, não deixou barato, pois ambos foram expulsos por esse lance.

Os quase oito mil torcedores são-paulinos presentes à Antartica Paulista, lotada, vibravam de alegria e impulsionavam ainda mais o desespero palestrino. *“O Palestra joga sempre às tontas e o S. Paulo limita-se a zombar do adversário. Assim mesmo, a contagem chega ao cúmulo – SEIS A ZERO”.*³⁵⁶

Foi aos 40 minutos da etapa final. A jogada do gol começou com Iracino atirando a bola ao campo de ataque. Mendes recuperou-a na ponta e, como que não querendo nada, invadiu e deixou a área algumas vezes, controlando a pelota, até deixá-la com Armandinho.

“Certo ainda de que Jurandyr está desmoralizadíssimo, aponta em direção às redes. O chute é mais ‘morto’ que aquele do tento precedente, mas, assim mesmo, a bola entra, sem dificuldade alguma.

356. A Gazeta Esportiva, 27 de março de 1939

“É inútil prosseguir.

*“O Palestra está de vez nocaute e o S. Paulo insiste em divertir-se com a sua vítima... A ‘torcida’ sampaulina não pôde mais de tanta satisfação”.*³⁵⁷

Se em campo o desempenho dos atletas são-paulinos foi primoroso, principalmente no que toca à atuação de Armandinho, autor de uma trinca de gols, também mereceu especial recordação a campanha de Vicente Feola como comandante desse novo quadro tricolor.

“Um bravo ao técnico tricolor

“Quasi obscuramente, labutando com tenacidade e com critério, sem publicidade nem orientação, um nome se impõe ao respeito, à estima e à admiração da falange tricolor: Vicente Feola... Ainda hontem, junto ao vestiário, quasi isolado, fumando o seu charuto, via realizar-se aquilo que tanto almejava e para o que tanto trabalhava técnica e moralmente: um triunfo maiúsculo contra a grande turma palestrina, no momento julgado a ‘chave’ do Campeonato de 1938 para o São Paulo F. C.

*“A sua tenacidade de trabalho, dedicação e conhecimentos levou o quadro a essa bela vitória”.*³⁵⁷

Por causa desse resultado, e por todo o desempenho do time durante o Campeonato de 1938, aquela equipe são-paulina ficou conhecida como “O Rolo Compressor”, apelido muito utilizado pelo jornal *O Esporte* ao longo dos anos de 1938 e 1939; e conforme escreveria, também, anos depois, o próprio técnico Feola.³⁵⁸

Esse foi o primeiro “Rolo Compressor” tricolor, visto que, nos anos 40, o mais famoso “Rolo Compressor” da história são-paulina, de Leônidas e companhia, também passaria por cima dos adversários. Mas isso é assunto para daqui a pouco.

Após o inesquecível resultado, jogadores e comissão comemoraram em banquete oferecido pela diretoria. Depois do festejo, a ressaca...

Inexplicavelmente, na rodada seguinte a tão espetacular vitória, veio uma retumbante derrota. *“Depois de obter sobre o Palestra a maior vitória de sua carreira, o São Paulo sofreu o seu maior revés, ontem, contra a Portuguesa de Esportes, que assim venceu pela 1.ª vez o Tricolor no Campeonato Paulista.”*³⁵⁹

O jogo do dia 2 de abril, na Rua da Mooca, terminou 5 a 0 para os lusos. Não houve melhores palavras para desvendar ou justificar tal derrota que as utilizadas por *A Gazeta*³⁵⁹: *“A sorte do futebol é inflexível... Um quadro que teve a ‘chance’ de acertar tudo, de tudo lhe sair bem; outro com a infelicidade de não acertar nada, saindo-lhe tudo mal...”*

O banho de água fria foi cruel por causa, principalmente, da tábua de classificação do campeonato. A derrota são-paulina e a vitória do Corinthians sobre o Ypiranga, por 4 a 1, na mesma tarde, tiraram a liderança isolada da equipe. Antes, o Tricolor ia à dianteira com 13 pontos ganhos e três pontos perdidos. O rival alvinegro possuía 11 pontos ganhos e três pontos perdidos. Com os resultados, passaram a empatar em pontos ganhos, mas os corintianos venceram o “jogo a menos” que tinham por realizar (3 a 1 na Portuguesa, no dia 9 de abril).

357. A Gazeta Esportiva, 27 de março de 1939

358. Arakan: órgão do Grêmio Sampaulino, n.º 1, setembro de 1940

359. A Gazeta, 3 de abril de 1939

Dessa forma, o Corinthians chegou à última rodada com dois pontos de diferença para o São Paulo. E o derradeiro confronto tricolor era justamente contra o time do Parque São Jorge. Para serem campeões, os são-paulinos precisariam vencer esse jogo, forçando a realização de uma partida-desempate, e superar os rivais novamente em tal disputa. Para os adversários levarem o caneco, bastaria o empate.

Antes do prélio final, porém, o São Paulo recebeu o Fluminense, campeão carioca de 1938, para um amistoso no Parque Antarctica, dia 13 de abril de 1939. Para lavar a alma da derrota frente à Lusa, os tricolores deram um baile no time do Rio de Janeiro: 5 a 1 no placar! Com direito a quatro gols do atacante Euclides (e um de Armandinho). Outro carioca já havia caído perante o time, também por goleada em amistoso, naquele ano: o Flamengo, por 4 a 1 na Gávea, em 19 de março. Os são-paulinos iam fazendo jus ao apelido “Rolo Compressor”.

A decisão do Paulistão, dentro das quatro linhas, foi marcada para o dia 23 de abril, domingo. “Quatro linhas”, pois, os dirigentes são-paulinos entraram com recurso junto ao Conselho de Justiça da Liga de Futebol do Estado de São Paulo visando a anular o embate contra a Portuguesa, alegando irregularidade na participação de Ministrinho, ex-jogador do Tricolor naquele campeonato.

A questão é que, na véspera do jogo entre São Paulo e Portuguesa, o Conselho de Fundadores da LFESP decidiu contrariar os estatutos da própria liga, em pleno campeonato corrente, e aceitar a participação de jogadores em times diferentes daqueles do início do certame. O Tricolor e o Corinthians foram votos vencidos nessa resolução.

A medida são-paulina, impetrada no dia 5 de abril, atingia não somente a referida partida, e o atleta Ministrinho (que pelo regulamento original deveria ser considerado inapto), mas também o confronto São Paulo Railway x Palestra Itália, jogo em que o mesmo expediente ocorreu.

Mas, voltemos à conclusão do Paulistão de 1938. No dia do jogo, o São Paulo sagrou-se campeão paulista de segundos quadros, o popular torneio de aspirantes, após derrotar o mesmo Corinthians por 4 a 3 na preliminar da partida principal, com dois gols de Ministro, um de Tino e outro de Pixe. O time secundário tricolor, composto por Caxambu; Bruno e Nelson; Turillo, Horacio e Waldemar Záclis; Ministro, Pixe, Luizinho Malta, Tino e Carmine Novelli, fez uma campanha quase perfeita. Foram nove vitórias em dez partidas disputadas, com um único empate, contra a Portuguesa (1 a 1), além de 38 gols marcados – quase quatro por jogo – e 15 sofridos. Os são-paulinos não comemoravam esse título desde a conquista de 1933.

Ao rolar a bola para a partida de fundo, começou a chover no Parque São Jorge. Os onze tricolores – Pedroza; Agostinho e Iracino; Fiorotti, Damasco e Felipelli; Mendes, Armandinho, Elyseo, Araken Patusca e Paulo – não se acanharam com o aguaceiro que ia se formando e partiram para o ataque.

Aos dois minutos, Damasco encontrou Elyseo, que passou rapidamente a bola para Araken. O atacante serviu a Mendes, mas Tião rebateu em cima do companheiro Carlos, que não dominou. A bola ficou no jeito para Mendes chutar forte e rasteiro. O goleiro Barcheta falhou e a bola passou por debaixo do corpo dele: 1 a 0 São Paulo!

Um início arrasador. “A ‘torcida’ do São Paulo faz... o diabo”, relatou *A Gazeta Esportiva*³⁶⁰, dando a entender, também, que era em número superior a adversária: “*deu a impressão de prevalecer sobre a contrária*”. Mas a festa durou por pouco tempo. Instantes depois, a chuva aumentou, e o público deixou a festa de lado para procurar abrigo. Veio abaixo um verdadeiro temporal, com direito a granizo.

“[...] e o temporal torna-se uma verdadeira tragédia. No gramado joga-se polo aquático... Jogam-se 10 minutos, os jogadores não sabem como se apoderar da bola, como chutar... Passam-se 15 minutos e a situação piora. Fazem pena os jogadores e fazem pena os espectadores!... Aos 20 minutos a ‘cancha’ é um verdadeiro lago”.³⁶⁰

Aos 23 minutos de disputa, o árbitro Thomaz dos Reis Cardoso de Almeida decidiu suspender a partida. Os corintianos deixaram o gramado quase que no mesmo momento, mas os tricolores, sem entenderem o que se passava, permaneceram no campo por mais algum tempo, até também regressarem ao vestiário.

Sem condições de levar a partida a cabo, as autoridades da Liga decidiram recomeçá-la, do mesmo ponto em que fora paralisada, e com o Tricolor vencendo por 1 a 0, dois dias depois, terça-feira, 25 de março.

Os 67 minutos restantes de jogo foram de disputa igual, travada, em que se sobressaíram as defesas. E provavelmente ambas teriam sido totalmente vitoriosas no que propunham – o que marcaria vitória são-paulina –, não fosse a jogada irregular que resultou em gol do Corinthians aos 20 minutos da etapa final.

Lopes cruzou na área, o goleiro tricolor Pedroza saltou para interceptar, acossado por Teleco, e afastou mal a bola, que sobrou para Servílio. O atacante corintiano tentou um “chuveirinho” por cima do arqueiro fora de posição. A bola não ganhou força e pairou no ar, entre o rival Carlito e o volante Fiorotti. O primeiro se antecipou, pulou e **COM A MÃO** mandou a pelota para o gol.

Foi a deixa para a confusão em campo. Oito minutos de paralisação por reclamações de todos os tricolores, de jogadores a dirigentes. Mas o árbitro nada sinalizou em contrário, confirmando o tento. O jogo acabou assim, empatado, e com o São Paulo como vice-campeão paulista de 1938, ainda que sub-júdice.

Categoricamente, toda a imprensa afirmou que o gol adversário fora com a mão, irregular. Alguns, como *A Gazeta*³⁶¹, com alguns eufemismos (“*todos dizem com a ajuda de um truque*”), outros, cravando com total certeza (“*o Corinthians conseguiu empatar mediante um tento irregular de Carlito!*”), mas abrindo espaço para ironia rival, como *O Esporte*³⁶²: “*Foi a mais bela cabeçada da minha vida*”, disse Carlito.”

*O Correio Paulistano*³⁶³ foi mais incisivo: “*O S. Paulo F. C. atravessa um período difícil, perseguido, sempre, pela negligência dos árbitros. O seu jogo de ontem, á tarde, com o Corinthians, deixou patente essa contínua coincidência que o persegue nas suas jornadas mais delicadas e importantes. Victima de um erro do juiz, teve contra si um ponto marcado em completa irregularidade, pois que o jogador que o marcou fel-o alinhando a bola nas rêdes ageitando-a com a mão e de modo tão claro que da bancada da imprensa, a muitos metros da área, vimos perfeitamente a infracção e acompanhamos o rythmo da jogada*”.

360. *A Gazeta Esportiva*, 24 de abril de 1939

361. *A Gazeta*, 26 de abril de 1939

362. *O Esporte*, 26 de abril de 1939

363. *Correio Paulistano*, 26 de abril de 1939



São Paulo e Corinthians protagonistas, ontem, no inédito: a final inacabada...



Waldemar de Brito, convidado presente, declarou a *O Esporte*³⁶⁴: "Foi a maior injustiça de todos os tempos. Nunca, em lugar nenhum, um árbitro honesto poderia validar o gol corinthiano". Os jogadores tricolores também não pouparam o juiz. "Fomos espoliados por um juiz indigno. Quem rouba pão é preso... e, no entanto, esse árbitro nada sofreu", exclamou Araken. "Esse juiz é indigno de apitar um encontro de tamanha importância, pois sua falha não é técnica, por qualquer erro de visão, e sim proposital", desabafou Pedroza, futuro presidente da FPF.

Porphyrio da Paz concluiu: "Lamento profundamente a atuação infeliz do juiz que dirigiu a partida. Quero aconselhar ao referido árbitro que arranje um dicionário e veja o que significam as palavras critério, consciência e respeito."³⁶⁴

Quanto ao recurso impetrado pelo São Paulo no Conselho de Justiça e no Conselho dos Fundadores da LFESP, o pedido foi indeferido no dia 28 de abril de 1939. Ambos os poderes lavaram as mãos; o primeiro dizendo que não era mérito dele julgar a questão, de acordo com os estatutos, e o segundo, que, por não terem chegado a uma decisão unânime, arquivariam a votação e o recurso nos autos do processo como meros protestos.³⁶⁵

Ou seja, diante do exposto, resta inferir que ninguém ousou sequer julgar o caso e arriscar tirar o título do rival...

A temporada de 1939 do futebol paulista começou apenas no segundo semestre daquele ano e perdurou até janeiro do seguinte (1940). Para o campeonato estadual, o Tricolor apresentou novidade no comando técnico: o húngaro Ignác Amsel substituiu Vicente Feola.

Amsel, nascido no dia 17 de janeiro de 1899, em Kispest, então Império Austro-Húngaro, foi goleiro do Ferencváros e da seleção húngara, tendo passado também pelo futebol italiano e uruguaio. Assinou com o Tricolor em 21 de janeiro de 1939, para comandar todas as categorias de futebol do time. O contato para trazê-lo ao Brasil iniciou-se ainda no fim de 1938 (13 de dezembro), quando o técnico assinou procuração a Julio Spatz, chefe de propaganda tricolor de ascendência magiar, para representá-lo no contrato com o clube.

Curiosamente, quando desembarcou no Rio de Janeiro, em 28 de fevereiro de 1939, Amsel, pouco conhecedor da história do "Clube da Fé", achou – ou deu a entender – que treinaria o time do Paulistano, famoso na Europa pela excursão de 1925. A imprensa, que o recebera, não conseguiu perceber esse desconhecimento e publicou nota afirmando que o alvirrubro do Jardim América voltaria ao futebol profissional... o que jamais se sucedeu.³⁶⁶

Talvez quando o São Paulo iniciou conversas com Amsel, a direção são-paulina não estivesse convicta com o trabalho de Feola. No momento em que o húngaro assinou a procuração a Spatz, o Tricolor já embalava uma série de quatro vitórias seguidas no estadual.

Com o time indo bem, e com o treinador europeu só chegando ao Brasil no fim de fevereiro, os cardeais tricolores preferiram manter tudo como estava, ao menos até o encerramento do torneio, cedendo ao treinador um período de aclimação e de trabalhos exclusivos com jovens promessas, como demonstra a nota "Os juvenis do S. Paulo F. C. terão um novo treinador", do jornal *A Gazeta Esportiva* de 6 de março – que ressaltou que as atividades promovidas por ele seriam com atletas maiores de 14 e menores de 16 anos.

364. *O Esporte*, 26 de abril de 1939

365. *Correio Paulistano e Folha da Noite*, 29 de abril de 1939

366. *Correio Paulistano*, 1.º de março de 1939



O técnico vice-campeão paulista Vicente Feola, contudo – e logicamente – não foi dispensado. Apesar da situação para lá de anormal, o comandante seria realocado para um posto administrativo na secretaria da diretoria esportiva³⁶⁷. A campanha do treinador, porém, o levou ao cargo de administrador-geral do clube.³⁶⁸

O segundo treinador húngaro da história do Tricolor – o primeiro, como já exposto aqui, foi Jenő Medgyessy, vulgo “Eugenio Marinetti”, em 1932 – assumiu a chefia técnica do time profissional principal em 24 de maio de 1939, com a volta das atividades do elenco, pouco antes da estreia no Paulista daquela temporada. O primeiro jogo do time sob o comando de Amsel foi positivo, com uma vitória por 4 a 3 sobre o Ypiranga, na Antarctica Paulista, no dia 28.

As partidas seguintes, porém, foram no mínimo desastrosas: o São Paulo acumulou quatro derrotas seguidas (Portuguesa, Juventus, Palestra e Santos). Inclusive, na partida contra o Palestra Itália, em 2 de julho, o torcedor são-paulino Carlos Cozza “faleceu de comoção”.³⁶⁹ Contudo, o time se recuperou contra o Corinthians, no dia 16 de julho, jogando em casa, ao vencer o clássico por 2 a 1, com gols de Euclides e Paulo, pondo fim à invencibilidade rival na competição. Mas, no contexto geral, o desempenho tricolor se manteve irregular: na sequência, venceu dois, empatou um e perdeu três jogos.

A última derrota, contra a Portuguesa, por 1 a 0, na Rua da Mooca, no dia 16 de setembro, pareceu motivar uma reorganização administrativa na comissão tricolor. Muitos questionavam o comando técnico:

*“Desde que se começou a abusar da experiências, principiou a debacle do quadro sampaulino. No tempo em que o treinador Vicente Feola era o único a cuidar da equipe, esta funcionava com mais regularidade e chegou a um passo do título de campeão da cidade. Agora que o bravo tenente Porphyrio da Paz faz parte da direção de futebol, é preciso que se imponha, afim de salvar o S. Paulo de um desastre... Tenham paciência; pelo que vimos observando, a escalação da equipe de futebol do S. Paulo está sendo feita por um esportista que não conhece o futebol. Parece que elle errou a vocação...”*³⁷⁰

A crítica geral reverberou no clube, e Ignác Amsel deixou o posto de treinador do Tricolor.³⁷¹ No dia 22 de setembro, a imprensa já especulava e divulgava que a direção esportiva são-paulina traria para a posição o ex-treinador da Portuguesa Amílcar Barbuy.³⁷² Contudo, Barbuy, por questões particulares, só aceitaria comandar a equipe a partir do fim de outubro. Apesar desse prejuízo, o São Paulo aceitou o termo e conferiu ao novo treinador autonomia total sobre o futebol.³⁷³

Até lá, o diretor esportivo Décio Pedroso, auxiliado por Vicente Feola, escalou e treinou o time são-paulino. E, notem, o futuro presidente são-paulino não foi nada mal nessa função. Em jogos do campeonato, ele acumulou três vitórias em três jogos. E mais: duas das vitórias foram em clássicos: 2 a 1 no Palestra, no Parque Antarctica, no dia 15 de outubro; e 3 a 2 no Santos, na Vila, no dia 22 seguinte.

Com o Tricolor em recuperação, havia chegado a hora de Barbuy assumir o comando técnico do time. Ele realizou o primeiro treinamento à frente do elenco no dia 25 de outubro³⁷⁴, e o primeiro desafio oficial foi quatro dias depois, no retorno do embate contra o Corinthians, em partida que o São Paulo perdeu por 1 a 0, no Parque São Jorge.

Inconstante, o São Paulo ainda venceria três jogos por goleada (a Portuguesa Santista, com um acachapante 8 a 1, o Espanha, por 5 a 0, e o SP Railway, por 4 a 1, todos em casa), para encerrar a competição com uma derrota para o pequeno Comercial paulistano, por 1 a 0, no dia 14 de janeiro de 1940, também na Rua da Mooca. O Tricolor finalizou o Paulista de 1939 com dez vitórias, um empate e nove derrotas, ocupando a quinta colocação.

De modo geral, apesar da volatilidade do último semestre, 1939 foi um ano que marcou um significativo crescimento do clube, como um todo. Dentro de campo, o vice-campeonato paulista de 1938, obtido em abril, foi um justo ponto final na dramática história são-paulina, de jogadores e torcedores, iniciada com a fatídica fusão com o CR Tietê. Fora de campo, significou um sólido assentamento de bases institucionais do clube, a partir da incorporação do Estudante Paulista, na temporada anterior.

O clube crescia – de poucos em poucos passos, mas crescia visivelmente. Em ata de Assembleia Geral de 28 de agosto, ficou registrado que o São Paulo já possuía quase 2.500 sócios, algo extremamente vital naquela época, por ser a fonte de renda mais estável para o caixa do clube. Para comparar, os conselheiros chegam a ressaltar que antes, quando o time dentro das quatro linhas ia até que bem, o máximo que se arrecadava das contribuições sociais eram 12 contos de réis. Já àquela altura, mesmo com o time derrapando, o montante atingia os 16 contos: fruto de organização e trabalho.

A melhoria financeira e o crescimento do quadro associativo motivaram os diretores são-paulinos a dar um novo passo à frente: no dia 19 de setembro, o clube se transferiu e abriu uma nova sede social na Rua Dom José de Barros, 337, 4.º andar. O novo espaço³⁷⁵ destinado aos convivas tricolores era muito mais amplo, ocupando as salas 410 a 419. O local foi inaugurado oficialmente, com festejo, no dia 25 de janeiro de 1940, aniversário do clube.³⁷⁶

Pensando à frente, os cardeais também não esqueceram o desejo de obter ou construir um estádio próprio. O acordo com o Antarctica FC e a Companhia Antarctica Paulista para o uso do campo da Rua da Mooca foi útil, mas sempre foi considerado algo passageiro, em decorrência da necessidade.

Em agosto de 1939, os tricolores, liderados por Porphyrio da Paz, negociavam com o prefeito Prestes Maia a aquisição de um terreno municipal situado entre as ruas França Pinto e Conselheiro Rodrigues Alves, no coração da Vila Mariana e bem próximo ao Instituto Biológico, onde, poucos anos antes, o clube também visara a outra área.³⁷⁷

Essa negociação em nada daria, mas o São Paulo não desistiu do sonho, e o ano de 1940 seria de grande importância para o futuro do clube, nesse aspecto.

367. *Correio Paulistano*, 2 de março de 1939

368. *O Esporte*, 11 de maio de 1939

369. *A Gazeta Esportiva*, 3 de julho de 1939

370. *O Esporte*, 19 de setembro de 1939

371. *O Diário*, de Santos, 28 de setembro de 1939

372. *O Dia e O Esporte*, 22 de setembro de 1939

373. *O Dia*, 23 de setembro de 1939

374. *O Esporte*, 26 de outubro de 1939

375. *Diário de S. Paulo*, 19 de setembro de 1939

376. *O Esporte*, 26 de janeiro de 1940

377. *O Estado de S. Paulo*, 31 de agosto de 1939



O MAIS QUERIDO, A BANDEIRA PAULISTA E O PACAEMBU

A torcida são-paulina crescia, empolgada e esperançosa. Contudo, os jogos do Tricolor no Estádio Antarctica Paulista, embora quase sempre estivessem abarrotados de gente, produziam pouca receita. A capacidade máxima do local era de cerca de 8 mil pessoas e, mesmo naquelas partidas lotadas, com carga total, a renda média era entre 25 e 30 contos de réis. E os gastos com o acordo com a Antarctica, com manutenção, alvarás, impostos, emolumentos e outras despesas em geral, reduziam ainda mais a taxa de lucro do clube.

*“Com a crescente popularidade do clube, o campo em questão começou a se tornar cada vez mais acanhado para os jogos do S. Paulo F. C., e acabou sendo abandonado, isso porque já dava prejuízos financeiros ao clube devido ao fato de produzir pouca renda”.*³⁷⁸

Em março de 1940, veio aquele que poderia ser dito como “golpe de misericórdia” em relação ao campo da Rua da Mooca: o poder público interditou o estádio para a realização de jogos de competição oficial. Era comum haver altercações de torcedores nas arquibancadas apertadas, e o fator segurança certamente foi um dos motivos dessa imposição.

O São Paulo, que pretendia renegociar e renovar o acordo de uso com a Antarctica para manter o campo, ao menos para a rotina de treinamentos (deixando, inclusive, um crédito de 18 contos de réis com a empresa para tal finalidade), achou melhor encerrar de vez a parceria, que, anos antes, fora tão ambicionada.³⁷⁸

Essa decisão, tomada pela nova diretoria (eleita em 15 de fevereiro de 1940), encabeçada pelo presidente Paulo Machado de Carvalho, certamente não seria aprovada da maneira que foi caso o clube não possuísse um plano ou uma opção viável em substituição. Existia, sim. E, curiosamente, o local pleiteado seria batizado, 21 anos depois, com o nome desse dirigente.

Prometido pelo poder público desde a década de 1920, o Estádio Municipal de São Paulo, projetado pela empresa Ramos de Azevedo, Severo e Villares, só começou a tomar forma sobre a região alagadiça do córrego do Pacaembu em janeiro de 1936, com o lançamento da pedra fundamental das obras, sob os cuidados do então prefeito Fábio da Silva Prado e do governador do Estado, o senhor Armando de Sales Oliveira.

Foi quatro anos depois, em 1940, na inauguração do monumental recinto (até então o maior estádio do Brasil), que o Tricolor ganhou uma das alcunhas mais famosas do clube: “O Mais Querido”. A história do nascimento desse apelido é uma prova de adoração e respeito do povo paulista pelo time e pelos símbolos do Estado. É preciso, por causa dessa relação, ir mais a fundo nessa digressão.

Em 1937, especificamente no dia 27 de novembro, o governo de Getúlio Vargas promoveu, na Praça Roosevelt, no Rio de Janeiro (então capital brasileira), a queima de todas as bandeiras estaduais, em um ato extremo de autoritarismo contra o federalismo estadual e outras liberdades constituídas (ele havia derrubado, também, o Congresso e a Constituição).

O uso dos símbolos estaduais estava, então, proibido – era crime!

³⁷⁸. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

IMAGEM: Sede do Tricolor na Rua Dom José de Barros, n° 337



Sem bandeira que o retratasse, o pavilhão tricolor foi utilizado, ao menos uma vez, como a representação do povo paulista. Isso ocorreu no dia 22 de novembro de 1939, quando o interventor federal no Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, foi recepcionado por uma verdadeira multidão na Estação do Norte, no Brás, após retornar da “Conferência dos Interventores”, no Rio de Janeiro.

*“Representações das classes trabalhistas e conservadores, delegações estudantis e de sindicatos classistas, do funcionalismo estadual e municipal, representações de entidades esportivas e sindicais já ali se encontravam, às 17 horas, á espera do Chefe do governo paulista”.*³⁷⁹

Essa união das mais diversas e diferentes vertentes políticas se deu pela defesa dos interesses estaduais no citado encontro nacional, que fora presidido por Getúlio Vargas. Ou seja, era uma manifestação pelo orgulho paulista, ferido desde o Constitucionalismo de 1932.

A bandeira são-paulina, conduzida pelo goleiro Caxambu, desfilou ao lado do lábaro brasileiro, segurado pelo arqueiro King e à frente de faixas com palavras de ordem exibidas por trabalhadores da lavoura e outros dísticos sindicais.³⁸⁰ O povo via, ali, o pavilhão tricolor como um espelho da bandeira das treze listras.

Foi nesse mesmo contexto que, em 27 de abril de 1940, o estádio Estádio Municipal de São Paulo, o Pacaembu, foi inaugurado. Getúlio Vargas, como presidente, foi convidado para os festejos. No decorrer das solenidades de abertura, com um público estimado entre 60 mil e 70 mil pessoas, começou o desfile das delegações esportivas pelo novo estádio.

Esportistas argentinos, uruguaios e peruanos, além de atletas de Curitiba, Portuguesa, Ypiranga, Juventus, Paulistano, Esperia, Corinthians, Germânia e Palestra Itália, entre outros, já haviam completado o trajeto e adentrado o gramado quando a comitiva são-paulina surgiu na pista. A delegação são-paulina era pequena, se comparada às do Germânia e do Tietê (tradicional clubes poliesportivos) ou às de outros grandes clubes de futebol da Capital, mas não fez feio. Ao contrário!

*“Agremiações de toda a espécie tinham comparecido ao batismo da mais bela praça esportiva da América do Sul. A cerimônia prosseguia com imponência, quando desembocou no túnel de entrada, garbosa, luzida, cheia de vida, a turma de futebol do S. Paulo, pequena em número, mas vibrante na impressionante emoção que suas camisetas despertavam. O público, um grito uníssono e cheio de entusiasmo, prorrompeu em estrondosa ovação. De todos os clubes que desfilaram, o S. Paulo foi o mais aplaudido”.*³⁸¹

A visão da revista são-paulina, polida, deixa de lado o contexto do período, que é melhor retratado na passagem seguinte, de Conrado Giacomini:

*“As representações de Corinthians e Palestra Itália foram ovacionadas pelas suas torcidas ao entrarem em campo. Todavia, nada igual à recepção tricolor. O estádio veio abaixo com a entrada da delegação do São Paulo, que, além do nome, trazia na camisa as cores da bandeira paulista. Era uma resposta do público ao presidente Getúlio Vargas, odiado em São Paulo desde a Revolução Constitucionalista de 1932. As manifestações de apoio ao São Paulo vinham de todas as partes, das camadas populares nas arquibancadas aos setores mais nobres do estádio. A multidão em peso se levantou aplaudindo e gritando entusiasmamente: - São Paulo, São Paulo, São Paulo! - apontando para a tribuna de honra, onde estava o presidente Getúlio Vargas”.*³⁸²

379. Correio Paulistano, 23 de novembro de 1939

380. O Esporte, 30 de novembro de 1939

381. O Mais Querido: a revista dos sampaulinos, setembro de 1946

382. Giacomini, 2005

IMAGEM: King, com a bandeira do Brasil e Caxambu, com a do São Paulo





A descrição não foi nem um pouco exagerada. O jornal *Folha da Manhã* do dia seguinte também registrou o fato. “O público esportivo propriamente dito demonstrou quanto é querido o S. Paulo F.C., pois, ainda que apresentasse pequena turma, recebeu calorosas palmas, sendo o nome ovacionado deliberadamente”. O diário *A Gazeta*, corroborando, foi além e estampou “O Clube Mais Querido da Cidade” ao lado da foto da delegação tricolor, com placa e bandeira do São Paulo. O mesmo se deu no *Diário da Noite*, de 30 de abril. O *Esporte* de 8 de maio foi mais categórico:

“Ainda perdura no espírito do público bandeirante as manifestações de que foi alvo o São Paulo F. C. por ocasião dos festejos inauguraes do Estádio Municipal. Constituiu uma verdadeira apoteose o aparecimento da robusta rapaziada tricolor ao lado de tantas outras organizações esportivas que desfilaram naquela tarde, mas não receberam applausos tão eloquentes e tão calorosos como os que foram proporcionados ao “clube mais querido da cidade”. As vibrantes demonstrações de estima e admiração que espontaneamente o povo devotou ao pavilhão das três cores serviram para reafirmar o alto grau de popularidade do São Paulo e a sua grande expressão perante a massa de afeiçãoados do esporte favorito das multidões”.

Esse apelido, justamente, teria sido o comentário de Getúlio Vargas aos seus pares ali presentes, ao constatar a reação da população paulista à comitiva são-paulina, no Pacaembu: “Ao visto, este é o clube mais querido da cidade”. Se Getúlio Vargas se fez de bobo ou não, não é possível saber. Mas é fato que a afirmação se espalhou como fogo em rastro de pólvora.

Quase que imediatamente depois, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) promoveu um concurso público, aberto a todos os torcedores, para saber, afinal, qual era o clube mais querido da cidade.

Os favoritos eram Corinthians e Palestra Itália, clubes mais antigos e com torcidas bem mais numerosas do que a do Tricolor, na época. Porém, o resultado final do referido concurso (finalizado no dia 7 de maio) foi uma surpresa para os incautos!

Em um universo de 11.528 votos, ao São Paulo foram destinadas 5.523 escolhas (47,90% dos participantes). O Tricolor venceu o concurso disparadamente na primeira posição (com um total de votos maior que a somatória obtida pelo segundo e terceiro lugares). A classificação final, segundo *O Esporte* de 8 de maio, foi a seguinte:

- 1.º - São Paulo, 5.523 votos;
- 2.º - Corinthians, 2.671 votos;
- 3.º - Palestra Itália, 2.593 votos;
- 4.º - São Paulo Railway, 203 votos;
- 5.º - Ypiranga, 141 votos;
- 6.º - Portuguesa, 138 votos;
- 7.º - Santos, 87 votos;
- 8.º - Comercial, 65 votos;
- 9.º - Juventus, 60 votos;
- 10.º - Portuguesa Santista, 29 votos;
- 11.º - Espanha, 18 votos.

IMAGEM: Fotografias do desfile da delegação são-paulina no Pacaembu.



Assim foi oficializado. O São Paulo é, desde então, "O Mais Querido" da cidade! Com direito a troféu e tudo mais! Em setembro daquele ano, na *Revista Arakan*, o Grêmio Sampaolino, órgão de apoio do São Paulo, passou a utilizar a frase como epíteto. Em 1941, o Tricolor tornou-se oficial. E esse apodo até hoje figura nos impressos e correspondências oficiais do clube.

Como disse Thomaz Mazzoni, no *Almanaque Esportivo*³⁸³: "*Brasileiro de São Paulo: O São Paulo FC é o teu Clube, pois tem o nome de tua terra e a alma de tua gente*". Hoje, o panorama do Brasil é outro. O São Paulo rompeu fronteiras estaduais, regionais, nacionais e internacionais, não pertencendo mais a um único povo, a um único chão. Ainda assim, teve tradicional berço, ao qual se deve honra.

A bandeira do Estado de São Paulo só voltaria a tremular livremente após o Decreto-Lei n.º 16.349, de 27 de novembro de 1946, com base no parágrafo único do artigo 195 da Constituição Federal promulgada naquele ano, que devolveu às unidades federais o direito de cultivar os próprios símbolos. E mais uma vez o São Paulo Futebol Clube teve participação especial nessa história.

No dia 29 de setembro de 1946, o Tricolor venceu o Corinthians por 2 a 1, no Estádio do Pacaembu, e faturou a Taça dos Invictos, por estabelecer a marca de 23 jogos sem derrota no campeonato estadual. Na comemoração, os jogadores são-paulinos, liderados por Noronha e Remo, correram pelo gramado com a bandeira do Estado de São Paulo em punhos. Foi a volta triunfal dela, depois do triste banimento, antes mesmo da liberação oficial, concedida legalmente pelo mencionado decreto. A cena ficou consagrada em fotografia de *O Esporte* de 2 de outubro.

*Voltas ao nosso reduto
Com sete tarjas de luto
Seis faixas brancas de paz
E teu penacho vermelho:
E S. Paulo dobra o joelho
Ao beijo que tu lhe dás!*

*Vens... Tu foste a condenada
A réproba incinerada
Que de um ímpio autode-fô
Deixa na História um resumo:
Negro carvão, branco fumo,
Vermelha flama de Fé.*

*E agora... Agora de novo
Abençoando este teu povo
Que tanto soube esperar,
Esperança dos paulistas,
Bandeira das treze listas
Desfraldada em cada lar"*

Guilherme de Almeida (poema à bandeira paulista).

383. Mazzoni, 1939

IMAGEM: Recorte com a comemoração são-paulina após vitória sobre o Corinthians, 1946

O SENSACIONAL

um desafio ao S. Paulo para um amistoso com renda ao vencedor

amizade ao tricolor, clube digno da nossa maior admiração, mas não podemos concordar com a arbitragem ultimo" — Falaram ao O ESPORTE os srs. Labib Haddad e Chaphi Bacha, dirigentes do De

be do Parque de 24 horas, Sensação nos Viana em foco.

orario do encontro determinado pelo e se o clube das quiser, poderá o disputado com os Pacaembu aber-ele não concorde

O ESPORTE

ANO IX - N. do dia: Cr.\$ 0,40 - São Paulo, 4.ª-feira, 2 de Outubro de 1946 - No interior: Cr.\$ 0,50 - N.º 1000 - Dir.-red.-chef.: LIDO PICCININI - Tel. Dir., 6-3054 - Adm., 4-0993 - Red., 4-0992 - Ofic., 4-7530 - Dir.-ger.: DENNER ME

(na 2.ª pagina)



*"Voltas ao nosso reduto
Com sete tarjas de luto.
Seis faixas brancas de paz
E teu penacho vermelho:
E S. Paulo dobra o joelho
Ao beijo que tu lhe dás!*

*Vens... Tu foste a conde-
nada.
A réproba incinerada
Que de um ímpio auto-
de-fô
Deixa na História um re-
sumo:
Negro carvão, branco fu-
mo,
Vermelha flama de Fé.*

*E agora... Agora, de novo
Abençoando este teu povo
Que tanto soube esperar,
Esperança dos paulistas,
Bandeira das treze listas
Desfraldada em cada lar"*

LOADA A BANDEIRA PAULISTA! — Agora que o Brasil voltou com a sua carta magna; também S. Paulo viu tremular, novamente, a bandeira das treze listas. Ontem, no Pacaembu, primeiro foi da uniformizada" do Corinthians que apresentou a bandeira da Piratininga e no final do encontro, os tricolores percorreram o gra-

mado, desfraldando a bandeira de S. Paulo num entusiasmo incontido sua "torcida". No flagrante vemos esse momento emocionante, aparecer á esquerda, Noronha e á direita Remo, em primeiro plano. E no peq. quadro, em baixo, sugestivos versos de Guilherme de Almeida, sobre o torno da bandeira de S. Paulo. (Foto GLICERIO)

EITO! A comissão eximiu-se de dar parecer sobre a arbitragem de Etz

licio ontem na F. P. F., dizendo que de maneira nenhuma concordaria em dar o premio ao juiz de domingo — Diante

O primeiro título no Pacaembu

Após ter ganho o apelido de “O Clube Mais Querido” no Pacaembu, o Tricolor iniciou uma relação duradoura com o estádio municipal, que rendeu inúmeros feitos e conquistas de grande importância.

A primeira partida do São Paulo no Municipal foi na inauguração dos refletores do estádio, no dia 11 de maio de 1940, em jogo contra o America, do Rio de Janeiro. Os tricolores começaram perdendo por 2 a 0, chegaram a virar para 3 a 2, mas o resultado final foi 6 a 5 para os cariocas. Apesar do resultado, valeu o “jogão”, que marcou a estreia do técnico Ramón Platero no comando do elenco são-paulino (o ex-treinador Barbuy havia falhado em dar consistência ao time durante os amistosos pré-temporada, acumulando oito vitórias e cinco derrotas).

Essa seria a segunda passagem de Ramón Perdomo Platero pelo Tricolor: a primeira fora no segundo semestre de 1930, praticamente dez anos antes.

Com Platero como treinador, o São Paulo protagonizou um fato digno de nota: foi campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista de 1940. Tudo bem que não era um campeonato de jogos oficiais (mas partidas disputadas em dois tempos de dez minutos), ainda que fosse uma competição regular da Liga de Futebol do Estado de São Paulo e, posteriormente, da Federação Paulista de Futebol. Mas título é título!

O Torneio Início, ainda mais, tem um significado especial para os são-paulinos, pois foi o retorno ao posto de campeão de uma competição de renome (extraoficial, mas relevante no contexto da inauguração do maior estádio do Brasil, à época), feito que não ocorria desde a vitória em 1932 na mesma competição.

Tradicionalmente disputado em um único dia, o torneio foi realizado em 19 de maio de 1940. Àquela temporada, eram 11 times na divisão principal do futebol estadual. Seis equipes competiram previamente por três vagas. Os outros cinco times entraram na competição já na segunda fase (São Paulo, Corinthians, Palestra Itália, Santos e São Paulo Railway).

O Tricolor estreou enfrentando uma “pedreira”: o Palestra Itália. Mas o rival alviverde não foi páreo para os são-paulinos naqueles poucos minutos de jogo: 2 a 0 para o São Paulo, com gols de Teixeira, no primeiro tempo, e Carmine Novelli, no segundo. Corinthians, Portuguesa Santista e São Paulo Railway (que eliminou o Santos por quatro escanteios a zero), também alcançaram as semifinais.

Nessa fase, o São Paulo encontrou o adversário que lhe impôs mais dificuldade em todo o curto torneio: o São Paulo Railway. E, por apenas um gol marcado por Armandinho, o Tricolor venceu a disputa e passou à final, batendo de frente com outro arquirrival, o Corinthians.

O adversário havia vencido os três últimos campeonatos estaduais e era franco favorito. O São Paulo alinhou-se na contenda com uma equipe mista, pois o time passava por dificuldades para formar o elenco principal da temporada. Com esses rótulos, os oponentes partiram ao ataque, mas não conseguiram romper a barreira capitaneada pelo goleiro King, que se destacou com grandes defesas.

Com pouco tempo para disputarem, foi a vez de o Tricolor controlar o jogo e, na primeira descida, Luizinho II cruzou para Armandinho, que, mesmo bem marcado, disparou um forte chute e abriu o placar para o São Paulo: 1 a 0.

Enquanto King e a defesa impediam o sucesso de quaisquer corintianos, os avantes são-paulinos continuavam a incomodar os adversários. No segundo tempo, Mendes foi lançado por Armandinho, livrou-se do zagueiro e bateu para o gol. O arqueiro rival defendeu, mas, no rebote, Joffre só tocou para as redes e ampliou: 2 a 0 para o Tricolor. Não houve tempo para mais nada.

*“Os sampaulinos abraçam-se no campo, enquanto nas archibancadas é indescritível o entusiasmo da torcida tricolor, pelo feito brilhante da turma de reservas, sagrando-se campeão do Torneio abertura das actividades oficiais do futebol paulista”.*³⁸⁴ *O Esporte*³⁸⁵ concluiu: *“O título que consagrou um quadro e foi um justo prêmio para uma grande e vibrante torcida... – os afeiçãoados do ‘Tricolor’ surgem como prototipos de ‘fans’ ardorosos, dedicados e constantes”.*

O Torneio Início do Campeonato Paulista de 1940:

1.ª fase

Comercial 1 x 0 Ypiranga

Juventus 1 x 1 Espanha (3x2 escanteios)

Portuguesa 1 x 2 Portuguesa Santista

2.ª fase

São Paulo Railway 0 x 0 Santos (4x0 escanteios)

São Paulo 2 x 0 Palestra Itália

Corinthians 2 x 1 Comercial

Juventus 0 x 1 Portuguesa Santista

Semifinais

São Paulo 1 x 0 São Paulo Railway

Corinthians WO x Portuguesa Santista

Final

São Paulo 2 x 0 Corinthians

19.05.1940. Torneio Início do Campeonato Paulista 1940 - Final

São Paulo (SP) Estádio Municipal de São Paulo - Pacaembu

SÃO PAULO Futebol Clube 2 X 0 Sport Club CORINTHIANS Paulista

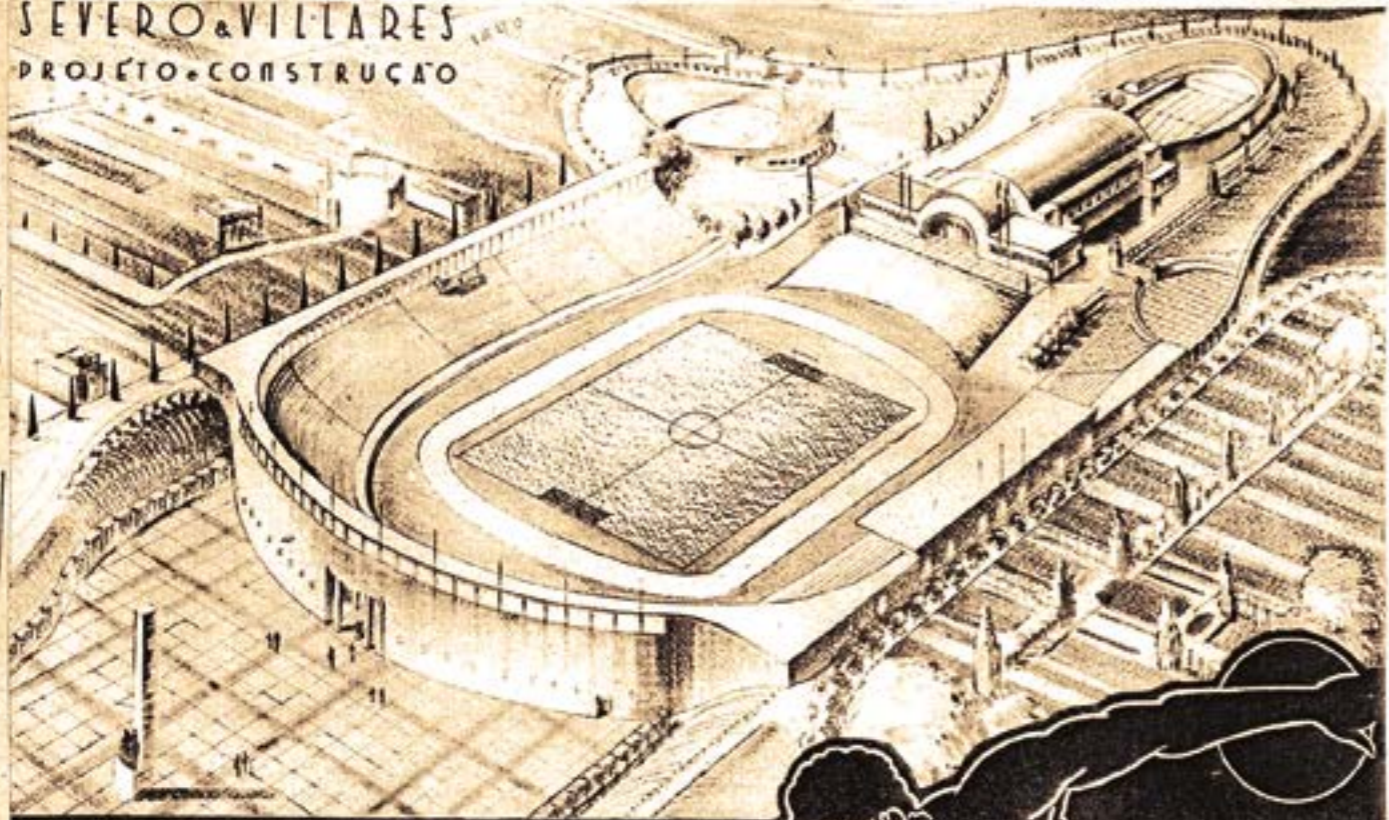
SPFC: King; Cioffi e Herculano Squarza; Turillo, Válter e Waldemar Zaclis; Mendes, Joffre, Luizinho II, Teixeira e Carmine Novelli. Técnico: Ramón Platero

Gols: Armandinho; Joffre

Árbitro: Arthur Cidrin

³⁸⁴. *O Estado de S. Paulo*, 21 de maio de 1940

³⁸⁵. *O Esporte*, 21 de maio de 1940



ESTADIO MUNICIPAL

O dr. Fabio Prado, em determinando a execução do ESTADIO MUNICIPAL, vem colocar mais uma estrela na constelação de benefícios que a população paulistana vem usufruindo, graças aos predicados de honradez e austeridade, que caracterizam a gestão de s. excia.

Não se assim mais um grande passo para dotar São Paulo de uma obra pública, que desde muito tempo e seu progresso em educação physical clamorosamente exige.

Enquadrado nas exigencias do mais moderno conceito de utilidade, o estadio de São Paulo não é construido apenas para servir de theatro as nr Evre, destinado ás maiores competições das varios esportes que se cultivam entre nós e sim terá a par desta importantissima função, a não menos significativa finalidade de servir de verdadeiro laboratorio permanente para estudos e pesquisas de educação physical. Será, realmente, uma obra publica de utilidade diaria, o que aliás facilmente se comprehende, considerando mas seis partes principaes, que se differenciam pelos seus fins e pela typa de sua construção, a saber:

1) — O Estadio propriamente dito, que consta de grande arena, com as suas pias para jogos esportivos e athleticos e respectivos campeonatos, podendo ser utilizado com grande proveito para paradas civicas ou militares, bem como outras grandes solemnidades ao ar livre;

2) — Palco para grandes concertos symphonicos ou vocaes, com hemicyclo destinado á orquestra, apropriado tambem para outras especies de espectaculos e cerimoniaes officiaes;

3) — Gymnasio com arena sufficientemente ampla para provas de gymnastica, jogos de hockey, patinação, bola ao cesto, tennis, voleibol e outros exercicios esportivos;

4) — Piscina com as dimensões officiaes para exercicios, jogos e campeonatos de natação, assim como outras provas aquaticas;

5) Campo de tennis de conformidade com as prescripções officiaes, em relação ás dimensões e orientação destes campos de esporte;

6) — "Play-ground" com toda a apparellagem necessaria para a gymnastica de jardins e os divertimentos para crianças;

De accordo com o que estabelece o edital de concorrência, as obras de construção devem ser entregues, completamente prontas, dentro de 24 mezes.



O meu, o seu, o nosso Pacaaaaaembu?

Não bastasse tamanha identificação histórica por feitos e conquistas, a ligação do São Paulo com o estádio que desde 1961 leva o nome de um de seus ex-presidentes também foi, por assim dizer, mais oficial. Em maio de 1940, o Tricolor esteve em negociações para arrendar o Municipal.

"Pacaembu, Campo oficial do São Paulo F.C.

"Pleiteada uma licença especial junto à Prefeitura do Estado - Sensacionais declarações do Sr. Armando Gomes, tesoureiro do gremio bandeirante, à reportagem de A NOITE - O Palestra fará oposição - Uma reunião agitada no conselho de Fundadores da L.F.E.S.P.

"S. Paulo, 24 (Da Sucursal de A NOITE, pelo telefone) - O tesoureiro geral do São Paulo F. C., Sr. Armando Gomes, ouvido pela reportagem de A NOITE, adiantou uma notícia de sensação.

"Disse o dirigente do tricolor bandeirante que o São Paulo havia obtido da Prefeitura do Estado uma licença para a cessão do Estádio Municipal do Pacaembu, mediante o pagamento da taxa de 10% sobre a renda bruta apurada. Terá o São Paulo, em caráter permanente a posse da majestosa praça de sports, onde passarão a se realizar as atividades de seus diversos departamentos.

"Convocados o Conselho de Fundadores da Liga Paulista

"O São Paulo, providenciando sobre o palpitante assunto, requereu á Liga de São Paulo a convocação do Conselho de Fundadores. Será pleiteada então pelo grêmio tricolor a oficialização do campo do Pacaembu para local dos seus encontros, em obediência ao que dispõem os regulamentos da entidade.

"Oposição do Palestra?"

"Consta que surgirá do Palestra uma forte oposição aos desejos do São Paulo. Adianta-se que o grêmio palestrino tentará frustrar os planos dos tricolores na reunião do Conselho de Fundadores.

"Afirmou-nos ainda o diretor do São Paulo que o seu club cederá o estádio aos clubs para pelepas amistosas, segundo uma taxa fixa estabelecida".³⁸⁶

Aqui, vemos que o São Paulo já havia obtido os certificados necessários junto à Prefeitura. Faltava, somente, oficializar o uso do estádio como campo oficial do Tricolor em jogos do campeonato, por causa de cláusulas estatutárias da LFESP.

Interessante notar a "peculiar" recusa do Palmeiras, então Palestra Itália, em aceitar que os jogos do São Paulo pelo campeonato fossem realizados no Pacaembu (ainda mais se pensarmos na boataria que surgiria, anos depois, referente a estádio!).

A citada reunião do Conselho de Fundadores da Liga de Futebol do Estado de São Paulo homologou a preferência são-paulina no uso do estádio, mas impôs algumas restrições e procedimentos:

386. A Noite, 24 de maio de 1940

IMAGEM: Propaganda do projeto de construção do Estádio do Pacaembu



"O S. Paulo F. C. está comendo de colher... Pacaembu, campo oficial do Tricolor Paulista

"S. Paulo, 29 (Do correspondente) - A reunião do Conselho de Fundadores da Liga de Football convocada exclusivamente para ser debatida a questão da realização de jogos de campeonato no Estádio Municipal de Pacaembu, que o São Paulo F. C. pretendia utilizar e que, nesse caso, conforme os estatutos em vigor, não poderia ser usada por outros clubes para jogos oficiais.

"Estiveram presentes representantes de todos os clubes, exceto da Portuguesa Santista, sendo os trabalhos dirigidos pelo sr. Francisco Pati, presidente da entidade da rua Xavier de Toledo.

"Todos os clubes podem jogar no Estádio. Exposta a questão, os representantes dos fundadores procuraram examiná-la em face dos estatutos, que estabelecem, em seu artigo 100, que dois ou mais clubes não poderão mandar jogos num mesmo campo.

"Após vários debates, ficou resolvido que todos os clubes poderão "mandar" jogos no Pacaembu, sendo aprovada então uma proposta do São Paulo F. Club, pleiteando a realização dos seus jogos no Estádio Municipal. A segunda parte da proposta estabelece que os demais clubes também poderão se utilizar do Estádio, desde que o S. Paulo não mande jogo na data pretendida e que haja acordo recíproco entre os adversários.

"Quer dizer, assim, que o estádio figura na liga como campo oficial do São Paulo para os seus jogos no campeonato, nas datas em que o Tricolor deva jogar em seu campo. Fora dessas datas, o estádio é livre, podendo cada clube utilizá-lo para jogos de campeonato desde, naturalmente, que faça um acordo com a Prefeitura e com seu adversário".³⁸⁷

Os adversários foram bem-sucedidos em vetar a ideia original do São Paulo. O clube queria se valer do artigo 100 do estatuto da Liga, que impedia que um time adotasse como "casa" um campo já indicado por outra agremiação para uso no campeonato estadual.

O Tricolor, que havia saído à frente em negociações com a Prefeitura para o uso preferencial (de modo geral) e exclusivo (em campeonatos) do Estádio Municipal, viu a reunião convocada pela Liga derrubar esse artigo 100, rasgar o estatuto e impedir a exclusividade de uso em jogos de campeonato. Todavia, os termos para uso preferencial já acordados entre São Paulo e Prefeitura permaneceram e em nada foram alterados por essa decisão.

O arrendamento, nos termos que se conhece hoje, não ocorreu. Mas, definitivamente e de modo oficial, o Pacaembu foi a casa do São Paulo Futebol Clube, nos anos 1940. Tanto que o último jogo do Tricolor no Estádio Antártica Paulista, na Rua da Mooca, foi justamente em maio de 1940. No dia 26 desse mês, os são-paulinos venceram o Juventus por 3 a 1, em rodada do campeonato estadual, com dois gols de Paulo e um de Remo, e se despediram do acanhado, mas aprazível recanto.

Hoje, na altura do número 1336 da Rua da Mooca, existe apenas um estacionamento, também pequeno, discreto, e que nada revela da imensa história que carrega.

387. Meio Dia, 29 de maio de 1940

Sofrer para se estabelecer

Para o Tricolor, o biênio 1940/41 foi repleto de desafios técnicos e administrativos – verdadeiras provas para atestar o estabelecimento do clube em terra firme. Logo de início, uma dança das cadeiras na diretoria executiva do clube: em 21 de janeiro de 1940, o médico Piragibe Nogueira havia sido reeleito presidente, com mandato até 31 de dezembro de 1941; contudo, no dia seguinte (sim, isso mesmo!) foi aprovada uma reforma dos estatutos que forçou a convocação de novas eleições para o quadro diretivo.

Aproveitando o fato para reassumir compromissos particulares e profissionais, Piragibe renunciou à posição no dia 10 de fevereiro.³⁸⁸ Cinco dias depois, nova eleição no Conselho escolheu Paulo Machado de Carvalho como presidente da diretoria.

Paulo Machado, que fora figura central em todo o desenlace da história são-paulina no imbróglio com o CR Tietê, em 1935, retornou ao Tricolor após a fusão com o Estudante,³⁸⁹ e já em janeiro de 1940 era eleito conselheiro, assumindo, também, o secretariado geral da diretoria ao fim daquele mês. Em ascensão meteórica, no dia 15 de fevereiro, assumiu a referida presidência.

O presidente são-paulino era um empresário bem-sucedido, dono da Rádio Sociedade Record (ele só iria adquirir a Rádio Pan-Americana em 1944, criando o Grupo das Emissoras Unidas), fato que certamente influenciou na aceitação dos convivas e na trajetória de Paulo Machado nos ambientes internos do clube. O dirigente chegou até a bancar com recursos do próprio bolso campanhas sociais e motivou outros a fazer o mesmo:

"Diversas foram as tarefas de boa vontade para com o Clube, distinguindo dentre elas a Campanha de Cooperação cuja arrecadação atingiu a importância de 16:320\$900, pequenas, mas valiosas doações, representadas por despesas feitas com o Clube, dentre elas as dos srs. Thomaz Mauri, Dr. Paulo Machado de Carvalho e Adelino Alves.

"Também não podemos deixar de mencionar o empréstimo feito pelos Srs. Conselheiros, na memorável reunião de 30 de janeiro de 1940, nas vésperas de contratar dois dos nossos profissionais, cuja importância arrecadada atingiu a 36:500\$000, demonstrando isso o grande apoio do Conselho para o engrandecimento do nosso Clube".³⁹⁰

Foi nessa referida reunião, de 30 de janeiro, que Paulo Machado tornou-se secretário geral do clube. Com o montante arrecadado nessa campanha, o São Paulo contratou os atacantes Remo Januzzi, por 20 contos, e Luiz Bazzoni, por 15 contos, ambos do Santos.³⁹¹ Contratações, por sinal, foram a toada da administração do Dr. Paulo (embora Remo e Bazzoni devam ser atribuídos, ainda, a Piragibe). Com Paulo Machado, chegariam, depois, Hemédio, do Coritiba; Squarza, do Ferro Carril da Argentina; Jofre, do Juventus; Lola, do Atlético Mineiro; e Juarez, também do Santos.

Mas a principal aquisição da temporada foi mesmo a do craque Remo. O meia-esquerda seria um dos alicerces do Tricolor na década, vindo a se sagrar pentacampeão paulista (1943, 1945, 1946, 1948 e 1949). Ao todo, o jogador completaria 348 partidas pelo São Paulo, marcando 107 gols. Remo, aliás, se tornaria, entre 1948 e 1950, o líder do ranking de jogos disputados com a camisa são-paulina em toda a história tricolor.

388. Correio Paulistano, 14 de fevereiro de 1940

389. Cardoso & Rockmann, 2005

390. Arakan: a revista dos sampaulinos, 1942

391. A Tribuna, 29 de janeiro de 1940

O time, então, possuía bons nomes na linha ofensiva (Remo, Hemédio, Bazzoni...), assim como detinha, talvez, o melhor trio de goleiros da história do Tricolor (King, Caxambu e Pedroza). Em compensação, o São Paulo sofria nas demais posições, não exatamente por falta de qualidade (todos eram “consagrados”), mas por questões de idade dos principais valores, de uma geração já envelhecida. Iracino, Lysandro, Orozimbo, Armandinho, Mendes e Fiorotti, apesar de excelente técnica, tinham passado do auge como atletas.

E, assim, os problemas médicos e físicos se acumularam, impedindo o uso de uma formação ideal na sequência de jogos. Desconsiderando as trocas sob o arco do gol, Platero só conseguiu repetir a formação inicial, de uma partida de campeonato para outra, uma única vez (e perdeu os dois jogos: 1 a 0 para a Portuguesa Santista, em Santos, e 4 a 1 para o Palestra Itália, no Pacaembu, já perto do fim do Estadual).

Terminado o campeonato, o São Paulo ocupou a sexta colocação, com uma campanha de nove vitórias, um empate e dez derrotas, com 42 gols marcados e 41 sofridos. Essa classificação não foi de se espantar, embora fosse de se lamentar. Por muito tempo (exatamente até 1960, quando o Tricolor acabaria em oitavo lugar), essa foi a pior colocação do Tricolor no Paulistão, com exceção dos anos de reconstrução (1936 e 1937).

Foi nesse contexto que, no dia 10 de julho, o São Paulo sofreu a pior goleada da história do clube até hoje: 8 a 1 para o Botafogo, no Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, pelo inconcluso Torneio Rio-São Paulo de 1940.

Para complicar ainda mais o cenário, Paulo Machado de Carvalho, tal qual como assumiu, se despediu da presidência: repentinamente! Pediu demissão do posto de presidente do Tricolor no dia 4 de novembro. Motivo? Cansou-se de ficar trancado em escritórios cuidando de tratos burocráticos. Preferia estar junto ao calor da torcida e dos jogadores, na beira do campo.³⁹²

Mesmo demissionário, Paulo foi condecorado com o título de sócio benemérito uma semana depois. Ubiratan Pamplona assumiu o posto interinamente até ser realizada a eleição de 11 de novembro de 1940, que escolheu João Thomaz Monteiro da Silva como o novo líder da diretoria são-paulina.

Infelizmente, a presidência de Thomaz Monteiro foi a segunda mais curta da existência são-paulina (a primeira mais breve, de Cid de Mattos Vianna, durou sete dias, em 1938). No dia 20 de novembro, nove dias depois do pleito, o presidente eleito faleceu devido a um mal súbito.

Após o período oficial de luto, os tricolores, chefiados provisoriamente pelo secretário geral do clube, dr. Carlos Monteiro Brisolla, pois o vice-presidente, Ubiratan Pamplona, estava ausente por motivos particulares, realizaram novo conclave no dia 29 de novembro, elegendo o antigo diretor esportivo, Décio Pacheco Pedroso, presidente do São Paulo.

Recapitulando. Em 1940, o Tricolor teve quatro presidentes: Piragibe Nogueira, Paulo Machado de Carvalho, João Thomaz Monteiro da Silva e Décio Pacheco Pedroso, além dos dois dirigentes interinos, Ubiratan Pamplona e Carlos Monteiro Brisolla.

Décio Pedroso, porém, conseguiu se consolidar no posto e estabilizar a administração do clube. O presidente foi o principal idealizador do São Paulo como uma agremiação poliesportiva – e, nem por isso, o futebol esteve em segundo plano. Na verdade, com Décio na presidência, o Tricolor se transformou em um clube grande no futebol, no atletismo, no boxe e em outros esportes, como os próximos capítulos deixarão claro.

Mas tudo começou com “pés no chão”. Tudo o que os são-paulinos queriam em 1941 era esquecer 1940. Já não bastava contar apenas com o bem-sucedido grupo da incorporação do Estudante Paulista. A renovação do elenco que começou a surgir com as chegadas de Remo, Bazzoni e outros valores foi acentuada com a abertura de espaço para jovens promessas das categorias de base, como Teixeira e Carmine Novelli.

Elísio dos Santos Teixeira, o Teixeira, chegou ao clube vindo do SC Libanez, fruto do processo de seleção e formação de atletas instaurado por Ignác Amsel, em 1938/39. Como Remo, ele faturaria todos os títulos são-paulinos na década de 1940, com um bônus: também venceria o Paulistão de 1953. Até hoje, Teixeira é o único são-paulino seis vezes campeão estadual.

Ao todo, o ponta fez 525 jogos com a camisa são-paulina, marcando 188 gols. Tornar-se-ia, assim, o recordista de jogos pelo time em todos os tempos entre os anos de 1951 e 1964, até ser superado por De Sordi, e o maior goleador da história do clube entre 1953 e 1960, quando Gino Orlando o ultrapassou. Hoje, ocupa a quinta posição na relação de mais jogos disputados e, em termos de artilharia, é o quarto colocado, somente atrás de Luis Fabiano (212), Gino Orlando (233) e Serginho Chulapa (242).

A temporada de 1941 começou promissora. O técnico Ramón Platero deixou o clube para assumir o posto na Seleção Brasileira Universitária, que disputaria um campeonato sul-americano. Para o lugar do uruguaio, o Tricolor trouxe de volta o ilustre Vicente Feola, no dia 16 de janeiro.³⁹³

Sob o comando do técnico vice-campeão paulista de 1938, o Tricolor começou as atividades do ano realizando um feito inédito: a conquista do primeiro troféu internacional da história do clube. No dia 2 de fevereiro, no Pacaembu, o São Paulo goleou o Gimnasia y Esgrima, de La Plata, Argentina, por 5 a 2 e ergueu a Taça Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Os autores dos gols do título foram todos da nova safra ofensiva mencionada: Remo, Bazzoni, Teixeira, Hemédio e Carmine Novelli.

No jogo seguinte, outro pequeno caneco levantado, após vitória sobre o Ypiranga por 3 a 1, também no Pacaembu, no dia 19 daquele mês: a Taça Círculo Operário do Ipiranga. Pode parecer pouca coisa, mas as vitórias, o bom desempenho e o reconhecimento externo (em março, a equipe são-paulina foi convidada para inaugurar o estádio do Cruzeiro de Porto Alegre) iam fortalecendo a esperança no espírito são-paulino.

As primeiras partidas do time pelo Paulistão provaram que tal sentimento não foi à toa. Nos primeiros seis confrontos, cinco vitórias! Na estreia, uma bela goleada sobre o SP Railway, por 6 a 3, no dia 9 de março. Depois, no dia 23, 1 a 0 sobre a Portuguesa. A única derrota da série se deu no Parque São Jorge, contra o Corinthians, por 2 a 1, na terceira rodada, em 6 de abril.

392. *Cardoso & Rockmann, 2005*

393. *Folha da Noite, 17 de janeiro de 1941*

“São Paulo F. C., o clube que precisa vencer um campeonato

“O São Paulo Futebol Clube é um caso único na história do futebol. A afirmativa pode parecer ousada, mas não temos dúvidas em formulá-la. Não conhecemos outro caso como o do Tricolor Paulistano, ou melhor, como o do público que apoia e acompanha esse clube.

“A ‘torcida’ do São Paulo é a melhor, a mais notável e extraordinária que conhecemos. Não acreditamos que exista outra tão entusiasta, tão valorosa, tão fiel, tão conformada. Dá tudo ao ‘seu’ São Paulo F. C. e recebe muito pouco, quase nada. Acompanha o clube em todos os seus compromissos, sofre com os seus reveses, briga, exalta-se. As outras ‘torcidas’ também são assim, mas essas têm a compensação de grandes vitórias e de campeonatos ganhos, mas o São Paulo ainda não pôde dar ao seu público a imensa satisfação de um título de campeão. Todos os anos a ‘torcida’ tricolor espera que o seu clube ganhe o campeonato, mas até hoje essa conquista não foi possível. Contenta-se então com colocações mais modestas, mas não se revolta, não protesta, espera sempre. Os seus jogadores, mesmo os mais modestos, os de menores recursos técnicos, são apoiados e aplaudidos. Os mais fracos jogadores do São Paulo, para os seus partidários, são superiores a todos os ‘ases’ dos outros clubes.

“Para que se dê o justo valor à ‘torcida’ tricolor é preciso que se diga o que é o São Paulo F. C. Esse clube não possui campo próprio, não podendo, portanto, dar facilidades aos seus sócios, que não dispõem de um local para a sua recreação, de uma praça esportiva onde praticar outros esportes. A própria sede do clube é acanhada para o grande número de associados que possui. O São Paulo não oferece assim quase nada aos seus partidários. Os que o querem gostam do clube apenas por gostar, sem exigir, sem esperar qualquer retribuição. São tricolores porque o querem ser, por convicção, por entusiasmo, pela atração poderosa do nome do clube.

“O São Paulo só oferece aos seus associados e admiradores os seus jogos. E todos os domingos lá está a sua fiel ‘torcida’, gritando e vivendo os seus favoritos. Antes do início das partidas, em coro chama pelo nome cada um dos jogadores que vão defender a camiseta das três cores, aplaudindo com calor todos os componentes da equipe. Durante o jogo os ‘torcedores’ do São Paulo são os mais entusiastas, os mais barulhentos, os que mais se fazem notar. O ‘placar’ não exerce a menor influência sobre o ânimo dessa gente. O quadro é aplaudido sempre, esteja ganhando ou perdendo. Se a vitória sorri ao São Paulo a sua ‘torcida’ torna-se impossível, desorienta os rivais, sufoca com os seus gritos e aplausos o público do adversário. E quando as coisas não correm bem, não se diminui, não deixa de aproveitar todas as oportunidades para animar os seus favoritos, não rasga as suas carteiras. O ‘fan’ tricolor sente a derrota, sentirá talvez mais do que todos, pois é mais vibrante e entusiasta do que todos, mas não se envergonha do seu clube. Atribui a derrota ao juiz, à violência dos contrários, à ‘chance’, porquê o seu quadro, mesmo batido, continua a ser o melhor do mundo.

“Uma ‘torcida’ como essa é realmente admirável. Apesar dos seus excessos é digna de consideração e de simpatia, pela sua fé inabalável no clube que escolheu para o seu favoritismo. Durante muito tempo o São Paulo foi conhecido como o ‘Clube da fé’. Na verdade, não possuía muito mais do que isso, mas essa fé sustentou o clube nos momentos mais difíceis, deu-lhe forças para resistir, anima esses partidários vibrantes e apaixonados.

“Os ‘fans’ do São Paulo esperam sempre que o seu clube lhes dê a suprema ventura de conquistar o campeonato paulista. Em 1931, o São Paulo F. C. ganhou o título, mas os afeiçoados de hoje consideram tão pouco essa conquista como se fora do Corinthians ou do Palestra. O campeão de 31 foi o outro São Paulo, o São Paulo nobre e fidalgo da Floresta, que nada tem que ver com o São Paulo popular de hoje, com o São Paulo que nada possui, a não ser essa ‘torcida’

extraordinária. O público tricolor que dá quase sempre as maiores rendas do campeonato paulista, mesmo não intervindo o São Paulo na luta direta pela posse do título, merece essa satisfação que espera há tanto tempo. O São Paulo F. C., mais do que qualquer outro clube, precisa ganhar um campeonato, tem necessidade de conquistar um título. No dia em que o São Paulo for campeão!... Hoje, com uma equipe que nem sempre corresponde ao que dela se espera, sem campo, com uma sede modesta, o São Paulo é uma potência. Nenhum clube precisa, como o São Paulo, de um título de campeão. Os outros querem ser campeões para satisfazer a sua ‘torcida’, poderemos dizer que querem o título por vaidade, mas o São Paulo precisa do campeonato por uma necessidade premente, para poder subsistir, pois a sua situação não poderá continuar assim indefinidamente. Um dia esse seu público poderá ficar cansado, aborrecer-se de não ter campo, de só possuir uma sede pequena, de não poder dizer que o seu clube é campeão. O título, para o São Paulo, adquire assim uma importância extraordinária, muito maior do que representa para os demais.

“No dia em que o São Paulo for campeão!... Nesse dia o Tricolor terá se transformado, real e efetivamente, na maior força do futebol de São Paulo. Nesse dia o clube das três cores terá um estádio grandioso, digno do seu nome e da sua popularidade, terá uma sede ampla e confortável, terá tudo aquilo com que sonha agora a sua ‘torcida’.

“O Tricolor pouco a pouco se encaminha para essa meta. Os resultados dos seus esforços aparecem cada vez mais evidentes. O quadro sabe que precisa ser campeão, para que a sua “torcida” não venha a desanimar. Se isso chegar a suceder, o São Paulo não morrerá, mas passará a ser um desses clubes que disputam os campeonatos por disputar, sabendo de antemão que lhes está vedado o acesso ao título e às principais colocações. No ano passado o Tricolor se colocou em sexto lugar. No atual certamente, na pior das hipóteses, será o terceiro colocado. O seu grande sonho não se realizará em 1941, mas poderá ser realidade em 1942... Será esse o ano do São Paulo F. C.?... Deveria ser, para bem do futebol bandeirante e para satisfação dessa ‘torcida’ que é a mais barulhenta, a mais entusiasta, a mais violenta, a mais irritante de todas, mas que, mesmo assim, é a mais admirável. Os jogadores do São Paulo, embora profissionais, são homens, têm alma e sentimento. E quanto não dariam eles para levantar o campeonato! Não por eles, embora o título lhes significasse muito, mas pelo seu público, pela ‘torcida’”.

Batalhando por esse desejo, os tricolores – de torcedores a sócios, dirigentes e conselheiros – se empenhavam, dia após dia, pela melhoria do clube, por meio de campanhas de arrecadação de dinheiro, de aumento do quadro social, de produção de periódicos como forma de propaganda e até mesmo com a criação da primeira torcida uniformizada do Brasil.

São exemplos desses fatos a “Campanha de Contribuição”, de 1940; a Revista *Arakan* (adotada pelo clube em 1940, mas que nasceu pela mão de torcedores em 1939); e o Grêmio Tricolor, de longa, antiga e já explicada relação com o São Paulo, que foi reorganizado como Grêmio Sampaulino e depois adotou o nome Torcida Uniformizada do São Paulo. Chefiado por Manoel Raymundo Paes de Almeida, com o apoio de Porphyrio da Paz, o grupo passou a organizar mosaicos e cânticos de torcida no extinto campo da Rua da Mooca e no Pacaembu.

Aliás, um dos mais antigos registros do Grêmio Sampaulino, enquanto torcida – e não um subgrupo social – é encontrado no jornal *O Esporte* de 13 de dezembro de 1939, quando foi publicado o seguinte pedido para ser posto em prática na decisão do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1939, contra o time do Distrito Federal (Rio de Janeiro):



SÃO PAULO F. C., uma afirmação do foc-ball bandeirante

O São Paulo F. C. além de ser uma das mais importantes agremiações do grande estado bandeirante, desfruta de invejável popularidade, comportando uma das maiores torcidas do Brasil. Na presente temporada o São Paulo F. C. vem se impondo, constituindo juntamente com o Palestra Itália uma das ameaças às pretensões do Corinthians, leader invicto da tabela. A grava fixa da esquerda para a direita, de pé: Squarza, Annibal, King, Fiorotti, Walter e Lóla. Ajoelhados: Mendes, Teixeira, Eugenio Chemp, Remo e Paulo.



Herculano Squarza, Annibal, King, Fiorotti, Válter, e Lola;
Mendes, Teixeira, Eugenio Chemp, Remo e Paulo.



"O Gremio Sampaolino convida as torcidas..."

"Por nosso intermédio o Gremio Sampaolino do S. Paulo F. C., convida os torcedores dos onze clubes componentes da divisão principal da L. F. E. S. P., a ensaiarem o formidável grito de guerra:

"XIZ CATAPUM - XIZ CATAPUM - XIZ CATAPUM
CATAPUM XIZ PAH - XIZ... XIZ... XIZ.. - XIZ BUM BAH
PAULISTAS! PAULISTAS! PAULISTAS!"

"Para isso, o 'Gremio' mandará imprimir alguns milhares de exemplares e distribuirá no campo aos 'hinchas' bandeirantes. Ficaremos localizados atrás dos goals e no centro da geral. A postos, pois, torcedores PAULISTAS!"

Bom, logo se vê que tudo isso ainda era novidade para a época, e que estavam no início da "coisa", mas melhoraram, acreditem, principalmente no que tange à confecção de mosaicos. A primeira grande elaboração de apetrechos do tipo de que se tem registro foi no jogo de 30 de agosto de 1942, em que o Tricolor venceu o Corinthians por 4 a 2, no Pacaembu. Ainda tímidos, os integrantes do Grêmio Sampaolino (todos sempre trajados de branco e com um grande escudo do Tricolor ao peito) levaram ao Municipal um grande "V" da vitória e letras que formavam a palavra "Brasil" - era uma mensagem de apoio aos Aliados, na Segunda Guerra Mundial.

A causa nacional sempre foi algo de grande apelo para o grupo, principalmente naquele contexto em que, pouco tempo antes, embarcações nacionais foram afundadas e compatriotas foram mortos por submarinos alemães (quando o país ainda era neutro no conflito). Na realidade, esse primeiro mosaico foi exposto oito dias depois da declaração de estado de beligerância ao Eixo nazifascista.

No dia 20 de setembro, no clássico contra o Palmeiras, o Grêmio Sampaolino novamente levou cartazes de apoio à mobilização nacional contra a ameaça ítalo-alemã. Mas foi no primeiro turno do Paulista de 1943 (no dia 13 de junho, quando o Tricolor venceu os alviverdes por 2 a 1), que os torcedores são-paulinos homenagearam pela primeira vez ídolos da época e outros mais antigos (do futebol como um todo, não apenas os do clube). A figura de Leônidas da Silva sobre uma bicicleta era, sem dúvida alguma, o maior destaque.

Antes de outro clássico contra o Corinthians (vitória tricolor por 2 a 0, no dia 5 de setembro de 1943), o Grêmio Sampaolino ilustrou em mosaico, que lembra muito os vistos em arquibancadas nos tempos atuais, as bandeiras de Brasil, Estados Unidos, Grã-Bretanha e outros aliados no confronto mundial.

Mais duas manifestações em prol da causa brasileira foram vistas e amplamente registradas: uma no dia da conquista do título estadual de 1943 (0 a 0 contra o Palmeiras, em 3 de outubro), a enorme ilustração em apoio à "Força Expedicionária Brasileira"; e outra no dia 17 de setembro de 1944, contra o mesmo rival, dessa vez com grande painéis pintados com os rostos dos líderes nacionais dos Aliados e a mensagem "Glória aos Soldados da Liberdade".

É de se notar, pelas fotografias, o crescimento da coletividade do Grêmio. A cada mosaico, a cada jogo, a torcida se mostrava maior em número.

IMAGEM: Recortes de jornais e revistas com os festejos e mosaicos do Grêmio Sampaolino



Fora todas essas ações particulares, e além da busca pelo título de campeão, a principal meta, não só do Grêmio Sampaulino mas de toda a comunidade são-paulina, ainda era ter a própria casa. Uma praça de esportes que fizesse jus ao tamanho da crescente torcida e que fosse efetivamente dela.

O Pacaembu não bastava, não se encaixava nisso. E nem poderia ser diferente. Embora tivesse a preferência para o uso do estádio em jogos e o utilizasse até para alguns treinamentos (a maioria desses exercícios ocorria em campos de pequenos clubes da cidade), os tricolores sabiam que não poderiam parar no tempo.

Não é possível afirmar categoricamente que o fato a seguir esteja relacionado com a busca incessante por terreno, mas, no dia 2 de abril de 1940, o Conselho Deliberativo se reuniu para aprovar a incorporação de uma sociedade de tiro, não nomeada em ata, que era possuidora de vasta extensão de terra para a prática da modalidade. Sabe-se que a proposta foi aprovada, desde que as autoridades (no caso, uma Escola Militar de Quarta Classe) a permitissem. Contudo, não se tem registro de mais nada relativo ao caso - que deve ter sido mal-sucedido.

De toda forma, uma outra tentativa (agora bem documentada) de adquirir um terreno para a construção de um estádio, nessa época, foi a referente a uma área de 73.500 m² totais no incipiente bairro do Sumaré. O projeto, que estipulava 55.572 m² de espaço construído e capacidade para 150 mil pessoas (100 mil torcedores sentados), situava-se dentro de uma circunferência delimitada pelas ruas Piracuama, Iperoig, Campevas, dos Caetés e a atual Rua Plínio de Moraes.³⁹⁶

O mais curioso dessa empreitada é que ela gerou tanta esperança entre torcedores são-paulinos que uma cidade a 117 km da capital paulista sofreu uma consequência inesperada por causa desse projeto.

O distrito de Rebouças, em Campinas, mobilizava-se pela emancipação. Contudo, a legislação brasileira impedia a existência de duas cidades com o mesmo nome - e já havia uma urbe batizada como Rebouças no Estado do Paraná. Foi proposto então, em 30 de setembro de 1943, um plebiscito para a definição de uma nova nomenclatura ao município que se queria criar. Sete nomes foram sugeridos³⁹⁷: Tipuana, Valenópolis, Andorinhas, Iara, Azaléia, Bartira e Sumaré, que era o nome de uma orquídea (*Cyrtopodium punctatum*) muito comum na localidade. O resultado do pleito apontou o nome Sumaré disparado na primeira posição, com 523 votos (contra 97 do segundo colocado, Tipuana), sendo consequência deliberada de um grande grupo de torcedores são-paulinos que viram, naquela oportunidade, a chance de batizar a futura cidade com o nome do bairro onde o Tricolor construiria o próprio estádio.³⁹⁸

A escolha foi homologada pelo decreto-lei n.º 14.334 de 30 de novembro de 1944. Sumaré emancipou-se de Campinas, contudo, apenas em 30 de dezembro de 1953, quando o São Paulo se instalava a uma boa distância do bairro homônimo da nova cidade, sem nunca, na verdade, ter colocado os pés lá.

A ideia de um estádio no Sumaré foi abandonada em detrimento de outra, que surgiu inesperadamente, quase como um presente, e que intencionava construí-lo no bairro do Canindé.

396. A Gazeta Esportiva, 11 de setembro de 1943. Agradecimentos a Felipe de Queiroz

397. Tribuna Liberal de Sumaré, 5 de fevereiro de 2011

398. O Estado de S. Paulo, 24 de julho de 1967

IMAGEM: Recorte de jornal com ilustração da área projetada para estádio no Sumaré

...es técnicos" do Santos F. C., em palestra com Armando Erbasi, preparador do "onze" da Seleção, e a seguinte:
 Heráclio 3; Indiana 12; Cooperativa 13; Scalf 14; Klabin 14; G. Giorgi 16; M. Nery 17; A. Favorita 17; Melhoramento 24; Neofarm 24; Rodan 27; L. Tavares 30 e T. Tamer 31.

O futuro estádio do S. Paulo no Sumaré



Arakan



**FINCANDO ESTACAS
EM TERRENO PRÓPRIO!**

O TRICOLOR DO CANINDÉ

Para muitos são-paulinos – certamente para os mais jovens – ainda é estranho imaginar que o Tricolor nem sempre foi do Morumbi e que por mais de uma década foi do Canindé (como fora da Mooca e, bem antes, da Chácara da Floresta).

A relação do São Paulo com o bairro que atualmente abriga o estádio da Portuguesa começou em 1942, com o clube assumindo o aluguel de uma propriedade e, depois, em 1944, com a compra desse terreno. A história perpassa, também, a incorporação de uma agremiação a que, em tempos recentes, muitas calúnias foram associadas: a Associação Alemã de Esportes.

Para esclarecer todos os pontos dessa narrativa, será contada como a trajetória de diversos clubes sociais que surgiram no Canindé acabou por levar o Tricolor ao bairro, em 1942. É preciso fazê-la para que não haja “brecha histórica” por onde se propaguem inverdades com relação a esse passado do São Paulo. Perdoem, então, o detalhismo e a extensão desta seção.

Pois bem, antes da retificação do Rio Tietê – um projeto que existia desde o final do século XIX – e da construção das avenidas Marginais, nos anos 1950, a região dos bairros do Canindé, Pari, Bom Retiro e Santana abrigava várzeas do leito do rio que, a depender das estações e das chuvas, serpenteavam mais perto ou mais longe dos núcleos urbanos, conforme as cheias e vazantes.

Por todas as suas características, esses locais bucólicos eram um berçário propício ao nascimento de associações campestres e esportivas. Clubes como Espéria, Tietê, AA São Paulo e AA das Palmeiras “nasceram” e se desenvolveram nessas paragens (muitos já “morreram” também, assim como o próprio rio!). Mesmo o São Paulo Futebol Clube, na Chácara da Floresta, habitou terras semelhantes.

Ao mesmo tempo que os são-paulinos viam craques como Friedenreich, Luizinho e Araken marcarem muitos gols nas redes da Chácara da Floresta, o Tricolor tinha como vizinhos imediatos o Club de Regatas Tietê (ao nordeste), Associação Atlética São Bento (ao sul, onde entre 1917 e 1926 o Corinthians fora sediado) e os rios Tietê (ao norte) e Tamanduateí (a oeste).

A leste, do outro lado da Praça de Esportes e da atual Avenida Tiradentes, a Associação Atlética São Paulo (ainda existente) detinha os terrenos que avançavam até a Várzea do Canindé e, esporadicamente (dependia das cheias), a Ilha dos Amores. Mais próximo a esse clube, encravado junto ao rio, encontrava-se o Turnerschaft 1890, agremiação de colonos alemães.

Na sequência, sempre em direção ao “sol nascente”, surgia outro clube germânico, o Schwimm Club Stern, que, por sua vez, era fronteiro à Sociedade Allemã de Sports Aquáticos – este último já localizado, propriamente, na Várzea do Canindé.

Essa era a geografia esportiva da margem sul do Rio Tietê no início dos anos 30.

IMAGEM: Capa da revista Arakan com o salão principal do São Paulo no Canindé



Dois clubes irmãos e rivais se unem

O primeiro clube a surgir no setor oriental da banda sul do Rio Tietê foi o Club de Regatas Tietê, em 6 de junho de 1907. Ele ocupava parte da área da atual Associação Atlética São Paulo, então denominada Chácara Couto Magalhães (nome do ex-presidente da província de São Paulo no ano de 1889).

Com o fim do Clube de Regatas São Paulo, que detinha a Chácara da Floresta (setor ocidental), em novembro de 1913, e a consequente mudança do CR Tietê para aquela paragem, a AA São Paulo, fundada em 26 de julho de 1914, passou a utilizar a área ex-tieteense a partir de 1915 e usufrui esse espaço até os dias de hoje.

Cinco anos depois, em 1919, nasceu mais uma entidade naqueles campos, já defronte ao Canindé (atualmente perto das alças de acesso da Avenida Marginal para a Avenida Cruzeiro do Sul): o Schwimm Club Stern. Como o nome bem demonstra, era uma agremiação de imigrantes alemães. Desde a sua criação também era conhecido como Clube Estrela de Natação.

Algum tempo depois (ainda não foram encontrados registros exatos de quando), uma ala dissidente do próprio Estrela decidiu fundar um novo clube: a Sociedade Allemã de Sports Aquáticos (a nomenclatura original, em língua teutônica, é desconhecida). O local que a entidade recém-criada escolheu para habitar? Exatamente a Várzea do Canindé.

A Sociedade Allemã de Sports Aquáticos firmou um contrato de aluguel para o uso do terreno com Antônio Vannucci, então proprietário de uma grande parte do bairro. O convívio dos dois clubes da região, apesar da rivalidade natural, foi sadio. Em verdade, proveitoso a ambos.

O Estrela chegou a ser o terceiro principal time de natação da Capital, com atuações destacadas na Travessia de São Paulo a Nado e revelando nomes como Maria Lenk e Guilherme Schall (originalmente Wilhelm Schall), que também nadou e jogou pólo aquático pelo Tricolor nos tempos da Floresta. Em termos de competitividade, a associação somente ficava atrás dos clubes Espéria e Tietê. Mas a SASA, por vezes SAEA, também obtinha louros.

Com o avanço da poluição do Rio Tietê e do surgimento de piscinas de água tratada para competições – a vizinha AA São Paulo inaugurou uma em 1929 –, ambas as entidades (Estrela e SASA), que não tinham como fazer um investimento desse porte, foram perdendo atletas e espaço no cenário esportivo.

Em meio à crise, a solução encontrada pelo Clube Estrela de Natação e pela Sociedade Allemã de Sports Aquáticos foi a união das agremiações. A fusão³⁹⁹ foi acertada no final de maio de 1932, e a data de fundação do novo clube estabelecido foi firmada em 1.º de junho daquele ano.⁴⁰⁰ E qual seria o nome de batismo dessa nova entidade? Deutscher Sport Club. Mas o nome fantasia pelo qual ficou conhecida, mais comum à nossa língua, foi Associação Alemã de Esportes (AAE). E, sim, desde o primeiro dia, essa nomenclatura já era utilizada pelo clube.

Conforme o último contrato de locação de uso do Canindé (registrado em 4 de maio de 1932, no livro n.º 4 do Registro Integral do Cartório do Dr. Arruda) entre Antônio Vannucci e a SASA, o artigo 14.º estabelecia que:

399. Correio de S. Paulo, 29 de junho de 1932

400. A Gazeta, 29 de junho de 1932

“Em caso de fusão dessa sociedade locatária com outra, ou mesmo de mudança ou alteração da denominação por que é atualmente conhecida (Sociedade Allemã de Sports Aquáticos) perdurará toda a responsabilidade jurídica da locatária e na forma de seus estatutos, devendo, porém qualquer fusão ou substituição, constar de aditamento a este contrato”.

Tal acerto seria válido por 20 anos a partir da data de assinatura. Desta maneira, a AAE nasceu canindeense. Naquela região, o clube alemão se firmou como potência não somente natação e no atletismo, como os predecessores, mas também no handebol. O Deutscher foi campeão da “Liga Alemã” (campeonato que deu origem ao Campeonato Paulista da modalidade) em 1933 e 1939, além de vice-campeão em 1935, concorrendo contra os gigantes Sport Club Germânia, Deutscher Turnverein e Deutsch Turnerschaft von 1890.

Já o local que o Estrela utilizava foi repassado, depois da fusão, à AA São Paulo.⁴⁰¹

A Guerra

A situação dos imigrantes no País era sensível, principalmente depois do golpe de 1937 – o golpe institucional de Getúlio Vargas que instaurou o Estado Novo, nacionalista e autoritário. No ano seguinte, esse presidente promulgou várias leis que regiam a entrada de estrangeiros e os processos de naturalização, e os impediam de realizar atividades políticas, tais como associar-se a outros se valendo de um ideal, símbolo ou língua estrangeira.³⁹⁹

“Art. 2.º É-lhes vedado especialmente:

*“1 - Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de ideias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se ao funcionamento de sucursais e filiais, ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção”.*⁴⁰²

Um clube, esportivo ou não, poderia ser uma associação política, nesse entendimento. Cabe, contudo, dizer que o mesmo decreto garantia o direito de livre associação, desde que respeitadas as ressalvas citadas acima e outras abordadas na dita lei.

*“Art. 3.º: É lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, beneficentes ou de assistência, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objeto, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica.”*³⁹⁹

No princípio, essa medida não foi pregada a ferro e fogo. No começo, alguns clubes com nomenclaturas em língua estrangeira foram nacionalizando os nomes e estatutos. Com o passar do tempo, o mesmo foi ocorrendo com entidades cujo nome meramente fazia alguma referência ao estrangeiro. Outras, quicá bem apadrinhadas, só tiveram o nome alterado depois do final da Guerra (é o caso do São Paulo Railway Athletic Club, agora Nacional Atlético Clube).

401. Correio de S. Paulo, 31 de outubro de 1932

402. Decreto-Lei n.º 383, de 18 de abril de 1938

Alguns clubes paulistas que mudaram de nome, nesse período:

- Sport Club Germânia - Esporte Clube Pinheiros
- Deutscher Turnverein - Associação de Cultura Física 1888
- Deutsch Turnerschaft 1890 - Clube Ginástico Paulista
- Club Esperia - Associação Desportiva Floresta
- Österreichischer Verein Donau - Sociedade Danúbio
- Schwimm Club Stern - Clube Estrela de Natação
- Deutscher Sport Club - Associação Alemã de Esportes
- Società Sportiva Palestra Itália - Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo
- Deutscher Segel-Club - Yacht Club de Santo Amaro
- Sport Club Syrio - Esporte Clube Sírio
- São Paulo Railway Athletic Club - Nacional Atlético Clube
- Turn-Un Sportverein von 1909 - Clube Ginástico e Esportivo de 1909

O principal ponto que a lei decretava, contudo, era que as associações se denominassem brasileiras ou estrangeiras, e que brasileiros não poderiam tomar parte dos grêmios declaradamente "forasteiros".

Com o avançar da Segunda Guerra Mundial, eclodida no dia 1.º de setembro de 1939, a situação dos imigrantes, que já era uma questão complexa, foi se agravando mais ainda. Uma escalada de eventos levou a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo (DEESP, órgão criado a partir da regulamentação do Conselho Nacional de Desportos⁴⁰³) a adotar uma postura mais rígida no controle dos clubes obrigatoriamente afiliados:

- ataque da Luftwaffe ao navio Taubaté (uma pessoa morreu e 13 ficaram feridas em março de 1941);
- rompimento de relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão – 28 de janeiro de 1942);
- afundamento de navios mercantes nacionais por submarinos do Eixo (fevereiro/agosto de 1942 – mais de 600 óbitos);
- decreto⁴⁰⁴ do presidente Getúlio Vargas de possível confisco de bens de alemães e italianos como indenização pelas mortes e prejuízos financeiros (março de 1942);
- adesão do Brasil aos países Aliados (França, Inglaterra, EUA e, posteriormente, URSS), com declaração formal de guerra (agosto de 1942).

Foi nesse cenário de caos crescente que os dirigentes do Deutscher Sport Club foram convocados⁴⁰⁵ por Sílvio de Magalhães Padilha, diretor da DEESP, a comparecerem à sede da entidade, no dia 31 de janeiro de 1942, para tratar da situação desse clube: como avançariam com o processo de nacionalização (se a associação declararia a si mesma como sociedade brasileira ou estrangeira).

Este livro não entrará no mérito moral nem legal da expulsão de membros por afiliações partidárias, mesmo em períodos de guerra, mas é tão certo que havia partidários nazistas em clubes de imigrantes alemães e fascistas em clubes de imigrantes italianos quanto é certo que também havia aqueles que não partilhavam dessas ideologias. Antes do começo da Guerra, em qualquer pesquisa em jornais da época, é possível vê-los transitando e professando essas ideologias em tais associações.

Uma lembrança destacada ocorreu em 1937, quando o presidente do senado italiano e braço direito de Benito Mussolini (primeiro ministro italiano), Luigi Federzoni, veio ao Brasil em visita oficial. Lamberto Lippi, correspondente do jornal de colônia *Il Moscone*⁴⁰⁶, antes da recepção ao político, alertou os conterrâneos:

"No entanto, não é necessário exagerar. Tudo com muita diplomacia. Os jornais no país começam a alar-mar-se com o "perigo fascista" e o "perigo nazista". Portanto, a reunião no Parque Antarctica em homenagem ao senador Federzoni deve ser feita com muito critério e sem exagero, lembremo-nos sempre de que estamos na casa dos outros. Caso contrário, os jornais mais nacionalistas de Getúlio gritarão: "O Brasil ainda é dos brasileiros!"..

Bom... O alerta não serviu de muita coisa. Aconteceu, justamente, o contrário, e o evento reiniciou uma série de manifestações fascistas pela capital paulista. Bertonha, no livro *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, de 2001, assim relata:

"De fato, a descrição da recepção a Federzoni no Estádio do Palestra Itália é realmente impressionante: grandes estandartes com as cores brasileiras e italianas desde o portão de entrada até o campo: quatro 'fasci littorio' e bandeiras de dois países de 12 metros de altura no centro do gramado; um grande retrato do Duce em divisa de 'Caporale d'Onore della Milizia'; grande desfile dos 'fasci all'estero', associações e escolas de todo o Estado, evoluções artísticas dos ginastas do 'Dopolavoro', a 'Giovinezza' cantada em coro, etc. Um observador desavisado certamente acreditaria estar em Roma ou Firenze e não na América do Sul.

"Nessa manifestação, os fascistas calcularam a presença de 50 mil pessoas".

E o que veio Federzoni proclamar para essa multidão de 50 mil pessoas no Estádio do Palestra Itália? Um cartum peculiar, encontrado no periódico *Il Moscone*, de 1937, pode ajudar a responder essa questão. Nele foi ilustrado um homem trajado como soldado do Império Romano interpellando outro, de fraque e cartola, com as seguintes palavras, assinadas pelo senador Federzoni: *"A expansão é para a Itália uma questão improrrogável de existência"*.⁴⁰⁷

Acredita-se que não era um discurso que caía muito bem a todos aqui nestas terras brasileiras. É fato que as ideologias nazifascistas estavam em crescimento por todo o mundo, até mesmo nos Estados Unidos⁴⁰⁸, e o auge desse expansionismo doutrinador se dera com os Jogos Olímpicos de Berlim, no ano anterior (1936).

Nesse contexto, vistas também a reação do governo brasileiro e a publicação dos decretos de nacionalização de 1938, acentuou-se a situação dualista entre o ufanismo e os protecionismos locais contra o catecismo estrangeiro, que já era efervescente havia mais dez anos: a sede do jornal fascista *Il Piccolo*, em São Paulo, foi atacada por radicais opositores em 1928.⁴⁰⁹

403. Decreto-Lei n.º 3.199 de abril de 1941
404. Decreto-Lei n.º 4.166 de 11 de março de 1942
405. *Correio Paulistano*, 31 de janeiro de 1942

406. *Il Moscone*, edição 473 de 1937
407. *Il Moscone*, edição 475 de 1937
408. Bertonha, 2001
409. Ianni, 1963

Deutscher Sport-Club

D. T. D.

Stadtheim und Turnhalle:
Rua Couto de Magalhães Nr. 28
Telefon: 4-1149 / Postfach, 3673

Sportplatz: Canindé

São Paulo, den 17. April, 1940

Herren
General-Konsul
Dr. Walter Molly
São Paulo

Sehr geehrter Herr Dr. Molly !

Wir haben uns wegen der Bordkapelle des D. Windhuk fuer den 1. Mai mit dem Ortsgruppenleiter telefonisch in Verbindung gesetzt, und teilt uns dieser mit, dass von seiner Seite nichts dagegen einzuwenden sei, dass die Kapelle am 1.5. nach São Paulo kommt.

Um aber irgend welche Missverstaendnisse zu vermeiden, bittet er Sie darum ein paar kurze Zeilen an den Kapitaen zu schreiben, dass die Kapelle hier unbedingt benoetigt wird.

Alle weiteren Besprechungen werden dann zwischen uns und dem Ortsgruppenleiter vorgenommen werden.

Gleichzeitig bitten wir Sie, uns noch heute durch Telefon mitteilen zu lassen, ob die Feierstunde am 1.5.40 draussen in Canindé stattfindet, damit wir unsere diesbezuglichen Vorkehrungen treffen koennen.

Heil Hitler !
DEUTSCHER SPORT CLUB DTD;

É natural que essa situação penetrasse também nos clubes esportivos, principalmente nos de colônias estrangeiras. O conde Matarazzo, que ajudara o Palestra a adquirir o Parque Antarctica, costumeiramente doava dinheiro a Benito Mussolini.⁴¹⁰

Outra prova dessa situação é uma carta, escrita em alemão e datada de 17 de abril de 1940 (a Guerra estava em andamento), emitida pela diretoria do Deutscher Sport Club e endereçada ao Cônsul-Geral da Alemanha no Brasil, Walter Molly. O documento, que nada tratava além da construção de uma inofensiva capela no Canindé, termina com uma saudação que pode fazer tremer até a ponta dos cabelos quando lida pela primeira vez: "Heil Hitler". E existem outras cartas assim (com assuntos tão banais quanto), documentadas e preservadas no Arquivo Histórico do São Paulo.

No específico processo de nacionalização da Associação Alemã de Esportes, os associados não relacionados ao nazismo, que gostariam de manter-se ativos e usufruindo o clube que criaram, incentivaram seus convivas a nacionalizar totalmente a agremiação, afastando-se do idealismo pangermânico e, assim, também dos nacionais-socialistas.

"Vai nacionalizar-se a Associação Alemã

"Em virtude da Associação Alemã de Esportes ter solicitado sua nacionalização, o diretor da Diretoria de Esportes baixou, em data de ontem, a seguinte portaria:

"Portaria n.º 3/42 - Tendo a Associação Alemã de Esportes requerido a esta Diretoria providencias necessárias à sua nacionalização, por tratar-se de sociedade estrangeira, esta Diretoria delegou poderes ao Sr. Nelson Fernandes no sentido de providenciar tudo o que for oportuno, de acordo com as leis em vigor e demais instruções expedidas que regulam o assunto, a fim de dar fiel cumprimento ao seu mandato para satisfação dos desejos da Sociedade requerente".⁴¹¹

Em torno de um mês, Nelson Fernandes e o clube do Canindé elaboraram as bases dessa nacionalização, que foram apresentadas por eles ao São Paulo Futebol Clube e votadas em Assembleia Geral Extraordinária pelos sócios da agremiação alemã no dia 13 de março de 1942 (curiosamente, o mesmo dia em que o Palestra Itália mudou o nome para Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo⁴¹²) e pelo Conselho do Tricolor no dia 20 posterior.

Histórico de (con)fusões

Antes de avançar na história do Deutscher SC relacionada diretamente ao São Paulo, é preciso contextualizar um pouco mais o clube alemão e a situação por que passava desde o decreto getulista de 1938 e a consequente mudança de nome, em 1939 – e como, na realidade, o Tricolor foi verdadeiramente o fim dos problemas da agremiação.

A entidade não era a única associação de alemães da região que passou por esse processo de nacionalização. E, se comparada com as demais, foi a que se saiu melhor na questão. O vizinho da Chácara Couto Magalhães, o Deutsch Turnerschaft von 1890, não foi bem-sucedido nesse arranjo e causou muita dor de cabeça aos colegas conterrâneos.

410. Strepco, 2010

411. Correio Paulistano, 6 de fevereiro de 1942

412. Correio Paulistano, 15 de março de 1942

IMAGEM: Uma das correspondências do clube alemão que ocupava o Canindé até 1942

Em abril de 1938, por causa do decreto n.º 383, o Turnerschaft, o Deutscher e o Donau se uniram em uma nova entidade chamada Deutscher Sport-Club DTD (acrônimo dos nomes dos clubes envolvidos), proclamando-se, nos autos da lei, como uma sociedade alemã no Brasil. Tal convenção, em teoria, obrigava a exclusão dos brasileiros natos do quadro social e, como esse processo poderia ser longo, nem sempre ocorria esse desligamento.

Na realidade, apesar da fusão, o que se via na prática era os três clubes com autonomia, gerenciando os próprios bens, reuniões e quadros sociais. E mesmo frente aos órgãos públicos a situação não era diferente. Tanto que o Turnerschaft chegou a ficar oficialmente inativo, por ordem da secretaria de segurança pública⁴¹³, de 1.º de agosto de 1938 até 31 de julho de 1939, sem que a decisão afetasse os outros dois clubes envolvidos.

Aparentemente, a união não foi oficialmente registrada ou judicialmente acertada como deveria, havendo brechas legais para a discussão do fato.

Por causa desse período de inatividade e pelo impedimento, por lei, de participar de uma sociedade alemã, alguns sócios brasileiros deixaram o DTD (especificamente a Turnerschaft) e, em 21 de março de 1939, fundaram a Associação Ginástico Esportiva (AGE), tomando sede à Rua São Bento, no centro de São Paulo, utilizando, também, o conjunto de ginástica da própria Turnerschaft, na Chácara Couto Magalhães, e uma praça de esportes na Rua do Porto, no Canindé.

Tal recinto foi obtido em acordo com o Deutscher SC.⁴¹³ A AGE, na verdade, foi uma forma encontrada para contornar o decreto getulista. Enquanto a Turnerschaft se mantinha como sociedade alemã, a AGE se declarava sociedade brasileira; todavia, os sócios de ambas as entidades, por acordo informal, tinham os mesmos direitos e deveres, bens, acesso aos terrenos e tudo o mais. Eram um clube só. Mas não eram, por assim dizer.

Voltando à Turnerschaft von 1890...

A separação da Associação Ginástico Esportiva do Turnerschaft, porém, não foi “tranquila”, longe disso. Acusações entre sócios opositores que denunciavam mutuamente atividades políticas proibidas (abertamente tachavam de nazistas uns aos outros), levaram à proclamação de duas diretorias e, conseqüentemente, à cisão do clube.

O ponto nevrálgico se deu com a decisão da Turnerschaft de sublocar o terreno que detinha em frente à sede do Corinthians para outra agremiação: a Associação Atlética Guarany, em março de 1939 (o clube alemão fez um anúncio no jornal *A Gazeta*, em que o Club Sul-América, o Atlantic FBC, o CA Banco de São Paulo e a Liga Húngara de Esportes também se mostraram interessados).

Revoltada, a oposição entrou com processo questionando a legalidade do Deutscher DTD. No dia 1.º de dezembro de 1939, o Ministério da Justiça deu ganho de causa aos descontentes (afirmando ser necessária assembleia geral para a definição do *status* do clube, se alemão ou se brasileiro) e suspendeu temporariamente⁴¹³ as atividades da Turnerschaft (mas, curiosamente, não as do DTD).

413. *Correspondências dos clubes alemães do Arquivo Histórico do São Paulo FC*

Desgostosos havia muito tempo, no dia 21 de dezembro de 1939, o conjunto de sócios brasileiros, remanescentes e opositores, crente que a diretoria do clube alemão descumpria o decreto n.º 383, convocou uma assembleia (dita ilegal, agora pelos situacionistas) para se adequar à lei. Dessa reunião nasceu a Sociedade Ginástica de 1890 – que se considerava herdeira, ou melhor, a verdadeira Turnerschaft, desde então.

Começou uma batalha judicial por bens, dinheiro em bancos, direitos de uso de terrenos etc. Documentos atestam que a sociedade original ficou oficialmente inativa ao menos até outubro de 1940 (com registro de polícia na porta e tudo o mais⁴¹⁴). Em 13 de dezembro, conforme relatos da imprensa, a Turnerschaft já havia retomado as atividades, convocando inclusive assembleia geral.⁴¹⁵

De toda forma, existe um “elo perdido” na história dessa agremiação. Sabe-se que, em 1945, ela surge na imprensa com o nome de Clube Ginástico Paulista (e existe, modestamente, até hoje). Em algum ponto entre 1940 e 1942, a entidade deixou a sociedade com o Deutscher SC, tendo se nacionalizado completamente (e, muito provavelmente, reincorporando a Sociedade Ginástica 1890 entre 1944 e 1945). Sabe-se disso, pois o patrimônio dela, na Rua Couto Magalhães, não foi assumido pelo Tricolor quando o São Paulo absorveu a Associação Alemã de Esportes.

Quanto à pouca falada até aqui (e terceira participante do DTD), Österreichischer Verein Donau (clube de imigrantes austríacos fundado em 2 de dezembro de 1916 e habitante da margem norte do Rio Tietê, no que hoje é nomeado como bairro da Coroa), é conhecido o fato de esta ter se nacionalizado brasileira com o nome Sociedade Donau; Danúbio, em alemão.

O destino do Donau parece ter sido, simplesmente, a incorporação total pela Associação Alemã de Esportes. O registro de dívidas da entidade junto à Companhia Antártica Paulista e a Cervejaria Brahma indicam que a AAE assumiu todo o ativo e passivo da entidade. Já sobre o terreno no bairro da Coroa, na outra margem do Rio Tietê, o Donau era apenas locatário, e o São Paulo não chegou a fazer uso dele.

A incorporação da Associação Alemã

Oficialmente, o Deutscher Sport Club tornou-se a Associação Alemã de Esportes em 12 de julho de 1939, conforme visto na certidão emitida pela Diretoria da Justiça e do Interior⁴¹⁴, que autorizava o funcionamento do clube nos moldes do que era imposto no decreto-lei n.º 383. Extraoficialmente, desde abril de 1938, declarava-se Deutscher Sport Club DTD, em união já citada.

No processo de nacionalização de 1939, a Associação Alemã de Esportes se proclamou uma sociedade alemã. Depois, em 1942, decidiu tornar-se uma sociedade brasileira. Foi então, em fevereiro de 1942, que os senhores Nelson Fernandes, da DEESP, e Henrique Schenk, da AAE, bateram à porta do Tricolor. Na reunião do Conselho Deliberativo do dia 10 daquele mês foi concedido ao dr. Décio Pacheco Pedroso o poder para tratar da união ou incorporação do clube alemão.

414. *Correspondências dos clubes alemães do Arquivo Histórico do São Paulo FC*

415. *Correio Paulistano, 13 de dezembro de 1940*

COPIA PARCIAL DA PLANTA C-62, CONSTANTE SOB FLs. 11 e 14, DO LIVRO DE QUESTÕES JUDICIAIS, I
SOBRE BENS DO MUNICÍPIO, ORGANIZADO PELO ENG. ERNANI F. NOGUEIRA, EM 8-9-931.

AÇÃO REIVINDICATÓRIA CONTRA ANTONIO VANUNCCI
PROPOSTA EM 1-2-927
OFÍCIO 6º

AÇÃO REIVINDICATÓRIA CONTRA JOSÉ CORRÊA DOS SANTOS E S/A
PROPOSTA EM 18-8-927
OFÍCIO 9º



A ata da reunião extraordinária do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube de 20 de março de 1942, que ratificou o que veio a seguir, registra como foi essa decisão ocorrida na AAE, no dia 13 de março:

“Aos 13 dias do mês de Março de 1942, na sede social da Associação Alemã de Esportes conforme convocação regular feita, realizou-se a Assembleia Geral Extraordinária a qual votaram 81 associados com direito a voto, representando número legal.

“A seção foi aberta as 21 horas pelo Sr. Nelson Fernandes, delegado da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo no Clube, que expôs os motivos da reunião dando a direção dos trabalhos ao Presidente e Secretário da Diretoria. Procedida por este a leitura da ata da sessão anterior realizada a 14 (quatorze) de janeiro de 1942, foi a mesma aprovada sendo a seguir lida a ordem do dia.

“Foi feita, então pelo Sr. Presidente uma exposição dos motivos da assembleia e foi explanada aos presentes as circunstâncias em que se viu colocada a associação logo após o rompimento das relações diplomáticas com os países do eixo, em virtude do que, solicitou a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo a nacionalização da Associação Alemã de Esportes, atendendo, assim ao desejo de uma grande maioria dos sócios consultados. Pedia pois a assembleia a aprovação dessa sua ata. Posto em votação foi o ato do Sr. Henrique Schenk aprovado por unanimidade.

“Exposta a situação da Associação Alemã de Esportes foi decidido por unanimidade aprovar e dar como boas as contas apresentadas pela Diretoria e considerar cancelado o débito em conta corrente de 9:040\$000 (nove contos e quarenta mil reis) da Sociedade Ginástica 1890, diante da afirmativa de Nelson Fernandes e do sr. Henrique Schenk, presidente, que a questão com a associação referida está encerrada.

“A seguir o Sr. Nelson Fernandes dá aos presentes esclarecimentos sobre como se poderia proceder a nacionalização da Associação: 1) Reformando os Estatutos visando [a] essa nacionalização; 2) Por meio de uma incorporação por uma Entidade Brasileira.

“Posta em discussão a matéria, falaram os Srs. Henrique Schenk, Curt W. Griebel, Fritz Ebeling, Max Frey e o Dr. Décio Pacheco Pedroso, presidente do São Paulo Futebol Clube, que foi convidado à ingressar no recinto. Suspensa a sessão por 15 minutos afim de que os sócios pudessem deliberar a respeito das propostas, foi ela reaberta tendo sido aprovado o segundo alvitre do Sr. Nelson Fernandes, que aliás, se relacionava com o entendimento prévio havido entre os presidentes da Associação Alemã de Esportes e do São Paulo Futebol Clube, obedecendo as seguintes condições:

“1.º Fica aprovada a incorporação da Associação Alemã de Esportes pelo São Paulo Futebol Clube, respeitando todas as prerrogativas estatutárias pertencentes aos sócios da Associação Alemã de Esportes;

“2.º O São Paulo Futebol Clube se responsabiliza pelo ATIVO e PASSIVO da Associação Alemã de Esportes conforme exposição feita pelo seu presidente;

“3.º Todas as instalações, haveres, e direitos dos dois Clubes passarão a pertencer unicamente ao incorporador, como responsável por todo o Ativo e Passivo.

IMAGEM: Planta do terreno do São Paulo na região do Canindé



“Deliberou-se a seguir aprovar o balanço apresentado pela Tesouraria, tendo sido denunciado o saldo de 2:822\$000, existente em caixa.

“Antes de encerrar a sessão, o sr Nelson Fernandes congratulou-se com os presentes pelo feliz êxito dos entendimentos e agradeceu ao sr. Orval Cunha e os valiosos préstimos demonstrados durante a sua gestão como secretário e tesoureiro nomeado por ele. A seguir a Assembleia resolveu que se deveria transmitir a posse da presidência neste ato ao Dr. Décio Pacheco Pedroso, que recebendo-a do sr. Henrique Schenk, agradeceu a atenção dos presentes. Dada a palavra ao Sr. Henrique Schenk, em brilhante alocução relativa aos acontecimentos da noite, dirigiu-se ele aos consócios aos quais comunicou o interesse pelo sucesso esportivo demonstrados pelo sr. Capitão Sylvio de Magalhães Padilha a quem fazia votos de feliz viagem em virtude de sua próxima partida no dia 15 do corrente”.

Desde que o Tricolor foi reativado como clube, em 16 de dezembro de 1935, os são-paulinos se dedicaram a encontrar um local onde o clube pudesse erguer o próprio estádio. Tentaram, direta e indiretamente, por meio de cessão de terrenos ou de fusões associativas, obter um cantinho particular. Tentaram na Mooca – mais de uma vez –, no Bom Retiro, na Água Branca, na Vila Mariana – em dois locais –, e nada vingou... Com esse histórico, decisão da AAE foi aceita prontamente!

O São Paulo do Canindé

Como visto, o Tricolor ratificou e aceitou a decisão da Associação Alemã de Esportes de ser incorporada pelo clube na reunião extraordinária do Conselho Deliberativo de 20 de março de 1942. Nos termos expedidos, o São Paulo passou, automaticamente, a ser o locatário do terreno do Canindé. Assim, o Tricolor voltou às margens do Tietê, tão bem conhecidas nos anos 1930.

A área de 70.568 m², que passou a fazer parte da história do clube, pertencia à família Vannucci, mas especificamente era posse do casal italiano Aladino (naturalizado brasileiro em 24 de agosto de 1943) e Giuseppina Vannucci, conforme a declaração do Departamento de Estatística Territorial do Município de São Paulo, e o inventário de Antônio Vannucci e Cesira Baccei (pais de Aladino, falecidos), registrado sob n.º 24.936, como também sob o n.º 11.879 de 22 de agosto de 1935, do 6.º Ofício de Órfãos, ambos na 3.ª Circunscrição de Registro de Imóveis da Capital.

No princípio, o Tricolor permaneceu como inquilino naquelas terras, mas desde o começo investiu em melhorias. Em pouco tempo, o São Paulo já sediava no Canindé o departamento de futebol e também reinaugurou o de natação e implantou outros que nunca antes possuía, como os de remo, basquete, voleibol, hóquei e até mesmo xadrez. Foi um período verdadeiramente poliesportivo do clube, como jamais ocorreria novamente.

As principais modalidades amadoras, entretanto, eram o atletismo e o boxe (este esporte, porém, não utilizava o complexo do Canindé, mas a Academia Zumbano, de Kid Jofre). Comandados por Dietrich Gerner, treinador proveniente do Paulistano, e encabeçados pelo maior expoente do atletismo, Adhemar Ferreira da Silva, os atletas são-paulinos foram pentacampeões da Taça Brasil e tetradecacampeões estaduais de atletismo (isso mesmo: 14 vezes seguidas).

Principais conquistas poliesportivas da “Era Canindé”⁴¹⁶:

Atletismo

- Taça Brasil: 1945, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951;
- Corrida de São Silvestre (por equipes): 1942, 1943, 1948, 1954, 1955;
- Camp. Paulista: 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955;
- Camp. Paulista Feminino: 1952;
- Camp. Paulista “Qualquer Classe”: 1944 (1.ª), 1944 (2.ª), 1949 (1.ª), 1949 (2.ª), 1950, 1954;
- Camp. Paulista Feminino “Qualquer Classe”: 1954;
- Camp. Paulista de Aspirantes: 1949 e de Novos: 1949;
- Camp. Paulista de Juniores: 1944, 1948, 1949, 1953, 1954; e Infanto-juvenil: 1944;
- Camp. Paulista de Pedestrianismo: 1945, 1949, 1954;
- Taça Álvaro de Oliveira Ribeiro: 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951;
- Troféu Cidade do Rio de Janeiro “Corrida da Fogueira”: 1949, 1955, 1956;

Basquete

- Campeonato Paulista (Metropolitano) Masculino: 1943;
- Campeonato Paulista (Metropolitano) Feminino: 1944;
- Torneio Início do Campeonato Paulista Feminino: 1944;
- Olimpíada Tricolor Feminina: 1944;
- II Torneio Triangular Interestadual Feminino: 1943;

Esgrima

- Campeonato Paulista Interclubes: 1944;
- Campeonato Paulista Interclubes de Florete: 1945;
- Campeonato Paulista Interclubes de Sabre: 1945;
- Taça Sílvio de Magalhães Padilha: 1943, 1944, 1945;

Handebol

- Torneio Início do Campeonato Paulista: 1942;
- Torneio Início do Campeonato Paulista de Segundos Quadros: 1942;

Hóquei

- Campeonato Paulista sobre patins: 1954;

Remo

- Prova “Liga Náutica Riograndense”: 1945;

Vôlei

- Campeonato Paulista (Metropolitano) Masculino: 1954;
- Campeonato Paulista (Metropolitano) Masculino da 2.ª Divisão: 1954;
- Torneio de Preparação da 1.ª Divisão: 1953;

Xadrez

- Campeonato Paulista: 1943, 1945.

⁴¹⁶. Completam a relação de títulos estaduais do Tricolor no atletismo as conquistas de 1956, 1957, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, obtidas com o clube já estabelecido no Morumbi.





Os 3 mil metros na pista do Canindé, em 4

SÊDE - CONCENTRAÇÃO - CANINDE



No dia 15 de janeiro de 1944, em reunião do Conselho Deliberativo, o São Paulo decidiu comprar o terreno do Canindé. Ao custo de Cr\$ 740.000,00 (quase quatro vezes mais o valor do passe de Leônidas da Silva), sendo Cr\$ 320.000,00 à vista, o Tricolor entrou em acordo com Aladino e Giuseppina Vannucci pela aquisição das terras.

Forma de pagamento do Canindé:

- Entrada: Cr\$ 320.000,00
- Depósito prévio da AAE (antigo sinal): Cr\$ 20.000,00*
- Parcelamento: duas vezes de Cr\$ 200.000,00 anuais
- Valor acrescido por juros e hipoteca: Cr\$ 140.000,00
- Custo final quando quitado: Cr\$ 880.000,00**

Observações:

*Em 17 de novembro de 1941, a Associação Alemã de Esportes tentou comprar o terreno dos Vannucci por Cr\$ 550.000,00, tendo depositado um sinal no valor de Cr\$ 20.000,00. A transação, todavia, não teve prosseguimento por causa do decreto-lei 4.166 de 1942, que vedava a alienação de imóveis de alemães, italianos e japoneses. Somente foi possível ao São Paulo adquirir o Canindé porque Aladino se naturalizou brasileiro em 1943.

**Escritura de quitação do Quarto Ofício de Notas da Comarca da Capital, datada de 12 de novembro de 1952.

Enquanto o “Rolo Compressor” são-paulino reinava no Pacaembu, o Canindé se mostrava à coletividade tricolor como sendo nada mais que um recanto aprazível (embora de acesso extremamente difícil – por vezes era preciso utilizar-se de canoas, com a cheia do rio, para chegar até lá) para o treinamento de atletas, profissionais e amadores, do futebol e de outros esportes.

Com o tempo, e devido às dificuldades geográficas do terreno e da difícil logística, o São Paulo percebeu que ali não conseguiria construir o estádio que desejava. Apesar disso, as condições e estruturas que o clube implantou no Canindé, na época, transformaram-no no precursor dos modernos “Centros de Treinamento” dos grandes clubes de hoje. O complexo são-paulino abrigou até a seleção campeã da Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950, o Uruguai.

O time uruguaio chegou em 5 de julho à cidade de São Paulo para a disputa do quadrangular final da Copa. No Estádio do Pacaembu, a equipe enfrentaria as seleções da Espanha, no dia 9, e da Suécia, no dia 13 daquele mês. Jogadores, comissão técnica e dirigentes ficaram, então, hospedados no Canindé até a despedida da capital paulista, no dia 14, pois no dia 16 de julho enfrentariam o Brasil, no Rio de Janeiro.

Sobre essa permanência de dez dias no Tricolor, o jogador Ghiggia relata no documentário “Maracanã”⁴¹⁷ que “*la concentración em San Pablo era muy linda, muy tranquila*”. Esse documentário, aliás, mostra raríssimas cenas de treinamento de jogadores uruguaio no gramado da sede são-paulina.

417. Bednarik & Varela, 2014

IMAGEM: Cenas de atletismo e outros esportes na sede de treinos e concentração do Tricolor no Canindé



Além da hospedagem, o São Paulo ajudou os "orientais" (apelido dado à população da República Oriental do Uruguai) com treinamento, material esportivo e alimentação. Sabe-se que no dia 6 de julho a equipe uruguaia fez o treino de reconhecimento do gramado do Pacaembu utilizando jogadores do Tricolor para compor a equipe reserva que, por sinal, venceu a dos titulares por 7 a 5. Tomaram parte naquele jogo-treino os são-paulinos Yeso, Toni e Zequinha.

Outra curiosidade acerca dos treinamentos da Celeste no Canindé e do espírito de luta daquela equipe se deu em mais um jogo-treino, dessa vez contra o Arara Clube⁴¹⁸: dois jogadores uruguaio, Godoy e Gambeta, se engalinharam no campo (entre si ou com adversários; os jornais se contradizem) e provocaram o fim antecipado da peleja que venciam por 2 a 1.

Sobre a alimentação dos hóspedes, Dona Catharina Pugliese Serrone, cozinheira do São Paulo à época, relatou ao projeto "*História em Multimídia*", do São Paulo FC e do Museu da Pessoa (1994), o seguinte:

"A seleção do Uruguai 'concentrou' lá. Lá no Canindé. E comiam lá, e em casa. Eles eram muito 'educado'. Às vezes, eles vinham do Canindé até a minha casa, que era perto, a pé. E vinham 'tudo junto', em uma fileira só, todos juntos...". Ao ser perguntada sobre com o quê os visitantes se alimentavam, ela respondeu de pronto: "Ah, só carne! Carne, carne, carne, 'poco' de arroz e macarronada ou sopa".

Quanto à fama de comandante turrão de Obdulio Varela, líder do time uruguaio, Dona Catharina concordava: *"Ele era meio altinho, não muito gordo. Bravo! Gritava com os 'jogador', ele quem mandava nos 'jogador'. Ele era o capitão do time".*

Quinze dias depois de regressarem ao Uruguai como campeões, os jogadores presentearam Dona Catharina e seu marido, o sr. Serrone (roupeiro do São Paulo), com passagens aéreas para visitar o Uruguai e lá se hospedarem por duas semanas.

As homenagens e agradecimentos pela acolhida não pararam por aí. Mesmo antes do fim da competição, os jogadores celestes exaltaram o nome do São Paulo, ao entrarem em campo em uma partida de Copa do Mundo com o escudo do Tricolor no peito.

Foi o que fez o goleiro Aníbal Paz (reserva) no jogo contra a Espanha, no Pacaembu. A partida, realizada em 9 de julho, acabou empatada por 2 a 2 e Paz não atuou, mas a foto (ao lado) ficou eternizada em revistas e jornais.

O feito torna o São Paulo, ao lado do Malmö, da Suécia (1958, com jogadores da Argentina), os únicos clubes a terem os escudos exibidos por atletas em jogos da Copa do Mundo, até hoje. Salientando, aqui, que outros times também vestiram seleções no torneio, como o Napoli-ITA (Áustria, em 1938); o Cruzeiro-RS (México, em 1950); e o Kimberley-ARG (França, em 1978), mas essas camisas eram destituídas de emblema.

Os uruguaio se despediram dos tricolores e do Canindé em 14 de julho para, dois dias depois, surpreenderem o Brasil e o mundo, ao derrotarem a seleção canarinho por 2 a 1, de virada, em um estádio superlotado com mais de 200 mil pessoas hostis aos visitantes. Esse feito ficou conhecido como "El Maracanazo".



418. O Estado de S. Paulo e Folha da Manhã, 12 de julho de 1950
IMAGEM: Uruguaio no Canindé (acima) e homenageando o Tricolor (abaixo)



A São Paulo que toma o Canindé

O Canindé, apesar de bucólico e acolhedor, era pequeno para as pretensões dos dirigentes e da crescente torcida são-paulina, de fato. Desde os primeiros anos da década de 1940, o número de associados tricolor não parava de subir. O Tricolor possuía:

- 2.721 sócios em 31 de dezembro de 1940.⁴¹⁹
- 3.299 sócios em 31 de dezembro de 1941.⁴¹⁹
- 9.983 sócios em 31 de dezembro de 1942.⁴²⁰
- 17.027 sócios em 31 de dezembro de 1945.⁴²¹

Esses números, publicados na *Revista Arakan Especial* de 1942 e por Thomaz Mazzoni nas edições do *Almanaque Esportivo* de 1942 e 1945 ilustram bem o avanço do número de sócios do clube.

Em 1942, o Tricolor possuía 9.983 sócios, ocupando a quarta posição da tabela de associados, atrás do Tietê (18.050), do Corinthians (15.000) e do Palmeiras (10.057).⁴²⁰ Três anos depois, o São Paulo já ocupava a segunda posição no *ranking*, com 17.027 sócios, tecnicamente empatando em primeiro lugar com o Palmeiras, detentor de 17.294 associados. O Corinthians permaneceu na casa dos 15 mil, precisamente 15.354, enquanto o Tietê teve queda acentuada para 12 mil sócios.⁴²¹

Outro indicativo importante a ser analisado seria a média de público presente em partidas do São Paulo naquela década. Contudo, os jornais e boletins da época não costumavam fornecer essa informação e publicavam apenas a renda bruta do jogo. Porém, esses números também são interessantes para a história tricolor.

Os “campeões de renda” do Campeonato Paulista na década de 1940 (de 1941 a 1950) eram os clubes integrantes, claro, do Trio de Ferro. Porém, foi o São Paulo o clube que mais arrecadou no período⁴²² (possivelmente sendo, então, o que mais levou público às arquibancadas). O Tricolor liderou as bilheterias nos anos de 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1948, 1949 e 1950. Ou seja, em oito de dez disputas. Em 1948, em especial, foi um absurdo: somou 50% a mais do que os valores do segundo colocado (Cr\$ 1.549.485,20, contra Cr\$ 982.455,30 do Corinthians).

Ambas as estatísticas, de associados e de renda, foram fortemente influenciadas por um certo “Diamante Negro” (que será foco desta obra no próximo capítulo). Contudo, com base nesses dois tipos de dados, é válido arriscar e dizer que, se a torcida são-paulina não era a maior da cidade, esteve em vias de sê-la.

Tudo isso só indica que a diretoria são-paulina precisava encontrar outro local para construir o estádio de porte necessário para comportar essa grande torcida. Não seria no Canindé, que ficaria ainda menor com a retificação do Rio Tietê, imposta pelo ideal progressista do engenheiro e prefeito Francisco Prestes Maia (e seguido por dirigentes posteriores), como também por questões sanitárias.

Com esse projeto, já bem antigo e que contava, também, com a construção das avenidas Marginais, o São Paulo perderia boa parte da área que possuía no Canindé.

Por isso, em janeiro de 1948, o Tricolor propôs uma permuta com a municipalidade por um terreno na região do Ibirapuera.⁴²³ A ideia partiu do conselheiro José Aranha⁴²⁴, depois de o prefeito, Paulo Lauro, ter entrado para o quadro social do clube. O político achou a ideia interessante e pediu que o clube oficializasse a proposta, pois a questão “batia” com o programa de governo dele, que pretendia construir, no mínimo, cinco estádios municipais por toda a cidade.⁴²⁵ Mooca, Penha, Santo Amaro, Canindé (Rua Araguaia) e, inclusive, no Ibirapuera.

Depois de a ideia se transformar em projeto e correr os trâmites legais nos departamentos municipais encarregados, para se encontrar a região mais viável e menos onerosa ao poder público, em abril daquele ano⁴²⁶, o São Paulo já apresentava uma planta com a localização exata da pretendida praça de esportes. Ela se situaria entre as ruas Abílio Soares, Curitiba e as avenidas 23 de Maio e Brasil (atual Pedro Álvares Cabral).

O local possuía cerca de 94 mil metros quadrados, e o Tricolor lá pretendia construir um estádio com capacidade para 150 mil torcedores. Como a propriedade do Canindé ocupava aproximadamente apenas 70 mil metros quadrados, a municipalidade seria compensada pela infraestrutura que o São Paulo já havia lá erguido. E o clube, assim, não seria totalmente prejudicado pela futura desapropriação para a retificação do rio Tietê.

Na época, o terreno até poderia ser entendido como parte da área em que, em 1954, seria inaugurado o Parque do Ibirapuera. Hoje, porém, o espaço abriga o Círculo Militar de São Paulo e três pequenas praças (Túlio Fontoura, Eisenhower e Carlos Gardel), fora do espaço compreendido pela grande área verde paulistana.

Contudo, passada a empolgação inicial, o projeto não saía do papel. A possível mudança do Tricolor para o Ibirapuera só voltaria a ocupar páginas da imprensa escrita em agosto de 1949! Resignado, o Tricolor chegou a preparar um estudo para viabilizar a construção do estádio no que restasse do Canindé, mesmo. Planta e maquete de uma obra destinada a 90 mil torcedores chegaram a ser elaboradas pelo engenheiro José de Paula Carvalho.⁴²⁷

Acontece que a ideia de o São Paulo adquirir um terreno em área que se valorizava imensamente ano a ano, despertou a cobiça (ou a inveja?) de outros clubes da cidade, o que fez a Prefeitura e a Câmara Municipal⁴²⁸ elaborarem, por mais de um ano, um “Plano de Amparo aos Esportes”, mediante a criação da Comissão Municipal de Desportos, com o projeto de lei 234, de 31 de agosto de 1949.

Nessa proposta, a Portuguesa e o Ypiranga seriam agraciados com terrenos na Vila Maria (64 mil m²) e no Sacomã (50 mil m²), respectivamente, sem permuta alguma com o poder público, e o Corinthians e o Palmeiras, que já tinham os próprios campos, receberiam ajuda financeira em empréstimos sem juros para melhorias destes, também sem retorno algum à Prefeitura que justificasse a transação.

Dessa maneira, o São Paulo, que somente pretendia não ser prejudicado pelo Município com a desapropriação imposta a si, no Canindé, viu-se em meio a uma plataforma maior e mais polêmica, envolvendo outros agentes particulares e da sociedade, e que, no fim, seria a responsável pela derrocada da empreitada no Ibirapuera.

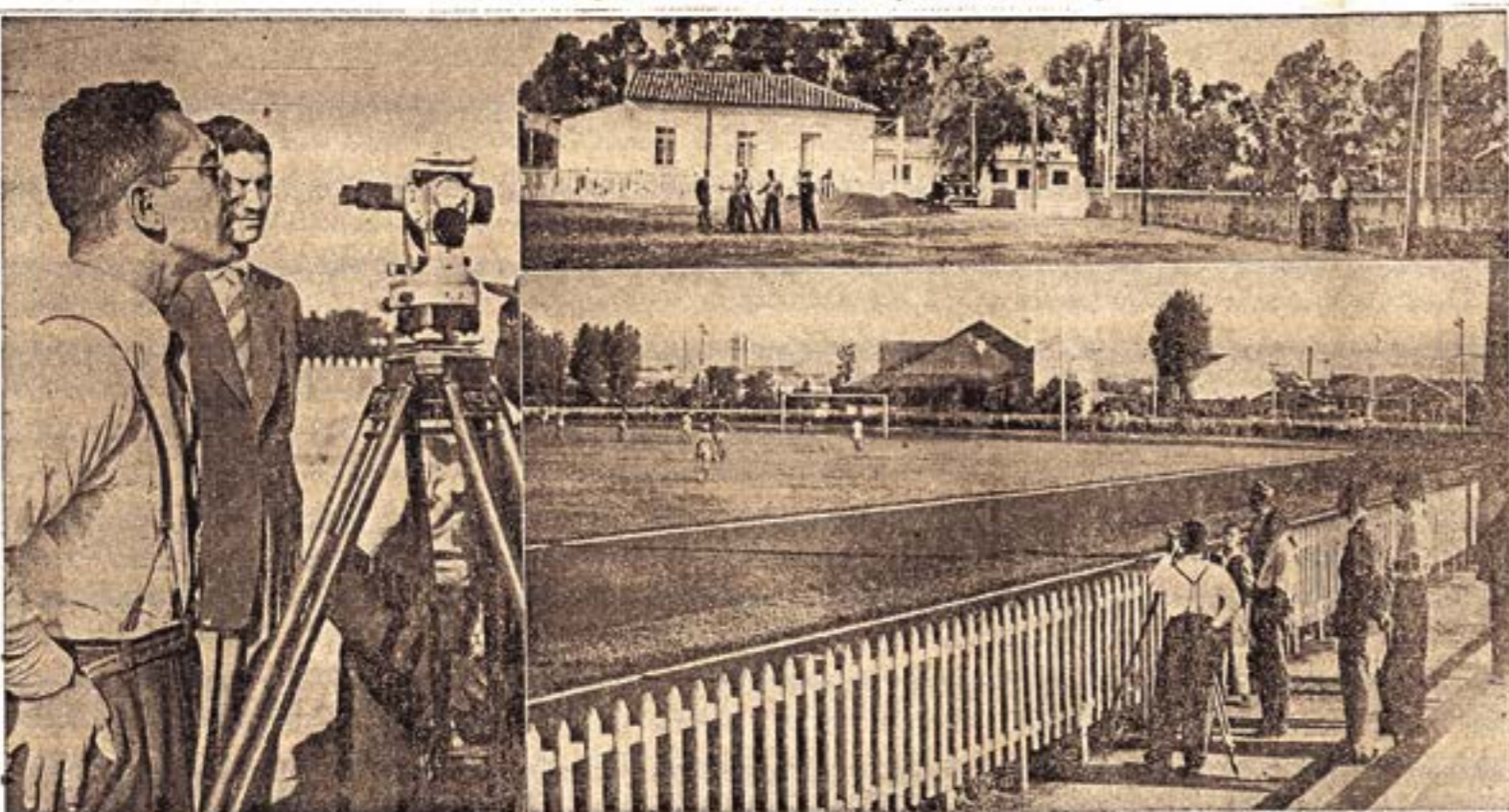
419. *Arakan: a revista dos sampaulinos*, 1942
420. Mazzoni, 1943
421. Mazzoni, 1946
422. *A Gazeta Esportiva*, 17 de janeiro de 1952

423. *Jornal de Notícias*, 27 de janeiro de 1948
424. *Mundo Esportivo*, 30 de janeiro de 1948
425. *Jornal de Notícias*, 31 de janeiro de 1948
426. *A Gazeta Esportiva*, 8 de abril de 1948
427. *Jornal de Notícias*, 14 de julho de 1949

428. *Mundo Esportivo*, 26 de agosto de 1949

Futuro estádio tricolor em Ibirapuera

Já estão sendo medidos os terrenos que entrarão nas negociações - Fala à "Gazeta Esportiva", o engenheiro Lomenaço, que ontem encontrara-se no Canindé - Ganhará a Prefeitura e ganhará o São Paulo - Melhores pormenores amanhã



Na tarde de ontem esteve o engenheiro Lomenaço, da Prefeitura, que no Canindé se encontrava medindo os terrenos que serão permutados. À esquerda, em plano próximo de sua função, o profissional procede à verificação das medidas. À direita, no alto, uma fatia do terreno do São Paulo, tendo-se ao fundo o quadrado de bola ao cesto recentemente construído e que será inaugurada no próximo mês. À esquerda, em plano próximo de sua função, o profissional procede à verificação das medidas. À direita, no alto, uma fatia do terreno do São Paulo, tendo-se ao fundo o quadrado de bola ao cesto recentemente construído e que será inaugurada no próximo mês.



Constituiria delapidação do Parque Ibirapuera para 39 vereadores favoráveis à mutilação do Viveiro Manequinho

Será discutido hoje na Câmara Municipal o projeto 234, criando a Comissão Municipal de Desportos, em que se cria daquele parque - Representaria a medida sérios prejuízos - Derrubamento de milhares de árvores numa cidade



Ainda assim, Cícero Pompeu de Toledo, presidente do Tricolor, no espírito da boa-vizinhança, apoiava a ação: "Esse projeto veio ao encontro dos anseios da grande família sampaulina. Aliás, beneficiará todos os esportes e todos os clubes, visto como o Palmeiras, Corinthians, Portuguesa, Ypiranga, os clubes ribeirinhos e outras entidades serão aquinhoadas por essa lei".⁴²⁹

No dia da votação no plenário da Câmara Municipal, 2 de setembro, uma campanha alarmista e polêmica (e até mesmo falsa) tomou conta dos veículos de imprensa.

"Constituiria delapidação dos bens públicos o extermínio do Parque do Ibirapuera para construção de um estádio... Será discutido hoje na Câmara Municipal o projeto 234, criando a Comissão Municipal de Desportos, em que se cuida da mutilação daquele parque. Representaria a medida sérios prejuízos. Derrubamento de milhares de árvores numa cidade quase sem árvores".⁴³⁰

O *Jornal de Notícias*, dessa mesma data, também chegou ao cúmulo de estampar o artigo condenatório com grandes fotos do Viveiro Manequinho Lopes, dizendo "no clichê, vê-se à esquerda o viveiro da Prefeitura e à direita um aspecto do parque em troca do qual a Câmara Municipal oferece 70 mil metros quadrados de terrenos do S. Paulo F. C., no Canindé". O periódico quis fazer o público acreditar que o Tricolor construiria o estádio derrubando aquele santuário de plantas, quando, na verdade, o viveiro estava (e onde está até hoje) na extremidade oposta da área do Parque do Ibirapuera, bem mais ao sul, entre as avenidas República do Líbano e Quarto Centenário.

Outras mídias embarcaram na mesma nau, e, pressionada, a Câmara Municipal se viu em uma sessão interminável, em que emendas e mais emendas foram apresentadas ao projeto. O vereador Marcos Melega propôs que se retirasse a parte que permitia a permuta do Canindé. Já Sebastião Gomes Caselli sugeriu que se encontrasse outra área às margens do Tietê para o Tricolor. Jânio Quadros não aprovou o projeto de maneira geral. No fim, nada ficou decidido e suspenderam a votação.⁴³¹

A campanha defenestrando a troca Canindé/Ibirapuera ganhou corpo nos dias vindouros. "O Parque Ibirapuera não deve ser mutilado", estampou o *Diário da Noite*.⁴³² "Não é justo transformar em propriedade particular os poucos espaços livres que São Paulo possui", afirmou Ubaldo Franco Caiuby, presidente da Sociedade Amigos da Cidade.⁴³³ A desinformação se alastrou.

Acuados, no dia 12 de setembro, membros do executivo municipal se reuniram a portas fechadas, planejando reeditar o projeto de lei de amparo ao esporte. No ponto que cabe ao Tricolor, decidiram não realizar permuta com a área do Canindé, mas aprovar ao São Paulo, por um período de 30 anos, a concessão do pretendido espaço no Ibirapuera. Cessões semelhantes seriam oferecidas à Portuguesa e ao Ypiranga.⁴³⁴

Agora, o que interessava à Prefeitura era não perder a propriedade dos terrenos. Já os sete milhões de cruzeiros para Corinthians e Palmeiras, a serem pagos sem juros em 30 anos, nem sequer foram postos em dúvida pelos participantes da Câmara.⁴³⁴

A partir daqui, para o Tricolor não importava mais o resultado da votação no plenário municipal. O Ibirapuera deixava de ser a resposta para as questões sonhadas pelo clube, visto que o terreno não seria mais de propriedade dos são-paulinos, mas uma concessão. Os desejos tricolores, envolvidos pela política alheia, tanto pública quanto esportiva, se conspurcariam.

429. *O Esporte*, 2 de setembro de 1949
430. *Jornal de Notícias*, 2 de setembro de 1949
431. *Correio Paulistano*, 3 de setembro de 1949
432. *Diário da Noite*, 8 de setembro de 1949
433. *Jornal de Notícias*, 3 de setembro de 1949
434. *Correio Paulistano*, 13 de setembro de 1949



E, ao fim, pelo que consta nos registros oficiais do site da Câmara, o projeto foi rejeitado, definitivamente, ao fim de 1949.

Hoje, é difícil discordar da visão de vereadores como Marcos Melega e Jânio Quadros, que não encontravam necessidade de onerar o patrimônio público para ajudar clubes que não ofereciam contrapartida alguma à municipalidade – situação bem diferente daquela vivida pelo São Paulo, prestes a perder boa parte do único bem material que possuía justamente para a Prefeitura!

Sem arranjo com o poder público, Cícero Pompeu de Toledo tentou, em janeiro de 1950, viabilizar, mais uma vez, um estudo para construção no próprio Canindé. Nessa ocasião, por meio de projeto elaborado pelo famoso arquiteto Ícaro de Castro Mello.⁴³⁵ Para alavancá-lo, a diretoria discutia no Conselho⁴³⁶ um plano de execução que muito se assemelharia ao realizado, posteriormente, no Morumbi, com vendas de cadeiras cativas de maneira antecipada. Não se sabe, porém, se algo referente a esses trabalhos chegou a ser concluído, pois, em pouco tempo, eles se tornariam inviáveis, de qualquer jeito.

Passados três anos de muita negociação e nenhum avanço concreto (uma imensa quantia de tempo, recursos e trabalho perdida), em 14 de dezembro de 1950, o poder público forçou a desapropriação de 26.168 m² da propriedade do São Paulo para a pavimentação da estrada marginal, indenizando o clube com a quantia simbólica, mas absurdamente ridícula, de Cr\$ 1,00 por todo terreno!⁴³⁷ O Tricolor avaliava, para tal, o valor de Cr\$ 300,00 por metro quadrado, e questionou esse preço na justiça. A decisão da corte, com o parecer final do caso, só sairia em 1958: a Prefeitura teve que desembolsar Cr\$ 7.000.000,00 como indenização.⁴³⁸

De todo modo, com apenas 44.400 m², a área tornou-se absolutamente inviável para se erguer um grande estádio. Então, em 9 de dezembro de 1953, mais de um ano depois de o Tricolor obter um grande terreno no totalmente deserto e novo bairro do Morumbi (essa é uma história para outro livro), o Conselho Deliberativo do clube aprovou colocar o Canindé à venda para possíveis interessados. Somente no dia 11 de fevereiro de 1955, os senhores Wadi, Eduardo e Raul Saddi lavraram a ata de compra da propriedade ao valor de Cr\$ 11.922.795,50.

O São Paulo, porém, sofreu um prejuízo inesperado! Devido às obras municipais que alteraram a geografia das posses tricolores, a metragem oficial da área do Canindé caiu ainda mais, passando para 42.350 m². Sem essa faixa de terra, de aproximadamente 2.000 m², os são-paulinos deixaram de adquirir mais de 500 mil cruzeiros na transação (conforme folhas 21v do livro de notas n.º 702 do 4.º Tabelião de Notas da Comarca da Capital).

Resumindo a transação a sua forma de pagamento:

- Cr\$ 6.893.819,70 pagos ao São Paulo antecipadamente;
- Cr\$ 4.606.180,30 à Caixa Econômica de S. Paulo para liquidação de débito hipotecário;
- Cr\$ 422.795,50 pagos ao São Paulo ao lavrar-se o acordo.

Como o comprador, Wadi Saddi, também era sócio do clube, o São Paulo pôde permanecer no Canindé por mais algum tempo, enquanto as obras no Morumbi avançavam. Somente quando o proprietário vendeu o terreno à Portuguesa, em janeiro de 1956⁴³⁵, o Tricolor deixou de ser, de vez, o Tricolor do Canindé.

435. *Diário Popular*, 19 de janeiro de 1950 (Agradecimentos a Alexandre Giesbrecht)

436. *Livro de Atas do Conselho Deliberativo do São Paulo FC*, 25 de janeiro de 1950

437. *Documentação do Canindé do Arquivo Histórico do São Paulo FC*

438. *O Estado de S. Paulo*, 19 de setembro de 1958

Lendas criadas pelos rivais

Nos dias de hoje, causam estranheza as mentiras acerca da relação do São Paulo com o Canindé e com a incorporada Associação Alemã. Aliás, não somente esses assuntos causam espanto quanto às inverdades sobre o Tricolor, mas também a Guerra e o processo de nacionalização de equipes de colônias de imigrantes, as estórias de pretensas tentativas de influenciar o destino do Palestra Itália (atual Palmeiras) ou ainda sobre as propriedades desse clube.

De cara, é preciso enfatizar que nenhuma fonte, primária ou secundária, de caráter documental, original e histórica, desabona qualquer conduta ética ou moral por parte do Tricolor. Na verdade, é o contrário que acontece, como bem demonstrou a coluna de José de Moura, intitulada *“Intrigas da oposição”*, de 1942:⁴³⁹

“Devemos, ainda, assinalar, aqui, outra grande injustiça que corre mundo pela boca dos palpiteiros e dos inimigos do tricolor atribuindo ao clube mais querido da cidade a onda que se levantou contra o alviverde do Parque Antarctica. Para os apologistas da confusão e das mentiras, o S. Paulo pretendia estabelecer o desânimo nas hostes esmeraldinas e ganhar assim o campeonato! Não há mentira maior! Em primeiro lugar, o S. Paulo F. C. não sabe o que seja lançar mãos de recursos estranhos ou de golpes baixos para ganhar em campo quando é certo que grande, muito grande, ele tem sido na vitória ou na derrota... O jogo do dia 20 será decidido apenas no gramado e tudo que se disser fora daí é – intriga da oposição.”

Entrevistas de personagens concedidas décadas depois e enviesadas pelo tempo não são de muito crédito – por exemplo, os depoimentos do ex-jogador palestrino Oberdan Catani e os registros em vídeo das conversas realizadas com pessoas-chave da época, como Manoel Raymundo Paes de Almeida, antigo cardeal tricolor, que sempre estranhou o questionamento sobre animosidades entre pessoas do clube e de outras agremiações, respondendo, aos risos, que *“os dirigentes de São Paulo e Palestra eram amigos, do tipo daqueles que jantam um na casa do outro”*.*

Seria um fato? Só pela conversa não é possível atestar. Outros eventos ao longo do tempo, contudo, demonstram o mesmo comportamento. Exemplos de cordialidade (institucional ou não) entre ambas as associações não faltam. Mas havia, até mesmo, dirigentes com parentes no seio dos rivais. O maior expoente é o caso da família de Cícero Pompeu de Toledo, presidente do São Paulo de 1947 a 1958: Cícero tinha um irmão que seria dirigente do Santos, Simas⁴⁴⁰, e outro do Palmeiras, Brício⁴⁴¹, presidente do clube alviverde de 1978 a 1982.

Para continuar esse argumento, é preciso recapitular alguns fatos: em 1940, o São Paulo assegurou o direito de preferência de uso do recém-inaugurado Estádio Municipal, destinando 10% da renda dos jogos lá realizados ao poder público. Em 1942, como já contextualizado, o clube passou a ter um bom centro de treinamento e sede campestre, comprado com recursos próprios dois anos mais tarde, época em que o time passeava nos gramados, com Leônidas, o “Diamante Negro”, chefiando o Rolo Compressor, time que reinou de modo absoluto naquela década no futebol paulista.

Logo, por que o Tricolor, supostamente, tentaria obter o patrimônio de terceiros, fossem eles grandes ou pequenos?

439. *A Gazeta Esportiva*, 18 de setembro de 1942, em *Streapco*, 2010

440. *Folha de S. Paulo*, 5 de novembro de 2009

441. *Folha de S. Paulo*, 14 de novembro de 2010

*Entrevista concedida ao Arquivo Histórico do São Paulo FC, em 2012.

É importante lembrar que a Associação Alemã de Esportes foi incorporada antes da declaração de guerra ao Eixo e somente após negociação que partiu de integrantes da entidade e aprovada entre eles por unanimidade.

Acusar o São Paulo de envolvimento suspeito no processo de incorporação da AAE e do Canindé ou de qualquer fato escuso, sem provas, seria o mesmo que acusar o Palestra Itália de benefício ilícito quando adquiriu o Parque Antarctica, em 1920.

Até o avanço da Primeira Guerra Mundial, os campos localizados no Parque Antarctica eram propriedades da Companhia Antarctica Paulista (como o nome bem diz), e ao menos um gramado era utilizado sob contrato de locação pelo Sport Club Germânia desde o início do século passado (o último contrato, todavia, era datado de 1916, válido até 1921⁴⁴² e abrangia dois gramados⁴⁴³). O envolvimento alemão naquele conflito forçou o rompimento unilateral do acordo em 1919 e o despejo dos germânicos para o Rio Pinheiros (onde hoje são sediados), e abriu as portas para a entrada dos palestrinos no Parque Antarctica.⁴⁴²

Certamente a lenda que envolve o Tricolor com o Palestra e o Parque é mais um caso de autoafirmação e propaganda por parte de torcedores daquele lado do que qualquer outra coisa. Era um grupo que precisava se reencontrar identitariamente, pois havia sido desfigurado socialmente, depois de ter abandonado a “italianidade” que estimulava, sob jugo das leis impostas pela ditadura de Getúlio Vargas (como centenas de outras equipes).

Esse grupo de torcedores esquece (se é que sabe!) que o São Paulo também foi alvo do processo de nacionalização imposto pelos decretos-lei do Estado Novo. Pressionada, a diretoria do Tricolor se viu obrigada a aprovar⁴⁴⁴, em 1.º de setembro de 1942, a interrupção dos direitos e deveres de associados italianos e alemães que fossem assim solicitados pelas autoridades competentes, tal como se sucedeu com os times de colônias de imigrantes.

É fato, também, que grandes veículos de comunicação da época pertenceram a ilustres são-paulinos, como a *Rádio Record*, de Paulo Machado de Carvalho, ou ainda o periódico *O Estado de S. Paulo* (que estava sob intervenção federal), de propriedade dos Mesquita. Do mesmo modo, é fato que a cobertura midiática da guerra certamente não era nada favorável aos países do Eixo, inimigos nacionais, e que muitos ânimos podem ter sido inflamados por causa dessa ação jornalística.

Todavia, o país, de modo geral, passava por um momento de ufanismo e nacionalismo exacerbado, fruto do cenário internacional e do governo de Getúlio Vargas, que ameaçou até mesmo as unidades federais, que tiveram suas bandeiras estaduais queimadas em praça pública e proibidas em 1937, como já informado.

“De fato, não só as atividades fascistas irritavam profundamente os brasileiros por parecerem um desrespeito à soberania e independência do país, como a instalação de seções do PNF [Partido Nacional Fascista] em solo brasileiro parecia uma afronta intolerável, que não devia ser aceita em nenhuma circunstância e que podia levar, inclusive, a curiosos desdobramentos políticos.

*“Vide, por exemplo, a irritação do jornal ‘O Combate’ quando os jogadores do Palestra Itália cumprimentaram o cônsul Serafino Mazzolini com a saudação fascista em 1928”.*⁴⁴⁵

Mais de 600 cidadãos brasileiros morreram em atentados germânicos quando o país ainda era um elemento neutro na Guerra! Não era preciso muito mais para exaltação da população, menos ainda dos torcedores. Principalmente pelo fato de ser recentes na memória de todos as festividades e comemorações ostensivas pela cidade e ofertadas por agremiações de colônia a fascistas e nazistas declarados, como o caso, já apresentado, de Luigi Federzoni.

É notório que, no processo de nacionalização dessas entidades, os nazifascistas foram eliminados dos quadros sociais (ao menos, muitos deles). Contudo, naturalmente o sentimento público não se dissipou meramente por essa atitude. O vínculo entre os clubes e a doutrina estrangeira estava enraizado na mente da população. Não era necessário fomentar forçosamente essa associação. O Palestra Itália, mais uma vez como exemplo, se mostrava ao público dessa forma, ao não possuir jogadores negros no elenco até Og Moreira entrar no time, justamente em 1942 (ao contrário do Tricolor, multirracial desde as primeiras partidas da história do time).

*“Era, porém, bastante significativo que o Palestra Itália só tivesse botado um preto no time depois de Pearl Harbour. Não podia haver dúvida que o Brasil, mais dia menos dia, ia entrar na guerra contra as potências do Eixo, uma delas a Itália. E o que explica a pressa da contratação de Og Moreira, preto de cabelo esticado, já careca. Antes ninguém reparara nos times sempre brancos do Palestra. Talvez porque não eram tao brancos. Ou eram brancos à maneira brasileira. E um pouco, quem sabe, à italiana, com os descendentes dos seus ‘Otelos’ e suas ‘Desdêmonas’. Pearl Harbour, assim, apressava o abasileiramento do Palestra, ainda muito italiano. Fazendo, inclusive, questão de ser italiano. Como se isto o enobrecesse. [...] Tudo isto, depois de Pearl Harbour, colocava o Palestra Itália numa posição delicada. O que passara despercebido até então, o racismo emigrado do clube do Parque Antarctica, se não corrigido a tempo, apareceria como uma mancha capaz de deixar uma pecha de quinta-colunismo, não ao clube, mas aos que o dirigiam”.*⁴⁴⁷

Por fim, a imprensa nada tinha a ver com o São Paulo e o São Paulo nada tinha a ver com a imprensa (mesmo que alguns de seus associados possuíssem empresas de comunicação), da mesma forma que o clube não responde por atitudes de indivíduos.

O mais grave de tudo isso é o risco de lendas virarem “fatos”. Agora mesmo, caso se procure na internet, a relação do São Paulo com o Canindé ou a Associação Alemã, por exemplo, muito provavelmente encontrar-se-á alguma passagem afirmando que o time germânico mudou de nome para Guarani e foi incorporado pelo Tricolor por medo de “qualquer coisa” – e, claro, sem nenhuma fonte confiável que valide o escrito. É lenda, mas se espalha rapidamente.

Sobre esse tema, é preciso dizer que, primeiramente, existiam duas agremiações com o nome Guarani/Guarany vinculadas a terrenos às margens do Tietê. E que nem a Associação Alemã de Esportes e nem o São Paulo tiveram relação alguma com elas.

O Guarani do Canindé Futebol Clube foi um pequeno clube varzeano situado ao fim da Rua Canindé (bem mais ao sul da área ocupada pelo Tricolor), onde se encontra hoje a Associação Desportiva da Polícia Militar (ADPM). Consta que esse time continuou lá existindo, no mínimo, até meados da década de 1950.⁴⁴⁸

Já a Associação Athletica Guarany (AA Guarany) – foi a sucessora (na realidade, inquilina) da Deutsch Turnerschaft 1890 como usuária de um terreno alugado na Rua São Jorge. Assim, era vizinha contígua do Sport Club Corinthians Paulista no Parque São Jorge.

442. Nicolini, 2001

443. Streapco, 2010

444. *O Estado de S. Paulo*, 2 de setembro de 1942

445. Bertonha, 2001

446. Bertonha, 2001, cita Araújo, 2000: “Pequenos indícios encontrados na documentação fascista e antifascista, porém, indicam que esses contatos, ao menos no período entre guerras, existiram, e que o Palestra era, sem dúvida, parte da rede de associações fascistas”

447. Rodrigues Filho, 1947

448. *A Gazeta Esportiva*, 30 de agosto de 1952

CAMPOS ESPORTIVOS:-

BOLA AO CESTO
Avenida Celso Garcia, 895-A
CAMPO DE FOOT-BALL
Rua Tuyuty
RINK de BOX e Praça de ESPORTES
Parque São Jorge

A. A. GUARANY

Fundada em 1-9-013

Sede:- Av. Celso Garcia, 858
SEDE DO CAMPO:
RUA SÃO JORGE, 704
SÃO PAULO

FILIADA ÀS FEDERAÇÕES:-

Bola ao Cesto
Box
Ciclismo e
Liga Paulista de Athletismo

Secretaria em, 2 de Outubro de 1940

Ilmo.s Srs. s Dirigentes da " Associação Alemã de Esportes "

Capital.

Saudações cordiais.

A " Associação Atletica Guarany ", clube essencialmente amador, instalado a rua S. Jorge, 704, praticando as seguintes modalidades esportivas: Futebol-Bola ao Cesto-Athletismo-Remo-Natação-Box, Jiu Jutsi-Voley Bal e Ginastica, tendo o seu quadro social a cifra de 1.800 associados, pela presente, vem solicitar de VV.SS. uma resposta ao quesito formulado abaixo, poisque, a opinião dos dignos dirigentes desse destacado co-irmão nos é valiosissima no momento delicadissimo que estamos atravessando.

Havendo o S.C. Corinthians Paulista, clube profissional, fronteiro a nós, firmado um contrato de compromisso de compra, referente ao terreno onde estamos instalados ha 18 meses, e onde, a custa de sacrificios de toda a ordem, tudo temos feito pelo esporte amador, procurando elevar cada ves mais alto o nome esportiva desta Associação, nos vemos, agora, na dolorosa contingencia de ter que abandonar tal local para o qual ingressamos com 64 associados apenas.

O surto de progresso nosso, parece-nos, projetou uma sombra áquele clube, motivo porque, embora não necessitasse do terreno em questão, apressou-se a entrar em entendimentos com o proprietario para a sua aquisição, no curto praso de 15 dias, não medindo as consequencias desastrósas que nos acarretará tal atitude anti-esportiva e violenta, condenada até mesmo por seus próprios associados, mórmente porque o seu estadio ainda não está pago e o seu terreno comporta, sobejamente, as construções que dizem pretender fazer.

Pedindo a opinião sincera desse congenere, si aprova ou não esse gesto do clube profissional, que procura dar um golpe de morte á um clube essencialmente amador, é o que vimos fazer, apos a explanação acima.

Certos de merecer essa atenção de VV.SS. reiteramos-lhes os nossos protestos de distinta e elevada consideração e nos subscrevemos imensamente gratos.

pela A. A. GUARANY

Presidente

Secretário.

A AA Guarany, apesar de pequena, era uma valorosa agremiação. Focada no atletismo de rua (afinal, não é necessário muito dinheiro para manter essa atividade em vias públicas), formou dois atletas vencedores da tradicional Corrida de São Silvestre: Armando Martins, em 1938, e Antônio Alves, em 1940.

Apesar de a associação não ter sofrido represália aparente no período da Segunda Grande Guerra, uma carta datada de 2 de outubro de 1940, endereçada aos dirigentes da Associação Alemã de Esportes, revela o medo da AA Guarany de ser desalojada devido à postura violenta – palavras usadas pela própria entidade – do vizinho, um clube muito maior que o pequenino bugre.

Está escrito no documento:

"Havendo o SC Corinthians Paulista, clube profissional, fronteiro a nós, firmado um contrato de compromisso de compra, referente ao terreno onde estamos instalados há 18 meses, e onde, à custa de sacrificios de toda a ordem, tudo temos feito pelo esporte amador, procurando elevar cada vez mais alto o nome esportivo dessa Associação - nos vemos, agora, na dolorosa contingência de ter que abandonar tal local para o qual ingressamos com 64 associados apenas.

"O surto de progresso, nosso, parece-nos, projetou uma sombra a aquele clube, motivo porque, embora não necessitasse do terreno em questão, apressou-se a entrar em entendimentos com o proprietário para a sua aquisição, no curto prazo de 15 dias, não medindo consequências desastrosas que nos acarretará tal atitude anti-esportiva e violenta, condenada até mesmo por seus próprios associados, mórmente porque o seu estádio ainda não está pago e o seu terreno comporta, sobejamente, as construções que dizem pretender fazer.

"Pedindo a opinião sincera desse congenere, se aprova ou não esse gesto do clube profissional que procura dar um golpe de morte a um clube essencialmente amador, é o que vimos fazer, após a explanação acima".

Ao que tudo indica, no fim das contas, ao cabo de alguns anos, a AA Guarani desapareceu, de fato, de acordo com autor de "Tietê: o Rio do Esporte"⁴⁴⁹, incorporada pelo Corinthians mesmo, e, ao que tudo indica, talvez não muito por vontade própria:

"A Turnerschaft desistiu da locação do imóvel e o espaço liberado foi ocupado pela AA Guarany, clube que por algum tempo viveu ao lado do Corinthians, até que o alvinegro viesse a absorvê-lo. Grande parte dessa área é ocupada hoje pelas marginais do Tietê".⁴⁴⁹

Sabe-se, também, que a AA Guarany, sublocatária do espaço, entrou com processo contra a Sociedade Ginástica 1890, locatária, por causa da perda desse terreno para o Corinthians.⁴⁵⁰ Mas a forma como o clube desapareceu ainda é nebulosa e pouco registrada.

A história da AA Guarany é aqui utilizada para que seja possível constatar, facilmente, a diferença de toda a operação de incorporação da Associação Alemã de Esportes pelo Tricolor das demais situações clubísticas do período da Segunda Guerra Mundial.

449. Nicolini, 2001

450. O Estado de S. Paulo, 5 de maio de 1946

IMAGEM: Carta da AA Guarany à Associação Alemã de Esportes sobre assédio corintiano

Herança do Canindé

Até a publicação desse livro, não existia uma linha escrita sequer sobre a história da Associação Alemã de Esportes que tivesse sido pesquisada e apurada em documentos originais da própria entidade. Quase o mesmo pode ser dito da relação do Tricolor com o Canindé. O São Paulo Futebol Clube, contudo, sempre prezou e preservou os materiais referentes a ambos os clubes, possibilitando essa obra.

Boa parte do conteúdo ilustrado neste capítulo se encontra no Arquivo Histórico do São Paulo, em meio a muitos e muitos outros – dos quais, grande parte, são em língua alemã. Graças a isso, foi possível resgatar a história de clubes relacionados ao passado tricolor e há muito tempo esquecidos (nos poucos trabalhos existentes sobre clubes de imigrantes, praticamente nada existe sobre as entidades aqui apresentadas).

A própria árvore genealógica do São Paulo, exposta ao final do volume, foi expandida com esse conhecimento hibernado.

Além de documentação em papel, o Memorial Luiz Cássio dos Santos Werneck, no Estádio do Morumbi, guarda na reserva técnica inúmeros troféus conquistados por essas agremiações. Como a flecha do tempo é a maior das inimigas, muitas dessas memorabilias sofreram agruras que impossibilitam sua correta identificação – mas esse processo não para e tentativas continuam a serem executadas para se obter informações corretas sobre os itens.

Segue a relação de taças já identificadas e catalogadas:

Do Deutscher Sport Club (Associação Alemã de Esportes):

- n.º 01: Geschiftet von Dr. L. Assis Brasil: 1890;
- n.º 02: Wanderfreis "Heinrich Schenk" (pólo aquático ou natação): ano desconhecido;
- n.º 08: Dem Handball Sieger (Camp. Paulista de Handebol): 1932, 1933 e 1939;
- n.º 10: DSC Pokal (provavelmente handebol, "ao vencedor: casados x solteiros"): 1933;
- n.º 13: Adler Pokal (handebol, 24/02/1935): 1935;
- n.º 16: Handball Wettspiel der jugendmannschaften**: 1936;
- n.º 17: São Caetano Faustball Pokal - I Mannschaft (handebol, 05/04/1936): 1936;
- n.º 18: São Caetano Faustball Pokal - II Mannschaft (handebol, 05/04/1936): 1936;
- n.º 29: B. Hassembach - Tr. S. Paulo (natação, 2.º l. por equipes): 1925, 1926, 1927, 1928, 1938;
- n.º 33: Pokal der Kameradschaft (Taça da Camaradagem, handebol, interno): 1940;
- n.º 41: Taça Tipografia Ipiranga (homenagem do CR Saldanha da Gama): 1941.

Do Schwimm Club Stern (Clube de Natação Estrela):

- n.º 04: Taça Neptuno - Travessia de São Paulo a nado (natação): 1926;
- n.º 05: Taça Il Piccolo (natação, 200 m livres, 28/02/1926 e 27/03/1927): 1926, 1927;
- n.º 06: Taça Prêmio Grupo CRT ("banho a fantasia"): 1927;
- n.º 09: Taça Feminina - Travessia de S. Paulo a nado (natação): 1932.

De clube incorporado, mas não exatamente identificado:

- n.º 11: Taça Nestor Gomes - São Silvestre - 4.º lugar por equipes (atletismo): 1932, 1933, 1935;
- n.º 12: Taça Casa Belmiro - 4.º lugar por equipes (atletismo): 1935;
- n.º 15: Taça Lapa (modalidade desconhecida): 1935;
- n.º 22: Taça Nascimento Júnior - Corrida de S. Silvestre (atletismo, 31/12/1937): 1937;
- n.º 25: Taça S.I.A.M. di Tella (modalidade desconhecida): ano desconhecido;
- n.º 34: Taça Esporte Brasil (provavelmente atletismo, 25/01/1940): 1940.

Mas, além de registros e de metal envelhecido, a principal herança para o Tricolor, tanto da AAE, quanto do Canindé, é a memória esportiva dos feitos daqueles que viveram tal época com a camisa são-paulina, ostentando-a nos mais variados esportes e ajudando a marcar o nome São Paulo Futebol Clube nos mais profundos recantos da história e a transformá-lo no que ele é hoje.

Deixaram, assim, os próprios nomes também para a posteridade.



IMAGEM: Taças n.º 4, de 1926, e n.º 1, de 1890, do Memorial do São Paulo, respectivamente



O DIAMANTE NEGRO

O ponto de virada na história do São Paulo Futebol Clube foi a contratação de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, o “Homem-Borracha”, o “Magia Negra”, em 1942. Esse é um fato indiscutível. Quando o Tricolor o trouxe, o craque era maior do que o clube e, após se aposentar dos gramados, deixou-o maior que si próprio. Não que o destino dos são-paulinos não fosse a grandeza, mas o ídolo acelerou o processo como nada antes dele havia feito. Transformou o “Clube da Fé” em uma agremiação nacional, verdadeiramente gigante.

O atleta foi anunciado como jogador do São Paulo em entrevista a Geraldo José de Almeida na *Rádio Record*, veiculada “ao vivo”, a partir das 18h40 do dia 1.º de abril de 1942 no programa *Record nos Esportes*.⁴⁵¹

A *Folha da Noite*, do mesmo dia e publicada horas antes, registrou que Leônidas seria o destaque do especial radiofônico e questionou se ele ficaria no Flamengo ou se mudaria para o Palestra, por exemplo. Em nenhum momento apontou o Tricolor como destino do atleta.⁴⁵² Quando foi revelada a transferência, o contrato dele com o “Mais Querido” já estava pronto, assinado e datado de 31 de março.⁴⁵³

A transação seria concretizada, ao todo, por incríveis 200 contos de réis. Uma verdadeira fortuna. Para se ter ideia do valor, a loteria federal do dia 4 de abril de 1942 era no montante de 300 contos – e a maioria dos prêmios eram na faixa dos 200 contos. Ou seja, da mesma forma que ninguém acredita ser possível ganhar na loteria, ninguém acreditou que Leônidas havia sido contratado de fato, – principalmente pela data do anúncio, o “dia da mentira”⁴⁵⁴.

Seria “pegadinha”? Aliás, o termo correto na época seria “trote”. Todavia, a dificuldade de aceitação não se dava somente pela quantia de dinheiro que seria envolvida, mas pelo fato de que, ainda que Leônidas fosse o melhor jogador brasileiro em todos os tempos, tendo levado a Seleção nacional à semifinal da Copa do Mundo na França, em 1938, tornado-se artilheiro da competição e conquistado o apelido de “Homem-Borracha” devido a extrema habilidade com a bola nos pés, o craque estava sem atuar nos gramados, de modo oficial, há quase um ano.

Por problemas legais com a junta de serviço militar, o atleta ficou afastado do Flamengo por oito meses e muitos consideravam que ele já estava “acabado” para o futebol. Contudo, “Leônidas ainda era Leônidas”, o que para aquele período da história significava ser o homem mais famoso do país, superando até mesmo Getúlio Vargas e ficando atrás somente, e talvez, de figuras quase divinas, como santos e afins.

Como uma verdadeira estrela de cinema (aliás, em 1951 o jogador chegou a realmente atuar nas telas de cinema, no filme *Suzana e o Presidente*, de Ruggero Jacobbi), Leônidas foi o primeiro atleta brasileiro a virar garoto propaganda, tendo ilustrado publicidades da *Goiabada Peixe*, dos cigarros *Sudan*, do televisor *Philco* e, claro, do famoso chocolate *Diamante Negro*, dentre tantas outras peças do mercado.

Não foi de se estranhar, então, todos os fatos inusitados dessa contratação.

451. Arquivo Histórico do São Paulo FC

452. *Folha da Noite*, 1.º de abril de 1942

453. Arquivo Histórico do São Paulo FC

454. Coletânea de autoria de Leônidas, *A Hora*, 1964

IMAGEM: Leônidas da Silva com a camisa do São Paulo (A Gazeta Esportiva)



Leônidas era um sonho antigo do Tricolor. Em 1939, quase dois anos e meio antes da aspiração se tornar realidade, o jornal *A Gazeta*⁴⁵⁵ noticiou que o São Paulo pretendia gastar 100 contos para leva-lo, então, à Rua da Mooca. Ficou apenas como nota. Na realidade, vários clubes haviam concorrido para obtê-lo no passado. O Fluminense havia chegado a ofertar, certa vez, 150 contos de reis ao Flamengo, proposta prontamente rejeitada.⁴⁵⁶

Em 1942, porém, o processo de negociação deu certo e tudo foi muito rápido, pelo que se tem registro. Ao que parece, tudo começou quando Manuel Pereira Araújo, o Manezinho Araújo, famoso músico pernambucano conhecido como o “Rei da Embolada” confidenciou ao patrão Paulo Machado de Carvalho, dono da *Rádio Record*, que Leônidas da Silva estava a procura de um clube para jogar.

O “Dr. Paulo” estava afastado dos cargos diretivos do Tricolor por vontade própria, mas ao ouvir o relato do compositor, que viveu por muitos anos no Rio de Janeiro e que era amigo próximo do craque, não pensou duas vezes e telefonou para o presidente do São Paulo, Décio Pacheco Pedroso.

“- Presidente, achei o nosso craque!

- Como? Que craque?

- O Leônidas da Silva.

- Enlouqueceu, Paulo?

- Não. Ele está parado no Rio. Brigou definitivamente com o Flamengo.

- Mas Paulo, um jogador como Leônidas só vem por uns 200 contos de réis.

- É isso que nós vamos pagar, presidente”.⁴⁵⁷

Os tricolores não perderam tempo! Na segunda-feira, 30 de março de 1942, Décio Pedroso já voltava para São Paulo, depois de uma conferência que teve com o presidente do Flamengo, Gustavo de Carvalho, no Rio de Janeiro.⁴⁵⁸ No dia seguinte, Roberto Gomes Pedroza, então diretor esportivo do São Paulo, desembarcou cedo de um trem na então capital brasileira portando uma carta de apresentação de Pedroso.

“Illmo. Sr.

Dr. Gustavo de Carvalho

DD. Presidente do C. R. Flamengo – Rio de Janeiro

“Atenciosas saudações:

“Tem o presente apresentar o sr. Roberto Gomes Pedroza, que está credenciado a tratar qualquer assunto que se refira ao São Paulo Futebol Clube, tendo plenos poderes para realizar negociações que necessitem da anuência deste Clube.

“Aproveitando da oportunidade, apresento a V. S., os protestos de meu alto apreço e distinta consideração”.⁴⁵⁹

De acordo com os relatos colhidos por André Ribeiro⁴⁵⁶ na biografia do craque, lançada em 1999, o dirigente Tricolor desembarcou com mais do que uma carta. Carregava em mãos, também, uma preciosa maleta, pesada, volumosa.

Além disso, Pedroza estava acompanhado de Porphyrio da Paz e de outro senhor, o famoso cantor Sylvio Caldas.

Pedroza, contudo, não queria ter-se apenas com o presidente flamenguista. Precisava encontrar Leônidas pessoalmente, porém o jogador não estava no clube carioca, com o qual não tinha mais contrato, mas que ainda possuía o registro dele junto à CBD. Ambos estavam brigados desde que o atleta fora posto em liberdade das pendengas militares, devido a uma “guerra” de bastidores via imprensa que levou o “Diamante Negro” a abrir um processo na justiça contra o rubro-negro para obter o próprio passe.

Gustavo de Carvalho chegou a afirmar, certa vez: “Leônidas ou eu”.⁴⁶⁰ Por causa dessa situação, e pela transparência de Pedroza na negociação com Gustavo, os cariocas não pensaram duas vezes em fechar acordo com o São Paulo. Caso Leônidas vencesse na justiça, o Flamengo não veria tostão algum. E aquela maleta do dirigente são-paulino era a melhor solução para o caso. Sem falar que, assim, o ídolo não acabaria atuando por um rival local.

Após deixar o Flamengo, a comitiva são-paulina, seguindo o conselho de Sylvio Caldas, encontrou-se com Manezinho Araújo, que também foi destacado ao Rio para ajudar a comitiva: “Este é o único homem que sabe onde o Leônidas se encontra!”, teria dito Sílvio. E Manezinho de fato sabia, mas antes de informar qual seria o paradeiro do “Léo”, Pedroza deixou claras as intenções da visita e lhe mostrou o conteúdo da maleta que carregava.

“Tive o cuidado então de telefonar com antecedência para Leônidas aconselhando-o a pedir alto, pois eu tinha visto, com os meus próprios olhos que a terra um dia há de comer, a massaróca de dinheiro que o São Paulo enviava para a sua conquista”.⁴⁶¹

A princípio, o jogador não estava disponível. Ele esteve em Niterói, conversando com dirigentes do Canto do Rio FC⁴⁶², mas por volta das 16 ou 18 horas, os tricolores reuniram-se na casa de Leônidas e Dona Maria, mãe do jogador, na Rua Juiz de Fora, no bairro do Grajaú, e lá tudo foi previamente acertado, apesar das lamúrias da genitora do jogador “por ter sabido que o frio de São Paulo aleijava gente”.⁴⁶¹

Pedroza, importante dizer, também era amigo de longa data de Leônidas. Ambos defenderam juntos a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1934, na Itália, e em todos os amistosos daquela longa temporada do time da CBD pelo interior do Brasil.

O ex-goleiro Pedroza retornaria no dia seguinte, com o parecer da presidência do Tricolor sobre o combinado e com o objetivo de preparar Leônidas para a entrevista com a *Rádio Record*. Antes desse encontro, vale lembrar, o diretor esportivo são-paulino confidenciou-se, no Hotel Itajubá, com o colega e jornalista Geraldo Romualdo da Silva, que recebeu em primeira mão o “furo”, pouco depois das 20 horas daquele dia 31 de março.

“Pedroza estava no apartamento com uma maleta cheia de notas de 500 mil réis e um livro de cheques. Ao todo duzentos contos. Oitenta para o Flamengo, 120 para Leônidas, por dois anos de contrato. Guardei o furo para o *Jornal dos Sports* e para *O Globo*... Negócio secretíssimo. Se alguém soubesse, estragaria tudo. Haveria uma revolução na Gávea”.⁴⁶³

455. *A Gazeta*, 30 de setembro de 1939

456. Ribeiro, 1999

457. Cardoso & Rockmann, 2005

458. *O Esporte*, 4 de abril de 1942

459. *Correspondências do São Paulo*, Arquivo Histórico do São Paulo FC

460. *O Esporte*, 13 de fevereiro de 1942

461. *Revista Tricolor* n.º 4, outubro de 1949

462. *Jornal dos Sports*, 2 de abril de 1942

463. Ribeiro, 1999, citando *Jornal dos Sports*

E, de fato, Geraldo guardou segredo e fez parte da trama que se seguiu. Apesar de todos os relatos encontrados na imprensa nos dias seguintes, o fato é tudo foi assinado ou acordado entre todas as três partes, São Paulo, Flamengo e Leônidas, ainda no dia 31 de março. O que se sucedeu foi um jogo de cena, ofertado pela diretoria são-paulina, para que a torcida flamenguista não colocasse o clube rubro-negro abaixo, revoltada contra a negociação.

Os cariocas foram amaciando o público com cifras de imenso valor e vislumbres de bom uso dessas quantias para a formulação de um melhor elenco, por exemplo. Para os periódicos cariocas, de modo geral e em um primeiro momento, o Tricolor era apenas mais um dos interessados pelo "Diamante Negro", fazendo questão de afirmar, ainda, que nada havia sido concretizado e que, por exemplo, o Palestra Itália ameaçava cobrir qualquer proposta,⁴⁶⁴ tendo inclusive enviado emissário, Vitor Gargaglione, para conversar com o craque no dia 2 de abril⁴⁶⁵.

O Tricolor reforçou o teatro. Nesse mesmo dia, Décio Pacheco Pedroso chegou ao Rio de Janeiro para acompanhar de perto as "tratativas" realizadas na Rua Gago Coutinho, no bairro das Laranjeiras, onde residia o sr. Clovis Paulo da Rocha, advogado de Leônidas. Lá, Gustavo de Carvalho assinou papel timbrado são-paulino com a liberação do passe do atleta: "Por este documento concedo o passe livre do jogador profissional LEÔNIDAS DA SILVA ao SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1942".⁴⁶⁶

E, na manhã seguinte, Leônidas "assinou" contrato com o São Paulo – de acordo com toda a mídia esportiva. O clube, por sua vez, reforçou o compromisso de pagamento com o Flamengo pelo passe do atleta. Ficou combinada também a retirada do processo judicial do jogador contra o time carioca.

Vale ressaltar, novamente, que não consta nada assinado pelo atleta nessa data, apenas no dia 31 de março, por isso as aspas na informação anterior. Para atestar o fato, são reproduzidos os termos dos documentos são-paulinos com os envolvidos, Leônidas e Flamengo:

O "contracto de jogador profissional de football" de n.º 7189, com carimbo da Confederação Brasileira de Desportos sobre timbre da Federação Brasileira de Football, definiu vínculo de 21 meses e um dia entre São Paulo Futebol Clube e Leônidas da Silva, começando em 31 de março de 1942 e terminando em 31 de dezembro de 1943, com o compromisso de um ordenado mensal de 800\$000 (oitocentos mil réis) ao atleta.

As cláusulas extras adicionadas ao final do contrato estipularam, também:

- a) Gratificação de 100\$000 (cem mil réis) por vitória e 50\$000 (cinquenta mil réis) por empate obtido em cada jogo;
- b) Ajuda de custo pela mudança de domicílio no valor de 5:000\$000 (cinco contos de réis);
- c) Luvas contratuais de 75:000\$000 (setenta e cinco contos de réis), sendo 50:000\$000 (cinquenta contos de réis) pagos em trinta dias e o restante em parcelas trimestrais.

Mal haviam formulado e assinado o contrato, Décio Pedroso e Leônidas discutiram (provavelmente por telefone) pequenos detalhes e redigiram aditamentos, em papéis diversos, também datados de 31 de março, a saber:

464. *Jornal dos Sports*, 3 de abril de 1942

465. *Correio Paulistano*, 3 de abril de 1942

466. *Arquivo Histórico do São Paulo FC*



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOOTBALL

RIO DE JANEIRO

CONTRACTO DE JOGADOR PROFISSIONAL DE FOOTBALL

Contracto N.º 7189

VIA 1
PARA
JOGADOR

Registro N.º.....

Pelo presente instrumento de locação de serviços, entre parte:
São Paulo Futebol Clube
(Nome do club por extenso)
com sede nesta cidade á aven. Jose Barros n. 337 4º
devidamente representado por seu Presidente, e aqui denominado Club, como locatario; e
Leônidas da Silva
(Nome do jogador por extenso)
com 28 annos de idade, natural de Distrito Federal jogador profissional de football, residente á....., neste instrumento denominado jogador, como locador, ficou justo e contractado o seguinte:

Primeiro — O jogador se obriga a prestar os seus serviços de jogador de football profissional, durante a vigencia deste contracto, unica e exclusivamente, ao Club.

Segundo — O prazo do presente contracto é de 21 (Vinte e um) meses e um dia começando em 31 de Março de 1942 e terminando em 31 de Dezembro de 1943.

Terceiro — O jogador receberá o ordenado mensal de Rs. 800 \$ 000,
Oitocentos mil réis
que lhe será pago dentro dos primeiros dez dias uteis do mez immediato ao vencido.

Quarto — São obrigações do jogador:

- a) — prestar os seus serviços profissionais ao Club, esforçando-se por conseguir o maximo de sua eficiencia technica, e empregando-a em todos os jogos em que tomar parte.
- b) — manter e aperfeiçoar a sua eficiencia technica, conservar sua capacidade physica para o esporte, seguindo rigorosamente o regimen que lhe for indicado pelo tecnico do Club;
- c) — tomar parte em todos os exercicios e treinos exigidos pelo Club, assim como em todos os jogos ordinarios e extraordinarios, para que for escalado pelo Club, dentro ou fóra do Paiz, sem que possa allegar qualquer motivo de impedimento, obrigando-se ainda a prestar o seu concurso a..... e a FEDERAÇÃO
(Nome de entidade)
BRASILEIRA DE FOOTBALL, sempre que for designado para treinos ou jogos, sem que possa negar-se ou reclamar outras compensações além das previstas no presente contracto;
- d) — não tomar parte em qualquer prova esportiva, dentro ou fóra do Club, salvo autorização especial, dada por escripto, pelo Presidente do Club ou quando for requisitado pelas entidades superiores;
- e) — comunicar, por escripto, ao Club, dentro das **vinte e quatro horas** seguintes, os accidentes durante os jogos ou treinos de football, sob pena de não assumir o Club qualquer responsabilidade pelos mesmos accidentes;
- f) — obedecer e cumprir fielmente as obrigações que lhe decorram deste contracto, Estatutos, leis e regulamentos do Club.

- d) Pagar a gratificação devida mesmo em caso de ausência em um jogo por contusão;
- e) Compromisso de atuação em amistosos, mesmo fora do período de contrato e sem inscrição na FPF, até 31 de março de 1944;
- f) Garantir ao jogador um emprego, aparentemente alheio ao futebol, com ordenado mensal de 1:000\$000 (um conto de réis), e caso Leônidas perdesse esse trabalho, por qualquer motivo, o clube continuaria lhe pagando esse valor até o final do contrato.

Contudo, nenhum desses três últimos itens foi adicionado ao contrato registrado junto à CBD, no fim das contas. Na realidade, foram rasgados da folha original, quando protocolados. Restaram apenas as cópias do combinado.⁴⁶⁷

Cabe destacar que, no ato da assinatura de contrato, Leônidas recebeu 30:000\$000 (trinta contos de réis) em espécie e o advogado dele, sr. Clóvis Paulo da Rocha, foi pago com 10:000\$000 (dez contos de réis) pelos serviços prestados, completando, assim, os 120 contos de réis da parte destinada ao jogador.

Já os termos negociados com o Flamengo ficaram registrados em carta endereçada ao São Paulo no dia 20 de abril. Vale reparar na missiva aqui transcrita a data mencionada e o termo “confirmar”:

“De ordem do sr. Presidente tenho o prazer de acusar recepção de vossa prezada carta de 31 de março último e venho confirmar as seguintes condições estabelecidas entre o vosso Clube e o ‘Club de Regatas do Flamengo’ para a transferência do jogador LEÔNIDAS DA SILVA:

“1.º) – O São Paulo Futebol Clube pagará ao Club de Regatas [do] Flamengo a importância de Rs. 80:000\$000 (oitenta contos de réis), nas seguintes condições:

- a) – 30:000\$000 (trinta contos de réis) no ato do recebimento do passe definitivo;
- b) – 25:000\$000 (vinte e cinco contos de réis) a 120 (cento e vinte) dias da data do passe em definitivo;
- c) – 25:000\$000 (vinte e cinco contos de réis) a 240 (duzentos e quarenta) dias da data do passe em definitivo;

“2.º) – O São Paulo Futebol Clube terá opção para realizar 1 (um) ou 2 (dois) jogos, dentro dos duzentos e quarenta dias, concedendo ao Club de Regatas [do] Flamengo, 50% (cincoenta por cento) da renda líquida, garantido a quota mínima de 25:000\$000 (vinte e cinco contos de réis) em cada jogo.

- a) – No caso da realização dos jogos acima mencionados, o Club de Regatas do Flamengo irá com todas as despesas a seu encargo;
- b) – O Club de Regatas do Flamengo far-se-á repreentar pelo seu quadro de profissionais com todos seus titulares.

*“3.º) – Durante a vigência do contrato do jogador citado, o São Paulo Futebol Clube não poderá negociar o passe do jogador acima referido sem primeiro consultar o interesse do Club de Regatas do Flamengo no passe do mencionado jogador”.*⁴⁶⁷

467. Arquivo Histórico do São Paulo FC

Se no Rio de Janeiro, a notícia provocou constrangimentos e buscas por justificativas (Mário Filho,⁴⁶⁸ por exemplo, ressentiu-se: *“Leônidas passou a valer mais depois de multado, suspenso e condenado”*), em São Paulo causou euforia e uma série dos mais variados louvores e elogios. A *Folha da Noite*⁴⁶⁹ estampou na capa do jornal, imediatamente abaixo de manchete referente a Segunda Guerra Mundial: *“Leônidas contratado pelo S. Paulo F. C.”*, em letras garrafais.

O *Correio Paulistano*⁴⁷⁰ cometeu uma justa redundância para noticiar a contratação: *“O assunto principal dos círculos esportivos foi o contrato de Leônidas pelo S. Paulo F. C. cuja surpresa foi das mais surpreendentes”*.

O *O Esporte*⁴⁷¹, grifou: *“O craque mais caro do Brasil contratado pelo São Paulo F. C. Provocou grande sensação na cidade o notável empreendimento do Tricolor”*. Já o *O Estado de S. Paulo*⁴⁷², destacou: *“Parece-nos que assim o S. Paulo resolveu de uma vez para sempre o problema dos clubs paulistas: o concurso de um centro-avante”*.

Por fim, a *Folha da Manhã*,⁴⁷³ que legendou uma fotografia de Leônidas assinando um documento com os dizeres: *“O São Paulo contratou o maior centro-atacante brasileiro!”*, ressaltou, também, a atuação dos dirigentes tricolores na negociação:

“O trabalho executado pelos homens que o grêmio sampaulino enviou, podemos dizer, sem medo de errar, que foi perfeito. Num abrir e fechar de olhos, quando tudo parecia assentado a favor do Canto do Rio, os ‘irmãos’ Pedrosa conversaram diretamente com o presidente do Flamengo, conseguindo, graças ao tratamento fino e elegante, a palavra de Gustavo de Carvalho concedendo o ‘passe’ mediante a quantia de 80 contos”

O mesmo periódico afirmou que Leônidas teve que se destinar à Niterói e pedir desculpas pessoalmente ao presidente do Canto do Rio, Eugênio Borges, pela ruptura do acordo verbal que haviam previamente acertado, quando o jogador ainda estava detido por questões do Exército: *“Eu não podia deixar de aceitar”*, disse o craque sobre a proposta são-paulina.

*“Um grande triunfo. Em matéria de aquisição de jogadores, nenhuma outra realização do São Paulo ou de outros clubes bandeirantes, supera esta. Aí está, sem favor algum, o maior triunfo tricolor de toda a sua existência, e tudo se deve á orientação feliz e brilhante de seus dirigentes, cujo descortino e operoso esforço muito veem contribuindo para levantar o S. Paulo ao mais alto nível de projeção”.*⁴⁷⁴

Depois dos tratos finalizados, restava a Leônidas se desfazer da moradia que possuía na capital nacional e encerrar o processo judicial que movia contra o Flamengo, antes de mudar-se, de vez, para São Paulo. Esse último ponto, foi concluído no dia 7 de janeiro, na Segunda Vara Cível do Distrito Federal.

Enquanto a torcida são-paulina esperava ansiosa pela chegada do ídolo, a crítica especializada não se questionava se ele teria condições ou não de jogo, e sim predizia o sucesso do atacante: *“o mago da pelota terá um digno sucessor em Leônidas: A dinastia de Fried continua reinando nas gloriosas cores sampaulinas – O ‘Diamante’ encerraria sua brilhante carreira no Tricolor?”.*⁴⁷⁴

468. O Globo, 6 de abril de 1942

469. Folha da Noite, 4 de abril de 1942

470. Correio Paulistano, 5 de abril de 1942

471. O Esporte, 4 de abril de 1942

472. O Estado de S. Paulo, 5 de abril de 1942

473. Folha da Manhã, 5 de abril de 1942

474. O Esporte, 9 de abril de 1942



O jornal *O Esporte* proporcionou aos tricolores a primeira imagem do “Homem-Borracha” com a camisa do São Paulo, no dia 9 de abril: sócios do clube haviam despachado ao Rio de Janeiro o uniforme do time, por meio de jornalistas desse periódico.

Livre, Leônidas marcou a viagem à “Terra da Garoa” para o dia 10. O jogador chegaria às 20 horas à Estação do Norte, no Brás, em trem “litorina” e acompanhado do amigo Sylvio Caldas.

O jogador deixou o Rio de Janeiro ao meio-dia. No embarque, não houve viva alma que tenha ido se despedir do craque.⁴⁷⁵ Além de Sylvio e de Porphyrio, somente jornalistas lhe fizeram companhia. Certamente uma partida melancólica. A bordo, Leônidas deu algumas entrevistas aos colunistas que se dispuseram a dividir a viagem consigo, afirmando estar muito bem fisicamente:

*“Tenho verdadeira fome da bola. Quero fazer tudo com empenho para que as coisas saiam bem, para que me seja possível apresentar um grande rendimento técnico. Mas, antes, tenho que fazer muito exercício individual. Posso, todavia, plena confiança em mim mesmo. Espero brilhar no S. Paulo”.*⁴⁷⁶

Trinta minutos atrasado, ele desembarcou em um cenário que nunca teria imaginado nem em sonho: uma multidão de pessoas se amontoava nos arredores da estação de trem desde o cair da tarde, paralisando o trânsito na Avenida Rangel Pestana. *“Uma apoteose a recepção dispensada a Leônidas”.*⁴⁷⁷

O número de pessoas à espera de Leônidas, nos arrebaldes da estação, variaram de oito⁴⁷⁷ a dez mil pessoas⁴⁷⁶, dependendo do veículo de mídia que noticiou o fato.

*“Quando o trem chegou mais perto (da estação), a multidão perdeu o controle. Quase que de uma hora para a outra, o povo, que tinha passado a tarde no Largo da Concórdia, invadiu os trilhos. Tinha tanta gente no local que o trem teve que parar antes de chegar à plataforma. Foi uma revolução”.*⁴⁷⁸

Sobre os ombros do radialista são-paulino Geraldo José de Almeida, e ao lado do tenente Porphyrio da Paz, Leônidas da Silva foi conduzido em meio a admirada e extasiada aglomeração, a pé, até a sede do Tricolor, na Rua Dom José de Barros. *“Estou assombrado! Nunca vi coisa igual”*, disse Leônidas a um jornalista.⁴⁷⁷

*“Demos uma olhada ao redor, e vimos a massa. Pescoços que se esticavam, mostrando veias dilatadas; cabeças erguidas, querendo farejar; uma mulher descalçou os sapatos, depois de ter seus calos pisados, bem perto de nós; um cavalheiro de bigodes falava: ‘nunca vi tanta gente!’”.*⁴⁷⁶

Reza a lenda que, uma senhora dos arredores, ao ver tamanha comitiva a desfilar pelas ruas da cidade, teria dito, impressionada: *“Mas será o Benedito?”*, imaginando tratar-se de uma procissão religiosa. A frase, posteriormente, se tornaria uma expressão popular e Leônidas adorava lembra-la na forma de piada.⁴⁷⁹

A mobilização pelo ídolo prosseguiu durante todo o mês.

475. Ribeiro, 1999

476. *O Esporte*, 11 de abril de 1942

477. *Folha da Noite*, 11 de abril de 1942

478. Queiroz, 2012, citando Paulo M. de Carvalho

479. Coletânea de autoria de Leônidas, *A Hora*, 1964



"Sete mil novos sócios entraram para o São Paulo F.C. após a aquisição de Leônidas", ilustrou o jornal *O Globo Sportivo* de 1 de maio de 1942. O número parece um tremendo exagero, ou um engano. O periódico *O Esporte*, de dias antes,⁴⁸⁰ havia destacado que, desde a contratação do ídolo, a média de novas inscrições na sede social são-paulina chegava a 50 ou 60 pessoas por dia. Porém, mesmo que fossem a 100 novos sócios por dia, não alcançaria sete mil associados em tão pouco tempo.

O certo é que o número total de associados do clube atingiu o patamar de sete mil assinaturas, naquele ano (como exposto no capítulo anterior, o Tricolor terminou 1942 com 9.983 sócios). Entretanto, apenas em abril, 1.086 torcedores se empolgaram com a contratação e adentraram às fileiras sociais do clube,⁴⁸¹ um recorde na história do São Paulo.

De toda forma, passada a inesquecível recepção, Leônidas encaminhou à CBD⁴⁸², no dia 11 de abril, o pedido de transferência do Flamengo para o São Paulo, para que, dali dois dias, pudesse regularizar pessoalmente a inscrição dele junto à Federação Paulista de Futebol - FPF, na Avenida Ipiranga, em companhia de Roberto Gomes Pedroza e Vicente Feola.

Feola, por sinal, depois de outro vice-campeonato estadual, voltaria a ocupar um posto administrativo entre os dirigentes são-paulinos. Para o antigo posto dele, de treinador, Pedroza trouxe o uruguaio Conrado Ross, contratado no dia 14.⁴⁸² A diretoria do Tricolor, aliás, estabeleceu uma nova comissão técnica completa, reformulando o departamento médico, promovendo palestras e concursos científicos⁴⁸³ e contratando até uma nutricionista⁴⁸⁴, até então novidade entre clubes de futebol do Brasil.

O sargento Ariston de Oliveira continuava à frente do preparo físico dos jogadores. Em janeiro de 1942, aliás, Ariston estabeleceu uma série de normas rígidas como plano de trabalho para a temporada, com tópicos que regravam treinos, alojamento, recursos médicos, higiene, disciplina, medidas sócio-educativas sobre fumo e bebida e até mesmo remuneração extra de acordo com desempenho em atividades extrajogos.

O ineditismo e investimento eram justificados porque Leônidas, como era de se esperar (apesar dos discursos), estava fora de forma e longe de ter condições para estreiar tão prontamente pelo clube.

A comissão técnica preparou, então, um cronograma, um plano de metas e uma dieta especial para recuperar o físico do atleta que deveria estreiar a partir da segunda quinzena de maio.⁴⁸⁵ Por mais de um mês, o craque passou por um forte condicionamento, que envolvia até mesmo treinamento com pesadas malhas de lã e uma alimentação controlada e vigiada de perto.

No dia 14 de abril, Feola comandou o time pela última vez antes de Ross assumir (o uruguaio ainda precisava de liberação do Conselho Nacional de Desportos - CND - para exercer o ofício, por ser estrangeiro), e o Tricolor goleou o SP Railway por 6 a 1. Antes de começar o jogo, Leônidas foi oficialmente apresentado à torcida são-paulina, no Estádio do Pacaembu.⁴⁸⁶

Depois de um curto bate-volta ao Rio de Janeiro (ele precisava acertar as últimas pendências por lá e trazer a família a São Paulo), Leônidas realizou o primeiro treinamento pelo Tricolor no dia 23, no Municipal, sob o comando de Conrado Ross, do mesmo modo ali estreante. A atividade para o craque foi individual, composta apenas de ginástica leve.⁴⁸⁷

480. *O Esporte*, 14 de abril de 1942

481. *O Esporte*, 29 de abril de 1942

482. Arquivo Histórico do São Paulo FC

483. *Correio Paulistano*, 14 de abril de 1942

484. Ribeiro, 1999

485. *O Esporte*, 23 de abril de 1942

486. *O Esporte*, 13 de abril de 1942

487. *Folha da Manhã*, 24 de abril de 1942

IMAGEM: Dieta de Leônidas



SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

"O CLUBE MAIS QUERIDO DA CIDADE"

RUA D. JOSÉ DE BARROS, 337

SÃO PAULO
BRASIL

CAIXA POSTAL, 1901

LEONIDAS DA SILVA - 29 anos - Estenico - 65,800 grms.- 1,650 de altura. Atividade: futebolista profissional. Dieta de manutenção na qual far-se-ão concessões na véspera dos jogos.

Composição do regimen.

Albuminas	90 grms	360	calorias
Hid. de C.....	350 grms	1400	calorias
Gorduras	60 grms	560	"
Vegetais (abaixo).....	300 a 400 grms	70	"
Frutas (").....	300 a 400 grms	180	"
		2570	"

Liquidos (comprende os liquidos das refeições) no maximo 1 litro.

-Distribuição-

Carnes - 300 grms para serem divididas em duas refeições; a unica observação é que deve ser sempre carne magra; o modo de preparar será livre.

Queijo - 50 grms de tipo magro, isto é, prato.

Ovo - Um ovo nos dias em que não comer queijo ou diminuir 50 grms na carne.

Leite - 250 grms ao dia.

Vegetais - 400 grms (alface, agrião, escarola, broculos, pimentão cru ou repolho tenro também cru, almeirão, catalonã, espinafre, tomate, vagens terras, cenoura, cebola, beterraba) crus ou cozidos podendo a manteiga permitida e o azeite serem usados da maneira mais agradável.

Frutas (a escolher)- maçã (1), pera (1), pessegos (2), uvas (1 cacho de 150 a 200 grms, laranja (2), figos (2), manga (200 grms), abacate (100 grms), açúcar permitido para um dia todo-50 grms, abacaxi (200 grms), banana (1 nanica ou 1 prata ou 2 maçãs).

Pão - de qualquer especie 130 grms.

Batata - mandioca ou mandioquinha - 150 grms preparada de qualquer modo menos frita.

Macarrão - ou arroz - 125 grms.

Oleo oliva - 25 grms (2,1/2 colheres das de sopa) ao dia.

Manteiga - 15 grms (1 colher das de sopa ao dia).

Refeições (exemplo que será modificado segundo preferencia e comodidade)

Leônidas, naquele momento, pesava 71 quilos e desejava perder seis.⁴⁸⁸ A comissão técnica, por outro lado, trabalhava com a meta dele alcançar 66 ou 67.⁴⁸⁹ Como o jogador possuía 1,65 metro de altura, o índice de massa corporal dele apontava, de fato, sobrepeso (IMC de 26,07).

Naquela atividade, também estava presente Waldemar de Brito, que regressou ao Tricolor após oito anos (e que fora companheiro de ataque do “Diamante Negro” na Seleção Brasileira, em 1934 e no Flamengo, entre 1938 e 1939); Doutor, goleiro adquirido junto ao Ypiranga; e Pardal, ponta vindo do Pelotas, do Rio Grande do Sul, no final de 1941. Os três eram as outras grandes apostas do clube para a temporada.

Contudo, e em pouco tempo, a forma física e o regime alimentar de Leônidas, começaram a chamar a atenção e a gerar piadas de rivais e também e da imprensa. Com apenas dois exercícios diários realizados pelo jogador, até então, o jornal *O Esporte*, de 25 de abril, brincou com a dieta “forçada” do atleta: “*Um aparelho de captar a onda do pensamento registrou a frase que Leônidas não disse: ‘só quero comer essa banha’*”.

Leônidas realmente sofreu um bocado para se readaptar e ter condições de jogo, mas conseguiu. Em 7 de maio já foi capaz de carregar o time reserva nas “costas” em embates contra os titulares (na ocasião, 2 a 2, com os dois gols dele⁴⁹⁰). A partir dessa data, inclusive, o ídolo poderia ter se entrosado melhor com o elenco, atuando em partidas menores.

O clube chegou a convidar o Atlético Paranaense para um amistoso no dia 13 de maio⁴⁹¹, mas todos os envolvidos queriam mostrar logo que Leônidas estava totalmente apto e nada melhor que um clássico para tirar quaisquer resquícios de dúvidas ou suspeitas sobre a qualidade e o empenho do atleta. O amistoso, assim, foi cancelado no dia 10 e o time do Paraná, para não perder a viagem, acabou enfrentando o Ypiranga, no Pacaembu.⁴⁹²

Com o cancelamento, cresceu a expectativa de que Leônidas estreasse na partida seguinte, marcado pela tabela do Campeonato Paulista para o domingo, 24 de maio, contra o Corinthians. Finalizado o treinamento coletivo da tarde da quinta-feira anterior a esse jogo, a comissão técnica são-paulina informou à imprensa que sim, e enfim, o atacante faria o primeiro jogo com a camisa do Tricolor no clássico!⁴⁹³

Não foi necessária muita divulgação para que em pouco tempo os melhores ingressos disponíveis ao público para o jogo no Municipal se esgotassem. Chama a atenção, também, que mesmo em 1942, um problema comum que assola os arredores de estádios nos tempos atuais, já ocorria e causava espanto e revolta: o cambismo de ingressos. Com a iminência da partida da década, a tão aguardada estreia de Leônidas em um clássico “São Paulo versus Corinthians”, no Pacaembu, a prática de cambistas de ingressos atingiu o auge.

“O interesse que o encontro São Paulo-Corinthians vem despertando e a estreia de Leônidas tiveram o condão de movimentar os nossos aficionados do futebol e isso chamou, desde logo, a atenção dos agenciadores e cambistas de entradas, que organizaram um perfeito ‘trust’, talvez com a colaboração de algum elemento prestigioso nas esferas esportivas.

“O que mais assombrou não foi a atividade dos cambistas e a ganancia evidenciada no ágio com que se locupletavam coma revenda das entradas, mas na incrível rapidez como agiram, adquirindo, em menos de uma hora, em vários pontos, todo o ‘stock’ posto à venda.

488. *O Esporte*, 24 de abril de 1942

489. *O Esporte*, 29 de abril de 1942

490. *O Esporte*, 8 de abril de 1942

491. *Correio Paulistano*, 12 de maio de 1942

492. *A Gazeta Esportiva*, 11 de maio de 1942

493. *Folha da Manhã*, 22 de maio de 1942 e *Jornal dos Sports*, 24 de maio de 1942

“E uma vez esgotada a lotação do estádio, os cambistas, numa orgia de agiotagem desenfreada, chegaram a decuplicar os preços das localidades no oferecimento ao público...

*“A agiotagem na venda dos ingressos dos campos de futebol vem de longa data, desde os tempos do ‘amadorismo-marrom’, sem que se tomassem providências aconselháveis para extirpar-se esse cancro”.*⁴⁹⁴

Se nem os organizadores do evento e nem os poderes públicos previram ou reverteram essa grave situação, é certo imaginar, também, que teriam problemas com o grande fluxo de pessoas ao Pacaembu, dotados de ingressos ou não, horas antes de se iniciar a contenda.

Sabedores da superlotação do estádio, a Diretoria do Municipal, a Federação Paulista e a Força Pública dispararam comunicado conjunto à imprensa alertando que “*no sentido de se tornar possível atender à maior afluência prevista para o espetáculo esportivo de hoje, nas gerais e na parte das arquibancadas, onde ainda não existem banco, deverão os espectadores manter-se de pé durante o transcorrer do jogo*”.⁴⁹⁵

No dia do jogo ainda existiam ingressos à venda. Duas bilheteria para arquibancadas e duas para as gerais, destinadas aos sócios dos clubes, foram abertas às 8h30 na avenida Pacaembu. Como o mando da partida era do Corinthians, o rival tinha direito a uma cota social gratuita, destinada aos associados do clube com as obrigações internas em dia, conforme regulamentação da época. Aos associados do São Paulo, time visitante, foram cobrados os preços normais das entradas.

Às 10 horas, as demais bilheteria do Municipal foram abertas ao público geral, com os seguintes preços, por tipo de ingresso (80 mil foram confeccionados e postos à venda):⁴⁹⁶

Arquibancadas

- Comum: 5\$000 (cinco mil réis);
- Menores, senhoras e militares: 2\$000 (dois mil réis);

Gerais

- Comum: 3\$000 (três mil réis);
- Menores, senhoras e militares: 1\$000 (mil réis);

O único setor “esgotado” dias antes da partida foi o da cadeira numerada, que custava 20\$000 (vinte mil réis), mas que, pouco antes do cerrar dos portões do estádio, chegou aos 200\$000 (duzentos mil réis) na mão dos cambistas na rua, arcando o “desavisado” comprador com o risco desses ingressos serem falsos. Havia sido cogitado instalar assentos à frente da concha acústica do estádio, para a ocasião, mas a ideia foi descartada por ser inviável.⁴⁹⁷

Como esperado, nas primeiras horas da manhã o Pacaembu já fervilhava de gente por todos os lados. Não foram raros aqueles que aproveitaram o bom tempo para lanchar e fazer um *pic-nic* por lá mesmo.⁴⁹⁸ Às 10 horas os portões do Municipal foram abertos para a entrada das torcidas e o movimento se avolumou entre 11 e 14 horas. Consta nos registros que por volta das 13 horas já era praticamente impossível achar um bom lugar para assistir ao jogo, marcado para ter o pontapé inicial às 15h30.

494. *Correio Paulistano*, 22 de maio de 1942

495. *O Estado de S. Paulo*, 24 de maio de 1942

496. *O Esporte*, 21 de maio de 1942

497. *Folha da Manhã*, 24 de maio de 1942

498. *A Gazeta Esportiva*, 25 de maio de 1942

LEONIDAS



COMEÇOU JOGANDO COM BOLA DE MEIA, NA RUA...



"CRACK" REVELOU-SE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1931



NA COPA DO MUNDO, EM 1934 E 1938, MARAVILHOU O MUNDO ESPORTIVO EUROPEU, COM AS SUAS JOGADAS ESPETACULARES



ESTEVE INATIVO POR ALGUM TEMPO, DEVIDO A COMPLICAÇÕES MILITARES...



EM 1942 VEIO PARA O S.P.F.C.



FOI O CRIADOR DA JOGADA

"BICICLETA"

nino Borges 1943

A multidão à espera da partida se contentou com jogos preliminares enquanto a peleja de fundo ainda estava distante. Às 11h30, os amadores de Corinthians e São Paulo se enfrentaram e os alvinegros venceram por 3 a 2. Duas horas depois, foi a vez do confronto profissional, do Campeonato Paulista, entre o Comercial, da capital, e o Espanha, de Santos, que terminou com a vitória do primeiro por 4 a 2.

Conforme o tempo passava, o espaço sumia. O Pacaembu lotou uma hora e meia antes da peleja começar e os portões foram fechados. "Somente faltou quem subisse até a estátua do atleta olímpico, si bem que o pedestal tivesse sido também tomado!"⁴⁹⁹ Os então desocupados morros em volta do estádio também estavam apinhados de gente, embora não se saiba se era possível enxergar alguma coisa de lá.

O time mandante subiu ao gramado inteiramente trajado de preto. Já o São Paulo, depois de ter sido recebido com uma chuva de confetes e serpentinas pelo Grêmio Sampaolino, alinhou-se com seu conjunto tradicional: camisa e calção brancos, com as faixas tricolores, e meias predominantemente pretas. Antes da bola rolar, os são-paulinos homenagearam Porphyrio da Paz, que havia sido promovido de tenente a capitão.

Às 15h50, o árbitro Jorge Gomes de Lima, o Joreca (que no ano seguinte seria o treinador do Tricolor) soou o apito e Leônidas deu o primeiro toque na bola, começando o jogo.

O São Paulo escalado por Conrado Ross foi ao campo com Doutor, no gol; Fiorotti e Virgílio, na defesa; Záclis, Lola e Silva, na linha média; e com a ofensiva formada por Luizinho, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal.

A partida transcorreu muito aguerrida e movimentada, e foi o Corinthians que saiu na frente do placar, logo aos dez minutos de jogo, com gol de Jerônimo, graças ao rebote cedido pelo goleiro Doutor. O adversário seguiu firme no ataque, forçando a defesa são-paulina a rechaçar as investidas do modo que podiam. As primeiras ações ofensivas do Tricolor vieram com Luizinho, em jogadas combinadas com Leônidas, mas o novo centroavante, sempre marcado de perto por Brandão, não conseguia realizar as proezas que todos esperavam.

Até que, aos 30 minutos, Leônidas conseguiu encontrar espaço para desequilibrar o confronto: Luizinho cobrou escanteio, o "Diamante Negro" tocou de cabeça e a bola ficou aos pés de Lola, na entrada da área, que escolheu o canto a bateu para o gol, com perfeição, para anotar o primeiro gol são-paulino no jogo. 1 a 1 no placar, que marcou o fim do primeiro tempo.

"O Estádio fica em brasas".⁴⁹⁹

Na segunda etapa do confronto, o Corinthians encontrou um gol logo aos três minutos, com Servílio, mas os tricolores não desanimaram. Aos 15, Leônidas, fortemente marcado, iniciou jogada com Pardal, dentro da área. Esse atacante devolveu rapidamente a pelota para o "Magia Negra", que ameaçou um drible, mas bateu forte para o gol com o pouco espaço que tinha. O médio corintiano Dino o interceptou, desviando a bola para escanteio. Nessa cobrança, Pardal encontrou Luizinho junto ao poste. O atacante não desperdiçou e, de cabeça, estufou as redes: 2 a 2 no marcador!

"Estoura outra vez o estádio".⁴⁹⁹

499. A Gazeta Esportiva, 25 de maio de 1942

IMAGEM: Fases da carreira de Leônidas pelo traço do cartunista Nino Borges (A Gazeta Esportiva)



Com o empate, a partida volta a se acirrar, e ambas as equipes se puseram ao ataque, arriscando-se na defesa. Pelo Tricolor, destacaram-se as jogadas trabalhadas entre Leônidas e Pardal, que perdeu algumas chances. De tanto bater em cima, a linha ofensiva são-paulina furou o bloqueio rival aos 36 minutos: Luizinho escapou pela ponta direita e encontrou o "Homem-Borracha" pelo centro. O craque domou a bola, levantou a cabeça, escolheu o canto e chutou com precisão, mas o goleiro Joel conseguiu alcançar a pelota, sem, contudo, encaixá-la. Pingando na pequena área, o couro encontrou os pés do ponta Teixeira, que não teve dificuldade alguma em virar o jogo em favor do São Paulo! 3 a 2 no Pacaembu!

"Enlouquecem os adeptos tricolores".⁵⁰⁰

Apesar da vantagem no placar, o time são-paulino ficou inferiorizado em campo. Faltando pouco menos de dez minutos para o fim do jogo, o atacante Waldemar de Brito se contundiu e teve que abandonar a partida (na época, não eram permitidas substituições em jogos de campeonato). Sob forte pressão, a zaga são-paulina não resistiu à ofensiva corintiana. Aos 43 minutos, depois de uma saída descontraída de Doutor e Fiorotti, a bola sobrou para Servílio tocar de cabeça e, mais uma vez, marcar o tento para o adversário. 3 a 3 no confronto.

Os últimos minutos foram dramáticos, por conta do número de jogadores em campo e pela desvantagem física que aquela situação propiciava. Para piorar, o árbitro Joreca deu cinco minutos e meio de acréscimo. Ainda assim, as chances finais de gol foram do Tricolor, com Pardal e Leônidas travados no momento derradeiro. E ficou por isso mesmo.

24 de maio de 1942. Campeonato Paulista
São Paulo (SP), Estádio Municipal de São Paulo - Pacaembu
Sport Club CORINTHIANS Paulista 3 x 3 SÃO PAULO Futebol Clube

SPFC: Doutor; Fiorotti e Virgílio; Waldemar Zaclis, Lola e Silva; Luizinho, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal. Capitão: Fiorotti. Técnico: Conrado Ross

Gols: Lola, 30/1; Luizinho, 15/2; Teixeira, 36/2

SCCP: Joel; Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino; Jerônimo, Milani, Servílio, Eduardinho e Hércules. Técnico: Rato

Gols: Jerônimo, 10/1; Servílio, 3/2; Servílio, 43/2

Árbitro: Jorge Gomes de Lima "Joreca"
Renda: Rs 244:414\$000
Público: 71.281 pagantes

O Estádio Municipal, que esteve lotado com mais de 70 mil pessoas (71.281, exatamente⁵⁰¹), foi, então, se esvaziando na penumbra da noite, com a multidão de torcedores saindo sem choques ou confusões. A presença massiva do público bateu recorde:

"Eis o formigueiro humano que parecia o estádio do Pacaembu [...]. Mais de 70.000 pessoas assistiram o prélio entre o Corinthians e o São Paulo F.C., isto é, a maior assistência já registrada em jogos de foot-ball realizados no Brasil".⁵⁰²

500. A Gazeta Esportiva, 25 de maio de 1942

501. Arquivo Histórico do São Paulo FC

A Gazeta, de 25 de maio de 1942, informa 70.281, mas apresenta contas que somam 68.571

502. Esporte Ilustrado, 4 de junho de 1942

IMAGEM: Aspectos da estreia de Leônidas pelo Tricolor

O minuto, em busca da vitória!

RDES — ARBITRAGEM PERFEITA — DISCIPLINA ABSOLUTA!



Também o bando sampaulino pensa da mesma maneira, salvo Teixeira que parece estar confiante no triunfo final. O resultado, entretanto, decidiu os "sorrisos" para ambos os quadros.

Todo super-ocupado e parecemos fijos secos em cestas... LA fera uma entrada numerada vale 200\$000... e aqui dentro, apesar de grande parte do publico esperar ha já 4 horas exposto ao sol, aguenta firme, não dando sinal algum de saço, si bem...
pe em palmas, fazendo-se ouvir também as notas do hino nacional, enquanto entram os corinthianos em fila indiana, indo se alinhar em "sentido" em frente a...
Hércules. Doutor quasi deixa a bola em capar de suas mãos!...
Agora o tricolor...

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 1942

convidado de honra Paulista de Futebol

Esta de Futebol teve para conosco uma... Ou melhor, mais uma atitude que a entidade maxima do nosso "association" nos tem distinguido.

Reconhecendo o mérito do que esta folha, através das iniciativas de dr. Casper Libero, tem feito em prol dos nossos esportes, a diretoria da Federação, num requinte de delicadeza e de particular atenção de seu illustre presidente, dr. Taciano de Oliveira — houve por bem dirigir atencioso convite ao dr. Casper Libero para assistir ao prelio Corinthians x São Paulo, reservando, para isso, um lugar na tribuna especial destinada aos dirigentes da Fe-





Éis o formigueiro humano que parecia o estádio do Pacaembu, cujas dependências ficaram literalmente tomadas a partir das 13 horas. Mais de 70.000 pessoas assistiram o prêmio entre o Corinthians e o São Paulo F. C., isto é, a maior assistência já registrada em jogos de foot-ball realizados [no Brasil].

FORMIGUEIRO HUMANO NO PACAEMBU'

Um espetáculo grandioso que rendeu pouco para os seus organizadores



O número de pessoas presentes ao confronto, naquele dia 24 de maio, também é a maior presença de torcedores no Estádio do Pacaembu até os dias de hoje. A renda bruta alcançada pela bilheteria, também recorde nacional, foi de 244:414\$000 (duzentos e quarenta e quatro contos e quatrocentos e catorze mil réis) e a líquida, de 151:857\$500 (cento e cinquenta e um contos e oitocentos e cinquenta e sete mil e quinhentos réis), a ser dividida igualmente entre os dois clubes.⁵⁰³

Desta forma, com apenas um jogo, o São Paulo arrecadou 38% (75:928\$700 - setenta e cinco contos e novecentos e vinte e oito mil e setecentos réis) daquilo que investiu na contratação de Leônidas da Silva: 200:000\$000 (duzentos contos de réis).

Apesar da boa estreia de Leônidas, em termos de movimentação e participação em gols (foi importante para a criação dos três tentos!), parte da imprensa condenou a atuação e a contratação do craque. Rapidamente, espalhou-se pela cidade a manchete do tablóide *A Hora*⁵⁰⁴, que estampou em letras maiúsculas que o atacante era um "bonde de 200 contos" e que, por isso, o Tricolor tinha sido ludibriado e caído em uma espécie de golpe. Os torcedores adversários não perderam tempo, também, brincando e satirizando que se Leônidas era um diamante negro, este teria sido roubado e encontrado no bolso de Brandão, zagueiro do Corinthians.

Já o jornal *O Esporte*⁵⁰⁵ ponderou que Leônidas deveria ser "o fenômeno, o mágico da 'cancha', o faquir que enguliria a bola, para ir depositá-la nas redes de Joel, como a hostia com que se comungaria junto à multidão", mas que foi, na realidade, apenas "um bom jogador". Contudo, viu também alguns outros atributos positivos:

*"Leônidas foi corajoso como poucos. Expôs as pernas para que elas fossem agredidas a pontapés e se Brandão não fosse um futebolista-mestre, mas sim um futebolista-magarefe, ontem nos açougues haveria à venda também 'pernas de Leônidas'. Leônidas lutou, insistiu, procurou ser útil. Apenas não fez tudo o que cabe dentro de 200 contos".*⁵⁰⁵

Essa reação generalizada enervou tanto Leônidas que ele guardou um rancor profundo no âmago, prometendo a si mesmo que jamais seria questionado novamente por uma partida contra aquele rival. Nas palavras do próprio: *"Se, de um lado, essas críticas me atingiram, certamente serviram-me de estímulo maior, tocando em meus bríos de atleta e de homem e fazendo-me reagir para contraria os incrédulos e justificar a confiança dos que me haviam contratado".*⁵⁰⁶

Dito e feito! Até aposentar-se dos gramados, Leônidas voltou a atuar em 19 clássicos contra o Corinthians, do qual saiu vitorioso em dez, sem perder em outros quatro e marcando 11 gols!

Na segunda-feira após o jogo, outro destaque digno de nota veio do jornal *A Gazeta Esportiva*,⁵⁰³ que estampou na capa o título *"Choque Majestoso!"*, como referência à partida, pelo fato de que qualquer um dos dois times poderia ter vencido aquele certame, disputado com galhardia, combatividade e com viradas no placar. Vale registrar que essa foi a primeira vez que se referiam ao confronto entre São Paulo e Corinthians desta maneira.

No clássico seguinte, em 5 de julho, pela Taça Cidade de São Paulo, o apelido não foi lembrado. Porém, parece ter se perpetuado a partir do jogo do retorno do Paulistão, dia 30 de agosto, em que o Tricolor venceu por 4 a 2 (dois gols de Waldemar, um de Leônidas e outro de Pardal). A manchete ali ainda dizia *"Choque Majestoso"*, embora no texto já surgisse a versão hoje popularizada: *"Majestoso"*.⁵⁰⁷

503. *A Gazeta Esportiva*, 25 de maio de 1942

504. *A Hora*, 25 de maio de 1942, citado por Giacomini, 2005 e Matos, 2012

505. *O Esporte*, 26 de maio de 1942

506. Coletânea de autoria de Leônidas, *A Hora*, 1964

507. *A Gazeta Esportiva*, 31 de agosto de 1942

Se os críticos de Leônidas exageraram na análise da estreia do jogador, após a segunda partida do craque, realizada no dia 31 de maio (também em um clássico), os cronistas tiveram que se render ao "Diamante Negro". O Tricolor venceu o Santos por 4 a 2 (e chegou a estar vencendo por 4 a 0), com dois gols do ídolo e outros dois tentos de Pardal.

A capa de *A Gazeta Esportiva* ilustrou, com uma grande fotografia, o momento de um dos gols de Leônidas naquele jogo: uma linda cena em que o atacante preparava-se para desferir um forte chute com a perna esquerda. Na manchete: "A vitória do São Paulo começou bem - o momento exato do tiro de Leônidas quando da marcação do 2.º gol".⁵⁰⁸ No artigo, realçou que a atuação do jogador transformou o zagueiro oponente, Gradim, em uma "dama de honra de estilo".

O estabelecimento do "Homem-Borracha" como um jogador incontestável e digno de ser ídolo da torcida tricolor, acabando com qualquer tipo de piada ou historinha, veio, contudo, na terceira atuação dele com a camisa são-paulina. O resultado final não foi bom (o São Paulo perdeu para o Palestra por 2 a 1, no dia 14 de junho), mas o que Leônidas fez em campo, no Pacaembu, ficou para a eternidade.

Perto do final do primeiro tempo, aos 43 minutos, quando o Tricolor perdia por 1 a 0, a bola foi alçada à área, em cobrança de escanteio, e Leônidas, antecipando-se ao colega de ataque, Cascão, saltou repentinamente, de maneira que só ele era capaz de fazer e, de **BICICLETA**, mandou a pelota para o fundo do gol! O primeiro gol de bicicleta de Leônidas pelo São Paulo!

Ao contrário do perpetuado pelos profissionais do esporte no Brasil, o "Diamante Negro" não foi o inventor da jogada que o consagrou pelos quatro cantos do mundo. Outros já haviam realizado o movimento antes que ele o fizesse pela primeira vez, em 24 de abril de 1932, quando balançou as redes do Carioca EC, com a camisa do Bonsucesso FC, do Rio de Janeiro. Mas, o que importa? Leônidas transformou a jogada na proeza mais linda, inusitada, épica, desejada e aguardada do esporte. Um espetáculo à parte.

E Leônidas realizou a jogada pelo Tricolor logo na terceira atuação dele pelo clube, em um clássico e com estádio lotado, quando muitos queriam desacreditá-lo. Não é a toa a emoção gritante e contagiante do locutor Geraldo José de Almeida, a serviço da *Rádio Record*, ao narrar o lance para os ouvintes:

*"Entra de bicicleta! Gooooooooooooo! De bicicleta! Um a um no marcador! O bonde... o bonde de 200 contos fez um gol de bicicleta! O bonde de 200 contos fez um gol de bicicleta!"*⁵⁰⁹

As reações de espanto e perplexidade dos jornalistas e adversários só não foram maiores que as de admiração, entusiasmo e felicidade dos são-paulinos. O jornal *A Gazeta Esportiva* reportou que o maior espetáculo da tarde foi o "goal-bicicleta" de Leônidas: "O espetáculo do 'goal' malabarista de Leônidas, com o seu lance típico, conhecido por 'bicicleta', foi impomente, com a circunstância de ter surgido tão repentino a ponto de Leônidas não tomar qualquer atitude ao executar a 'bicicleta' e muito menos de esboçar o alvo da meta. Foi um relâmpago".⁵¹⁰

O mesmo periódico concluiu que "não precisaria Leônidas exhibir ontem essa joia do seu repertório acrobático para valorizar sua figura. Bastaria considerar-se a tremenda vigilância que a defesa do Palestra exerceu, maior daquela que teve por parte da defesa do Corinthians, para se medir bem o temor dos seus adversários".⁵¹⁰

508. *A Gazeta Esportiva*, 1.º de junho de 1942

509. Kawall, *Museu da Voz*

510. *A Gazeta Esportiva*, 15 de junho de 1942



A «BICICLETA» DE LEONIDAS, O «CLOU» DE UM ESPETACULO MONSTRO

O Palestra vencendo o São Paulo por 2x1 firmou-se na liderança do campeonato bandeirante

O São Paulo perdeu mas fez uma "africa". Resistiu a um adversario poderoso, embora desfalcado de dois valores insubstituíveis na sua dianteira. Waldemar e Pardal não jogaram e também Remo, o reserva indicado para atuar no posto do "baillarino" não poudo integrar o esquadrão sampaulino. E o Palestra marcou apenas um placard de 2 x 1, cabendo ao nosso Romeu consignar o tento da vitoria. Esse foi o resumo tecnico de mais um espetaculo monstro realizado no estadio do Pa-

caembú. Não deixou de ser notavel o feito dos palestrinos, mas o mais notavel de tudo foi sem duvida a "bicicleta" de Leonidas.

O publico bandeirante só conhecia a "bicicleta" de nome... ainda não tinha visto o Diamante pedalar as pernas com a velocidade de um raio e atirar a pelota nas redes sem que desse tempo ao arqueiro adversario se movimentar sob as balizas. Nunca tinham presenciado esse absurdo no foot-ball...



A "bicicleta" de Leonidas, no 1.º jogo com o Palmeiras



Oferecemos hoje aos nossos leitores um verdadeiro brinde que é o "clichê" acima, reproduzindo a fotografia do gol de "bicicleta" de Leonidas no primeiro jogo do S. Paulo com o Palmeiras, no campeonato de 1942, "foto" essa inédita até agora. Al está, pois, documentado graficamente o mais espetacular tento do certamen passado, de autoria do "Magia Negra".



Uma lenda que se contava sobre as pedaladas do "Diamante Negro" é que só existiria uma fotografia de Leônidas aplicando uma bicicleta pelo São Paulo: a famosa cena do gol que marcou em cima do goleiro Muñiz, do Juventus, na goleada de 8 a 0 do Tricolor, em 1948 e que fora registrada pelas lentes de *A Gazeta Esportiva*, justamente a imagem que inspirou a escultura dele existente no Memorial do São Paulo.

Entretanto, isso realmente não passa de um mito. Outras fotos de Leônidas executando o movimento podem ser encontradas, como a capa da edição 919 do mesmo jornal⁵¹¹, que destacou em legenda "Leônidas acaba de executar o típico lance de suprema acrobacia. Vemos aí o 'Magia'". Acontece que nenhuma outra imagem é tão bonita e impactante quanto a consagrada e eternizada na estátua citada.

Inclusive, o primeiro gol de bicicleta de Leônidas pelo São Paulo também foi registrado por câmera, embora se tenha demorado quase quatro meses para algum veículo jornalístico divulgá-la.⁵¹²

Sabe-se que Leônidas fez, ao menos, cinco gols de bicicleta pelo Tricolor⁵¹³, cada um nos seguintes jogos:

- 14/06/1942. Campeonato Paulista. Pacaembu. São Paulo 1x2 Palestra;
- 24/08/1944. Amistoso. Pacaembu. São Paulo 3x1 Ypiranga;
- 11/08/1946. Campeonato Paulista. Pacaembu. São Paulo 4x2 Comercial-SP;
- 13/11/1948. Campeonato Paulista. Pacaembu. São Paulo 8x0 Juventus;
- 03/07/1949. Campeonato Paulista. Pacaembu. São Paulo 7x2 Comercial-SP.

E nem seria preciso dizer, mas fica dito: o "Diamante Negro" é o jogador que mais fez gols dessa forma na história do São Paulo!



511. *A Gazeta Esportiva*, 17 de maio de 1943

512. *Revista Arakan* n.º 7, outubro de 1942

513. Conforme pesquisa do Arquivo Histórico, não finalizada, até o momento
 IMAGENS: Bicicletas de Leônidas da Silva contra o Palestra (alto, à esquerda), Juventus (ao lado) e Comercial (acima)



A decisão do Paulista de 1942

1942 foi um ano de mudanças significativas para o Tricolor: estruturais (com o Canindé); e técnicas (com a chegada do craque Leônidas da Silva). Com esses acontecimentos, aliados ao fato de o time ter sido o vice-campeão da campanha anterior, a expectativa pela conquista do Estadual era grande, claro, mas é exagero pensar que havia pressão interna para que isso ocorresse de maneira imediata, como se houvesse necessidade de ressarcir os cofres ou algo do tipo. Como já abordado, só os ganhos em cooptação de associados e de bilheteria já eram imensos - algo nunca visto na jovem história são-paulina.

Nessa temporada, o Tricolor chegou à penúltima rodada disputando o título com o Palestra Itália, ou melhor, Palmeiras desde 15 de setembro de 1942.⁵¹⁴ E foi justamente contra esse time a partida decisiva do campeonato, pois para a rodada final, que aconteceria duas semanas depois, estavam "reservados" o Espanha (futuro Jabaquara) e o Corinthians como adversários do São Paulo e do Palmeiras, respectivamente. O clube do Parque Antarctica estava dois pontos à frente dos são-paulinos (34 a 32), no atual sistema de contagem.

O clima antes desse jogo era de extrema rivalidade⁵¹⁵ fomentada por torcedores e por parte da imprensa, provavelmente por conta da situação que o Brasil e o resto do mundo enfrentavam, naquela época: a Segunda Guerra Mundial. *"Em todos os quadrantes da cidade não se falava em outra coisa. O prélio de titãs galvanizou a opinião pública"*, afirmou *A Gazeta Esportiva*, que continuou: *"A 'guerra de nervos', desencadeada às vésperas da realização do sensacional prélio, levantou uma atmosfera pesada, irrespirável, a ponto de alarmar o público frequentador do nosso Estádio..."*⁵¹⁵

Mas nas arquibancadas dessa partida, com 45.913 pagantes, nada de excepcional aconteceu. Os palmeirenses, como propaganda, dizem que tal amenidade, contrastante aos dias anteriores à decisão, se deu pelo fato do time deles subir ao gramado do Pacaembu ostentando uma bandeira brasileira (deixando para trás anos de apoio ao fascismo italiano, como já referenciado nessa obra).

"O ambiente estava carregado devido à atmosfera criada em torno da partida, e, desde modo, previa-se que a pugna iria ocasionar desavenças entre os espectadores. Felizmente, porém, as autoridades policiais agiram com energia e prestaram um eficiente serviço ao público, uma vez que não surgiu nenhum fato a lamentar-se entre as torcidas".⁵¹⁶

Em campo, o árbitro Jayme Rodrigues Janeiro apitou o início do jogo (e voltou a utilizar o apito outras 171 vezes).⁵¹⁷ Esse árbitro, até tomar parte nessa partida decisiva envolta a um clima de exacerbada rivalidade, nunca havia apitado nenhum São Paulo x Palestra, ou mesmo qualquer outro clássico ou jogo importante em toda a carreira.

Dentre todos os jogos do São Paulo, Janeiro mediou apenas um único amistoso três meses antes, em Bebedouro, contra a Internacional local. Nunca arbitrou pelejas do Corinthians e do Santos antes da fatídica ocasião. Curiosamente, do Palestra, apitou as vitórias desse time contra a Portuguesa (8 de setembro) e Comercial da Capital (23 de agosto).⁵¹⁸ Ou seja, apitou três das cinco últimas atuações do time do Parque Antarctica, contando com a partida decisiva no Campeonato Paulista, na qual conquistaram o título. Fato, no mínimo, peculiar.

Apesar do sobrenome, Jayme nada tinha de parentesco com os outros juizes de alcunha "Janeiro" conhecidos, como Arthur, Antônio e Dino Janeiro – todos, aliás, com melhor currículo.⁵¹⁹ Mas o fato é que foi estranha a escolha de Jayme para controlar um jogo com toda essa importância e no cenário em questão, em detrimento de nomes mais experientes como Victor Carratu e Pausânias da Rocha ou mesmo o ascendente Jorge Gomes de Lima.

"[...] durante mais de uma semana preocupa o juiz. Deseja-se um árbitro que em primeiro lugar tenha autoridade, pulso, que extermine qualquer violência, que se faça levar pela experiência."

"Que sucede? Acaba apitando a partida um juiz novo, portanto sem traquejo. Seu maior defeito é justamente aquilo que deveria ser sua maior virtude! Não combate a violência, cai no erro gravíssimo de expulsar um jogador em contraste com o critério demonstrado até então!".⁵²⁰

Depois da desastrosa atuação de Jayme Janeiro nessa decisão do dia 20 de setembro, ele jamais voltou a arbitrar qualquer partida importante.

Isto posto, com a bola em jogo, o Palmeiras abriu o placar com Cláudio, aos 20 minutos do primeiro tempo. Cinco minutos depois, Waldemar de Brito empatou para o São Paulo. Faltando dois minutos para o término da primeira etapa, Del Nero colocou novamente o adversário à frente. Por fim, Echevarrieta marcou o terceiro gol palestrino, aos 15 minutos do segundo tempo.

Até então, o árbitro permitiu jogadas mais ríspidas, ou mesmo violentas, durante toda a partida, principalmente sobre Leônidas, agredido a pontapé por Junqueira,⁵¹⁹ sem punir severamente nenhum dos envolvidos. Alguns apontam que o antijogo era por parte de ambos os times,⁵²¹ mas que, todavia, faltou assertividade ao juiz para se impor. Foram contabilizadas, no primeiro tempo, 13 faltas cometidas pelos palmeirenses, contra oito dos são-paulinos.⁵²² Também foi relatado que, no intervalo, dirigentes são-paulinos procuraram os representantes da FPF com queixas sobre a passividade do juiz, que poderia perder o controle do jogo e lesar os tricolores.⁵²⁰

Porém, aos 19 minutos da etapa final, quando Virgílio, do São Paulo, atirou-se para impedir a finalização de Og, Jayme Janeiro marcou não somente a falta, como também expulsou o são-paulino de campo, revoltando os demais atletas do Tricolor, que cercaram o juiz e paralisaram a partida. *"O árbitro, que havia tolerado outras faltas mais graves, não quis saber de nada e expulsou Virgílio do gramado"*.⁵²³

"O incidente tem dois aspectos distintos: um é o da conduta do juiz e outro diz respeito às regras, aos regulamentos. O árbitro, ao expulsar Virgílio, por uma violência que não teve o propósito de praticar, desmentiu o critério que vinha adotando até então de perdoar, de não tomar conhecimento do jogo agressivo e faltoso, pois é fora de dúvida que fechou os olhos a todos os incidentes que surgiram, havendo mesmo, em certos momentos, agressões entre jogadores irritados. Também alguns pontapés, com intenções más, deixou sem punição e mesmo sem admoestação. Depois de tudo isso, interpretou como digna de expulsão a entrada de Virgílio. Foi incoerente, procedendo assim, e injusto também, porque não houve nenhuma incorreção que justificasse tal medida".⁵²⁰

514. Relatório da Federação Paulista de Futebol de 1942

515. *A Gazeta*, 21 de setembro de 1942

516. *Correio Paulistano*, 22 de setembro de 1942

517. *O Esporte*, 22 de setembro de 1942

518. Unzelte & Venditti, 2004

519. *Diário Popular*, 24 de setembro de 1942 (agradecimentos a Alexandre Giesbrecht)

520. *A Gazeta*, 21 de setembro de 1942

521. *Correio Paulistano*, 22 de setembro de 1942

522. *O Esporte*, 22 de setembro de 1942

523. *O Estado de S. Paulo* 22 de setembro de 1942

Luizinho, capitão do São Paulo, se dirigiu até o túnel de acesso ao gramado, por iniciativa própria⁵²⁴, onde se reuniu com dirigentes do clube. Regressou ao campo momentos depois, com o respaldo de Paulo Machado de Carvalho (então somente membro do Conselho Regional de Desportos), Piragibe Nogueira, Deocleciano Dantas de Freitas, Antônio Macuco Alves, José Silva Sobrinho, Jaime Loureiro, Cabelo de Campos e outros, convicto em não deixar o jogo continuar enquanto o árbitro não voltasse atrás na decisão tomada. O jornal *Folha da Manhã*⁵²⁵ diz, porém, que a ordem ou aval teria partido do presidente Décio Pacheco Pedroso.

Aqui, cabe destacar exatamente isso: os são-paulinos não deixaram o gramado. Não abandonaram o campo do jogo, mas mantiveram posição à espera que o árbitro alterasse o julgamento, o que não aconteceu (episódio similar ao ocorrido em 1936, em outra decisão do Paulistão, daquela vez entre Corinthians e Palestra, quando o primeiro time impediu o fim regulamentar do jogo).⁵²⁶

*“O São Paulo permaneceu no gramado, até finalizar os 45 minutos derradeiros, mas não prosseguiu a partida”.*⁵²⁷

*“A irritação dos tricolores os levou a paralisar a peleja. Não deram margem a qualquer incidente, mas insistiram em não reatar o jogo sem o árbitro autorizar a permanência de Virgílio em campo. Assim agindo, o tricolor deixou a situação como estava até se esgotar o 90.º minuto, quando então o juiz deu por finda a partida”.*⁵²⁸

O que teria levado Luizinho (ou a diretoria são-paulina) a tomar drástica postura, que como feito pelo Palestra contra o Tricolor, em 1935, certamente (e a princípio) cairia negativamente entre a imprensa e os espectadores em geral? Teria sido somente por causa da violência empregada pelos adversários e não coibida pelo árbitro?

A conversa de um são-paulino com um sócio ou dirigente do clube não identificado, que teria sido captada por um jornalista de *A Gazeta*⁵²⁶, afirmava que *“em caso de necessidade, tomariam medidas necessárias para salvaguardar interesses de seu clube, uma vez que o Tricolor fosse vítima de injustiças, como aliás, o foi... Então, aquela agressão de Junqueira em Leônidas, quando a bola já se encontrava longe e a jogada desfeita, não era premedita e não mereceria também uma severa repressão do árbitro?”* O outro, companheiro do primeiro citado, ainda completou, comparando a jogada de Virgílio, que *“se atirou visando a bola e não o adversário, ao contrário do que se sucedeu com Junqueira a Leônidas”*.

A crítica de violência como recurso de jogo utilizado pelos palestrinos se justificava. *“Coincidencia, repetiu-se o sucedido no encontro do 1.º turno. A arma principal dos alvi-verdes foi a agressividade sem limites... As queixas dos tricolores não foram poucas, tanto assim que, prevendo consequências, pediram providências”.*⁵²⁶ A questão, contudo, ia além do ocorrido dentro das quatro linhas. *“Os cronistas e locutores não estão a par de todos os motivos que levaram o Tricolor a assumir a precipitada atitude por todos conhecida”.*⁵²⁸

Oficialmente, tais motivos foram expostos em reunião conjunta da diretoria, conselheiros e sócios do São Paulo ocorrida no dia 24 de setembro.⁵²⁴ A causa principal seria uma espécie de “basta”, de desagravo enérgico à FPF, visto o ocorrido naquela partida e os fatos decorrentes de toda a temporada.

524. *Revista Arakan*, n.º 7, de outubro de 1942
525. *Folha da Manhã*, 22 de setembro de 1942
526. *A Gazeta Esportiva*, 21 de setembro de 1942
527. *O Estado de S. Paulo*, 22 de setembro de 1942
528. *Correio Paulistano*, 24 de setembro de 1942



No decorrer do documento apresentado no encontro foram abordados fatos que demonstram hostilidade do departamento de futebol profissional da FPF para com o Tricolor:

a) o não atendimento das emendas sugeridas pelo clube ao Código Esportivo da entidade (aliás, foi o São Paulo o único clube a fazê-lo, por pedido da própria Federação)⁵²⁹;

b) recusa inicial em aceitar a realização do jogo SPR x São Paulo, de mando do primeiro, no Pacaembu, após acordo entre os clubes (a demora fez o Tricolor perder a "reserva" do Estádio e a jogar em outra data. O mesmo ocorreu com as partidas contra a Portuguesa Santista);

c) a advertência recebida por não ter participado do Torneio Início com os principais atletas;

O texto desse documento vai além e cita uma resolução do clube, datada de 24 de julho de 1942, que dizia que a partir dali *"não perdoaríamos os maus apitadores. Responsabilizaríamos o Departamento de Juizes pelas arbitragens irregulares"*.

A Federação havia tomado para si a responsabilidade sobre arbitragem, com critérios exclusivos do Departamento de Arbitragem da mesma. Antes *"vigora o sistema de se conceder aos clubes litigantes a faculdade de promoverem acordos para escolha dos juizes"*.⁵²⁹

A reunião resultou em ofício enviado à Federação, do qual foi tirada a seguinte passagem: *"o desejo do São Paulo FC é contribuir para a boa solução dos problemas reais tanto quanto o de não criá-los. Entretanto, mesmo lamentando profunda e sinceramente, o São Paulo FC não recuará um passo na defesa do seu patrimônio moral e material"*.⁵³⁰

De maneira resumida, a postura do São Paulo, na visão dos dirigentes do clube, se devia a inúmeros pontos controversos na formação do código esportivo daquele ano e na confecção da tabela do campeonato, nos quais, mais uma vez, não aprovaram nenhuma sugestão do Tricolor, mesmo sendo a única agremiação que se dispôs a isso. A federação, para os diretores são-paulinos, demonstrava uma certa "má vontade nebulosa", dotada de segundas intenções.

"Havia chegado o momento. O São Paulo não recuaria um passo!"

"Não desconhecíamos que o ato seria considerado rebeldia e tínhamos pleno conhecimento das penalidades que poderíamos posteriormente sofrer. Mas o desagravo era necessário; tornara-se imperativo!"

"A alma são-paulina não mais suportava que as cores tradicionais de nossa camiseta fossem insultadas e humilhadas pela inépcia de um homem que, perante dezenas de milhares de pessoas, desrespeitava os mais elementares princípios de julgamento imparcial. O regime de dois pesos e duas medidas fora adotado, em flagrante desacato à dignidade de um Clube que nasceu de um Ideal e para um Ideal há de viver."

"O São Paulo sabe, saberá e sempre soube perder. Isto porque o são-paulino - o bom são-paulino, é claro - já passou pelos maiores transe, pelas maiores decepções a que está sujeito um adepto fervoroso do futebol. E o são-paulino continua de cabeça erguida enquanto sangra o seu coração. Sangra mas não deixa de pulsar pelo Clube que, enfrentando toda e qualquer situação, lutando contra os maiores obstáculos, continua a ser o 'Clube da Fé'."

529. Relatório da Federação Paulista de Futebol de 1942

"Abandonar a luta seria falta de esportividade, mas continuá-la, em condições tão humilhantes, seria falta de vergonha".⁵³⁰

Criar factoides sobre o Tricolor até parece ser algo inerente à natureza de certos oponentes. Contudo, também existem boatos que envolvem esses adversários, mas que, talvez pela diferença histórica de postura ética entre os são-paulinos e os demais, nunca se viu muito propagadas por aí, especialmente atribuídas como verdades absolutas.

Pois bem, um dos estranhos casos não devidamente apurados e envoltos em mistérios é sobre a indicação do árbitro Jayme Rodrigues Janeiro para apitar o jogo mais importante da conturbada temporada de 1942, tendo ele jamais arbitrado nada significativo até então⁵³¹ - e nem depois.

Na realidade, Janeiro não era nem do principal quadro de juizes da entidade.⁵³² Ele fazia parte do quadro "B". O Departamento de Juizes afirmou, posteriormente, que para aquela decisão havia o promovido para o quadro "A" como "suplente":

"Constituição dos quadros de juizes. A direção do Departamento encontrou os quadros da federação assim constituídos: Amleto Ricciarelli, [...], Dr. Pausânias Pinto da Rocha e Victor Carratú, integrando o quadro 'A' e Agenor Ribeiro, [...], Pêrsio Nascimento, Jaime Janeiro Rodrigues, Raimundo Ferreira, Arthur Rocha e Dino Janeiro, componentes do quadro 'B'."

"[...] Aceita pela Diretoria a proposta, ficaram os quadros constituídos da seguinte forma: Quadro 'A': - Américo Tozini, ..., Salvador Pierini; Quadro 'B': - Adolfo Bertineli, [...], João Barata, Jaime Janeiro Rodrigues, Liscínio Persiguite, [...]".⁵³²

Em 2010, Conrado Giacomini, autor do livro "Dentre os Grandes, És o Primeiro" (2005), apresentou ao Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube, por meios eletrônicos, a história do senhor Flávio José da Rocha, que, entre 2006 e 2008, escreveu para o site "saopaulominhacidade.com.br" o relato da vida dele no bairro em que morou, Santana, zona norte da capital paulista, nos anos 1940. Giacomini, pesquisador e sabendo que Janeiro havia residido no mesmo local, e à mesma época, tratou de entrar em contato com o senhor Rocha.

Flávio José da Rocha relatou a Conrado que o senhor Jayme Janeiro, de fato, morou na vizinhança e que ele (Flávio), estudara ao lado do filho do árbitro no Grupo Escolar Buenos Aires. E, foi além, afirmando categoricamente que o juiz Janeiro era *"palmeirense de quatro costados"* e que vivia sempre com o Nascimento, goleiro do Palestra Itália (do qual o filho também era colega de Flávio, no citado colégio).

"[...] e era colega do filho do Nascimento. Seu filho, Hilton, como palmeirense, gostava de falar do pai e da amizade com Janeiro, pois os dois eram palestrinos". Essa é a relação testemunhada por Rocha, que também desmentiu a lenda de que o árbitro tivesse fugido da cidade com uma certa quantia em dinheiro: *"Jayme Janeiro quase foi linchado no Pacaembu e, de fato, ele sofreu outro tanto no bairro de Santana, mas que eu saiba, não fugiu com os dólares na cueca não"*.

Somente em dezembro de 2012, porém, o Arquivo Histórico investiu tempo para averiguar com mais detalhes esse relato. Flávio da Rocha respondeu as questões solicitadas via e-mail, das quais é possível destacar as seguintes respostas:

530. Revista Arakan, n.º 7, de outubro de 1942

531. O Esporte, 22 de setembro de 1942

532. Relatório da Federação Paulista de Futebol de 1942

“O sr. Jayme Rodrigues Janeiro (que era oficial da Aeronáutica no Campo de Marte, no bairro de Santana) morava na Rua Ezequiel Freire, rua, aliás, que moravam também o sr. Oscar Nascimento, que foi goleiro do Palestra Itália nos anos 30 e também um goleiro do Palmeiras, de nome Assadur... Conheci o sr. Jayme Janeiro somente 'de vista' por morar perto de nossa residência (distante uns 300 m da dele) e por ser um de seus filhos, colega no GE Buenos Aires, no curso primário. O sr. Jayme Rodrigues Janeiro, falecido se não me engano nos anos 80, era também 'chefe' dos escoteiros naquele bairro.

“[...] Em virtude de uma 'perniciosa' arbitragem do meu vizinho de bairro de Santana, o sr. Jayme Rodrigues Janeiro, que durante todo o jogo foi hostilizado pelo Capitão Mendes, que entrou (e ficou) no gramado do Pacaembu junto com os jogadores da SE Palmeiras”.

Sobre as estórias de invasão de propriedade, roubo de estádio e outras lorotas em voga, atualmente, Flávio, questionado se teriam ocorrido, de fato, assim respondeu: “Quanto aos 'boatos que o São Paulo FC teria 'alimentado' a desapropriação do Parque Antarctica, para 'tomar posse' do mesmo, saindo do Canindé... o São Paulo 'levou a fama' porque, na época, o locutor da Rádio Record, Geraldo José de Almeida, 'tricolor roxo', fazia 'campanha' a favor do 'seu time' para ser o escolhido, caso houvesse desapropriação, que felizmente não aconteceu”.

O senhor Rocha esclareceu, porém, que essa “campanha” nunca foi algo sério: “Que me lembre, não houve nenhum outro tumulto entre outras torcidas e muito menos entre dirigentes... somente a gozação de que o São Paulo FC queria 'tomar a força' o Parque Antarctica”.

Não é nada muito diferente do que vemos ainda hoje, em certos programas esportivos de rádio ou TV, que buscam na polêmica vazia um melhor índice de audiência... Nada digno de recordação. Ainda assim, por uma questão de formação de identidade do adversário, já abordado nessa obra, esse boato, ou polêmica jornalística de baixa qualidade, atravessou as décadas.

Apesar da atuação catastrófica, por que histórias não comprovadas, mas específicas sobre a atuação do referido juiz, e indícios de (no mínimo) uma má gestão da FPF na questão da arbitragem saltam à vista, mesmo passado tanto tempo? Talvez a resposta esteja por causa de exemplos envolvendo o adversário daquele jogo em outros acontecimentos condenáveis mais antigos, o que poderia demonstrar, quiçá, um *modus operandi*: casos notórios de suborno, confessados e punidos.

São dois os casos amplamente conhecidos de “maus exemplos” do time alviverde. O primeiro se deu no último jogo do Campeonato Paulista de 1940, Palestra versus São Paulo, que rendeu o título da competição aos rivais. O jogador reserva do time de Parque Antarctica, Sidney, confessou ter tentado subornar o são-paulino Paulo e foi punido, a princípio, com a eliminação do futebol.

“A vista do inquérito procedido para apurar a responsabilidade dos implicados na tentativa de suborno de jogadores do São Paulo FC, por ocasião do jogo que esse clube tinha a disputar contra o Palestra Itália, e, considerando que o jogador Sidney Pinheiro, do Palestra Italia, confessou a sua culpabilidade, reconhecendo a sua responsabilidade no caso, resolve esta Comissão eliminar o referido jogador Sidney Pinheiro, de conformidade com o disposto na letra 'h' do art. 78.º, combinado com o art. 80.º dos Estatutos, e letra 'd' do art. 19.º, combinado com o art. 40.º do Código de Penalidades”.⁵³³

533. Boletim da Liga de Futebol do Estado de São Paulo n.º 54/1940

O caso ficou restrito ao atleta, curiosamente – afinal, oras, o dinheiro da possível “transação” sairia do bolso dele, sem dúvida alguma.

Dez anos antes, viu-se o mesmo procedimento: Palestra e Corinthians se enfrentariam no dia 6 de novembro de 1932, quando a trama escusa vazou para o público: o diretor palestrino Roque Di Lorenzo tentou subornar o zagueiro corinthiano Jaú. Mais uma vez, dirigente e jogador foram punidos,⁵³⁴ mas não houve dano à instituição palestrina.

Existe, ainda, uma outra situação, posterior⁵³⁵ e muito mal explicada, referente a decisão do Paulista de 1951, e a um certo árbitro encontrado no baile de carnaval do Palmeiras, imediatamente após o jogo que custou o tricampeonato estadual ao São Paulo – mas essa história ficará para uma próxima ocasião.

Vistos esses exemplos históricos, a estranha escolha da arbitragem (dita nesses termos por toda a imprensa) e o contexto da época (a necessidade de pacificar os clubes de colônia, no cenário da Segunda Guerra Mundial), não é de se desabonar quaisquer desconfianças que o jogo daquele dia 20 de setembro de 1942 pudesse suscitar. Especialmente quando se sabe que partiu de Luizinho, ex-jogador do Palestra Itália (no período da proposta de suborno de Sidney), a decisão de procurar os diretores no túnel do Pacaembu para respaldar a decisão de impedir o prosseguimento da partida.

Enfim, todos esses relatos são apenas “causos” e lendas do futebol, embora dotados de fontes primárias ou secundárias, e aqui estão ilustrados a título de exemplo e retribuição. Diferentemente dos torcedores rivais, a torcida são-paulina e, muito menos, a entidade São Paulo Futebol Clube, jamais perpetuaram boatos ou histórias não comprovadas como verdades absolutas. Jamais.

No dia seguinte ao jogo que decidiu o Campeonato Paulista de 1942, a Diretoria da FPF se reuniu extraordinariamente. Nessa conferência⁵³⁶, foi aprovado o resultado da partida, uma reprimenda ao Palmeiras por utilizar desrespeitosamente símbolos nacionais, e oito (!) multas aos atletas presentes na confusão no Pacaembu:

“6 – Multar em 300\$000 (trezentos mil réis) o jogador Luiz Mesquita de Oliveira, de acôrdo com a letra c do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

“7 – Multar em 300\$000 (trezentos mil réis) o jogador Alfredo Eduardo Noronha, do São Paulo F.C. de acôrdo com a letra c do art. 32.º do Código de Penalidades, por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

“8 – Multar em 300\$000 (trezentos mil réis) o jogador Leônidas da Silva, do São Paulo F.C. de acôrdo com a letra c do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

“9 – Multar em 200\$000 (duzentos mil réis) o jogador José Junqueira de Oliveira, da S.E. Palmeiras de acôrdo com a letra e do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

534. Unzelte e Venditti, 2004

535. Revista Tricolor n.º 14, fevereiro de 1951

536. Comunicado Oficial da FPF n.º 38/1942

"10 – Multar em 200\$000 (duzentos mil réis) o jogador Og Moreira da A.E. (sic) Palmeiras de acordo com a letra e do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

"11 – Multar em 200\$000 (duzentos mil réis) o jogador Juan Raul Echevarrieta da S.E. Palmeiras de acordo com a letra e do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

"12 – Multar em 200\$000 (duzentos mil réis) o jogador Virgílio Lago, do São Paulo F.C., de acordo com a letra e do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente.

"13 – Multar em 200\$000 (duzentos mil réis) o jogador Lino Mancilla, do São Paulo F.C., de acordo com a letra e do art. 32.º do Código de Penalidades por infração praticada no jogo realizado em 20 do corrente".

Resumindo, cinco são-paulinos punidos, dos quais, três em 300 mil réis (Luizinho, Noronha e Leônidas) e dois penalizados em 200 mil réis (Virgílio e Pardal), ao passo que três palmeirenses foram multados em 200 mil réis (Junqueira, Og Moreira e Echevarrieta).

Na reunião do Departamento Profissional da Federação, no dia 22 de setembro, veio a punição ao São Paulo: suspensão de 30 dias (de acordo com o item 26 do art. 25 combinado com a letra 'b' inciso 1.º do art. 14 do Código de Penalidades). Com isso, o Tricolor também foi punido com a perda dos pontos da partida contra o Espanha, na rodada final do Campeonato, deixando de conquistar, assim, a segunda posição no torneio.⁵³⁷

A suspensão, da mesma maneira, afetou as categorias de base: a partida contra o mesmo Palmeiras, na categoria juvenil, foi cancelada e os pontos dados ao adversário (neste caso, não fez diferença, pois o São Paulo foi o campeão da temporada). O time também foi impedido de jogar um amistoso contra o CA Piratininga, de Santo André.

Nem mesmo a Federação Paulista havia apurado completamente o caso, quando, no dia 23 de setembro, da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo veio a ordem assinada por Sylvio de Magalhães Padilha:⁵³⁸

"Em vista dos acontecimentos a Federação deverá, além da punição:

"a) Chamar a atenção da diretoria do São Paulo Futebol Clube que, se esquecendo da responsabilidade, etc., por desconsiderar de maneira reprovável, não só altas autoridades do Estado ali presente, bem como a um público de dezenas de milhares de pessoas que para lá acorreram na certeza de assistir a uma competição esportiva e não cenas de indisciplina e de mais comezinha falta de ética esportiva.

"b) Punir o juiz Jayme Rodriguez Janeiro (sic), por não ter energia necessária para conduzir uma partida.

"c) Determinar ao Departamento de Juizes que dê as necessárias instruções em casos semelhantes, quando o quadro recusar-se a prosseguir a partida, solicitando da autoridade policial a prisão imediata daquele que estão lesando o público.

"d) Chamar a atenção dos seus filiados para a letra "d" do artigo 25.º do Decreto-Lei Federal, no 4545, de 31 de julho de 1942, que dispõe sobre o uso da bandeira nacional, não permitindo que os prélios futebolísticos sejam confundidos com manifestações de caráter nacional".⁵³⁹

Quanto ao árbitro, a punição exata do sr. Janeiro só veio após a reunião do Departamento de Juizes, realizada no dia 23 de setembro, e foi irrisória: 10 dias de suspensão (caso estivesse apto, não chegaria a perder nem os últimos jogos do campeonato, realizados duas semanas após o enterevero).

"Referentemente à atuação do juiz Jayme Janeiro Rodrigues, no prélio disputado entre a S. E. Palmeiras e o S. Paulo F. C., em 20 do corrente, resolve: suspender o referido juiz, por dez dias, nos termos do § 2.º, letra e, do art.º 14 do Código de Penalidades, combinado com o estabelecido na resolução n.º 7, de 19 de agosto deste ano, deste Departamento, já aprovada pela Diretoria, tendo em vista a deficiência apresentada naquela atuação, quanto à parte disciplinar – não punindo agressões verificadas entre jogadores, naquela partida (Regras V e XII), nos termos do relatório e conclusões do representante deste Departamento, no referido jogo, e parecer da Comissão Auxiliar Julgadores de Arbitragem".⁵⁴⁰

Ainda no polêmico dia 20 de setembro, surgiu a história que o jogador palmeirense Echevarrieta havia sido inscrito irregularmente. O presidente do time do Parque Antarctica, Higino Pellegrini, negou tal acusação.⁵⁴¹ Partidários tricolores, por sua vez, afirmaram que o atleta fora registrado depois do fim do expediente da entidade (12h do sábado anterior), algo como se, nos dias de hoje, a CBF permitisse que o BID (Boletim Informativo Diário) fosse aberto especialmente para um único clube em um feriado, após o prazo legal de inscrições de jogadores.

"Quem teria decidido, na véspera do jogo, já noite alta, a restauração de um registro cancelado automaticamente? Não consta que na vida desportiva, funcionem as atividades ocultas dos duendes.

"Entretanto, com um ofício irregular, sem reunião extraordinária, sem o prazo de 24 horas de antecedência, exigido pelo mesmo Departamento, foi resolvida, sumariamente, contra a lei federal, contra as regras e princípios das leis desportivas, a indébita inscrição de um atleta, para efeito de contentar-se uma das partes, na competição que deveria ferir, no dia seguinte".⁵⁴²

Após sofrer as sanções descritas, nesse período de pena, o São Paulo preparou um recurso para questionar junto à FPF as punições que achava necessárias aos demais envolvidos no caso da decisão do Campeonato Paulista de 1942: árbitro, Departamento de Juizes e Departamento Profissional da própria federação, incluindo, também, o caso da inscrição irregular de Echevarrieta.

No começo de outubro, a FPF encaminhou o processo ("lavou as mãos") ao Conselho Regional de Desportos.⁵⁴³ Lá, o caso ficou parado por quase um mês e foi postergado mais ainda, após uma manobra para dispensar tempo e forçar os são-paulinos ao oblivio: alegou-se que o linguajar no tratamento para com as autoridades do país, no documento formulado pelo Tricolor, era inconveniente.⁵⁴⁴

Um mês para analisarem os modismos de um texto!

537. Relatório da Federação Paulista de Futebol de 1942

538. Correio Paulistano, 25 de setembro de 1942

539. O Estado de S. Paulo, 24 de setembro de 1942. Também em Comunicado Oficial n.º 39 de 1942 da FPF

540. Comunicado Oficial n.º 40 de 1942 da FPF

541. O Esporte, 21 de setembro de 1942

542. O Esporte, 1.º de dezembro de 1942

543. Correio Paulistano, 9 de outubro de 1942

544. Correio Paulistano, 29 de outubro de 1942

Só no começo de novembro, o Conselho Regional de Desportos aceitou a documentação – o São Paulo não alterou uma vírgula⁵⁴⁵, repassando-a (novamente), à FPF. Esta, por sua vez, demorou outros tantos dias para se mobilizar e pensar em talvez analisar o caso. No dia 19 de novembro⁵⁴⁶, a federação julgou por bem não levar o processo a julgamento! Engavetou sem préstimo de satisfação.⁵⁴⁷

O fato causou surpresa geral, visto que, ao final das contas, o próprio Conselho Regional de Desportos deu um parecer favorável ao Tricolor.

“O Esporte” deu conta aos leitores do parecer dado pelo Conselho Regional ao recurso do S. Paulo FC. Por intermédio dessa notícia ficaram todos os esportistas cientes de que aquele órgão se pronunciou favoravelmente ao Tricolor na questão do registro do profissional Juan Raul Echevarrieta. Consequentemente, reconheceu o Conselho Regional, que os pontos da partida disputada entre S. Paulo e o Palmeiras não poderiam ser contados para este último clube.

“Uma vez provada a irregularidade, o que o exame do recurso deixou bem claro, o parecer recomendava que se não contassem para o alviverde os pontos ganhos no referido prélio. Ainda sugeriu o Conselho Regional que se fizesse uma censura ao Departamento Profissional. Este poder teve culpabilidade no registro ilegal de Echevarrieta. Por sua conduta dúbia deveria merecer uma censura máxima da entidade.

*“Além desses itens, outros três foram consignados no parecer: o primeiro, louvando a diretoria da Federação pela suspensão imposta ao S. Paulo; o segundo, pedindo que se enviasse o recurso para o Conselho Nacional; e o terceiro, finalmente, pedia que se agravasse a penalidade do S. Paulo pela inconveniência dos termos empregados no recurso”.*⁵⁴⁸

Pelo visto, as palavras contidas no recurso elaborado pelo São Paulo eram bem ácidas, porém, verdadeiras, e atingiam a Diretoria de Esportes do Estado, bem como um ponto fraco da FPF, o Departamento Profissional.

Com o veto inexplicado aplicado pela federação, o Tricolor decidiu levar o caso à CBD⁵⁴⁹ e ao Conselho Nacional de Desportos. A decisão da FPF também motivou a demissão de representantes do São Paulo que prestavam serviços à entidade, como a do ex-tesoureiro Nelson Fernandes.⁵⁴⁵

Pouco depois que o recurso chegou ao Rio de Janeiro, contudo, o CND enviou à capital paulista um representante para mediar um acordo entre a FPF e o São Paulo, apesar desse mesmo representante, João Lira Filho, reconhecer o mérito da causa tricolor: *“tambem o sr. João Lira Filho reconheceu a ilegalidade do registro de Juan Raul Echevarrieta”.*

O dirigente da entidade nacional entrou em acordo, de fato, com o presidente são-paulino Décio Pacheco Pedroso, que delegou ao visitante o direito de ser o porta-voz do clube na reunião da Diretoria da Federação Paulista do dia 5 de dezembro, na qual foi “selada a paz”.

*“[...] apreciar o apelo feito pessoalmente pelo sr. Dr. João Lira Filho, digno Membro do Conselho Nacional de Desportos, no sentido da Federação não encaminhar à Confederação Brasileira de Desportos, o recurso do São Paulo F. C. referente às ocorrências havidas no jogo realizado a 20 (vinte) de setembro do corrente ano entre o mesmo clube e a S.E.Palmeiras, apelo esse que foi feito em virtude de ter o São Paulo F.C. entrado em entendimento com aquele ilustre integrante da Entidade Maxima dirigente dos desportos nacionais para solução dos incidentes que se relacionam com o mencionado recurso. Discutido o assunto, concordaram os presentes em atender ao solicitado pelo dr. Lira Filho até que á respeito se manifeste o São Paulo F.C”.*⁵⁵⁰

Não se encontram registros, até o presente momento, do porquê Décio Pacheco Pedroso e o São Paulo terem aceito não levar o processo adiante, assim como qual o benefício obtido com essa trégua. Talvez tenham sido convencidos, simplesmente, a se esquecerem do caso, pois não haveria clima algum para que se jogasse novamente aquela fatídica partida, integral ou parcialmente, se porventura fosse aprovado algo em favor do Tricolor.

Como já abordado na história do São Paulo com o Canindé, muito se fala inapropriadamente sobre o que o São Paulo fez ou deixou de fazer em 1942. É importante frisar, mais uma vez, que o clima entre os torcedores antes da partida de 20 de setembro de 1942, ou mesmo a mudança de nome da equipe adversária de Palestra para Palmeiras, no dia 15 (cinco dias antes do jogo), nada tem a ver com o Tricolor, oficial e institucionalmente.

De acordo com o capítulo III, artigo 31.º dos Estatutos Sociais do São Paulo Futebol Clube de março de 1942, eram poderes sociais da associação, somente, a Assembleia Geral, o Conselho Deliberativo e a Diretoria Executiva, sendo apenas esta última dotada de condições de representar o Tricolor de maneira geral, ser responsabilizada por atitudes, coletivas ou individuais, e de responsabilizar a própria Instituição por ações por ela tomadas.

Torcedores, sócios e conselheiros, não eram imbuídos com esse poder.

A Diretoria Executiva do São Paulo eleita para o período de 19 de dezembro de 1941 a 13 de dezembro de 1943 era composta por:

- Presidente: Décio Pacheco Pedroso;
- Vice-Presidente: Rafael de Paula Souza;
- Secretário: Helvécio Bastos;
- Tesoureiro: Virgílio Lemos da Silva;
- Diretor Social: José Porphyrio da Paz;
- Diretor Esportivo: Roberto Gomes Pedrosa;
- Diretor de Patrimônio: Thomaz Carlos Mauri.

E nenhum desses nomes esteve envolvido nas polêmicas de 1942. Porphyrio da Paz, inclusive, como entusiasta do Grêmio Sampaolino, foi um dos mais ativos pela pacificação do esporte e das torcidas naquele conturbado período do início dos anos 40. O dirigente defendia abertamente a volta do nome Palestra, ao Palmeiras, por exemplo.⁵⁵¹

545. O Esporte, 23 de novembro de 1942

546. O Esporte, 20 de novembro de 1942

547. Comunicado Oficial n.º 46 de 1942 da FPF

548. O Esporte, 21 de novembro de 1942

549. O Esporte, 22 de novembro de 1942

550. Comunicado Oficial da FPF. 5 de dezembro de 1942

551. Mundo Esportivo, 21 de outubro de 1946



Porphyrio, que estava licenciado das funções no São Paulo durante boa parte do ano de 1942, por questões de serviço militar em Natal (RN), faleceu em 27 de setembro de 1983 e, no velório desse são-paulino, as ações que desempenhara em relação aos rivais foram lembradas com reverência:

"[...] antes do início de uma partida de futebol entre o São Paulo e o Palmeiras, a torcida são-paulina, da qual participava Porphyrio da Paz passou a hostilizar a torcida palmeirense, referindo-se aos italianos como 'fascistas'.

"A hostilidade aumentava, quando Porphyrio, ostentando um estandarte do São Paulo, levantou-se, atravessou o campo e colocou-se entre os palmeirenses, gritando [em] alto e bom som: 'Aqui, no Brasil, não permitiremos manifestações que contrariem nossos princípios de humanidade!'.

"Os são-paulinos foram os primeiros a aplaudir. Ninguém se lembrou, ontem, quem venceu aquele jogo".⁵⁵²

Mas cabe dizer que atitudes assim, cordiais, entre as duas equipes, especialmente do sentimento palmeirense para com o Tricolor, não foram raras, mesmo nos conturbados anos de 1940. As torcidas uniformizadas dos dois times costumavam fazer festejos e mosaicos em conjunto, no Estádio do Pacaembu, uma cumprimentando e honrando a outra.

Homenagens de jogadores e dirigentes palmeirenses também eram comuns. Após o Tricolor conquistar o Campeonato Paulista de 1945, com três rodadas de antecipação (16 de setembro, contra o Ypiranga), o time enfrentou o Palmeiras na partida seguinte da competição, dia 23 de setembro e os atletas alviverdes Gengo e Túlio adentraram ao gramado do Estádio Municipal ostentando uma grande faixa que tinha inscrita o seguinte: "Salve S. Paulo F. C. campeão de 1945". A ação foi organizada pelos irmãos Armando Simone Pereira, diretor do Palmeiras, e Raul Simone Pereira, sócio são-paulino.

"Antes do prélio – o que ocasionou um atraso de quinze minutos no seu início – dirigentes em grande número trocaram saudações e abraços, tendo o Palmeiras prestado significativa homenagem ao Tricolor pela sua conquista do campeonato. O quadro alvi-verde entrou em campo conduzindo um dístico com a legenda 'Salve campeão paulista de 1945' (sic), oferecendo-lhe uma corbelha de flores".⁵⁵³

Se reais fossem as lendas que contam sobre 1942, tal confraternização se daria, apenas três anos depois?

Outro préstimo do tipo se deu em 1951, no Choque-Rei de 27 de maio, após o São Paulo retornar da Europa, da vitoriosa excursão do combinado que formara com o Bangu. O adversário alvi-verde, novamente, confeccionou uma grande faixa na qual eram estampados os escudos dos dois times e a frase: "Ao São Paulo F.C. as homenagens da S.E. Palmeiras pelas gloriosas vitórias em campos europeus".

Por fim, o mesmo ocorreu em 15 de dezembro de 1966, quando os jogadores palmeirenses entraram em campo e deram uma volta olímpica no estádio do Pacaembu com a bandeira do São Paulo em punhos.

552. A Gazeta Esportiva, 28 de setembro de 1983

553. A Gazeta Esportiva, 24 de setembro de 1945

554. Folha de S. Paulo, 16 de dezembro de 1966

IMAGEM: Homenagens do Palmeiras ao São Paulo em 1951 e 1945





A MOEDA QUE CAIU DE PÉ

No início dos anos 40, o Tricolor batalhava para reconquistar o posto de grande potência no futebol paulista, outrora alcançado com o “Esquadrão de Aço” e o título do Campeonato Paulista de 1931. A contratação de Leônidas, em 1942, foi o primeiro grande passo dado para se realizar essa meta. Com ele, Luizinho, Waldemar de Brito, King e outros grandes jogadores, o São Paulo passou a ser visto como favorito ao certame. Mas, essa não era a opinião de todos...

Tradicionalmente é dito que [não se sabe ao certo em que ocasião, mas provavelmente durante a reunião do Conselho Arbitral⁵⁵⁵ que definiria o Campeonato Paulista de 1943⁵⁵⁶], os presidentes dos times debatiam o regulamento do torneio, normas e mais normas, detalhes após detalhes, até que, quando encerrada a discussão, um dirigente ou repórter teria afirmado que todo aquele esforço não seria necessário, que bastaria jogar ao ar uma moeda para definir o vencedor daquele ano. Isso mesmo, no “cara ou coroa”.

Se e a moeda caísse com a face “cara” voltada para cima, o campeão seria o candidato alvinegro, se fosse o lado “coroa”, o vencedor seria postulante alviverde, ambos, até então, os favoritos costumeiros.⁵⁵⁵

- “Mas e o São Paulo?” - Questionaram-se, levando a dúvida também ao representante do Tricolor. Como toda mitologia que se preze, muitas versões diferentes existem a partir daqui. Nada, do ocorrido na ocasião, ficou registrado em papel, imediatamente após o fato. Assim, alguns dizem que esse indagador foi Décio Pedroso⁵⁵⁷, presidente são-paulino; outros contam que era Frederico Menzen⁵⁵⁸ ou ainda Porphyrio da Paz, dentre vários nomes relacionados.

A resposta teria vindo, então, de um dos cartolas rivais, ali presente: “Só se a moeda cair de pé!”. Os dirigentes tricolores compraram a ideia, afinal éramos o “Clube da Fé”. Sim, “a moeda vai cair de pé!”.

O São Paulo tratou de se reforçar mais ainda. Ainda em meados de 1942 trouxe o “lateral-esquerdo” Noronha, do Vasco da Gama. Pelo Tricolor, Noronha seria um dos poucos jogadores pentacampeões estaduais (ele esteve presente em todos os títulos são-paulinos da década de 1940). Do mesmo clube carioca, chegou Zarzur, em 1943. O “volante” regressava ao time após sete anos distante. Ele havia sido um dos atletas que debandaram por conta da instabilidade tricolor no ano de 1935. Outra contratação para o início da nova temporada foi a de Zezé Procópio, o jogador de linha média adquirido junto ao Palmeiras.

Na pré-temporada, o time esteve desfalcado por Leônidas em oito dos nove jogos amistosos (o craque fazia exercícios separados, visando à retomada do peso ideal, por conta do “ganho” de quilos extras durante as férias)⁵⁵⁹, mas as partidas ocorreram sem grandes percalços. O Tricolor acumulou cinco vitórias (inclusive uma goleada de 5 a 0 sobre o Cruzeiro, em Minas Gerais, no dia 25 de fevereiro), três empates e apenas uma derrota (0 a 1 para Atlético Mineiro, em Belo Horizonte, no dia 28 de fevereiro).

Antes de começar os jogos de campeonato oficial, a diretoria são-paulina apresentou mais uma boa notícia para a torcida. Na realidade, uma novidade bombástica e quase tão grande quanto à contratação de Leônidas, no ano anterior.

555. A Gazeta Esportiva, 9 de outubro de 1943, indica as faces da moeda e existência da reunião em março de 1943

556. É possível que o fato tenha ocorrido ainda no final dos anos 30, em reunião da LFESP.

557. A Gazeta Esportiva, 9 de outubro de 1943, no texto de capa e na visão do cartunista Nino Borges

558. Revista São Paulo Notícias, n.º 62, jul. 1989, na visão de Manoel R. Paes de Almeida, sem certeza

559. A Gazeta Esportiva, 11 de janeiro de 1943



No dia 15 de março, o meio-campista polivalente argentino Antonio Sastre, grande craque da seleção portenha campeã sul-americana em 1937 e 1941, foi contratado por empréstimo de um ano junto ao Independiente, ao custo de 18 mil pesos (90 mil cruzeiros), divididos entre clube (10 mil pesos = 50 mil cruzeiros) e jogador (8 mil pesos = 40 mil cruzeiros).⁵⁶⁰

A contratação do maior futebolista da América Latina causou frisson no meio esportivo brasileiro. A condição física e a idade do craque, que completaria 32 anos no dia 27 de abril, dividiram opiniões entre os especialistas e torcedores. Mas, a princípio, a aquisição foi extremamente saudada.

“Sastre, o ‘virtuoso’ da pelota [...]. Embora já não possua o ardor que só a idade justifica, Sastre, no entanto, supre essa falta com uma técnica perfeita, á base de conhecimentos que a sua longa e brilhante carreira pelos gramados sul-americanos tem lhe proporcionado. É, assim, um ‘catedrático’ que irá lecionar lições proveitosas para a turma sampaulina, que terá naturalmente em sua companhia um motivo bem grande de incentivo, á defesa de suas cores. [...].

*“O jogador mais completo que a Argentina produziu nos últimos 15 anos. Dotado de qualidades insuperáveis, Sastre conseguiu assim firmar um nome no cenário esportivo internacional”.*⁵⁶¹

O argentino, entretanto, tinha um longo caminho de burocracia para percorrer antes de estar apto a atuar pelo São Paulo (desde a obtenção do visto de trabalho, até a conclusão da transferência do “passe” e inscrição da Federação Paulista). Para isso, o clube contou com grande ajuda do empresário Alfonso Doce e do cônsul brasileiro em Buenos Aires, Roberto Guimarães Bastos.

Para o Tricolor, o Campeonato Paulista de 1943 se iniciou no dia 21 de março, e o time fez valer a força do conjunto e goleou o Comercial da capital por 4 a 1, com três gols de Luizinho e um de Leônidas, já plenamente condicionado e de volta à ativa. Foi um início auspicioso, contudo, todo o planejamento da cúpula são-paulina para o campeonato correu o risco de ir por terra nas seis partidas seguintes.

Depois da derrota para o Ypiranga, na segunda rodada, por 2 a 1, no dia 27 de março (em jogo que o grande destaque foi a atuação de Barbosa, o goleiro adversário que defendera um pênalti cobrado por Leônidas), o time ainda goleou o SP Railway, por 5 a 1, no dia 4 de abril, e derrotou o Jabaquara, uma semana depois, por 4 a 3. Porém, essa recuperação são-paulina foi breve.

Na estreia de Sastre pelo Tricolor, 18 de abril, o time não passou de um empate com a Portuguesa (1 a 1). Para piorar, uma semana depois, o São Paulo sofreu a segunda derrota no Campeonato, e justamente no clássico Majestoso: 2 a 1 para o Corinthians. A terceira partida sem vitória veio com mais um empate, agora contra o Juventus (1 a 1), no dia 8 de maio.

A série negativa e inesperada logo caiu no gosto dos adversários. Jornalistas, como Geraldo Bretas,⁵⁶² ajudaram a espalhar piadas e sátiras sobre os dois principais atletas do São Paulo, sempre louvados como os melhores jogadores do Brasil e da Argentina, Leônidas e Sastre:

*“Um bonde e um de... Sastre”.*⁵⁶³

O trocadilho com a palavra “desastre” e a lembrança da história do “bonde” demonstram que, embora fossem brincadeiras, a situação era crítica, principalmente por conta da ambição são-paulina.

O clube estava em quarto lugar na tabela de classificação, atrás do Palmeiras (um ponto perdido), Corinthians (dois) e Portuguesa (quatro). Com seis pontos perdidos em catorze disputados, além de relatos de problemas de falta de harmonia no elenco (de desentendimento à briga)⁵⁶⁴, o técnico Conrado Ross não suportou a “pressão” e deixou o comando do time são-paulino, sendo realocado para outra função interna, a de recrutador de jovens talentos, no dia 10 de maio.⁵⁶⁵

O esperado era que o técnico vice-campeão paulista de 1938 e 1941, Vicente Feola, assumisse o posto, mas a diretoria são-paulina, vanguardista, decidiu ousar e apostar no nome de Jorge Gomes de Lima, o Joreca, para o cargo.

Esportista de longa data (foi exímio esgrimista e pugilista, na juventude),⁵⁶⁶ o português Joreca fez carreira na mídia esportiva até se formar na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo e obter licença de árbitro de futebol junto à FPF, no início dos anos de 1940. Inclusive, como já mencionado nessa obra, foi ele o juiz da primeira partida de Leônidas pelo Tricolor, em 24 de maio de 1942.

*“A contratação, vista pela imprensa como mais uma excentricidade do diretor de esportes, mudou o ambiente no São Paulo. Joreca podia não ter lá muita experiência no cargo, mas, a exemplo de Paulo Machado, era conhecido por ganhar a confiança dos jogadores no papo, mesmo quando apitava os jogos mais complicados”.*⁵⁶⁷

Logo no primeiro jogo sob comando do novo técnico, no dia 16 de maio, São Paulo impôs uma grande goleada para cima do Santos: 6 a 1, com uma atuação impecável de Leônidas, autor de três gols (os demais foram anotados por Remo – duas vezes – e Luizinho).

Mas, o que justificaria tamanha mudança, tanto de espírito quanto de desempenho, em tão pouco tempo?

Dentro de campo, o resultado se deve a uma alteração tática bem simples realizada por Joreca. Simples, mas nunca posta em prática antes. O treinador deslocou Sastre para a meia-direita e Remo para a meia-esquerda, invertendo-os.

Fora de campo, Joreca, que sequer havia firmado contrato por escrito com o clube, comprometeu-se a por o elenco na linha. Dito e feito. O São Paulo, imediatamente, deslançou no torneio. Leônidas repetiu a trinca de gols na rodada seguinte, dia 30 de maio, contra a Portuguesa Santista, e os tricolores venceram por 8 a 1. Completaram o marcador os jogadores Remo (dois gols), Luizinho, Pardal e Sastre (um gol cada). Ou seja, toda a linha ofensiva são-paulina balançou a rede.

*“O primeiro trabalho do juiz n.º 1 de 42 foi acabar com a crise interna do Tricolor. Apazigou os ânimos e, em pouco tempo, tudo era um mar de rosas”.*⁵⁶⁸

Engrenado e tinindo, o Tricolor chegou motivado para encarar o Palmeiras no clássico do dia 13 de junho. Seria o primeiro reencontro das equipes desde a fatídica “decisão” do estadual de 1942. Os rivais haviam sido surpreendidos pelo SP Railway, na rodada anterior, perdendo a invencibilidade na competição. Aproveitando o momento, os são-paulinos anseavam pela desforra.

560. Arquivo Histórico do São Paulo FC
561. Hemeroteca do São Paulo FC: artigos de jornais, 1943
562. Cardoso & Rockmann, 2005
563. A Gazeta Esportiva, 9 de outubro de 1943

564. Queiroz, 2012; e A Gazeta Esportiva, 9 de outubro de 1943
565. Folha da Manhã, 11 de maio de 1943
566. Arquivo Sampaulino, 1946
567. Cardoso & Rockmann, 2005
568. A Gazeta Esportiva, 9 de outubro de 1943

Antevendo o clima especial para esse confronto, o jornal *A Gazeta Esportiva* de 31 de maio anunciou a venda de ingressos do clássico utilizando, pela primeira vez, o termo “Cotejo-Rei”.⁵⁶⁹ Mais tarde, na edição de 12 de junho, tal acunha foi adaptada para a forma como é conhecida nos dias de hoje: “Choque-Rei”.⁵⁷⁰

Essa edição do suplemento esportivo, aliás, foi “especial”. O periódico, que era semanal (sempre publicado às segundas-feiras), só circulava aos sábados e domingos em ocasiões muito distintas, bastante aguardadas pelo público. E foi o que aconteceu na véspera do embate entre São Paulo e Palmeiras: as páginas da edição extra destacaram que a partida seria transmitida pela *Rádio Gazeta* para capital e interior, e ilustraram, também, todo o histórico estatístico e financeiro do confronto, além de uma coleção resumida sobre os protagonistas em campo. O cartum de João Brito, com os dois times desenhados, foi outro atrativo do calhamaço.

O “furo de reportagem” foi a informação de que Leônidas poderia não ir à campo. O jornal apostava na entrada de Anito no lugar do ídolo. Tanto que o fez posar para às câmeras montado em uma bicicleta... O predito se confirmou e o “Diamante Negro” não jogou, contundido.

De toda forma, Anito realmente foi abençoado por aquela fotografia. Ele não fez nenhum gol de bicicleta, claro, mas abriu o placar para o Tricolor, de cabeça, aos 14 minutos de jogo. O Palmeiras, vinte minutos depois, chegou a empatar a disputa, com Villadoniga, mas Remo, aos 19 minutos da epata complementar, deu números finais ao jogo: São Paulo 2 a 1!

*“Choque-Rei, triunfo-príncipe! No rumo certo da vitória, desde o início do jogo, o S. Paulo F. C. chega perfeitamente à méta do seu soberbo feito, com todas as honras de vencedor”.*⁵⁷¹

A atenção dada ao “choque” foi mais do que justificada. Não foi divulgado o número de torcedores presentes ao Estádio Municipal durante a partida, mas a renda obtida com a mesma quebrou o recorde nacional de arrecadação, em qualquer modalidade esportiva: Cr\$ 367.304,00.⁵⁷¹ Vinte por cento dessa renda foi convertida em “bônus de guerra”, para a campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial.⁵⁶⁹

A vitória foi de imensa importância para os anseios tricolores. Como descreveu *A Gazeta*, “o São Paulo atingiu, ontem, o seu máximo objetivo, o seu supremo ideal, que seria vencer o líder, fazê-lo descer e... renovar outra vez, para o segundo turno, suas possibilidades em torno do título”.⁵⁷¹

Com o resultado, o Palmeiras (com cinco pontos perdidos) foi superado pelo Corinthians (quatro pontos perdidos) na liderança da competição. O São Paulo seguiu na cola de ambos (seis pontos perdidos), na terceira posição da classificação.

Mesmo sem contar com o craque Leônidas em algumas partidas, o Tricolor manteve o embalo de vitórias (o que demonstra a qualidade do elenco são-paulino como um todo), derrotando o SP Railway, por 2 a 1, no dia 4 de julho, e o Comercial, pelo mesmo placar, no dia 18. Nessa altura, o time assumiu a segunda colocação da tabela, com a derrota do Palmeiras para o Santos, na mesma rodada. O Corinthians permanecia em primeiro, com dois pontos de vantagem para o São Paulo.

569. *A Gazeta Esportiva*, 31 de maio de 1943 (agradecimentos a Felipe de Queiroz)

570. *A Gazeta Esportiva*, 12 de junho de 1943

571. *A Gazeta Esportiva*, 14 de junho de 1943



Nem todos sabem que...



E a disputa seguiu dessa maneira, com alvinegros e tricolores vencendo os oponentes, um a um, a cada rodada. O São Paulo derrotou o Jabaquara (3 a 2), no dia 24 de julho, o Ypiranga (2 a 1) e a Portuguesa (3 a 0), nos dias 1.º e 7 de agosto.

Na sequência, no dia 14, Sastre proporcionou uma atuação épica e inesquecível, marcando seis gols e estabelecendo um recorde que permanece até hoje nos registros do clube (o de mais tentos anotados em um único jogo): São Paulo 9 a 0 na Portuguesa Santista (completaram a lista de artilheiros, Teixeira, com duas bolas na rede, e Luizinho, com uma).

"Tempestade de tentos na r. Javari..." foi a manchete de *A Gazeta Esportiva*.⁵⁷² Para "Don Antonio Sastre", nunca mais houve menção a "Desastre", somente para a alcunha, herdada desde o período de Independiente, de "El Maestro".

"'Don Antonio' revelou domingo uma nova faceta excelsa [...]. Interessante como certos jogadores encerram uma carreira e iniciam outra, derrotando... silenciosamente aqueles que caprichosamente os colocaram no ataúde da aposentadoria [...]. Ele não quis saber do 'cemitério' do Independiente e aqui chegou para desfrutar a segunda mocidade de sua arte futebolística. E que juvenildade de espírito, de estilo e de técnica nos está demonstrando 'El Maestro' com seus trinta e poucos anos! E que resposta soube ele dar domingo aos inimigos gratuitos que entre nós arranjou! Seis 'goals' 'al compás del balón'. Valeu!".⁵⁷³

Prosseguindo, o Tricolor venceu, também, o Juventus, no dia 22 de agosto (3 a 2), antes de bater de frente com o Corinthians, que se manteve no mesmo regime de vitórias. Além do confronto entre ambos os times, ao São Paulo só restavam mais duas partidas antes do encerramento do Paulistão, dois outros clássicos, contra Santos e Palmeiras. Já o rival alvinegro encararia um jogo a mais, mas com uma tabela muito mais confortável: Palmeiras, Ypiranga e Portuguesa Santista.

Dessa maneira, era crucial que os são-paulinos vencessem o Majestoso do dia 5 de setembro, "forçando" o Corinthians a se igualar ao Tricolor em número de pontos perdidos no torneio. O adversário estava entalado na garganta de Leônidas, desde a derrota no primeiro turno. O centroavante, então, não desperdiçou a primeira oportunidade que teve, no jogo, para abrir o marcador a favor do Tricolor, aos nove minutos.

O lance se originou de um rápido contra-ataque puxado por Remo e um cruzamento de Pardal para Luizinho. A bola sobrou para o "Diamante Negro" bater para o gol, contando, ainda, com desvios na zaga, enganando o goleiro rival.

O segundo tento são-paulino veio minutos após o reinício do jogo, no segundo tempo. Leônidas, endiabrado, encontrou espaço à beira da área e levantou a bola para Luizinho, sem marcação, chegar de "bate pronto" e estufar a rede adversária com um lindo gol. 2 a 0 para o Tricolor foi o placar final do confronto.

"O S. Paulo venceu no máximo desejado e o Corinthians perdeu no mínimo esperado...".⁵⁷⁴

Agora, os dois rivais ocupavam o primeiro lugar na tábua de classificação. O Corinthians, porém, ainda tinha um jogo a mais a disputar - e não perderia pontos, para se manter nessa posição.

572. *A Gazeta Esportiva*, 16 de agosto de 1943
573. *A Gazeta Esportiva*, 21 de agosto de 1943
574. *A Gazeta Esportiva*, 6 de setembro de 1943

Contudo, a tabela de jogos daquele Estadual não era sincronizada em rodadas bem distribuídas como nos campeonatos de pontos corridos dos dias atuais, pelo fato da maioria absoluta dos jogos serem disputados em apenas um estádio, o Pacaembu. Assim, no dia 12 de setembro, o São Paulo venceu o Santos por 4 a 1, na Vila Belmiro, e colocou ainda mais pressão no time alvinegro da capital paulista.

Restava aos tricolores apenas um jogo, contra o Palmeiras, na longínqua data de 3 de outubro, enquanto que para os corintianos faltavam os mesmos três jogos, ainda por fazer, ou seja, tinham mais pontos a perder caso não vencessem.

O time do Parque São Jorge não suportou a situação e foi derrotado pelo Palmeiras por 3 a 1, no dia 19 de setembro, caindo para a segunda posição do campeonato, justamente empatado com o alviverde em número de pontos perdidos (oito pontos). Sem fazer esforço, naquele momento, o Tricolor assumiu a liderança do torneio (com apenas seis pontos perdidos).

O dia 3 de outubro demorou para chegar, mas chegou e com o seguinte cenário para disputa pelo título: o São Paulo necessitava apenas do empate para se sagrar campeão estadual pela primeira vez desde o "Esquadrão de Aço", de 1931, e da reconstrução do clube, em 1935. O Palmeiras, caso vencesse, proporcionaria um empate triplice na primeira posição da tabela e forçaria a realização de um "Supercampeonato" junto ao Corinthians, que vencera os dois últimos confrontos dele. Ou seja, uma possível derrota são-paulina significaria um triangular envolvendo o "Trio de Ferro" para o desempate da questão.

Invicto há 13 jogos e com uma sequência de 12 vitórias seguidas nesse cartel, possuindo o vice-artilheiro da competição (Leônidas, com 16 gols em 15 partidas disputadas por ele),⁵⁷⁵ o São Paulo assumiu a figura de favorito para a conquista do troféu de campeão. A decisão não seria na "base da moeda", no final das contas.

"O São Paulo possui, no momento, um 'onze' respeitável, em que não há ponto fraco. Com uma defesa boa, uma linha média de rara eficiência e uma vanguarda bem articulada, rápida e firme nos remates, está em condições de efetuar feitos maiores do que o esperado na luta de logo mais [...]. Não é fácil prever, a despeito do favoritismo do S. Paulo F. C., qual dos dois clubes será o vencedor".⁵⁷⁶

A história da moeda, na "reviravolta" dessa situação, rapidamente veio à tona. O jornal O Esporte, de 1.º de outubro, estampou em manchete: "Essa moeda é capaz de cair de pé!", embora não tenha explicado a origem da brincadeira (o que demonstra que a conversa já era de conhecimento comum ao público).

O mesmo veículo ainda ressaltou que "Palmeiristas e corintianos: unidos num pensamento comum, a derrota do São Paulo F. C.".⁵⁷⁷ Nada mau para o Tricolor unir as duas faces da moeda, ditas sempre tão rivais.

Naquele dia 3 de outubro de 1943, o Pacaembu recebeu 50.143 torcedores⁵⁷⁸ ansiosos pela grande decisão, que era quase uma "revanche" do ano anterior. Embora o Municipal não estivesse completamente lotado, o "Choque-Rei" proporcionou outra quebra recorde⁵⁷⁹ para o futebol sul-americano. A renda de Cr\$ 522.587,00⁵⁷⁸ estabeleceu um novo marco, superando os números obtidos com esse mesmo confronto no 1.º turno do Paulistão daquele ano.

575. Leônidas liderou a artilharia até ser superado por Milani (19 gols), do Corinthians, nos dois últimos jogos

576. O Estado de S. Paulo, 3 de outubro de 1943

577. O Esporte, 1.º de outubro de 1943

578. A Gazeta Esportiva, 4 de outubro de 1943 (O Esporte, 4 de outubro, diz Cr\$ 552.577,00)

579. O Esporte, 4 de outubro de 1943

cam-sileiro Foi assim na rodada que passou...

...ha quasi
do treina-
ano, de um
-Boz Ama-
o por uma
das autori-
gillimo ben-
er empreen-
a campanha
smuradores
der de re-
tico que tem
estes últimos

atlogia real-
si desenvol-
vendo opor-
tunidades
trabalho ma-
nu preparar
ste o índice
e esporte de

ento da cri-
que a Fed-
ma Amador,
iniciou pa-
dada de que
tando Delta
Unfederado
que partici-
pou nacional
ocubro pro-
prepara da
do estadual
Técnica da
e tudo in-
do promou-
ringue, com
os papilistas
na ou mais.
altando faz
ênica irá fa-
lhozes, para
ibetidos de
exercem ler,
na dia um
les papilisti-
na da boz

a Federação
stanto per-
uma grande
vencendo de
uma filtra-
melhores ele-
espeçiais.
rodorez jul-
deterão ser
um treina-
mento local,
com a mel-
e obedecer-
peser de ser
as disputas
era nacional
lo de melhor
e indispens-
a forma ho-
um progra-
ação, de pri-
obrigação de
reze privado
conjunto.



INTER DUOS LITIGANTES . TERTIUS GAUDET



25.

"Tupi" - George Csukassy - A Gazeta,.

S. Paulo, O x Palmeiras, O em 3-10-43.

Vista parcial do Estádio de Pacaembu.



47 "Tricofoto" - Gil Passareli - Folha da Noite.
S.Paulo, 0 x Palmeiras, 0 em 3-10-43
Ultimo recurso!!! O "Dón" é que o diga!!!

"Duelo" - Folha da Noite - 4 de Outubro.
S.Paulo x Palmeiras em 3-10-43.
"Um que's outro, tá o outro"

45 "Duelo" - Folha da Noite - 4 de Outubro.
S.Paulo x Palmeiras em 3-10-43.
0 x 0

"Oigrés" - Sergio Lima - Folha da Noite.
Fase do jogo com o Palmeiras em 3-10-43
S.Paulo, 0 x Palmeiras, 0

A partida preliminar, disputada pelos aspirantes tricolores e alviverdes, terminou empatada em 1 a 1. O placar deu o título de campeão da categoria ao time do São Paulo, que estava invicto nesse torneio! Bom sinal!

A causa principal de todos estarem ali presentes teve início às 15h45. Joreca mandou ao campo o goleiro King, os zagueiros Piolim e Virgílio, os médios Zezé Procópio, Zarzur e Noronha, e os avantes Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Tudo o que o Tricolor tinha de melhor.

O jogo começou, como era de se esperar, muito disputado, sem que ninguém se sobressaísse, e com muitas faltas e ataques encerrados antes de oferecerem perigo de gol. Em um avanço são-paulino, Remo lançou Sastre, que só foi parado mediante falta de Junqueira (que repetia as tristes atitudes de 1942). O argentino teve que sair de campo para ser atendido pelo massagista, ficando ausente do jogo por, aproximadamente, quatro minutos. Sabedor da importância da partida, "El Maestro" fez de tudo para voltar ao jogo, mas, daí em diante, não esteve mais com 100% das condições físicas, trocando de posição com Luizinho, que passou a armar o time.

O próximo a sofrer pelas ríspidas ações alviverdes foi Leônidas, que foi ao chão depois de "duelo" com Og. Recuperado, o "Diamante Negro" revidou, no lance seguinte, com uma "bicicleta" em cima de Osvaldo. Infelizmente, a tentativa não resultou em gol.

*"A batalha é já tigrina e provoca ondas de assaltos agressivos! O juiz admoesta Villadoniga, que está abusando..."*⁵⁸⁰

Mais algumas tentativas tricolores de infiltração (com Sastre e Luizinho), e mais alguns minutos se passaram...

*"Acirra-se mais a luta e o juiz é obrigado a advertir severamente alguns alvi-verdes, pelas atitudes. Positivamente, existe muito má intenção... escondida. O juiz não deixa, porém, de deitar água fria no caldeirão da incorreção..."*⁵⁸⁰

Ah, o que não teria sido diferente se um juiz tão mais respeitado, como o dessa decisão de 1943, Carlos de Oliveira Monteiro, o "Tijolo", tivesse apitado também o clássico do final de 1942 entre esses dois times?

De todo modo, o jogo estava quente e o Tricolor seguia pressionando. Depois de um ataque barrado com choque dentro da área palmeirense, a bola sobrou para Remo bater de primeira, "sem pulo", e quase abrir o placar, não fosse a difícil defesa executada pelo goleiro Oberdan.

Não muito tempo depois, novo avanço são-paulino. Zézé encontrou Leônidas pela ponta, o atacante invadiu a área e serviu a Pardal, pelo meio, a quatro metros do gol, mas o jogador tricolor vacilou, por uma fração de segundo, no momento de chutar e o arqueiro adversário pulou sobre a bola.

O tempo fechou (nuvens de chuva cobriram o estádio), mas em campo a linha ofensiva do São Paulo tomava conta da partida e não cedia à violência alviverde. Sastre e Remo tabelaram e o último cruzou para Pardal, que finalizou de cabeça, sem acertar o alvo, contudo. A seguir, outra bola levantada por Remo teve como resultado o cabeceio de Leônidas e a defesa do guardião.

580. A Gazeta Esportiva, 4 de outubro de 1943.



Antes do final da primeira etapa, o Tricolor teve ainda outras duas chances claras de gol. Na primeira, após drible de Remo, Pardal passou para Luizinho finalizar, mas este foi impedido de arrematar, no momento derradeiro, por Junqueira. Na segunda, Pardal penetrou pela linha de fundo e chutou forte, nas redes, mas pelo lado de fora.

A fase inicial foi plenamente dominada pelo São Paulo, que cedera pouquíssimas oportunidades para os rivais. Porém, o jogo virou drasticamente no segundo tempo.

*“O Tricolor, uma vez gasto seus melhores cartuchos no 1.º tempo, achou bom não tirar mais os olhos da defesa... Sua grande virtude foi essa. Claro, que si o adversário fizesse um ‘goal’ estaria frito...”*⁵⁸¹

Apesar de ter ameaçado a meta adversária com alguns contra-ataques, os são-paulinos não tiveram mais sossego no campo de defesa. Zarzur, impedindo o nascimento da maioria das jogadas ofensivas palmeirenses na “cabeça da área”, e King, se tornaram os principais nomes da partida pelo Tricolor. *“King e Zarzur foram verdadeiros heróis”*.⁵⁸² O goleiro do São Paulo, de fato, fez milagres. Aos 23 minutos, o maior:

*“Se isola uma bola maligna a Caxambu, que a explora completamente e corre como um fantasma em direção à meta. Três tricolores acodem desesperadamente para alcançá-lo, mas é impossível. King, por sua grande felicidade, sai e se antepõe; Caxambu, certo de visar as redes, finaliza, mas King, com um golpe mágico de mão, desvia a escanteio! É indiscutível a emoção e o nervosismo que causa esse episódio! A massa ‘torcedora’ alvi-verde parece doída...”*⁵⁸¹

O arqueiro são-paulino continuou a fazer “miséria” lá atrás, salvando, na sequência, um chute forte de González. Após tantas intervenções do setor defensivo, evitando o perigo maior, o time são-paulino percebeu, nos 15 minutos finais, que era *“imperiosamente necessário manter o empate”*, enquanto a mentalidade adversaria fosse *“vencer ou morrer”*.⁵⁸¹ Porém, de forma oposta ao que se imaginaria, os tricolores não recuaram totalmente, armando um ferrolho passivo e impenetrável. Pelo contrário, foram ao ataque!

“Eis que, nos últimos minutos, o alívio é grande, livra-se o São Paulo da mordança que o quer sufocar, atira-se audaciosamente à frente e tenta perfurar a área, mas o verdadeiro objetivo é realmente ganhar tempo nas disputas de bola”.⁵⁸¹

E foi assim, de modo aguerrido e inteligente, que o Tricolor controlou o fim do jogo. O cronômetro, impassível, se tornou aliado, e, assim, *“após um escanteio, [...] por saída lateral da pelota, ouve-se o apito fatal... Acabou o jogo! Sai um grito histérico e histórico da garganta da massa de espectadores sampaulinos: ‘o São Paulo ganhou o campeonato!’”*.⁵⁸¹

A MOEDA CAIU DE PÉ!

“Ei-lo: Campeão, soberbo, altivo e varonil!!! Lutas, glórias, sonhos, tudo se confunde no bimbalar dos sinos, na aleluia da alma sampaulina radiante”.⁵⁸²

Uma das primeiras reações dos campeões, ainda em campo, foi carregar o goleiro King nos ombros, em júbilo e em merecida homenagem. Nos vestiários, a festa seguiu aos brados de *“Somos campeões, somos campeões!”*.⁵⁸²

581. A Gazeta Esportiva, 4 de outubro de 1943

582. O Esporte, 5 de outubro de 1943





Em meio à comemoração, o outro grande destaque da tarde, Zarzur, expôs as agruras daquela conquista: “Estou cansado e enegrecido de pó. Foi uma luta dura, o adversário não nos deu tréguas, e tivemos que fazer verdadeiros milagres para mantê-lo a distância em seus momentos mais inspirados”.⁵⁸³

O treinador, Joreca (que também não podia conter a alegria), ainda tentou ser crítico e analisou o confronto com um viés técnico: “Jogamos apenas com dez homens. O curso da luta teria sido outro se Sastre não houvesse sofrido, inicialmente, aquele terrível golpe de Junqueira. Um homem como Sastre faz uma grande falta ao quadro”.⁵⁸³

Já Luizinho, que guardava no peito e na alma os acontecimentos de 1942, desabafou triunfante: “Ganhamos um campeonato que nos custou muitos sacrifícios. Isso, por si só, é alguma coisa que nos faz orgulhosos. Tenho muitos títulos em minha carreira. Nenhum, porém, como esse”.⁵⁸³

Sobre essa recordação e sobre o tão desejado título, o presidente Décio Pedrosa afirmou: “Não tenho nada que dizer, meu amigo. Os fatos são os melhores argumento para justificar todo o brilho desta campanha”.⁵⁸³ Décio, contudo, revelou que havia feito uma promessa, ou melhor, uma profecia, “ainda sob a máguia de uma terrível derrota: há um ano atrás, disse [...] que ganharia o campeonato”.⁵⁸⁴ Motivado pelo “estupor da amarga derrota”, mobilizou mundos e fundos para formar um “quadro de futebol poderoso, respeitado e digno de um autêntico campeão”. Cumpriu o almejado (e o predito) com honras.

Cabe dizer que os dirigentes palmeirenses Del Debbio, Odílio Cochine e Higino Pelegrino tiveram um bonito gesto ao visitarem o vestiário são-paulino, no Pacaembu, para congratular os vencedores.

A festa são-paulina se irradiou pelo bairro do Pacaembu afora e tomou a cidade noite adentro. No Ponto Chic, tradicional restaurante paulistano no largo do Paissandu, os filhos de Paulo Machado de Carvalho, Paulinho e Alfredo, comemoraram junto ao compositor e radialista Denis Brea (todos os três tricolores fanáticos), e desta celebração surgiu uma “marchinha” improvisada:⁵⁸⁵

“Acabou a marmelada
Acredite quem quiser
Até a macarronada foi comida de colher
Ehhhhh, São Paulo! Campeão!
A moeda caiu de pé!”⁵⁸⁶

A referência à “marmelada” foi uma resposta à incrível e absurda ideia que circulou entre torcedores de que o Tricolor “entregaria” o jogo, que se deixaria vencer pelo Palmeiras, para forçar a realização do tal Supercampeonato, o qual, imaginavam e justificavam, proporcionaria rios de dinheiro aos clubes.

A grande comemoração planejada pelo Grêmio Sampaolino, para desentalar uma certa moeda da garganta, foi preparada para dias depois. Originalmente⁵⁸⁷ pensada para o fim do dia 4 de outubro (porém, adiada devido à chuva), a marcha *au flambeaux* pela conquista do Campeonato Paulista de 1943 partiu, no dia 6, às 19h30⁵⁸⁸, da Rua 24 de Maio em desfile pelo centro da cidade, contando com uma imensa massa de tricolores, e paralisando a capital.

583. *O Esporte*, 4 de outubro de 1943

584. *O Esporte*, 5 de outubro de 1943

585. *Cardoso & Rockmann*, 2005

586. *Queiroz*, 2012 (com ajustes)

587. *A Gazeta Esportiva*, 4 de outubro de 1943

588. *O Esporte*, 6 de outubro de 1943



Essa passeata, sob luz de archotes, contou com batedores em motocicletas, fanfarra e bandas musicais, faixas saudando cada um dos jogadores campeões, como também homenagens aos dirigentes do Tricolor (como Décio Pedroso e Porphyrio da Paz), aos membros da imprensa e, até mesmo, aos clubes adversários.

*“Era incalculável a massa popular que se cotovelava naquele trecho da movimentada artéria central. E todo aquele povo vibrava de entusiasmo, dando expansão à sua alegria pela conquista do título por parte do Tricolor”.*⁵⁸⁹

A principal atração do cortejo ficou a cargo de um carro alegórico sobre o qual uma moeda gigante, de pé, foi instalada (infelizmente, não são conhecidos registros fotográficos dessa alegoria).

*“No carro alegórico vimos uma lembrança felicíssima. Uma enorme moeda, de pé, continha os seguintes dizeres: ‘E a moeda caiu de pé. Campeão de 43’. Ninguém ignora o caso da moeda. É que diziam que somente o S. Paulo conquistaria o galardão se a moeda da sorte caísse de pé, querendo [com] isto afirmarem a impossibilidade do Tricolor vir a ser o campeão. Mas, ela caiu de pé mesmo, para o gáudio da família tricolor”.*⁵⁹⁰

A repercussão da mobilização tricolor tomou conta da mídia esportiva nos dias seguintes. O jornal *O Esporte*⁵⁹⁰ estampou na capa uma grande fotografia da torcida uniformizada do Grêmio Sampaulino e a manchete:

“E A MOEDA CAIU DE PÉ! A um grande feito, grandes homenagens! Comemorando o término de uma luta de titãs, a gente sampaulina realizou ontem um cortejo-monstro. Apoteótica a manifestação pelo expressivo triunfo. A cidade jamais viu coisa deste gênero. Verdadeiro carnaval em pleno mês de outubro! Inteiramente coroadada de sucesso a passeata da vitória”

Em edição especial de sábado, quase que inteiramente destinada à cobertura da conquista são-paulina, a *A Gazeta Esportiva*⁵⁹¹ eternizou em imagem a história da “Moeda de pé” por meio de caricatura desenhada pelo cartunista Nino Borges. A ilustração mostrava o presidente do Tricolor, Décio Pacheco Pedroso, ostentando um cetro culminado com o escudo do clube e uma moeda de pé sobre ele, com a inscrição dentro dela: “Campeão Paulista de 1943”.

Uma segunda arte ficaria, posteriormente⁵⁹², famosa pelas mãos do mesmo autor. Nessa, Décio apresentava aos presidentes do Corinthians e do Palmeiras a “inesperada” moeda de pé na própria palma de mão.

Cinquenta anos depois, no dia 22 de outubro de 1993, o São Paulo, em recordação à conquista do Campeonato Paulista de 1943, instituiu a “Ordem da Moeda”, uma comenda honorífica que condecorou os atletas e dirigentes campeões, assim como sócios do clube ativos desde aquela data e, até mesmo, cronistas esportivos que vivenciaram tão significativo momento.

Nessa ocasião, cada homenageado recebeu um pequeno troféu, simples e simbólico: uma moeda de pé...

589. Queiroz, 2012, citando *A Noite*, 7 de outubro de 1943
 590. *O Esporte*, 7 de outubro de 1943.
 591. *A Gazeta Esportiva*, 9 de outubro de 1943
 592. *A Gazeta Esportiva*, 3 de março de 1944





O JOGO DO TÍTULO

03.10.1943. Campeonato Paulista
São Paulo (SP), Estádio Municipal de São Paulo - Pacaembu
SÃO PAULO Futebol Clube 0 X 0 Sociedade Esportiva PALMEIRAS

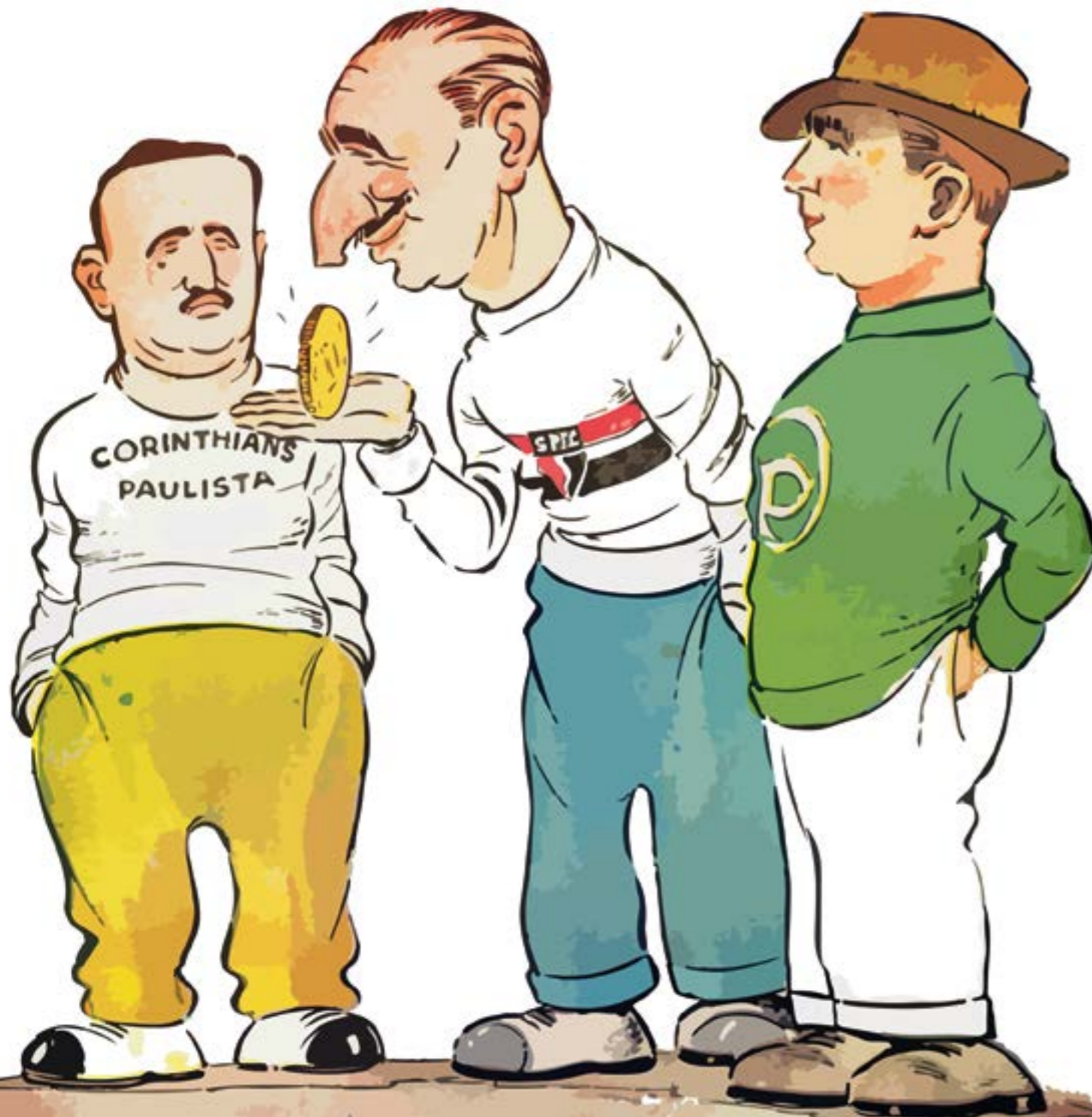
SPFC: King; Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho/cap., Antonio Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Técnico: Joreca.

SEP: Oberdan, Junqueira e Osvaldo; Brandão, Og Moreira e Dacunto; Caxambu, González, Cabeção, Villadoniga e Canhotinho. Técnico: Del Debbio.

Árbitro: Carlos de Oliveira Monteiro "Tijolo"

Renda: Cr\$ 552.587,00

Público: 42.143 pagantes, 50.143 presentes





OS SÍMBOLOS

Dentre as primeiras coisas elaboradas quando um clube de futebol é fundado, os símbolos são as que, por natureza, definem melhor a relação de paixão dos torcedores e associados para com a agremiação. Tentaremos contar a história de cada um deles, de como surgiram e evoluíram até os modelos atuais, que cativam milhões de pessoas.

O artigo 154 do vigente Estatuto do São Paulo afirma que “são símbolos do SPFC a Bandeira, o Emblema, o Hino e os Uniformes”. Mas o próprio nome do clube, além de outras insígnias utilizadas no decorrer do tempo, também pode ser assim identificado.

O NOME

O símbolo mais antigo do São Paulo Futebol Clube é o próprio nome da agremiação. Como descrevemos no capítulo anterior, ele nasceu na pré-reunião de fundação ocorrida em 22 de janeiro de 1930, na Praça da República, n.º 28. E, apesar dos mais variados grafismos e erros de veículos de comunicação da época, oficialmente sempre foi escrito da mesma forma. Ou seja, nunca foram usados os termos Foot-Ball ou Club.

Curiosamente, a ata de fundação de 1930 não contém o nome São Paulo Futebol Clube. Ela foi lavrada com os nomes dos signatários sem que, até a última assinatura, constasse essa preciosa informação. O nome da entidade surge apenas no anexo, nos Estatutos, especificamente no artigo 1.º.

“O ‘São Paulo Futebol Clube’ é uma instituição fundada pelos sócios aficionados do esporte de futebol do Club Athletico Paulistano e pela Associação Athletica Palmeiras, destinada a proporcionar aos seus sócios a pratica de todas as modalidades de esporte”.

Como demonstrado detalhadamente nos capítulos anteriores, com o breve fim das atividades do clube, em 1935, tentou-se reativá-lo com outros nomes: Esporte Clube São Paulo e, principalmente, Clube Atlético São Paulo. A nomenclatura do time, depois, foi novamente posta em pauta em duas outras ocasiões ao longo da história: em 1936 e 1938, quando o São Paulo reorganizado tentava cooptar outras agremiações com propostas de fusão.

Na primeira, que foi falha em resultado, chegou-se a cogitar o nome São Paulo Olympico Clube. Na última, bem-sucedida união com o Clube Athletico Estudante Paulista, o nome São Paulo Futebol Clube só foi mantido graças ao “Voto de Minerva” de Piragibe Nogueira – embora não se conheça que outro nome fosse possível adotar, além de, claro, Estudante.



1930



1935



1985



1996



1999



2006



AS CORES

No que toca às cores do clube, como dito anteriormente, a ideia inicial, acertada em 22 de janeiro de 1930, era que o São Paulo possuísse quatro tons, as cores dos 'clubes fundadores': o vermelho, do CA Paulistano; o preto da AA das Palmeiras, o azul da AA São Bento e o branco comum a todos. E, alinhado ao nome da associação recém-criada, justificava-se também que essa combinação era a mesma presente na bandeira do Estado de São Paulo.

*“As cores do São Paulo FC – ao que se sabe o novo club quer adoptar como suas as próprias cores da bandeira paulista. E neste intuito, para vêr como melhor utilisal-as, vae instituir um concurso para a escolha do emblema e disposição do seu uniforme”.*⁵⁹³

Peculiar é o fato que, oficialmente, o Estado de São Paulo não possuía bandeira. A bandeira paulista foi criada pelo escritor Júlio Ribeiro, em 1888, e intentava servir como símbolo da República do Brasil – e, de fato, foi utilizada como tal nos primeiros dias da República, ao menos no palácio do governo de São Paulo. Contudo, ela só foi adotada “na prática” com o Constitucionalismo de 1932 e, sob caráter oficial, apenas em 27 de novembro de 1946, com o Decreto-Lei Estadual n.º 16.349.⁵⁹⁴

No fim, com a desistência da AA São Bento em tomar parte no nascimento do São Paulo, a falta do azul não descaracterizou os conceitos originalmente pensados. Ficou assim, definido no primeiro estatuto: *“Art. 47.º - A denominação do Clube e as suas cores, preto, vermelho e branco, e seu emblema são imutáveis”.*

O EMBLEMA

Precavidos, os associados registraram em forma de estatuto a imutabilidade do escudo, embora ele nem existisse ainda. Como destacou o jornal *O Estado de S. Paulo*,⁵⁹³ emblema e uniforme seriam definidos depois de um concurso.

Dessa competição, todavia, pouco se sabe. Não se conhece a lista completa de participantes, os modelos sugeridos e os descartados, os critérios de seleção, quem aprovou, quem votou a favor ou não. Se é que realmente houve um concurso e não apenas uma atribuição de serviço às pessoas destacadas para essa elaboração – o mais provável. No fim, não restaram para a posteridade nem mesmo os primeiros esboços dos desenhos escolhidos.

Como não houve outra assembleia geral até a primeira apresentação pública do time, sabe-se que os símbolos não foram aprovados diretamente pelos sócios, então o foram pela diretoria eleita (especificamente por Luiz Oliveira de Barros, secretário do clube).⁵⁹⁵

É notório, todavia, que o distintivo do Tricolor foi criação de um desenhista profissional de origem alemã, funcionário de uma companhia de publicidade, chamado Walter Oliver – sobrenome brasileiro de Ostrich ou Ostricher, com a colaboração de Firmiano de Moraes Pinto Filho, um dos primeiros conselheiros do São Paulo. O resultado foi uma obra certamente sem similares até então e que inspirou centena de outros clubes Brasil afora nos anos seguintes.

Algo que não pode ser explicado, por sua vez, são os simbolismos e significados do formato do escudo são-paulino: tais definições não sobreviveram ao tempo, não de maneira impressa.

Oficialmente, o emblema são-paulino é o mesmo desde a fundação do clube, em 1930. Entretanto, na prática, a insígnia tricolor sofreu ligeiras alterações ao longo do tempo devido à evolução na forma de confecção do mesmo, com o advento de novas tecnologias e novos meios sobre os quais o escudo era aplicado. Com a exceção da pontuação do acrônimo S.P.F.C., presente nos distintivos dos uniformes e impressos são-paulinos até 1983, todas as pequenas e diferentes nuances encontradas no símbolo eram decorrentes das inconsistências dos meios de produção e dos veículos de divulgação da marca.

Apesar do escudo ser o mesmo desde o princípio, os acréscimos ao redor dele não são. Atualmente, estrelas douradas e vermelhas fazem parte da composição visual do emblema, embora não sejam partes inerentes dele. A definição do distintivo, no vigente estatuto (artigo 156), é a seguinte:

“O Emblema é composto por um triângulo isósceles com o lado superior maior encimado por um retângulo, com altura equivalente à metade da lateral do triângulo, fundo preto e as letras SPFC, tipo mensageiro “courrier”, em branco. No interior do triângulo acima descrito, uma faixa branca central com ¼ da lateral menor, ladeado por um triângulo retângulo escaleno vermelho e outro preto, nessa ordem”.

Como se vê, não há menção às estrelas. Originalmente, uma estrela dourada passou a integrar símbolos são-paulinos a partir de 1953, mais especificamente na bandeira e na flâmula, graças ao recorde mundial estabelecido por Adhemar Ferreira da Silva, na disputa do salto triplo realizada nos Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque (Finlândia). Uma segunda estrela foi acrescentada após a homologação de novo recorde mundial na modalidade, conquistado pelo mesmo atleta nos Jogos Pan-Americanos de 1955, na Cidade do México. Conforme delimitado nos Estatutos de 12 de setembro de 1953, capítulo XII – das disposições gerais, artigo 107.º:

“O uniforme, cores e distintivos do São Paulo Futebol Clube são: Vermelho, branco e preto, não podendo sofrer alteração, salvo a prevista nos parágrafos 1.º e 2.º deste artigo e mediante expressa autorização do Conselho Deliberativo.

“Parágrafo 1.º - Nas flâmulas e bandeira do Clube, quando seus atletas, de qualquer modalidade esportiva, individual ou coletivamente, conseguirem superar uma marca mundial, será incluída uma estrela de cor dourada, por título conseguido.

“Parágrafo 2.º A concretização do disposto no parágrafo anterior dar-se-á depois de homologado o resultado obtido, pela respectiva e competente entidade internacional, colocando-se solenemente a estrela na bandeira social e na flâmula, em reunião especialmente convocada pela Diretoria”.

Inicialmente, as estrelas não faziam, necessariamente, par com o emblema. Na flâmula, eram sobrepostas a ele (em Estatutos posteriores, a flâmula deixaria de ser regrada), mas, na bandeira, situavam-se acima da faixa vermelha, no canto superior esquerdo. E, simplesmente, não existiam nos uniformes de jogo.

593. *O Estado de S. Paulo*, 25 de janeiro de 1930

594. Ribeiro Júnior, 2003

595. *Revista Arakan* n.º 10, janeiro de 1944



De maneira oficial, somente com o texto dos Estatutos de 31 de agosto de 1999, as estrelas – agora também as vermelhas – passaram a compartilhar a identidade visual do escudo na bandeira e nos uniformes, conforme o inciso segundo do artigo 120:

“Na bandeira e uniformes, quando os atletas do Clube em qualquer modalidade individual ou coletiva, tenham conquistado qualquer marca, título mundial ou olímpico, em esportes considerados olímpicos, será colocado na parte superior do emblema uma estrela de cor dourada, correspondente a cada marca ou título conquistado e uma estrela de cor vermelha, correspondente a cada título de futebol mundial interclubes ou equivalente. Se um atleta integrar uma equipe coletiva e esta equipe for campeã mundial ou olímpica, o título ou marca não serão computados para os fins deste parágrafo”.

Com isso, duas estrelas vermelhas pelos títulos mundiais do futebol são-paulino conquistados no Japão em 1992 e 1993, foram adicionadas às duas estrelas douradas do atletismo. Estas últimas, porém, já frequentavam os uniformes são-paulinos extraoficialmente e esporadicamente, desde os anos 70 e de modo permanente desde 1996. Em 2006, a terceira estrela vermelha, em honra ao Mundial de Clubes de 2005, também tomou seu lugar sobre o escudo na bandeira e uniformes.

OS UNIFORMES

“E pensou-se num modelo para a sua camisa. Uma camisa cujo padrão fosse diverso dos outros e fizesse fremir de entusiasmo a sua torcida. O Paulistano tinha uma camisa branca, com um escudo vermelho no peito. Uma lista encarnada no calção.

“O Palmeiras usava camisa branca, com uma lista preta, horizontal, no meio. Chegaram, então, à conclusão os fundadores do S. Paulo. A camisa seria tricolor. Resolveram adotar duas únicas listras horizontais: uma vermelha e outra preta. O escudo no meio com as mesmas cores. O escudo foi idealizado por um alemão que simpatizou com o tricolor. Chamava-se Walter Ostricher. Fizeram igualmente, portanto, fusão das cores e mais ou menos o mesmo padrão da camiseta de Paulistano e Palmeiras. Estava confeccionada uma camisa sugestiva.

“Dessa maneira, temos hoje, o escudo a altura do peito. Camisa que lembra o Paulistano e o Palmeiras, duas tradicionais e inesquecíveis agremiações bandeirantes. E o tricolor se dignifica, sobretudo, dessa fusão e da camisa que denota gratas recordações. Assim surgiu a camisa do São Paulo F.C. Essa é a sua curta história”.

É de conhecimento que o conjunto número 1 do uniforme são-paulino surgiu na Rua Libero Badaró, n.º 110, então loja de roupas e artigos esportivos *Esporte Moura*, do conselheiro tricolor Saint-Clair Moura, o Mourinha.⁵⁹⁷

Além da camisa branca com escudo e faixas horizontais vermelha, branca e preta à altura do peito e contornando inteiramente, também, às costas, completava o primeiro uniforme um calção branco com listras verticais laterais vermelha, branca e preta e um par de meias pretas, com solado branco e com faixas deitadas branca e vermelha (que em fotos reveladas em preto e branco são quase imperceptíveis). Este foi o traje padrão do São Paulo até 1944, quando os meiões passaram a ser totalmente brancos.



596. *Mundo Esportivo*, 15 de julho de 1948

597. *Museu da Pessoa*, entrevista de Saint-Clair Moura, e *A Gazeta Esportiva*, 18 de outubro de 1992, entrevista de Joaquim Simões Gomes

Em um primeiro momento, essa composição foi a única vestimenta criada e aprovada pelo clube. O uniforme número 2, cuja única peça diferente era a camisa, listrada verticalmente em vermelho, branco e preto (com cinco listras vermelhas, onze brancas e cinco pretas, na área frontal, e sem emblema no peito – desta forma, as listras mais finas que as atuais), foi apresentado ao público só no dia 29 de maio de 1932, no jogo São Paulo 4 x 0 Santos. A camisa dotada de escudo surgiu um ano depois, em 9 de julho de 1933, em nova vitória sobre o time santista, daquela vez por 4 a 1.

Assim, até 1932, o Tricolor enfrentava adversários uniformizados de branco, vestido, também, com as camisas brancas, e mesmo com o segundo conjunto de camisas, o procedimento ainda persistiu em algumas partidas posteriores.

Dos anos 60 aos anos 80, por força de regulamentos, o Tricolor chegou a atuar inúmeras vezes com a camisa listrada como mandante no próprio Estádio do Morumbi (e não somente em clássicos), fato que atualmente é bem raro. A última vez que isso ocorreu foi em 23 de junho de 2016, contra Sport (0 a 0), pelo Brasileirão, por causa do lançamento do material esportivo número dois daquele ano.

Ostentando a camisa listrada em jogos decisivos, o São Paulo foi campeão da Libertadores da América de 1993, da Copa Conmebol de 1994 e Campeão Paulista de 1949, 1957, 1980, 1987 e 2005, entre os títulos oficiais. Os demais, todos conquistados com a principal.

Nos termos atuais, os modelos n.º 1 e n.º 2 são assim especificamente condicionados:

“§ 1.º O de número 1 será composto por camisas brancas, tendo à altura do peito 3 (três) faixas horizontais, vermelha, branca e preta, nessa ordem, cobertas inteiramente pelo Emblema. As faixas vermelha e preta com 5 (cinco) centímetros de largura e a branca com 2,5 centímetros. O Uniforme número 1 será composto também por shorts brancos e meias brancas. Em caso de impossibilidade determinada pela entidade organizadora do jogo, deverão ser utilizados os shorts e meias pretos. Apenas na impossibilidade de utilização das cores preferenciais por determinação da entidade organizadora do jogo, serão utilizados shorts e meias vermelhos.

“§ 2.º O de número 2 será composto por camisas com faixas verticais vermelhas, brancas e pretas alternadas, nessa ordem, e na altura do coração o Emblema. A largura das faixas vermelhas e pretas é de 4,5 centímetros, e a branca de 1,5 centímetro. O Uniforme número 2 será composto também por shorts pretos e meias pretas. Em caso de impossibilidade determinada pela entidade organizadora do jogo, deverão ser utilizados os shorts e meias brancos. Apenas na impossibilidade de utilização das cores preferenciais por determinação da entidade organizadora do jogo, serão utilizados shorts e meias vermelhos”.

As medidas exatas das faixas na camisa principal e na camisa listrada foram deliberações tardias na história são-paulina, que passaram a figurar nos Estatutos apenas a partir da versão aprovada em 26 de março de 1996.

As últimas menções de alterações significativas nos conjuntos 1 e 2 de uniformes tricolores são referentes aos números nas costas, aos calções (e meiões) de cores pretas e vermelhas e a adoção de logos de patrocinadores.

A primeira vez que o Tricolor entrou em campo com uma camisa numerada foi no amistoso internacional realizado no estádio do Pacaembu no dia 28 de julho de 1948, contra o Torino, da Itália (empate em 2 a 2).⁵⁹⁸ O goleiro e os jogadores de linha, com a camisa principal são-paulina, foram assim enumerados:

1. Mário
2. Savério
3. Mauro
4. Ruy
5. Bauer
6. Noronha
7. Antoninho
8. Ponce de León
9. Leônidas
10. Remo
11. Teixeira

A aplicação, conforme visto nas fotografias, foi a costura dos numerais em vermelho por cima das faixas. No jogo seguinte (3 a 2 contra o Ypiranga, em 1.º de agosto), o São Paulo voltou a atuar sem numeração, sendo essa a última vez na história (em se tratando de um uniforme exatamente do clube). A partir do jogo contra o Palmeiras (2 a 1, em 15 de agosto)⁵⁹⁹, os números foram adicionados sobre um quadrilátero branco, interrompendo a continuidade das faixas pela primeira vez. A estreia da numeração na camisa n.º 2, com algarismos na cor preta sobre fundo branco, se deu no dia 4 de setembro de 1948, com nova vitória (3 a 2) sobre o Santos.⁶⁰⁰

O primeiro registro conhecido de um jogo do São Paulo utilizando uma vestimenta oficial do clube, mas com calção de outra cor que não fosse branca, foi em 1.º de outubro de 1992, na vitória por 3 a 0 contra a Inter de Limeira, no Morumbi. O Tricolor jogou de camisa branca, calção e meiões vermelhos (novidade, citada como tal, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*).⁶⁰¹ Desde então, o time só jogou com a combinação camisa branca e calção vermelho outras 13 vezes (em 1996/1997 e 2011), e com a camisa listrada e calção vermelho em mais oito oportunidades (uma em 1997, quando Rogério Ceni marcou o primeiro gol na carreira, e as restantes em 2011).

Em 2013, como se verá, o Tricolor utilizou também um conjunto completamente vermelho, mas inspirado na camisa n.º 1.

O calção preto não tardou a surgir, depois do vermelho. Foi utilizado pela primeira vez em 13 de agosto de 1993, contra a Lazio (vitória por 3 a 1), pelo Troféu Teresa Herrera, junto à camisa n.º 2. E foi combinado à camisa principal três anos depois, na inauguração do Estádio Benedito Teixeira, em São José do Rio Preto, no dia 10 de fevereiro de 1996 (3 a 2 contra América local).

Quanto aos meiões, da fundação do clube até 1943, eles foram predominantemente pretos. Em 1944, já no primeiro jogo da temporada, em 12 de fevereiro (2 a 0 no Fluminense), o time passa a usá-los na cor branca. Os pares pretos, contudo, ainda foram, esporadicamente, usados (em 1949, em 1955...), até serem resgatados definitivamente, como parte integrante do segundo uniforme e alternativa ao conjunto principal, em 1993.

598. *A Noite, 29 de julho de 1948*

599. *Folha da Noite, 16 de agosto de 1948*

600. *Diário da Noite, 5 de setembro de 1948*

601. *O Estado de S. Paulo, 2 de outubro de 1992*

Ao que parece, esse retorno veio ao acaso, de improviso. Na final do Troféu Ramón de Carranza, dia 29 de agosto de 1992, o São Paulo enfrentou o Real Madrid e o goleou por 4 a 0. Se nota nas fotos do time campeão que os jogadores usaram meiões pretos de outra fornecedora esportiva – provavelmente, um artigo esportivo local, de Cádiz, na Espanha. Como em campo o resultado veio em forma de uma sonora goleada contra um dos maiores clubes do mundo, o uso de desses meiões “deu sorte”, tudo bem mantê-los.

A necessidade de ter meiões de outra cor, que não a branca, contudo, ficou evidente e, no mês seguinte, o Tricolor estreou a versão vermelha deles, no empate em 0 a 0 com o Santos (20 de setembro de 1992). Não caiu no gosto da torcida, ainda que tenha sido usado raramente até 1997 e em 2011. Assim, em 1993, o meião preto retornou de vez, para ficar.

Em 1996, a FIFA estabeleceu uma diretriz que passou a exigir que os times se enfrentassem com todas as peças do uniforme com cores diferentes, entre si. Desde então, o calção e os meiões pretos passaram a ser figuras constantes nas partidas do Tricolor. Contudo, nenhuma dessas peças teve cor exata regida por Estatuto do clube até a aprovação da versão posta em vigor em 1.º de janeiro de 2017, que determina conjuntos nos tons branco, preto e vermelho.

“Em caso de impossibilidade determinada pela entidade organizadora do jogo, deverão ser utilizados os shorts e meias pretos. Apenas na impossibilidade de utilização das cores preferenciais por determinação da entidade organizadora do jogo, serão utilizados shorts e meias vermelhos”.

Por fim, no que se refere a outros símbolos nas vestimentas tricolores, temos a questão dos fornecedores e dos patrocinadores. A primeira fábrica de artigos esportivos a ter a marca exibida com destaque, na altura do peito, em uma camisa de linha são-paulina, foi a *Le Coq Sportif*, em 1981. A *Penalty* estampou o próprio símbolo em camisas de goleiro em 1980. Até a Deliberação n.º 5/1982 do Conselho Nacional de Desportos - CND, que regularizou e permitiu a exposição de publicidade em camisas de clubes em competições de futebol, o uso de propaganda de terceiros era vetado, exceção feita justamente às logomarcas das empresas de artigo esportivo, fornecedoras dos uniformes.

A autorização para patrocinadores, aprovada em 9 de maio de 1982, foi posta em vigor pela Confederação Brasileira de Futebol em 9 de julho. O Tricolor, contudo, já esperava que o projeto fosse aceito desde setembro do ano anterior, quando o Conselho acrescentou ao Estatuto essa possibilidade (artigo 115, parágrafo 3.º), com a seguinte condição: *“A inclusão de qualquer propaganda no uniforme do Clube dependerá, obrigatoriamente, de aprovação do Conselho Deliberativo, por proposta da Diretoria”.*

O primeiro patrocinador de camisa do São Paulo, contudo, só surgiu nas finais do Paulistão de 1982 e foi de surpresa: a *Cofap* – Companhia Fabricante de Peças – expôs a marca dela nas costas, acima dos números, no uniforme n.º 2, no dia 8 de dezembro, e no n.º 1, no dia 12 de dezembro. Naquelas ocasiões não houve patrocínio frontal. A assinatura do contrato foi exatamente no dia do primeiro jogo⁶⁰², embora as negociações ocorressem há mais tempo, e o compromisso foi, apenas, para as duas partidas decisivas, ao valor de Cr\$ 6 milhões.

Com base nas pesquisas, pode-se verificar que, por quase todo o tempo de existência do São Paulo Futebol Clube, apenas dois conjuntos de uniformes foram previstos ou regulamentados em Estatutos, o que não quer dizer que não se tenha utilizado modelos distintos em momentos específicos da história do Tricolor – algumas vezes até de maneira “bem oficial”...

602. Folha de São Paulo, 10 de dezembro de 1982

CAMISAS ALTERNATIVAS

A primeira vez que o Tricolor atuou com um uniforme diferente dos tradicionais foi em jogo amistoso contra a Seleção dos Estados Unidos (que se trajava inteiramente de branco), então terceira colocada na Copa do Mundo do Uruguai. No dia 10 de agosto de 1930, o São Paulo jogou de camisa preta, com mangas brancas – demonstrando um caráter de improviso para o fato, utilizando o manto da finada AA das Palmeiras (dotado do emblema dela, inclusive), e venceu a partida por 5 a 3.

Relembrando que o São Paulo só estrearia a camisa n.º 2, listrada e tricolor, em 1932. Assim, a segunda camisa da história do clube não foi a que todos imaginam.

Nos anos 60, em três partidas contra o Real Madrid, o São Paulo acabou por utilizar camisas de outros clubes. Nos dois jogos realizados pela Pequena Copa do Mundo, em Caracas, no ano de 1963, o time vestiu o escuro (até o momento não bem identificado) traje do clube local La Salle FC e venceu os madrilenhos por 2 a 1, no dia 23 de agosto, e empatou em 0 a 0, no dia 28, faturando o título. Neste primeiro caso, os motivos para o uso e até mesmo a cor da camisa são incertos.

Em 1969, porém, o fato é bem conhecido. No dia 24 de agosto, o Tricolor venceu o Real Madrid por 2 a 1 e conquistou a imponente caravela do Troféu Colombino com o uniforme todo azul do Real Club Recreativo de Huelva em homenagem à cidade de Huelva e aos futebolistas locais por conta das comemorações dos 80 anos da fundação do clube – o mais antigo da Espanha.

A utilização de trajes de clubes distintos repetiu-se ainda em outras quatro ocasiões: nas temporadas de 1964, 1978, 2000 e, infelizmente, 2016. No primeiro destes anos, a equipe são-paulina excursionava pela Europa e, na final do Torneio Cidade de Florença, naquela cidade, enfrentaria os soviéticos do FK Zenith Leningrad. A delegação estava hospedada em um hotel na margem do rio Arno, oposta à qual se encontrava o Estádio Comunale Artemio Franchi.

Após partir rumo ao local da partida, choveu muito e o rio transbordou. Nisso, o roupeiro Ferrari percebeu que havia esquecido os uniformes no hotel. Naquela situação, não seria possível buscá-los. A Fiorentina, então, fez o favor de emprestar os jogos de camisa que possuía para a equipe Tricolor. A camisa violeta, com a flor-de-lis ao peito, foi a vestimenta do time na decisão do torneio e trouxe sorte ao clube. Com gol de Valdir Birigüi, o São Paulo venceu por 1 a 0.

Em 22 de março de 1978, os tricolores jogaram com uma camisa vermelha (em tom quase alaranjado) do Unión Española, do Chile. A partida, válida pela Copa Libertadores da América, teve como oponente o Palestino, time local, que também atuava de branco. Aliás, utilizava uma camisa muito similar à do próprio São Paulo, com faixas horizontais na altura do peito, só que preta, verde e vermelha.

Para resolver o problema, o jeito foi tomar emprestadas as camisas de outro clube de Santiago, o Unión. No fim, o Tricolor venceu os chilenos por 1 a 0, gol de Darío Pereyra.





Por conta das festividades de 100 anos de existência do CA Paulistano, o São Paulo entrou em campo contra o Avaí, no dia 15 de janeiro de 2000, com uma camisa polo de botões, acrescida do distintivo do alvirrubro abaixo do são-paulino, e um calção dotado de cinto vermelho. Todo o conjunto lembrava o uniforme que o time do Jardim América utilizava no início do século XX. Assim trajado apenas no primeiro tempo, o Tricolor venceu por 3 a 2 (2 a 0 na primeira etapa) o jogo que valeu pelo amistoso Torneio Constantino Cury.

A menção triste fica por conta do ano de 2016. O São Paulo goleou o Santa Cruz por 5 a 0, pelo Brasileirão, trajando-se inteiramente de preto, de luto pelo acidente aeroviário fatal com a delegação da Chapecoense, na Colômbia, quando esta se destinava para lá a fim de disputar a final da Copa Sul-Americana da temporada. O acidente vitimou, inclusive, os ex-tricolores Mário Sergio, Cléber Santana e Caramelo. A camisa levava ao peito os escudos dos dois times, logos em memória aos 71 falecidos e os dizeres: “#ForçaChape - Sempre”.

TERCEIROS UNIFORMES

Apenas com o Estatuto em vigor desde 2017, oficialmente o clube passou a prever e reger a existência de um terceiro conjunto de uniforme, chamado “comemorativo”, limitando o uso deste a dez jogos em um intervalo de 12 meses, após aprovação do mesmo por maioria simples em votação no Conselho Deliberativo (parágrafo 3.º do artigo 157).

Contudo, ao longo dos anos, outras camisas poderiam ser “encaixadas” no critério de terceiro uniforme, tendo ocorrido, até mesmo, um “quarto uniforme”, ainda que todas nunca tenham sido completamente aprovadas como tal.

Em 17 de maio de 1940, o Tricolor prestou homenagem aos grandes jogadores do passado, os “Veteranos Paulistas de Futebol” (grupo que promovia partidas amistosas com ídolos aposentados),⁶⁰³ utilizando um uniforme inspirado no conjunto da seleção estadual da APEA, listrado verticalmente em preto e branco, com golas e punhos vermelhos, mas sem o emblema do São Paulo ao peito.

A vestimenta, que era também o mesmo modelo de uniforme do Clube Athletico Estudante Paulista, clube incorporado pelo Tricolor em 1938, voltou a ser utilizada curiosa e justamente no aniversário de dois anos da citada união (marcada pela vitória de 3 a 0 sobre o Corinthians), e contra o mesmo time daquela ocasião: no dia 25 de agosto de 1940, o São Paulo derrotou o rival por 3 a 2.

Nesta camisa, que foi adotada ainda em, no mínimo, outros oito jogos, o escudo do São Paulo era ostentado na altura do peito, diferentemente da primeira versão, que não possuía insígnia.



603. O Estado de S. Paulo, 16 de maio de 1940 (agradecimentos a Alexandre Giesbrecht)



A relação de jogos do Tricolor com a referida camisa:

- 03.11.1940 – Campeonato Paulista – 7x2 Comercial (SP)
- 22.12.1940 – Campeonato Paulista – 0x3 Corinthians
- 02.02.1941 – Taça Ministro das Relações Exteriores – 5x2 Gimnasia y Esgrima
- 28.03.1941 – Amistoso – 1x2 Seleção Mineira
- 29.06.1941 – Campeonato Paulista – 2x1 Comercial (SP)
- 10.08.1941 – Campeonato Paulista – 0x3 Corinthians
- 18.10.1941 – Troféu Corinthians – 0x2 Corinthians
- 30.12.1941 – Amistoso – 1x1 America-RJ

A combinação parece ter caído bem ao gosto dos são-paulinos, pois, de acordo com o que consta na ata da reunião extraordinária do Conselho Deliberativo de 10 de março de 1942, o clube a registrou na Federação Paulista de Futebol como o modelo número 3 a ser utilizado pelo time em competições oficiais.

“É também pedido que seja consignado visto o que não fora naquela ata, o agradecimento ao sr. Nelson Fernandes, ao Conselho, pela cessão à Federação Paulista de Futebol, do uniforme do São Paulo Futebol Clube, número 3 (três), registrado naquela Federação”.

Cabe destacar, porém, que apesar deste caráter oficial, esse uniforme nunca constou dos Estatutos do clube e ele nunca mais voltou a ser utilizado, depois da menção em ata.

Em 1966, um novo modelo foi apresentado aos torcedores. Uma camisa efetivamente tricolor, dividida verticalmente, em partes razoavelmente iguais, nas cores vermelha, branca e preta. Foi uma criação do conselheiro, jornalista e então diretor de futebol, Paulo Planet Buarque, que havia recebido uma unidade do colega Manoel Raymundo Pais de Almeida.⁶⁰⁴ Buarque gostou tanto do presente que mandou confeccionar a idumentária para todo o elenco. Ousado, ele levou o time do São Paulo, trajado com a nova camisa, à uma partida do Campeonato Paulista, no Morumbi, sem aviso algum aos demais diretores ou aos integrantes do Conselho.

Paulo Planet, posteriormente, confessou que desenvolveu o uniforme por não gostar da camisa número 2 e queria substituí-la, mas Brasil Vita, outro conselheiro, o persuadiu a desistir. Essa rara camisa estreou com a vitória do São Paulo por 3 a 0 contra Comercial de Ribeirão Preto, no dia 4 de setembro de 1966, sendo utilizada até o final daquele ano, inclusive em clássicos contra o Santos, Corinthians e Palmeiras. A vestimenta foi utilizada nestas partidas:

- 04.09.1966 – Campeonato Paulista – 3x0 Comercial (RP)
- 10.09.1966 – Campeonato Paulista – 2x0 Guarani
- 15.09.1966 – Campeonato Paulista – 1x1 Portuguesa Santista
- 30.10.1966 – Campeonato Paulista – 2x1 Santos
- 10.11.1966 – Campeonato Paulista – 3x1 Portuguesa Santista
- 16.11.1966 – Campeonato Paulista – 2x2 Prudentina
- 20.11.1966 – Campeonato Paulista – 0x0 Guarani
- 01.12.1966 – Campeonato Paulista – 2x2 Botafogo (RP)
- 04.12.1966 – Campeonato Paulista – 2x1 Corinthians
- 10.12.1966 – Campeonato Paulista – 1x1 São Bento
- 15.12.1966 – Campeonato Paulista – 0x3 Palmeiras

^{604.} Giesbrecht, 2019, citando Diário Popular

O próximo uniforme são-paulino que pode ser entendido como uma “terceira camisa” foi utilizado no ano de 1984. No dia 20 de agosto desse ano, o Tricolor foi à Itália enfrentar a AS Roma e acabou perdendo por 2 a 1. Depois, aproveitando a estadia no Lácio, a delegação foi ao Vaticano visitar o Papa João Paulo II, no dia 22. Mas o que ficou dessa excursão, todavia, foi a confusão causada pela camisa usada pelo time no jogo contra os romanos. O modelo era destituído das tradicionais faixas horizontais da camisa n.º 1 do clube.

A partida teve transmissão pela TV brasileira e causou espanto nos torcedores e na imprensa, que questionou os dirigentes da comitiva, ainda na Europa. A resposta destes foi que tudo não passou de um erro da fornecedora de material esportivo, a “Le Coq Sportif”, no envio dos pacotes. A camisa, dizem eles, seria um protótipo apresentado à Diretoria e que ainda não havia sido aprovado.⁶⁰⁵

Foram necessários quase 30 anos para que outro conjunto do São Paulo, diferente dos modelos tradicionais, voltasse a ser usado. No dia 28 de abril de 2013, em comemoração à nova configuração do Estádio do Morumbi (dotado com assentos na cor vermelha em todas os pisos), o Tricolor lançou o uniforme “Vermelho, a cor da Raça”, que se tratava do molde da vestimenta principal associada a ideia dela ter sido “banhada em sangue”. Ou seja, era totalmente vermelha, até no emblema. Foi utilizada apenas nessa ocasião, em que os são-paulinos venceram o CA Penapolense por 1 a 0, pelas quartas de final do Campeonato Paulista de 2013.

A partir de 2015, o clube, associado com as empresas de material esportivo, passou a entrar em campo com algum uniforme diverso, apresentado como “comemorativo”. Nessa primeira leva, o São Paulo fez cinco partidas com um conjunto na cor grená:

- 18.10.2015 – Campeonato Brasileiro – 2x2 Vasco da Gama
- 25.10.2015 – Campeonato Brasileiro – 2x1 Coritiba
- 28.10.2015 – Copa do Brasil – 1x3 Santos
- 08.11.2015 – Campeonato Brasileiro – 1x2 Cruzeiro
- 27.02.2016 – Campeonato Paulista – 0x1 Ponte Preta

E ainda outro jogo, no dia 28 de novembro de 2015 (3 a 2 no Figueirense, pelo Campeonato Brasileiro), com uma composição na cor cinza grafite.

Na temporada de 2016, o “terceiro uniforme” foi uma camisa amarela, com textura inspirada nas “ondas tricolores” do Estádio do Morumbi. Essa vestimenta só foi usada no jogo do dia 14 de agosto, quando o São Paulo perdeu para o Botafogo por 1 a 0, em casa.

A primeira terceira camisa oficial do São Paulo, de acordo com o Estatuto, surgiu em 2017 e era na cor preta. Foi ao campo em três oportunidades:

- 01.10.2017 – Campeonato Brasileiro – 1x0 Sport
- 18.10.2017 – Campeonato Brasileiro – 1x3 Fluminense
- 09.11.2017 – Campeonato Brasileiro – 2x2 Chapecoense

Por fim, o uniforme sobressalente do Tricolor na temporada 2019 é na cor azul celeste.

^{605.} Folha de S. Paulo, 24 de agosto de 1984

A BANDEIRA

*“Artigo 158 – A Bandeira do SPFC é de cor branca, tendo três faixas horizontais, vermelha, branca e preta, nessa ordem, e no centro da mesma o Emblema. A largura das faixas vermelha e preta terão o dobro da faixa branca, obedecendo a mesma proporção referida no uniforme número 1”.*⁶⁰⁶

Durante a história, a bandeira do São Paulo permaneceu quase inalterada, embora inicialmente não tenham existido normas estatutárias tão rigorosas que a regessem, como agora. As principais modificações ocorreram devido aos acréscimos de estrelas.

Originalmente, o pavilhão são-paulino era basicamente um reflexo do uniforme n.º 1 do time. O fato só se alterou com a reforma estatutária de 1953, descrita no tópico referente ao emblema do Tricolor, por conta do recorde mundial no salto triplo obtido por Adhemar Ferreira da Silva nos Jogos Olímpicos de 1952.

Contudo, a primeira bandeira do clube com uma estrela dourada, em homenagem à conquista do atleta, foi dada como presente ao São Paulo pelo Vasco da Gama, em 10 de agosto de 1952 (4 a 0 para os tricolores), antes mesmo da deliberação oficial dos conselheiros. Nesse modelo, a estrela situava-se no canto esquerdo superior do quadrilátero.

Mesmo assim, na cerimônia de tomada de posse do terreno e lançamento da pedra fundamental da construção do Estádio do Morumbi, ocorrida no dia 15 de agosto de 1952, a bandeira são-paulina hasteada era a oficial do período, sem adendos dourados.

O presente oferecido pelos cariocas, porém, não foi esquecido, pois quando a honraria foi institucionalizada em Estatuto, a posição da estrela dourada foi mantida. Nos Jogos Pan-Americanos de 1955, Adhemar superou novamente os limites da modalidade e estabeleceu novo recorde mundial. Pelo feito, a segunda estrela dourada fez par com a primeira, na mesma área da bandeira, próxima ao mastro.

Foi este modelo de pavilhão que o Tricolor hasteou na inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, no dia 2 de outubro de 1960. Posteriormente, em algum ponto ainda não esclarecido da década de 60 ou 70, o São Paulo modificou o posicionamento das estrelas douradas, que passaram a ser centrais, acima do emblema do clube.

Desde então, as alterações no estandarte tricolor foram em decorrência das mudanças impostas ao escudo do clube, com o remodelamento do acrônimo (de “S.P.F.C.” para “SPFC”), em 1985, ou com o remanejamento e acréscimo de estrelas douradas e vermelhas, como descrito anteriormente.

⁶⁰⁶. Estatutos do São Paulo Futebol Clube, de 1.º de janeiro de 2017



São Paulo, 3.a-feira, 12-8-1952 — Numero
 efones: Diretoria: 36-3054 — Admohstra-
 — Redação: 34-0992 — Rua dos Andradas,
 cinas: 34-7530 — Rua dos Andradas, n. 155
 Diretor: LIDO PICCINI

PARA O TRICOLOR INICIAR AS OBRAS DO SEU ESTADIO, NO **MORUMBI**



"O CLUBE DA
ESTRELA DE OURO"

O São Paulo colocou uma estrela de ouro na sua gloriosa bandeira!
 (Viva Adhemar Ferreira da Silva!)



ESTRELA DE OURO NA BANDEIRA DO S. PAULO
 — O campeão mundial do salto triplo, Ademar Fer-
 reira da Silva, atleta do São Paulo F. C., recebeu, na
 Paulicela, as homenagens a que fazia jus pela sua bri-
 lhante conquista na Finlândia. E o tricolor paulista
 teve oportunidade de apresentar, também, publica-

mente, a sua bandeira de seda, com a primeira estrela
 de ouro, a indicar a magnífica conquista obtida pelo
 seu atleta. O flagranté foi apanhado quando os joga-
 dores dos dois clubes apresentavam a bandeira com a
 -primeira estrela dourada



OS HINOS

O hino oficial do São Paulo Futebol Clube foi criado em 1936, pelo então tenente José Porphyrio da Paz, quando ele e o clube que ajudara a reconstruir passavam por dificuldades. Porphyrio e a família chegaram a ser desalojados de casa, pois o tenente investia muito do que possuía no São Paulo Futebol Clube.

*“Quase tudo que recebia ia para o clube. Quando fui avisado da perda da casa, fiquei desolado. Andava de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Mas o amor pelo São Paulo foi maior e, ao invés de desistir, comecei a cantarolar: ‘Salve o Tricolor Paulista’ e compus o hino do clube. Foi cantando o hino que eu e minha família deixamos nossa casa”.*⁶⁰⁷

O original composto pelo dirigente (e com orquestração de um certo Pedrinho) só foi oficializado pelo Conselho Deliberativo do clube em 22 de abril de 1942. Os torcedores puderam conhecê-lo com a primeira publicação a divulgá-lo, que foi a *Arakan: a revista dos sampaulinos*, edição extra de maio daquele ano. Como visto na página 48 dessa revista, ele passaria por algumas modificações ao longo dos anos. A penúltima estrofe do hino, conforme a versão de 1942, possuía a seguinte letra:

*“Trazes glórias luminosas
Do Paulistano Imortal
Do Palmeiras também trazes
Um brilho tradicional”*

Contudo, em 15 de setembro daquele ano, o Palestra Itália muda de nome, também homenageando a AA das Palmeiras, adotando o nome da finada agremiação que deu origem ao Tricolor e causando certo embaraço aos tricolores que cantavam o hino. A solução foi proceder com a seguinte alteração:

*“Trazes glórias luminosas
Do Paulistano imortal
Da Floresta também trazes
Um brilho tradicional”*

A solução funcionou até 1966. Naquela altura, a antiga Chácara da Floresta não mais existia e o vínculo do Tricolor com a região ficara num passado já distante e de controversas lembranças. Assim, Porphyrio da Paz, em reunião do Conselho Deliberativo do dia 29 de abril de 1966, alterou mais uma vez, e definitivamente, a letra da estrofe final para:

*“Tuas cores gloriosas
Despertam amor febril
Pela terra Bandeirante:
Honra e Glória do Brasil”*

E mudou a ordem dos versos, deslocando a nova estrofe para a última posição. Na mesma ocasião, o autor afirmou doar ao São Paulo os direitos sobre a música (fato descrito em ata), que está registrada na Seção de Direitos Autorais da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com as mudanças ortográficas oficiais da língua portuguesa no Brasil, também foram alterados os usos de “Veem” para “Vêm” e “Teem” para “Têm”, assim como “bem amado” para “bem-amado”. Ao longo do tempo, várias publicações cometeram gafes com a letra do hino, levando a torcida são-paulina a reproduzi-los e até hoje causam confusão. É comum encontrar versões com “eternamente”, no lugar de “ternamente”, “dias” no lugar de “guias”, “encerram” no lugar de “despertam” e “Já vêm do passado”, ao invés de “Vêm do passado”.

“Hino do São Paulo Futebol Clube

*Salve o Tricolor Paulista
Amado clube brasileiro
Tu és forte, tu és grande
Dentre os grandes, és o primeiro*

*Coro:
Oh! Tricolor
Clube bem-amado
As tuas glórias
Vêm do passado*

*São teus guias brasileiros
Que te amam ternamente
De São Paulo tens o nome
Que ostentas dignamente*

[Coro]

*São Paulo, clube querido
Tu tens o nosso amor
Teu nome e tuas glórias
Têm honra e esplendor*

[Coro]

*Tuas cores gloriosas
Despertam amor febril
Pela terra Bandeirante:
Honra e Glória do Brasil*

[Coro]”

Por fim, vale dizer que as duas últimas estrofes do hino são-paulino não foram musicadas nas duas versões de áudio “consideradas oficiais”: a gravada pela Banda do Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara (1970), com arranjo de Renato de Oliveira, coral de Joab Teixeira e regida pelo capitão Othonio Benvenuto, e a lançada no álbum *“Hino dos Campeões”* pela Companhia Industrial de Discos - CID (1977), com intérprete, orquestra e coro da própria empresa. Esta última, é a variação mais utilizada por todos os setores do São Paulo.

Mas o atual hino são-paulino não foi o primeiro. De acordo com a revista *Tricolor: órgão oficial do São Paulo Futebol Clube*, n.º 5, de novembro de 1949, o primeiro hino da história do clube foi criado ainda nos tempos da Chácara da Floresta. Segue:

“O São Paulo - Em São Paulo - Pelo Brasil

Herói São Paulo, sereno e forte,
Que tens valor e que tens poder,
És dessa elite que soe vencer,
So tens sucesso a própria sorte!

São Paulo, clube, tu és o herói
Da Pauliceia, que ao teu sorrir,
O teu futuro verás surgir
Da fama que o tempo não destrói!

És o orgulho do Brasil,
Por teu escol que jamais falhou,
O teu nome já vibrou
No mundo além deste céu de anil!

São Paulo, tens o fulgor,
O brilho ardente de um grande sol,
São os louros do Tricolor,
São as glórias do teu primoroso escol!”

O editor da revista, todavia, afirma que desconhece maiores detalhes dele, como a autoria e a partitura do mesmo. Ainda assim, conclama torcedores que o conheciam para ir à sede social “a fim de ultimarmos a gravação da letra e música, por um coro formado pelos jogadores do ‘mais querido’”.

O São Paulo também possui um ‘grito de guerra’ considerado oficial – algo do tipo que, claro, nunca fora institucionalizado por Conselho ou Diretoria. Foi muitas vezes cantado após a locução da escalação da equipe antes de jogos no Pacaembu, nos anos 40, e retratado posteriormente, nos anos 60, na música “Bola no Barbante”, de Antônio Bruno Rocha Zwarg e Oswaldo Moles. Por fim, foi resgatado em 2009 no CD infantil de Hélio Hélio Ziskind, “Coração de Cinco Pontas”.

Em verdade trata-se da composição de dois gritos, aglutinados em tempos recentes. O primeiro, datando da época do “Esquadrão de Aço” da Chácara da Floresta – e cantado na passeata de torcedores contra a fusão com o Tietê – e o último, da era Pacaembu, do “Rolo Compressor”.

“Uáique Páique-Cháique Uáique
Uáique Páique-Cháique Uáique
Tchen-Gô-Tchen-Gô
Rá-Rá-Rá

Arakan - balan - bakan
Arakan - balan - bakan
Tumerê - Tumerá
Ma-cam-bê Bê-cam-bê-cá
Rico-réco Rico-rá
Rá - Rá - Rá
São Paulo! São Paulo! São Paulo!”



A MASCOTE

Chamado “Santo Paulo” para não se confundir com o nome do clube, o simpático velhinho de barbas brancas eternizou-se como mascote do Tricolor por meio dos cartuns desenhados por Nino Borges e publicados no jornal *A Gazeta Esportiva*, nos anos 40, e depois nos periódicos dos *Diários Associados*, nos anos 50.

A primeira ilustração do mencionado autor foi veiculada na edição 946 de *A Gazeta Esportiva*, do dia 11 de setembro de 1943. Essa aparição se deu em uma apresentação geral das mascotes, de todos os clubes da divisão principal do Estado. A legenda dizia: “Como são chamados e conhecidos: Palmeiras com periquito - Mosqueteiro de calções pretos - Portuguesa briosa - Portuguesa fadista - Garoto - S. Paulo da fé, mais querido - Trem ferroviário - Leão de Macuco - Benjamin - D[ona]. F. P. F - Vovô - Garboso 'campeão da técnica e disciplina’”.

Na ordem, a imagem se referia a Palmeiras, Corinthians, Portuguesa Santista, Portuguesa, Juventus, São Paulo, São Paulo Railway, Jabaquara, Comercial-SP, Federação Paulista, Ypiranga e Santos (aqui, ilustrado como um marinheiro garboso).

Na edição 948, de 18 de setembro de 1943, o Santo voltou às páginas de *A Gazeta Esportiva*, mas agora com o traço do cartunista João Brito, que lhe chamou apenas de “Paulo”. Apesar de Nino Borges ter criado o *character design* da mascote, coube mesmo a João Brito popularizá-lo, com seu próprio traço, nas edições seguintes.

Curiosamente, o cartunista João Brito também utilizou a personagem para ilustrar passagens referentes às seleções do Estado de São Paulo, como no caso da FPF no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais⁶⁰⁸ e com a Seleção Paulista de Pugilismo.⁶⁰⁹

Nino somente voltou a desenhar o “Santo” para *A Gazeta Esportiva* do dia 8 de abril de 1944, perto de um jogo do São Paulo contra o Ypiranga. Nessa arte pode-se ver, claramente, algo que o diferenciava em relação aos trabalhos de João Brito: a capa vermelha que a mascote utiliza por cima da camisa são-paulina. Mas, diferentemente da concepção original, Nino nem sempre costumava retratar o “Santo” com auréola, como se nota no desenho seguinte, publicado em 3 de junho de 1944, véspera de “Choque-Rei”.

Ao longo da história, não há qualquer desenho ou traço do Santo Paulo considerado oficial. Vários cartunistas já deixaram sua marca em desenhos do “vovô tricolor”. Um deles, Ziraldo, até o transformou em uma criança, com feições angelicais, no final dos anos 80 e início dos 90. São também famosos os desenhos do Santo Paulo nas mãos de Gustavo Duarte, Dorinho, Mário Alberto.

Tão tradicional presença em dias de jogo, atualmente, a primeira aparição do Santo Paulo, “em pessoa”, durante uma partida são-paulina, foi no dia 21 de setembro de 2003, no empate em 2 a 2 contra o Atlético Mineiro, no Morumbi. Coube ao auxiliar administrativo Igor Amorim trajar a fantasia para uma promoção do programa “Sócio Torcedor”, na entrada dos jogadores ao gramado e no intervalo do jogo. O honroso posto depois foi assumido por Francisco Santos e Severino Bianchi, que executa a função até hoje.

608. *A Gazeta Esportiva*, 6 de novembro de 1943

609. *A Gazeta Esportiva*, 27 de novembro de 1943



O santo Paulo, nascido Saulo (Saul) entre 5 e 10 d.C. em Tarso, na região da Cilícia, Turquia, é considerado o pai do cristianismo, príncipe dos apóstolos e apóstolo dos gentios. O responsável pela expansão das palavras de Jesus ao mundo. Mártir, fora decapitado em 64 ou 67 d.C, em Roma, a mando de Nero. O túmulo dele se encontra na Basílica de São Paulo Extramuros, na Via Ostiense.

O dia 25 de janeiro foi consagrado em sua honra (data da conversão religiosa e da mudança do nome dele, de Saulo para Paulo). Por isso, quando da fundação de uma vila, à essa data, no ano de 1554, às margens do rio Tamanduateí, a localidade foi batizada com o nome do santo: São Paulo de Piratininga.

Apesar dessa imensa e lógica associação da mascote com o Tricolor, o Santo Paulo não foi a única personagem atribuída ao clube. Vale lembrar que, estatutariamente, a mascote não é (e nunca foi) um dos símbolos oficiais do São Paulo. Desta maneira, natural que tenham existido outras ideias e desenhos associados ao time.

A segunda mais antiga representação gráfica do que pode ser dita mascote são-paulina que se tem conhecimento – embora ainda não se possa datar com precisão, visto os poucos dados obtidos – é a figura do Doutor Canindé. Criado pelo cartunista Mendes, o Dotô Canindé (conforme grafia original) era um senhor negro, trajado de fraque, cartola, monóculo e bengala. No bolso do peito, uma flor, e no dedo, um brilhante anel.

Essa figura, praticamente esquecida da história, costumeiramente era lembrada pelo jornalista Alberto Helena Júnior. Em um texto dele, o Dotô Canindé é assim explicado:

*“Um crioulo sorridente com anel de doutor no dedo (o Dr. Canindé), alusão à torcida tricolor dos anos 30/40, composta pelos estudantes de Direito das Arcadas e a população negra e desvalida de São Paulo, pois os demais clubes grandes da época tinham como fãs predominantemente os imigrantes espanhóis (Corinthians), italianos (Palestra-Palmeiras) e portuguesas (Lusa). Tanto que o São Paulo, naqueles tempos iniciais, era chamado pelos adversários de Clube dos Pipoqueiros, referindo-se aos ambulantes vendedores de pipoca, o substrato da sociedade paulistana, os sem-ofício, enfim, aqueles que viviam pela simples fé na vida”.*⁶¹⁰

A origem da personagem, contudo, ainda é nebulosa. O único cartum encontrado com uma passagem dela (resgatada pela página *Bonde do Chê*)⁶¹¹ é de 1945, referente a possibilidade de o Tricolor conquistar o Campeonato Paulista daquela temporada, contra o Ypiranga (o que de fato ocorreu). A obra, que reflete a descrição da personagem feita acima, é anterior a 16 de setembro, data do jogo em questão. Contudo, não se conhece nem mesmo em qual jornal ou revista a arte teria sido publicada.

Toda forma, não pode ser datada para antes de 1942, também, visto que o São Paulo somente passou a utilizar o espaço do Canindé a partir de 4 de maio daquele ano. E, até o clube e torcida adotarem o lugar e criarem uma “identidade” são-paulina com a área, é aceitável imaginar que a personagem tenha sido concebida em 1943 ou 1944. Assim, não é possível afirmar, até agora, qual desenho surgiu primeiro: o Santo Paulo ou o Dotô Canindé.

A proliferação de charges e cartuns esportivos nos periódicos paulistanos, contudo, abriu espaço para outras personagens são-paulinas. Ao fim dos anos 40, cada jornal, com o próprio cartunista, tinha uma visão diferente para a mascote do Tricolor. Para o *Correio Paulistano* (e para o *Diário Popular*, tempos depois), por exemplo, a mascote do São Paulo era um sertanejo, um bandeirante paulista, trajado de botas, calças largas, escudo no peito e chapéu.

Já para o jornal *O Esporte*, a mascote tricolor era um pato. Mas não qualquer pato, e sim um que era a cara do Pato Donald, da *Disney* (da mesma forma que outro personagem da empresa norte-americana se tornou símbolo do Palmeiras, o Zé Carioca). Motivo ou razão que justificasse tal associação? Não se sabe.

Nessa onda de personagens aleatórias para representar o São Paulo, o próprio clube fez uma tentativa em 1949, por meio da revista *Tricolor*. A edição n.º 1 da publicação, lançada em julho daquele ano, apostou na arte do cartunista Manoel Hermano, o Manduca, para a confecção da mascote que ilustraria, nos volumes seguintes, uma espécie de história em quadrinhos chamada *“Saga do Mais Querido”* e roteirizada por Othelo Thormin.

A personagem foi batizada de Tricor e o desenho, pode se dizer, era uma forma de arte moderna, um tanto inspirada no cubismo e, praticamente, precursora do concretismo, da década seguinte. As linhas retas que formavam a personagem valorizavam os traços tricolores, mas o fato mais marcante dele era a cabeça da mascote: o escudo do São Paulo, simplesmente, com uma espécie de touca ou boné, também tricolor, para completar.

Tricor não teve uma vida longa. A saga da personagem só teve duas edições e foi descontinuada em outubro de 1949.

Com o passar do tempo, e o predomínio do Santo Paulo como legítima mascote tricolor, essas variações foram minguando. Somente quase cinquenta anos depois, a imprensa tentou emplacar um novo símbolo e um novo conceito para a representante do clube. A revista *Placar*, em outubro de 1995, com o trabalho dos ilustradores Líbero Malavoglia e Donizeti Amorim, criou o Thunder Tricolor. A publicação, na apresentação, afirmou que *“já era tempo de o velhinho de barba branca e sandálias pedir aposentadoria após tantas conquistas nos 65 anos de vida do clube”*.

Thunder Tricolor era uma figura forte, galante, com cabelos longos loiros e com poderes semelhantes aos de Thor, o deus nórdico dos raios e dos trovões. Trajava uma espécie de exo-armadura futurista nas cores do clube, embora o escudo do time estivesse, naquelas artes, com os tons invertidos. Agora, a mascote são-paulina era um super-herói e, ao lado dos colegas dos demais grandes clubes do Brasil, protagonizaria uma história em quadrinhos da mesma revista, em maio de 1997.

Além de arte em papel, porém, o que poucos sabem, ou lembram, é que o São Paulo já possuiu uma mascote de verdade, em “carne e osso”. Era um bode, de nome Augusto. Nas palavras de Agnelo di Lorenzo, primeiro mantenedor do Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube, e de Catharina Serroni, antiga anfitriã e cozinheira do Tricolor, o bode, de cerca de um ano de idade, surgiu por volta de 1948 nos arredores da então sede são-paulina, no Canindé, e foi ficando..., caindo nas graças dos transeuntes, sócios, dirigentes e jogadores e, especialmente de, um funcionário chamado Augusto.

610. Helena Júnior, “Na Linha do Gol”, 21 de abril de 2013

611. Perfil “Bonde do Chê”, na rede social “Facebook”, 2019

Com o tempo, porém, o danado do bode começou a causar problemas. Quando empregados do clube tentaram plantar pés de eucalipto na propriedade, a empreitada não deu certo pois o bode devorou todas as mudas. Arteiro, o cabrito só respeitava Augusto, que o domava facilmente. Augusto, diz Catharina, tinha algum distúrbio mental não esclarecido nos registros e, para ela, talvez esse tenha sido o fato causador dessa amizade. Assim, o animal fora batizado com o nome dele.

Toda forma, as “brincadeiras” do bode Augusto tomaram grandes proporções: alguns vociferaram contra ele, enquanto outros o defendiam. A situação chegou a virar nota de jornal. A *Folha da Noite*, de 14 de dezembro de 1948, estampou em título de artigo: “Um ‘bode no Canindé por causa de ‘Augusto’ – ‘Augusto formou duas alas entre os sampaulinos – ‘Tira o bode’ e ‘Fica o bode’ – O ‘cria’ do Tricolor tem um ano e gosta das mudas de eucalipto”.

O jornal sugeriu, para resolver o caso, que fizessem uma votação entre os sócios, entre a turma do “Tira o bode” e a do “Fica o bode”. E, no fim, foi o que ocorreu. Após o debate, o bode ficou e “obteve autorização” para fazer o que fazia sempre. O bicho começou a ficar mimado.

“E se bode comum já não é de respeitar muito decisões de outros animais, imaginem bode mimado... Pois assim Augusto foi adquirindo outros hábitos extravagantes, entre eles o de gostar de cigarros. Não para fumá-los, mas para comê-los...”. Descreveu Agnelo di Lorenzo.⁶¹²

“Eu não podia passar que aquele bode corria atrás de mim (risos). Eu passava de manhã com o pão, a cesta de pão e leite e tudo, ele vinha... Eu corria com a cesta, tudo, para ele... Me dava aqui nas costas e me jogava no chão”. Lembrou Catharina em entrevista para o Museu da Pessoa e para o Memorial do São Paulo, em 1994.

Mas o bode era tão querido por todos que ele até tinha um serviço de *choffeur* exclusivo para quando dava aquelas escapulidas do Canindé, bairro afora. “Quando não voltava na ‘hora combinada’, um time de funcionários ia buscá-lo. Era o ‘time da peruca’, constituído, entre outros, pelo motorista Ambrósio e pelo ‘xará’ Augusto”, disse Agnelo.⁶¹²

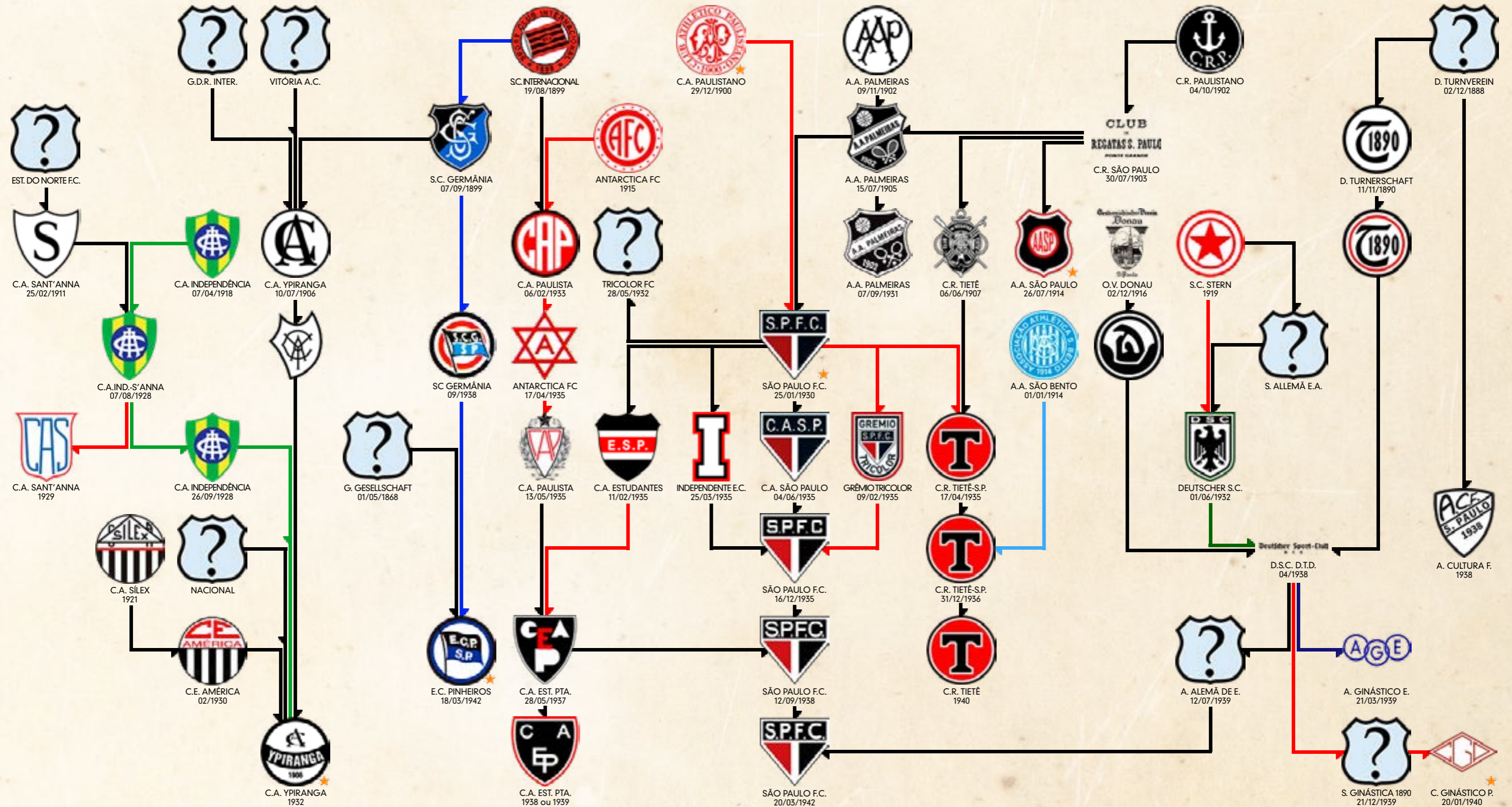
Contudo, entre 1955 e 1956, quando o Tricolor arrumava as malas para deixar o Canindé, repassado à Portuguesa, um fato lamentável ocorreu, após o último dos passeios do bode Augusto fora da propriedade: uma matilha de cães vadios o atacou e o animal faleceu.



612. Revista São Paulo Notícias, n.º 86, de 1997



GENEALOGIA DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE



A GENEALOGIA DO SÃO PAULO

Que o Tricolor surgiu da união da AA das Palmeiras com dissidentes do CA Paulistano todos agora já sabem, mas a “árvore genealógica” do São Paulo vai muito além dessa junção. As ramificações são mais extensas do que parecem. Graças às incorporações de outros times a coletividade são-paulina, no decorrer da existência do clube, as linhas de origem se expandiram até outras 34 associações! Isto sem contar as simples mudanças de nomenclaturas dessas entidades...

Será lembrado, resumidamente nesse apêndice, um pouco sobre cada uma dessas agremiações e as relações dessas para com o São Paulo Futebol Clube. É uma rede intrincada de fusões, associações, dissidências e fundações.

RAMO ORIGINAL

1 - Club Atlético Paulistano

Fundação: 29 de dezembro de 1900

Situação: Ativo

Tradicional clube da capital paulista, 11 vezes campeão estadual de futebol e um dos maiores vencedores do Brasil nos chamados “esportes amadores”, o Paulistano é um ancestral do Tricolor por “consideração”, visto que, na prática, não esteve envolvido na fundação do São Paulo, pois apenas dissidentes desse clube (jogadores, sócios e mesmo grandes dirigentes) tomaram parte nesse processo.

O Club Atlético Paulistano continua ativo e, todavia, é graças ao Paulistano e sua herança futebolística que o vermelho é uma das três cores do pavilhão são-paulino.

2 - Associação Atlética das Palmeiras

Fundação: 09 de novembro de 1902

Situação: Extinto – “Fundou” o São Paulo em 25 de janeiro de 1930

Detentora da melhor praça de esportes dos anos de 1920 e 1930, a Chácara da Floresta, a alvinegra AA Palmeiras, como era mais conhecida, foi três vezes campeã paulista. Com o fim da Liga dos Amadores de Futebol e a debandada ocorrida no Paulistano, o clube das margens do rio Tietê absorveu esses dissidentes, transformando-se no São Paulo Futebol Clube.

Oficialmente, para a APEA (federação estadual de esportes da época) o Tricolor era a continuação exata da AA Palmeiras, tendo apenas o nome alterado nos registros da entidade. Para o São Paulo, contudo, isso nunca foi válido. Talvez muito por influência dos grandes nomes do Paulistano que aportaram no clube e que, de fato, eram a maioria no time inicial do Tricolor. Desse clube, hoje, restou apenas a cor preta dos símbolos são-paulinos.

3 - Grêmio Tricolor

Fundação: 9 de fevereiro de 1935

Situação: Extinto – “Reativou” o São Paulo em 16 de dezembro de 1935 e se tornou torcida organizada em 1939

O Grêmio Tricolor foi uma entidade criada dentro do São Paulo Futebol Clube em 9 de fevereiro de 1935, com o objetivo inicial de integrar grupos de sócios e promover atividades em prol do clube, em um momento no qual já se discutia sobre sua fusão com outros times.

Enquanto “Grêmio Tricolor”, a agremiação serviu de elo entre as duas fases de vida do São Paulo Futebol Clube em 1935. Em 4 de junho de 1935, tentaram reorganizar o São Paulo com a criação do Clube Atlético São Paulo – que, por insucessos em incorporar outras equipes, não vingou. O CR Tietê e o Grêmio Tricolor estiveram presentes na reorganização final do São Paulo Futebol Clube, no dia 16 de dezembro de 1935. Na verdade, como jornais da época demonstram, foi o próprio Grêmio Tricolor que convocou os são-paulinos à assembleia.

Mesmo com o renascimento do São Paulo, o Grêmio Tricolor não desapareceu imediatamente. Existem documentos que atestam as atividades do grupo em 1937 e 1938. Certamente, foi em 1939, com Manoel Raymundo Paes de Almeida, que a entidade mudou de nome para Grêmio São-Paulino e passou a se dedicar mais a eventos de torcedores, principalmente na coordenação de mosaicos e festas nos estádios em dias de jogos, sendo a primeira torcida organizada do Brasil, dando origem à Torcida Uniformizada do São Paulo, a TUSP.

4 - Independente Esporte Clube

Fundação: 25 de março de 1935

Situação: Extinto – “Reativou” o São Paulo em 16 de dezembro de 1935

O Independente nasceu de uma grave cisão dentro do São Paulo. Os jogadores descontentes com a ideia de fundir o clube com o Tietê, e sob a liderança de Araken Patusca, capitão do time, demonstraram publicamente a insatisfação com a possível fusão. Araken foi punido pela diretoria e eliminado do clube, o que causou uma rebelião dos atletas, e logo outros desportistas envolvidos nesse episódio (Pará, Moreno e Raffa) também foram eliminados ou suspensos do clube. Essa foi a “gota d’água” que faltava à ação: os jogadores do São Paulo se proclamaram independentes no dia 25 de março, criando um novo clube, que também levava as cores do Tricolor.

A agremiação não durou muito, pois não possuía patrimônio e era, basicamente, um time que rateava entre todos os jogadores os lucros e prejuízos. No seu curto período de existência disputou oito amistosos, duas partidas oficiais de campeonato paulista da APEA e uma outra do campeonato da LPF, sendo esses três últimos jogos anulados por desistência do time das competições.

Vários de seus dirigentes retornaram ao São Paulo, marcando o fim do Independente.



5 - Clube Atlético São Paulo

Fundação: 4 de junho de 1935

Situação: Extinto – “Reativou” o São Paulo em 16 de dezembro de 1935

Após a concretização da fusão do São Paulo com o Tietê, vários sócios tricolores que foram impedidos de participar da assembleia que selou tal união, reabriram a associação no dia 4 de junho de 1935, agora com o prenome de Clube Atlético São Paulo, mas com as mesmas cores e escudo. O time, presidido por Carlos Monteiro Brisolla, dirigido por Porphyrio da Paz e que tinha como técnico o ex-jogador são-paulino Barthô, não chegou a realizar partida oficial (todas as ligas já estavam em andamento). Conhece-se, apenas, dois jogos treinos: um realizado contra o Mechanica FC, no campo do São Paulo Gaz, na Avenida do Estado, e outro contra o São Bento, na Ponte Grande, ambos em junho de 1935.

Pouco se sabe dos meses seguintes à fundação da agremiação, além do fato de que os dirigentes da entidade estavam em negociações para a fusão com o Independente, com a AA São Bento e com o Tietê, que tinha como meta a Chácara da Floresta. Tal acordo não deu certo. Em novembro, os jornais da capital publicaram convocações de elementos do CASP e do Grêmio Tricolor para tratativas que culminaram na reabertura do São Paulo Futebol Clube, em dezembro de 1935.

6 - Associação Atlética das Palmeiras

Fundação: 7 de setembro de 1931

Situação: Extinto – 26 novembro de 1933

Do mesmo modo que os são-paulinos não gostaram de ver o clube se fundir com o Tietê, alguns sócios da AA Palmeiras, principalmente adeptos de outras modalidades esportivas que não o futebol, não aprovaram a união com os dissidentes do Paulistano e a mudança de nome do clube. Dessa maneira, entre agosto e setembro de 1931, reorganizaram-se e (re)criaram a Associação Atlética das Palmeiras (escrita, aqui, sem “h” no “Atlética” para diferenciação dos times).

Desta vez, destituída do campo da Floresta, a nova agremiação não possuía muitos recursos e, nos primeiros anos, resumiu-se ao atletismo e à nataçã, voltando, em 1933, ao futebol, ainda que amador. Tomou parte na fundação da antiga Federação Paulista de Futebol (não é a mesma dos dias de hoje, criada em 1941), filiada à CBD, disputando campeonatos oficiais. O time era capaz de promover grandes vitórias, como, também, sofrer derrotas históricas.

Não é possível afirmar as causas reais do fechamento do clube, mas sabe-se que o time abandonou o futebol em 26 de novembro de 1933, quando, na partida de retorno contra o SP Railway, a AA Palmeiras “entregou os pontos”, perdeu por W.O. e nunca mais voltou a aparecer nos gramados paulistas.

RAMO DO TIETÊ

7 - Clube de Regatas Tietê

Fundação: 6 de junho de 1907

Situação: Extinto – Fundiu-se com o São Paulo em 17 de abril de 1935

Com a influência do então grandioso Tietê, a “árvore genealógica” do São Paulo se ramificou. Maior clube social de São Paulo (e, por vezes, do Brasil) na primeira metade do século XX, o Tietê nasceu de uma dissidência do Club de Regatas São Paulo, ambos, sediados às margens do maior rio paulistano.

No começo de 1935, articulou uma fusão com seus vizinhos ribeirinhos, o São Paulo FC e a AA São Bento, para aumentar as propriedades do clube, que crescia vertiginosamente em número de associados. O Tricolor, por motivos políticos, foi o primeiro a dizer “sim”, o que causou rachas internos na Chácara da Floresta e originou três agremiações no intervalo de dois meses: o Grêmio Tricolor (que procurava manter o São Paulo vivo), o Estudantes (que só queria manter-se ativo no futebol, com qualquer que fosse a camisa), e o Independente (um coletivo de jogadores são-paulinos que se rebelaram contra a diretoria “entreguista”).

Graças a uma manobra estatutária da facção adepta à fusão, o Tietê absorve o patrimônio são-paulino em 17 de abril de 1935, alterando a nomenclatura da entidade.

8 - Clube de Regatas Tietê-São Paulo / Clube de Regatas Tietê

Fundação: 17 de abril de 1935

Situação: Extinto – 26 de novembro de 2012

O novo clube passou a se chamar Clube de Regatas Tietê-São Paulo, ganhando a cor vermelha que nos anos posteriores tanto o caracterizou. Houve, no começo dessa nova fase, promessas de manter o futebol ativo, mas de modo amador. Por isso, Friedenreich (um dos “patrimônios incorporados”), teve o passe preso ao Tietê e nele permaneceu como coordenador técnico da equipe, não retornando novamente jamais ao São Paulo FC.

O período futebolístico do Tietê-São Paulo não durou muito tempo: o clube do “Departamento Amador de Futebol” era filiado à quase desconhecida Federação Paulista de Futebol Amador e foi vice-campeão do “estadual” da entidade em 1936 e 1937. Mas parou por aí. Pouco depois, o clube voltaria a se chamar apenas Tietê (meados de 1940) e demoliria a saudosa Chácara da Floresta, transformando parte da área em piscinas.

Em 2012, após longo processo judicial e extensa dívida, o clube foi desapropriado pela Prefeitura da Cidade de São Paulo e “fechou as portas”.



9 - Associação Atlética São Bento

Fundação: 1 de janeiro de 1914

Situação: Extinto – Incorporado pelo Tietê em 31 de dezembro de 1936

Equipe alvi-celeste fundada por integrantes do Ginásio São Bento, no centro da cidade de São Paulo, foi campeã paulista logo no ano de estreia, em 1914, e também em 1925. Adepto do amadorismo, sofreu um grande baque com o fim da Liga dos Amadores de Futebol, em 1929. Por isso, cogitou fazer parte da reunião que deu origem ao São Paulo Futebol Clube, junto à AA Palmeiras e dissidentes do CA Paulistano. No fim, não compareceu à reunião.

Com o advento do profissionalismo, em 1933, perdeu espaço, abandonando o futebol. Dirigentes da entidade ainda tentaram se manter vivos no esporte buscando fusão com o CA São Paulo, em 1935, mas não deu certo. Novamente uma tentativa de união com outros clubes ocorreu em 1936: São Paulo, São Bento e CA Paulista dariam origem ao São Paulo Olympico Clube... que também não deu certo. No fim das contas, no último dia daquele ano, o São Bento “se entregou” ao Tietê e seu campo, na Ponte Grande, passou a fazer parte do patrimônio dos “vermelhinhos”.

10 - Associação Atlética São Paulo

Fundação: 26 de julho de 1914

Situação: Ativo

Clube poliesportivo situado entre a conhecida e finada Chácara da Floresta e a região do Canindé, a AA São Paulo é um clube de reputação respeitável na natação, remo, vôlei e basquete. Foi nele que Maria Lenk, uma das maiores nadadoras do Brasil em todos os tempos, começou a carreira.

Na fase áurea, as propriedades do clube alcançavam a margem do rio Tietê, e assim, era rival do clube homônimo ao rio e de outras agremiações sociais da localidade. Apesar das disputas, a AA São Paulo e o CR Tietê eram, na verdade, clubes irmãos. Ambos nasceram de dissidências do Club de Regatas São Paulo: primeiramente, o Tietê, em 1907, e, posteriormente, a AASP, em 1914, quando o CR São Paulo já não mais existia. Essa associação foi, justamente, uma tentativa de resgatá-lo.

11 - Club de Regatas São Paulo

Fundação: 30 de julho de 1903

Situação: Extinto – Novembro de 1913

O CR São Paulo, pode-se dizer, foi o “pai” de todos os clubes e atividades esportivas da margem sul do Rio Tietê, com exceção da área do Canindé. Em 1903, Alberto Menezes Borba e Frederico Steidel compraram uma enorme faixa de terra ali localizada (despejando de lá o Clube Espéria, antigo locatário) e fundaram a associação voltada ao remo e que abrigava a elite da capital paulista, tornando-se praticamente um braço náutico do CA Paulistano.

Em 1904, o CR São Paulo cedeu parte do terreno à AA Palmeiras. Nesse setor foi erguida a famosa Chácara da Floresta. Desta maneira, ambos os clubes mantinham cordiais e estreias relações que culminaram em fusão no dia 15 de julho de 1905. Contudo, como a Liga Paulista de Foot-Ball não aceitou o CR São Paulo como filiado, a AA Palmeiras manteve o próprio nome. Eram um clube só, mas com uma nomenclatura para o futebol e outra para as demais modalidades.

Quando a AA Palmeiras foi punida pela LPFB, em 1906, por questões referentes à venda irregular de ingressos no final do ano anterior (denunciada do SC Internacional), o CR São Paulo assumiu para si a punição e retaliou associados dos esportes aquáticos do próprio clube que faziam parte, também, do Internacional. Assim, estes, por sua vez, abandonaram o Regatas e fundaram o Tietê. Em 1913, após outra contenda entre sócios, Alberto Borba decide vender o terreno à municipalidade e encerrar as atividades do CR São Paulo. Remanescentes fundaram, no ano seguinte, a AA São Paulo.

12 - Club Recreativo Paulistano

Fundação: 04 de outubro de 1902

Situação: Extinto

O CR Paulistano nasceu para a prática do remo recreativo e como clube de campo nas aprazíveis margens do rio Tietê. Clube da elite da capital paulista, era sediado no chamado Recreio Veneza, no histórico “barracão” de Caetano Martenucci, na cabeceira da Ponte Grande, pouco antes da Chácara da Floresta. Apesar do nome, não tinha vínculo oficial com o CA Paulistano, apesar dos sócios das duas entidades serem praticamente as mesmas pessoas da alta sociedade da cidade.

Por ser uma associação de visão mais lúdica do que esportiva, e por deter um patrimônio precário, se comparado com o do CR São Paulo, criado pouco tempo depois, o CR Paulistano acabou sendo absorvido por aquela entidade vizinha.

Poucos indícios existem sobre a história, mas é possível que outras pequenas agremiações ribeirinhas tenham sido incorporadas pelo CR São Paulo no pouco tempo de existência dele, como o Clube dos Argonautas/Variadas Esporte Clube que, por falta de registros, foram desconsideradas desse trabalho.

O escudo do CR Paulistano, apresentado nessa obra, é uma estimativa do que foi descrito sobre o mesmo no jornal *O Estado de S. Paulo* de 7 de outubro de 1903 e no livro “*Tietê, o Rio do Esporte*”, de Henrique Nicolini.



RAMO DO ESTUDANTE PAULISTA

13 - Clube Atlético Estudante Paulista

Fundação: 28 de maio de 1937

Situação: Extinto – Incorporado pelo São Paulo em 12 de setembro de 1938

Tradicionalmente conhecido como Estudantes Paulista (como referência ao clube Estudantes argentino), na verdade, e conforme documentos e correspondências de época, o clube se chamava Estudante Paulista (no singular). Tratava-se da fusão do CA Estudantes de São Paulo com o CA Paulista. A fusão dessas duas equipes propiciou ao novo clube o uso do campo da rua da Mooca, herança da Companhia Antarctica Paulista.

Em 1938, após uma excursão ao Chile, Peru e Argentina, o clube se viu, financeiramente, em “maus lençóis”, pois foi ludibriado por um empresário que desapareceu com todos os lucros da viagem. Em crise e sob ameaça de apedrejamento da sede pelos próprios jogadores, que não receberam os honorários devidos, o Estudantes Paulista aceitou se fundir ao São Paulo.

E, o “voto de Minerva” de Piragibe Nogueira, que manteve o nome do Tricolor no grêmio gerado dessa fusão, garantiu que tal ato representasse, apenas, a incorporação do clube da Mooca.

14 - Clube Atlético Estudantes de São Paulo

Fundação: 11 de fevereiro de 1935

Situação: Extinto – Fundiu-se com o CA Paulista em 28 de maio de 1937

O Estudantes de São Paulo nasceu da ação de acadêmicos e ex-acadêmicos da capital paulista, tanto que o Conselho do clube era formado pelos diretores esportivos dos centros acadêmicos universitários. Muitos de seus integrantes também eram sócios do São Paulo Futebol Clube e, visto a cisão interna do Tricolor naquele período, rapidamente o Estudantes tornou-se uma “salvaguarda” para sócios e jogadores do clube da Chácara da Floresta, praticamente uma dissidência, principalmente a partir de maio de 1935.

A aproximação do clube com o São Paulo era tal que, no mesmo dia em que o Estudantes foi fundado, o time dessa agremiação treinou na sede tricolor contra os são-paulinos (e perderam por 3 a 2). O uniforme do Estudantes, aliás, parecia uma fotografia negativa da camisa 1 do Mais Querido.

Em 1937, para solucionar de vez a questão “campo”, uniu-se ao CA Paulista, detentor do estádio da Antarctica Paulista, na rua da Mooca. Dessa fusão nasceu o CA Estudante Paulista.

15 - Clube Atlético Paulista

Fundação: 6 de fevereiro de 1933

Situação: Extinto – Fundiu-se com o Estudantes de SP em 28 de maio de 1937

A vida do pequeno CA Paulista foi curta e conturbada. O clube surgiu quando o futebol profissional foi adotado em São Paulo, com a recusa do Sport Club Internacional em aderir ao movimento. O time alvirrubro, bicampeão paulista, fora o último colocado do certame de 1932. Mal das pernas e sem condições de manter-se financeiramente, a solução foi se unir ao clube da Companhia Antarctica Paulista, o Antarctica Football Club, que ainda detinha uma praça de esportes razoável, na Mooca.

Originalmente, filiou-se à FPF, federação amadora, e disputou o campeonato dessa entidade, até abandoná-lo e submeter-se à APEA, não a tempo de tomar parte em qualquer torneio da liga. Em 1934, estreou na divisão especial ao lado dos grandes times, mas terminou em penúltimo lugar. No começo de 1935, os problemas vieram à tona: no dia 2 de fevereiro, o clube foi despejado da sede, na rua da Mooca, e teve todas as posses penhoradas por causa de uma pendenga judicial com o ex-advogado do próprio clube, o dr. Assis Brasil.

O fato levou ao fim da agremiação, mas os associados não desistiram e refundaram o clube no dia 17 de abril de 1935, desta vez adotando o nome Antarctica Futebol Clube. A definição foi efêmera, pois no dia 13 de maio do mesmo ano alteraram a nomenclatura novamente para Clube Atlético Paulista (ainda que jogasse com o escudo do Antarctica). Filiado à LPF, terminou o torneio daquela temporada na penúltima colocação, mais uma vez. Com as finanças em risco, foi cogitada a participação da associação na assembleia de reabertura do São Paulo Futebol Clube, em 16 de dezembro, mas seus representantes não compareceram.

No ano seguinte, boatos de extinção (em março) e nova tratativa de fusão (em dezembro, com o São Paulo e o São Bento, no que daria origem ao hipotético São Paulo Olympico Clube) surgiram, mas nada foi concretizado. Após mais um penúltimo lugar, em 1936, o CA Paulista enfim aceitou a proposta do CA Estudantes de SP e, no dia 28 de maio de 1937, foi criado o CA Estudantes Paulista, da fusão das duas agremiações.

16 - Antarctica Football Club

Fundação: 1915

Situação: Extinto – Fundiu-se com o SC Internacional em 6 de fevereiro de 1933

Tratava-se, basicamente, do clube de funcionários da Companhia Antarctica Paulista, tradicional fábrica de bebidas da cidade de São Paulo. Nos primeiros anos de existência, jogava no Parque Antarctica, dividindo o local com o Germânia (locatário). Depois da venda do terreno para o Palestra Itália, em 1920, a agremiação mudou-se para perto da indústria de bebidas, na Mooca.

Disputou, intermitentemente, campeonatos de segunda divisão da LPFB e da APEA entre 1916 e 1925. Em 1926 estreou na 1.ª divisão da liga amadora, a LAF, e dela participou até o fim da federação (1929). No ano seguinte, foi aceito no segundo nível da APEA e se sagrou campeão, mas não obteve o acesso à divisão principal por se negar a alterar o próprio nome (nessa divisão não eram aceitos clubes com nomes de empresas – Sílex e Cotonifício Crespi tiveram que mudar para América e Juventus, por exemplo).



Em 1931, o time foi vice-campeão da “segundona” e não a disputou em 1932. Para não cerrar as portas, clube e empresa aceitaram a proposta do Sport Club Internacional, que passou a alugar o Estádio Antarctica Paulista e mudou a nomenclatura da associação para Clube Atlético Paulista. Na prática, foi uma fusão, ocorrida em 6 de fevereiro de 1933, embora o clube de funcionários da Cia. Antarctica Paulista não tivesse deixado de existir, oficialmente, naquela ocasião.

17 - Sport Club Internacional

Fundação: 19 de agosto de 1899

Situação: Extinto – Fundiu-se com o Antarctica em 6 de fevereiro de 1933

O clube foi fundado por 25 homens de diversas nacionalidades (brasileiros, alemães, franceses, italianos, portugueses e ingleses) e, por isso, o nome SC Internacional foi o escolhido, mesmo que a contragosto do sr. Hans Nobiling, que havia sugerido SC Germânia. Por ter sido voto vencido, Nobiling abandonou o recém-criado SC Internacional e, juntamente com os irmãos Wahnschaffe, fundaram o SC Germânia que, em 1938, tornou-se o EC Pinheiros.

O Internacional paulistano foi uma das equipes de crescimento mais rápido no início do século XX, pois, ao contrário dos demais clubes da época, não tinha restrição quanto à nacionalidade ou “qualidade” dos sócios.

O time que treinava na Chácara Dulley, onde é hoje a Avenida Tiradentes, foi bicampeão paulista: 1907 e 1928. O fim da Liga Amadora de Futebol foi o começo do fim do Internacional, que perdurou entre os grandes times paulistas até 1932, quando terminou o campeonato no último lugar. No começo do ano seguinte, alterou os estatutos e mudou de nome para Clube Atlético Paulista, graças à fusão com o Antarctica Football Club.

18 – Clube Atlético Estudantes Paulista

Fundação: Desconhecida (1938 ou 1939)

Situação: Extinto

Em 12 de setembro de 1938, oficialmente, o CA Estudante Paulista foi incorporado ao São Paulo FC, que passou a utilizar os jogadores da equipe e também a treinar e a jogar no campo da rua da Mooca. Contudo, jornais de 1939 relataram a participação de um CA Estudantes Paulista no torneio da Federação Paulista de Futebol Amador, ao lado do SC Syrio, do EC Araguaia, do GA Alvares Penteado, da AA Guanabara e do CA Indiano. Tal clube também disputou a edição de 1940, e terminou com o vice-campeonato do Torneio Experimental da mesma federação.

Em 1941, porém, desapareceu das competições, ao menos, com o tradicional nome Clube Atlético. No campeonato varzeano, organizado pela FPF pela primeira vez justamente naquele ano, apareceu uma equipe denominada Esporte Clube Estudantes Paulista. Fazia parte da Série Azul da Sub-Liga Marechal Deodoro, ao lado de times dos bairros do Bom Retiro e da Casa Verde. Não é possível afirmar se havia alguma relação entre o Clube Atlético e o Esporte Clube: talvez seja, apenas, uma extrema coincidência.

RAMO DO PINHEIROS/YPIRANGA

19 - Sport Club Germânia / Esporte Clube Pinheiros

Fundação: 7 de setembro de 1899

Situação: Ativo – Mudou de nome de Germânia para Pinheiros em setembro de 1938

Fundado por dissidentes do recém-criado SC Internacional, em setembro de 1899, o SC Germânia foi um dos criadores da Liga Paulista de Foot-Ball e esteve presente no primeiro campeonato realizado pela federação, em 1902 - o primeiro “Campeonato Paulista”. Bicampeão dessa competição, em 1906 e 1915, o Germânia se viu obrigado a abandonar a edição de 1916 e ficar fora dos campeonatos seguintes, até 1920, por causa da Primeira Guerra Mundial.

A Guerra, aliás, teve forte peso na perda do Parque Antarctica, do qual o Germânia era locatário e com contrato de uso até 1921. Obrigado a se mudar, adquiriu um terreno na chamada “Chácara Itaim”, na altura dos “Pinheiros”, onde até hoje está sediado. Com o profissionalismo, em 1933, abandonou de vez o futebol de alto nível e, em 1938, devido aos decretos de nacionalização impostos por Getúlio Vargas, foi forçado a alterar o próprio nome. Nasceu assim, o Esporte Clube Pinheiros - o maior clube social do Brasil, em termos de desempenho esportivo nos chamados “esportes amadores”.

20 - Clube Atlético Ypiranga

Fundação: 10 de julho de 1906

Situação: Ativo

Se o Germânia nasceu de uma dissidência do Internacional, por sua vez, o Ypiranga nasceu de uma divisão do Germânia. Em 1906, sócios desse clube se uniram a outros do Vitória AC e do GDR Internacional para fundar o CA Ypiranga que, quatro anos depois, venceu o primeiro protótipo de segunda divisão da história do futebol paulista, derrotando a AA Vila Buarque e o SC Savóia na classificatória para o campeonato da LPFB de 1910.

Na divisão principal do futebol estadual, o Ypiranga nunca conseguiu sagrar-se campeão, mas passou perto em três ocasiões (foi vice em 1913, 1935 e 1936 muito devido às cisões políticas das Ligas organizadoras). As belas campanhas de 1935 e 1936 só foram possíveis graças às melhorias de elenco e patrimônio obtidas mediante a incorporação de três clubes do bairro do Ipiranga, em São Paulo, no ano de 1932: o Independência, o Nacional e o América. Essa incorporação, aliás, foi o fato que tirou o Ypiranga da região da Água Branca e o levou para o distrito da capital homônimo ao clube, a quem presta referência.

Em 1958, após rebaixamento na primeira divisão estadual, a agremiação abandonou o futebol profissional, mas ainda é uma das principais entidades esportivas sociais da cidade de São Paulo.



21 - Vitória Athletic Club

Fundação: desconhecida

Situação: Extinto – Fundou o Ypiranga em 10 de julho de 1906

Os registros sobre o Vitória AC são escassos. Sabe-se apenas que integrantes do clube estiveram presentes na fundação do CA Ypiranga, em 1906.

22 - Grêmio Desportivo e Recreativo Internacional

Fundação: desconhecida

Situação: Extinto – Fundou o Ypiranga em 10 de julho de 1906

Da mesma forma que o Vitória AC, elementos do GDR Internacional ajudaram a fundar o CA Ypiranga, em 1906, e outros fatos sobre a história dessa associação são desconhecidos.

23 - Clube Atlético Sílex / Clube Esportivo América

Fundação: 1921

Situação: Extinto – Mudou de nome de Sílex para América em 1930 e foi incorporado pelo Ypiranga em 1932

Criado como o clube dos funcionários da Fábrica de Ferro Esmaltado Sílex, em 1921, o CA Sílex estreou no segundo nível da Associação Paulista de Esportes Atléticos em 1923, e já no ano de 1925 sagrou-se campeão dessa divisão. Participou por dois anos da liga principal do Estado e em 1928 conquistou, novamente, a “segundona”. Em 1930, devido a mudanças estatutárias na APEA, que não mais permitiria clubes com nomes de empresas na divisão principal da Liga, passou a chamar-se Clube Esportivo América.

Tanto na fase Sílex, quanto na fase América, o uniforme do time sempre foi listrado verticalmente em preto e branco, com a gola da camisa vermelha, tal qual o conjunto da seleção paulista.

Em 1932, ao lado do Independência e do Nacional, uniu-se ao CA Ypiranga, desaparecendo do cenário esportivo paulistano.

24 - Nacional do Ipiranga

Fundação: desconhecida

Situação: Extinto – Incorporado pelo Ypiranga em 1932

Nem ao menos o nome completo dessa agremiação é conhecido. Por relatos da história do Ypiranga, sabe-se que o Nacional foi um dos clubes incorporados pelo CAY, em 1932, ao lado do América e do Independência. Nada mais.

25 - Club Atlético Independência

Fundação: 7 de abril de 1918

Situação: Extinto (Incorporado pelo Ypiranga em 1932)

Um dos mais antigos times de futebol do bairro do Ipiranga, o CA Independência era situado na rua dos Ituanos, onde, nos anos de 1930, o CA Ypiranga ergueu um estádio. Feito este que só foi possível graças a incorporação do Independência, em 1932. Antes disso, porém, o CAI esteve envolvido em outra fusão: em 7 de agosto de 1928, a agremiação se uniu ao CA Sant’Anna para a disputa do campeonato da Liga dos Amadores de Futebol, nomeando-se CA Independência-Sant’Anna, mas a ação conjunta não vingou. A entidade voltou a se chamar CA Independência em 26 de setembro de 1928 e a união foi desfeita, definitivamente, no ano seguinte.

Os principais feitos esportivos do CA Independência foram as conquistas do Campeonato Municipal da APEA (terceira divisão) de 1919 e da Segunda Divisão em 1921 e 1924. No final dos anos 20, o clube balançou entre a LAF e APEA repetidas vezes, mas com o fim da primeira, em 1929, entrou em crise que facilitou a ideia de fusão com o Ypiranga, iniciada ainda naquele ano e concretizada três anos depois.

26 - Club Atlético Sant’Anna / Estrela do Norte Football Club

Fundação: 25 de fevereiro de 1911 (originalmente como Estrela do Norte)

Situação: Extinto

Praticamente nada se sabe sobre o Estrela do Norte FC ou quando esse pequeno time mudou de nome e se tornou o CA Sant’Anna. Sediado no bairro de Santana, na zona norte da capital paulista, o clube ganhou espaço no futebol com a criação da Liga dos Amadores de Futebol, em 1926. Neste ano, foi campeão do equivalente à segunda divisão dessa Liga e conquistou o acesso ao nível principal para o ano seguinte. Lá, terminou em último lugar. Para não fazer feio novamente frente ao Paulistano, AA Palmeiras e etc. na temporada de 1928 (com o certame já em andamento), fundiu-se com o CA Independência em 7 de agosto de 1928, passando a se chamar CA Independência-Sant’Anna.

Ao que parece, o nome não agradou e, em 26 de setembro daquele ano, o clube voltou a ser nomeado apenas CA Independência. Em termos futebolísticos a união de nada adiantou: o Independência terminou na oitava posição entre 12 participantes e a fusão foi desfeita para o ano seguinte. Renascida como CA Sant’Anna, em 1930, a entidade adotou outro escudo e outras cores: antes era alvinegra, depois tricolor – azul, branco e vermelho.



RAMO DA ASSOCIAÇÃO ALEMÃ DE ESPORTES

27 - Associação Alemã de Esportes / Deutscher Sport Club

Fundação: 12 de julho de 1939

Situação: Extinto – Incorporado pelo São Paulo em 20 de março de 1942

No dia 20 de março de 1942, o São Paulo Futebol Clube aprovou, em Assembleia Geral, a incorporação da Associação Alemã de Esportes, depois de decisão soberana da AAE, acertada, também, por outra Assembleia Geral, realizada no dia 13 de março daquele ano. Foi a fase final do processo de nacionalização do Deutscher Sport Club, uma associação esportiva da colônia de imigrantes alemães da cidade de São Paulo.

Situada às margens do rio Tietê, na chamada “Ilha da Madeira”, no bairro do Canindé, a Associação Alemã era locatária de um terreno de propriedade de Aladino e Giuseppina Vanucci, o qual, com a incorporação, passou a ser alugado pelo São Paulo, e que, em 1944, comprou do casal italiano toda a área em questão. Foi a época do “Tricolor do Canindé”, que perdurou até a mudança para o Morumbi, em meados dos anos de 1950.

A história da Associação Alemã, entretanto, é mais antiga e muito mais complexa. Foi tramada em uma rede de fusões e dissociações, na sequência elencadas.

28 - Schwimm Club Stern / Clube Estrela de Natação

Fundação: 1919

Situação: Extinto – Fundiu-se com a Sociedade Allemã de Sportes Aquáticos em 1 de junho de 1932

Em 1919, ao norte do centro da cidade de São Paulo e na margem sul do rio Tietê, defronte ao Canindé, hoje alça de acesso da Av. Marginal para Av. Cruzeiro do Sul, uma associação esportiva nasceu: o Schwimm Club Stern. Como o nome bem demonstra, era uma agremiação de imigrantes alemães que, desde a criação, também era conhecido como Clube Estrela de Natação.

O Estrela chegou a ser o terceiro principal time de natação da Capital, com atuações destacadas na Travessia de São Paulo a Nado, e revelando nomes como Maria Lenk e Guilherme Schall (originalmente Wilhelm Schall, que também nadou e jogou polo aquático pelo Tricolor, nos tempos da Floresta). Em termos de competitividade, a associação somente ficava atrás dos clubes Espéria e Tietê.

Contudo, com o avanço da poluição no rio Tietê e o surgimento de piscinas de água tratada para competições (a vizinha AA São Paulo inaugurou uma em 1929, por exemplo), a entidade foi perdendo espaço no cenário esportivo, visto que não podia arcar com investimentos semelhantes. Para não deixar de existir, a solução encontrada foi se unir a outra equipe: a Sociedade Allemã de Sportes Aquáticos.

29 - Sociedade Allemã de Sportes Aquáticos / Sociedade Alemã de Esportes Aquáticos

Fundação: Data incerta entre 1920 e 1921

Situação: Extinto – Fundiu-se com o Stern em 1 de junho de 1932

Curiosamente, a Sociedade Allemã de Sportes Aquáticos nasceu de uma dissidência do próprio Schwimm Club Stern, pouco tempo depois da fundação deste. O local que a entidade recém-criada escolheu para habitar? O Canindé! A sociedade firmou um contrato de aluguel para o uso do terreno com Antônio Vanucci, pai de Aladino Vanucci, então proprietário de uma grande parte do bairro. O convívio desses dois clubes da região, apesar da rivalidade natural, foi sadio. Na verdade, proveitoso a ambos.

Mas os tempos mudaram e o cenário esportivo acirrado nas águas do Tietê “forçou” o Clube Estrela de Natação e a Sociedade Allemã de Sportes Aquáticos a se unissem para se manterem vivos. A fusão foi acertada no final de maio de 1932 e a data de fundação do novo clube estabelecido foi firmada em 1.º de junho daquele ano. O “nome de batismo” foi Deutscher Sport Club, mas o nome fantasia com o qual ficou conhecido, mais comum para a nossa língua, foi Associação Allemã de Esportes, e desde o primeiro dia essa nomenclatura passou a ser utilizada.

Por causa da incorporação da AAE pelo São Paulo, em 1942, várias medalhas e troféus, tanto do Estrela, quanto da Sociedade, ainda se encontram no Memorial e no Arquivo Histórico do Tricolor.

30 - Deutscher Sport Club / Associação Allemã de Esportes

Fundação: 1 de junho de 1932

Situação: Extinto – Fundiu-se com o Donau e o Turnerschaft em abril de 1938

O Deutscher SC nasceu no Canindé, sucessora do contrato de locação da Sociedade Allemã de Sportes Aquáticos, e lá perseverou. Disputava provas de natação, polo aquático, ginástica e atletismo. Mas destacou-se mesmo em uma modalidade nova: o handebol. O Deutscher foi campeão da “Liga Alemã” (torneio que deu origem ao Campeonato Paulista do esporte) em 1933 e 1939, além de ter sido o vice-campeão de 1935, concorrendo contra os gigantes Sport Club Germânia, Deutscher Turnverein e Deutsch Turnerschaft von 1890.

Em 1937, porém, Getúlio Vargas deu um golpe de estado e implantou uma série de medidas despóticas que, em 1938, atingiram o Deutscher e todos os demais clubes estrangeiros ou de colônia, no Brasil. Em suma, o clube precisou escolher entre se manter como uma entidade estrangeira (e vetar o acesso de brasileiros ao quadro social e dependências) ou tornar-se uma associação brasileira, nacionalizando-se (sendo proibido o uso de quaisquer nomes ou símbolos externos).

A princípio, o Deutscher permaneceu como um clube de colônia, unindo-se a outras duas agremiações da mesma estirpe e da mesma vizinhança, o Turnerschaft 1890 e o Donau. Nasceu, assim, em abril de 1938, o Deutscher Sport-Club D.T.D. (acrônimo de Deutscher, Turnerschaft e Donau).



31 - Deutsch Turnerschaft von 1890 in São Paulo / Sociedade Alemã de Ginástica de São Paulo

Fundação: 11 de novembro de 1890

Situação: Extinto – Fundiu-se com o Deutscher e o Donau em abril de 1938

O Deutsch Turnerschaft von 1890 in São Paulo era vizinho do Deutscher SC, abrigando-se na Chácara Couto Magalhães, também na margem sul do Rio Tietê, a caminho da Chácara da Floresta. O grêmio nasceu em 11 de novembro de 1890 de uma dissidência de um dos mais antigos clubes de imigrantes do Brasil, o Deutscher Turnverein. A entidade seguia os preceitos teutônicos do "turnen", um modelo de preparo físico e mental, alcançado por meio de modalidades esportivas aglutinadas (hoje, a ginástica olímpica), e criado por Friedrich Ludwig Jahn em 1811.

Em abril de 1938, por causa do Decreto-lei n.º 383, de 18 de abril de 1938, o Turnerschaft, o Deutscher e o Donau se uniram em uma nova entidade chamada Deutscher Sport-Club D.T.D., proclamando-se, nos autos da lei, uma sociedade alemã no Brasil. Tal convenção, em teoria, obrigava a exclusão dos brasileiros natos do quadro social, fato que levou ao surgimento de outras dissidências e à formação de novos clubes...

32 - Deutscher Turnverein / Sociedade Alemã de Ginástica

Fundação: 2 de dezembro de 1888

Situação: Extinto

O Turnverein nasceu de uma convocação publicada no jornal *Germania* para o dia 2 de dezembro de 1888, que conclamava "*alemães afeicionados da ginástica em São Paulo*" a fundar uma nova entidade esportiva. Inicialmente este grupo usou as dependências de uma associação cultural alemã existente e mais antiga (a Gesellschaft Germania, de 1868) como sede, mas logo cresceu. E com o crescimento vieram os desentendimentos internos, levando à cisão e dissidência de um grande número de associados e dirigentes.

Estes descontentes fundaram, em 11 de novembro de 1890, o Deutsch Turnerschaft von 1890 in São Paulo.

33 - Österreichischer Verein Donau / Sociedade Austríaca Danúbio

Fundação: 2 de dezembro de 1916

Situação: Extinto – Fundiu-se com o Turnerschaft e com o Deutscher, definitivamente com este

Quanto à terceira participante do D.T.D, a Österreichischer Verein Donau (clubes de imigrantes austríacos fundado em 1916 e residente da margem norte do Rio Tietê, no que hoje é nomeado bairro da Coroa), é conhecido o fato de ter-se nacionalizada com o nome Sociedade Donau (Danúbio, em alemão).

O destino do Donau parece ter sido, simplesmente, a incorporação total pela D.T.D e decorrente Associação Alemã de Esportes. O registro de dívidas da entidade junto à Companhia Antártica Paulista e à Cervejaria Brahma indicam que a AAE assumiu todo o ativo e passivo da entidade. Já sobre o terreno no bairro da Coroa, o Donau era apenas locatário e nenhum resquício esportivo, tanto da propriedade, quanto das conquistas, sobreviveu à retificação do rio Tietê para a construção da avenida Marginal.

34 - Deutscher Sport Club D.T.D.

Fundação: abril de 1938

Situação: Extinto – Repartiu-se entre março e dezembro em três entidades, sendo a última extinta em 1.º de dezembro de 1939

Apesar da fusão que deu origem ao D.T.D., o que se via, na prática, eram três clubes afiliados à entidade (Deutscher, Turnerschaft e Donau), com autonomia (gerenciando os próprios bens, reuniões e quadros sociais), e mesmo frente aos órgãos públicos a situação não era diferente. Tanto que o Turnerschaft chegou a ficar oficialmente inativo, por ordem da secretaria de segurança pública, de 1.º de agosto de 1938 até 31 de julho de 1939, sem que a decisão afetasse os outros dois clubes.

Por causa desse período de inatividade e por não poderem tomar parte em uma sociedade alemã (por causa da lei), alguns sócios brasileiros, descendentes de alemães, deixaram o clube e, em 21 de março de 1939, fundaram a Associação Ginástico Esportiva. Por outro lado, em 12 de julho de 1939, o Deutscher SC assumiu-se como clube de colônia alemão, nomeando-se Associação Alemã de Esportes, também deixando o D.T.D. Por fim, o Ministério da Justiça do Brasil extinguiu a associação em 1.º de dezembro de 1939.

35 - Associação Ginástico Esportiva

Fundação: 21 de março de 1939

Situação: Extinto

Tinha sede à Rua São Bento, no centro, mas também utilizava o conjunto de ginástica da Turnerschaft, na Chácara Couto Magalhães e uma praça de esportes na Rua do Porto, no Canindé, sendo tal recinto foi obtido em acordo com o Deutscher SC. Na verdade, a AGE foi uma forma encontrada para contornar o decreto getulista que obrigava a separação de brasileiros e estrangeiros em clubes. Enquanto a Turnerschaft se mantinha como sociedade alemã, a AGE se declarava sociedade brasileira, mas os sócios de ambas as entidades, por acordo informal, tinham os mesmos direitos e deveres, usufruto dos mesmos bens, terrenos e demais benefícios. Formavam um clube só, ao menos longe dos olhos de Getúlio Vargas.

Pouco se sabe do destino dessa agremiação. Muito provavelmente foi extinta ao fim do processo de nacionalização da Turnerschaft, transformada no Clube Ginástico Paulista, em 1930, sendo incorporada por este.



36 - Sociedade Ginástica 1890 / Clube Ginástico Paulista

Fundação: 21 de dezembro de 1939

Situação: Ativo – Mudou de nome para Ginástico Paulista em 20 de janeiro de 1940

O Deutscher D.T.D. perdurou até 1.º de dezembro de 1939, quando o Ministério da Justiça do Brasil deu ganho de causa a uma ala descontente de associados que questionavam a legalidade da entidade, afirmando que não foi executada uma Assembleia Geral para assentamento da mesma. Desgostosos há muito tempo, no dia 21 de dezembro de 1939, um conjunto de sócios brasileiros, remanescentes e opositores, crenes que a diretoria do clube alemão descumpria o Decreto-lei n.º 383/1938, convocou uma assembleia para se adequar à lei. Dessa reunião nasceu a Sociedade Ginástica 1890, que se considerava herdeira, ou melhor, a verdadeira Turnerschaft, desde então.

Em 20 de janeiro de 1940, terminados os processos legais de nacionalização da entidade, provavelmente após a incorporação da AGE e do velho Turnerschaft, o clube tomou outro nome, o qual utiliza até hoje: Clube Ginástico Paulista.

REMINISCÊNCIAS DOS REIS DO PACAEMBU

GOLEADAS INESQUECÍVEIS

Nos dez primeiros anos do Tricolor no Estádio do Pacaembu foram, nada menos, que 172 vitórias e 64 goleadas aplicadas nos adversários, em um universo de 281 partidas, totalizando 61% de jogos ganhos e praticamente uma goleada a cada cinco jogos. Mais de um terço das vitórias do São Paulo no Pacaembu foram com resultados expressivos.

Tudo isso, somado aos cinco títulos estaduais obtidos na década de 1940. Naquele período, o São Paulo foi o “rei” do Pacaembu e do futebol paulista, em termos de troféus adquiridos, à frente do Palmeiras, com quatro conquistas, e do Corinthians, vencedor de um campeonato.

Dentre as mais famosas goleadas aplicadas nos adversários, há um estrondoso 9 a 1 em cima do Santos, no dia 18 de junho de 1944: a maior goleada do San-São até hoje! Aliás, a maior goleada são-paulina em qualquer clássico!

O público que foi ao Municipal para assistir a esse confronto, que valeu pelo Campeonato Paulista de 1944, saiu duplamente satisfeito, não somente por ver os gols da partida principal, mas, também, por presenciar outra impiedosa goleada são-paulina para cima do time do litoral: 14 a 0 na rodada preliminar, disputada pelos aspirantes. Ao todo, o São Paulo marcou 23 gols em cima dos alvinegros praianos em um único dia!

“Contagens do ‘outro mundo’ pró S. Paulo: 9 a 1 e 14 a 0 ilustraram as vitórias dos tricolores contra o Santos! A série-recorde dos ‘aspirantes’ acabou no maior revés deste campeonato no prélio superior”.⁶¹³

O time são-paulino, antes desse massacre, queria fazer valer a condição de atual campeão do certame e recuperar o bom desempenho no campeonato (onde já havia goleado o SP Railway por 8 a 2, o Jabaquara por 6 a 2 e a Portuguesa Santista por 7 a 4), pois os tricolores vinham de um empate com o Palmeiras (3 a 3, depois dos são-paulinos estarem vencendo por 3 a 1) e de uma vitória mirrada contra o Juventus (1 a 0), nas rodadas imediatamente anteriores.

Depois dos 14 gols marcados por toda a linha ofensiva do “Expressinho Tricolor”, Yeso (autor de seis), Teixeira (de dois), Américo (dois) Ministro (dois) e Leopoldo (dois), foi a vez do time principal do São Paulo entrar em campo e enfrentar o Santos, que, talvez pela goleada preliminar sofrida, para o ataque logo no começo do jogo, em defesa da própria honra. Aos 13 minutos, Soler bateu uma falta com precisão no gol de King e abriu o marcador para o time do litoral.

Mas o Tricolor acordou e, aos 20 minutos, Pardal empatou a partida, após passe de Tim. O jogo seguiu, então, parelho, até o ataque rival perder um gol incrível, com Ruy, cara a cara com o goleiro. A partir daí só deu São Paulo! Aos 32 minutos, Alberto pôs a mão na bola: pênalti marcado! Pardal foi lá a bateu certo, embaixo de Joãozinho, o defensor da meta santista, anotando o segundo gol dele na partida. Pouco tempo depois, outro passe “açucarado” de Tim e gol de Remo, aos 37 minutos. 3 a 0 para o Tricolor. E, assim, encerrou-se a primeira etapa da peleja.

613. A Gazeta Esportiva, 19 de junho de 1944



O jogo recomeçou com Tim endiabrado: aos 4 minutos, ele tabelou com Sastre e disparou em corrida, isolando-se dos adversários e chutando com precisão: 4 a 1 para o São Paulo! Começou a cair uma chuvinha fina, daquelas chatas, que só deixam gramado e bola escorregadios. Aproveitando-se desse fenômeno da natureza, Sastre, aos 11 minutos, cruzou a pelota de couro para Luizinho, que, sem receio algum, testou com categoria para o fundo do gol: 5 a 1!

Mas os são-paulinos queriam mais e continuavam pressionando. Acuado, Jaú chutou em falso e deixou a bola para Tim, que comodamente ampliou o placar, aos 16 minutos. Não percam as contas, já são seis! A categoria e técnica dos tricolores era tanta, que espantava os cronistas da época. *“É tão certa e completa a supremacia tricolor que seu ataque se limita a zombar do adversário com a bola nos pés, fazendo a delícia da torcida. São lances e mais lances embriagadores e todos eficazes que nascem no campo santista”*.⁶¹⁴

O Tricolor começou a desperdiçar gols “a rodo”! Remo atingiu uma bola na trave. Tim resolveu driblar, de última hora, o goleiro e deixou escapar um tento. Já sofrendo em demasia, o santista Ari Silva perdeu o controle e atingiu, violentamente, Luizinho, sendo expulso de campo. Com um a mais no gramado, não tardou e o São Paulo elevou a contagem. O sétimo gol veio de cobrança de falta de Sastre para Luizinho que, de cabeça e antecipando-se ao goleiro, novamente balançou as redes, aos 27 do segundo tempo.

A chuva apertou e os refletores foram acessos, mas os tricolores queriam mais. Com 33 minutos, Pardal avançou até a linha de fundo e cruzou curto para Sastre, que surpreendeu Joãozinho, chegando antes: o oitavo gol! E, quando quase não havia tempo para mais nada, aos 44 minutos, passe de Sastre para Remo e o placar foi finalizado em 9 a 1 para os tricolores!

“No Pacaembu, tivemos ontem uma das grandes contagens do Campeonato. O Santos foi fácil presa para o Tricolor e acabou baqueando fragorosamente por 9 a 1”.⁶¹⁴

Talvez a torcida são-paulina tenha deixado o Municipal um tanto quanto “desgostosa” por não ter sido alcançada uma dezena de gols, mas nove tentos estavam de bom tamanho!

18.06.1944 Campeonato Paulista
São Paulo (SP). Estádio Municipal de São Paulo - Pacaembu
SÃO PAULO Futebol Clube 9 x 1 SANTOS Futebol Clube

SPFC: King; Piolim e Florindo; Zezé Procópio, Ruy e Noronha; Luizinho/cap., Antonio Sastre, Tim, Remo e Pardal. Técnico: Joreca

Gols: Pardal, 20/1; Pardal (pênalti), 32/1; Remo, 37/1; Tim, 4/2; Luizinho, 11/2; Tim, 16/2; Luizinho, 26/2; Sastre, 33/2; Remo, 44/2

SFC: Joãozinho; Jaú e Gradim; Ari Silva, Soler e Alberto; Cláudio, Fierro, Teleco, Eunápio e Ruy.
Técnico: Ricardo Díez

Gols: Soler (falta), 13/1

Árbitro: Rodolfo Wenzel
Renda: Cr\$ 75.367,00

614. A Gazeta Esportiva, 19 de junho de 1944

Destino triste e peculiar teve o goleiro do Santos nessa goleada, Joãozinho, que ficou marcado pelo resultado, deixou a equipe praiana ao final da temporada. Permanecendo na cidade de Santos, passou a jogar pelo Jabaquara em 1945 e lá, no dia 8 de julho, sofreu outra avalanche de gols do São Paulo, também no Pacaembu, na maior goleada da história do Tricolor até hoje⁶¹⁵: 12 gols contra 1.

“Um autêntico ‘Canindé’ no Pacaembu... Disputando uma partida de gala, o líder invicto vence o Jabaquara de maneira espetacular, estabelecendo o recorde de contagem do atual certame, e que duvidamos seja tão cedo igualado ou superado – Foram marcados, ontem à tarde no Pacaembu, 22 tentos!”.⁶¹⁶

O São Paulo, que naquela altura já liderava a competição da qual viria a sagrar-se campeão, não tomou conhecimento do adversário e poderia ter terminado o jogo com contagem mais elevada no placar. O destaque ficou para o capitão Leônidas, que marcou quatro belos gols, inclusive um de “letra” e lembrou as memoráveis atuações do centroavante pela seleção brasileira.

“Leônidas assombroso! O líder em tarde de gala esmagou o Jabaquara por 12 a 1”.⁶¹⁷

O jogo foi o famoso “vira seis, acaba doze”, pois, ao fim da primeira etapa, o São Paulo já goleava por “meia dúzia” a zero. Os gols foram anotados por Remo, aos 17 minutos; Leônidas, aos 18 e aos 31; Teixeira, aos 38; Remo, aos 39 e Leônidas, novamente, aos 42 minutos do primeiro tempo. Depois, Barrios, aos 8 minutos; Leônidas, de calcanhar, aos 11; Teixeira, aos 15; Remo, aos 17; Teixeira, mais uma vez, aos 40 minutos e, por fim (aleluia!), já perto do final do segundo tempo, Remo marcou o 12.º tento do Tricolor.

O Jabaquara marcou o tal gol de honra, de pênalti, quando o placar já estava em 10 a 0.

Foi a maior goleada da história do Tricolor após a reorganização do clube em 1935, como também o maior placar já visto no Pacaembu e no Campeonato Paulista profissional. De quebra, na preliminar o São Paulo venceu o mesmo oponente por 8 a 1. Foram 20 gols tricolores em um único dia (pequena queda de rendimento, se comparado contra o Santos, um ano antes).

Com o time “voando”, não foi de se espantar que o Tricolor conquistasse o título do Estadual de 1945 com duas rodadas de antecipação e com apenas uma derrota (2 a 1 para o Corinthians, resultado vingado com “requintes de crueldade” no ano seguinte). O troféu veio contra o modesto Ypiranga, no dia 16 de setembro.

E, quanto à dura vida do goleiro Joãozinho..., estima-se que ele, em 11 jogos contra o São Paulo (defendendo Comercial da Capital, SPR, Santos e Jabaquara), tenha sofrido nada menos que 52 gols, uma média de quase cinco tentos a cada jogo.

615. Junto a outra goleada, de mesmo placar, aplicada pelo São Paulo, em 1933, sobre o SC Syrio.

616. A Gazeta Esportiva, 9 de julho de 1945

617. O Esporte, 9 de julho de 1945

A TAÇA DOS INVICTOS

A temporada de 1946 foi um capítulo marcante e especial na história do Tricolor. Ela começou auspiciosamente bem, com goleada para cima do Corinthians: 5 a 1 (gols de Rubén Barrios, duas vezes, Remo, Antoninho e Américo), logo no dia 1.º de janeiro. De fato, um feliz ano novo para todos os tricolores!

Esse ano também terminou de forma magnífica, com a conquista do título paulista, o primeiro da história são-paulina realizado de forma invicta, proeza, entre competições de longa duração, que só veio a se repetir em 2012, com a Copa Sul-Americana.

Porém, entre o começo e o fim, o Tricolor logrou outras grandes façanhas. Na estreia do Campeonato Paulista, bateu 4 a 0 sobre o pequeno Jabaquara. Antes da segunda rodada, deu tempo de golear o Flamengo, em amistoso no Pacaembu, por 7 a 1, em uma partida sensacional de Teixeira, que marcou quatro gols (Leônidas deixou dois e Yeso completou o placar).

No estadual, o Tricolor então embalou seis sucessos seguidos, culminando em nova vitória sobre o Corinthians, agora por 2 a 1, em junho, antes de um “ligeiro tropeço”: o empate em 1 a 1 com a Portuguesa, na sétima rodada. Nos clássicos posteriores, fez 3 a 2 no Santos, na Vila Belmiro, e 1 a 1 com o Palmeiras. Seguiu-se, depois, outra série de seis vitórias consecutivas e mais uma partida contra o time do Parque São Jorge, que viria a ser “o maior clássico da América do Sul”.⁶¹⁸

No dia 29 de setembro de 1946, o São Paulo bateu mais uma vez no Corinthians (repetindo o placar de 2 a 1) e conquistou um prêmio há muito cobiçado: a Taça dos Invictos de A Gazeta Esportiva. O troféu foi instituído em 1939 pelo jornal paulistano e era concedido ao clube que quebrasse o recorde de jogos consecutivos sem perder no Campeonato Paulista (que naquela ocasião era a marca de 22 jogos, número pertencente ao Palestra Itália de 1934).

“O maior feito da vida do São Paulo F. C.: a conquista da ‘Taça Gazeta Esportiva’”.⁶¹⁹

O São Paulo, sobrepujando o Corinthians, completou 23 jogos invictos, contando com os últimos seis resultados do certame de 1945. A sequência começou após a única derrota do time tricolor naquela edição, frente ao mesmo oponente. A revanche veio com um gosto *sui generis*, especialmente pelo fato de que as únicas duas derrotas do rival, ou melhor, os únicos resultados dele que não foram vitórias, em toda a competição, foram os fracassos diante do Tricolor (cruel, de fato, não?).

“Um grande feito no futebol brasileiro. Foi a maior conquista do S. Paulo em duas épocas. Vale mais que o bicampeonato”.⁶¹⁸

Os festejos pela condecoração foram enormes e paralisaram a capital paulista. No dia 5 de outubro de 1946, repetindo a marcha *au flambeaux* de quando “a moeda caiu de pé”, em 1943, os torcedores são-paulinos percorreram as principais ruas do centro da cidade, partindo da sede do jornal A Gazeta, com um desfile de carros alegóricos, faixas e bandas musicais. A figura de destaque, claro, foi a Taça dos Invictos, entregue nessa ocasião e posta nos braços de um boneco gigante.

618. Mundo Esportivo, 4 de outubro de 1946

619. O Mais Querido: a revista dos sampaulinos, n.º 2, outubro/novembro de 1946



O maior feito da vida do São Paulo F. C.

A Conquista da "Taça Gazeta Esportiva"



Tres aspectos do jogo do dia 29 de setembro. Em cima: após a vitória, os jogadores desfaldam a bandeira paulista. Em baixo: o dr. Paulo de Carvalho abraça Leonidas — Os torcedores uniformizados exibem o cartaz da "Pan Americana": S. PAULO F. C. — 231



A conquista da taça dos invictos, sem dúvida alguma, representa o maior feito do S. Paulo Futebol Clube, desde a sua fundação, muito embora o tricolor tenha assinalado em seus gloriosos anos de vida feitos dos mais expressivos e dos mais convincentes. Se se perguntasse a um fã sampaulino, antes da conquista da taça dos invictos, qual era o seu máximo desejo, se o título máximo de 46 ou o troféu "Gazeta", a resposta que surgiria seria uma só: a taça! Há anos o tricolor vinha tenetando arrebatar do Palmeiras o ambicionado troféu, sem qualquer êxito, pois, mesmo nos momentos mais prósperos, surgiam contratem-

pos, derrotas imprevistas que interrompiam as suas séries invictas. Em meados do campeonato de 1943 o S. Paulo iniciou uma campanha em prol do recorde de partidas invictas, não perdendo uma partida sequer no segundo turno e apresentando-se no campeonato de 44 com um número apreciável de jogos sem d errota. E quando todos esperavam a continuação dos magníficos feitos, surgiu aquela debacle imprevista frente ao Ipiranga que interrompeu, pelo menos provisoriamente, a sua série de relampejantes triunfos. Após ser derrotado pelo Palmeiras quase no final do certame de 1944, o tricolor disputou

A relação de todas as partidas em que o Tricolor se manteve invicto, no período:

- 1.º – 19.08.1945. Pacaembu: 4x0 Santos
- 2.º – 26.08.1945. Pacaembu: 2x1 Portuguesa
- 3.º – 09.09.1945. Pacaembu: 2x1 Comercial-SP
- 4.º – 16.09.1945. Pacaembu: 3x2 Ypiranga
- 5.º – 23.09.1945. Pacaembu: 1x1 Palmeiras
- 6.º – 30.09.1945. Marapé. 5x1 Portuguesa Santista
- 7.º – 14.04.1946. Pacaembu: 4x0 Jabaquara
- 8.º – 27.04.1946. Pacaembu: 5x2 Portuguesa Santista
- 9.º – 05.05.1946. Pacaembu: 3x1 São Paulo Railway
- 10.º – 19.05.1946. Pacaembu: 4x3 Ypiranga
- 11.º – 01.06.1946. Pacaembu: 7x3 Juventus
- 12.º – 09.06.1946. Pacaembu: 2x1 Corinthians
- 13.º – 23.06.1946. Pacaembu: 1x1 Portuguesa
- 14.º – 07.07.1946. Pacaembu: 6x2 Comercial-SP
- 15.º – 14.07.1946. Vila Belmiro: 3x2 Santos
- 16.º – 21.07.1946. Pacaembu: 1x1 Palmeiras
- 17.º – 28.07.1946. Marapé: 2x0 Portuguesa Santista
- 18.º – 11.08.1946. Pacaembu: 4x2 Comercial-SP
- 19.º – 18.08.1946. Pacaembu: 1x0 Ypiranga
- 20.º – 31.08.1946. Pacaembu: 2x0 Santos
- 21.º – 07.09.1946. Marapé: 4x0 Jabaquara
- 22.º – 15.09.1946. Pacaembu: 2x0 São Paulo Railway
- 23.º – 29.09.1946. Pacaembu: 2x1 Corinthians (conquista)
- 24.º – 13.10.1946. Pacaembu: 1x1 Portuguesa (ampliação)
- 25.º – 26.10.1946. Pacaembu: 7x0 Juventus
- 26.º – 10.11.1946. Pacaembu: 1x0 Palmeiras
- 27.º – 25.05.1947. Pacaembu: 3x1 Comercial-SP
- 28.º – 31.05.1947. Pacaembu: 1x1 Nacional
- 29.º – 15.06.1947. Pacaembu: 3x3 Portuguesa
- 30.º – 22.06.1947. Pacaembu: 7x2 Juventus (número final)



Como um predestinado

Renga foi para a ponta no momento exato



Um leno de chance decidiu o mais honroso título que o São Paulo possui

El jogador que o São Paulo dispôs o campeonato com bastante chance, o que é indispensável a qualquer clube para conquistar o título. Um único quando vale muito, mas aqui não vale nada alguma. Ainda, a sua proposta, pode-se dizer que o campeonato é como uma guerra, sendo preciso uma série de circunstâncias favoráveis para se marcar a vitória.

RENGA EM PREDESTINADO
No jogo de ontem, por exemplo, o lance que decidiu a partida foi de chance, não sendo sempre as chances que Renga desempenhou o papel de um predestinado. Há muito, todavia, o jogo de futebol porque a sorte foi sempre esta: todos os que disputaram o campeonato para o São Paulo, justamente aqueles que mantiveram melhor regularidade em todo o campeonato, que foi o mais acido mesmo, ou mesmo a pedra angular do magnífico feito alcançado no corrente ano. Escolheu-se para marcar a sorte da vitória de ontem.

Momentos antes, no lance anterior, por assim dizer, Renganeschi estava ainda na saga, depois de voltar do vestiário onde receberia cuidados médicos. O Palmeiras fingia a partida e dominava amplamente. A situação exigia uma decisão radical. Renga e Bauer foram, então, para as duas pontas, o segundo porque estava contundido e detido há três dias seguintes.

O TENTO HISTÓRICO
Aos 23 minutos de jogo, sem constarmos os fatos da partida, surgiu o leno que deu o

Positivamente, Renga foi uma das grandes figuras do São Paulo em 1946 e fechou o campeonato com chave tra e Palmeiras, que assegurou a posse do título. No clichê acima, apanhado pela reportagem fotográfica da vendê-se Oberdan, que fica tralado pela bola, já fora da jogada e o simpático portão preparado e chate

FOLHA DA NOITE
(São Paulo)
11 NOV 1946



O GOL DECISIVO! — A esquerda e craque pizano surge

no momento exato em que acabava de imbuir a pelota as redes de Oberdan. E à direita, ele é abraçado efusivamente por Leonidas, enquanto Trincalinho sai das redes

sem a bola. Trincalinho está desolado e Casimiro encolado à travé, parece chorar... — (Foto GLICERIO)

O GOL MILAGROSO

O São Paulo chegou às duas rodadas finais do Paulistão de 1946 com somente três pontos perdidos, dentre 36 possíveis. O segundo colocado na tabela era o Corinthians, o freguês na temporada, que possuía quatro pontos perdidos – em duas derrotas justamente para o “Rolo Compressor”.

Na penúltima rodada, realizada no dia 26 de outubro, o Tricolor enfrentou o Juventus e goleou o adversário por 7 a 0, com direito a espetáculo de Luizinho, que fez quatro gols e um mais bonito que o outro (de pé direito, de cabeça, de falta e de chaleira). Já o Corinthians sofreu, mas venceu o Ypiranga por 3 a 2. A decisão do campeonato seria mesmo na última rodada e foi a vez do time do Parque São Jorge enfrentar o combalido Juventus. Já o São Paulo bateria de frente com o Palmeiras, rival da conquista de três anos antes. O jogo dos são-paulinos, todavia, só ocorreria uma semana depois da partida corintiana!

Apesar do espetáculo que o então “Tricolor do Canindé” deu em todo o campeonato, muitos analistas viam o rival alviverde como favorito ao título, visto o tradicional nível de dificuldade do “Choque-Rei” e ao fato de o Corinthians ter goleado o Juventus por 5 a 1, obrigando os tricolores a vencerem o clássico, pois um empate levaria a decisão do torneio para um jogo-extra entre os dois primeiros colocados.

No dia 10 de novembro, com o Pacaembu cheio para a decisão do Paulista de 1946 (público estimado entre 40 e 45 mil pessoas), a bola rolou em um jogo tenso e amarrado na etapa inicial, com poucas chances para ambos os lados. O primeiro tempo terminou como começou, em 0 a 0. O cenário mudou radicalmente na fase complementar, em que o São Paulo dominou a peleja, fazendo forte pressão sobre o adversário alviverde.

Aos 12 minutos do segundo tempo, o tricolor Luizinho atingiu o goleiro palmeirense em uma dividida. Começou a confusão, com socos e pontapés aqui e acolá. Quando a coisa se acalmou, o árbitro expulsou dois de cada lado: Luizinho e Remo, pelo São Paulo; e Og e Villadoniga, pelo Palmeiras. E, sobrou também para o argentino e são-paulino Renganeschi, que no rebuliço levou uma pancada e, contundido, foi deslocado para a ponta esquerda para “fazer número” (não eram permitidas substituições, na época).

Praticamente com um a menos, o fim do jogo foi de muita superação e vontade por parte dos tricolores. Aos 38 minutos, Bauer avançou pela ponta direita e cruzou. A bola subiu estranhamente, enganou o goleiro adversário e bateu no travessão. Então, de onde menos se esperava, veio o sutil toque que rolou a bola mansamente para o fundo do gol. Era Renganeschi! Manquitolando no ataque, o zagueiro definiu o jogo e o título!

“Renganeschi, que poderia ter regressado ao vestiário estropiado como se achava, preferiu ficar no campo correndo na ponta esquerda, sofrendo dores, campengando, apertando as mãos nos flancos afim de poder já não diremos correr e sim andar... Foi assim que Renganeschi ficou lutando até que ele pôde como premio merecido, marcar o inesquecível goal da vitória. Que maior exemplo poderia ter dado um az profissional? Isso não é espírito de sacrifício? Não é amor às cores da camiseta, às cores do clube?”

620. Mazzoni, em O Mais Querido: a revista dos sampaulinos, n.º 3, dezembro de 1946





A temporada do São Paulo foi perfeita. Até hoje, nenhuma outra campanha são-paulina superou essa em aproveitamento: 84,21% dos pontos disputados (à época, 2 pontos por vitória), com 30 vitórias, quatro empates, quatro derrotas. No Campeonato Paulista, 92,5% de aproveitamento e nenhuma derrota. Título invicto! Inigualável até hoje. Inesquecível para sempre.

O FIM DE UMA ERA

No final de 1946, mais precisamente após o amistoso contra o River Plate, no dia 15 de dezembro, "El Maestro" Sastre se despediu do Tricolor e retornou à Argentina. O São Paulo passaria, então, por mudanças significativas. Depois perder a chance de obter o tricampeonato estadual em 1947, o São Paulo trocou o comando técnico do time, com Vicente Feola no lugar do grande campeão Joreca (que veio a falecer pouco tempo depois, em dezembro de 1949). Feola, velho conhecido dos são-paulinos, manteve o "Rolo Compressor" na linha e já na primeira temporada saiu-se vitorioso: Campeão Paulista de 1948.

Foi nessa temporada que Leônidas eternizou a "bicicleta" em imagem. Foi no terceiro gol do Tricolor na vitória por 8 a 0 sobre o Juventus, no dia 13 de novembro, que o camisa número nove (o primeiro são-paulino a usar esse algarismo em campo, pois as camisas passaram a ser identificadas justamente durante essa temporada) executou essa jogada em cima do goleiro Muñiz, e a cena foi captada pelas lentes fotográficas e registrada nos exemplares de *A Gazeta Esportiva* para todo o sempre.

No ano seguinte, 1949, o Tricolor voltou a vencer o Campeonato Paulista, sagrando-se bicampeão. Foi o último título da era "Rolo Compressor".

Ao derrotar o Santos por 3 a 1 (gols de Teixeira e Friaça - duas vezes), no dia 20 de novembro, mesmo precisando só do empate para comemorar com uma rodada de antecipação, os são-paulinos celebraram o último título daquele período e foram coroados campeões da década. Cinco títulos em dez anos!

Desta maneira, o clube tomou posse definitiva e levou para o Canindé, então sede do São Paulo, a Taça Federação Paulista de Futebol (troféu instituído em 1942), que era de posse transitória até que um clube a conquistasse três vezes consecutivas ou cinco alternadamente.

O triunfo fez jus à equipe são-paulina, que estabeleceu o melhor ataque e a melhor defesa do certame, com 70 gols marcados e 23 sofridos, em 22 partidas disputadas, possuindo ainda o artilheiro do torneio: Friaça, com 24 tentos. O time sofreu duas derrotas, apenas, para o Santos, no primeiro turno, e para o XV de Piracicaba, o "campeão do interior", lá na terra do "Nhô Quim". E, ainda deixou para a posteridade grandes goleadas, como um 8 a 2 no Juventus, 5 a 0 no Nacional, 5 a 1 no Ypiranga e, principalmente, um 5 a 1 no Palmeiras, até então invicto.

*"5 a 1 que foram como tormenta: com altos méritos o S. Paulo quebrou a invencibilidade do Palmeiras! Teve o quadro Tricolor todas as virtudes de um esquadrão para decidir o prélio a seu favor, enquanto que os 'periquitos' não puderam disfarçar o seu mau jogo".*⁶²¹

621. *O Esporte*, 25 de julho de 1945



Esse título tricolor foi o derradeiro com a presença do eterno “Diamante Negro” (e também foi a última temporada em que marcou um gol de bicicleta pelo clube: no 7 a 2, contra o Comercial paulistano). Leônidas da Silva, que jogou no Tricolor entre 1942 e 1950, foi o maior responsável pela revolução que o São Paulo passou, transformando-se em uma das maiores potências do país.

Ao lado de Leônidas, os outros ídolos presentes em todas as cinco conquistas daquela década foram Teixeira, Noronha e Remo.

Em 1950, o São Paulo não conseguiu superar o adversário e a arbitragem para conquistar o tão esperado tricampeonato. Na última rodada, o Tricolor estava um ponto atrás do Palmeiras e enfrentaria esse mesmo adversário, no dia 28 de janeiro de 1951. A vitória daria o título aos são-paulinos e foi esse resultado que o time procurou desde o início da partida. Teixeira abriu o placar logo aos três minutos de jogo. No segundo tempo, o rival empatou aos 15 minutos.

O lance cabal do jogo, do torneio e do tricampeonato, foi quando Teixeira marcou o gol que representaria a vitória tricolor, mas que foi anulado pelo bandeirinha Richard Eason e pelo árbitro Alvin Bradley - ambos ingleses. Imagens⁶²² comprovaram que o atacante são-paulino não estava em posição de impedimento, tendo entre ele e o goleiro, outros dois adversários.

O fato é que, dias depois, a arbitragem inglesa foi vista⁶²², celebrando o carnaval, feliz e sorridente, ao lado de belas mulheres em “certo clube” da capital envolvido diretamente com aquela partida e que gostou muito do resultado do jogo.



O EXPRESSINHO

Na década de 1940, não foi somente o time principal do Tricolor que sobrou no campo do Pacaembu. Outra equipe são-paulina que dava show e aplicava goleadas muito maiores (como o 14 a 0 sobre o Santos, em 1944) era a de jogadores aspirantes.

De 1943 a 1947, o time considerado reserva do São Paulo ganhou tudo. Pentacampeão de maneira consecutiva do Campeonato Paulista da categoria (e venceu, também, o Campeonato Paulista Amador de 1942). O time, que revelaria Yeso, Leopoldo, Antoninho e Savério para o elenco profissional, “voava” no gramado. Em 101 jogos no período 1943-47, venceram 77 vezes, empataram 18 e perderam apenas seis partidas, marcando 325 gols (média de mais de três gols por partida) e sofrendo só 96 (menos de um por disputa).

Pela grandeza do futebol, este time aspirante ficou conhecido como “Expressinho”. O apelido fazia referência ao “Expresso da Vitória”, nome pelo qual ficou conhecida a vitoriosa equipe do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro dos anos 1940, um dos poucos adversários à altura do “Rolo Compressor” do Tricolor, no período.

O apelido, posteriormente, teve a notoriedade resgatada (na verdade, ao longo dos anos, sempre foi vez ou outra utilizado). Primeiramente com os fortes times de base criados por Cilinho, na época dos “Menudos do Morumbi”, em meados dos anos 1980, e, principalmente no início dos anos de 1990, graças ao trabalho de Telê Santana e Muricy Ramalho, culminado com a conquista da Copa Conmebol de 1994, em que o São Paulo eliminou os times principais de Grêmio e Corinthians, e goleou na final o Peñarol do Uruguai (6 a 0), mesmo tendo atuado com um time de jovens das categorias de base, formado por Rogério Ceni, Juninho, Catê, Denilson e Caio, dentre outros guris.

622. Revista Tricolor n.º 14, fevereiro de 1951

IMAGENS: Uma das formações do Expressinho (acima) e cena do árbitro da decisão do Paulista de 1950 celebrando o carnaval de 1951 na sede do Palmeiras (ao lado).



ÍCONES DE UMA ERA

FRIEDENREICH

O MAIOR JOGADOR DO FUTEBOL BRASILEIRO DOS ANOS 1909-1935

Arthur Friedenreich

Atacante

124 jogos, 102 gols

Estreia: 16 de março de 1930

Despedida: 24 de março de 1935

Nascimento: São Paulo, SP: 18 de julho de 1892

Falecimento: São Paulo, SP: 6 de setembro de 1969

Títulos: Campeão Paulista de 1931

LEÔNIDAS

O MAIOR JOGADOR DO FUTEBOL BRASILEIRO DOS ANOS 1935 - 1950

Leônidas da Silva

Atacante

212 jogos, 144 gols

Estreia: 24 de maio de 1942

Despedida: 23 de dezembro de 1950

Nascimento: Rio de Janeiro, RJ: 06 de setembro de 1913

Falecimento: Cotia, SP: 24 de janeiro de 2004

Títulos: Campeão Paulista de 1943, 1945, 1946, 1948 e 1949

AMBOS ÍDOLOS DO SÃO PAULO FC

IMAGEM: Friedenreich (à esquerda) e Leônidas da Silva (à direita)



REFERÊNCIAS

A GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1953-1963].

A GAZETA ESPORTIVA. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1955-1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104140&pesq=>. Acesso em: 30 set. 2019.

A GAZETA ESPORTIVA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [1929-1952].

A GAZETA. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1914-1933. Disponível em : <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763900&pasta=ano%20191&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2019.

A HORA. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1964].

A NOITE. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1935-1943].

A PLATÉA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1930-1939].

A TARDE. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. Salvador, [1935-1937].

A TRIBUNA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [1930-1939].

ARAKAN. São Paulo, 1943-1944.

ARAKAN: a revista dos sampaulinos. São Paulo: A Gazeta, n. 7, out. 1942.

ARAKAN: órgão do grêmio sampaulino. São Paulo, 1940.

ARRUDA, Marcelo; PEREIRA, André; WOODS, Dennis. Arquivo da Seleção Brasileira Principal. RSSF Brasil. Disponível em: <http://rssfbrasil.com/sel/national.htm>. Acesso em: 30 set. de 2019.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. Almanaque do Flamengo. São Paulo: Placar-Abril, 2001.

BASTOS NETO, José Augusto (coord.). Pequenas grandes histórias do São Paulo F.C.: fatos, feitos e fábulas. São Paulo: Trama, 2000.

BECKER, Laércio. Campeões do Futebol.com.br: Qual foi o primeiro jogo noturno no Brasil? Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/especial42.html>. Acesso em: 30 set. de 2019.

BEDNARIK, Sebastián; VARELA, Andrés; Maracanã. 2014. 1 DVD, NTSC (75min). color. son.

BERTONHA, João Fábio. O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BETTINE, Lucas. Os esquecidos: arquivo do futebol paulista. Campinas: Datatoro, 2016.

BOLETIM INFORMATIVO DO SÃO PAULO F. C: o clube mais querido da cidade. São Paulo, 1941.

BOLETIM TRICOLOR PAULISTA. Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube, 1986.

BOLETINS DA LFESP. São Paulo: Liga de Futebol do Estado de São Paulo, 1940.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2000.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. São Paulo Futebol Clube: saga de um campeão. São Paulo: DBA/Melhoramentos, 1996.

BRANQUINHO, Rui; SERRA, Michael. Bíblia do são-paulino. São Paulo: Panda Books, 2012.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

BRASIL. Palácio do Planalto. Portal da Legislação. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

BUARQUE, Paulo Planet. Uma vida no plural: rádio, TV, política, justiça e muito futebol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005.

CIDADE DE SALVADOR. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. Salvador, 1937.

COMUNICADOS oficiais da Federação Paulista [de Futebol]. São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 1942.

CORREIO DE S. PAULO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1932-1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720216&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2019.

CORREIO PAULISTANO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1930-1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08. Acesso em: 30 set. de 2019.

COSTA, Alexandre da. Almanaque do São Paulo. São Paulo: Placar-Abril, 2005.

COSTA, Alexandre da. O tigre do futebol: uma viagem nos tempos de Artur Friedenreich. São Paulo: DBA, 1999.

D'ANGELO, Domingos Antônio; TAKARA, Ademir. Bibliofut: a literatura do futebol brasileiro. Jundiaí: Editora In House, 2019.

DIÁRIO DA NOITE (São Paulo). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1927-1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2019.

DIÁRIO DA NOITE. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1930-1943].

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1935-1943].

DIÁRIO DE S. PAULO. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1930-1943].

DIÁRIO DO NORDESTE. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. Salvador, [1935-1943].

DIÁRIO NACIONAL. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1930-1932. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2019.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: IMESP, 1930- . Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

DIÁRIO POPULAR. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1935-1943].

DIMAND, Dora. Club Athletico Paulistano: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: PROAL, 1970.

DONATO, Hernani. Dicionário das Batalhas Brasileiras. São Paulo: IBRASA, 1987.

DUARTE, Luiz Carlos. Friedenreich: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol. São Paulo: Casa Maior, 2012.

ESPORTE ILUSTRADO. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 1930-1959. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

FOLHA DA NOITE. São Paulo, 1930-1959. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1960-2018. Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

GEOPORTAL. Disponível em: <https://www.geoportal.com.br/Home>. Acesso em: 30 set. de 2019.

GIACOMINI, Conrado. São Paulo: dentre os grandes és o primeiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GIESBRECHT, Alexandre. Jogos do São Paulo: Falência? Claro que não!, 2013. Disponível em: <https://jogosdosaopaulo.com.br/fal%C3%Aancia-claro-que-n%C3%A3o-121b5b5102ff>. Acesso em: 02 jan. de 2020.

GUEDES, Cláudia Maria, et al. Clubes de imigrantes em São Paulo.In: Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confep, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrazil.org.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

HELENA JR, Alberto Helena. Na linha do gol, 21 de abril de 2013. Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube, 2019.

IANNI, Octavio. Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

IL MOSCONE. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, n. 473, 17 jul. 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/213535/5973>. Acesso em: 30 set. de 2019.

IL MOSCONE. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, n. 475, 31 jul. 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/213535/6005>. Acesso em: 30 set. de 2019.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

JORNAL DOS SPORTS. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.



KAWALL, Luiz Ernesto Kawall. Museu da Voz. Disponível em: <http://museudavoz.blogspot.com>. Acesso em 30 set. de 2019.

MALUF, Nagiba M. Rezek. Revolução de 32: o que foi, por que foi. São Paulo: Edicon, 1986.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Almanaque Esportivo 1939. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1939.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Almanaque Esportivo 1942/1943. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1943.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Almanaque Esportivo 1944/1945. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1945.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Ano do jubileu do futebol paulista: álbum comemorativo 1901-1961. São Paulo: Publicidade Olimpicus, 1961.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). História do futebol no Brasil (1894-1950). São Paulo: Leia, 1950.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Histórico do S. Paulo F.C.: a vida do tricolor paulista de 1930 a 1942. São Paulo: Ed. do autor, 1942.

MAZZONI, Thomaz (org.). São Paulo Futebol Clube: inauguração Estádio Cícero Pompeu de Toledo: álbum comemorativo. São Paulo: Publicidade Olimpicus, 1960.

MAZZONI, Thomaz (org.). São Paulo Futebol Clube: inauguração Estádio Cícero Pompeu de Toledo: álbum comemorativo. São Paulo: Publicidade Olimpicus, 1960.

MEIO DIA. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1935-1943].

MELLO, Mauro Ivan Pereira (ed.). São Paulo Futebol Clube 1935-1980. São Paulo: Mauro Ivan Marketing Editorial, 1981.

MONTEIRO. Raul Leme. Um pouco de história do Tietê. São Paulo: Club de Regatas Tietê, 1944.

MUNDO DEPORTIVO. Barcelona, 1930- .Disponível em: <http://hemeroteca.mundodeportivo.com/>. Acesso em: 30 set. de 2019.

MUNDO ESPORTIVO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1946-1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=119598&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2019.

MUSEU DA PESSOA. Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net>. Acesso em: 30 set. de 2019.

NICOLINI, Henrique. Tietê: o rio do esporte. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

O DIA. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1935-1943].

O DIÁRIO. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1935-1943].

O ESPORTE. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [1935-1952].

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo: OESP, 1930- . Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

O FIM do Club de Regatas Tietê. Carta Capital, São Paulo, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-fim-do-club-de-regatas-tiete>. Acesso em: 30 set. de 2019.

O GLOBO. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. Rio de Janeiro, [1935-1943].

O IMPARCIAL. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [1935-1943].

O MAIS QUERIDO. A revista dos sampaulinos. São Paulo: Edição interna, 1946-1947.

O MAIS QUERIDO: a revista dos sampaulinos. São Paulo, 1946-1947.

O RADICAL. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 set. de 2019.

O TRICOLOR: revista quinzenal dedicada ao S. Paulo F. C. São Paulo: S. Campos, 1931-1932.

QUEIROZ, Felipe de. Os reis do Pacaembu: o time que imortalizou o São Paulo. Campinas: Pontes Editora, 2012.

RELATÓRIO da Federação Paulista de Futebol . São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 1942.

RIBEIRO JUNIOR, Geraldo de Andrade. A bandeira e o brasão paulista na Revolução de 1932. Disponível em <http://www.abrafite.com.br/artigo54.htm>. Acesso em: 30 set. de 2019.

RIBEIRO, André. Diamante Negro: biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RIBEIRO, André. Diamante Negro: biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999; São Paulo: Cia dos Livros, 2010.

RIBEIRO, Rubens. O caminho da bola: história da FPF: 1902-1952. São Paulo: FPF, 2008. v. 1.

ROCHA NETTO, Delphim Ferreira. A história do XV. Piracicaba: O Diário, 1980-1981.

ROCHA NETTO, Delphim Ferreira. A história do XV: II parte 1947-1990: 43 anos de futebol profissional. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1990.

RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no football brasileiro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo. Câmara Municipal. Alvarás [do São Paulo Futebol Clube]. 1938-1942.

SÃO PAULO (estado). Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: www.saopaulo.sp.gov.br. Acesso em: 30 set. de 2019.

SÃO PAULO F.C. O clube mais querido da cidade: boletim informativo do São Paulo F. C. São Paulo, Edição interna: 1941.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. [Correspondências]. São Paulo, 1935-1942.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Assembleias gerais. Atas [de reuniões]: livro [16 dez. 1935 – 4 fev. 1946].

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Conselho Deliberativo. Atas de reuniões: livro n. 1B [15 fev. 1936 – 1 set. 1938].

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Controle de sócios do São Paulo Futebol Clube [livro]. 1930-1935

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net>. Acesso em: 30 set. de 2019.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Documentos trabalhistas: jogadores [do] São Paulo Futebol Clube. 1935-1942.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Escrituras patrimoniais [do] São Paulo Futebol Clube. 1944- 1955.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Estatutos Sociais [do] São Paulo Futebol Clube. 1930-2017.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Fichas técnicas de jogos do São Paulo Futebol Clube. 1935- 1943.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Hemeroteca. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC, 1930- 1952.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Plantas e desenhos arquitetônicos do São Paulo Futebol Clube. 1942-1955.

SÃO PAULO NOTÍCIAS: a revista oficial do São Paulo F. C. São Paulo, 1976-2000.

SARMENTO, Carlos Eduardo. A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.

SERRA, MICHAEL. Presidentes do São Paulo Futebol Clube: 1930-2018. São Paulo: ADAG, 2018.

SPFCPÉDIA: a enciclopédia tricolor. São Paulo. Disponível em: <http://www.spfcpedia.com>. Acesso em: 30 set. de 2019.

STABEL. José Carlos. Feola é a própria história do São Paulo, 2 de junho de 1956. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, 2019.

STREAPCO, João Paulo França. Cego é aquele que só vê a bola. São Paulo: FFLCH, 2010.

TIETÊ:orgam oficial do C. R. Tietê-São Paulo. São Paulo, n. 3, 1935.

TRIBUNA LIBERAL. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [2011].

TRICOLOR: órgão do São Paulo Futebol Clube. São Paulo, 1949-1951.

TRICOLOR: órgão oficial do São Paulo Futebol Clube. São Paulo, 1952-1954.

UNZELTE, Celso; VENDITTI, Mário. Almanaque do Palmeiras. São Paulo: Editora Abril, 2007.



Piolini

Roberto

Ze

P. J. ...

[Signature]



91
ANOS